

DEMONOLOGIA SACRA

Um Tratado sobre as Tentações de Satanás

Richard Gilpin

Demonologia Sacra
ou **Um Tratado sobre as Tentações de Satanás**

Autor: Richard Gilpin (1625–1700)

Título original: *Daemonologia sacra, or, A treatise of Satan's temptations in three parts*

Publicação original:
Londres, 1677

Edição em português:
Tradução, revisão e diagramação: **Casuística Puritana**

Ano de publicação: 2006

Observação editorial:
Esta edição em português foi preparada com o objetivo de tornar acessível ao público de língua portuguesa um importante tratado da tradição reformada e puritana, preservando ao máximo a fidelidade ao texto original. Foram realizadas adaptações linguísticas mínimas para maior clareza e legibilidade contemporânea.

SUMÁRIO

A PRIMEIRA PARTE Contendo um discurso sobre a malícia, o poder, a crueldade e a diligência de Satanás. *18*

CAPÍTULO I Introdução *18*

CAPÍTULO II Sobre a Malícia de Satanás em Particular *23*

CAPÍTULO III Sobre o Poder de Satanás *30*

CAPÍTULO IV Sobre o Conhecimento de Satanás: Natural, Experimental e Acessório *42*

CAPÍTULO V Instâncias do Poder de Satanás *53*

CAPÍTULO VI Sobre a Crueldade de Satanás *69*

CAPÍTULO VII Sobre a Diligência de Satanás em diversas Instâncias *86*

CAPÍTULO VIII Sobre a Astúcia e a Artimanha de Satanás em Geral *100*

CAPÍTULO IX Dos Enganos de Satanás em particular *110*

CAPÍTULO X Que Satanás seduz por nossa Concupiscência. *121*

CAPÍTULO XI Que a Concupiscência obscurece a Mente. *130*

CAPÍTULO XII. Da perversão de nossa Razão por Satanás. *138*

CAPÍTULO XIII. Do desvio de nossa Razão por Satanás. *147*

CAPÍTULO XIV. De Satanás mantendo sua Posse. *160*

CAPÍTULO XV. De Satanás mantendo tudo em quietude *165*

CAPÍTULO XVI. Da terceira grande Política de Satanás para manter sua Posse. *175*

CAPÍTULO XVII. As Artimanhas de Satanás contra os Serviços e Deveres Religiosos. *193*

CAPÍTULO XVIII. O segundo grande desígnio de Satanás contra os Deveres é estragá-los. *226*

A SEGUNDA PARTE Contendo as múltiplas sutilezas e estratagemas de Satanás para a corrupção das mentes dos homens com o erro; e para a destruição da paz e do conforto dos filhos de Deus. *242*

CAPÍTULO I. Que o grande desígnio de Satanás é corromper as mentes dos homens com o erro. *242*

CAPÍTULO II. Das Vantagens que Satanás possui, e utiliza, para a Introdução do Erro. *267*

CAPÍTULO III. Do aprimoramento que Satanás faz destas Vantagens para o Erro. *297*

CAPÍTULO IV. Da segunda forma de Satanás aprimorar suas Vantagens. .. *356*

CAPÍTULO V. As Investidas de Satanás contra a Paz dos Filhos de Deus.... *392*

CAPÍTULO VI. Das diversas maneiras pelas quais ele impede a paz...... *413*

CAPÍTULO VII. Da segunda maneira de impedir a paz...... *451*

CAPÍTULO VIII. Da terceira maneira de Satanás impedir a paz pela tristeza espiritual. *485*

CAPÍTULO IX. De sua quarta maneira de impedir a Paz, por meio de Angústias Espirituais. *553*

A TERCEIRA PARTE Contendo um relato do combate entre Cristo e Satanás, em Mt 4...... *603*

CAPÍTULO I. A primeira circunstância do Combate. O tempo em que ocorreu. As duas Estações Solenes de Tentação. As Razões para isso. *603*

CAPÍTULO II. A segunda Circunstância: Cristo sendo levado pelo Espírito. *609*

CAPÍTULO III. A Terceira Circunstância: o lugar do Combate. A vantagem dada às Tentações pela Solidão...... *619*

CAPÍTULO IV. A Quarta Circunstância: O fim pelo qual Cristo foi levado ao Deserto. *622*

CAPÍTULO V. Do Jejum de Cristo, com o seu Propósito...... *633*

CAPÍTULO VI. Que as Tentações de Cristo foram reais e não em Visão...... *650*

CAPÍTULO VII. A visão geral destas Tentações. *657*

CAPÍTULO VIII A origem da primeira Tentação de Cristo. *667*

CAPÍTULO IX Uma consideração particular sobre a matéria da primeira Tentação...... *676*

CAPÍTULO X Sobre o objetivo principal de Satanás nesta Tentação...... *685*

CAPÍTULO XI Sobre a Tentação à desconfiança diante da falha dos Meios Comuns...... *693*

CAPÍTULO XII Sobre o procedimento de Satanás em inferir a Desconfiança da Filiação a partir da Desconfiança das Providências. *707*

CAPÍTULO XIII A preparação para a segunda Tentação. *724*

CAPÍTULO XIV Que a presunção foi o desígnio principal desta Tentação... *735*

CAPÍTULO XV O Suicídio como outro de seus Desígnios nesta Tentação.... *751*

CAPÍTULO XVI Sobre o Orgulho, o principal Engenho de Satanás para provocar a Presunção. *764*

CAPÍTULO XVII Sobre a sutileza de Satanás ao instigar Cristo com o Salmo 91:11, 12. ..... *773*

CAPÍTULO XVIII A maneira de Satanás mostrar os Reinos do Mundo. Das Preparações de Satanás antes do Movimento do Pecado. *798*

CAPÍTULO XIX Os fins de Satanás ao tentar Cristo a prostrar-se e adorá-lo. *814*

CAPÍTULO XX A Natureza da Idolatria. O Desígnio de Satanás de corromper o Culto a Deus. *824*

CAPÍTULO XXI Sobre o Prazer Mundano. *832*

CAPÍTULO XXII Sobre a Resposta de Cristo em geral. Que estas Tentações foram por desígnio para nossa Instrução. *845*

CAPÍTULO XXIII A segunda Direção: que as Tentações não devem ser discutidas. *856*

CAPÍTULO XXIV A terceira Direção: repelir uma Tentação sem demora.... *871*

CAPÍTULO XXV A Quarta Diretriz: Sobre repelir uma Tentação por meio de Argumentos das Escrituras *878*

CAPÍTULO XXVI A Quinta Diretriz: A Oração *889*

APÊNDICE Auxílios Contra as Tentações de Satanás por William Gurnall *893*

PREFÁCIO

Richard Gilpin foi descendente de Bernard Gilpin (1517-1583), um ministro da Igreja da Inglaterra muitas vezes chamado 'o Apóstolo do Norte'. Ele nasceu em 1625 em Strickland, em Westmorland. Matriculou-se na Universidade de Edimburgo, onde primeiro estudou medicina, depois teologia, obtendo um grau de mestre em 1646. Gilpin começou seu ministério em Lambeth. Em seguida, tornou-se assistente de John Wilkins.

Em 1652, Gilpin tornou-se reitor da grande paróquia de Greystoke, Cumberland e, no ano seguinte, ele organizou uma associação voluntária de ministros e igrejas nos condados de Cumberland e Westmorland. Na esfera familiar Gilpin casou-se duas vezes. Sua primeira esposa morreu logo depois do casamento. Ele teve treze filhos com sua segunda esposa, Susanna.

Depois da expulsão de 1662, Gilpin retirou-se para a sua residência no Scaleby Castle, e depois mudou-se para Newcastle, em 1668, para ministrar por trinta e dois anos a uma congregação não conformista. Gilpin continuou a praticar medicina na base de tempo parcial, e obteve um grau em medicina em Leiden, Holanda, em 1676. **Especializou-se no entendimento médico do êxtase e da melancolia**.

Gilpin foi um pregador popular. Orador nato, seus sermões eram bem organizados e eram proferidos extemporaneamente com paixão e sentimento, pleiteando com os pecadores que viessem a Cristo. Uma testemunha da época testificou: "*Na oração ele era solene e fervoroso, empregando extensamente linguagem das Escrituras e jorrando torrentes de afeto que muitas vezes o forçavam a calar-se até dar-lhes*

vazão pelas lágrimas". Gilpin morreu no dia 13 de fevereiro de 1700, de pneumonia. Foi dito que o seu último sermão, baseado em 2Co 5:2, “foi mais gemido que falado”, e seus contemporâneos o avaliaram como “o mais expressivo ministro protestante dissidente dos quatro condados setentrionais do período de 1660 a 1770”.

A respeito de *A Treatise of Satan's Temptations* (conhecida também como *Daemonologia Sacra*), agora traduzida pela primeira vez para o português, Joel R. Beeke e Randall J. Pederson afirmam que o livro "ilustra claramente a abordagem puritana sobre o diabo – que ele é perigoso e que os cristãos devem defender-se dos seus ataques". Peter Lewis diz: "Os puritanos conheciam o seu pior inimigo melhor do que muitos conhecem o seu melhor amigo". John Ryland disse que "se alguma vez houve um homem que conheceu muito bem os conselhos de gabinete do inferno, este autor é esse homem". Edward Bickersteth atesta que o livro de Richard Gilpin é totalmente "repleto de experiência cristã".

Richard Gilpin apresenta o livro afirmando que traz "uma descoberta mais completa (embora de todas as maneiras aquém da própria coisa) da Arte de Satanás, porque o conhecimento disto é tão necessário". Gilpin explica o aperfeiçoamento contínuo do inimigo ao afirmar que "Satanás tem de tal forma estudado o Ponto da Tentação, que ele agora, a partir de longa Experiência e Observação, digeriu-o numa Arte e Método, e isso com tal exatidão, que se tornou um Mistério, e uma Profundeza". Falando sobre a astúcia de Satanás para nos enganar, Gilpin assevera que "todas as espécies de Sutileza são na Escritura diretamente imputadas a Satanás, e nos mais altos

graus", uma vez que ele "pode transformar-se em um Anjo de Luz" e "toda a enganosidade da injustiça está nele".

Sobre as táticas de camuflagem e distração do mal, Richard Gilpin declara que "Satanás nisto age como um caçador de aves, que usa um cavalo de caça, como se estivesse em alguma outra ocupação, quando no entanto seu desígnio é a destruição do pássaro". Explorando o modo como o inimigo se aproveita de nossas fraquezas e emoções, Gilpin adverte: "A melancolia afeta tanto a cabeça quanto o coração, fornece tanto medo quanto tristeza, e imaginações deformadas e delirantes para operar; e nada pode ser mais adequado ao seu propósito". Além disso, Richard Gilpin expõe que o tentador usa atrativos ilusórios, ensinando que "o grande motor que Satanás usa para afastar o Coração de Deus para que possa escravizá-los a si mesmo, são as vantagens e as coisas do mundo".

Para a defesa contínua do crente, Richard Gilpin orienta a postura que devemos assumir na batalha espiritual: "Aquele que resistiria com sucesso às Tentações, não deve fugir, mas com uma resolução corajosa se opor". Richard Gilpin prescreve claramente que "as tentações são mais bem respondidas quando são prontamente negadas, e imediatamente repelidas". Ele instrui ainda que a nossa defesa deve fundamentar-se estritamente nas Escrituras, dizendo que "as tentações são mais bem repelidas por Argumentos extraídos da Palavra de Deus". De forma muito prática, Gilpin aconselha: "Quando você tem qualquer pensamento pecaminoso lançado em sua mente, rejeite prontamente a oferta, encarregando seu coração com o dever, a partir de algum mandamento oposto".

Por fim, consolando o cristão que sofre ao mostrar a soberania divina sobre a ação do inimigo, o ministro Richard

Gilpin atesta que "as tentações (como estão na disposição de Deus) são um remédio espiritual necessário; o desígnio delas é para nos humilhar, para nos provar, e para nos fazer bem no fim posterior". Encerrando sua instrução com firme encorajamento para a alma, Richard Gilpin garante: "não tema então, não desfaleça, resista fielmente, e até o fim, e Deus esmagará Satanás debaixo de teus pés em breve".

AO LEITOR

As buscas minuciosas pelos *Segredos da Natureza* que esta era produziu, embora sejam em si mesmas evidências suficientes de uma indústria louvável, mostram-se, contudo, excessivamente aquém da descoberta que os homens pretendem. Fornecendo-nos, no máximo, prováveis conjecturas e suposições incertas, elas tornaram-se tão pouco satisfatórias para os homens que buscam as causas reais das coisas quanto aqueles "navios de desejo" cujo grande empreendimento em busca de ouro gerou altas expectativas em suas tentativas, mas que, ao retornarem, não trouxeram nada para seus investimentos senão *macacos e pavões*. Enquanto os homens refletem sobre si mesmos sob tais desapontamentos, não podem senão repreender-se por prometerem demais em suas aventuras, lembrando-se de Sofar: *O homem vão quer ser sábio* (Jó 11:12).

Mas quão felizes seriam os homens se tais falhas de expectativa pudessem informá-los melhor? Se nossas conquistas nessas buscas não cobrem nossos custos, nem recompensam nossas dores e perda de tempo com um lucro equivalente — embora possamos ver causa às vezes para usá-las (como entretenimento ou recreação) — como nos satisfaremos em torná-las nosso principal e único negócio?

Se não soubéssemos de nada que nos concernisse mais do que isso, nossa negligência com assuntos maiores seria mais escusável. Mas, visto que somos suficientemente instruídos de que temos coisas mais pesadas a cuidar, tais como as que se referem a um estado futuro certo de felicidade ou miséria, a própria descoberta disso para um *Ser Racional* deve, necessariamente, dar a tais coisas a primeira e maior parte de

seu cuidado. Aquele que sabe que há apenas *uma coisa necessária* e, contudo, permite-se ser desviado da busca por ela, ocupando-se de muitas outras coisas, é mais justamente culpado de loucura do que aquele que negligencia suas propriedades e não encontra outra ocupação senão perseguir *penas ao vento*.

Entre as coisas que a Religião oferece ao nosso estudo, Deus e nossos próprios corações são as principais. Deus é o Primeiro e o Último, o todo da nossa Felicidade; o Princípio, o Progresso e a Consumação dela provêm dele e nele estão, pois nesse Centro todas as linhas se encontram. No entanto, nosso *Coração* é o palco onde essa Felicidade (quanto à sua aplicação) é transacionada. Sobre este pequeno ponto de terra, Deus e Satanás posicionam seus respectivos exércitos; aqui cada um deles demonstra seu Poder e Sabedoria; este coração é disputado por ambos, e cada um deles reivindica interesse nele. Ele é atacado de um lado e defendido de outro.

Assim, aqui são geridas escaramuças, batalhas e estratagemas. Aquele homem, portanto, que não se preocupar em investigar como as coisas andam em seu próprio coração — que terreno foi ganho ou perdido, que fortes foram tomados ou defendidos, que minas explodiram, que emboscadas foram armadas ou como a batalha prossegue — deve necessariamente estar sob a justa imputação da maior loucura. Nem pode ele ser desculpado em sua negligência pelas solicitações mais prementes de outras coisas que pareçam exigir sua atenção sob os mais altos pretextos imagináveis de necessidade. Pois, *que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?* (Mt 16:26).

Mas a gestão exata e fiel de tais investigações espirituais, com seu aprimoramento necessário para uma vigilância diligente e esforços cuidadosos de resistência, é um tipo de trabalho diferente do que a maioria dos homens sonha. Descobrir as intrigas da política de Satanás, espiar seus esconderijos e antros em nossos corações, notar suas sutis artimanhas ao tomar vantagens contra nós e observar como o *pulso da alma* bate sob suas provocações e aliciamentos enganosos — o quanto cedemos ou discordamos — requer tanta atenção e habilidade laboriosa que não se pode esperar que tais homens, que não pretendem nada mais do que serem cristãos da forma mais fácil e se contentam com uma superficialidade formal de Religião, dediquem-se a isso. Tampouco se espera daqueles que, tendo se entregado aos doces enganosos dos prazeres mundanos e carnais, não têm tempo para se envolver em um trabalho tão sério; ou daqueles cuja culpa secreta de uma combinação rebelde com o Diabo contra Deus os torna temerosos de considerar plenamente os riscos dessa maldade, a qual preferem praticar com esquecimento, para que a revisão de seus caminhos e a visão de seu perigo não despertem suas consciências para lhes dar uma inquietação indesejada. Não se pode esperar (digo eu) que qualquer desses tipos de homens (enquanto estiverem nessas condições) se dê ao trabalho de tanto esforço e labuta quanto este negócio exige.

Sobre esta consideração, eu poderia racionalmente fixar meu prognóstico sobre o acolhimento do seguinte Tratado. Qualquer que seja a aceitação que ele encontre entre aqueles que estão cordialmente preocupados com suas almas e com as realidades da Religião — e de tais posso dizer como o Apóstolo Paulo sobre o Amor Fraternal em 1Ts 4:9: quanto a

este assunto, não precisam que eu lhes escreva, pois eles mesmos são ensinados por Deus a serem suspeitos das ciladas de Satanás; e, por experiência, descobrem que seus enganos são tão secretos e, ao mesmo tempo, tão perigosos, que qualquer ajuda para novas descobertas e cautela lhes deve ser bem-vinda — certamente o Príncipe das Trevas (que é sempre zeloso contra os mínimos ataques feitos ao seu Império) armará seus súditos mencionados contra esta obra, bem como a quem mais ele puder convencer, pelo poder do preconceito, a rejeitá-la como algo que nos instiga a um estudo mais severo ou duro do que é consistente, seja com os baixos graus de conhecimento de muitos, ou com aquela facilidade que a maioria dos homens deseja permitir a si mesma; ou ainda como oferecendo coisas que eles (para se pouparem de maiores problemas) estarão dispostos a chamar de quimeras ou especulações vãs.

Este último ponto eu posso esperar ainda mais, porque, nesta era recente, Satanás avançou tanto em seu desígnio geral contra todo o Cristianismo e para a introdução do Paganismo e do Ateísmo, que agora ninguém pode expressar um cuidado sério e consciente pela santidade e pela fuga do pecado sem o risco da imputação de tolice ou de um rigorismo choramingas; e ninguém pode falar ou escrever sobre Conversão, Fé ou Graça sem ser alvo de zombaria daqueles que não estão dispostos a julgar as operações privadas do coração para com Deus, ou os exercícios espirituais da Graça, como nada melhor do que caprichos imaginários e bobagens ininteligíveis. Mas, vendo que tais homens se atrevem a ridicularizar não apenas a Linguagem e as formas de fala que o Espírito Santo achou por bem usar nas Escrituras, mas também as próprias coisas da Fé, da Graça e do Espírito, que são em toda parte recomendadas

nos Oráculos Sagrados com a mais pesada seriedade (e que para eles não passam de trapaças e fantasias), podemos facilmente suportar o seu desprezo. Seremos (como esperamos) tão imunes de sermos afastados de nossa Religião por suas zombarias quanto as alucinações de uma pessoa frenética que não sabe o que diz não nos impressionam.

Apesar destes (que de forma alguma são consideráveis em peso), há, espero eu, muitos que se empregam seriamente tanto no interior quanto no exterior da Religião (e que não se deixarão convencer de que o Apóstolo impôs uma noção vazia aos crentes quando lhes recomendou aquela verdade observável em Rm 2:28: *Não é judeu quem o é apenas exteriormente*, etc.). Por amor a eles, empreendi este trabalho de coletar e organizar os grandes estratagemas e as principais formas de ilusão do grande Enganador. A estes, devo prestar contas de algumas poucas coisas relativas a este discurso:

1. Que estou satisfeito comigo mesmo quanto às razões da publicação destes escritos e não julgo necessário incomodar ninguém a ponto de dizer quais são essas razões. Aqueles que desejam resistir a tal Inimigo, e cuja experiência os convence de que toda ajuda é necessária, não precisarão delas; e aqueles que são homens de zombaria, ou de descaso declarado, não lhes dariam importância mesmo que eu as declarasse.
2. Para evitar as incompreensões (com as quais alguns possivelmente poderiam sofrer) de um produto monstruoso derivado de um único texto — pois poderão observar um texto no início e nenhum outro mencionado ao longo da Primeira e Segunda Partes — saiba o leitor que fiz uso de vários textos na pregação

destes discursos, como fundamentos adequados para os diversos particulares aqui mencionados. Contudo, ao moldar o todo no método de um tratado para a facilidade do leitor, julguei adequado deixar de lado aquelas introduções, bem como muitas outras aplicações ocasionais que eram próprias para sermões, e muitas coisas que eram necessárias para a explicação e ilustração destes pontos para um auditório popular. Apresentei apenas a substância em uma conexão mais estreita; porque, se houver alguma pequena obscuridade que possa aparecer a princípio por falta de variedade de palavras, estando o tratado diante dos olhos do leitor, ele terá tempo para revisá-lo em uma segunda ou terceira leitura. Recomendo isso seriamente àqueles que, nestes assuntos, realmente pretendem ser sábios para si mesmos.

3. Nem deve parecer estranho que eu tenha feito uso frequente de exemplos da História ou de outros relatos recentes. Quem quer que considere a natureza da matéria tratada não se queixará disso como um incômodo desnecessário. Contudo, fui cuidadoso em não cometer uma indelicadeza com ninguém ao ser ousado demais, de modo que não mencionei nomes, exceto aqueles que, em tais ocasiões, já foram tornados públicos por outros anteriormente. Quanto aos demais, apenas os mencionei de forma geral, descrevendo o caso onde fosse útil, mas ocultando as pessoas.
4. Pode talvez parecer um defeito que as diversas direções, remédios ou conselhos necessários para resistir a Satanás não tenham sido adicionados, exceto por algumas poucas dicas no final da Terceira Parte e

algumas outras coisas naquela mesma Parte, nas aplicações das diversas doutrinas ali contidas (as quais achei por bem, por boas razões, deixar na ordem de um método de pregação). Mas que tais leitores se agradem em considerar que vários autores já realizaram essa parte de forma muito completa, a cujos trabalhos prefiro remeter o leitor em vez de incomodá-lo com repetições. Meu desígnio foi apenas tentar uma descoberta mais completa (embora em tudo aquém da coisa em si) da *astúcia* de Satanás, porque o conhecimento disso é muito necessário, e outros o fizeram de forma mais econômica. Tal como é, aceite e aprimore para sua vantagem espiritual; pois esse foi o fim deste empreendimento, por parte de quem deseja que sua alma prospere,

Richard Gilpin.

DEMONOLOGIA SACRA

Ou, um Tratado sobre as Tentações de Satanás

A PRIMEIRA PARTE

Contendo um discurso sobre a malícia, o poder, a crueldade e a diligência de Satanás.

Sobre sua astúcia na tentação em geral. Sobre seu método de tentar ao pecado. Sobre suas políticas para manter sua posse. Sobre seus enganos para impedir e arruinar serviços e deveres religiosos.

> *Sede sóbrios e vigilantes; porque o vosso adversário, o Diabo, como leão que ruge, anda em derredor, procurando a quem possa devorar.* (1Pe 5:8)

CAPÍTULO I
Introdução

> *A Introdução ao Texto, a partir da consideração da ruína desesperada das Almas dos Homens. O Texto exposto, expressando a Malícia, o Poder, a Crueldade e a Diligência de Satanás.*

As almas dos homens são preciosas; o mundo inteiro não pode reparar sua perda. Por isso, Deus encarregou todos os homens, em particular, de cuidado e vigilância sobre elas. Ele também estabeleceu Vigias e Pastores, cujo negócio é vigiar as almas da maneira mais estrita e cuidadosa, como aqueles que devem prestar contas.

O que pode instigar mais os homens ao cumprimento deste Dever do que os frequentes alarmes que temos dos assaltos de tal Adversário, cujo negócio é destruir a alma? *Os filisteus vêm sobre ti, Sansão*; ele luta continuamente e usa toda a política e habilidade que possui para o manejo de sua força.

Além disso, é uma consideração muito impactante quando observamos as desolações que ocorrem na terra; que feridas, que derrotas, que crueldades, escravidões e cativeiros esses vassalos conquistados sofrem. Alguns pensam que foi uma crueldade inescusável de Davi contra os amonitas quando os colocou sob serras e picaretas de ferro e os fez passar pelo forno de tijolos; mas este Faraó Espiritual possui uma *Casa de Servidão* e uma *Fornalha de Ferro* muito mais terríveis. Nem esta destruição miserável terminou, mas manterá o passo com o Tempo e não cessará até que Cristo, em sua aparição, finalmente o conquiste e o esmague sob seus pés.

Se Xerxes chorou ao olhar para seu exército através da perspectiva do tempo devorador, que, em uma previsão fácil, mostrou-lhe a morte de tão grande companhia de homens galantes; bem podemos nós chorar (como Davi em Ziclague) até não podermos chorar mais; ou (como Raquel por seus filhos) recusando o consolo, ao considerarmos que um grande número de gerações sucessivas, amontoadas umas sobre as outras, serão arrastadas com ele para um Tofete consumidor. E se pudéssemos segui-lo até lá, para ouvir os gritos de seus prisioneiros, os rugidos de seus feridos — onde amaldiçoam o dia em que nasceram e a si mesmos por sua loucura e loucura em dar ouvidos às suas *ilusões* — os clamores terríveis da eternidade e, então, sua fúria contra o Céu em maldições e blasfêmias, enquanto não possuem alívio, nem descanso, nem o

frescor de uma gota de água para resfriar suas línguas; certamente pensaríamos que nunca poderíamos gastar melhor o nosso tempo do que em nos opormos a tal Inimigo e em advertir os homens para que fujam da ira vindoura, para que cuidem para não caírem em seu laço. Com que seriedade tentaríamos convencer os homens? Que diligência usaríamos para lançar água sobre estas chamas devoradoras e para arrancar os homens como tições do fogo?

É verdade que, se Satanás tivesse lidado abertamente com os homens e lhes dito que salário deveriam esperar, ou se tivesse estabelecido uma marca visível em seus escravos, ou gerido uma hostilidade visivelmente destrutiva, os homens possuem tais princípios naturais de autopreservação e de ódio ao que parece ser mau, que poderíamos esperar que fugissem dele e permanecessem em guarda. Mas ele usa tais artifícios, astúcias e trapaças, que os homens são lançados em um sono ou em um sonho dourado, enquanto ele os amarra em *Cadeias de Trevas*. Eles não veem seu fim, nem o laço, nem o abismo; antes, ele os embriaga com o amor à própria miséria e o prazer em ajudar na própria ruína. Assim, tornam-se voluntários em seu serviço e são possuídos por uma loucura e fúria contra todos os que não estão tão dispostos quanto eles a ir para o Inferno. Especialmente se alguém estende uma mão compassiva para ajudá-los a sair daquele golfo de miséria, eles os odeiam, rangem os dentes contra eles e correm sobre eles com extrema violência, como se não tivessem inimigos senão estes samaritanos compassivos.

Quão grande é este *Mistério das Trevas*! Quem será capaz de abrir suas profundezas? Quem o declarará plenamente aos filhos dos homens para trazer à luz estas coisas ocultas?

Especialmente visto que esses segredos infernais que ainda não foram descobertos são o dobro daqueles que já foram observados por qualquer pessoa que escapou de seu poder. Somente Aquele cuja prerrogativa é sondar os corações dos homens pode conhecer, e dar a conhecer, o que está no coração de Satanás. Ele vê todos os seus caminhos, mesmo aquelas veredas que o *olho da águia* não avistou, e pode rastrear seus passos, que não deixam mais rastro do que um navio no mar, ou uma ave no ar, ou uma serpente sobre uma rocha.

Apesar disso, podemos observar muitas de suas *Políticas*, e Deus descobriria mais, se humildemente e fielmente aprimorássemos o que já sabemos. É meu desígnio fazer alguma descoberta desses antros que observei, para que, por esse meio, eu possa ser útil para despertá-los. Primeiro, apresentarei a força e o poder do seu Inimigo, antes de expor sua Astúcia e Artimanha. Encontram-se nele tudo o que pode tornar um Adversário temível:

Como, em primeiro lugar, **Malícia e Inimizade**. *Antidikos* é um termo jurídico e significa um adversário na lei, alguém que é contra a nossa causa. O texto (segundo alguns pensam) acentua essa malícia (1.) pelo artigo definido, que denota um *Arquinimigo*. (2.) Pelo nome *Diabolos*, que significa um Difamador ou Caluniador (pois a palavra é usada duas vezes no Novo Testamento para um difamador), mostrando que seu ódio é tão grande que ele não hesitará em mentir e usar de falsidade, seja acusando Deus para nós, ou nós para Deus. Além disso, aponta particularmente que, quando em sua malícia ele tentou um pobre miserável ao pecado, ele não poupa esforços para acusá-lo por isso, e para carregá-lo com todas as coisas que possam agravar sua culpa ou miséria, acusando-o de mais do

que ele realmente fez e de um estado pior do que ele realmente se encontra.

Segundo: Seu Poder, sob a metáfora de um *Leão*, uma besta de rapina, cuja propriedade inata é destruir, e que para isso é equipado com força, garras dilacerantes e uma boca devoradora. Assim como um leão despedaçaria um cabrito com facilidade e sem resistência, os homens são engolidos por ele como se fosse por uma boca aberta; assim a palavra *katapie* significa que ele pode sorvê-los em um só gole.

Terceiro: Sua Crueldade, um *Leão que Ruge*, implicando não apenas sua propriedade inata de destruir, que deve ser de uma ferocidade estranha, mas também que este princípio inato é aguçado e enfurecido, como a fome em um leão agiça e enfurece essa disposição até que ele consiga sua presa. Assim, ele se torna delirante e ruidoso, colocando uma majestade terrível sobre a crueldade, assustando os homens para que abandonem seus esforços ou esperanças de resistência, e aumentando sua miséria com pavor e tremores. Assim, Satanás demonstra um temperamento feroz e truculento, cujo poder, sendo exercido a partir de tal malícia implacável, deve necessariamente tornar-se raiva e ferocidade.

Quarto: Sua Diligência; a qual, juntamente com sua crueldade, é consequência de sua malícia e poder. Ele *anda em derredor e procura*; é inquieto em sua busca e diligente, como alguém que promete a si mesmo satisfação ou contentamento alegre em suas conquistas.

CAPÍTULO II
Sobre a Malícia de Satanás em Particular

Os Fundamentos e Causas dessa Malícia. A Grandeza dela provada; e Exemplos dessa Grandeza apresentados.

Darei primeiro um relato de sua Malícia, pelo qual ficará evidente que não erramos ao chamar o Diabo de malicioso. A verdade desta acusação evidenciar-se-á nos seguintes detalhes:

Primeiro: O Diabo, embora seja um espírito, é um sujeito capaz de pecado. Não precisamos de outra evidência para isso senão o que resulta de nossa própria experiência diária; temos pecados que nossos espíritos e corações praticam e que não se referem ao corpo, chamados de "sujidade do espírito", em contraposição à "sujidade da carne". É verdade que aquelas iniquidades que possuem uma dependência necessária dos órgãos do corpo (como a embriaguez, a fornicação, etc.) não podem ser atribuídas formalmente, quanto à forma do ato, à porta de Satanás (embora, como tentador e provocador destes nos homens, ele possa ser chamado de *pai* desses pecados). Contudo, as iniquidades mencionadas, que são de natureza espiritual, são propriamente e formalmente cometidas por ele, como a Mentira, o Orgulho, o Ódio e a Malícia. Cristo mesmo aponta essa distinção em Jo 8:44: *Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio*; onde ele afirma que tais pecados espirituais são propriamente e formalmente praticados por ele mesmo. A certeza de tudo aparece nos epítetos que lhe são dados: *o Maligno*, *o espírito imundo*; assim como nas passagens que falam de sua queda: *não guardaram o seu principado* (Jd 6), *os anjos que pecaram* (2Pe 2:4). Se pecados

espirituais são, em sentido próprio, atribuídos ao Diabo, então a Malícia também lhe pode ser atribuída.

Segundo: A maldade de Satanás é capaz de aumento, *a magis & minus* (de mais a menos). Embora ele seja um espírito maligno e, quanto à inclinação, cheio de perversidade — tão fortemente inclinado que não pode senão pecar — e assim como Deus é apresentado para nós como a Fonte da Santidade, Satanás é chamado de autor e pai do pecado. Ainda assim, visto que não podemos atribuir-lhe infinitude, devemos admitir que (pelo menos quanto aos atos de pecado) ele pode ser mais ou menos pecaminoso, e que a maldade de seu coração pode ser mais instigada por ocasiões, motivos e provocações. Além disso, somos expressamente ensinados em Ap 12:12: *O Diabo desceu... tendo grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta*. Notamos aqui que (1.) sua ira é chamada de *grande*, implicando ser maior do que em outros tempos. (2.) Que motivos e incentivos externos (como a brevidade de seu tempo) prevalecem sobre ele para extrair maiores atos de fúria.

Terceiro: Quaisquer que sejam as ocasiões que provocam ou incendeiam a malícia até a fúria, Satanás as encontrou em grau eminente em sua própria queda e na felicidade do homem. Nada é mais adequado para gerar malícia do que danos ou punições, ou degradações da felicidade. A maldição de Satanás, embora justa, enche-o de raiva e irritação contra Deus, quando ele considera que, do estado e dignidade de um anjo bendito, ele foi lançado nas trevas e na condição mais vil imaginável. A parte de sua maldição (que concernia tanto a Satanás quanto à Serpente) — *Sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida* — implica um estado profundamente degradado; como prova o uso da frase: *Lamberão o pó* (Sl

72:9); *Lamberão o pó como serpente* (Mq 7:17). Onde o espírito é tão perverso, ele não pode aceitar a punição de sua iniquidade. Toda punição é como um veneno e envenena o coração com uma fúria contra a mão que o afligiu. Assim a queda de Satanás o enfurece e, ainda mais, quando vê o homem estabelecido em uma possibilidade de desfrutar aquilo que ele perdeu. A inveja e o orgulho de seu coração fervem até a loucura (pois esse é o único uso que os miseráveis podem fazer da visão da felicidade que não possuem, especialmente se, tendo-a desfrutado uma vez, dela foram privados). Isso gerou a raiva e a ira em Caim contra Abel e, depois, o seu assassinato. *O olho do ímpio é mau onde Deus é bom*. Portanto, pode-se concluir que Satanás (sendo um espírito maligno, e sendo essa maldade capaz de agir em graus mais altos ou baixos conforme as ocasiões e com adequação a elas) não pode senão demonstrar uma malícia inconcebível contra nós, sendo nossa felicidade e sua miséria ocasiões tão próprias para a maldade de seu coração trabalhar.

Quarto: Esta malícia em Satanás deve ser grande:

Primeiro: Se considerarmos a grandeza de sua maldade em uma apostasia tão grande e total. Ele está tão cheio de iniquidade que não podemos esperar coisas pequenas dele quanto às operações de tais princípios malditos; não apenas ele é perverso, mas é o espírito e o extrato da perversidade, conforme a frase significa em Ef 6:12.

Segundo: A Escritura lança sobre ele todos os graus, atos e ramos da malícia; como (1.) **Ira**, na pressa impetuosa e violência dela. Apocalipse 12 fala de *grande ira*, onde o termo original significa *Excaendescentia*, a inflamação do coração e do homem inteiro; a qual é violenta em seu movimento, como

quando o sangue corre com um fluxo violento através do coração e incendeia todos os espíritos. Portanto, esta ira não é apenas chamada de grande, mas também é sinalizada como tal ao ameaçar um *ai* aos habitantes da terra. (2.) **Indignação** é mais do que ira, por ter uma fúria mais fixa; e isso lhe é aplicado em Ef 4:27, onde se diz que aqueles que têm essa indignação *dão lugar ao Diabo*; o que é verdade não apenas em termos de tentação, mas também no que diz respeito à semelhança que carregam com a estrutura e o temperamento do coração furioso de Satanás. (3.) **Ódio** é ainda superior à ira ou à indignação, por ter raízes mais profundas, uma resolução mais confirmada e implacável. Ira e indignação são apenas fúrias curtas, que, como uma inundação súbita, logo baixam, embora tendam a encher as margens subitamente; mas o ódio é duradouro, e esta é tão propriamente a disposição do Diabo que Caim, ao odiar seu irmão, é chamado (1Jo 3:12) de legítimo descendente e quadro vivo daquele *Maligno*, que é ali chamado assim em vez de Diabo porque o Apóstolo também queria insinuar que o ódio é a obra-prima da maldade de Satanás e aquilo que fornece seu caráter mais completo. (4.) Todos os efeitos de sua crueldade surgem desta raiz; isso o faz acusar e caluniar; isso o leva a ansiar por aqueles assassinatos e destruições sob os quais os espíritos condenados agora gemem.

Terceiro: Esta malícia é o resultado daquela maldição lançada sobre Satanás em Gn 3:15: *Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente*. O que implica (1.) uma grande inimizade; alguns a traduzem como *inimicitias implacabiles*, inimizades implacáveis. (2.) Uma inimizade duradoura, tal que deve continuar enquanto durar a maldição. (3.) Que este seria seu trabalho e exercício: perseguir e ser perseguido com esta inimizade. Isso mostra que toda a mente e

desejo do Diabo estão neste trabalho, e que ele é aguçado pela inimizade oposta que encontra. É o trabalho de sua maldição, de seu lugar, de sua vingança, e aquilo onde reside todo o deleite de que ele é capaz. Naquela parte da maldição, *o pó será o teu mantimento*, está implícito (se alguns interpretam corretamente) que, se se pode dizer que Satanás tem algum deleite ou alívio em sua condição, é no "comer deste pó", o exercício desta inimizade. Não admira, então, que Cristo fale de seus desejos e solicitações para com Deus, visando obter liberdade e comissão para este trabalho: *Satanás pediu para vos cirandar*.

Que esta maldição se refere não apenas à serpente que foi o instrumento, mas também a Satanás que foi o agente, é aceito por quase todos. Que não foi apenas a serpente, mas o Diabo falando por meio dela, evidencia-se pelo fato de ela falar e raciocinar; e que a maldição alcançou mais longe do que uma inimizade natural entre uma serpente e um homem é igualmente evidente, visto que Cristo é expressamente apresentado como dando o pleno cumprimento desta maldição contra Satanás em 1Jo 3:8: *O Diabo peca desde o princípio. Para isto o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo*; o que é uma clara exposição e paráfrase do descendente da mulher ferindo a cabeça da serpente.

Quarto: Adicionarei a isto alguns poucos exemplos da malícia de Satanás, pelos quais ela se mostrará grande.

Primeiro: Aquela malícia deve necessariamente ser grande, a qual se manifesta onde há tal carga de angústia e horror sobre ele. Ele está agora reservado em *Cadeias de Trevas* no Inferno. Ele está no Inferno, um lugar de tormento; ou, o que dá no mesmo, o Inferno está nele. Ele o carrega consigo em sua

consciência, a qual, pelo decreto de Deus, o amarra ao seu horror como uma corrente. É quase inimaginável que ele tenha um pensamento livre da contemplação de sua própria miséria para gastar em uma perseguição maliciosa ao homem. O que podemos pensar disso senão como uma loucura desesperada e vingança contra Deus, na qual ele demonstra sua raiva contra o Céu e caça o nosso sangue como se fosse um pouco de água para resfriar sua língua? E, quando descobre que sua mão é curta demais para arrancar o Todo-Poderoso de Seu Trono, ele tenta (como uma pantera) dilacerar Sua imagem no homem e induzir o homem, criado à imagem de Deus, a blasfemar e desonrar o seu Criador.

Segundo: Aquela malícia deve necessariamente ser grande, a qual busca seu próprio combustível e providencia ou implora suas próprias ocasiões; e estas, tais que não dão provocação adequada à sua ira. De tal temperamento é a sua malícia: ele agiu assim com Jó; ele pede a comissão, calunia Jó sob suposições injustas, pressiona continuamente por um poder maior para feri-lo, a ponto de Deus expressamente limitá-lo e estabelecer fronteiras (o que mostra quão sem limites ele seria se deixado à própria vontade) e lhe dá, por fim, uma repreensão aberta em Jó 2:3, onde expõe a malícia de seu coração em três coisas: (1.) Sua própria urgência insistente: *tu me incitaste contra ele*. (2.) Sua fúria destruidora: nada menos servia do que a destruição total de Jó. (3.) A inocência de Jó: tudo isso *sem causa — tu me incitaste contra ele, para o consumir sem causa*.

Terceiro: Aquela malícia deve ser grande, a qual persegue até mesmo um assunto pequeno. Que jogo pequeno o Diabo não jogará antes de se retirar da mesa? Se ele puder apenas

perturbar, ou confundir, ou assustar; ainda assim ele o fará, em vez de não fazer nada. Se puder (como uma víbora no caminho) apenas morder o calcanhar, embora sua cabeça seja esmagada por isso, ele continuará ocupando-se nisso.

Quarto: Aquela malícia deve ser grande, a qual se manifestará mesmo onde sabe que nada poderá alcançar, mas que a decepção é certa. Assim Satanás tentou a Cristo. Aquelas falas: *Se tu és o Filho de Deus*, não implicavam qualquer dúvida em Satanás; ele sabia o que fora profetizado sobre Cristo e o que fora declarado do Céu em testemunho dele, de modo que não podia senão estar certo de que Ele era Deus e Homem. E, no entanto, que tentações baixas e indignas ele põe diante d'Ele, como o prostrar-se e adorá-lo! Seria que Satanás pensava em prevalecer contra Ele? Certamente não; mas tal era a sua malícia que ele quis colocar uma afronta sobre Ele, embora soubesse que não poderia prevalecer.

Quinto: A malícia de homens ímpios é um argumento da grande malícia de Satanás. Eles têm uma antipatia contra os justos (como o lobo contra a ovelha) e pelo simples fato de eles terem sido chamados para fora do mundo. Quão grande é esta fúria, todas as eras testificaram: isso trouxe discórdia, injúrias, calúnias, prisões, espoliação de bens, banimentos, perseguições, torturas, mortes cruéis — como queimar, esticar na roda, dilacerar, serrar ao meio e tudo o que a inteligência do homem pudesse idealizar para satisfazer aquelas mentes implacáveis, furiosas e assassinas. E tudo isso é feito a homens da mesma imagem e linhagem que eles mesmos, da mesma religião (quanto ao principal); sim, às vezes a homens de seu próprio parentesco, seu próprio sangue, e tudo contra aqueles que viveriam pacificamente na terra. O que diremos destas

coisas? Como chegam os homens a assumir uma natureza selvagem, para agir o papel de leões, leopardos e tigres, se não algo muito pior? A razão de tudo temos em Jo 8:44: *Vós tendes por pai ao diabo... ele foi homicida desde o princípio*; e também Gn 3:15: *Porei inimizade entre a tua descendência e o seu descendente*. Assim, tudo isso mostra que malícia há no coração de Satanás, que instiga e provoca seus instrumentos a tais ódios sangrentos. Portanto, quem quer que tenham sido os agentes em Ap 2:10 no aprisionamento dos santos, a malícia de Satanás ao incitá-los o torna o autor disso: *O diabo lançará alguns de vós na prisão*.

CAPÍTULO III
Sobre o Poder de Satanás

> *Seu Poder como anjo considerado. Que ele não perdeu esse Poder por sua Queda. Seu Poder como Diabo. Sobre sua Comissão. A Extensão de sua Autoridade. A Eficácia de seu Poder. As Vantagens que ele possui para o manejo de tal poder, provenientes do Número, Ordem, Lugar e Conhecimento dos Demônios.*

Que o poder de Satanás é grande, é a nossa próxima investigação: Onde, primeiro, consideraremos seu poder como um anjo. No Sl 103:20, diz-se que os anjos *excedem em força*; e no versículo 21, assim como no Sl 148:2, eles são chamados de *exército de Deus*; o que é expresso de forma mais completa em 1Rs 22:19: *Vi o Senhor assentado no seu trono, e todo o exército do céu estava junto a ele, à sua direita e à sua*

esquerda; frase que, embora importe em sua ordem e observância, indubitavelmente visa, em seu desígnio principal, destacar o seu poder, pois exércitos são a força de reis e nações. O próprio Deus, ao assumir o título de *Senhor dos Exércitos*, faz dele uma evidência de seu poder incompreensível, que tais exércitos de criaturas fortes e poderosas estejam sob seu comando.

Mas isso apenas de modo geral. O que nos aproxima de um relato particular de sua força é aquela noção de um *Espírito*, pela qual eles são frequentemente descritos; *Ele faz dos seus anjos espíritos, e dos seus ministros um fogo abrasador*. O ser de um espírito é o ponto mais alto que nosso entendimento é capaz de alcançar; e que isso demonstra um ser muito excelente, manifesta-se no fato de que Deus se agrada em representar a si mesmo a nós sob a noção de um Espírito; não que Ele o seja de forma restrita e própria, mas que este é o ser mais excelente que cai sob nossa apreensão. Além disso, o termo *Espírito* eleva nosso entendimento para conceber um Ser de um poder alto e extraordinário; ele tende, ainda, a formar nossas concepções para algumas apreensões de sua natureza:

(1.) Pelo conhecimento que temos de nossos próprios espíritos; que nosso espírito é de vasta compreensão e atividade, nossos pensamentos, desejos, raciocínios e os empreendimentos particulares de alguns homens de espírito elevado o evidenciam abundantemente.

(2.) No fato de que representa um Ser Espiritual livre do entrave e impedimento da corporeidade; nossos próprios espíritos são limitados e restritos por nossos corpos, assim como o fogo, um elemento ativo, é retardado e tornado lento por matéria inapta a servir à sua força própria, como quando

está sob um monte de terra; o que também é suficientemente apontado naquela oposição entre *carne e sangue* e *principados e potestades* em Efésios 6, mostrando que a carne e o sangue são uma desvantagem e um impedimento à atividade de um espírito. Um espírito, então, sendo incorpóreo, pode ser concebido como movendo-se facilmente sem moléstia, de forma rápida, imperceptível e irresistível.

(3.) Isso é ainda ilustrado pela similitude do vento e do fogo, que são (pela experiência comum de todos) de força muito grande. E é ainda observável que a Escritura às vezes fala do poder dos anjos no abstrato, preferindo chamá-los de *Poderes* em vez de poderosos; mostrando claramente que os anjos são seres de vasta força, como de fato as ações feitas por eles testificam abundantemente; tais como a destruição do exército de Senaqueribe em uma noite, o abrir das portas da prisão para Pedro, o carregar de Filipe pelo ar, e outros atos semelhantes, que tendem à proteção dos fiéis ou à punição dos ímpios.

Embora isso possa nos satisfazer plenamente quanto ao fato de os anjos excederem em força, a Escritura sugere outra consideração relativa ao Ofício e Emprego dos anjos, onde sua comissão mostra não apenas uma liberdade para o exercício deste poder, mas também implica um poder tal que é adequado para ser comissionado para tais atos; estes seres invisíveis são chamados de *Tronos, Domínios, Principados e Potestades* (Cl 1 :16). É, de fato, uma tarefa que vai além de um empreendimento sóbrio distinguir essas palavras e estabelecer seus verdadeiros limites; Agostinho o reconheceu. No entanto, podemos daqui concluir: (1.) que essas palavras implicam uma autoridade muito grande nos anjos; (2.) um poder e força adequados ao seu emprego, e que Deus os dotou de poder

proporcional à obra que lhes destinou, em seu mover os céus, governar o mundo, etc. No entanto, em alguns casos, Deus trabalha por instrumentos em tudo desproporcionais ao serviço, *para que a excelência do poder seja de Deus*; contudo, no modo comum de seu agir, Ele coloca uma força inata e adequada nas criaturas para os atos a serem feitos por elas, como há um poder inato no vento para soprar, no fogo para queimar, nas ervas e plantas para usos medicinais.

Assim podemos conceber os anjos: que Deus, usando-os como seu exército e Seus ministros para fazerem Sua vontade, dotou-os de um poder natural inato para aquelas grandes coisas que Ele realiza por meio deles; o que não deve ser suposto, de modo algum, como depreciativo ao poder de Deus em Seus caminhos de misericórdia ou julgamento, visto que toda a força dos anjos provém originalmente de Deus. Daí vem que todos os nomes de anjos que lemos na Escritura carregam este reconhecimento em sua significação; *Miguel* assim se desdobra: "Quem é como Deus?"; *Gabriel* assim: "A Glória de Deus"; e, portanto, podemos supor que não sejam tanto os nomes próprios dos anjos, mas (como Calvino observa) *Nomina ad captum nostrum indita*, nomes aplicados para a nossa compreensão, implicando o grande poder de Deus neles.

Satanás é um espírito tão poderoso por criação. Mas, porque se duvidará se sua queda o privou de sua excelência e o lançou abaixo de sua força, evidenciarei que ele ainda retém o mesmo poder natural. Para esse propósito, convém observar: (1.) que os mesmos termos e nomes que foram dados aos anjos bons, para significar sua força e comissão (Cl 1 :10, 16), são também dados a Satanás em Ef 6:12; os demônios são chamados de *Principados, Potestades, Dominadores*; e em Cl 2 :15 eles têm

os mesmos nomes que no versículo 10 foram dados aos anjos bons: *ele despojou os principados e as potestades*. (2.) A Escritura fornece exemplos particulares do poder e da atuação de Satanás, como o levantar tempestades no ar e comandar o fogo do céu, ambos feitos em perseguição à sua malícia contra Jó; o carregar os corpos de homens pelo ar, como fez com Cristo, apressando-o do deserto para o monte, e de lá para o pináculo do templo; o quebrar cadeias e grilhões de ferro (Mc 5:4). O trazer doenças, cujas instâncias foram aquela mulher encurvada que Satanás mantinha presa (Lc 13:16) e o lunático (Lc 9:31), além de muitos outros. (3.) Também é observável que, embora a queda de Satanás tenha feito uma alteração quanto aos fins, usos e ofício de seu poder, Deus, no entanto, faz uso dessa força nele, não apenas como um executor da ira contra Seus inimigos (como quando afligiu Saul por esse espírito maligno, e através desse espírito mentiroso entregou Acabe para ser iludido até sua ruína, e infligiu pragas sobre o Egito enviando anjos maus entre eles), mas também para a provação de Seus próprios servos; assim Jó foi afligido por Satanás, e Paulo foi esbofeteado por seu mensageiro.

Em segundo lugar, este poder dele, como um diabo, cai em seguida sob nossa consideração, onde diversos particulares devem ser observados:

Primeiro: **Sua Comissão e Autoridade.** Se alguém lhe fizesse aquela pergunta que os judeus fizeram a Cristo: *Com que autoridade fazes estas coisas? ou quem te deu tal autoridade?*, teríamos a resposta em Jo 12:24 e 16:11, onde ele é chamado de *Príncipe deste mundo*; e, consequentemente, a Escritura fala de um duplo Reino, o da Luz e o das Trevas; e neste ouvimos falar do trono de Satanás, de seus servos e súditos. Sim, o que é

mais, a Escritura fala de uma espécie de deidade em Satanás; ele é chamado de *o deus deste século* (2Co 4:4). O que não apenas expõe o orgulho intolerável e a usurpação de Satanás ao se propor como tal, atraindo assim pobres criaturas cegas para adorá-lo, mas também descobre seu poder, que por comissão ele obteve sobre os filhos da desobediência. Daí ele reivindica isso como um tipo de direito e dever da parte dos pobres americanos e outros, que se prostrem e o adorem; e sobre essa suposição foi ele tão intoleravelmente presunçoso ao oferecer os reinos do mundo a Cristo em troca de tal serviço e adoração.

Se for questionado: "O que é a autoridade de Satanás?", responderei assim:

Primeiro: Sua autoridade não é absoluta ou ilimitada; ele não pode fazer o que bem entende e, portanto, o encontramos implorando permissão a Deus para o exercício de seu poder em casos particulares, como quando foi um espírito mentiroso na boca dos profetas de Acabe, e em cada assalto que fez a Jó; aliás, ele não pôde entrar nos porcos dos gadarenos até ter a comissão de Cristo para isso.

Segundo: No entanto, ele tem uma comissão em geral, uma comissão permanente, como pequenos reis e governadores tinham sob o Imperador Romano, onde eram autorizados a exercer autoridade e poder de acordo com as regras e direções que lhes eram dadas. Isso é claramente significado por aquelas expressões: *eles são cativos à sua vontade* e *entregues a Satanás*, como pessoas excomungadas; e quando os homens são convertidos, diz-se que são *transladados do seu poder* e colocados sob outra jurisdição, no Reino de Cristo. Tudo o que seria altamente impróprio se uma comissão para Satanás e uma

autoridade para aquelas obras das trevas não tivessem sido significadas por tais termos.

Em seguida, observemos a extensão desta autoridade, tanto quanto às pessoas como às coisas. Em relação às pessoas, a fronteira de seu reino chega até onde chegam as trevas; ele governa nos lugares escuros da terra, ou nas *trevas deste mundo*; e por isso seu reino é denominado *Reino das Trevas*. Isso se estende (podemos bem imaginar) até onde o paganismo alcança, onde ele é adorado como deus, até onde qualquer escuridão do maometismo se alonga, e até a escuridão da infidelidade e cegueira sobre os corações dos homens não convertidos, que, se somados, certamente tomam a maior parte do mundo de longe; o que é reconhecido não apenas por aquela expressão ampla, *mundo*, *Príncipe deste mundo*, etc., mas também por aquele discurso profético de Ap 11:15: *Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo*; o que reconhece que eles não o haviam sido antes, no sentido em que agora falamos.

Nem seu reino é tão limitado que ele não possa também (quando permitido) fazer incursões e invasões no Reino de Cristo, a ponto de molestar, perturbar e aborrecer seus súditos; assim como os reis de qualquer nação, além do poder que exercem em sua própria jurisdição, podem molestar seus vizinhos. E Cristo permite isso até onde é útil aos Seus próprios desígnios, mas ainda com reservas e limitações mais estritas para Satanás, e um resgate e conquista resolutos para o Seu próprio povo.

Se indagarmos a extensão de seu poder em relação às coisas, descobrimos que o ar lhe é permitido de maneira peculiar, de modo que ele é nomeado por ele, como por uma de suas

principais realezas: *o Príncipe das potestades do ar*. Encontramos também a morte, com os poderes dela, entregues a ele, de modo que esta é uma perífrase dele: *Aquele que tem o poder da morte* (Hb 2:14). E se notarmos sua grande oferta a Cristo dos reinos do mundo: *Tudo isto te darei*, podemos imaginar que sua comissão alcança longe nesse caminho, como recompensas e encorajamentos para o seu serviço; o que aceitaremos mais prontamente quando descobrirmos que, por permissão de Deus, os homens ímpios têm sua porção nesta vida, e que estas são chamadas de suas "boas coisas".

Em terceiro lugar, procedamos um passo adiante rumo à eficácia desta autoridade; a qual também,

Primeiro: Sobre os homens ímpios, não é menos notável que a sua comissão; ele é chamado de *o homem forte* em referência aos seus corações, os quais ele fortifica como se fossem castelos e guarnições contra Deus. Ele também governa neles sem controle; suas sugestões e *tentações* são como leis para eles; ele enche os corações deles com seus projetos e eleva suas afeições a uma busca alta e gananciosa por eles; ele trabalha neles e, por uma força interior, os apressa a realizar seus empreendimentos, enlaçando-os e cativando-os conforme seu prazer.

Segundo: Os santos, que são súditos de outro Reino, estão constantemente temendo, queixando-se, vigiando, orando e estendendo suas mãos, elevando seus olhos ao céu em busca de ajuda contra ele. Eles se queixam de violência e de assaltos inquietos da parte dele; eles percebem que ele pode sugerir pensamentos maus e persegui-los com importunações incessantes; que ele pode lançar uma escuridão sobre o seu entendimento, subornando suas vontades e afeições contra eles;

que ele pode perturbar seus deveres e que, por causa dele, não podem fazer o bem que desejariam. Muitas vezes ele gera temor em seus corações; muitas horas de inquietação eles recebem dele; sua carne não tem descanso e felizes são eles se escapam dele sem ossos quebrados. Muitos excelentes foram derrubados por ele e, por um tempo, ficaram como homens mortos. É triste ver uma pessoa tão justa como Ló sob seus pés; um santo tão escolhido como Davi ferido quase até a morte; um apóstolo tão elevado como Pedro, por força e medo dele, abrir a boca com maldições e imprecações na negação de seu Salvador; para não falar dos fustigamentos de outros, o que foi suficientemente cansativo para Paulo e descrito como um *espinho na carne*, o qual (se um homem erudito pensa corretamente) é comparado por uma metáfora àquelas estacas afiadas nas quais os cristãos eram cruelmente espetados e queimados.

Terceiro: Sua realização rápida e pronta é uma prova adicional da eficácia de seu poder. Mal havia Deus dado a ele uma comissão em referência a Jó, ele rapidamente levanta a tempestade, derruba a casa, mata os filhos, traz fogo do céu; e (o que pareceria estranho) tem as tropas dos sabeus e caldeus sob seu comando, como se tivessem sido alistados sob suas ordens conhecidas; de modo que em pouco tempo ele coloca sua *malícia* em ato.

Quarto: Se alguém quisesse menosprezar tudo isso como sendo a força de principados e potestades contra carne e sangue, podemos ver que ele tem tanta força e confiança a ponto de lutar com um Anjo de Luz, como fez na disputa pelo corpo de Moisés (Jd 9). Este era um Anjo Criado, caso contrário ele não ousaria, certamente, ter trazido uma acusação injuriosa; mas no

fato de ter lutado e acusado injuriosamente, mostra que não lhe faltava uma ousadia audaz para apoiar sua comissão e poder.

Em quarto lugar, será também necessário expor as vantagens que ele possui no manejo de todo este poder, as quais são grandes: Como,

Primeiro: **A multidão de demônios.** Que eles são muitos não se nega, diante da evidência de sete expulsos de Maria Madalena e da *Legião* que se estabeleceu em um único homem pobre de uma só vez. Pode ser que não demos crédito ao próprio relato do diabo sobre sua força a ponto de acreditar que o número deles fosse exatamente correspondente a uma legião romana, que (se alguns falam corretamente) era de 6.666; contudo, havendo uma alusão tão clara a uma legião romana, e a Escritura no relato favorecendo-a até o ponto de consentir com uma verdade naquela parte da história, não podemos fazer menos do que concluir que o número de demônios naquela pessoa era um número muito grande, e tão grande que a similitude de legião era adequada para expressá-lo. Além disso, se a Escritura tivesse silenciado neste particular, nossa razão teria claramente tirado essa conclusão a partir de premissas como estas: que ele é o deus do mundo e governa nos filhos da desobediência; pois, seja o que for que concebamos de seu poder, não podemos considerá-lo onipotente ou onipresente, sendo estes atributos incomunicáveis do grande Criador de todas as coisas, nos quais nenhuma criatura pode compartilhar com Deus. Estando, pois, assegurados de que ele é o tentador de todos os homens, e que não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, devemos necessariamente apreender que os demônios são muitos, conforme significado pela expressão: *o diabo e seus anjos*.

Segundo: **A Ordem.** Ele também tem uma vantagem para a execução de seus projetos proveniente daquela *Ordem* que, pelos motivos anteriormente mencionados, somos forçados a conceber existir entre os demônios. Sei que a determinação audaciosa da ordem dos anjos feita por Dionísio é justamente rejeitada, não apenas por Ireneu e Agostinho, mas também pela generalidade dos protestantes que, baseados nisso e em outros fundamentos de igual presunção, rejeitam esse autor por não ser o verdadeiro Dionísio, o Areopagita. Nem alguns de nossos autores protestantes (como Chamier e outros) admitem que o governo dos anjos seja monárquico (suposição que os papistas gostariam de usar como fundamento para estabelecer a chefia universal do Papa), sendo algo que o próprio Dionísio (conforme afirma Chamier) nunca sonhou. Contudo, nenhum desses autores nega uma ordem entre os anjos, mas a concedem prontamente, como claramente implícito no termo *Arcanjo* usado por Paulo (1Ts 4:16) e pelo fato de serem chamados de Exército de Deus, onde a ordem é necessária para o manejo correto de sua força, sendo a confusão o caminho para a ruína de seus projetos. O que eles desaprovam é a determinação audaciosa e peremptória das ordens particulares entre eles, e a atribuição de encargos, empregos e postos a cada um; o que, quem quer que o faça, deve necessariamente ser culpado de intrometer-se em coisas que não viu. Seria, pelo mesmo motivo, uma loucura presunçosa fazer tal determinação dos diversos postos e empregos particulares desmoronando o Diabo. No entanto, isso não impede que, com uma sobriedade justificável, acreditemos em geral que existe uma ordem entre os demônios. Não apenas expressões como *Belzebu, o príncipe dos demônios*, *o diabo e seus anjos*, e o fato de serem chamados de *principados e potestades* nos autorizam a pensar

assim, mas as considerações mencionadas sobre a multidão de demônios forçarão nossa razão a um assentimento; pois, se eles devem ser muitos, porque toda a humanidade sente seus assaltos, devem ter também uma ordem no manejo de suas *tentações*; sem a qual, seus desígnios de crueldade e malícia cairiam (ao menos em grande parte) por terra. Nem sei bem como aqueles autores podem ser justamente culpados que avançam um pouco mais em suas suposições para nos dizer (como mais provável) que esses espíritos infernais dividem o mundo entre si e são alocados em diversos países e lugares, como seu próprio encargo e jurisdição; pois que outra interpretação aquelas passagens em Dn 10:13 podem receber? *O príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias*; e o auxílio de Miguel naquela oposição não pode (se as coisas forem bem pesadas) ser propriamente entendido como Cambises, filho de Ciro, ou uma disputa com qualquer homem. Contudo, se deixarmos isso passar como algo incerto (porque essa interpretação é negada por alguns), ainda assim o que é dito sobre a ordem deles em geral, e a vantagem que esses espíritos têm contra nós sob essa consideração, parece estar além de qualquer negação.

Terceiro: **A vantagem de lugar.** Entre os exércitos, a vantagem de lugar é muito considerada. Satanás parece ter algo nesse sentido como uma vantagem de terreno, no fato de ser estilizado como *maldade espiritual nos lugares celestiais*. Que vantagem os lugares altos podem ser para demônios e espíritos não podemos imaginar além do fato de que, estando eles assim acima de nós e ao redor de nós no ar, veem e conhecem nossos caminhos e ações, e assim recebem informações para seus procedimentos maliciosos contra nós.

Quarto: Mas sua maior vantagem provém do seu **Conhecimento**, o qual explicarei um pouco no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV
Sobre o Conhecimento de Satanás: Natural, Experimental e Acessório

> *Que Satanás possui uma grande medida de Conhecimento, provado pela comparação com o conhecimento de Adão na inocência e por seus Títulos. Do seu conhecimento de nossos Pensamentos. Até onde ele não os conhece, e até onde conhece, e por quais meios. Do seu conhecimento das coisas futuras, e por quais vias ele as conjectura. As Vantagens em termos de Tentação que ele possui pelo seu Conhecimento.*

Na descoberta do conhecimento de Satanás, darei primeiro evidências e demonstrações do mesmo. Para esse propósito: (1.) Consideremos o conhecimento de Adão na inocência; o qual, sendo considerado grande, concluir-se-á facilmente que o conhecimento de Satanás é muito maior. Temos duas descobertas notáveis do conhecimento de Adão: uma foi o dar nomes a todas as criaturas, o que não foi apenas um sinal de seu domínio, mas também uma instância notável de seu entendimento, visto que os nomes foram dados de acordo com as naturezas das criaturas; das quais Bochartus dá um amplo relato, como o camelo ser chamado *Gamal*, por ser apto a retribuir injúrias; o milhano, *Raah*, pela sua agudeza de visão;

o pelicano ser nomeado *Kaath*, pelo seu vômito habitual, etc. A consideração da adequação dos nomes impostos às criaturas fez Platão reconhecer que era uma obra acima da capacidade comum. A outra descoberta do conhecimento de Adão foi o seu reconhecimento da origem de Eva à primeira vista; (Gn 2:23) ele disse: *Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne*, etc. Esta instância Lutero usou para provar o conhecimento que teremos uns dos outros no Céu; o que mostra que o entendimento de Adão era então incomparavelmente mais sublime que o nosso, e de uma aproximação maior do conhecimento com o qual um estado de glória nos dotará. A isto poderia ser acrescentada uma prova adicional proveniente das raras invenções e excelentes descobertas que alguns intelectos elevados fizeram de coisas que jaziam profundamente e fora da visão das capacidades comuns. Assim como também aquelas visões, percepções e compreensões extraordinárias que as almas dos homens tiveram quando foram um pouco libertas do entrave e impedimento do corpo, seja em êxtases ou pela aproximação da morte; tudo o que, somado, servirá para provar uma medida muito grande de conhecimento em Satanás, se tomarmos como base este fundamento: que em todas as obras de Deus, encontramos o mais alto conhecimento no ser mais nobre. As criaturas vivas são mais excelentes que pedras ou árvores e, portanto, Deus as dotou de sentidos e também as distinguiu por graus mais altos de sagacidade, conforme sua excelência sobre as outras. Assim, o macaco, a raposa, o elefante, etc., possuem tais habilidades acima do verme e da mosca, que alguns questionaram se não teriam alguns graus inferiores de razão. Contudo, assim como estes estão abaixo do homem, a razão deste supera em muito a maior rapidez de sentidos deles. Os

anjos são um ser superior ao homem (pois Ele o fez um pouco menor que os anjos) e, consequentemente, o conhecimento deles é proporcionalmente maior. Se Adão na inocência entendia a natureza das coisas, quão mais exatamente e plenamente devemos imaginar que Satanás as conhece?

Em segundo lugar, mas a prova é mais completa e direta a partir daquelas denominações e títulos que a Escritura e a experiência dos homens lhe atribuíram. Seu nome usual, *Daimon*, o qual (em Mt 8:31, Mc 5:12, Ap 16:14) traduzimos por Diabo, significa propriamente alguém que é sábio, conhecedor ou habilidoso. E por mais que a maldade daquele espírito tenha desonrado essa palavra a ponto de ser sempre (como alguns pensam) usada para significar espíritos imundos, ela ainda carrega uma evidência de sua natureza em referência ao conhecimento: que, embora sejam criaturas perversas, são sábias e conhecedoras. Diz-se em Gn 3:1: *A serpente era mais astuta que todos os animais do campo*; o que, embora seja literalmente verdade sobre a serpente, cuja sabedoria e sutileza os naturalistas notaram abundantemente, aquela expressão tem o olhar sobre Satanás, que foi o agente principal; e a serpente ali é chamada astuta por ser influenciada por Satanás, de quem era instrumento. O que podemos acreditar não apenas pelo crédito de Agostinho e Lira, mas mais seguramente pelo testemunho de outras Escrituras que o chamam de *a antiga serpente* (Ap 12:9) e imputam toda aquela artimanha no manejo daquela *tentação* a uma habilidade e sutileza particular e notável de Satanás: *A serpente enganou Eva com a sua astúcia* (2Co 11:3); e (se Beza conjectura corretamente) a denominação *Daimon* adequa-se tão bem a esta história da Árvore do Conhecimento, que o título de conhecimento parece ter-lhe sido dado por esta singular obra-prima de artimanha.

Em terceiro lugar, que Satanás possui grande conhecimento é descoberto por estes argumentos; mas se for feita uma investigação mais profunda sobre a natureza de seu conhecimento, estaremos mais próximos de uma satisfação neste particular; e aqui podemos observar um conhecimento tríplice em Satanás.

Primeiro: **Um Conhecimento Natural**, que os escolásticos distinguiram nestes dois: (1.) Um *Conhecimento Vespertino*, o qual ele recebeu das coisas criadas, pelo qual as espécies das coisas foram impressas em sua mente e assim recebidas, sendo um conhecimento *a posteriori*, a partir dos efeitos das coisas; o qual, por ser mais escuro e obscuro do que aquele que surge das causas das coisas, denominaram *Conhecimento Vespertino*. (2.) O outro é o *Conhecimento Matutino*, que é um conhecimento das coisas no poder e na sabedoria de Deus, no qual ele via as ideias e imagens de todas as coisas; eles preferem este conhecimento ao outro, assim como linhas e figuras são melhor conhecidas pela instrução matemática do que pelo seu mero traço escrito no pó.

Segundo: Além disso, ele possui um **Conhecimento Experimental**, que é o aprimoramento daquele estoque natural por meio de novas aquisições e conquistas. De fato, Satanás teve vantagens altíssimas para um aumento de conhecimento; ele tinha um grande estoque para começar; ele teve objetos adequados e apropriados para trabalhar em suas contemplações, de modo que, comparando coisas com coisas em um campo de variedade tão vasto e por tantos anos seguidos, não pode ser senão que ele tenha se tornado mais experiente e sutil do que era no princípio. E a Escritura corrobora plenamente essa suposição ao nos falar de seus

estratagemas (2Co 2:11), de suas *ciladas* (Ef 6:11) e de suas *profundezas* (Ap 2:24). Todas essas frases implicam que Satanás estudou o ponto da *tentação* de tal modo que agora, a partir de longa experiência e observação, ele o digeriu em uma arte e método, e com tal exatidão que se tornou um mistério e uma profundeza, muito oculta e escondida da percepção e observação dos homens.

Terceiro: A ambos os anteriores pode-se acrescentar outro conhecimento que, por provir de outra fonte, posso chamar de **Conhecimento Acessório**, consistindo em descobertas ocasionais feitas a ele, seja quando Deus se agrada em dar a conhecer tanto de Sua mente e propósito quanto o que ele emprega (como um instrumento ou servo) para executar, como fez no caso de Jó e Acabe; ou quando ele se informa a partir das Escrituras, ou capta indícios de conhecimento a partir da Igreja e de suas ordenanças. Se os anjos bons têm um aumento de conhecimento por essa via, como é evidente que têm (pois *aos principados e potestades nos lugares celestiais, a multiforme sabedoria de Deus se torna conhecida por meio da igreja*, Ef 3:10), não podemos senão imaginar que Satanás tenha algum acréscimo de conhecimento a partir de tais descobertas.

Enquanto estamos neste ponto, será necessário oferecer alguma satisfação a duas perguntas.

Primeira: **Satanás conhece os nossos Pensamentos?**

É indubitavelmente prerrogativa de Deus conhecer os pensamentos; Ele os conhece intuitivamente, o que está além do poder de qualquer criatura (Jr 17:9): *Quem o poderá conhecer?*. Este é um desafio a todos, implicando a

impossibilidade absoluta para qualquer um, exceto para Deus somente; *Eu, o Senhor, sondo o coração*; Ele conhece os pensamentos mais íntimos (Ap 2:23): *Eu sou aquele que sonda os rins e o coração*. Ele os conhece evidente e certamente; todas as coisas estão nuas e abertas diante dAquele com quem temos de lidar. Aqueles pensamentos e intenções secretas que estão escondidos dos outros e que nós mesmos não conseguimos ler distintamente, devido à sua intrincada obscuridade ou confusão, têm seu interior e exterior desvendados, dissecados e anatomizados pelo Seu olhar. Em todas essas expressões, Deus é cuidadoso em reservar isso para Si: *Eu, o Senhor, o faço* ou *Eu sou aquele que sonda*; o que significa que ninguém mais é capaz de fazer o mesmo.

Contudo, Satanás pode fazer muito por esta via: pois se considerarmos como ele pode chegar tão perto de nossos espíritos a ponto de comunicar-nos suas injeções, e que ele frequentemente entretém uma disputa conosco neste caminho secreto de acesso que possui aos nossos pensamentos; se observarmos seus argumentos, suas respostas e réplicas às nossas recusas, tão diretas, tão pertinentes e tão contínuas, seremos constrangidos a conceder que ele pode fazer mais por este caminho do que comumente se imagina. Para que eu possa explicar isso com o devido respeito à prerrogativa de Deus de conhecer o coração, devo mostrar que há duas coisas que estão claramente fora do alcance de Satanás:

(1.) **Nossos pensamentos futuros:** ele não pode dizer quais serão nossos pensamentos no tempo por vir; ele pode possivelmente aventurar-se a dizer quais sugestões resolve colocar em nossos corações, mas quais serão nossas resoluções e determinações sobre elas, ele não sabe. Isto é destacado como

uma parte da prerrogativa de Deus: que Ele conhece de antemão os propósitos determinados e as resoluções do coração, porque Ele inclina o coração para onde deseja (Pv 21:1).

(2.) **Nossos pensamentos presentes já formados:** os atos imediatos e iminentes da mente ele não consegue ver diretamente. Ele pode saber quais pensamentos flutuantes ele mesmo colocou em nosso coração, mas nossos próprios pensamentos genuínos ou resoluções formadas ele não pode visualizar diretamente; isto também é particularmente insistido como próprio apenas de Deus (Jo 2:24, 25). Cristo conhecia a todos os homens de modo tão direto que não precisava que ninguém lhe desse testemunho do homem (coisa de que Satanás necessita; ele às vezes conhece os homens e seus pensamentos, mas precisa de um sinal ou notificação desses pensamentos, não podendo olhar imediatamente para dentro deles); a razão pela qual Cristo não precisava disso é dada assim: pois Ele sabia o que havia no homem; isto é, intuitivamente Ele conhecia seus pensamentos e podia lê-los imediatamente.

Em segundo lugar, tentarei explicar o quanto, ou até onde, ele consegue perscrutar nossos pensamentos. Diversas coisas são concedidas que provam que Satanás pode ir longe em direção a uma descoberta:

Primeiro: Que ele conhece os objetos em nossa *fantasia* ou os *fantasmas* mentais, e isto de forma tão clara quanto nós vemos as coisas com nossos olhos. A prova disso é que existem sonhos diabólicos, nos quais o Diabo não pode criar novas espécies ou coisas com as quais nossos sentidos nunca tiveram contato (como fazer um homem cego sonhar com cores), mas

ele pode apenas evocar e organizar aqueles objetos cujas sombras ou impressões a nossa imaginação retém; e isto ele não poderia fazer se não os visualizasse em nossa fantasia.

Segundo: É certo que ele conhece suas próprias sugestões e *tentações* lançadas em nossas mentes; a partir das quais ele pode saber, no presente, em que nossos pensamentos estão ocupados.

Terceiro: Ele conhece as operações secretas de nossas paixões, como Amor, Desejo, Medo, etc., porque estas dependem de, ou estão em concomitância com os movimentos do sangue e dos espíritos, os quais ele pode discernir facilmente, embora seus movimentos e operações possam ser mantidos em segredo para a observação de todos os espectadores.

Quarto: Alguns vão além, como Escoto, supondo que ele saiba o que está em nossos pensamentos a qualquer momento, apenas não sabe para onde esses pensamentos se inclinam; mas deixo isso para aqueles que podem determiná-lo com certeza. Enquanto isso, procedo.

Em terceiro lugar, para mostrar que faculdade de suposição ele possui sobre aquilo que não conhece diretamente; ele tem tais fundamentos e vantagens para a conjectura que raramente falha em descobrir nossa mente:

Primeiro: Sua longa experiência ensinou-lhe o que os homens costumam pensar em casos que lhes são comuns; por uma observação astuta de suas ações e caminhos ele conhece isso.

Segundo: Ele, por estudo e observação, conhece nosso temperamento e inclinação e, consequentemente, quais *tentações* mais lhes convêm e como costumamos acolhê-las.

Terceiro: Ele conhece isto ainda mais ao observar nossas orações, nossas queixas e lamentos sobre nossos defeitos e falhas.

Quarto: Ele é rápido e pronto para notar qualquer sinal exterior pelo qual a mente se manifesta, como o pulso, o movimento do corpo, a mudança de semblante; todos os quais costumam mostrar o assentimento ou a recusa da mente e, ao menos, indicam a ele que acolhimento suas ofertas têm em nossos pensamentos.

Quinto: Sendo tão aguçado de visão, ele pode entender aqueles sinais particulares que escapariam à observação dos homens mais sábios. Há coisas pequenas em si mesmas (e, portanto, não observadas) que, contudo, para os sábios são grandes indicadores; o mesmo pode ser dito de nós em referência às nossas inclinações, nossa aceitação ou resistência às *tentações*, as quais ele marcou curiosamente.

Sexto: Sem dúvida, ele possui meios de nos levar a uma descoberta de nossos pensamentos enquanto os ocultamos, como ao continuar e prosseguir com *tentações* ou sugestões até que nossa perturbação ou paixões revelem de algum modo como as coisas estão conosco. Por tudo isso, aparece que suas suposições e conjecturas raramente o enganam.

É hora agora de falar da outra questão: **Se, e até onde, Satanás conhece as coisas por vir?** Para isto, darei a resposta nestas duas conclusões.

Primeira: Há uma maneira de conhecer as coisas futuras que está além do conhecimento dos demônios e é própria apenas de Deus (Is 41:23). Ali Deus estabelece a competição entre Si mesmo e os ídolos sobre a verdade da deidade neste ponto: que

aquele que puder mostrar as coisas que hão de vir, esse é Deus; o que, por não poderem fazer, Ele os convence de não serem deuses. Se Satanás pudesse verdadeira e propriamente fazer isso, ele teria um argumento para a divindade. Nas predições divinas, duas coisas devem ser consideradas: (1.) A matéria predita, quando eventos de coisas contingentes e (quanto às causas segundas) casuais, dependentes de causas indeterminadas, são preditos. (2.) O modo, quando estas coisas não são preditas de forma incerta, conjectural ou obscura, mas clara, certa, infalível e plenamente. Desta natureza são as predições divinas, que Satanás não pode realizar, nem mesmo os anjos no Céu.

Segunda: Contudo, Satanás possui tais vantagens para o conhecimento de coisas futuras, e tais meios e auxílios para a descoberta delas, que suas conjecturas frequentemente se concretizam.

Primeiro: Ele conhece as causas das coisas, que nos são secretas. Por meio disso, ele parece prever muitas coisas que nos são estranhas; assim como um médico pode prever os efeitos, operações e desfechos de uma doença por vê-los em suas causas, o que passaria por pouco menos que profecia entre o povo comum. Da mesma forma, um astrônomo prevê eclipses, o que seria tomado por uma excelência divina onde o conhecimento do fundamento dessa previsão não tivesse removido o espanto.

Segundo: Muitas coisas lhe são dadas a conhecer por revelação divina imediata. Não conhecemos o intercurso entre Deus e Satanás na questão de Jó. Satanás (tendo obtido sua comissão para afligi-lo) poderia ter feito uma longa profecia do que

aconteceria em relação a Jó, seus filhos e bens; quão inúmeras predições desse tipo ele pode fazer, pouco sabemos.

Terceiro: Ele possui uma visão profunda nos assuntos de reinos e estados e, assim, poderia (pela sua experiência e observação) facilmente conjecturar mutações e alterações. Um político pode fazer muito por essa via; pelo que sabemos, a profecia de Satanás (sob a semelhança de Samuel) a Saul, sobre sua ruína e a transferência de seu reino para Davi, poderia não ter passado de uma conclusão conjectural, ao comparar a ordem da presente Providência com ameaças e promessas anteriores.

Quarto: Ele possui um entendimento das profecias das Escrituras maior do que os homens mais sábios costumam ter; de modo que, de segunda mão, ele poderia ser capaz de prever o que acontecerá. Enquanto nós, que não enxergamos tão claramente as predições bíblicas, podemos não ser capazes de encontrar a questão. Daí que, por oráculo, ele previu a Alexandre o seu sucesso, o qual ele conhecia pela profecia de Daniel, capítulo 11, muito tempo antes.

Quinto: Ele possui vantagem pela sua natureza como espírito, pela qual ouve e vê as ações privadas, complôs e preparativos de homens em referência a certos empreendimentos, e pode facilmente, por seus agentes, comunicar tais conselhos ou resoluções em países e reinos remotos, o que deve passar por predições reais, se o evento corresponder.

Sexto: Ele pode prever (e com probabilidade de sucesso) coisas que ele mesmo, por meio da *tentação*, está prestes a induzir os homens a fazer, especialmente visto que pode escolher instrumentos que (pela experiência) ele sabe que não falharão em sua empreitada.

Sétimo: A isto pode ser acrescentado o modo e a maneira pela qual ele se expressa, seja em termos duvidosos ou enigmáticos, ou em expressões gerais, que podem ser aplicadas ao evento de qualquer forma que ele ocorra. Destas, os autores observaram muitos exemplos, os quais seria supérfluo enumerar.

Sendo assim explicado o conhecimento de Satanás, é fácil imaginar que vantagem ele possui no manejo de suas *tentações*: Pois, primeiro, ele por esse meio conhece nossos temperamentos e disposições. Segundo, e o que é mais provável de prevalecer conosco. Terceiro, quão inclinados estamos a qualquer movimento que nos seja proposto, e que esperança ele tem de ganhar terreno sobre nós. Quarto, ele conhece tempos e épocas oportunas e vantagens contra nós. Quinto, ele sabe como prosseguir com sugestões e pode escolher razões fortes para nos incitar. Sexto, ele sabe como iludir nossos sentidos e perturbar nossas paixões. Sétimo, ele conhece todos os caminhos e artes de pavor, vexações, inquietações, impedimentos e perturbações do dever. Oitavo, ele por este meio está munido de habilidade para suas trapaças públicas e *ilusões* no mundo, como confundir, assombrar e maravilhar os homens até levá-los a erros e equívocos, o que ele sempre buscou com grande sucesso no mundo, como veremos adiante.

CAPÍTULO V
Instâncias do Poder de Satanás

> *Sobre a Feitiçaria, o que ela é. O poder de Satanás argumentado a partir dela. Sobre Maravilhas. Se Satanás pode realizar Milagres. Um relato do que ele pode fazer nesse sentido. Seu poder argumentado a partir de Aparições e Possessões.*

Adicionarei, em quinto lugar, algumas instâncias particulares de seu poder, nas quais insistirei nestas quatro: *Feitiçaria*, *Maravilhas*, *Aparições* e *Possessões*.

Primeiro: A **Feitiçaria** oferece uma descoberta muito grande do poder de Satanás. Mas, porque alguns dão tais interpretações à feitiçaria que (se verdadeiras) retirariam totalmente a força desta instância, tentarei primeiro estabelecer uma noção correta de feitiçaria e, em segundo lugar, a partir daí, argumentar o poder de Satanás.

Primeiro: Embora a existência de feiticeiros não seja diretamente negada (porque a autoridade da Escritura em Ex 22:18, Dt 18:10, etc., determinou além de controvérsia que tais pessoas existem), ainda assim alguns não permitem outra interpretação da palavra senão uma habilidade e prática na arte do envenenamento, porque a Septuaginta interpreta a palavra hebraica *kashaph* por *pharmakeia*, envenenadora. Esta apreensão eles fortalecem pela autoridade de Josefo, que fornece este relato da Lei: *"Que nenhum dos filhos de Israel use qualquer veneno mortal, ou qualquer droga com a qual possa causar dano"*, etc. É fácil observar que esse conceito surge de uma grande inobservância da razão da aplicação dessas palavras, *pharmakeia* e *veneficus*, à feitiçaria nos autores gregos e latinos.

Supunha-se que as feitiçarias eram auxiliadas pela força de diversas ervas, e estas, por encantamentos e outras cerimônias em sua colheita, imaginava-se que atingiam uma qualidade ou eficácia venenosa e maligna para os efeitos pretendidos, como aparece em Ovídio, Virgílio e outros autores. Daí veio que a palavra *pharmakeia* se tornou aplicável a qualquer tipo de feitiçaria. A isto pode-se acrescentar que tais pessoas eram procuradas para ajuda contra doenças (veja Leigh, *Crit. Sac.* em *Voc.*). Também usavam unguentos para transportes; daí Godwin (*Jew. Antiq. lib. 4. c. 10*) traduzir *kashaph* por *unguentarios*. Dioscórides (*Cap. de Rhamno*) tem uma expressão neste sentido: *"Que o ramo daquela árvore, sendo colocado diante das portas, afasta as feitiçarias (pharmakeia)"*. Seria ridículo dizer que afasta envenenamentos; o que é evidência suficiente de que os gregos usavam essa palavra para significar outro tipo de feitiçaria além daquela que este equívoco estabeleceria. Além disso, a Escritura oferece dois fortes argumentos contra esta interpretação da feitiçaria: (1.) Que esta palavra é classificada com outras (como sendo da mesma aliança) que levarão as apreensões de qualquer homem ponderado a efeitos realizados pela ajuda de Satanás, de forma incomum, como em Dt 18:10: *Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha* (isto não é o consumo de seus filhos a Moloque, mas por via de lustração, um batismo simulado, uma peça de feitiçaria para preservar da morte violenta), *ou que use de adivinhação, ou agoureiro, ou prognosticador, ou feiticeiro*, etc. A própria vizinhança do feiticeiro nos dirá que este feiticeiro deve ser um adivinho, sendo a adivinhação o termo geral que compreende os sete particulares seguintes. Seria um esforço forçado colocar o envenenador (no sentido de nossos oponentes) entre os

adivinhos. Contudo, o segundo argumento é mais convincente, que é este: entre aqueles que Faraó convocou para enfrentar Moisés em Ex 7:11, encontramos feiticeiros ou magos expressos pela mesma palavra *kashaph*, que é usada em Êxodo 22 e Deuteronômio 18. O que pode fixar com mais certeza a interpretação da palavra do que este lugar, onde o fim da convocação de Faraó não era envenenar Moisés e Arão, mas, por encantamento, superá-los em termos de milagres? O que mostrará que feitiçaria não é envenenamento, mas a prática de atos estranhos com o auxílio de Satanás. Nem foi este o ato de um único homem (que possivelmente, junto com aquela era, estivesse sob um erro concernente a feiticeiros, embora seja algo que não se deve supor), mas, muito depois dele, Nabucodonosor em Dn 2:2, estando atônito com seus sonhos, chama os magos, ou feiticeiros, e os astrólogos, para lhe darem a interpretação; o que teria sido um assunto muito impróprio para eles se sua habilidade residisse apenas na mistura de venenos.

Quando silenciamos esta imaginação, temos ainda outra a enfrentar, que é a daqueles que pensam que esses feiticeiros, de quem os textos citados falam, não passam de meros trapaceiros que, por alguns truques de ilusão e prestidigitação, fingem que podem fazer coisas que, de fato, não podem fazer de modo algum; e, no entanto, encontrando a morte ameaçada a tais pessoas (o que, em um negócio de mera malabarismo, pareceria uma severidade excessiva), formularam esta resposta: que a morte é ameaçada não pelo malabarismo, mas por seu empreendimento presunçoso e blasfemo de fazer coisas que pertencem a um Poder Divino, e por tomar Seu Nome em vão. Ou (como outros preferem dizer) embora não tenham poder

real, são justamente punidos pela crença que têm de que podem causar tal dano, unida ao seu propósito de fazê-lo, se puderem.

Em resposta a esta apreensão, não insistirei muito nestas razões, as quais são suficientemente fracas (a última acusando as Leis de Deus de severidade irracional, e a primeira acusando-as de redundância desnecessária, visto que em outros lugares já há provisão suficiente contra blasfemadores), mas oferecerei uma consideração ou duas que julgo terem força para retificar o erro.

Primeiro: Embora não se possa negar que houve muitos trapaceiros em todas as eras, pelos quais os homens tentaram elevar a reputação e a estima de sua própria habilidade e excelência, ou para outros fins vis; contudo, concluir disso que todas as coisas que foram feitas sob o nome de feitiçaria eram tais, deve ser uma peça de insolência insuportável. Não apenas negando o crédito que todos os homens sóbrios devem à História, à crença constante de todas as eras, à fidelidade e sabedoria de juízes, jurados, testemunhas, leis e sanções, mas também derrubando perigosamente todos os nossos sentidos; de modo que, a este passo, poderíamos questionar se realmente comemos, bebemos, nos movemos, dormimos ou qualquer outra coisa que façamos. Esta razão é instada por homens graves e sérios.

Segundo: Não se pode imaginar que tais coisas sejam meramente ilusórias onde as confissões voluntárias de tantos acusaram a si mesmos e a outros, não de pensar ou de fazer malabarismos, mas de realmente *agir* e fazer tais coisas, com tais circunstâncias que detalharam tempo, lugar, objeto e maneira.

Terceiro: Os efeitos reais produzidos pelo poder da feitiçaria mostram que não se trata de uma ilusão. Tais são o transporte de pessoas por muitas milhas de suas habitações, deixando-as lá; o relato de coisas feitas em lugares remotos; o levantamento de tempestades e furacões; o vômito de alfinetes, agulhas, pedras, panos, couro e coisas semelhantes; e estes, alguns deles atestos por pessoas sóbrias e inteligentes que foram testemunhas oculares. Amplos relatos disso você encontra em Bodin, Sprenger e vários outros que tomaram essas relações deles.

Sendo a noção de envenenamentos ou malabarismos ilusórios inferior ao que a Escritura pretende apresentar como feitiçaria, é evidente que a feitiçaria é um poder de realizar grandes coisas com o auxílio do Diabo. Por meio do qual nosso caminho está aberto para aprimorar esta instância, para demonstrar (o que foi a segunda coisa prometida) que o poder de Satanás deve ser grande. Pois:

Primeiro: É reconhecido que uma grande parte daquelas coisas que são feitas nesta matéria, como concorrentes ou úteis para promover tais atos, são obras próprias de Satanás, como o perturbar o ar, levantar tempestades, aparições, várias formas e aparências, transportes de lugar em lugar, e muitas outras coisas de maravilha e espanto, todas as quais excedem o poder humano.

Segundo: Muitas coisas de maravilha feitas por tais pessoas — para as quais (alguns supõem) os poderes secretos de ervas ou objetos contribuem com seus auxílios naturais ou concorrência — são evidências do profundo conhecimento de Satanás e de sua percepção das causas naturais. Desta natureza é aquele unguento com o qual se diz que os feiticeiros se untam para o

seu transporte: o poder e a eficácia do qual são imaginados por alguns como consistindo nisto, que ele mantém o corpo habitável e em condição adequada para receber a alma por reentrada, após tais separações que (por todas as circunstâncias se conclui) foram realmente feitas em perseguição àquelas perambulações e transações visionárias. Se estas coisas são assim (como não são improváveis), os feiticeiros as obtêm por descoberta de Satanás e elas devem ser atribuídas ao seu poder.

Terceiro: Aquelas ações que são mais propriamente as ações dos próprios feiticeiros, e nas quais o poder de causar dano reside (como alguns supõem), são, não obstante, ou despertadas ou influenciadas por Satanás. Assim, embora concedamos (como alguns gostariam) que o poder de causar dano seja um poder natural e um magnetismo venenoso do feiticeiro, e que sua imaginação, pelo seu olho, dispare aqueles raios malignos que produzem danos reais sobre os homens (à maneira da força da imaginação sobre um filho no ventre, o que foi confirmado por experiência diária e pela história, produzindo marcas, impressões, deformidades e feridas), e que Satanás apenas engane o feiticeiro fazendo-o crer em sua ajuda naquela matéria, para que, com maior vantagem, ele possa fazer uso de seu poder, sem o qual nada poderia fazer; ainda assim, isso fala de sua habilidade, no fato de que, ao menos, ele desperta e eleva aquela força mágica (que de outro modo permaneceria adormecida) e assim coloca a espada nas mãos deles. No entanto, alguns lhe atribuem muito mais, a saber: a infusão de um fermento venenoso (por aquela ação de sugar o feiticeiro em alguma parte do corpo), pela qual não apenas a imaginação dele poderia ser aguçada por correntes venenosas respiradas, as quais poderiam infectar o sangue e os espíritos com uma tintura nociva.

A **segunda** grande instância de seu poder, produzirei a partir daquelas ações de maravilha e espanto que ele às vezes realiza, as quais, de fato, foram tão grandes que ocasionaram a pergunta:

Satanás pode realizar Milagres?

A isto respondemos: (1.) Que somente Deus pode realizar milagres. Sendo um milagre um ato real, feito visivelmente e acima do poder da natureza. Tais obras alguns classificaram em três cabeças: (1.) Aquelas que o poder criado não pode produzir, como fazer o sol parar ou retroceder. (2.) Aquelas que são em si mesmas produzíveis pela natureza, mas não em tal ordem a ponto de fazer os mortos viverem e os que nasceram cegos verem — o que é fortemente argumentado em Jo 9:32 como estando acima do poder humano e em Jo 10:21 como acima do poder dos demônios. (3.) Aquelas que são as obras usuais da natureza, contudo produzidas acima dos princípios e auxílios da natureza, como curar uma doença por uma palavra ou toque.

Coisas que são assim, verdadeira e propriamente milagrosas, são obras peculiares de Deus. Nem se pode imaginar que, visto que Ele se agradou em justificar Seus comandos, caminhos e mensagens por tais atos poderosos (2Co 12:12; Hb 2:4; Jo 10:38) e também foi instado a justificar a Si mesmo e Sua única e suprema Divindade contra falsos competidores (Sl 86:10 e 72:18) por Suas obras milagrosas, não se pode imaginar (digo eu) que Ele permitiria a qualquer ser criado (muito menos a Satanás) fazer tais coisas.

Segundo: Embora Satanás não possa fazer coisas milagrosas, ele pode fazer coisas maravilhosas e surpreendentes. E neste

ponto jaz o perigo da *ilusão*, como Cristo predisse em Mt 24:24: *Surgirão falsos cristos... e farão grandes sinais e prodígios*. Em 2Ts 2:9, o Apóstolo nos diz que a vinda do Anticristo será *com todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira*; ou seja (conforme alguns interpretam), com o poder de sinais e prodígios, os quais, contudo, são mentirosos, tanto em referência ao desígnio que visam (que é propagar erros) quanto em sua própria natureza, sendo verdadeiramente tais em relação à sua forma, mas falsos como milagres, não passando de trapaças de malabarismo. Contudo, há neles não pouca astúcia e atuação de Satanás, de tal modo que os incautos e sem discernimento são enganados por aquelas maravilhas que ele tem poder de realizar (Ap 13:13). Nesta matéria, embora não sejamos capazes de dar um relato detalhado dessas ações subterrâneas, contudo podemos dizer o seguinte:

Primeiro: Que em muitos casos, seus grandes atos, que passam por milagres, não são mais do que enganos dos sentidos. Naturalistas mostraram diversas proezas e truques deste tipo. Jo. Bap. Porta apresenta muitos modos de tais enganos por lâmpadas e diversas composições de óleos, pelos quais não apenas as cores das coisas são alteradas, mas homens aparecem sem cabeça, ou com cabeça de cavalo, etc. Enganos semelhantes são operados por vidros de várias figuras e formas. Se a arte pode fazer tais coisas, muito mais pode Satanás.

Segundo: Ele pode atuar poderosamente sobre a *fantasia* e a imaginação, por meio das quais os homens são ludibriados a crer em coisas que não existem. Assim como nos sonhos a fantasia apresenta coisas que são realmente imaginadas como feitas e ditas, embora sejam visões da noite que desaparecem quando o homem acorda; ou como em pessoas melancólicas, a

fantasia dos homens se impõe tão fortemente sobre eles que acreditam em coisas estranhas e absurdas sobre si mesmos — que têm chifres na cabeça, que são feitos de vidro, que estão mortos e o que mais houver. Se a fantasia, tanto dormindo quanto acordada, pode assim ludibriar os homens em uma apreensão de coisas impossíveis, e isso com confiança, não admira que Satanás (cujo poder alcança até esse ponto, como foi provado antes) tome essa vantagem para confundir os homens com coisas estranhas. O julgamento de Nabucodonosor em Dn 4:25, pelo qual ele foi expulso do meio dos homens e comeu erva como os bois, não foi uma metamorfose ou mudança real em um boi — o que todos os expositores rejeitam como sendo excessivo; nem parece ter sido apenas sua extrema necessidade e baixo estado, pelo qual parecia ser pouco melhor que uma besta (embora Calvino favoreça esta interpretação); mas pela expressão do versículo 34 — *"então me voltou o entendimento"* — parece evidente (como pensa a maioria dos comentaristas) que seu entendimento foi de tal modo alterado naquela punição que ele imaginou ser uma besta e comportou-se como tal, comendo erva e deitando-se em campos abertos. Há diversas histórias com esse propósito sobre transformações estranhas, como corpos de homens em asnos e outras bestas, as quais Agostinho pensa não serem nada além do poder do Diabo sobre a fantasia.

Terceiro: Existem segredos maravilhosos na natureza que, se astutamente usados e aplicados a coisas e tempos adequados, certamente espantarão mentes vulgares. E embora alguns destes sejam conhecidos por filósofos e eruditos, contudo há muitos segredos trancados para os homens mais sábios cujos poderes e naturezas, por não conhecerem, podem também ser iludidos por eles. Agostinho enumera muitas instâncias, como a

magnetita, a pedra pirita, a selenita, a fonte de Epiro que pode acender uma tocha e muitas mais; e determina que muitas coisas estranhas são feitas pela aplicação desses poderes naturais, seja pela inteligência do homem ou pela arte diabólica. Para este propósito, ele dá conta de uma lâmpada inextinguível em um templo de Vênus, que atraía os homens para adorarem ali como a uma divindade inquestionável, quando na verdade a coisa não passava de uma composição engenhosa da pedra amianto (asbesto), da qual Plínio faz menção que, sendo acesa, não se apaga com água. Desta natureza eram aquelas lâmpadas encontradas em diversas criptas acompanhando as cinzas dos mortos, guardadas ali em urnas, tanto na Inglaterra quanto em outros lugares. Se os homens, por tais auxílios, encontram meios tão fáceis de enganar, que exatidão de execução e que aparentes maravilhas se pode esperar de Satanás sob tais vantagens?

Quarto: Muitas de suas maravilhas podem reivindicar uma origem mais alta. Satanás conhece os caminhos secretos das operações da natureza, e os modos de acelerar ou retardar essas obras. De modo que ele pode não apenas fazer o que a natureza faz por uma aplicação devida de princípios ativos a passivos e a ajuda daqueles poderes seminais que estão nas coisas, mas pode-se supor que ele as realize de maneira mais rápida e expedita. Assim, vermes, moscas e serpentes que nascem da putrefação, Satanás pode produzir velozmente. E quem pode dizer até onde este auxílio pode chegar em suas obras de maravilha?

Quinto: O caminho secreto dos movimentos e atuações de Satanás não é assunto pequeno nestes assuntos. Quantas coisas os malabaristas comuns fazem pelos movimentos rápidos de

suas mãos que parecem incríveis? Assim eles fazem os espectadores acreditarem que mudam as substâncias, naturezas e formas das coisas quando eles apenas, por um transporte rápido, retiram essas coisas e colocam outras em seu lugar. Aqueles que considerarem Satanás como um espírito, sutil, imperceptível, rápido em movimento, etc., facilmente acreditarão que ele é mais capacitado para tais transportes do que todos os homens do mundo.

Tendo visto o caminho de suas maravilhas, consideremos em seguida a vantagem que ele obtém por tais ações. Se olharmos para Simão, o Mago, em At 8:10-11, descobrimos que ele, por esses caminhos, exercia uma influência geral sobre o povo: *Ao qual todos davam ouvidos, desde o menor até o maior*; e que suas ações eram consideradas nada menos que milagrosas, como feitas pelo soberano poder de Deus. Se formos de lá para os magos de Faraó, em Ex 7:11, diz-se que *eles fizeram o mesmo com seus encantamentos*, o que (seja como for que tenha sido) prevaleceu tanto com Faraó e a corte que não viram diferença entre as maravilhas feitas por Moisés e por eles, exceto que (talvez) tenham pensado ser Moisés o mago mais habilidoso. Mas, além disso, se considerarmos o que fizeram, isso argumentará muito a favor de seu poder; se pudermos imaginar (como alguns fazem) que transformaram suas varas em serpentes reais, o poder é evidente. E há isto que favorece tal opinião: diz-se que *não puderam fazer piolhos*, o que parece implicar que realmente fizeram as outras coisas, e teria sido tão fácil iludir os sentidos na questão dos piolhos quanto na das varas, se não passasse de uma ilusão. Nem faltam alguns que deem uma razão para tal poder, a saber: serpentes, piolhos, etc., sendo progênie da putrefação, por sua aplicação destra dos princípios seminais das coisas, ele poderia produzi-los

rapidamente. Se descermos mais e aceitarmos a opinião daqueles que pensam que não foram meras ilusões nem serpentes verdadeiras, mas corpos reais semelhantes a serpentes, embora sem vida, isto argumentará um poder muito grande. Ou se supusermos (como alguns fazem) que Satanás retirou as varas e secretamente transportou serpentes em seu lugar, ou (que é a apreensão mais baixa que podemos ter) que a visão de Faraó foi enganada: o assunto ainda está longe de ser desprezível, porquanto vemos que os espectadores não foram capazes de discernir a trapaça.

Terceiro: A próxima instância apresentável para evidenciar o seu poder é a das **Aparições**. Não se pode negar que a fantasia de pessoas melancólicas ou temerosas é fértil o suficiente para criar mil espantalhos. E também que a vilania de algumas pessoas tem sido deliberadamente empregada para enganar o povo com falsas aparições, das quais abundantes exemplos poderiam ser dados a partir da velhacaria dos papistas, descoberta ao mundo além de qualquer contradição. Mas tudo isso não provará que não existam aparições reais de espíritos ou demônios. Tais efeitos tristes houve em todas as eras que a maioria dos homens aceitará isso como uma verdade inegável.

Em vez de outros exemplos, deixemos que a aparição em Endor a Saul venha a exame. Alguns, de fato, querem que acreditemos que tudo aquilo não passou de uma farsa astuta, gerida por aquela velha mulher, e que nem Samuel nem o Diabo apareceram, mas que a mulher, em outro aposento sozinha, ou com um cúmplice, deu a resposta a Saul. Mas quem quer que leia aquela história e considere a reverência e o discurso de Saul, e as respostas dadas, deve reconhecer que

Saul pensou, ao menos, que viu e falou com Samuel; e, de fato, toda a transação é tal que tal farsa não pode ser suposta.

Satisfazendo-nos, então, de que houve uma aparição, devemos em seguida indagar se era o verdadeiro Samuel ou Satanás. Não se pode negar que muitos julgam ter sido o verdadeiro Samuel, mas suas razões são fracas:

(1.) Aquela prova de Eclesiástico 46:23 não é canônica para nós.

(2.) O fato de ele ser chamado de Samuel não tem força; a Escritura frequentemente dá nomes às coisas conforme suas aparências.

(3.) O fato de coisas futuras terem sido previstas foi apenas por conjectura, na qual Satanás (consideradas todas as coisas) tinha bons fundamentos para sua suposição.

(4.) O fato de o nome *Jeová* ser repetido com frequência não significa nada; o Diabo não é carente de palavras; *conheço a Jesus*, diz aquele espírito nos Atos.

(5.) O fato de ele ter repreendido o pecado em Saul não é mais do que o Diabo faz diariamente às consciências aflitas para levá-las ao desespero.

Devo seguir, então, com aqueles que acreditam que este era Satanás sob a semelhança de Samuel:

(1.) Porque Deus recusou responder a Saul por profetas ou pelo Urim. E é duro demais pensar que Ele enviaria Samuel dentre os mortos, respondendo-lhe assim de forma extraordinária.

(2.) Isto (se tivesse sido Samuel) teria dado apoio excessivo à feitiçaria, contrariando aquela repreensão a Acazias em 2Rs

1:3: *É, porventura, por não haver Deus em Israel que ides consultar a Belzebu?*

(3.) A predição da morte de Saul, embora verdadeira em substância, falhou quanto à exatidão do tempo, pois a batalha não foi travada no dia seguinte.

(4.) O reconhecimento do poder da bruxa (*"Por que me inquietaste?"*) mostra que não poderia ser o verdadeiro Samuel, não sendo o poder da feitiçaria capaz de alcançar almas em repouso com Deus.

(5.) Aquela expressão de "deuses subindo da terra" é evidentemente suspeita.

Sendo assim estabelecida a realidade das aparições, o poder de Satanás será facilmente evidenciado a partir delas. Para não dizer nada sobre os corpos nos quais os espíritos aparecem, o assombramento de lugares e pessoas, e os outros efeitos produzidos por tais aparições falam abundantemente em seu favor.

Quarto: A última instância é a das **Possessões**, cuja realidade não pode ser questionada de modo algum, porque o Novo Testamento oferece tanto sobre o assunto. Apenas anotarei algumas coisas concernentes a este cabeçalho: Como,

Primeiro: As multidões de homens possuídos. Raramente houve algo em que Cristo teve mais oportunidades de demonstrar Sua autoridade do que ao expulsar Satanás; tais objetos de compaixão Ele encontrava em todo lugar.

Segundo: A multidão de espíritos em uma única pessoa é uma consideração a não ser ignorada.

Terceiro: Estas pessoas eram frequentemente agidas com força, às vezes com ferocidade e raiva (Mt 8:28); alguns vivendo sem roupas e sem casa (Lc 8:27); alguns por uma força incrível quebrando cadeias e grilhões (Mc 5:3).

Quarto: Algumas vezes os possuídos eram tristemente afligidos e atormentados, lançados no fogo e na água, etc.

Quinto: Alguns eram estranhamente influenciados. Lemos sobre uma pessoa em At 16:16 que tinha um espírito de adivinhação e dizia muitas coisas por vir, as quais podemos supor que frequentemente se concretizavam; do contrário, ela não teria trazido lucro ao seu senhor por adivinhação. Ouvimos falar de outro cuja possessão era com uma epilepsia e tinha acessos em certos tempos e épocas. A pessoa possuída com quem o Sr. Rothwell conversou (na memória de alguns ainda vivos) podia agir como crítico na língua hebraica.

Sexto: Em alguns, a possessão era tão forte e tão firmemente assentada que os meios e caminhos comuns não podiam desapossá-los. Este tipo não sai senão por oração e jejum (Mt 17:21), o que mostra que nem toda possessão era de um único tipo e modo, nem igualmente sujeita à expulsão.

A todas estas podem ser adicionadas as **Obsessões**, onde o Diabo aflige os corpos dos homens, inquieta-os, assombra-os ou atinge seu temperamento melancólico, e assim aborrece com representações horrendas e sombrias. Assim Saul foi atormentado por um espírito maligno da parte do Senhor, o qual (como a maioria concebe) era o Diabo trabalhando em seu humor melancólico. Que o Diabo tome posse dos corpos dos homens e assim os incite, conduza, perturbe e angustie; que de tal modo distorça, distenda e torture seus membros; que de tal

modo se assente em suas línguas e mentes, que um homem não possa comandar suas próprias faculdades e poderes, mas pareça ser transformado na natureza de um diabo em vez de reter qualquer coisa de homem — isso mostra um poder nele que deve ser temido.

Sendo o poder de Satanás assim explicado e provado, falarei em seguida algo sobre sua Crueldade.

CAPÍTULO VI
Sobre a Crueldade de Satanás

> *Instâncias desta em seu trato com espíritos feridos, em tentações comuns dos ímpios e dos piedosos, em perseguições, em crueldades no culto. Sua maneira cruel de lidar com seus escravos.*

Aquele que considerar sua malícia e poder deve inevitavelmente concluir que ele é cruel. A malícia é sempre assim, onde possui a vantagem de uma força proporcional e oportunidade para a execução de suas tramas odiosas. Ela bane toda piedade e comiseração e segue apenas o ditame de sua própria fúria com tal ferocidade que é limitada apenas pela falta de poder para executar. Podemos então dizer de Satanás que, conforme sua malícia e poder, tal é sua crueldade. A verdade disso será abundantemente manifestada por instâncias: Como,

Primeiro: A partir de suas perseguições desesperadas de vantagem sobre aqueles cujos espíritos estão feridos. A

angústia de uma consciência aflita é indizivelmente grande, de tal modo que muitos (como Hemã em Sl 88:15) chegam a estar perturbados enquanto sofrem os terrores do Todo-Poderoso. Estes, embora olhem ao seu redor em busca de ajuda e convidem todos os que passam a ter piedade deles, porque a mão do Senhor os tocou, contudo Satanás ri de sua calamidade, zomba deles sob seus medos e faz tudo o que pode para aumentar a chama. Ele sugere pensamentos terríveis de uma Majestade incensada; gera apreensões terríveis de ira infinita e condenação; agrava todos os seus pecados para fazê-los parecer imperdoáveis. Cada ação ele chama de pecado, e cada pecado ele representa como um abandono deliberado de Deus; e cada transgressão deliberada ele lhes diz ser o pecado contra o Espírito Santo. Ele os confunde em suas orações e serviços e então acusa seus deveres como profanações intoleráveis do Nome de Deus; e se eles forem, finalmente, afugentados destes deveres, ele então clama que eles foram abandonados por Deus porque O abandonaram. Ele (como um verdadeiro Belzebu) remexe em suas feridas, como moscas que estão sempre sugando onde há uma chaga. Os clamores e lamentos deles são como música para ele, de modo que ele não lhes dá descanso; e com tal triunfo ele pisa sobre aqueles que assim jazem no pó, que os faz, às vezes, acusarem a si mesmos daquilo que nunca fizeram, e em zombaria insulta-os em suas maiores perplexidades com isto: *"Onde está agora o teu Deus? e quem te livrará da minha mão?"*. Isto seria o suficiente para evidenciá-lo totalmente desprovido de compaixão. Mas,

Segundo: Ele não mostra menos crueldade no uso daqueles que são seus escravos. O serviço que ele exige daqueles que são seus servos mais voluntários não é menos do que a mais alta crueldade; e não apenas (1.) quanto à miséria e destruição que

ele os faz labutar para si mesmos (a qual é muito maior do que onde homens são forçados pelos tiranos mais brutais a comprar seu próprio veneno ou a cortar suas próprias gargantas, porque isso é indizivelmente menos do que as misérias infindáveis dos tormentos eternos); mas (2.) também quanto à própria escravidão e labuta penosa do serviço que ele exige deles. Ele não se contenta com que eles pequem, mas as iniquidades mais vis, mais contrárias a Deus e mais abomináveis ao homem — como as mais altas violações das Leis da Natureza e da Razão — são as coisas que ele os incitará a fazer, onde não houver restrições em seu caminho. Ele impeliu os pagãos (como Paulo testifica em Rm 1) a afeições tão vis e repugnantes que, em seu modo de pecar, pareciam agir mais como brutos do que como homens, tornando-se suas mentes tão sem discernimento que perderam todo o senso do que era adequado e decoroso. Nem (3.) satisfaz sua crueldade que as piores abominações sejam praticadas, mas ele os incita ao mais alto desespero na maneira da execução, e assim os atrai para a frente da batalha, para que possam desprezar e desafiar a Deus em Sua face. Ele quer que pequem com mão levantada e, na mais alta bravata de loucura, corram para o pecado como o cavalo para a batalha. Esta crueldade de Satanás seria ainda menor se ele os trouxesse apenas presunçosamente em uma ou duas batalhas armadas em ocasiões especiais. Mas (4.) ele deseja que este seja o trabalho constante deles, a tarefa de cada dia, sob o mesmo pretexto que Aitofel aconselhou Absalão: a uma desonra aberta e declarada das concubinas de seu pai, para que assim a ruptura entre eles e Deus fosse fixada por uma determinação resoluta e, consequentemente, que suas mãos fossem fortes e seus corações endurecidos em rebelião contra Deus. E (5.) para que Satanás não ficasse aquém do máximo que a crueldade pudesse

fazer, podemos ainda observar que, embora pecadores se ofereçam voluntariamente o suficiente para o conflito contra Deus nos lugares altos do campo, contudo, como que insatisfeito com a prontidão deles, ele os açoita e chicoteia em seu trabalho e, às vezes, os sobrecarrega em seu próprio empenho. Hamã foi tão apressado e dominado por um ódio violento contra Mardoqueu e os judeus que seu próprio engrandecimento e as marcas de favor singular do rei não lhe valeram de nada quanto a qualquer satisfação e contentamento presente. Acabe, embora rei de Israel, foi tão veementemente instigado em seus desejos pela vinha de Nabote que cobriu seu rosto e adoeceu por causa disso. Assim, como escravos de galés, eram eles acorrentados ao seu remo e forçados ao seu trabalho além de sua própria força.

Terceiro: Há também uma crueldade vista em suas incessantes provocações e força sobre os filhos de Deus, enquanto ele instiga suas detestadas *tentações* sobre eles contra a vontade deles. Quando considero o clamor de Paulo neste caso (Rm 7:15, 19: *Pois o que faço, não o aprovo; porque o que quero, isso não faço*, etc.), meus pensamentos representam-no para mim como aqueles cristãos que foram torturados no cocho, onde a água era vertida por um fluxo contínuo sobre suas bocas até que o pano que cobria seus lábios fosse forçado garganta abaixo; ou como aqueles que tiveram água de poça fedorenta derramada por um funil em seus estômagos até estarem prontos a explodir. E certamente ele se sentia sob um trato muito cruel de Satanás quando exclamou: *Miserável homem que eu sou! quem me livrará?*. Se considerarmos seriamente a mente e os esforços daqueles filhos de Deus que estão lutando contra o pecado e o rejeitaram como a coisa mais repugnante e abominável, quando Satanás os instiga ao mal com suas

importunações incessantes, é como se fossem forçados a comer seus próprios excrementos ou a engolir novamente seu próprio vômito; pois o Diabo apenas (por assim dizer) empurra estas *tentações* goela abaixo contra a vontade deles.

Quarto: Se lançarmos o olhar sobre as perseguições de todas as eras, teremos dali o suficiente para acusar Satanás de crueldade; pois ele, que é chamado de homicida desde o princípio, pôs todas em marcha. É ele quem encheu o mundo de sangue e fúria e, em todas as eras, em um lugar ou outro, fez dele um verdadeiro matadouro e casa de abate de homens. (1.) Podemos contar quantas vezes Satanás esteve neste trabalho? Isso é impossível. Suas tentativas mais públicas e gerais são notadas pelas histórias de todas as eras. As perseguições de Faraó contra Israel, e dos adversários prevalecentes de Israel e Judá, contra ambos ou qualquer um deles, estão registradas em sua maioria na Escritura. As perseguições dos imperadores romanos contra o Cristianismo são suficientemente conhecidas, e o que ainda está por vir, quem o poderá dizer? Uma grande perseguição pelo Anticristo era a crença e expectativa geral daqueles que viveram no tempo de Agostinho e muito antes; mas se esta seria mais uma, somada às dez perseguições anteriores (para que o paralelo entre estas e a ruína de Faraó no Mar Vermelho após suas dez pragas corresse de forma igual), ou se outras também são esperadas, ele pensa ser presunção e temeridade determinar. Contudo, seus assaltos particulares desta natureza não podem ser numerados. Quão ocupado está ele ainda neste trabalho, em todos os tempos e lugares? De tal modo que aquele que quiser viver piamente neste mundo deve sofrer perseguição. Mas (2.) se considerarmos, além disso, que invenções e dispositivos de crueldade e tortura ele descobriu, e que variedade infindável de dores e misérias ele preparou (um

catálogo das quais preencheria uma grande quantidade de papel), não podemos senão maravilhar-nos com a fúria implacável e a raiva inabalável daquele que as idealizou. Satanás, o grande engenheiro, apenas nos dá o quadro de sua mente em todos aqueles instrumentos de destruição. E quando vemos entre tiranos modos de torturar cada membro do corpo e artes de multiplicar as mortes — para que aqueles que perecem por suas mãos não tivessem sequer a misericórdia de um despacho rápido, mas que pudessem sentir a si mesmos morrendo — podemos refletir isso sobre Satanás, nas palavras de Jacó a Simeão e Levi: *Maldito seja o seu furor, pois era forte, e a sua ira, pois era cruel* (Gn 49:7). (3.) Mas se considerarmos que instrumentos ele utiliza e contra quem, veremos a crueldade em uma exaltação ainda maior. Tivesse ele usado alguns dos animais da terra, ou alguns de seus associados apóstatas, para perseguir e afligir os cordeiros inocentes de Cristo, isso poderia ser muito desculpado pelo instinto natural ou pela maldita antipatia de tais agentes. Ou tivesse ele usado apenas o que há de mais vil entre os filhos dos homens para agir sua fúria trágica, o assunto seria menor. Mas, como que não satisfeito com a vingança comum, ele persegue homens por meio de homens, embora todos de um mesmo sangue e linhagem, e assim perverte os fins da natureza, fazendo daqueles que deveriam ser o conforto e o apoio dos homens o seu maior terror e maldição — coisa que a própria natureza abomina e em relação à qual (para que as impressões de piedade fossem mais permanentes e eficazes) Deus proibiu Israel de cozer o cabrito no leite de sua própria mãe. Mais ainda, ele prevaleceu sobre alguns de boas inclinações e raras realizações (pois tais foram alguns dos imperadores perseguidores) para serem seus delegados,

autorizando o cavalete de tortura, providenciando fogo e combustível; e (o que é estranho) prevaleceu tanto com eles que se dispuseram a abrir seus ouvidos às mentiras mais palpáveis, às falsificações mais grosseiras e às sugestões mais irracionais que a malícia conhecida pudesse inventar. E então, depois de tudo, quando eram arrastados para a carniçaria e para o abate em multidões, fizeram de tais espetáculos (que deveriam causar impressões em um peito de ferro ou em um coração de diamante) apenas incrementos de sua alegria; e, como Nero ao ver a Roma em chamas tomou sua harpa e fez melodia, assim esses furiosos atormentadores incendiaram (com a ajuda de matéria combustível) multidões de tais criaturas inofensivas e, então, aproveitaram a oportunidade da luz delas para seus esportes noturnos. E ainda (parece-me) o Diabo descobriu uma fúria mais aguçada quando os fez enfurecer-se contra os mortos, cavar suas sepulturas e vingar-se sobre suas cinzas insensíveis e, quando nada mais podiam fazer, buscar agradar-se executando sua raiva contra suas pinturas ou estátuas; ações que, embora pudessem ser condenadas como tolices, são evidências da mais alta fúria, que comumente destrói o julgamento e sacrifica o intelecto, a razão e a honra sobre o altar da vingança. Que o Diabo envenenasse de tal modo a natureza do homem, a ponto de ele se levantar assim contra o seu semelhante, que carrega o mesmo ser específico que ele, mostra o suficiente de seu temperamento contra o homem, mas nunca tanto quanto quando prevalece contra os compromissos de bondade, sangue, afinidade e relação para levantar os inimigos de um homem de sua própria casa: o pai contra o filho e o filho contra o pai; a filha contra a mãe e a mãe contra a filha. Pois isto é pouco menos que um motim antinatural dos membros contra o corpo.

Quinto: Temos ainda uma instância mais visível de sua crueldade em suas superstições sangrentas e tirânicas. Olhe apenas para os ritos e formas de seu culto entre os pagãos em todas as eras e lugares, e você não encontrará nada além de tolices vis e ridículas, ou usos insolentes e desdenhosos. Nas primeiras, ele conduziu os homens a devassidões vilãs; nas últimas, a crueldades execráveis. Das últimas apenas falarei (embora nas primeiras, ao rebaixar o homem para ser seu objeto de riso, ele seja cruel em seu escárnio e zombaria). Aqui eu poderia mencionar suas cerimônias tirânicas de ordem inferior, tais que não tocam a vida; tais foram suas peregrinações cansativas, como em Ceilão; seus açoites dolorosos, como os dos jovens de Lacedemônia no altar de Diana; de seus sacerdotes, e isso com cordas de nós sobre seus ombros, como no México e na Nova Espanha; seus usos severos em jejuns tediosos, poções fétidas, deitarem-se em pedras duras, comerem terra, abstenções estritas de vinho e comércio; suas torturas e mutilações de seus corpos por incisões e cortes terríveis para a efusão de sangue; o desmembramento de si mesmos, arrancando seus olhos, retalhando sua carne para lançar na face dos ídolos, sacrificando seu próprio sangue, como fizeram os sacerdotes de Belona e Deasyria; assim fizeram os reis da Nova Espanha em sua eleição, como Montezuma II, que sacrificou extraindo sangue de seus ouvidos e das panturrilhas de suas pernas. Em Narsinga e Bisnagar, eles fazem suas peregrinações com facas espetadas em seus braços e pernas até que a carne ferida apodreça. Alguns se lançam sob as rodas da carruagem na qual o seu ídolo é levado em procissão. Contudo, tudo isso são apenas assuntos pequenos em comparação com os ultrajes sangrentos cometidos contra a humanidade no costume

abominável de sacrificar homens a ele. Disso muitos autores nos dão um grande relato: os lacedemônios, para desviar a peste, sacrificam uma virgem; os atenienses (por conselho do oráculo de Apolo) enviavam anualmente ao rei Minos sete machos e tantas fêmeas para serem sacrificados para apaziguar a ira do deus pela morte de Androgeu; os cartagineses (sendo vencidos por Agátocles, rei da Sicília) sacrificaram duzentos filhos de nobres de uma só vez; os romanos tinham todos os anos tais sacrifícios de homens e mulheres (de cada sexo dois) por um longo tempo. E isso era tão comum entre as nações pagãs mais sábias que, sempre que caíam em perigo, fosse de guerra, doenças ou qualquer outra calamidade, eles prontamente (para expiar suas ofensas contra seus deuses supostamente incensados e para se livrarem de suas misérias ou perigos presentes) sacrificavam algumas pessoas humildes, que por essa razão eram chamadas de *Katharmata*, expiações. A isto alude o Apóstolo em 1Co 4:13 (como Budaeus, Stephanus, Grotius e muitos outros pensam), como se dissesse: *Somos tão desprezados e carregados de maldições quanto aqueles que são sacrificados para a expiação pública*. Mas que trato cruel podemos esperar para as pobres nações bárbaras do mundo, onde ele teve todas as vantagens possíveis para o exercício de sua tirania sangrenta? Muitas instâncias tristes deste tipo são coletadas por Purchas em sua *Peregrinação*, em seus discursos sobre a Virgínia, Peru, Brasil, México, Flórida e outros lugares, cujas histórias sobre este assunto são tão terríveis e ocorrem tão frequentemente que estão quase além de toda crença. Omito todas elas por brevidade, contentando-me em notar uma instância ou duas da Escritura: 2Rs 3:27 — o rei de Moabe tomou o seu filho mais velho que deveria reinar em seu lugar e ofereceu-o em holocausto sobre o muro; isso ele fez (conforme

os costumes dos fenícios e outros), sendo reduzido a grandes apertos, supondo ser este meio (como seu último refúgio) para desviar a ira de seu deus. De Acaz está registrado em 2Cr 28:3 que queimou seus filhos no fogo, segundo as abominações dos gentios. Que isto não foi uma lustração ou consagração de seus filhos (embora isso também fosse usado), mas um sacrifício real, é indubitável para Josefo, que o expressa assim: *"Ele ofereceu seu filho como um holocausto"*. Mas, independentemente do que Acaz tenha feito, é certo que os filhos de Israel agiram assim: *Sacrificaram seus filhos e suas filhas aos demônios* (Sl 106:37). E se os sacrifícios dos mortos que comeram no deserto (mencionados no versículo 28) forem entendidos como os banquetes feitos na queima de seus filhos, como alguns pensam (embora muitos entendam como referentes aos seus deuses mortos e insensíveis, ou seus heróis falecidos, ou por seus amigos falecidos), então esta crueldade logo se apoderou deles. Contudo, apoderou-se deles, de fato, como aparece também pela descrição de seu devorador Moloque, que os rabinos judeus dizem ser uma imagem oca de bronze na forma de um homem (exceto que tinha a cabeça de um bezerro), os braços estendidos em postura de recepção; a imagem era aquecida com fogo e o sacerdote colocava a criança em seus braços, onde era queimada até a morte. Enquanto isso, fazia-se barulho com tambores para que os gritos da criança não fossem ouvidos e, por isso, era chamado de Tofete, de *Toph*, que significa um tambor. Assim, o nome e a forma da imagem mostram que era usada para estas crueldades execráveis.

Estas evidências das Escrituras (se fôssemos tardios em acreditar no que as histórias dizem sobre o assunto) podem nos assegurar do temperamento e disposição de Satanás e podem

nos capacitar a crer que trabalho sangrento ele realizou no mundo, o qual resumirei brevemente nestes particulares:

Primeiro: Estes sacrifícios desumanos, ou antes, como Purchas os chama, *sobre-humanos*, eram praticados na maioria das nações. Não apenas os índios, partos, mexicanos, etc., mas etíopes, sírios, cartagineses, gregos, romanos, alemães, franceses e bretões os usavam.

Segundo: Estas crueldades eram praticadas não apenas sobre escravos e cativos, mas sobre crianças, cuja idade e inocência poderiam ter comandado a compaixão de seus pais para um trato melhor.

Terceiro: Estes sacrifícios eram usados em diversas ocasiões, como no brotar de seus cereais, na inauguração, coroação e morte de seus reis e nobres, em tempos de guerra, escassez, peste ou qualquer perigo. Em suma (como os sacerdotes na Flórida e no México costumavam dizer), sempre que o Diabo está com fome ou sede, isto é, tão frequentemente quanto ele tem vontade.

Quarto: Em alguns lugares, o Diabo os levava a tempos determinados para aquelas ofertas; algumas eram mensais, outras anuais. Os latinos sacrificavam o décimo filho; o afogamento anual de um menino e uma menina no lago do México; o lançamento de dois anualmente da Ponte Mílvia em Roma para o Tibre são apenas instâncias pequenas em comparação com o resto.

Quinto: Não podemos ignorar o vasto número de homens oferecidos de uma só vez. Tão sedento de sangue humano é Satanás que, de um ou dois, ele elevou o número de forma incrível; em alguns sacrifícios cinco, em alguns dez, em alguns

cem, em alguns mil foram oferecidos. Foi o argumento que Montezuma, o último imperador do México, usou para Cortez para provar sua força e grandeza: que sacrificava anualmente vinte mil homens, e em alguns anos cinquenta mil. Alguns reservavam seus cativos para esse fim, outros faziam guerra apenas para se munirem de homens para tais ocasiões.

Sexto: Há também diversas circunstâncias destes ultrajes diabólicos que podem dar uma descoberta adicional de sua crueldade, como o fato de estas criaturas miseráveis assim conduzidas ao abate terem sido carregadas com todas as maldições, injúrias e reproches contumazes, como um concomitante necessário de suas mortes violentas. Assim eram usados aqueles que eram forçados a ser os *Katharmata* públicos, ou expiação, para a remoção de calamidades comuns. A morte também não era suficiente, exceto se fosse muito atormentadora na maneira de sua execução, como a daqueles que sofriam pelos abraços de Moloque. A alegria e os banquetes de tais sacrifícios (que eram em si mesmos espetáculos de lamento e tristeza) eram crueldades para com os mortos e uma imposição bárbara contra as leis da natureza nos vivos. Mas o arremesso do coração fumegante na face do ídolo e o esfolamento das peles dos corpos massacrados para que homens e mulheres pudessem dançar nelas eram cerimônias ainda mais cruéis. E, por fim, naqueles que foram preparados para tais solenidades com iguarias deliciosas, ornamentos luxuosos e as mais altas reverências ou honras (como era o costume de vários países), isso não passava de Satanás insultando as suas misérias, do que não podemos dizer outra coisa senão que as suas mais ternas misericórdias são crueldades.

Sétimo: Posso acrescentar à conta que, em alguns lugares, Satanás (por uma estranha loucura de devoção) persuadiu alguns a serem voluntários no sofrimento destas torturas e mortes. Alguns se lançaram sob as rodas das carruagens de seus ídolos e assim foram esmagados. Alguns sacrificam a si mesmos aos seus deuses; primeiro cortam vários pedaços de sua carne, gritando a cada vez: *"Pelo culto ao meu deus, corto esta minha carne"*; e por fim dizem: *"Agora me entrego à morte em favor do meu deus"*, e assim matam-se de imediato.

Oitavo: É maravilhoso pensar que o Diabo devesse (por estranhos pretextos de razão) ter suavizado estas desumanidades bárbaras de tal modo que se tornaram coisas plausíveis nos julgamentos daqueles miseráveis. Nos sacrifícios expiatórios, acreditavam que, a menos que a vida de um homem fosse dada pela vida de homens, os deuses não poderiam ser pacificados. Em outros sacrifícios, tanto eucarísticos quanto para expiação, retinham este princípio: que aquelas coisas devem ser oferecidas aos deuses que nos são mais agradáveis e aceitáveis; e que a oferta de um bezerro ou um pombo não era adequada para tal fim. Este máxima eles aprimoraram ainda mais pela adição de outra do mesmo tipo: que se fosse adequado oferecer um sacrifício humano, este deveria também ser inocente e, consequentemente, as criancinhas seriam as mais aptas para tal propósito. E alguns também conjecturaram que o Diabo não deixou de aprimorar o exemplo de Abraão sacrificando seu filho, ou a Lei em Lv 27:28, ou as profecias sobre a morte de Cristo como o grande Sacrifício de Expiação, para justificar e autorizar sua crueldade infernal. Em alguns casos, a crueldade surgiu dos próprios princípios de reverência e amor que os filhos têm para com os pais, e os amigos para com os amigos, como em Dragoian,

onde, quando alguém adoece, enviam ao seu oráculo para saber se a parte viverá ou morrerá; se respondido que morrerá, então seus amigos os estrangulam e os comem; e tudo isso a partir de uma espécie de respeito religioso aos seus parentes, para preservar (como imaginam) a sua carne da putrefação e suas almas do tormento. O mesmo fazem em Java Major: quando seus amigos envelhecem e não podem trabalhar, eles não comem seus próprios amigos, mas os levam ao mercado e os vendem para aqueles que os comem.

Por último, lembremo-nos de quanto tempo o Diabo dominou o mundo com este nível de crueldade. Quando o mundo cresceu para um uso mais livre da razão e maior exercício da civilidade, encontraram meios de mitigação e mudaram estes ritos bárbaros para sacrifícios mais toleráveis; como em Laodiceia, onde substituíram um cervo para ser sacrificado em vez de uma virgem; em Chipre, um boi foi colocado em lugar de um homem; no Egito, imagens de cera em lugar de homens; imagens de palha em Roma eram lançadas no Tibre em lugar de homens vivos; e as terríveis queimas de Moloque (que não eram peculiares apenas às nações próximas a Canaã, mas estavam em uso também em Cartago, e foram encontradas nas ilhas americanas pelos espanhóis; imagens de bronze semelhantes foram também encontradas no tempo de Lodovicus Vives pelos franceses, em uma ilha chamada por eles Carolina). Estas foram, por fim, mudadas para uma [falsa] purificação e, em vez de queimarem seus filhos, apenas os passavam entre dois fogos; mas levou muito tempo antes de chegar a isso. No tempo de Sócrates, sacrifícios humanos estavam em uso em Cartago e continuaram nas províncias romanas até o tempo de Tertuliano, Eusébio e Lactâncio. Embora tenham sido severamente proibidos por Augusto César

e, posteriormente, por Tibério, que foi forçado a crucificar alguns dos sacerdotes que ousaram oferecer tais sacrifícios, para afastá-los desses costumes bárbaros. Em outros lugares do mundo, quanto tempo tais coisas continuaram, quem pode dizer, especialmente vendo que foram encontradas na Carolina há não muito tempo?

Como é impossível somar o total de tantos itens vultosos? Quando estes costumes terríveis tiveram uma prática tão geral na maioria das nações, em tantas ocasiões, sob princípios que pareciam tão plausíveis, quando números tão grandes foram destruídos de uma só vez e estes usos foram praticados por tanto tempo no mundo, e com tal dificuldade contidos, que vastas multidões de homens devemos imaginar terem sido consumidas pela execrável crueldade de Satanás?

Sexto: Resta uma instância a mais da crueldade do Diabo, que é ainda diferente da anterior, a qual posso chamar de suas **Crueldades Pessoais**, porque são praticadas por sua própria mão imediata sobre alguns de seus vassalos, sem a ajuda ou intermédio de homens que (na maioria dos casos mencionados) foram como instrumentos agidos por ele. Aqui eu poderia notar sua fúria contra os possuídos: alguns foram como que esticados e torturados em seus corpos, e seus membros tão distorcidos que foi não apenas motivo de piedade aos espectadores verem-nos tão maltratados, mas também de admiração considerar como tais abusos seriam consistentes com suas vidas, e que tais retalhamentos e dilacerações não tivessem separado totalmente a alma do corpo. Nos Evangelhos, lemos sobre alguns lançados no fogo e na água. Outros conversando com túmulos e sepulcros nas noites frias, sem roupas, e todos descritos como criaturas tristemente atormentadas e miseravelmente afligidas.

As histórias de dias posteriores nos falam de alguns que vomitavam alfinetes tortos, pedaços de couro, brasas, panos e coisas semelhantes. De outros arrancados de suas casas e cansados até o desmaio e esgotamento de seus espíritos, como Domina Rossa (mencionada por Bodin), com muitos outros para este mesmo propósito. Podemos ter uma visão de seu trato com os feiticeiros, que (embora ele pareça gratificá-los em seus transportes de lugar em lugar, e em seus banquetes com música e dança) são frequentemente tratados cruelmente por ele; o próprio trabalho em que são postos (que é a destruição de crianças, homens, mulheres, gado e os frutos da terra) não passa de um emprego vil. Mas o acerto de contas que ele exige deles, do pleno desempenho de seus empreendimentos, e os espancamentos cruéis que recebem dele quando não conseguem realizar qualquer uma de suas vinganças, é nada menos que uma severa crueldade. Ele não lhes dá descanso a menos que estejam causando dano; e quando não podem fazê-lo às pessoas pretendidas, são forçados a fazer o mesmo mal aos seus próprios filhos ou parentes, para que possam gratificar o seu mestre tirânico. Bodin relata a história de um barão francês (que foi posteriormente executado por feitiçaria) que, após ter matado oito filhos, estava finalmente em um desígnio de sacrificar o seu próprio filho ao Diabo. E se a qualquer momento se cansam de uma escravidão tão execrável ou confessam sua maldade, são tão miseravelmente atormentados que preferem morrer a viver. E o que mais além de crueldade podem esses escravos esperar dele, quando as cerimônias de sua entrada naquele serviço maldito não sinalizam nada mais? Pois seus títulos e obrigações são usualmente escritos ou subscritos com seu próprio sangue; e alguns livros mágicos foram escritos com o sangue de muitas crianças, além do adeus

que recebem dele em suas reuniões habituais, que é comumente esta ameaça estrondosa: *"Vinguem-se ou morrerão"*. Todos estes particulares foram coletados das confissões de feiticeiros, por Bodin, Wierus e outros.

Mas, deixando estes, investiguemos ainda o comportamento de Satanás para com aqueles que, na América e em outros lugares sombrios e bárbaros, não conhecem outro deus e prestam-lhe o seu culto mais devoto. Para com estes, ele não é tão bondoso quanto se poderia esperar, mas o seu modo constante é aterrorizá-los e atormentá-los; de tal modo que alguns não conhecem outra razão para o seu culto senão para que ele não os fira. E desde que as colônias inglesas foram para aquelas partes, estes americanos aprenderam a fazer esta distinção entre o Deus do inglês e o deles: que o deles é um deus mau e o outro um deus bom; embora essa distinção em outros lugares seja, em geral, muito mais antiga, onde reconhecem dois deuses, um bom e outro mau, e quanto pior o deus é, mais tristes e lúgubres são os ritos de sacrifício usados, como em cavernas e durante a noite, expressando a maneira do culto adequadamente a natureza do deus que serviam. Nossos compatriotas notaram sobre os nativos da Nova Inglaterra que o Diabo lhes aparecia em formas feias e em lugares horríveis, como em pântanos e matas. Mas estes são apenas o prólogo da própria tragédia, pois servem apenas para imprimir nas mentes de seus adoradores que crueldades e severidades devem esperar dele. E, consequentemente, ele muitas vezes lhes faz sentir a sua mão e lhes faz saber que aqueles prelúdios sombrios e funestos não são para nada: pois às vezes ele aparece aos adoradores atormentando e afligindo seus corpos, rasgando a carne dos ossos e levando-os vivos consigo. Às vezes seis foram levados de uma só vez, sem que ninguém jamais

soubesse o que foi feito deles. Por tais atos sangrentos como estes, ele mantinha os pobres americanos em medo e escravidão; de modo que, por pior que fosse o mestre, eles não ousavam senão prestar-lhe sua homenagem e serviço. Todos estes particulares, sendo somados, mostrarão que não fazemos injustiça ao Diabo ao chamá-lo de **Cruel**.

CAPÍTULO VII
Sobre a Diligência de Satanás em diversas Instâncias

A Questão sobre o Ser dos Espíritos e Demônios tratada. A Opinião dos Saduceus descoberta. A Realidade dos Espíritos provada.

O último detalhe observado no Texto é a sua *Diligência*. Esta adiciona força e vigor à sua Malícia, Poder e Crueldade, e mostra que estes não são princípios ociosos, mortos ou inativos nele — o que (se pudesse ser assim suposto) o tornaria menos prejudicial e formidável. Despacharei este assunto em algumas instâncias que servem a este propósito.

Primeiro: O esforço que ele emprega ao caçar sua presa e perseguir seus desígnios. Não é nada para ele rodear o mar e a terra, e labutar ao máximo em seu emprego; seu único negócio é tentar e destruir, e todo o seu coração está nisso. Por isso, não se pode esperar intermissão ou cessação; ele não desfalece pelo seu trabalho, e o seu labor, com o sucesso dele, é todo o deleite que podemos supor que ele tenha. Assim, sendo impulsionado e apressado pelas satisfações infernais de uma vingança mortal,

e possuindo uma força proporcional a esses impulsos violentos, devemos supor que ele se submeta (com um tipo de disposição prazerosa) a toda fadiga e trabalho imagináveis. Se olharmos para dentro de nós mesmos, descobriremos que isso é verdade, para nosso não pequeno problema e risco: por acaso ele desiste facilmente, a qualquer momento, quando lhe damos um repulso? Não volta ele repetidamente, com importunações frequentes e impudentes? Não carrega ele um desígnio em sua mente por meses e anos contra nós? E quando a moção não é viável, ele não a esquece, mas após uma longa interrupção começa novamente de onde parou. O que mostra que ele está "grávido" de seus projetos, e sua mente não tem descanso. Ele estende suas redes o dia todo. Podemos dizer dele que levanta cedo e senta-se até tarde em seu trabalho, contentando-se em labutar no próprio fogo, desde que possa perturbar um filho de Deus ou ganhar um prosélito.

Segundo: A diligência não é descoberta apenas na laboriosidade, mas também em uma prontidão peculiar para espiar e aproveitar as ocasiões adequadas, que possam, em probabilidade, responder ao fim que ele visa. Nisso Satanás é admiravelmente diligente; nenhuma ocasião passará ou escapará dele por inadvertência. Mal as oportunidades surgem diante de nós, e já podemos percebê-lo sugerindo-nos: *"Faz isto, satisfaz aquela lascívia, toma aquele ganho, agrada-te com aquela vingança"*. Assim que obtém uma comissão contra um filho de Deus, ele se lança imediatamente sobre suas costas, como fez com Jó; não perdeu tempo, mas saiu imediatamente da presença do Senhor e caiu sobre ele. Além do que ele faz em ocasiões solenes e extraordinárias, aquelas que são comuns e ordinárias são tão cuidadosamente aproveitadas por ele que tudo o que ouvimos ou vemos está pronto para se tornar nosso

laço, e Satanás tentará nos tentar por meio disso, embora estejam um pouco fora do caminho de nossa inclinação e não sejam tão propensos a prevalecer conosco.

Terceiro: É também uma descoberta de sua diligência o fato de ele nunca falhar em perseguir até o limite cada vantagem que obtém contra nós. Se a ocasião e a moção nos inclinam, de modo que sejamos persuadidos por elas, ele as segue adiante e não se satisfaz com um grau menor de agir pecaminosamente, nem com um ou dois atos; mas então ele nos pressiona a pecar ao máximo, com o maior desprezo a Deus e agravo ao Seu Espírito, com o maior escândalo e ofensa aos nossos irmãos e, tendo-nos feito começar, ele nunca desejaria que chegássemos a um fim. Suas *tentações* rolam sobre nós como o rompimento das águas, as quais, pela ferocidade de sua corrente, abrem um grande caminho para que mais as sigam. Ele sabe como aprimorar suas vitórias e não negligenciará completá-las por preguiça ou piedade. Daí ocorre que, às vezes, ele colhe uma grande colheita onde semeou pouco e, a partir de uma única *tentação*, não apenas fere a alma daquele que a cometeu, mas se esforça para difundir o veneno e o vapor infecto dela para a infecção de outros, para desonra da Religião, o endurecimento dos corações dos homens ímpios e o desvio dos ignorantes do caminho da Verdade. Da mesma maneira, se ele percebe que os espíritos dos homens tornam-se perturbados e feridos, ele então os fustiga com ameaças, enche-os com todo tipo de desânimo, veste cada verdade com a pior aparência para que seja apreendida de forma diferente do que é, e coloca tais interpretações em todas as Providências que tudo sirva para aumentar a dor da ferida até que sejam esmagados por terrores.

Quarto: Os vários caminhos que ele toma também mostram sua diligência; se um plano não funciona, ele parte imediatamente para outro; ele não se limita a um único desígnio, nem a um único método; mas se descobre que uma *tentação* não agrada, ele prepara outra mais adequada; se a cobiça não nos atrai, então ele nos instiga à profusão; se os terrores não nos assustam para o desespero, então ele abusa das misericórdias para nos tornar descuidados e presunçosos. Se não nos contentamos em ser abertamente ímpios, então ele se esforça para nos tornar secretamente hipócritas ou formais; às vezes ele instiga os homens a serem profanos; se isso não funciona, a serem errôneos; se não pode trabalhar com uma ferramenta, toma outra, e se algo em seu caminho o desgosta, ele não insistirá excessivamente, mas logo tomará outro curso; tal é sua diligência que podemos dizer dele (como se disse de Paulo sob um fundamento melhor) que ele se tornará *todas as coisas para com todos os homens*, para que possa ganhar alguns.

Quinto: A diligência mostrar-se-á mais quando as coisas estão no maior risco, ou quando as esperanças de sucesso estão prestes a florescer. Neste ponto de diligência, nosso Adversário não é falho; se os homens estão no limiar do Erro ou do Pecado, quão industrialmente ele trabalha para trazê-los totalmente para o seu lado e estabelecê-los no mal? Dir-se-ia que, em tais momentos, ele deixa de lado todos os outros negócios e atende apenas a este: quão frequentes, incessantes e fervorosas são as suas persuasões e raciocínios com tais pessoas! Demonstra a mesma diligência em nos obstruir, perturbar e desencorajar quando estamos em nossos maiores Serviços, ou próximos de nossas maiores Misericórdias. Em que parte do dia somos mais errantes e vãos em nossos

pensamentos (se não tomarmos grande cuidado) do que quando nos pomos a orar? Em outros momentos encontramos mais facilidade e liberdade em nossas imaginações, como se pudéssemos regê-las ou comandá-las melhor; mas então (como se nossos pensamentos fossem apenas confusão e desordem) não somos capazes de dominá-los, e manter a porta do coração tão fechada que esses hóspedes indesejados e problemáticos não entrem é impossível. Observemos isso seriamente e descobriremos que nossos pensamentos não são os mesmos, nem impetuosos da mesma maneira em outros tempos como são quando nos ocupamos com coisas sagradas — o que surge não apenas da rapidez de nosso senso espiritual em observá-los prontamente naquele momento, mas também da incômoda moléstia do Diabo e sua diligência especial contra nós em tais ocasiões. Além disso, quando ele antevê nossas Vantagens ou Misericórdias, ele se desdobra para nos prevenir ou impedir de alcançá-las; se os Ministros se dedicam a estudar e pregar Verdades que são mais penetrantes, pesadas ou necessárias, podem observar mais moléstias, interrupções ou desânimos de todos os tipos do que quando menos se preocupam com os negócios das almas dos homens. Ele prevê quais sermões são preparados e frequentemente, por tal previsão, esforça-se para afastar da audição aqueles que mais precisam e que têm mais probabilidade de receber benefício por eles. Muitos notaram que aqueles sermões e ocasiões que lhes fizeram mais bem (quando compareceram) foram os que eles, de uma forma ou de outra, foram mais dissuadidos de ir e contra os quais haviam se resolvido antes de comparecer; e então, quando romperam seus maiores impedimentos, descobriram que toda a sua obstrução era a diligência e previsão de Satanás para privá-los de tal Bênção que (além da esperança) encontraram. O mesmo

poderia ser observado nos retornos constantes do Dia do Senhor: se os homens não vigiarem contra isso, poderão encontrar mais do que o comum, seja em distrações para prevenir e impedir, ou perturbações para aborrecer e incomodar, ou indisposições corporais para incapacitá-los e torná-los inaptos. E não deve ser desprezado o fato de que alguns observaram a si mesmos mais propensos a estarem sonolentos, maçantes ou preguiçosos naquele dia. Outros notaram maiores indisposições corporais então do que ordinariamente em outros tempos; tudo o que torna não improvável a conjectura da diligência especial do Diabo contra nós em tais ocasiões.

Lancemos outra instância a estas, e é a daqueles que estão no ponto da Conversão, prontos para abandonar o Pecado por Cristo. Oh! que esforço o Diabo faz então para retê-los? Ele os visita a cada momento com um impedimento ou outro; às vezes são tentados a prazeres passados, às vezes assustados com medos presentes e desapontamentos futuros; às vezes desencorajados com reproches, zombarias e aflições que podem acompanhar sua alteração; outras vezes obstruídos pela persuasão ou ameaça de amigos e antigos conhecidos. Mas disso eles têm certeza: que nunca têm mais *tentações*, e estas mais sensivelmente perturbadoras, do que naquele momento — uma evidência clara de que Satanás é tão Diligente quanto Malicioso.

Eu deveria agora passar a exibir a sutileza deste Adversário Poderoso, Malicioso, Cruel e Diligente. Há apenas uma coisa no caminho, a qual até aqui tomei como certa, e é se, de fato, existem tais coisas como Demônios e espíritos malignos, ou se estes são apenas "motores teológicos" engendrados por pessoas

que desejam o bem à moralidade e à paz pública, para manter os homens sob um temor reverencial de tais falhas que poderiam torná-los, de outro modo, uma vergonha para si mesmos e um problema para os outros. Deve-se reconhecer uma transgressão às regras do Método oferecer uma prova disso agora, o que (se fosse o caso) deveria ter sido provado no início do Discurso. E, de fato, a questão a esta altura — se existe um Diabo — possui tal afinidade com aquela outra (embora na matéria sejam tão diferentes quanto o Céu e o Inferno) — se existe um Deus — que bem merece uma confirmação (pelo uso que pode ser feito dela para evidenciar que existe um Deus, porque sentimos que existe um Diabo), de modo que exigiria um esforço sério para realizá-lo substancialmente. Mas seria não apenas um trabalho desnecessário recrutar um exército contra ateus confessos, que com alto escárnio e zombaria negam rotundamente tanto a Deus quanto aos Demônios (visto que outros já o fizeram frequentemente), mas também ocasionaria uma digressão excessivamente longa de nosso desígnio presente.

Falarei, portanto, apenas algumas coisas para aqueles que admitem um Deus e, contudo, negam tal Diabo como o que descrevemos; e nem mesmo para todos esses; pois houve muitos pagãos que foram assertores confiantes de uma Deidade, que, no entanto, negaram o ser dos espíritos como separados da corporeidade; e outros estavam tão longe do reconhecimento de Demônios que os confundiam no número de seus deuses. Houve outros que deram tal crédito aos relatos frequentes de aparições e perturbações desse tipo, dos quais muitos atestaram e se queixaram, que expressaram mais ingenuidade do que Luciano (que obstinadamente recusava-se a crer porque nunca os vira) e, embora acreditassem em algo de

realidade naquilo que era o pavor e o problema de outros, atribuíam tais coisas extraordinárias a causas naturais: alguns aos poderes dos céus e das estrelas em suas influências sobre os corpos naturais, ou pela mediação de certas ervas, pedras, minerais, criaturas, vozes e caracteres, sob uma observação especial do movimento dos planetas. Alguns referem tais coisas à sutileza e rapidez dos sentidos, da audição e da visão, que poderiam criar formas e imagens de coisas, ou descobrir (não sei o quê) reflexos do sol e da lua. Alguns imaginam as formas e visões como sendo *exuviae*, escamas finas ou peles de coisas naturais, dando representações dos corpos que as lançaram fora, ou exalações de sepulcros representando a forma do corpo. Outros fazem delas efeitos de nossos sentidos infiéis e enganosos, cuja debilidade e corrupção eles concluem ser tal, e tão geral, que a maioria dos homens corre o risco de ser imposta por aparências ilusórias. Mas com muito maior aparência de probabilidade, alguns fazem de todas essas coisas nada mais do que frutos da melancolia e de humores corruptos, que fazem os homens crerem que ouvem, veem e sofrem coisas estranhas quando não há nada perto deles; ou realmente sofrem acessos estranhos, como na psicose ou epilepsia.

Deixando estes homens como não capazes de informação pela evidência das Escrituras, por as rejeitarem, indaguemos que apreensões equivocadas houve nesta matéria entre aqueles que pretenderam reverência e crença na Escritura. Os Saduceus merecem o primeiro lugar, porque são citados por nome na Escritura como tendo negado a Ressurreição e afirmado que não há *nem anjo nem espírito* (At 23:8; Mt 22:23). Esta opinião deles (pudéssemos nós certamente descobri-la) ajudaria muito na confirmação da Verdade em questão, visto que (seja ela qual for) é positivamente condenada na Escritura, e o contrário

afirmado como verdadeiro. Muitos (e isso sob fundamentos consideráveis) pensam que eles não negavam absolutamente que existissem anjos, mas que, reconhecendo que havia algo chamado anjo, contudo imaginando ser algo muito diferente do que é de fato, foram acusados justamente por negarem o tipo de anjos que a Escritura em toda parte afirmara e descrevera. Pois, considerando que admitiam um Deus e (pelo menos) os cinco Livros de Moisés, se não todos os outros Livros do Antigo Testamento (como Scaliger e outros julgam, não sem grande probabilidade, pois nem a Escritura nem Josefo mencionam tal coisa dos Profetas), é inimaginável que negassem totalmente a existência de anjo ou espírito. Eles leram sobre anjos aparecendo a Ló e a Abraão, e encontraram isso com tal frequência que, acreditando serem as Escrituras verdadeiras, não poderiam crer que os anjos fossem uma ficção absoluta; pois uma única fábula ou falsidade na Escritura (que se afirma tão altamente como um oráculo infalível do Deus verdadeiro) teria necessariamente destruído o crédito de todo o resto e a tornaria justamente suspeita de não ser verdadeira em nada, quando aparentemente falsa ou fabulosa em qualquer coisa.

Novamente, se trouxermos à mente que apreensões tinham de Deus (o qual todos consentem que reconheciam), poderíamos mais facilmente imaginar que apreensões tinham dos anjos; pois, no que diz respeito ao fato de Moisés mencionar o rosto e as partes posteriores de Deus, e que frequentemente mãos e outras partes do corpo humano lhe eram atribuídas, concluíram que Deus era corpóreo; e vendo que as melhores criaturas que Deus criou não podem ser supostas ter um ser mais nobre do que o de seu Criador, e que no máximo foram feitas segundo o padrão de Sua própria imagem e semelhança, poderiam sobre este fundamento facilmente fixar a negação de espíritos

incorpóreos e, por consequência, que a alma do homem era mortal, e portanto que não poderia haver Ressurreição. Assim, sendo a natureza dos anjos descrita sob a noção de substâncias espirituais, eles são julgados como negadores de tal coisa, supondo que ser incorpóreo era o mesmo que não ser de forma alguma; e, contudo, seria irracional negar que não tivessem alguma interpretação para aquelas passagens da Escritura que mencionavam anjos, a qual em suas apreensões pudesse ser alguma ressalva à verdade daqueles Escritos Históricos que reconheciam; mas o que seria isso, é o que conjecturamos a seguir. E, de fato, Josefo, por um pequeno indício de sua opinião, parece nos dizer que não negavam tanto o ser da alma, mas a permanência dela, e assim, por consequência, poderiam não negar absolutamente a existência de espíritos como seu ser natural e continuidade. Algo havia que era chamado pelo nome de Anjo (o que não podiam deixar de admitir) e que isso devia ser algo real, e não imaginário, é evidente pelos efeitos reais e pelas coisas feitas por eles; contudo, observando suas aparições como ocorrendo em alguma ocasião especial e seu desaparecimento como sendo súbito, poderiam conjecturar serem criados por Deus para o serviço presente e então reduzidos ao nada quando tal serviço fosse concluído.

A opinião deles sobre os anjos parece ser uma destas duas: ou que eram substâncias corpóreas criadas em uma emergência especial, mas não seres permanentes; ou que não passavam de imagens e impressões sobrenaturalmente formadas na *fantasia* pela operação especial de Deus, para significar Sua mente e Seus comandos aos homens, pelo que poderiam ser chamados apropriadamente de mensageiros e ministros de Deus. Coloco esta última na conjectura porque a encontro mencionada por Calvino como a opinião dos Saduceus, mas ambas são notadas

por Diodati em At 23:8 como pertencentes a eles com igual probabilidade; suas palavras são: *"Eles não acreditavam que fossem criaturas subsistentes e imortais, mas aparições transitórias, ou algumas ações e moções divinas para produzir algum efeito especial e notável"*.

Outros também têm ultimamente "martelado" a mesma apreensão sobre os anjos, e professam livrar-se dela com grande dificuldade, diferindo apenas nisto de alguns dos pagãos antes mencionados: que o que aqueles atribuíam à potência das estrelas, a poderes naturais, ou à fraqueza dos sentidos e humores corruptos, estes (pela vantagem das noções gerais da Escritura) atribuíram a Deus, exercendo Seu poder sobre as mentes e *fantasias* dos homens, ou operando pelos humores do corpo. Sobre este fundamento, farão mais facilmente pouco caso dos demônios para negar, se não o seu ser, ao menos as suas *tentações*, imaginando que podemos possivelmente ser injustos para com ele ao lhe atribuirmos estas solicitações e provocações ao pecado que, por experiência, descobrimos estar trabalhando e agindo em nossas mentes — pensando que nossas próprias *fantasias* ou imaginações podem ser os únicos demônios que nos afligem. E a isto eles dão ouvidos mais prontamente devido à natureza dos sonhos e visões que ocorrem aos homens de forma natural comum, onde nossas *fantasias* brincam conosco como se fossem distintas de nós; bem como a partir desta consideração: que as pessoas lunáticas, epiléticas e frenéticas são na Escritura chamadas de endemoninhadas, como em Mt 17:15 com Lc 9, onde a pessoa é chamada de lunática e, no entanto, diz-se que foi tomada e vexada por um espírito. Assim também em Jo 10:20: *Ele tem demônio e está louco*. Mas estes raciocínios pouco podem fazer com um homem inteligente e ponderado

para fazê-lo negar o que ele tão realmente sente e do qual é tão frequentemente advertido na Escritura. Pois, supondo que estes fossem chamados de endemoninhados pelo povo comum, isso não nos obriga a acreditar que o fossem. Os homens são propensos a atribuir doenças naturais a Satanás, e Cristo não se preocupou em curar os equívocos deles enquanto curava suas doenças. Alguns sugerem isto como uma razão que pode responder a muitos casos, embora, de fato, não possa responder ao de Mt 17, porque no versículo 18 diz-se expressamente que *Jesus repreendeu o demônio, e este saiu dele*, o que não seria adequado ter sido dito por conta de Cristo pelo Evangelista para expressar a cura de uma doença natural, pois assim Ele seria inevitavelmente tornado culpado do mesmo erro do povo comum. Mas, se concedêssemos que diversos mencionados sob o nome de endemoninhados fossem homens perturbados pela melancolia ou pela epilepsia, nem todos o eram; pois aqueles em Mt 8:31 suplicaram a Cristo, após sua expulsão, que tivessem liberdade de ir para a manada de porcos. De modo que, se o Sr. Mede pretendeu afirmar que todos os endemoninhados não passavam de loucos e lunáticos, duvido que ele não tenha se equivocado e, pela sua razão, não apenas os loucos e lunáticos passariam por endemoninhados, mas todas as doenças quaisquer; pois os cegos e mudos foram também chamados de endemoninhados em Mt 9:32 e 12:22. Mas o assunto parece ser este: que onde os homens eram afligidos com tais enfermidades, Satanás tomava vantagem delas e agia como o possuído adequadamente — como frequentemente aproveita uma indisposição melancólica e opera grandes terrores e pavor por meio dela, como em Saul — ou, pelo menos, que onde ele possuía, falsificava os ataques e as fúrias daquelas enfermidades naturais e agia como alguns

loucos; e a outros tornava mudos e surdos (o que parece ter sido o caso daqueles em Mt 9 e 12, onde a surdez e a mudez dependiam da possessão e foram curadas com ela); outros eram levados a cair subitamente no fogo ou na água, como os epiléticos, e portanto poderiam ser chamados tanto lunáticos, ou epiléticos, quanto também possuídos por um demônio.

Quanto àquela razão que alguns buscam nos sonhos, trata-se antes de um "sonho" do que de uma razão contra o ser dos demônios, visto que os efeitos destes espíritos infernais são muito diferentes do máximo que se pode imaginar ser encenado no palco das imaginações. Assim, o ser real e permanente dos demônios pode ser facilmente provado:

Primeiro: A partir daqueles atos reais observados como sendo feitos por anjos e demônios. Os anjos que apareceram a Ló foram vistos e entretidos na família, vistos e observados pelos sodomitas. Aqueles que apareceram a Abraão foram mais do que aparências imaginárias, pois comeram e beberam com ele. O Diabo transportou Cristo de lugar em lugar; isto não poderia ser uma *fantasia* ou imaginação. O pedido deles de permissão para entrar nos porcos mostra que são existências reais.

Segundo: Pelos efeitos reais realizados por eles. Temos testemunhos indubitáveis de homens realmente feridos e atormentados por Satanás. De alguns realmente arrebatados e carregados a grande distância de suas moradas. De outros possuídos, nos quais o Diabo realmente profere vozes audíveis e línguas estranhas, dá notícia de coisas passadas e, às vezes, de coisas por vir. Os oráculos dos pagãos (que, embora fossem em sua maioria falsos ou ilusórios, ainda assim), no fato de serem respostas provenientes de imagens e ídolos, eram mais do que *fantasmas*.

Terceiro: Pelo que a Escritura fala em toda parte sobre eles. De sua malícia e crueldade. Que os demônios são homicidas desde o princípio. Sua espera diária de como podem devorar. Suas artes, *ciladas* e estratagemas. Seus nomes e denominações, quando estilizados *Principados, Potestades, Maldades Espirituais*. O Príncipe da Potestade do Ar, e muito mais com esse propósito, mostram que, sem aparente loucura e caduquice, não podemos interpretar estes apenas como moções sobre as mentes e *fantasias* dos homens. Além disso, a Escritura fala dos ofícios dos anjos bons, como seu estar continuamente diante do Trono, seu contemplar a face de Deus, seu acompanhar Cristo em Sua segunda vinda, seu reunir os eleitos dos quatro ventos, etc., o que não pode ser entendido como qualquer outra coisa senão seres reais e permanentes; e isso é também uma evidência de que os demônios o são, visto que a Escritura menciona sua queda e sua punição.

Quarto: Visto também que a Escritura condenou a opinião dos Saduceus, o contrário dessa opinião deve ser verdadeiro; e expressamente em At 12:9, o que foi feito por um anjo é oposto ao que poderia ser visional ou imaginário.

Quinto: A realidade dos demônios e sua malignidade foi a opinião dos pagãos. Pois nada é mais comum entre eles do que a crença em deidades inferiores, as quais chamavam de *Daimones*, isto é, demônios; e não obstante suporem ser estes mediadores perante os deuses supremos, aprenderam a distingui-los em bons e maus. Os platônicos pensavam que as almas dos tiranos após a morte tornavam-se *Lêmures* e *Larvae*, isto é, demônios prejudiciais; e por fim, o nome Demônio tornou-se de tão má significação que dizer "tens um demônio" era um reproche e não um elogio. Mas o que estes buscaram às

apalpadelas no escuro, a Escritura determina plenamente, usando a palavra Diabo apenas para um espírito maligno.

CAPÍTULO VIII
Sobre a Astúcia e a Artimanha de Satanás em Geral

Diversas Demonstrações provando que Satanás é Enganador; e sobre as Razões por que ele faz uso de sua Astúcia.

Fizemos um levantamento da força de nosso Adversário, e isso abrirá o caminho para uma descoberta mais clara de sua sutileza e *astúcia*, a qual é seu grande motor pelo qual opera toda a sua tirania e crueldade no mundo, para a ruína ou prejuízo das almas dos homens; do que o Apóstolo (em 2Co 2:11) fala como sendo algo conhecido pela experiência comum de todas as pessoas sensatas; seu modo é sobrepujar e tomar vantagens, e para este fim usa *estratagemas* e ciladas, o que é algo tão ordinário nele que ninguém pode ignorar a verdade disso: *Não ignoramos os seus estratagemas*.

Isto (antes de chegar aos particulares) provarei e ilustrarei em geral, pelo procedimento gradual destas poucas considerações seguintes.

Primeiro: Toda a malícia, poder, crueldade e diligência de que falamos, com todas as vantagens de multidão, ordem e conhecimento, pelas quais estas qualificações cruéis são acentuadas — estas não passam de sua mobília e aparato que o

capacitam para suas sutis tramas de ilusão e o tornam capaz de enganar. Nem possui ele qualquer uso de seu poder e conhecimento senão em referência ao Engano. Em Ef 6:11-12 (que é um lugar onde o Apóstolo apresenta Satanás propositalmente em seu modo de lidar com os homens), toda a sua prática é apresentada sob o termo e a noção de artes e *ciladas*: *Para que possais estar firmes contra as ciladas do diabo*. Esta é toda a obra de Satanás, contra a qual o aparato daquela Armadura Espiritual é necessário. E, para que ninguém pense que seu poder ou maldade são outras coisas distintas nele, as quais devem ser providenciadas por outros meios de ajuda, o texto logo acrescenta que estas não são usadas por ele de outra forma senão em ordem às suas *ciladas* e astúcia; portanto, não devem ser vistas como distintas, embora devam ser consideradas em conjunção com sua sutileza e astúcia como coisas que tornam suas *ciladas* mais perigosas e arriscadas: *Pois não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais*. Estas palavras servem apenas para reforçar o aviso e a cautela do Apóstolo sobre as *ciladas* mencionadas, as quais devem ser, por isso, mais cuidadosamente observadas e vigiadas, porque o seu poder é tão grande que ele pode arquitetar laços com a maior habilidade e arte imagináveis; e sua maldade é tão grande que não podemos esperar que a honestidade ou a modéstia o restrinjam de fazer as propostas mais vis e desonestas, nem de atestar uma conveniência ou bondade em suas moções com a mais alta confiança de uma mentira notória.

Segundo: A sutileza que as Escrituras atribuem ao Pecado ou ao Coração é majoritariamente e principalmente destinada a

refletir sobre Satanás como o autor e arquiteto desses enganos. Em Hb 3:13 há menção ao *engano do pecado*, mas é evidente que algo mais (além do pecado) é pretendido, ao qual o engano deve ser propriamente atribuído; pois sendo o pecado (conforme a maioria conclui) formalmente uma privação — ou se concedêssemos que fosse um ser positivo (como alguns defendem) — contudo, a noção mais alta que podemos alcançar por esta via (excluindo apenas a ficção de Flácio Ilírico, que parece tornar o pecado original indistinto da própria essência da alma) é apenas chamá-lo de um ato. O engano não pode lhe ser atribuído propriamente, senão com referência àquele que ordena esse ato em um caminho de engano e ilusão, o que, em última análise, o trará à porta de Satanás. Se aqui o engano do pecado for devolvido ao sujeito, então ele corre para o mesmo sentido de Jr 17:9: *Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas*. Mas por que o engano é fixado no coração? O fundamento disso temos nas palavras seguintes: *porque é perverso*, desesperadamente perverso. Mas quem então inflama e incita o coração a essa perversidade? Não é Satanás? Quem então é o autor próprio do engano senão ele? É verdade, de fato, que nossos corações são fontes próprias de pecado (e assim podem ser acusados possivelmente em alguns casos onde Satanás não pode ser justamente culpado); contudo, se considerarmos o Engano como um companheiro de cada pecado, embora nossos corações sejam culpados pelo pecado, Satanás será achado culpado pelo engano. Pode-se dizer que um homem consente com aquelas coisas que são destinadas à sua ilusão e, assim, impropriamente, por sua negligência, pode cair sob a culpa do autoengano; mas é inimaginável que ele possa, própria e formalmente, pretender enganar a si mesmo. O engano, então, não provindo do pecado, nem de nós mesmos

propriamente, não pode encontrar outro pai senão Satanás. Além disso, que estes textos, sob uma investigação racional, acusem Satanás pelo engano do pecado, eles também apontam para o caminho conhecido e constante de Satanás, operando tão comumente por meio da ilusão, que o Engano é um companheiro íntimo de cada pecado. O engano do pecado é tanto quanto o engano de cada pecado. Mais ainda, aquele texto de Jeremias 17 mostra que este Engano não é um truque ordinário, mas o maior de todos os enganos, acima de qualquer medida, e de uma profundidade ou mistério inescrutável: *quem o poderá conhecer?*.

Terceiro: Todos os atos de pecado (de uma forma ou de outra) passam pelos dedos de Satanás. Não digo que todo pecado seja a progênie própria de Satanás, pois temos um estoque maldito que é nosso; e pode-se dizer de nós (como em outro lugar de Satanás) que às vezes pecamos por nossa própria inclinação e disposição; contudo, em cada pecado, seja ele originado em nós ou no mundo, Satanás sopra as faíscas e gerencia tudo. Como Davi disse à mulher de Tecoa: *Não é a mão de Joabe contigo em tudo isto?*, assim podemos dizer: não é a mão de Satanás contigo em cada pecado que cometes? Isto é tão eminentemente verdadeiro que a Escritura atribui o pecado indiferentemente às vezes a nós, às vezes ao Diabo. Foi pecado de Pedro tentar Cristo a declinar do sofrimento, contudo Cristo, repelindo-o com aquela repreensão — *Para trás de mim, Satanás* — acusa claramente tanto a Pedro quanto a Satanás. É pecado pessoal de um homem estar irado, contudo, em tais atos, ele *dá lugar ao diabo*; tanto o homem quanto Satanás concorrem nisso. O *espinho na carne* de Paulo (seja qual fosse o pecado) ele chama de *mensageiro de Satanás*: aquele que não se submete a Deus, nisso consente com Satanás; assim como,

pelo contrário, aquele que se submete a Deus resiste ao Diabo. Nem aquela expressão do Apóstolo em Tg 1:14 — *Cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência* — contradiz isso; não é desígnio do Apóstolo excluir Satanás, mas incluir o homem como justamente culpável, apesar das *tentações* de Satanás; e o que ele afirma é isto: que existe pecado e uma *tentação* verdadeiramente prevalecente quando há o mínimo consentimento de nossa concupiscência ou desejo, e que é isso o que traz a culpa sobre nós. Assim, seu propósito não é desculpar Satanás, nem negar que ele tenha participação em nos atrair ou tentar ao pecado, mas mostrar que é o nosso próprio ato que faz o pecado tornar-se nosso.

Quarto: Tal é a constituição da alma do homem que o seu pecar não pode ser concebido sem algum Engano ou Ilusão. Pois, concedendo que a alma do homem é feita de desejos, e que a alma nada mais fosse do que, por assim dizer, um poder de vontade ou desejo diversificado por vários objetos; e que este poder, ou estas faculdades, estão depravados pela Queda e corrompidos; e que o homem, em cada ação, consulta seus desejos; e que estes possuem influência tão grande sobre ele que são a "lei dos membros" e emitem seus comandos para a obediência; ainda assim estes três pontos permanecem como princípios firmes e inabaláveis:

1. Que os desejos não podem ser fixados em nenhum objeto, exceto naquilo que é apreendido (verdadeiramente ou aparentemente) como bom. É incompatível com uma alma racional desejar o mal como mal.

2. A Vontade não abraça nenhum objeto de forma resoluta até que a luz do Entendimento tenha demonstrado (de uma forma ou de outra) a bondade ou conveniência do objeto.

3. Não há homem que não possua uma luz competente para a descoberta da bondade ou maldade de um objeto apresentado. Os homens não regenerados possuem (1.) A Luz da Natureza. (2.) Alguns possuem uma Luz adicional proveniente da descoberta das Escrituras. (3.) Alguns possuem ainda mais por convicções comuns, que geram agitações sensíveis e impressões de temor neles. (4.) A estes, Deus às vezes adiciona correções e punições, que têm força para fazer aquela luz arder mais clara e para instigar cuidado e cautela nos homens para o acolhimento dessas advertências que Deus lhes concede. Os homens regenerados possuem toda esta luz e, além dela, têm (1.) A Luz de sua própria Experiência sobre a vilania e a odiosidade do pecado; sabem quão má e amarga coisa ele é. (2.) Têm uma descoberta mais plena de Deus, que os fará abominarem a si mesmos no pó e na cinza. (3.) Têm a vantagem de um novo coração, a lei do Espírito de Vida, tornando-os livres da lei do pecado e da morte. (4.) Têm também o auxílio e a assistência do Espírito em Suas moções, sugestões e ensinos. (5.) Fortificam-se com as mais fortes resoluções para não cederem ao pecado.

Apesar de tudo isso, é bem verdade que tanto os regenerados quanto os não regenerados pecam. A razão disso não pode ser dada por outro relato senão o que afirmamos: a saber, que são de uma forma ou de outra iludidos ou enganados. Alguma

"cortina" é puxada entre eles e a Luz; alguma falácia ou outra é imposta ao Entendimento de algum modo; a Vontade é subornada ou enviesada; há traição no caso, pois é inimaginável que um homem, em qualquer ato de pecado, ofereça uma violência plena, aberta e direta à sua própria Natureza e Faculdades. Assim, todo o negócio aqui é que o Mal é apresentado sob a noção de Bem; e para que isso se realize, algumas considerações de prazer ou lucro subornam a Vontade e dão falsa luz ao Entendimento. Daí vem que, em cada ato de pecado, diz-se que os homens (por consentimento com Satanás) enganam ou aplicam truques e falácias sobre si mesmos.

Quinto: Todos os tipos de sutileza são na Escritura diretamente atribuídos a Satanás, e nos graus mais elevados. Às vezes sob a noção de falácias lógicas; aqueles artifícios que debatedores, ao argumentarem, impõem aos seus antagonistas. Deste teor é aquela expressão de 2Co 2:11: *Não ignoramos os seus estratagemas*, onde a palavra no original é emprestada dos raciocínios sofísticos dos debatedores. Às vezes é expresso na similitude de enganos políticos; assim como a Escritura lhe dá o título de príncipe, também assinala suas políticas no manejo de seu reino, em Ap 12:9, chamando-os expressamente de enganos e comparando-o a um dragão ou serpente por sua sutileza. Às vezes ele é representado como um guerreiro em Ap 12:17: *O dragão irou-se... e foi fazer guerra*, etc., e aqui seus estratagemas bélicos são apontados. Menção é feita (2Tm 2:26) de seus laços e do tomar homens vivos, ou cativos, aludindo diretamente a procedimentos de guerra. Os procedimentos sutis das artes e ofícios são-lhe creditados, bem como aos seus instrumentos: diz-se que os homens são "engodados" em Tg 1, como o peixe ou a ave por uma isca. Outros iludidos, como por

trapaceiros em jogos falsos (Ef 4:14): *Pela astúcia dos homens e pela sua cautela nas ciladas do erro*. O sobrepujar de mercadores ou comerciantes astutos é aludido em 2Co 2:11. Todos esses artifícios estão em Satanás, em sua mais alta perfeição e realização. Ele pode transformar-se em *anjo de luz* (2Co 11:14), quando tem ocasião para isso. Em suma, toda a sedução da injustiça está nele (2Ts 2:10). De modo que uma *panourgia* geral, uma destreza e habilidade para todo tipo de tramas sutis, lhe é atribuída em 2Co 11:3, e isso já em seu primeiríssimo ensaio sobre Eva, quando a serpente a enganou por sua astúcia. Portanto, tudo o que a malícia possa sugerir, ou a inteligência e a arte possam arquitetar para a ilusão, ou o que a diligência possa praticar ou a crueldade executar — tudo isso deve ser imaginado como presente em Satanás.

Sexto: Tudo isso poderia ser provado por instâncias. Que *tentação* pode ser nomeada na qual Satanás não tenha agido como uma serpente? Quem pode imaginar a astúcia que Satanás usou com Davi na questão de Urias? Quão facilmente ele o levou ao terraço da casa para que o objeto lhe fosse apresentado? Como ele direciona seu olhar, trabalha sobre suas paixões, sugere o pensamento, arquiteta as conveniências? Que arte não deve haver para trazer uma escuridão à mente de Davi, um esquecimento da Lei de Deus, uma ausência de temor do Seu desagrado e uma negligência de seu próprio perigo? Certamente não foi coisa pequena o que pôde cegar o olho de Davi, ou entorpecer o seu coração para uma maldade tão grande. Mas, acima de todas as instâncias, consideremos a de Eva na primeira transgressão, na qual muitas coisas podem ser observadas: como, primeiro, o fato de ele ter escolhido a serpente por seu instrumento, no que, embora ignoremos a profundidade de seu desígnio, o fato de ele ter tido um desígnio

de sutileza naquilo que estava prestes a sugerir é claro no texto: *Ora, a serpente era mais astuta que todos os animais do campo*. Teria sido desnecessário e impertinente notar a astúcia da serpente como agente de Satanás se ele não a tivesse escolhido por essa razão, como vantajosa para o seu propósito. (2.) Ele atacou o *vaso mais fraco*, a mulher, e contudo tal que (uma vez conquistada) ele sabia ser provável que prevalecesse sobre o homem — o que ocorreu de fato. (3.) Alguns pensam que ele aproveitou a ausência do marido, o que é provável, se considerarmos ser improvável que Adão não tivesse interposto no discurso se estivesse presente. (4.) Ele tirou vantagem do objeto. Parece que ela estava à vista da árvore: *Viu a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos*. Assim, ele fez com que o objeto pleiteasse por ele. (5.) Ele não cai diretamente sobre o que pretendia (para que isso não a espantasse), mas faz um percurso indireto e entra no negócio por meio de uma investigação sobre os assuntos, como se não pretendesse dano. (6.) Ele inquire sobre a matéria — *É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?* — como se pusesse em dúvida a realidade do comando; e suas palavras foram ordenadas de tal modo que pudessem lançar alguma dúvida sobre isso na mente dela. (7.) Sob o pretexto de afirmar a liberalidade de Deus, ele secretamente mina a ameaça, como se dissesse: *"É possível que um Criador tão generoso negasse a liberdade de comer de qualquer árvore? Para que propósito foi ela feita, se não pudesse ser provada?"*. (8.) Quando ele descobre que, por estas artes, ganhou um pouco de terreno e a levou a algum tipo de questionamento sobre a realidade da ameaça (pois ela parece atenuá-la ao dizer: *"para que não morrais"*), ele torna-se mais ousado para expressar sua mente e claramente aniquilar a ameaça:

"Certamente não morrereis". Ele não ousou fazer isso até ter gerado na mente dela uma suspeita vacilante de que possivelmente Deus não estivesse falando seriamente naquela proibição. (9.) Então ele começa a enfatizar a conveniência e a excelência do fruto, equivocando-se sobre o nome da árvore, a qual ele lhe diz poder torná-los conhecedores como deuses. (10.) Ele reflete sobre Deus como proibindo isso por inveja e má vontade para com eles. (11.) Em tudo isso não há uma palavra sobre o perigo, mas impunidade e vantagem prometidas. (12.) Ele cobre este conselho mortal com um pretexto de maior bondade e cuidado do que Deus possuía por eles. Veja nisto, como em um espelho claro, o modo político de Satanás; desta forma ele procede em todas as suas *tentações*.

Se alguém indagar por que um príncipe tão poderoso e potente usa antes a pele da raposa do que a pata do leão, estas razões podem satisfazer:

Primeiro: Há uma necessidade de ele agir assim. Ele deve usar sua astúcia porque não pode compelir. Ele deve ter a permissão de Deus antes de poder vencer: ele não pode "peneirar" Pedro antes de pleitear uma comissão, nem enganar Acabe até obter uma licença; nem pode ele prevalecer contra nós sem o nosso próprio consentimento. A Escritura, de fato, usa algumas palavras que significam uma força no tentar, como que ele *pôs no coração* de Judas, *encheu o coração* de Ananias, *incitou* Davi, governa nos corações dos filhos da desobediência e os leva cativos à sua vontade, etc. Contudo, todas essas e outras expressões semelhantes não pretendem dizer mais do que isto: que ele usa importunações forçadas, arquiteta ilusões fortes e, às vezes, junta o seu poder às suas *tentações* — assim como às vezes caçadores de aves se mostram aos pássaros que

pretendem enlaçar, para que estes sejam espantados em um temor e pavor que deem melhor oportunidade para estender as redes sobre eles.

Segundo: Se ele pudesse compelir, contudo o seu caminho de astúcia e sutileza é geralmente o mais prevalecente e bem-sucedido. A força desperta uma oposição; ela costuma alertar para a cautela e a fuga, e assusta para uma aversão total em qualquer projeto. De modo que, onde a força ganharia seus milhares, a sutileza ganhará seus dez milhares.

Terceiro: Sua força não lhe é inútil: pois além de capacitá-lo a enganar com vantagem maior do que de outro modo poderia fazer (como já foi dito), ele possui momentos e ocasiões para demonstrar sua força e crueldade quando sua astúcia prevaleceu o suficiente para lhe dar a posse. O que foi dito do Papa Bonifácio — que entrou como raposa e governou como leão — pode ser aplicado a ele: ele se insinua pela sutileza como uma raposa ou serpente, e então governa com rigor como um leão.

CAPÍTULO IX
Dos Enganos de Satanás em particular.

O que é a Tentação. Do tentar ao Pecado. Sua primeira Regra geral: A Consideração de nossa Condição. Sua segunda Regra: O prover de Tentações adequadas. Em que casos ele nos tenta a coisas inadequadas às nossas Inclinações. Sua terceira Regra: A Proposta cautelosa da Tentação, e os diversos modos dela. Sua quarta

Regra é seduzir. O modo disso em geral, ao trazer trevas sobre a Mente através da concupiscência.

Nossa próxima tarefa é inquirir sobre esses modos de Engano em particular, nos quais falarei primeiro daqueles que são de interesse mais geral e universal. Tais são as suas Tentações ao Pecado, seus Enganos contra o Dever, sua astúcia em promover o Erro, suas tentativas contra a Paz e o Conforto dos Santos, etc.; e então chegarei a alguns modos de Engano que se referem a Casos mais especiais.

Como uma Introdução ao primeiro ponto, direi uma palavra sobre a Tentação em geral. Esta, em sua noção geral, é uma Prova ou Experimento feito de uma coisa: a palavra que significa "tentar" provém de uma palavra que significa "perfurar" ou "atravessar", implicando uma Prova que vai até o próprio coração e o íntimo de uma coisa. Neste sentido, ela é atribuída a Deus, de quem se diz ter tentado Abraão, e que põe nossa Fé à prova; e algumas vezes a Satanás, de quem se diz ter tentado a Cristo, embora ele não pudesse esperar prevalecer: Mas, embora Deus e Satanás façam essas provas, há uma vasta diferença entre eles, e isso não apenas em suas Intenções (um visando apenas uma descoberta aos Homens do que há neles, e isso para fins santíssimos; o outro pretendendo a ruína e a destruição); mas também no modo de seus Procedimentos. Deus, pela providência, apresenta Objetos e Ocasiões; Satanás não apenas faz isso, mas vai além, inclinando e positivamente persuadindo ao mal. Daí é que as Tentações são distinguidas em meras Provas e Seduções; adequado àquilo de Tertuliano: *Diabolus tentat, Deus probat* — o Diabo tenta, Deus apenas prova. Falamos da Tentação como ela provém de Satanás, e assim ela é descrita como um atrair ou mover os Homens ao

pecado sob a cor de alguma razão. Pelo que podemos observar que, em cada uma dessas Tentações, há o Objeto ao qual a Tentação tende, o esforço de Satanás para inclinar nossos corações e obter nosso consentimento, e o Instrumento, que é algum pretexto de razão; não que uma razão real e sólida possa ser dada para o Pecado, mas que Satanás nos oferece algumas considerações para prevalecer conosco, as quais, se o fizerem, nós as tomamos como razões. Isso pode nos ajudar um pouco a entender o método de Satanás ao tentar ao pecado, etc., do qual falarei primeiro.

Nas tentações ao Pecado, podemos observar que Satanás caminha por quatro Regras gerais.

Primeiro: Ele considera e familiariza-se com a condição de cada Homem e, para esse fim, ele estuda o Homem. A pergunta de Deus a respeito de Jó: "Consideraste o meu servo Jó?", implica não apenas seu inquérito diligente sobre o estado de Jó (pois o Original o expressa como Satanás pondo seu coração sobre Jó, ou deitando-o ao seu coração), mas que isso é usual para Satanás agir assim; como se Deus tivesse dito: "É o teu costume espreitar de perto cada Homem; fizeste isso com Jó? Consideraste-o como costumas fazer?". E, de fato, Satanás admite isso como seu negócio e ocupação em sua resposta a Deus: "Venho de rodear a Terra e passear por ela". Isso não pode ser propriamente dito de quem é um Espírito; Corpos andam de um lado para o outro, mas não Espíritos; de modo que seu significado é que ele estivera em seu trabalho de inquirir e buscar. E assim Broughton traduz: "de buscar de um lado para o outro na Terra"; como se diz dos Olhos de Deus, que eles correm de um lado para o outro, o que pretende Sua Inteligência, Busca e Conhecimento das coisas; é um ir e vir tal

como aquele em Daniel 12:4, que é ali claramente expresso como sendo para o aumento do Conhecimento.

A matéria de seu inquérito, ou os detalhes de seu estudo, são tais como estes: (1) O Estado do Homem: ele considera e supõe se um Homem é Regenerado ou Não-Regenerado. (2) O Grau de seu Estado: se Não-Regenerado, quão perto ou longe ele está do Reino de Deus; se Regenerado, ele toma a medida de seu Conhecimento, de seus Dons, de suas Graças. (3) Ele inquire sobre sua Constituição e Temperamento, ele observa de qual Disposição ele é. (4) Seu Lugar, Vocação e Relação: seu Ofício, Emprego, Desfrutes, Riquezas ou Necessidades. (5) Seu Sexo. (6) Sua Idade, etc.

O modo pelo qual ele conhece essas coisas é plano e fácil; a maioria dessas coisas está aberta à observação comum; e o que é intrincado ou obscuro, ele descobre seja comparando-nos conosco mesmos e considerando um longo trato de ações e conduta, seja comparando-nos com outros cujos caminhos ele já havia notado e observado anteriormente. O fim desta busca é dar-lhe luz e instrução em ponto de vantagem; daí ele sabe onde erguer suas Baterias e como nivelar seu Tiro contra nós. Cristo descobre claramente ser este o desígnio de todo o seu estudo em João 14:30, onde ele diz aos seus Discípulos que esperava ainda outro ataque de Satanás, e isso para breve, pois o Príncipe do Mundo estava então em movimento, ele estava vindo; mas, ao mesmo tempo, ele lhes fala de sua segurança contra os seus assaltos, pelo fato de não haver nada em Cristo de vantagem em nenhum desses caminhos mencionados anteriormente para fundamentar uma Tentação. Aparece, então, que ele busca tais vantagens e que, sem elas, ele tem pouca expectativa de prevalecer.

Segundo: Satanás, tendo se familiarizado com nossa condição, faz de seu próximo cuidado prover Tentações adequadas e atingir a Veia certa; pois ele ama que seu trabalho seja fácil e viável; ele não gosta de ir contra a Corrente. Assim, ele considerou Judas como uma Pessoa gananciosa e, consequentemente, proveu uma Tentação de lucro para ele. Ele fez o mesmo com Acã; e daí foi que ele teve os sabeus tão prontos para o saque de Jó; ele observara que eram um Povo dado à rapinagem e ao despojo; e, consequentemente, sendo os Bens de Jó propostos a eles como um espólio bom e fácil, ele imediatamente prevaleceu com eles. Foi fácil para ele atrair Absalão a uma Rebelião aberta contra seu Pai; ele havia tomado nota de seu Humor ambicioso e aspirante, e das queixas e insatisfações sob as quais ele laborava; de modo que, provendo-lhe uma oportunidade adequada, ele o engajou imediatamente. De acordo com esta regra, onde ele observa Homens de Cabeças superficiais e Baixas capacidades, ele mais livremente se impõe sobre eles em coisas palpavelmente absurdas; onde ele nota um Temperamento temeroso, ali ele os tenta com Terrores e Sugestões assustadoras; ele tem Tentações próprias para a compleição Sanguínea e para a Melancólica; ele tem seus métodos de lidar com o Lustroso e Libertino; com o Passional e Vingativo; ele tem Novidades à mão para o Ouvido que coça e Sugestões próprias para aqueles que são ateisticamente inclinados.

A isto pode-se objetar que a experiência nos diz que Satanás nem sempre caminha por esta Estrada, nem se limita a esta Regra; às vezes ele tenta a coisas que são contrárias aos nossos Temperamentos e Inclinações, etc.

É verdade que ele o faz; mas, contudo, a Regra geral não é prejudicada por esta exceção, especialmente se considerarmos:

Primeiro: Que Satanás, estando ainda sob os comandos e restrições do Todo-Poderoso, ele nem sempre pode tentar o que desejaria, mas segundo uma ordem e comando superior. Desta natureza suponho ser aquela Tentação de que Paulo tanto se queixou; ele mantinha seu Corpo sujeito, com este mesmo desígnio, para que pudesse tê-lo em submissão, e no entanto ele é esbofeteado com uma Tentação que esperava uma vantagem usualmente do temperamento e das estruturas de nossos Corpos; (pois tanto suponho que a frase "um Espinho na Carne" inevitavelmente implicará, embora ainda nos deixe em incertezas sobre o que foi a Tentação em particular). Aqui Satanás tenta em desvantagem e contrariamente a esta Regra; mas então devemos saber que ele não era o Mestre de seu próprio Jogo; Deus ordenando expressamente tal Tentação que era discordante da disposição do Apóstolo, para que ela pudesse prevalecer menos ou perigá-lo menos, e ainda assim ser mais eficaz para mantê-lo humilde, para que não fosse exaltado acima da medida, o que era o desígnio de Deus na questão.

Segundo: Às vezes nosso Temperamento se altera: como os temperamentos de nossos Corpos em uma Doença podem, em um acesso, ser tão mudados que eles podem desejar naquele momento o que não poderiam suportar em outro. Uma ocasião especial ou concorrência de circunstâncias pode alterar por um tempo nossa Constituição, e assim uma Tentação incomum pode, naquele momento, concordar com este desígnio.

Terceiro: Às vezes, por uma Tentação, Satanás pretende apenas lançar o fundamento de outra, e então, de propósito, ele

começa com uma sugestão estranha, seja para nos manter distraídos enquanto ele ocultamente faz outra coisa contra nós, ou para nos mover a um extremo contrário por uma pressa precipitada.

Quarto: Às vezes ele tenta quando seu desígnio principal é apenas nos perturbar e inquietar, e em tais casos as Tentações mais antinaturais, reforçadas com uma impetuosidade violenta, realizam melhor o seu trabalho.

O próximo trabalho de Satanás é a proposta da Tentação: Nas duas anteriores ele proveu Materiais e preparou os Rastros; nesta ele dá Fogo, propondo seu desígnio; e isso ele também faz com cautela, destas diversas maneiras.

Primeiro: Ele faz o Objeto falar por ele, e em muitos casos ele mal é posto a qualquer outro trabalho; o Objeto diante deles fala a mente de Satanás e ganha o consentimento deles imediatamente; no entanto, não há pequena astúcia usada em ajustar o Objeto e a Ocasião, e trazer as coisas para responder ao exato momento que ele considera vantajoso para ele.

Segundo: Às vezes ele designa um Procurador para falar por ele; não que ele seja envergonhado na Tentação, e nem sempre por falta de tempo para seu próprio trabalho, mas desta forma ele se insinua mais perigosamente em nossos Afetos e com menos suspeita, usando nossos Amigos, Relações ou Conhecidos íntimos para interceder por um desígnio ímpio. Ele não falou ele mesmo com Eva, mas escolheu uma Serpente; ele pensou que Eva prevaleceria mais rápido sobre Adão do que a Serpente poderia. Ele tentou Jó pela língua de sua Mulher, como se tivesse esperança de que o que uma Relação tão próxima havia aconselhado seria facilmente ouvido. Ele tentou

Cristo a evitar o sofrimento por meio de Pedro, sob um pretexto de sumo amor e cuidado: "Mestre, poupa-te"; contudo nosso Salvador não deixa de notar a Tentação de Satanás estreitamente tecida com a bondade de Pedro. A este passo somos frequentemente tentados onde pouco suspeitamos de perigo.

Terceiro: Se ele acha os dois primeiros caminhos pouco promissores ou inadequados, então ele injeta a moção e assim fala claramente a nós interiormente ele mesmo: "Faz este ato, toma esta vantagem para prazer ou lucro", etc. Ele não achou suficiente tentar Judas pelo objeto do Ganho, mas ele comunicou sua mente em termos diretos e a pôs em seu coração, João 13:2. Ele fez o mesmo com Ananias, cujo coração ele encheu com uma grande moção para aquela mentira, e a reforçou com muitas considerações da necessidade e conveniência dela, Atos 5:3. Não há questão a ser feita sobre isso; o Dr. Goodwin dá provas claras disso, e assim o fazem vários outros. Quando consideramos que pensamentos são às vezes lançados na mente dos Homens que estão acima de seu conhecimento, e que eles dizem e fazem coisas às vezes que estão muito além de qualquer uma de suas Realizações e Partes, e no entanto na natureza delas ímpias, devemos ser forçados a ir tão alto quanto culpar Satanás por isso. O profetizar de Saul, 1 Sam. 18:10, foi pela influência do Espírito maligno; e isso (como Junius, Tirinus e outros interpretam) deve por necessidade ser entendido como um tipo de ação e fala tal como os verdadeiros Profetas do Senhor usualmente expressavam sob as Influências do Espírito bendito; pois da semelhança da ação em ambos, o nome deve ser emprestado. A experiência que temos de Disputas internas, o embate de Argumentos e Respostas em vários Casos, é uma prova disso

além de qualquer exceção. Consciências feridas expressam uma destreza admirável em quebrar todos os argumentos urgidos para sua paz e estabelecimento; como também em formular Objeções contra si mesmas, tão além da medida usual de Capacidades comuns, que não podemos atribuir a nada senão ao auxílio privado de Satanás por este caminho.

Quarto: Sendo a moção feita (se houver necessidade), ele irrita e estimula a mente para o abraço dela: e isso ele faz de dois modos:

Primeiro: Por uma seriedade de Solicitação; quando ele urge a coisa repetidamente e não dá descanso; quando ele junta a isso uma importunidade de implorar e rogar com a moção repetida; quando ele reúne e vantajosamente ordena uma multidão de considerações para esse fim; e quando em tudo isso ele mantém a mente e os pensamentos presos, e os guarda em uma contemplação do Objeto, Moções e Razões. Assim ele provocou Davi, 1 Crôn. 21:1. E este tipo de trato ocasionou o Apóstolo a nomear suas Tentações, e nossa resistência, pelo nome de lutas, nas quais usualmente aparecem muitos esforços, e frequentemente repetidos, para derrubar o Antagonista.

Segundo: Ele irrita por um poder e força secretos que ele tem sobre nossas Fantasias e Paixões. Quando se diz que os Homens são carregados e levados por Satanás, isso implica (no julgamento de alguns) mais do que importunidade; e que, embora ele não possa forçar a mola da Vontade, contudo ele pode agir consideravelmente sobre ela, puxando os Pesos e Prumos, isto é, movendo e agindo sobre nossas Imaginações e Afetos.

A moção sendo assim feita, não obstante toda a sua importunidade, frequentemente encontra resistência: caso em que ele chega à prática de uma quarta Regra, que é atrair e seduzir o coração ao consentimento; como está expresso em Tiago 1:14: "Cada um é tentado, quando atraído e seduzido". Evitarei aqui a variedade de apreensões que alguns declaram extensamente sobre o significado das palavras, satisfazendo-me com isto: que o Apóstolo aponta para aqueles Artifícios de Satanás pelos quais ele atrai e alicia a vontade do Homem para uma conformidade com suas moções; o que, quando ele efetua em qualquer grau, então se pode dizer que um Homem foi vencido pela Tentação. Mas então aqui está o espanto: como ele deveria prevalecer tanto contra aquela Razão e Conhecimento que Deus colocou no Homem, para cercá-lo e guardá-lo contra uma coisa tão absurda e irracional como cada pecado é? A Solução deste nó nós temos em 2 Cor. 4:4: "O Deus deste Mundo cegou os olhos dos Homens", desenha uma cortina sobre este Conhecimento e levanta uma treva sobre eles: treva esta que, embora não possamos apreender plenamente, contudo que ela é uma treva muito grande e estranha pode ser descoberto; (1) Em parte por considerar o sujeito dela, o Homem, uma Criatura racional, em quem Deus colocou uma Consciência, que é ao mesmo tempo uma Lei, e Testemunha, e Juiz. Não se pode supor ser matéria fácil obscurecer ou obliterar essa Lei, silenciar ou perverter essa Testemunha, ou corromper esse Juiz; mas isso subirá mais alto no espanto se considerarmos isso em um homem piedoso, alguém que põe Deus diante de si, e costuma ter o Seu temor em seu coração; um homem tal como Davi foi, que em um caso tão claro, de uma maneira tão alta, por tanto tempo, com tão pouco senso e apreensão do mal e do perigo, Satanás devesse

prevalecer tão rapidamente — é um assombro: nem será menos estranho se considerarmos (2) O desfecho e efeito desta cegueira: Alguns se levantam contra esta Lei da Consciência, argumentando que ela é falsa e errônea, e fazendo conclusões diretamente contrárias, como em Deut. 29:19: "Terei paz, ainda que ande nas imaginações do meu coração". "Tenho comunhão com ele, embora ande em trevas", 1 João 1:6. "Não te ouviremos, mas certamente faremos toda a palavra que sair da nossa própria boca", Jer. 44:16, 17 [citado como 45:16,17 no original]. Nesses casos, a *Synteresis* [preservação dos princípios morais], ou princípios da Consciência, são totalmente derrubados. Alguns são endurecidos e, quanto a qualquer aplicação de seus atos a esta Regra, totalmente mortos e insensíveis; embora não se levantem contra a luz, contudo são voluntariamente ignorantes, sem qualquer consideração do que estão fazendo; aqui a *Syneidesis* [consciência aplicada], ou poder de testemunho e escusa da Consciência, está ociosa e adormecida. Alguns, embora conheçam a Lei e em alguma medida vejam que suas ações são pecaminosas, contudo não passam julgamento, não apreendem perigo; "Ninguém se arrepende de sua maldade, dizendo: Que fiz eu?", Jer. 8:6. Ora, alguns estão tão longe disso que presunçosamente se justificam, embora vejam sua própria culpa e ruína diante de si: "Faço bem em estar irado até a morte", diz Jonas, quando Satanás havia espalhado uma treva sobre ele.

O que diremos dessas coisas? Aqui há trevas a serem sentidas, trevas Egípcias: explicar o modo disso plenamente é impossível para nós, fazê-lo de qualquer modo tolerável é difícil. Para fazer alguma descoberta nisso, eu irei: (1) Mostrar que o Diabo seduz ao pecado, despertando nossa

concupiscência. (2) Que pelo poder e prevalência de nossa concupiscência, ele traz a cegueira de que se falou.

CAPÍTULO X
Que Satanás seduz por nossa Concupiscência.

Os diversos modos pelos quais ele o faz. Do poder e perigo da violência dos Afetos.

O modo, então, pelo qual ele seduz, é despertando nossa concupiscência. Por concupiscência, entendo aqueles desejos gerais de nossas mentes por qualquer objeto ilícito, que são proibidos no décimo Mandamento; assim lemos sobre concupiscências mundanas, das concupiscências da carne, de cobiças para inveja, e em uma palavra, lemos sobre diversas concupiscências, sendo toda a tentativa e esforço da Natureza corrupta contra o Espírito apresentada por esta expressão, de cobiçar contra o Espírito.

Que Satanás toma vantagem de nossas próprias concupiscências e assim ara com nossa Novilha, voltando nossas próprias Armas contra nós mesmos, é evidente pelo voto geral das Escrituras. O Apóstolo Tiago, 1:14, nos diz que cada Tentação prevalece apenas pelo poder e operação de nossas próprias concupiscências: Satanás é o Tentador, mas nossas concupiscências são as vantagens pelas quais ele atrai e seduz; o princípio corrupto dentro de nós é chamado carne, mas o modo pelo qual ele opera, seja em seu próprio movimento adequado, seja como despertado pelo Diabo, é aquele da

concupiscência e afeição; e, portanto, aquele que deseja parar esse fluxo, deve cuidar de mortificá-lo em suas afeições e concupiscências, Gál. 5:24. Somos informados adiante por João, 1 Epíst. 2:16, que todos aqueles laços que estão no Mundo são apenas perigosos e prevalecentes por nossas Concupiscências. Mais geralmente o Apóstolo Pedro fala: todo o feixe de Pecados reais que já houve no Mundo entrou por esta porta: "A corrupção que há no mundo é pela Concupiscência". Ao despertar nossas Concupiscências, Satanás usa de não pouca Arte e Sutileza, e ordinariamente ele opera por alguns destes seguintes modos.

Primeiro: Ele usa sua habilidade para enfeitar um Objeto de Concupiscência para que ele possa ser atraente e aliciante; ele não se contenta com uma simples proposta do Objeto, mas o pinta e enverniza, por assim dizer, para fazê-lo parecer belo e amável; além de todo aquele cortejo e importunidade que ele usa para com a Alma por Sugestões privadas e invisíveis, ele tem (sem dúvida) o cuidado de reunir todas as circunstâncias concorrentes possíveis, pelas quais a aparente bondade ou conveniência do Objeto é muito aumentada e ampliada. Vemos que aqueles que têm habilidade para operar sobre os Humores dos Homens, colocam uma grande parte disso no correto circunstanciar de uma moção, e em tomar os Temperamentos e Inclinações dos Homens em um momento certo. E eles observam que a perda da estação correta é o perigo do desígnio, mesmo ali onde o Objeto e a Inclinação ordinariamente são adequados. Há muito em colocar uma Pintura em uma posição correta, para dar-lhe sua graça e brilho próprios aos Olhos dos Espectadores. Quando um homem está de mau humor, ele sente náuseas de seus prazeres usuais e torna-se carrancudo para coisas de prática frequente. É

provável que Eva não fosse uma Estranha à Árvore do Conhecimento antes da Tentação, mas quando a Serpente sugere a bondade do Fruto, o Fruto em si parece mais belo e desejável, "bom para comer, e agradável aos olhos". Embora não sejamos capazes de descobrir o modo de Satanás embelezar um Objeto, para que ele afete com prazeres mais penetrantes e poderosos; contudo, aquele que considerar que não apenas a Prudência (em uma gestão vantajosa das coisas) adiciona uma beleza adicional aos Objetos propostos; mas também que a Arte, ao colocar as coisas em uma postura correta, pode derivar uma radiância e raio de Beleza e Luz sobre elas (como um pedaço comum de Vidro pode ser tão posicionado aos raios do Sol que ele pode refletir uma luz cintilante como se fosse um Diamante): Aquele que considerar isso (digo eu) não pensará ser estranho para o Diabo usar algumas Artes deste tipo para o adorno e destaque de um Objeto ao Olho de nossas Concupiscências.

Segundo: Temos razão para suspeitar que ele possa ter modos de Engano e Impostura sobre nossos Sentidos. Os Enganos dos Sentidos são tão notadas que alguns Filósofos mal permitirão que qualquer crédito lhes seja dado; não que eles sejam sempre enganosos, mas que eles o são frequentemente e, portanto, sempre suspeitos. A Alma não tem inteligência senão pelos Sentidos: é então um assunto de fácil crença que Satanás possa não desprezar totalmente esta vantagem, mas que, quando ele vê ser adequado para seu propósito, ele possa se impor sobre nós pela decepção de nossos Olhos e Ouvidos; pouco sabemos quão frequentemente nossos Sentidos disfarçaram as coisas para nós. Em um Objeto prazeroso, nossos Olhos podem ser como um Vidro de aumento ou de multiplicação. Na primeira Tentação, Satanás parece ter

operado tanto sobre o Objeto quanto também sobre os Sentidos: "Ela viu que era bom para comer, e agradável"; quem pode questionar que ela vira o Fruto antes? Mas este era outro tipo de visão, de mais poder e atração. Uma instância da Astúcia de Satanás em ambos os detalhes mencionados anteriormente, nós temos de Agostinho, relatando a História de seu Amigo Alípio, que pela importunidade de seus Conhecidos consentiu em ir ao Teatro, contudo com a resolução de não abrir seus Olhos, para que a visão desses Espetáculos não seduzisse seu Coração; mas estando lá, o ruído e o súbito grito da multidão prevaleceram tanto com ele que ele esqueceu sua resolução; toma a liberdade de ver o que ocasionara o grito e, uma vez vendo, está agora tão inflamado de deleite que ele grita como os demais o fazem, e torna-se um frequentador do Teatro como outros: O que havia ali para ser visto e ouvido ele sabia antes, pelo relato de outros; mas agora estando presente, seus Olhos e Ouvidos foram por Satanás tão aguçados em seus ofícios, que aqueles Objetos sangrentos pareciam prazerosos, além de tudo o que havia sido relatado deles, e a concupiscência de seu Coração atraída pela disposição astuta de Satanás do Objeto e dos Sentidos.

Terceiro: Há não pouca sedução surgindo da adequação e conveniência da Ocasião. Uma Ocasião exatamente ajustada é mais do que meia Tentação; isso frequentemente faz um Ladrão, um Adúltero, etc. Onde os atos desses Pecados têm sua origem em um acesso súbito de humor (no qual a ocasião os coloca), em vez de desígnio ou premeditação. Ocasiões astutamente tramadas são como o perigo de um Precipício; se um Homem for tão tolo a ponto de tomar posição ali, um pequeno empurrão o jogará para baixo, embora um muito maior pudesse não feri-lo se ele estivesse em um Nível. É

Astúcia de Satanás atrair um Homem para dentro do alcance de uma Ocasião. Todas as resoluções de Alípio não foram salvaguarda para ele quando uma vez ele foi trazido para dentro do ouvir e ver da Tentação: Se ele tivesse ficado em casa, o perigo das Sugestões de Satanás (embora sérias) não teria sido tanto quanto o ouvir de seus Ouvidos e a visão de seus Olhos. Em 2 Cor. 2:11, os temores de Paulo de Satanás tomar vantagem contra os Coríntios surgiram manifestamente da presente postura dos assuntos da Igreja deles: pois se a Pessoa excomungada não devesse ser recebida novamente na Igreja, um empurrão comum de Tentação poderia ou ter renovado ou confirmado as Contendas deles, ou precipitado-os em uma opinião de excessiva severidade contra um Irmão ofensor; e que a estrutura presente deles os tornava mais do que ordinariamente sujeitos a esses Laços, é evidente pela cautela do Apóstolo inserida aqui neste Discurso, tão abruptamente, que qualquer Homem pode observar que a necessidade da Matéria e a seriedade de seus Afetos guiaram sua Pena. As Almas dos Homens têm suas Discrasias [desequilíbrios] gerais e Desafeições, como nossos Corpos têm, de uma distempera prolongada do Sangue e dos Humores; caso em que, uma pequena ocasião (como um erro particular de Dieta, etc., em um Corpo em declínio) facilmente formará aquela Inclinação em atos particulares de Pecado.

Quarto: Satanás tem ainda um alcance maior em suas Seduções, pelo poder que ele tem sobre nossas Fantasias e Imaginações: Que ele tem tal poder foi descoberto antes. Sendo isso então suposto, quão útil é para seu fim, deve agora ser considerado. Nossa Fantasia é como um Espelho que, com admirável celeridade e rapidez de movimento, pode apresentar diante de nós todos os tipos de Objetos; ela pode em um

momento correr de uma extremidade da Terra à outra; e além disso, ela tem um poder de criar Objetos e lançá-los em quais formas e moldes ela desejar, tudo o que nosso entendimento não pode evitar ver. Ora, o poder da Imaginação é reconhecido por todos como sendo muito grande, não apenas como operando sobre um Espírito Melancólico e distemperado (do qual os autores nos dão grandes relatos), mas também sobre Mentes mais remotas de tais Ilusões peremptórias; como pode ser diariamente observado nos preconceitos e preposições dos Homens, que por razão das impressões da Imaginação, não são (sem dificuldade) atraídos para o reconhecimento da verdade das coisas e o verdadeiro entendimento das Matérias; nem é apenas o Entendimento sujeito a um calor e rapto mais do que ordinário por ela, mas a Vontade é também vivificada e aguçada em seus desejos por este meio: Daí é (como um dos autores citados anteriormente observa) que a Fantasia frequentemente faz mais em direção a uma Persuasão por suas insinuações, do que um Argumento cogente ou Demonstração racional.

Este não é um Instrumento menos poderoso na mão de Satanás do que comumente e frequentemente utilizado; quem entre nós não o encontra e sente lidando conosco com esta Arma? Quando ele propõe um Objeto à nossa Concupiscência, ele usualmente não o expõe nu sob o perigo de morrer por falta de prosseguimento, mas presentemente chama nossa Fantasia em seu auxílio, e ali levanta um Teatro, no qual ele encena diante de nossas Mentes o Pecado em todos os seus modos e posturas. Se ele nos põe à Vingança, ou às Concupiscências de Impureza, ou Ganância, ou Ambição, estamos certos (se não o prevenirmos) de ter nossa Imaginação apresentando essas coisas a nós, como em Quadros vivos e Semelhanças, pelas

quais nossos desejos podem ser inflamados e preparados para o consentimento.

Quinto: Às vezes ele mostra sua Arte em preparar e ajustar nossos Corpos aos seus desígnios, ou em ajustar Tentações aos nossos Corpos e às Inclinações deles. A Alma, embora seja um Ser nobre, contudo ela é limitada pelo Corpo e incomodada pela fragilidade e indisposições dele, de modo que ela não pode agir mais vigorosa ou uniformemente aos seus Princípios em um Corpo desordenado, do que ela pode gerir corretamente qualquer Membro dele (em seus movimentos naturais) onde os Ossos estão deslocados. Daí, Doença ou outras Fraquezas corporais alteram a Cena e adicionam outro tipo de viés à Alma do que aquele que ela tinha antes. Satanás toma nota disso, e ou segue sua vantagem da Indisposição presente, ou (se ele tem algum desígnio especial) esforça-se para lançar nosso Corpo em tal desordem que possa melhor servir à sua Intenção. Asa foi mais facilmente levado a ser descuidado em rabugice e raiva precipitada em seus últimos dias, quando seu Corpo tornou-se doente. Satanás teve sua vantagem contra Salomão para atraí-lo à Idolatria quando a velhice e a excessiva submissão à esposa o tornaram mais dúctil às solicitações de suas Esposas; "Quando Salomão era velho, suas mulheres lhe perverteram o coração", 1 Reis 11:4. O Diabo, quando tomou sobre si o predizer que Jó blasfemaria de Deus em Sua Face, contudo ele não tentou o desígnio principal até que pensou que o havia preparado completamente para isso, pela angústia e dor de um Corpo e Mente distemperados; e embora ele tenha falhado no grande assunto de sua Jactância, contudo ele nos deixou um experimento em Jó, de que o caminho mais provável para prevalecer sobre a Mente em Tentações hediondas e desesperadas é moldar o Corpo para uma estrutura

adequada: Ele não prevaleceu contra Jó para fazê-lo amaldiçoar a Deus, contudo ele prevaleceu muito, ele amaldiçoou o dia de seu nascimento e falou muitas coisas pela força daquele sofrimento, das quais ele se confessa envergonhado depois. O Corpo, então, estará em perigo (quando está desordenado) de dar uma tintura a cada ação, como um Paladar distemperado comunica um amargor a tudo o que ele ingere.

Sexto: A Má Companhia é uma preparação geral para todos os tipos de Tentação: Ele seduz fortemente por esse caminho. Pois (1) A Sociedade má insensivelmente amortece o Coração e apaga o calor das Afeições para com as coisas de Deus; ela tem um tipo de poder enfeitiçante para corroer o temor do Senhor em nossos corações e para retirar o peso e o poder do dever religioso; ela não apenas para nossas Línguas e as retarda em falar de coisas boas, mas influencia o próprio Coração e o envenena em um tipo de morte e letargia, de modo que nossos pensamentos correm baixo, e começamos a pensar que aquela vigilância severa de Pensamentos e a guarda de nossas Mentes é uma Autoimposição desnecessária e melancólica. (2) O Exemplo tem uma força insinuante estranha para imprimir uma Semelhança e para gerar Imitação. José, vivendo onde seus Ouvidos eram frequentemente batidos com Juramentos, acha uma coisa fácil (em uma ocasião fingida) jurar pela Vida de Faraó. A má Companhia é o Berçário do Pecado e a Academia de Satanás, pela qual ele treina aqueles cujo conhecimento e começos promissores os haviam tornado esquivos às suas Tentações; e se ele pode prevalecer com os Homens para tomar tais Companheiros, ele irá com um pouco de trabalho presentemente trazê-los a qualquer Iniquidade.

Sétimo: Mas seu projeto mais alto em ordem à sedução dos Homens é engajar os Afetos deles a uma altura e passionalidade. A Escritura distingue entre os *Pathēmata* e *Epithymiai*, os Afetos e as Concupiscências; claramente implicando que o caminho para obter desejos fixos e cobiças reais é obter aqueles funcionamentos passionais da Mente.

Quão poderosa uma parte de seu Desígnio isso é aparecerá da natureza dessas Paixões: que são,

Primeiro: Movimentos Violentos do Coração, as próprias Asas e Velas da Alma, e cada Paixão em sua própria operação expressa uma violência. A Cólera é uma Fúria séria; a Voluptuosidade não é nada menos; o Medo é uma pressa desesperada da Alma; o Amor forte como a Morte; o Ciúme cruel como a Sepultura: cada um deles esforçando-se para ver qual excederia em violência, de modo que é uma questão ainda indeterminada qual Paixão pode reivindicar a superioridade.

Segundo: A Fúria delas é perigosa e desenfreada, como tantos Cavalos selvagens soltos, apressando seu Cavaleiro para o lado que eles desejam: Elas não se movem sob o comando da Razão, mas frequentemente o previnem em sua ascensão súbita; nem tomam o conselho da Razão para seu curso proporcional à ocasião, pois frequentemente o humor delas, em vez da matéria da provocação, dá-lhes as Esporas; e quando elas evaporaram seu calor, elas cessam, não como seguindo o comando da Razão, mas como enfraquecidas por sua própria violência.

Terceiro: Elas não são facilmente conquistadas, não apenas porque renovam sua força e ataque após uma Derrota e, como tantas cabeças de Hidra, brotam tão rápido quanto cortadas,

mas elas são nós mesmos, não podemos nem fugir delas, nem do amor a elas.

Quarto: E consequentemente altamente vantajosas no Desígnio e Sedução de Satanás, quando elas são levadas a uma Fúria e Passionalidade; pois além de sua raiva interior (que a Escritura chama de queimação), pela qual os Homens são picados e aguilhoados sem descanso ou alívio, para fazer provisões para a Carne, e para desfrutar ou agir o que sua violência desenfreada levará na execução de seus desejos: Elas carregam tudo diante de si e engajam o homem inteiro com a mais alta avidez para cumprir cada Concupiscência, para subir aos mais altos graus e, com uma ganância insaciável, para se entregarem como servos da Iniquidade para a Iniquidade.

CAPÍTULO XI
Que a Concupiscência obscurece a Mente.

Evidências disso. Os cinco modos pelos quais ela cega os Homens. (1) Ao impedir o exercício da Razão. Os modos dessa prevenção. (1) Segredo na tentação, a sutileza de Satanás nisso. (2) Surpresa. (3) Enredamentos Graduais.

Que Satanás nos seduz ao despertar nossa Concupiscência, foi descoberto; resta que eu fale em seguida da segunda coisa proposta, que foi:

Que por este poder da Concupiscência ele cega e obscurece nossa Mente. Que as Concupiscências dos Homens são o

grande princípio sobre o qual Satanás procede ao atrair tamanha cegueira (como a que falamos), eu irei brevemente evidenciar a partir destas poucas Observações.

Primeiro: Da irracionalidade e absurdo de algumas Ações em Homens de outra forma suficientemente racionais. Aquele que considera os atos de Alexandre ao assassinar Calístenes, por nenhum outro crime senão defender a causa dos Deuses e afirmar que Templos não poderiam ser construídos para um Rei sem provocar uma Divindade; e ainda assim isso tão suavizado (se Quintus-Curtius o representa corretamente) que ele pareceu lisonjear Alexandre com uma opinião de Deificação após sua morte: Quem quer que (digo eu) considere esta crueldade, condenará Alexandre como cego e irracional nesta matéria, e no entanto nenhuma outra causa pode ser atribuída a isso senão que sua concupiscência por Glória e Honra obscureceu sua Razão. O mesmo pode ser dito de sua matança do Médico de Hefestião, porque este morreu. A fúria brutal daquele Cônsul que fez um Escravo ser comido por Lampreias, por nenhuma outra falta senão a quebra de um Vidro, pode ser atribuída a nada mais senão ao ferver de sua Paixão. Uma instância mais triste disso temos em Teodósio, o velho, que por uma afronta dada a alguns de seus Oficiais em Tessalônica, ordenou a destruição da Cidade e o massacre dos Cidadãos até o número de 7.000, sem qualquer distinção de culpados e inocentes: Esta raiva cega o Historiador nota como o fruto da Concupiscência violenta e desenfreada em um Homem, de outra forma justo e gracioso. Milhares de Instâncias desta natureza poderiam ser adicionadas. Mas,

Segundo: Se considerarmos os riscos conhecidos e visíveis à Vida e ao Patrimônio e (o que é mais) àquela parte deles

que é Imortal; em tudo o que os Homens se aventuram desesperadamente, sem nenhum outro fundamento ou motivo senão as gratificações de suas Concupiscências: Podemos facilmente concluir que há uma força e poder estranhos em suas Paixões para cegá-los e embrutecê-los; e isso, não obstante, é a prática comum de todos os Homens, onde a Graça (como o único Colírio) não restaura a visão. Os Gentios em todas essas práticas de Sujeira e Loucura, registradas em Rom. 1:29. Eles tiveram até certo ponto uma descoberta do perigo (se não tivessem aprisionado aquela Verdade e Luz na Injustiça, vers. 18) que eles conheciam o julgamento de Deus, que os que cometem tais coisas são dignos de morte, vers. 32. Contudo, não obstante, a vaidade de suas Imaginações (influenciadas pela Concupiscência) obscureceu o coração deles tanto que eles não apenas fizeram essas coisas (de tão grande vileza e perigo indizível), mas tiveram prazer naqueles que as faziam.

Terceiro: O poder cegante da Concupiscência é ainda mais notável: Quando vemos Homens gloriando-se em sua Vergonha, e montando seus Carros triunfais para se exporem como um Espetáculo a todos, naquele traje de deformidade em que suas Concupiscências os colocaram. É uma cegueira fazer qualquer ato contra as regras da Razão, mas é uma cegueira muito maior para os Homens orgulharem-se neles. O que foram os desfechos da maioria das Guerras senão queimas de Cidades, devastações de Reinos florescentes, derramamento do sangue de Milhões, além de toda a Fome e outras misérias que seguem; contudo estas ações (que melhor convêm a Tigres, Leões e Brutos selvagens do que a Homens de Razão) são honradas com os grandes nomes triunfantes de Virtude, Hombridade, Coragem, Magnanimidade, Conquista, etc. Se o poder e o humor de suas Concupiscências de vanglória e

vingança não tivessem abafado completamente seus entendimentos, estas coisas teriam sido chamadas por seus nomes próprios de Assassinato, Crueldade, Roubo, etc., e os Atores de tais Tragédias, em vez de Arcos triunfais e aclamações de Louvor, teriam sido enterrados sob montões de Ignomínia e Desonras perpétuas, como Prodígios da Natureza, Monstros de Homens e Odiadores da Humanidade.

Quarto: Mas há ainda uma Evidência mais clara e convincente. Quando nossas Concupiscências estão em alta, embora a Razão ofereça seus auxílios para aplacar a Tempestade, contudo os mais sábios dos Homens (de outra forma compostos e calmos) estão tão longe de tomar a vantagem de sua orientação que, muitas vezes, eles a pisoteiam e a desprezam; e como se as Concupiscências (por algum Encantamento secreto) os tivessem tornado impenetráveis, eles não são capazes de sua luz e conduta, e não podem fazer mais uso dela do que um Homem cego pode fazer de uma Vela. Para este propósito, observemos o comportamento de Disputantes; se os Homens de qualquer modo se engajam publicamente em uma Contenda desta natureza, embora a Verdade possa estar apenas em um dos lados, contudo ambas as Partes dão Argumentos e respondem Objeções com igual confiança de vitória, e um desprezo pelas razões e força dos discursos um do outro: e isso prova-se tão fatal para aquele que mantém o erro ou a inverdade, que nem um em mil tem o benefício e vantagem para o achado da Verdade, que Espectadores livres e sem preconceitos podem ter; tão verdadeiro é aquilo: *Omne perit judicium cum res transit in affectum* — Todo julgamento perece quando a questão passa para o afeto. É uma coisa de observação comum que, quando os Homens são levados em discurso à Ira e ao Calor, eles presentemente tornam-se

absurdos; são desabilitados para falar ou entender a Razão, e são frequentemente apressados a tais inconveniências e erros que se envergonham de si mesmos quando esfriam e o acesso passa; *Impedit ira animum*, etc. A tudo isso poderia ser adicionado o poder da Concupiscência em Pessoas voluptuosas, que se dedicam aos prazeres da Carne. Aqueles que servem a diversas Concupiscências e Prazeres, seu Estado escravo, sua Labuta vil, claramente evidenciam que a Concupiscência os desumaniza e apaga seus Olhos. Marco Antônio, por este meio, tornou-se um Escravo de Cleópatra; nunca um pobre Cativo esforçou-se mais para obter a boa vontade de seu Senhor do que ele para agradar esta Mulher, de tal modo que, embrutecido com sua Concupiscência, ele parecia carecer daquela previdência comum de seu perigo, que a menor medida de Razão poderia ter oferecido a qualquer um, e assim brincou até sua ruína. De todas estas Considerações e Instâncias, aparece que nossas Concupiscências fornecem tais Vapores e Névoas que nossa Razão é obscurecida por eles, ou melhor, elas são como uma Dose de Ópio que fortemente estupora e prende os Sentidos. Mas ainda resta que os vários modos pelos quais nossas Concupiscências nos cegam sejam particularmente abertos, e eles são cinco. (1) Nossas Concupiscências nos cegam ao impedir o uso e exercício da Razão. (2) Ao pervertê-la. (3) Ao retirar a Mente dela. (4) Ao perturbá-la em sua operação. E (5) Por uma precipitação desesperada. Tudo o que eu explicarei mais plenamente.

Primeiro: Nossas Concupiscências nos cegam ao impedir e interceptar o exercício da Luz e da Razão, e Satanás neste caso usa estes enganos.

Primeiro: Ele se esforça para despertar tanto nossa Concupiscência a ponto de ainda ocultar seu desígnio. O Segredo é um de seus principais Motores, ele não (neste caso) mostra sua Arma antes de golpear; e de fato sua Política nisso é grande, Pois (1) Por este meio ele nos pega desprevenidos, seguros e despreparados para a resistência. (2) Somos frequentemente enredados sem ruído, e antes que nossa consideração das coisas possa vir para nos resgatar. (3) Se ele não obtém seu desígnio inteiro sobre nós por este caminho, contudo ele frequentemente faz uma meia vitória; por este meio ele obtém um meio consentimento, ou inclinação ao pecado antes de descobrirmos que estamos sob uma Tentação; pois quando o Fundamento de uma Tentação é lançado sem ser espreitado, então despertamos com o Pecado em nossa mão, como Homens adormecidos despertam às vezes com a palavra em suas bocas. Se alguém questionar: como podem ser estas coisas? como pode ele roubar uma Tentação sobre nós com tal segredo? Eu respondo, ele pode fazê-lo destes três modos.

Primeiro: Ele às vezes, de uma maneira descuidada e como se fosse de passagem, deixa cair uma Sugestão em nossos corações, e isso sem ruído ou importunidade, dando-lhe (por assim dizer) esta carga: não o desperte, nem o acorde; e então ele senta-se ao lado para observar o desfecho, e para ver se a Isca pegará fogo por si mesma. Assim, muitas moções lançadas em nossos corações, como se fosse acidentalmente, ou antes que estejamos cientes, geram uma chama súbita.

Segundo: Ele às vezes faz um rodeio, e faz uma coisa muito diferente ser um Preâmbulo ou Introdução ao seu desígnio pretendido. Assim, por Objetos, Empregos, Discurso ou Companhia, que não mostram qualquer tendência direta ao

mal, ele insensivelmente ocasiona Orgulho, Paixão ou Concupiscência. Quão astuta e secretamente ele nos põe sobre o que ele pretende como um laço posterior? Quão desprevenidos, enquanto não pensamos em tal coisa, somos carregados às vezes para as fronteiras do Pecado e para os quartéis dos inimigos? Satanás nisso age como um caçador de aves, que usa um disfarce, como se estivesse em algum outro emprego, quando contudo seu desígnio é a destruição da ave.

Terceiro: Outro modo de Segredo é o seu levantamento de uma multidão de outros pensamentos na Mente, e enquanto estes estão misturados e flutuando confusamente no Entendimento ou Fantasia, então ele empurra entre eles a Sugestão pretendida, e então sofrendo que os demais se desvaneçam, ele pouco a pouco separa este como um objeto mais especial de consideração, de modo que lançamos um olhar súbito sobre este, e somos frequentemente tomados por ele antes de considerarmos o perigo. Nisso Satanás faz como Soldados, que tomam a vantagem de uma Névoa para fazer uma aproximação mais próxima de seus Inimigos, e para surpreendê-los antes da descoberta do perigo: Isto ele faz conosco enquanto estamos em um acesso de Reflexão, ou em um sonho Melancólico.

Um segundo Engano para a prevenção de uma consideração séria é a Surpresa súbita. No anterior, ele se esforçava para ocultar a Tentação enquanto ele está em trabalho conosco, mas neste ele mostra a Tentação claramente, apenas ele nos ataca sem nos dar aviso do ataque; mas então ele o reforça com toda a importunidade violenta que pode, e por isso ele impede o recolher de nós mesmos e o auxílio da Razão. Este curso Satanás apenas toma com aqueles cujas Paixões são aptas a serem muito agitadas e barulhentas; ou tais que, sendo

seus Escravos e Vassalos, são mais sujeitos aos seus comandos. Assim, uma provocação súbita a um Homem irado não lhe dá tempo para considerar, mas o carrega de cabeça. Uma surpresa de Ocasião e Oportunidade é frequentemente uma conquista para aqueles que têm qualquer seriedade de Esperança, Desejo ou Vingança: Certamente Davi foi pego nesta vantagem na questão de Bate-Seba. E aqui podemos notar que homens bons, sob tal moção súbita, cedem (sem qualquer golpe ou luta) àquilo que, em outros momentos, eles não poderiam ser atraídos por muitas razões.

Terceiro: A consideração é impedida por Enredamentos graduais. Satanás ordena a matéria de tal modo que o Pecado rasteja sobre nós como o Sono, por graus insensíveis: Para este fim, às vezes ele dissimula sua Força e nos ataca com Tentações menores, e com menos força do que de outra forma ele poderia: Ele sabe que não somos movidos a extremos senão por passos e hábitos, não somos confirmados senão por procedimentos graduais; dar passos muito grandes pode às vezes prevalecer no presente, mas a rapidez e grandeza da alteração, gerando uma estranheza na Alma, pode ocasionar pensamentos posteriores e recuo: Portanto, ele tenta primeiro a pensamentos, depois a um deleite nestes pensamentos, depois à continuação deles, depois à resolução, e assim por diante até a prática. E de maneira semelhante, ele tenta alguns a serem ousados com uma pequena matéria, que mal virá sob a noção de erro; depois a uma maior, e assim gradualmente a coisas mais altas, e assim ele insensivelmente traz uma Inclinação e Prática ladra. Para o mesmo fim, às vezes ele mostra sua habilidade na gestão das Ocasiões, ele imperceptivelmente fisga os Homens no Pecado, atraindo-os primeiro a serem ousados com as Ocasiões; ele lhes diz que podem sentar-se na

Taverna e, no entanto, não se embriagar; que podem manter Familiaridade e, no entanto, não serem devassos; que podem olhar para uma Mercadoria e, no entanto, não roubar: e quando as Ocasiões são por este meio tornadas familiares a eles, então ele os põe um passo adiante, mas por movimentos tão lentos que o progresso mal é discernido até que eles estejam no Laço.

CAPÍTULO XII.
Da perversão de nossa Razão por Satanás.

Seu segundo modo de cegar. A possibilidade disso e a maneira de realizá-lo diretamente, por diversos caminhos; e indiretamente, pelos deleites do Pecado e por Argumentos Sofísticos; com um relato sobre eles.

O segundo caminho pelo qual Satanás nos cega através do poder da Concupiscência é pervertendo e corrompendo nossa Razão, levando-a a aprovar aquilo que antes ela desaprovava. Que nossas concupiscências tenham tal poder sobre o Entendimento para realizar tal alteração, não deve parecer estranho àqueles que considerarem que a Escritura, ao propor o conhecimento dos mais altos Mistérios, requer positivamente (como um pré-requisito necessário para essas coisas) que deixemos de lado toda imundícia e superfluidade de malícia (nestes termos, notando o repugnante aviltamento de nossas Concupiscências) para que possamos receber a Palavra enxertada; implicando fortemente que nossas concupiscências têm o poder de eludir e escapar das razões mais fortes, e de impedir sua aceitação: o que nosso Salvador nota ter sido

também a causa da cegueira dos judeus: *Como podeis crer, vós que recebeis honra uns dos outros?* As concupiscências de Honra deles colocavam-se em sua Luz e pervertiam sua Razão.

Mas porque isso pode parecer a alguns quase impossível — que as Concupiscências pudessem transformar nosso Sol em trevas — eu o explicarei um pouco.

O Entendimento costuma (se a prática do Pecado não tiver apagado sua luz) representar fielmente à nossa Mente, a princípio, a natureza do Bem e do Mal em questões de Tentação e Dever; contudo, seu poder neste caso é apenas diretivo e persuasivo para com a Vontade, não absolutamente imperativo; a Vontade deve seguir o ditame do Entendimento, mas não está sob qualquer necessidade de seguir seu primeiro conselho; é o *ultimum dictamen*, o último ditame que ela está engajada a seguir. No entanto, embora a Vontade (no caso recém-mencionado) seja dependente do Entendimento, o Entendimento também, *quoad exercitium* [quanto ao exercício], depende da Vontade e, quanto ao ato de consideração, está sob o comando dela; de modo que, após o Entendimento ter representado fielmente o mal de um Pecado, a Vontade pode comandá-lo a uma outra consideração, e forçá-lo a novos pensamentos e consultas sobre o assunto; caso em que a Vontade instiga o Entendimento, diz-lhe qual veredito deseja que ele traga e, assim, realmente solicita e implora por uma conformidade.

O Entendimento é dúctil e capaz de ser subornado e, portanto, permite que seu olho direito seja arrancado pela Vontade e, como uma Testemunha falsa ou um Juiz parcial, dá a sentença conforme a Vontade deseja; e assim (como observa um autor) o

Entendimento e a Vontade são como Simeão e Levi, irmãos no mal, conformando-se e gratificando-se mutuamente.

Sendo descoberta a possibilidade de as Concupiscências perverterem nosso Entendimento, é necessário que se exponha o caminho e a maneira como a Concupiscência assim o corrompe.

A Concupiscência exerce esse poder sob a gestão de Satanás, direta e indiretamente.

Primeiro, nossa Razão é **diretamente pervertida** quando se opera nela a tal ponto que ela chama de Bem aquilo que é, de fato, clara e aparentemente Mal. Tamanha corrupção não é comum nem ordinária, nem pode o coração do Homem ser facilmente levado a ir tão palpavelmente contra a luz e a evidência claras. Ocorre, portanto, apenas em alguns Casos, e em algumas Pessoas, seja de Faculdades mais fracas, ou de Princípios extraordinariamente depravados, que Satanás consegue trabalhar a Concupiscência para produzir tão grande treva: contudo, é evidente que Satanás usa estes enganos nesta questão.

Primeiro, ele se esforça (onde a matéria permitir) para colocar o nome de Virtude ou Bem sobre Ações e coisas que não o são. Esta Tentação aparece mais naquelas coisas que são de natureza duvidosa e disputável, ou naquelas Ações que, em sua aparência ou pretensões, possam parecer virtuosas. De qualquer Pecado que seja capaz de receber qualquer Pintura ou Verniz, disso ele tira vantagem. O Sacrifício de Saul foi uma grande iniquidade e, no entanto, o pretexto da Bondade geral da ação (sendo em si mesma comandada) e a suposta Necessidade de Saul fazê-lo, porque Samuel não vinha, foram

considerações sobre as quais seu Entendimento garantiu a ele aquele empreendimento. A Perseguição de Paulo (embora uma real gratificação de suas invejosas concupiscências), pelo seu Entendimento cegado, foi julgada como dever. O que é mais comum do que o mundanismo e a Cobiça serem chamados de um cuidado fiel e zeloso pela provisão de nossas Famílias? A mornidão é frequentemente justificada sob a noção de Moderação e Prudência; e qualquer coisa que possa apenas pretender algum parentesco ou semelhança com o Bem, nossas Concupiscências prontamente prevalecem para obter uma aprovação e defesa dela.

Segundo, Satanás usa a vantagem dos Extremos para a corrupção de nossos Entendimentos. Para este propósito, ele faz tudo o que pode para tornar tal Extremo odioso e desagradável, para que possamos correr para o contrário, como se fosse questão de dever. Muitos há cujas cabeças são tão fracas que, se veem o perigo de um Extremo, nunca se julgam em segurança até que voem para um Excesso contrário, e então pensam que o Extremo que abraçam não necessita de outra justificação senão o Mal aparente daquilo que evitaram. Satanás, sabendo disso, como a ave abibe, faz o maior barulho quando está mais longe de seu Ninho e, com muita seriedade aparente, nos tenta a algo que é mais oposto ao nosso temperamento ou inclinação presente; ou esforça-se por tornar algo assim para nós, não com esperanças de prevalecer conosco ali, mas para nos fazer correr o mais longe possível disso para dentro de outro laço, e também para nos fazer acreditar que fizemos bem e evitamos uma Tentação, quando, na verdade, apenas a trocamos.

Terceiro, ele cega diretamente nossos Entendimentos em Práticas pecaminosas, engajando-nos em Opiniões corruptas que levam a Caminhos ímpios ou descuidados. Satanás, com grande facilidade, pode levar os Homens ao Pecado, uma vez que tenha prevalecido com eles para receber um erro que diretamente conduz a ele. Princípios corruptos naturalmente corrompem as Práticas, e ambos podem ser observados encontrando-se naqueles iludidos que a Escritura menciona, que negavam o único Senhor Deus e a Jesus Cristo, transformando também a graça de Deus em lascívia; falsos mestres que introduziram heresias condenáveis, consideravam um prazer viver em deleites, tinham olhos cheios de Adultério e não podiam cessar de pecar. Com que confiança e segurança o pecado será praticado quando uma opinião assina um mandado e pleiteia uma Justificação para ele?

Quarto, em Ações cuja bondade ou maldade é principalmente descoberta pelos fins pelos quais são empreendidas, não é grande dificuldade para Satanás impor aos Homens a Crença de que eles agem por fins e respeitos que, de fato, não os movem de modo algum; e, neste caso, os Homens estão tão cegados que não conhecem ou não querem admitir que fazem o mal; sendo a matéria da Ação justificável, e sendo o fim fora do alcance da descoberta comum, eles prontamente acreditam no melhor de si mesmos; e olhando mais para a justificabilidade da natureza do ato em geral do que para seus fundamentos e intenções, pensam que não fazem o mal. Este foi um erro que Cristo observou nos Discípulos quando pediram fogo do Céu sobre os samaritanos: a coisa em si Elias fizera antes, e Cristo poderia tê-lo feito então, mas eles careciam do espírito de Elias; e, portanto, Cristo rejeita a moção deles como ilícita neles, que não consideraram que um

Espírito de Paixão e Vingança os influenciava totalmente e, em vez de mostrar um justo desagrado contra os samaritanos, Ele mostra que Satanás os havia cegado pela Concupiscência deles, e que a coisa que urgiam estava tão longe de ser boa que era aparentemente má, pois eram movidos por outro Espírito que não o que imaginavam. Este modo de engano é muito comum. Quão frequentemente podemos observar Cristãos fingindo insatisfações conscienciosas sobre as ações de outros, quando a mola privada que os anima é algum rancor secreto que jaz no fundo; e contudo, porque a coisa na qual estão insatisfeitos pode realmente merecer censura, não são aptos a condenar a si mesmos, mas pensam que agem bem.

Segundo, as Concupiscências também pervertem nossa Razão e Conhecimento **indiretamente**: e isto ocorre quando não estamos tão cegados a ponto de acreditar que a coisa à qual somos tentados seja absolutamente boa; contudo, não obstante, somos persuadidos de alguma bondade considerável nela, e tal que possa ser abraçada pelo momento. Para este propósito, Satanás tem prontos estes dois Motores:

Primeiro, ele coloca diante de nós os Prazeres, Lucros e outros deleites do Pecado: Estes ele realça com toda a sua Arte e Habilidade, para que possa fixar em nossas Mentes esta conclusão: que, embora seja proibido, contudo conduziria muito à nossa satisfação ou vantagem se fosse praticado; e aqui ele promete fins e frutos tão dourados do Pecado, como de fato ele nunca pode produzir, convidando-nos com as palavras da Meretriz: *Já cobri a minha cama com cobertas de tapeçaria, com obras lavradas, com linho fino do Egito. Já perfumei o meu leito com mirra, aloés e cinamomo. Vem, saciemo-nos de amores.* Assim ele atacou Eva: *Come deste Fruto, e sereis*

como deuses. Assim ele tentou o próprio Cristo: *Tudo isto te darei*, oferecendo os Reinos do Mundo e a Glória deles. Os prazeres do Pecado são a grande Isca de Satanás, e estes convidam e despertam fortemente nossas Concupiscências; contudo, porque o medo do perigo pode estar cravado no Coração — "É prazeroso, mas Oh, não ouso", diz o Pecador, "temo o risco ou o mal que pode seguir" — portanto Satanás tem seu outro Motor à mão para nos cegar e para desviar nossas Mentes de tais considerações, e este é:

Segundo, seus Argumentos Sofísticos, pelos quais o perigo pode ser diminuído; destes, sua Aljava está cheia. Como,

Primeiro, ele urge que o Pecado ao qual se é tentado é pequeno. "É apenas um pequeno", diz ele, "não é uma questão tão grande quanto tu fazes dela; há outros Pecados muito maiores, e estes também praticados por Homens que professam tanto quanto tu". Assim ele desejaria nos envergonhar (por assim dizer) de nosso medo, chamando-o de severidade, excesso de zelo ou uma precisão desnecessária. Se isto não prevalecer,

Segundo, ele tem então outro Argumento. "Oh", diz ele, "que assim seja, que seja um pouco mais que o comum, contudo é apenas uma vez; prova-o ou experimenta-o, não precisas te engajar em uma prática frequente; podes recuar quando quiseres". Mas se o medo do perigo prevalecer contra isto, então,

Terceiro, ele labora para nos colocar sob um tipo de necessidade de pecar, e pleiteia isto como uma justificação do mal. "Não é totalmente correto, mas tu não podes evitá-lo bem". Este pleito de necessidade é amplo: ocasião, exemplo, comando de outros, força da inclinação, costume e tudo o mais

são pleiteados por ele neste caso; alguns os enumeram particularmente: e antes que alguns Homens reconheçam o mal, culparão o decreto de Deus, como se fossem necessitados por ele, ou Sua providência, como Adão: *A Mulher que tu me deste, ela me deu da Árvore*. O resolve sangrento de Davi contra a casa de Nabal parece ser justificado por ele a partir da grande ingratidão de Nabal: *Em vão tenho guardado tudo quanto este tem no deserto*, etc., e como alguém engajado por uma necessidade de retribuir tais danos e afrontas, ele determina eliminá-los. Arão (quando foi arguido por Moisés sobre o Bezerro de ouro) escusa a questão por uma pretendida necessidade de fazer o que fez diante da violenta importunidade de um Povo tão obstinado; e que, quando Moisés não era encontrado: *Tu conheces este povo, que é inclinado ao mal*. Isto que ele urgiu a Moisés, Satanás sem dúvida havia urgido a ele, e ele aquiescera nisso como algo que pensava que escusaria, ou ao menos mitigaria a ofensa. Contudo, se o Pecador rompe este Laço,

Quarto, ele prossegue com um pleito mais suave de enfermidade; e esforça-se por persuadir os Homens de que podem ceder sob o pretexto de serem forçados, e que seus esforços e relutâncias diminuirão o mal para um aparente pecado de enfermidade; e assim ele lhes fala: "Não têm os Filhos de Deus enfermidades? Eles pecam, embora com relutância, e não resistes tu? Não mostra o medo que está em teu coração uma falta de vontade? Não podes pleitear: *o mal que eu não quero, esse eu faço*? Se cederes, não contará Deus isso como um estupro sobre a tua integridade?". Se esta Seta não cravar,

Quinto, então ele atenua a ofensa, propondo algum bem menor ou conveniência que possa seguir aquele mal. E isto, embora seja um modo de argumentar diretamente contrário àquela regra: *Não faças o mal para que venha o bem*, contudo frequentemente prova-se bem-sucedido; e é como aquele estratagema comum de Guerra quando, pela proposta de um pequeno botim à vista, os Inimigos são atraídos para fora de sua Fortaleza para um Perigo previamente tramado. Assim Satanás pleiteia: "Este único ato de Pecado pode te colocar em capacidade de honrar mais a Deus". Alguns aceitaram promoções e dignidades contra a Consciência, sob nenhum fundamento melhor senão o de que poderiam manter os velhacos fora, e que poderiam estar em condição de serem úteis aos Homens bons. Certamente o Diabo prevaleceu com Ló por esta Arma, quando ele ofereceu a prostituição de suas Filhas às concupiscências dos sodomitas, para que os Estranhos (como ele os pensava) pudessem ser preservados; "por este mal", pensa ele, "um maior pode ser evitado". A Consciência de Herodes não pôde a princípio consentir em degolar João Batista, mas quando Satanás sugere a obrigação de seu Juramento, ele conclui que, ao matar João, escaparia da violação do Juramento; assim, um pretendido bem por vir torna-se o alcoviteiro de uma iniquidade certa e presente. Agora, se após todos esses argumentos a Consciência carrega uma apreensão de perigo, então,

Sexto, ele claramente disputa a possibilidade de escapar do perigo, embora o pecado seja cometido. Todas as insinuações de prazer e vantagem pelas quais Eva foi tentada não puderam, a princípio, apagar seus medos da consequência daquela transgressão; isso permanecia em sua mente: *para que não morramos*; então Satanás claramente nega o perigo que ela

temia: *Certamente não morrereis*; "a ameaça", diz ele, "talvez fosse apenas para prova, ou sem um propósito estrito e positivo em Deus de executá-la; não há certeza de que Deus falava sério quando disse aquilo". O Diabo usualmente urge a Misericórdia de Deus, os Méritos de Cristo, Suas Promessas de Perdão, as Enfermidades dos Santos, seus Pecados e Arrependimentos, etc. De tudo isso tirando esta conclusão: que podemos nos aventurar na Tentação sem qualquer risco aparente. "É apenas arrepender-se", diz ele, "e isso é um trabalho fácil para uma Alma graciosa; Deus está pronto para se reconciliar, mesmo com um Filho Pródigo; Ele não é tão cruel a ponto de lançar fora alguém por uma questão pequena; Aquele que espera para ser gracioso não ficará à espreita por oportunidades e ocasiões para nos destruir; Aquele que não tem prazer na morte do Pecador não terá prazer em tomar exceções estritas contra cada falha".

Se Satanás puder prevalecer conosco para atenuar o Pecado, para desprezar o risco, ou de qualquer modo diminuí-lo sob qualquer um dos fundamentos mencionados; então, tendo nos possuído antes com altas apreensões de deleites e satisfações no Pecado, ele rapidamente persuade a aceitar a moção, como tendo nela uma conveniência e vantagem a não serem desprezadas: e assim ele perverte indiretamente nossa Razão, que é o segundo modo pelo qual ele nos cega, através da operação de nossa Concupiscência.

CAPÍTULO XIII.
Do desvio de nossa Razão por Satanás.

Do desvio de nossa Razão por Satanás, sendo o terceiro modo de cegar os Homens. Suas políticas para desviar nossos Pensamentos. Suas tentativas para esse propósito de maneira mais direta; com os graus desse procedimento. Da perturbação ou distração de nossa Razão, que é o quarto modo de Satanás de cegar os Homens. Seus enganos nisso. Da precipitação, o quinto modo de Satanás de cegar os Homens. Diversos enganos para levar os Homens a isso.

Terceiro, Satanás cega os Filhos dos Homens ao desviar e retirar sua Razão, tirando-a da busca de sua descoberta ou apreensões. Pois, às vezes, ela não pode ser induzida a ir tão contrariamente à sua Luz a ponto de chamar o mal de bem, seja direta ou indiretamente: então Satanás é levado a uma nova peça de Política; e se a estrutura do Coração e a matéria da Tentação servirem ao seu desígnio, ele esforça-se por desviar a corrente de nossos pensamentos inteiramente para outro lado, ou por aquietá-los transformando-os em um Mar Morto, ou por algum truque para enganar o Entendimento com algum novo traje da Tentação. De modo que podemos observar em Satanás uma política tríplice em subserviência a este desígnio: pois,

Primeiro, Satanás às vezes cessa sua perseguição e deixa o assunto cair, e pensa ser melhor mudar a Tentação do que continuar uma solicitação em tão grande desvantagem. Quando ele tentou a Cristo e não pôde prevalecer, retirou-se por uma estação com o propósito de retornar em um momento mais oportuno, o qual o próprio Cristo esperava, sabendo ser o costume dele ficar à espreita por vantagens e, consequentemente, quando Sua paixão se aproximava, a qual (como Ele fala aos judeus) era a hora deles e o poder das

trevas, Ele predisse o retorno dele sobre Si: *Agora vem o Príncipe deste Mundo*. Contudo, embora esta tentativa dele contra o Senhor Jesus não tenha prevalecido, ele mostrou sua Arte e Habilidade na suspensão de sua Tentação para um tempo mais adequado. E o sucesso disso contra nós é tristemente notável, pois, por mais que resistamos e por enquanto nos mantenhamos firmes, suas solicitações são frequentemente como o fermento que, enquanto escondido em nossos pensamentos, não pouco os fermenta e altera, de modo que, ao seu retorno, ele frequentemente encontra nossas Concupiscências preparadas para levantar nuvens maiores sobre nossa Mente. Muitos há que resistem fortemente no presente àquilo em que deslizam facilmente quando Satanás lhes deu tempo para respirar; que dizem "não farei", e contudo o fazem depois.

Segundo, ele às vezes retira as considerações deles, insuflando-os com uma confiança de que estão acima da Tentação: como uma conquista em uma pequena escaramuça, gerando uma opinião de vitória, abre caminho para uma derrota total sobre um Exército descuidado e seguro. Somos propensos demais a triunfar sobre as Tentações porque damos o primeiro ataque com coragem e resolução. Cristo advertiu Pedro de sua negação; ele a nega resolutamente e, não aproveitando esta Advertência para o Temor e a Vigilância, Satanás, que estava então em um desígnio de peneirá-lo, pegou-o naquela vantagem de segurança e, por um instrumento desprezível, o derrubou. Assim, enquanto nos tornamos fortes em nossas apreensões pela negação de um Pecado, e o subestimamos como estando abaixo de nós, nossa Confiança nos torna descuidados, e isto permite nossa ruína.

Terceiro, se estes caminhos de Política falharem, ele aparentemente conforma-se conosco e contenta-se que julguemos a matéria como pecaminosa, mas então oferece seu serviço para nos livrar através de distinções; e aqui o Sofista usa sua habilidade para auxiliar nosso Entendimento na formulação de desculpas, cunhando evasões, e assim nos vence com nosso próprio arco. Os coríntios haviam aprendido a distinguir entre comer Carne em um Templo de Ídolos em honra ao Ídolo, e como um Banquete comum em civilidade e respeito aos Amigos que os convidaram: isto prontamente retirou a consideração deles e aquietou-os naquele curso, de modo que o Apóstolo foi forçado a descobrir a falácia disso. Os israelitas amaldiçoaram quem desse uma Esposa a qualquer da Tribo de Benjamim: mas quando se voltaram para eles em compaixão, satisfizeram-se com esta pobre distinção: que não lhes dariam Esposas, mas estariam dispostos a permitir que eles as tomassem. É um laço comum em questões de Promessa ou Juramento, onde a Consciência se sobressalta diante de uma violação direta, usar algum salvo-conduto lamentável ou evasão tola para cegar os Olhos; e quando não ousam romper a Cerca, saltam sobre ela com a ajuda de uma cana quebrada.

Mas devo aqui observar adiante que Satanás às vezes põe de lado estes Enganos mencionados e testa sua força para a retirada de nossa consideração do perigo do Pecado de uma maneira mais clara e direta, isto é, mantendo a perspectiva dos doces e prazeres do Pecado sob nosso Olhar e, ao mesmo tempo, urgindo-nos por repetidas solicitações a lançar os pensamentos do perigo para trás das costas: no que ele tanto prevalece às vezes, que os Homens são acusados de um profundo esquecimento de Deus, de Sua Lei e de si mesmos; contudo, usualmente, isso surge por graus: como,

Primeiro, quando uma Tentação está diante de nós e nossa consciência a recusa, se houver qualquer inclinação para recuar de uma convicção, a moção é resistida com um secreto pesar e tristeza. Como se dizia que o jovem rico se retirou entristecido quando Cristo propôs tais termos para a Vida Eterna que ele não estava disposto a ouvir: assim fazemos nós, nosso Coração fica dividido entre o Julgamento e a Afeição, e começamos a desejar que fosse lícito cometer tal Pecado, ou que não houvesse perigo nele; ora, frequentemente nossos desejos contradizem nossas orações e, enquanto desejamos ser libertos da Tentação, nossos desejos privados imploram por uma negação àquelas súplicas.

Segundo, se chegamos até aqui, geralmente procedemos ao próximo passo, que é dar uma dispensa àqueles pensamentos que se opõem ao Pecado: dizemos a eles, como Félix a Paulo: *Vai-te por agora, e quando eu tiver oportunidade conveniente, te chamarei*.

Terceiro, se uma simples dispensa não servir para repelir esses pensamentos, começamos a aprisionar a Verdade na Injustiça e, por uma recusa mais peremptória, a sufocá-la e mantê-la sob controle, tornando-nos, por fim, voluntariamente ignorantes.

Quarto, por este meio, finalmente, o Coração torna-se embrutecido e esquecido: o coração é tirado, como fala o Profeta, e então esses pensamentos de convicção e aviso perecem juntos no momento. Esta retirada de nossa consideração é o terceiro modo de Satanás nos cegar.

Segue-se agora o quarto modo pelo qual nossa Concupiscência prevalece na mão de Satanás para cegar o Conhecimento, e este é **distraindo e perturbando-o em seu trabalho**. Esta peça de

sutileza Satanás prefere usar porque é acompanhada de uma dupla vantagem e, como uma espada de dois gumes, cortará para ambos os lados. Pois (1.) uma confusão e distração no Entendimento impedirá as apreensões uniformes e claras das coisas, de modo que aqueles princípios de Conhecimento não podem penetrar tão fundo, nem ser tão firmes e plenos em sua aplicação: pois assim como os Sentidos, se de algum modo distraídos ou impedidos, embora nunca tão atentos, devem necessariamente sofrer prejuízo em suas operações; um Ar espesso ou Névoa não apenas impede a visão do Olho, mas também conduz a uma representação errônea dos Objetos: assim o Entendimento é impedido pela confusão. Mas (2.) se isto não tiver sucesso, contudo por meio disso ele impede a paz e o conforto dos Filhos de Deus: é uma tribulação ser assombrado por pensamentos malignos. Para operar esta distração:

Primeiro, Satanás usa uma importunidade clamorosa e nos persegue tanto com Sugestões que, para qualquer lado que nos voltemos, elas nos seguem; não conseguimos pensar em mais nada, nem ouvir mais nada, elas estão sempre diante de nós.

Segundo, ele opera esta perturbação em nossos pensamentos recrutando uma legião de Tentações contra nós; muitas de uma vez, e de vários tipos, por dentro, por fora, de todos os lados; ele reúne tudo, de Dã a Berseba de seu Império, para nos oprimir com uma multidão; de modo que, enquanto nossos pensamentos estão divididos entre muitas coisas, tornam-se menos fixos e observantes em qualquer uma em particular.

Terceiro, ele às vezes esforça-se por nos esgotar com longas Solicitações. Como aqueles que sitiam uma Cidade, quando não podem tomá-la por assalto, esforçam-se por consumir sua

Força e Provisões por um longo Cerco: seu desígnio nisto é vir sobre nós (como Aitofel aconselhou Absalão) quando estivermos cansados e com as mãos fracas por vigiar e por uma longa resistência.

Quarto, mas seu desígnio principal é tirar vantagem de qualquer tribulação interna ou externa e, com a ajuda desta, ele perigosamente descompõe e distrai nossos Conselhos e Resoluções. Se alguém tem o Espírito perturbado, apenas sob as apreensões da Ira, é fácil para ele confundir e assombrar tal pessoa, de modo que mal saberá o que faz ou o que pensa. A mesma vantagem ele tira das Aflições externas, e ele aproveita estas oportunidades por estas Razões:

Primeiro, usualmente as tribulações internas ou externas deixam algum selo de murmuração e mau humor sobre nossos Corações e, por si mesmas, perturbam nossos Espíritos com uma inclinação triste de falar em nossa pressa ou agir imprudentemente. A aflição de Jó amargurou seu Espírito, e Satanás não perde a vantagem; então ele vem sobre ele com Tentações e prevaleceu tanto que ele falou muitas coisas em sua angústia, das quais se envergonhou depois e escondeu seu rosto por isso: *Uma vez falei, mas não responderei; sim, duas vezes, mas não prosseguirei mais*.

Segundo, por razão de nosso Fardo, somos menos ágeis e mais inaptos para fazer qualquer resistência. O próprio Deus expressa a condição de tais sob a similitude daquelas que estão grávidas, as quais, porque não podem ser apressadas, Ele as guia gentilmente: mas Satanás sabe que uma questão pequena as descompõe e, nisto, ele lida conosco como Simeão e Levi lidaram com os siquemitas, que os atacaram quando estavam doloridos pela circuncisão.

Terceiro, as tribulações por si mesmas ocasionam Confusão, multidão de Pensamentos, Distrações e Inadvertências. Se os Homens veem um risco diante de si, ficam logo sem saber o que fazer, ficam perplexos, não sabem para onde ir, os pensamentos dividem-se, ora resolvendo isto, ora mudando logo para um propósito contrário. Raramente ocorre que, assim como na multidão de palavras há muita insensatez, assim também em uma distração de Pensamentos não haja muitos Erros, e Satanás, com um pouco de trabalho, pode melhorá-los para mais; aqui ele opera invisível; nestas Águas turvas ele ama pescar, porque suas Iscas não são percebidas.

Quinto, nossas Considerações e Raciocínios contra o Pecado são impedidos por uma **audaciosa e precipitada pressa**. Quando os Homens são apressados e pressionados ao cometimento do Pecado e, como a víbora surda, tapam seus Ouvidos contra a voz do Encantador: neste caso, a Vontade rebelde é como um Cavalo furioso que toma o Freio nos Dentes e, em vez de se submeter ao governo de seu Cavaleiro, carrega-o violentamente para onde ele não desejaria. Assim os Homens correm para o Pecado como o Cavalo para a Batalha. Os dispositivos pelos quais Satanás promove isto, podemos observar serem estes, entre outros:

Primeiro, ele esforça-se por assombrar os Homens com uma desesperança de prevalecer contra ele e, assim, intimida os Homens para que lancem fora suas Armas e entreguem-se à Tentação; concluem que não há esperança, por toda a sua resistência, de resistir a ele, e então são facilmente persuadidos a conformar-se com ele. Para ajudar nisto, Satanás usa a Política dos Soldados, que costumam vangloriar-se alto de sua força e resoluções para que, falhando os corações e a coragem

de seus Adversários, a Vitória lhes caia sem golpe. O Diabo expressa um desdém e desprezo por nossa fraca oposição, como Golias fez com Davi: *Sou eu algum cão, para tu vires a mim com paus? pensas tu em resistir contra mim?* É em vão afivelar tua Armadura e, portanto, melhor seria poupar o trabalho de lutar do que lutar sem propósito. Com tais raciocínios, os Homens são às vezes levados a lançar fora suas Armas e a atropelar sua Razão através do medo e da desesperança.

Segundo, às vezes ele é mais sutil e, ao "threaping" [insistir de forma impositiva] sobre os Homens que eles já consentiram, coloca-os em aventuras desesperadas de prosseguir. Isto ocorre usualmente onde Satanás usou muitas solicitações antes, após nossos corações terem sido urgidos fortemente com uma Tentação; quando ele vê que não pode nos ganhar para si, então ele triunfa e gaba-se de que já fomos conquistados, e que nossos pensamentos não poderiam ter habitado tanto tempo sobre tal assunto se não tivéssemos um gosto por ele, e daí desejaria nos persuadir a prosseguir e desfrutar a plenitude daquele deleite que já roubamos privadamente, "até o tornozelo, até o joelho".[1] Ora, embora seus raciocínios aqui sejam muito fracos (pois, embora se conceda que, pela permanência da Tentação em nossos pensamentos, ele nos tenha enredado um pouco, não se pode daí inferir que seja nossa sabedoria nos enredarmos mais), contudo muitos são vencidos por isso e entregam-se como já conquistados, e assim interrompem qualquer consideração posterior.

Terceiro, quando os homens não se deixam enganar pelo laço das decepções anteriores, ele tenta levá-los a um resolve súbito

[1] [*Over Shoes, over Boots]*.

e apressado de pecar; ele prepara todos os materiais do Pecado, coloca tudo em ordem e então nos leva (como fez com Cristo) ao Monte, para nos dar uma perspectiva de sua beleza e glória: *Tudo isto te darei*, diz ele; *apenas consente, e tudo é teu*. Ora, embora existam argumentos à mão e considerações sérias para nos dissuadir da prática, contudo como tudo é posto de lado por um resolve rápido? Satanás nos urge por uma pressa violenta (como Cristo disse a Judas): *o que tens a fazer, faze-o depressa*; a Alma persuadida com isto assume uma audácia e resolução súbitas e, quando a Razão se oferece para interpor, ela mantém a porta fechada, porque o som dos pés de seu Mestre está atrás dela; não diz ela a si mesma: "Venha, não consideraremos, façamos logo antes que estas considerações vívidas venham nos impedir"? Ela tem receio de ser contida e imagina que, se puder ser feito antes que a Consciência desperte e faça barulho, tudo estará bem; como se o Pecado deixasse de ser pecaminoso porque nós, por uma pressa violenta, nos esforçamos por evitar a admoestação da Consciência. Assim eles desfrutam seu Pecado (como os israelitas comeram sua Páscoa) às pressas, e com seus cajados em suas mãos.

Quarto, quando as Oportunidades e Ocasiões bem se adequarem, Ele tira vantagem de um Humor passional e carrancudo e, por este meio, nos desvia totalmente de nosso Eixo: a Razão é pisoteada, e a Paixão a atropela completamente. Nesta desvantagem o Diabo pega Jonas e o endurece para um resolve estranho de questionar a Deus e justificar a si mesmo naquela Insolência. O humor que Satanás trabalhou foi sua “carranquice” irritadiça, elevada a uma grande altura pelo desapontamento de sua expectativa, e isto o faz explodir em uma resolução colérica: *Faço bem em estar irado*. Tivesse ele estado composto em seu Espírito, tivesse sua

Mente estado calma e serena, o Diabo (certamente) não poderia, por nenhum argumento, tê-lo levado a isso; mas quando o Espírito está em fúria, um pouco de coisa prenderá a Razão em Cadeias e empurrará um Homem para um descuido desesperado de qualquer perigo que possa seguir; adequado àquela expressão de Jó, cap. 13. 13: *Deixa-me, para que eu fale, e venha sobre mim o que vier*.

Quinto, todos estes são pequenos em comparação com aquelas determinações deliberadas que se encontram na maioria dos Pecadores, os quais, por isso, dizem-se pecar com mão alta, presunçosamente, deliberadamente, contra a Consciência, contra o Conhecimento, e isto ordinariamente se encontra apenas entre aqueles a quem um costume de Pecado endureceu e confirmou em uma audácia de um caminho e curso ímpios. Quando os espíritos dos Homens estão assim aparelhados e preparados, Satanás pode, quase ao seu bel-prazer, moldá-los em um resolve deliberado de lançar o mandamento para trás das costas e recusar ouvir. Quando qualquer Tentação lhes é oferecida, se Deus diz: *Perguntai pelas veredas antigas, e andai por elas* (como em Jer. 6. 16), eles prontamente responderão: *Não andaremos nelas*; se Deus diz: *Escutai o som da trombeta*, eles replicarão: *Não escutaremos*. Quando o Povo, por um curso de pecados, tornou-se como a asna montês acostumada ao deserto, então eles peremptoriamente colocaram sua Vontade contra toda a Razão e Consideração que pudessem vir para dissuadi-los, embora lhes fossem ditos os inconvenientes (Jer. 2. 25), que isto descalçava seus pés e os afligia com Sede e Necessidade, contudo o conselho foi desprezado: *Não há esperança* (disseram eles), *não há expectativa de que tomaremos qualquer nota destes pleitos, pois fixamos nosso resolve: Amamos os estranhos, e após eles*

iremos. Assim em Jer. 44. 16: *Quanto à palavra que nos anunciaste em nome do Senhor, não te ouviremos a ti; mas certamente faremos toda a palavra que sair da nossa própria boca*. Um resolve pleno e total da Vontade dispensa todos os poderes da Razão e ordena-lhe silêncio. E que isto é o mais ordinário entre os Homens, pode aparecer por estas frequentes expressões da Escritura, nas quais Deus lança a culpa de toda aquela loucura que as vidas deles produzem sobre a Vontade deles: *Vós não quisestes obedecer, não quisestes vir a mim; o coração deles está posto para fazer o mal*, etc. Pode, de fato, parecer estranho que Satanás proceda tão longe com a generalidade dos Homens, e que eles façam aquilo que parece tão inconsistente com aqueles Princípios que retêm, e com a Luz que deve resultar dali: mas devemos lembrar que estes "quereres" e "faremos" dos homens ímpios são, em sua maior parte, a interpretação de Deus sobre os Atos e a Conduta deles, o que diz tanto quanto se suas Mentes e Corações não moldassem formalmente seus Pensamentos em tais asserções abertas e descaradas. E contudo devemos também considerar adiante que, quando o Espírito de Deus acusa o Homem de deliberada vontade, há certamente mais de uma vontade formal no coração do Homem do que aquilo que jaz aberto à nossa visão. E isto nos será menos estranho quando trouxermos à mente,

Sexto, que através da operação de Satanás as Mentes dos Homens são obscurecidas, e a luz delas apagada pela prevalência de Princípios Ateísticos. Algo de Ateísmo é concluído pela maioria dos Teólogos como estando em cada Pecado e, conforme a altura disso em seus vários graus, a Razão e a Consideração são subvertidas: Há, talvez, poucos que sejam ateus confessos em Opinião, e dogmaticamente

assim, mas todos os homens ímpios o são na Prática; embora professem a Deus, contudo o tolo diz em seu coração: *não há Deus*, e em suas obras eles o negam. Este é um Princípio que atinge diretamente a raiz: pois se não há Deus, nem Inferno ou Punição, quem se assustará de tomar seu deleite no Pecado por qualquer consideração desse tipo? O Diabo, portanto, esforça-se por instilar este Veneno com sua Tentação. Quando ele seduziu Eva por insinuações secretas, ele primeiro questionou a verdade da ameaça e então procedeu a uma negação aberta dela: *certamente não morrereis*; e é claro, ela foi induzida ao Pecado sob uma descrença secreta do perigo; ela enumera as vantagens: *bom para comer, agradável aos olhos, desejável para fazer alguém sábio*; onde é evidente que ela acreditou no que Satanás afirmara — que seriam como Deus — e então não era de se temer que morressem. Este tipo de Ateísmo é comum; os Homens podem não descrer de uma Divindade, podem até crer que há um Deus, e contudo questionar a verdade de Suas ameaças. Aqueles conceitos que os Homens têm de Deus, pelos quais o moldam e enquadram em suas fantasias, adequados aos seus humores (que é um pensar que Ele é tal como nós mesmos), são Correntes e Vapores deste Abismo, e os Corações dos Filhos dos Homens estão desesperadamente postos dentro deles para fazer o mal, sobre estes fundamentos; muito mais quando se elevam tanto quanto em alguns que dizem: *Como o sabe Deus? Há conhecimento no Altíssimo?* Se os Homens dão lugar a isto, que razão se pode imaginar que permaneça diante deles? Todas as cominações da Escritura são ridicularizadas como tantos espantalhos teológicos, e subestimadas como tantas invenções pífias para manter os Homens em temor.

CAPÍTULO XIV.
De Satanás mantendo sua Posse.

Seu primeiro Motor para esse propósito é a consumação do Pecado, em sua reiteração e agravação. Suas Políticas nisto.

Tendo explicado os cinco caminhos pelos quais Satanás, através do poder da Concupiscência, causa a cegueira da Mente ao tentar ao Pecado, passarei agora a expor os Ardis de Satanás para guardar e manter sua Posse, que são estes:

Primeiro, ele se esforça (após ter prevalecido com qualquer Homem para cometer uma Iniquidade) por consumar o Pecado, Tiago 1:15. *Depois que a concupiscência concebeu, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte.* Isso compreende estas duas coisas: sua reiteração e sua agravação.

Primeiro, sua **Reiteração** ocorre quando, por atos frequentes, o pecado é fortalecido e confirmado em um hábito. Há vários degraus pelos quais os Homens ascendem ao assento dos escarnecedores; *Nemo repente turpissimus* [Ninguém se torna vil de repente]. Não é um único ato que denomina os Homens "sábios para fazer o mal". No Salmo 1, Davi mostra que há gradações e graus de Pecado: alguns andam no conselho dos Ímpios; alguns, pelo progresso e continuação no Pecado, detêm-se no caminho dos Pecadores; alguns, por uma dureza de Coração e fixidez em Propósitos malignos, assentam-se na roda dos Escarnecedores. A esta altura ele trabalha para levar seus Prosélitos; contudo, ele projeta ainda mais:

Segundo, que o Pecado tenha suas **máximas realizações** em todas as agravações de que seja capaz. Ele se esforça por colocar os Homens em um curso de pecado que seja o mais escandaloso para o Evangelho, o mais enredador e ofensivo para os outros, o mais endurecedor e desesperador para nós mesmos, e o mais ofensivo e provocador para Deus; nisto ele imita o conselho de Aitofel a Absalão, quando o aconselhou a possuir as Concubinas de seu Pai à vista de todo o Israel, para que a brecha entre ele e seu Pai fosse alargada até a impossibilidade de reconciliação. Assim, ele trabalha para que os Pecadores ajam em tal nível de desafio aberto contra o Céu, como se tivessem resolvido deitar-se em sua iniquidade e estivessem decididos a nunca pensar em retornar e fazer as pazes com Deus. Para que o Pecado seja consumado em ambos os aspectos, ele usa estas Políticas:

Primeiro, após o Pecado ser cometido uma vez, ele renova suas Moções e Solicitações para que o ato se repita, e novamente, e assim por diante, até que se tornem perfeitos e habituados a ele. Neste caso, ele repete o método anterior pelo qual primeiro os enredou, apenas com tais alterações que o caso presente o obrigue a fazer; antes, ele urgia para o cometimento apenas uma vez (quão pouco se deve confiar nessas promessas!), agora ele os urge pelo próprio ato que já praticaram: "Não é um pecado prazeroso ou proveitoso para a tua própria experiência? Não provaste e viste? Já não consentiste? Prova e tenta novamente e, ainda mais, não retires a tua mão". Uma pequena Tentação servia antes, mas uma menor serve agora; pois, ao ceder à primeira Tentação, nossos corações inclinam-se secretamente ao Pecado, e carregamos uma afeição maior por ele do que antes: pois esta é a mancha e o aviltamento do Pecado, que, uma vez cometido, deixa impressões de deleite e

amor para trás, as quais são ainda mais aumentadas por um progresso posterior e comissão frequente, até que, por fim, por um forte poder de fascinação, ele enfeitiça os Homens de tal modo que não podem resistir; todos os apelos de Amigos, todas as suas próprias Promessas, todos os seus Resolves e Propósitos, por mais fortes e sérios que sejam (a menos que Deus intervenha para o resgate com uma mão onipotente), não podem mais contê-los do que grilhões de palha poderiam segurar um Gigante. O próprio Deus admite isso como uma impossibilidade natural: *Pode o etíope mudar a sua pele? —* então também não podeis fazer o bem; e a razão dessa impossibilidade vem daqui: que eles estão acostumados a fazer o mal. Tais inclinações fortes e poderosas ao mesmo pecado são geradas em nós por um pecado já cometido, que às vezes um único ato de pecado enche alguns Homens com desejos tão veementes e passionais por um novo desfrute, quanto o costume e a continuidade fazem com outros. Agostinho relata que Alípio, uma vez tendo cedido à Tentação de observar os Gladiadores, ficou enfeitiçado com tal deleite que não apenas desejou voltar com outros, mas antes de outros. Nem é grande maravilha que assim seja, quando (além das Inclinações geradas em nós por qualquer ato de Pecado para cometê-lo novamente) o Pecado nos coloca fora da proteção de Deus, debilita e enfraquece nossas Graças, fortalece o Braço de Satanás e, frequentemente, garante a ele mais poder e autoridade contra nós.

Segundo, Satanás esforça-se por fazer de um Pecado um compromisso para outro, e forçar os Homens a *puxar a iniquidade com cordas de vaidade*. Agur nota uma concatenação nos Pecados: *para que eu não furte e tome o Nome de Deus em vão*. Adão, pecando no Fruto proibido e

proclamado culpado por sua Consciência, corre para outro pecado para a desculpa do primeiro: *A Mulher que tu me deste*, etc. Davi oferece uma instância triste disso: cometido o pecado com Bate-Seba, e estando ela grávida, Davi, para esconder a vergonha de sua ofensa, (1) Hipocritamente finge grande bondade para com Urias. (2) Quando isso não serviu, em seguida ele o embriaga, e talvez tenha envolvido muitos outros naquele pecado como Cúmplices. (3) Quando este curso falhou, seu coração concebe o propósito e a resolução de assassiná-lo. (4) Cruelmente faz dele o Mensageiro de sua própria destruição. (5) Engaja Joabe nisso. (6) E a morte de muitos de seus Soldados. (7.) Por isso coloca todo o Exército em risco. (8) Escusa a trama sangrenta através da Providência. (9) Em tudo isso usando ainda o auge da dissimulação. Satanás sabe quão natural é para os Homens esconder a vergonha de sua iniquidade e, consequentemente, provê ocasiões e provocações para empurrá-los a um tipo de necessidade.

Terceiro, por uma representação perversa do estado dos homens piedosos e ímpios, ele arrasta o Pecado para uma consumação maior. Quão frequentemente ele coloca diante de nós a Miséria, Aflição, Contempto, Cruzes e Tristezas de uns, e a Alegria, Deleites, Fartura, Paz, Honras e Poder de outros? Foi uma Tentação que quase levou Davi a um resolve Ateísta contra todo dever religioso, e aquilo que ele observou ter prevalecido totalmente com muitos Professores, no Salmo 73. Quando observaram que não estavam em problemas como outros Homens, e que sua Boca e Língua tinham sido insolentes contra Deus, sem qualquer repreensão ou freio da parte d'Ele; enquanto, nesse ínterim, os Piedosos eram flagelados o dia todo e castigados a cada manhã: alguns (que eram de profissão, ou ao menos estimados como Povo de

Deus) voltaram a acolher esses pensamentos e a resolver-se por tais práticas (vers. 10), como se Deus, que permite tudo isso com tanto silêncio, devesse ser suposto como alguém que conscientemente dá algum apoio a tais ações. Isto, de fato (quando processado em nossos corações em sua força total com aquelas suspeitas feias, ciúmes e apreensões errôneas que costumam acompanhá-lo), é um passo triste para um negligenciar desesperado do dever e um descuido no pecar, visto que introduz insensivelmente impressões Ateísticas nos corações dos Homens, e tais impressões são aptas a prender até mesmo Homens bons, que estão prontos demais para dizer, como Davi: *Limpei o meu coração em vão*.

Quarto, Satanás tem ainda outra peça de Política para a multiplicação e agravação do Pecado, que é a inimizade e oposição da Lei. Disto o Apóstolo Paulo lamenta tristemente por sua própria experiência, em Rom. 7:8: *O pecado, tomando ocasião pelo mandamento, operou em mim toda a concupiscência*. O que ele lamenta é isto: que tal é a perversidade de nossas naturezas que a Lei, em vez de nos restringir, mais nos enfurece, de modo que, acidentalmente, a Lei multiplica o Pecado; pois quando a restrição da Lei está diante de nós, a Concupiscência queima não apenas mais internamente, mas quando não pode ser contida e abafada, então explode com maior violência: *Rompamos as suas ataduras*, etc. Quando a Lei condena nossas Concupiscências, elas tornam-se rudes e desesperadas: *Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos*, etc. Se alguém se maravilha que a Lei (que foi dada com o propósito de reprimir o Pecado, e que é de tão grande uso em sua autoridade para matá-lo em nós e para impedir Tentações) devesse ser assim usada por Satanás para aumentá-lo e enfurecê-lo, pode considerar que isso é

apenas uma ocasião acidental, e não uma causa, e o Pecado toma essa ocasião sem qualquer culpa da Lei. Satanás, para este fim, observa o tempo em que nossos corações estão mais fervorosamente postos em nossas Concupiscências, quando nossos desejos estão mais altamente engajados, e então, por uma Arte sutil, opõe tanto a Lei (permitindo que suas contradições entrem de modo e medida adequados) que nossos corações concebem um rancor contra a restrição, o qual, junto com sua ansiedade para satisfazer a Carne, eleva-se a uma loucura furiosa e a um esforço violento para manter uma liberdade e franquia para agir segundo os desejos de seu coração; ao passo que esta mesma Lei, se for aplicada ao coração quando este estiver mais frio e não tão engajado em um desígnio de Concupiscência, quebrará, aterrorizará e restringirá o coração, e colocará tal desânimo sobre as Tentações que elas não serão capazes de subsistir diante dela. Tamanha diferença existe nas várias estações da aplicação desta Lei; na qual Arte, para inflamar o coração para a iniquidade, Satanás mostra uma destreza maravilhosa.

CAPÍTULO XV.
De Satanás mantendo tudo em quietude.

De Satanás mantendo tudo em quietude, que é seu segundo Motor para manter sua Posse, e para esse propósito seu manter-nos longe da Luz por várias sutilezas; também de fazer-nos levantar contra a Luz, e por quais caminhos ele faz isso.

O próximo Motor de Satanás, para a manutenção de sua Posse, é manter tudo em quietude: o que nosso Salvador nota em Lucas 11:21: *Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em paz estão os seus bens*. Ele urge isto contra aqueles que objetavam contra Ele que Ele expulsava Demônios por Belzebu, calúnia que Ele confuta mostrando a inconsistência disso com os Princípios e o Desígnio de Satanás; sendo algo suficientemente conhecido e universalmente praticado que nenhum homem perturbará ou disputará contra sua própria Posse pacífica; nem se pode supor que Satanás o faça, porque ele age por esta Regra comum de manter sob controle e impedir qualquer coisa que possa inquietar a quebra da Paz, o que é perigoso para uma Posse; um Governo inquieto ocasiona motins e revoltas de Súditos: contudo, poderíamos pensar que (considerados o salário do Pecado, a luz e o poder da Consciência) não seria tarefa fácil para o Diabo governar seus Escravos com tanta quietude quanto se observa que ele faz; sua habilidade neste particular, e o modo de gerir seu interesse para tal fim, podemos ver claramente em João 3:20: *Todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas*. Deste lugar podemos observar: (1) A grande coisa que inquieta a Posse de Satanás é a Luz. (2) A razão dessa inquietação é a descoberta que a Luz faz, e a vergonha que segue essa descoberta. (3) O caminho para impedir essa Luz, e a reprovação dela, é evitar vir para ela; e onde não pode ser evitada, odiá-la. É negócio de Satanás, então, para manter tudo em paz: (1) Manter-nos longe da Luz; ou, se isso não puder ser, então (2) Fazer-nos levantar contra ela. Farei inquérito sobre ambos esses projetos do Diabo.

Para nos manter longe de vir para a Luz, ele usa uma grande quantidade de sutilezas: como,

Primeiro, por sua própria parte, ele se abstém de fazer qualquer coisa que possa descompor ou assombrar Almas enredadas: em outros tempos, e em outros casos, ele ama atormentar e assombrar, para fazer com que as Feridas deles cheirem mal e apodreçam; mas neste caso ele toma um curso contrário, ele afasta (tanto quanto possível) todas as reflexões da Consciência; ele esconde o mal e o perigo do Pecado, ele os embala para dormir em sua loucura, até que uma seta lhe atravesse o fígado, e os apressa para o laço, como o pássaro que não sabe que isto é contra a sua vida. Aqueles que considerarem que o coração de um pecador é endurecido pelo engano do Pecado, e que a maior parte do Assombro que molesta as consciências de tais pessoas provém da fúria e malícia de Satanás, facilmente conceberão o quanto sua simples abstenção de molestar pode contribuir para a paz e facilidade daqueles que estão assentados sobre suas fezes; mas além de sua abstenção, podemos esperar que quaisquer nuvens ou trevas que ele possa levantar para excluir a Luz, ou para vendar os olhos, ele não será negligente no uso desse poder, em tudo o que ele possa fazer positivamente para elevar a confiança da presunção ou segurança nas Mentes dos Homens; tudo o que ele possa fazer para torná-los embrutecidos ou descuidados, isso não faltará.

Segundo, ele mostra não menos habilidade e diligência por tramas secretas para impedir ocasiões de reprovação e descoberta; o quanto ele pode praticar sobre outros que, por piedade e compaixão pelas Almas dos Homens, estão prontos a desviar um pecador do erro de seu caminho e a salvar uma Alma da morte. Mal podemos imaginar quais caminhos ele tem para desviá-los e impedi-los, por quais descorajamentos privados ele os adia, quem o pode dizer? Aquele que pôde

disputar com o Anjo sobre o corpo de Moisés para impedir o sepultamento secreto dele; aquele que pôde dar uma interrupção de vinte e um dias ao Anjo que trazia a mensagem confortadora a Daniel, sobre o ouvir de suas Orações, pode mais facilmente obstruir e opor os desígnios de um fiel reprovador. Algumas vezes ele faz isso por meios e instrumentos visíveis, agitando os Espíritos de homens ímpios para dar oposição àqueles que buscam livrar as Almas deles do sangue dos homens, por avisos ou exortações fiéis: o Diabo foi tão cuidadoso em manter Jeroboão quieto em seu curso pecaminoso de Idolatria, que ele agita Amazias para banir Amós da Corte, para que seu trato direto não assustasse ou despertasse a Consciência do Rei; Amós 7:12, 13: *Vai-te, vidente, foge para a terra de Judá... mas em Betel não profetizes mais, porque é o santuário do rei e a casa do reino*.

Terceiro, a fim de manter a Luz fora das consciências dos Homens, ele se insinua como um espírito mentiroso na boca de alguns de seus mercenários; e eles falam coisas suaves e engano aos Cativos de Satanás; dizendo-lhes que estão em uma boa condição; que são Cristãos bons o suficiente, e podem ir para o Céu tão bem quanto os mais precisos: é uma falha em Ministros infiéis, eles fazem ao Diabo este serviço, do qual Deus altamente se queixa em Jer. 6:14: *Curam a ferida da filha do meu povo levemente, dizendo: Paz, paz; quando não há paz*. Ezeq. 13:10: *Seduziram o meu povo, dizendo: Paz, e não havia paz; e um edificava a parede, e outros a rebocavam com cal não temperada*. Além disso, este Estratagema é o mais provável de prevalecer, porque tira vantagem dos humores e inclinações dos Homens, que naturalmente pensam o melhor de si mesmos e deleitam-se que outros digam o que eles gostariam de ouvir; de modo que, quando os Homens, por instigação do

Diabo, profetizam engano a homens pecadores, é muito provável que sejam ouvidos, visto que estes desejam tais Profetas e amam que assim seja.

Quarto, Satanás afasta a Luz ao arrebatar a Palavra após ela ser semeada. Esta política dele, Cristo a descobre expressamente em Mat. 13:19: *Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a entendendo, vem o maligno, e arrebata o que foi semeado no seu coração*. Tais oportunidades o Diabo vigia estreitamente; com certeza ele estará presente em um Sermão ou bom discurso e, se perceber algo dito que possa perigar sua Posse pacífica, quão ocupado ele fica em retirar o coração, algumas vezes pela visão dos Olhos, algumas vezes por pensamentos vãos de negócios, ocasiões, deleites e tudo o mais; e se isto não atingir seu fim, então ele esforça-se, após os Homens terem ouvido, por atropelar tudo através de Discursos impertinentes, urgências de Emprego e mil outros divertimentos, para que os Homens não guardem o aviso no coração, nem o apliquem às suas Consciências por meditação séria.

Quinto, ele às vezes apaga a Luz através da Perseguição. Aqueles ouvintes em Mat. 13:20, 21, que receberam a Palavra com algumas operações de afeição e alegria, ficam logo ofendidos quando a Perseguição, por causa da Palavra, surge. Por isso, ele ameaça os Homens a uma aquiescência em sua condição presente, dizendo que, se eles se apartarem da iniquidade, farão de si mesmos uma presa: Prisões, Encarceramentos e Ódios (ele sugere) os aguardarão, e por este meio ele assusta os Homens para longe da Luz.

Sexto, ele às vezes abafa e sufoca a Luz com os Cuidados do Mundo. Como aqueles que receberam a Semente entre Espinhos; por engajamentos fervorosos em negócios, todo

aquele tempo, força e afeição que deveriam ter sido empregados na busca das coisas Celestiais são totalmente tomados e gastos em coisas externas; por este meio, aquela Luz que brilha nos corações dos Homens é negligenciada e posta de lado.

Sétimo, ele afasta os Homens de vir para a Luz ao colocá-los em apreensões errôneas de seu Estado, julgando a si mesmos pela opinião comum. Satanás prevaleceu tanto com os Homens que eles se tornaram confiantes deste conceito: que os Homens podem tomar uma liberdade moderada no Pecar e, contudo, não obstante, estar em uma boa condição; que o Pecado não é uma questão tão grande na estima de Deus quanto no julgamento de algum rigoroso puritano, que Ele não será tão extremo em marcar o que fazemos de errado quanto alguns Professores estritos o são. O que pode ser maior obstáculo para aquela busca ingênua, exame estrito e julgamento imparcial, ou para o envergonhar-nos por nossas iniquidades (ao que a Luz da Escritura nos engajaria), do que um conceito como este? E contudo, que esta opinião é não apenas comum, mas antiga, é manifesto por aqueles avisos e cautelas dados pelo Apóstolo em contrário: Gl 6:7: *Não erreis; Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará*. Ef 5:6: *Ninguém vos engane com palavras vãs; porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência*. Se não fosse usual para os Homens viver em Impureza, Cobiça e ofensas semelhantes (o que ele chama de semear para a carne) e contudo, no meio destas coisas, pensar que não estavam sob o risco da Ira; ou se os Homens não tivessem professado e declaradamente mantido tal opinião, teria sido supérfluo para o Apóstolo ter-nos avisado com tanta

seriedade: *Não vos enganeis, ninguém vos engane com tais palavras vãs*.

Oitavo, é usual para Satanás aquietar e silenciar os pensamentos agitados dos Pecadores com esperanças e garantias de segredo. Assim como as crianças são aquietadas e agradadas com brinquedos e chocalhos, assim os Pecadores são adiados e desviados de prosseguir com as descobertas que a Luz faria neles, por esta confiança: que, embora tenham agido mal, contudo seus erros não serão expostos nem manifestados diante dos Homens. É incrível o quanto as esperanças de ocultação satisfazem e deleitam aqueles que têm algum senso de Culpa. Algumas vezes os Homens são Impudentes, declarando seu Pecado como Sodoma, não o escondendo; mas antes de chegarem a tamanha Impudência, costumam buscar profundamente esconder seu conselho do Senhor, e suas obras estão nas trevas; e dizem: *Quem nos vê? e quem nos conhece?* Isa. 29:15. Como aquelas criaturas tolas que pensam estar suficientemente escondidas ao esconder suas cabeças em um Arbusto, embora todos os seus corpos estejam expostos à vista aberta. Isa. 28:15: *Os que fizeram das mentiras o seu refúgio, e sob a falsidade se esconderam*, tornaram-se tão confiantes de sua segurança como se tivessem feito um pacto com a morte e estivessem em acordo com o inferno; e quando continuaram neste curso por algum tempo com impunidade, a Luz é tão banida que eles agem como se Deus observasse as Ações deles praticadas no escuro tão pouco quanto os Homens o fazem. "Como o sabe Deus?" (dizem eles), "pode Ele julgar através das escuras nuvens? as grossas nuvens são um esconderijo para Ele, de modo que não vê"; e daqui procedem a prometer a si mesmos segurança contra os julgamentos: *Quando passar o*

dilúvio do açoite, não chegará a nós, porque fizemos da mentira o nosso refúgio, etc.

Nono, Satanás os mantém longe de ir para a Luz através de protelações e atrasos. Se a Luz começa a romper em suas Consciências, então ele lhes diz que há tempo suficiente depois: "Oh", diz ele, "és jovem e tens muitos dias diante de ti, há tempo suficiente para se arrepender quando começares a ficar velho"; ou: "és um Servo, um Aprendiz sob comando, faltam-te oportunidades e conveniências adequadas para consideração séria; adia até que te tornes livre e estejas sob tua própria disposição". Que este é um dos enganos de Satanás para nos impedir de fazer uso da Luz (além do que a experiência comum pode ensinar a cada Homem) pode ser claramente colhido das exortações da Escritura, que não apenas nos mostram o caminho em que devemos andar, mas também nos pressionam a um abraço presente daquele Conselho: *Hoje, hoje, enquanto se diz hoje, não endureçais os vossos corações. Eis aqui agora o tempo aceitável; eis aqui agora o dia da salvação. Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias*. Se quereis inquirir, inquiri, sim, voltai, vinde. Esta urgência apressada para fechar com as ocasiões oferecidas acusa-nos claramente de atrasos, e de que é usual para nós adiar esses pensamentos para uma oportunidade mais adequada, com a qual não estamos dispostos a conformar-nos no presente.

Por estes nove dispositivos ele mantém a Luz longe dos Pecadores enredados, ou mantém estes longe de vir para a Luz. Mas se tudo isso não puder desenhar uma cortina diante do Sol, se seus raios brilhantes romperem tudo, de modo que não possa ser evitado que haja uma manifestação e descoberta das coisas

ocultas das trevas; então Satanás usa toda a sua arte e astúcia para agitar nos corações dos Homens o ódio deles contra a Luz. Esta é sua **Segunda grande peça de Política** para manter tudo em quietude sob seu comando, para cujo propósito:

Primeiro, ele esforça-se por atrair um ódio contra a Luz, levantando nas mentes dos Homens um preconceito contra a pessoa que a traz ou oferece: se aquele que avisa ou repreende se expressa com algum calor ou de forma cortante contra o Pecado de seu irmão, o Diabo prontamente faz uso disso; e aqueles que são afetados pensam ter uma causa justa para tapar os ouvidos e endurecer o pescoço, porque concebem que a raiva, ou a má vontade, ou alguma coisa vil do tipo ditou aquelas (embora justas) repreensões. O Diabo virou o coração de Acabe contra os avisos fiéis de Micaías sobre um profundo preconceito que ele havia tomado contra ele; pois assim ele se expressa a Josafá: *Eu o odeio, porque nunca profetiza o bem para mim*. Neste caso, os Homens não consideram quão justamente, quão verdadeiramente, quão proveitosamente algo é dito, mas (como alguns Insetos que se alimentam de Chagas) passam pelo que é são e bom, e fixam-se naquilo que é corrupto e pútrido, seja através da fraqueza e inobservância do reprovador, ou pretendido como tal pelo preconceito da parte, o que o desabilita totalmente de colocar uma construção correta em qualquer coisa.

Segundo, se isto não ajudar, então ele busca obter a vantagem de um acesso provocado, passional ou de outro modo perturbado, e então o ódio é facilmente obtido contra qualquer coisa que venha em seu caminho.

Terceiro, Satanás esforça-se por engajar nosso ódio contra a Luz ao apresentar nosso interesse como abalado ou perigado

por ela. Se o Interesse pode ser atraído e tornado uma parte, não é difícil colocar todas as Paixões de um Homem em armas para dar desafio aberto a qualquer Descoberta que ela possa fazer. Aquela grande fúria e tumulto de Reis e Povos mencionados no Salmo 2, combinando-se e tomando conselho contra o Senhor e Suas Leis, é sobre a disputa de Interesse: as suspeitas e ciúmes deles de que o estabelecimento de Cristo em Seu Trono eclipsaria o poder e a grandeza deles, fazem-nos (por um ódio desesperado contra a Luz) cair em resoluções de Rebelião aberta contra Suas Leis: *Rompamos as suas ataduras, e sacudamos de nós as suas cordas*. Este pretexto de Interesse fortaleceu a acusação de Amazias contra Amós, Cap. 7:10: *Amós tem conspirado contra ti, no meio da casa de Israel; a terra não poderá sofrer todas as suas palavras*. Não é de admirar, então, que Jeroboão, em vez de ouvir a ameaça, o expulse da Terra. Encontramos o mesmo em Asa (um homem bom): o Diabo agita seu ódio contra o Vidente, ele ficou irado com ele e o colocou na Casa do Tronco, pois estava furioso contra ele. O fundamento daquela fúria era este: o Interesse do Rei (em sua apreensão) estava envolvido naquela Liga com o Rei da Síria, vers. 2, 3, de modo que ele não pôde suportar uma repreensão tão clara, que diretamente punha o Machado na Raiz de um Interesse tão grande quanto a segurança do Rei e do Reino, que parecia depender tanto daquela Liga.

Quarto, Satanás agita o ódio contra a Luz a partir dos Efeitos inevitáveis da Luz, que são a descoberta e a manifestação. Efés. 5:13: *Mas todas estas coisas, quando são reprovadas pela luz, se manifestam; porque tudo o que manifesta é luz*. Ora, o desfecho desta manifestação é a vergonha, a qual, embora seja filha do Pecado e da Luz, contudo naturalmente destruiria o Pecado que a gerou; e, portanto, o Arrependimento é

usualmente expresso pelo estar envergonhado e confundido: mas para que Satanás possa evitar isto, ele vira o gume da vergonha contra a Luz, que deveria ter sido empregado contra o Pecado. Quando os Homens, portanto, pecaram, e estão como o Ladrão quando é apanhado, prontos a cair nas mãos da vergonha; para evitar isso, rebelam-se contra a Luz. O fundamento deste ódio, Cristo nos diz em João 3:20, é para que suas obras não sejam reprovadas e eles forçados a carregar sua vergonha; para este fim, são levados a esconder-se da vergonha por mentiras, pretensões, desculpas, atenuações ou por qualquer folha de figueira que venha primeiro à mão. E assim como aqueles que vivem em Regiões mais quentes amaldiçoam o Sol porque ele os queima; assim fazem estes com a Luz: e em vez de tomar sua ajuda, levantam uma Inimizade irreconciliável contra ela; e assim fogem dela.

CAPÍTULO XVI.
Da terceira grande Política de Satanás para manter sua Posse.

Da terceira grande Política de Satanás para manter sua Posse; que é sua Partida fingida. (1.) Ao cessar o prosseguimento de seu desígnio; e os casos em que ele o faz. (2.) Ao abater a ansiedade da perseguição; e como ele faz isso. (3.) Ao trocar Tentações; e sua Política nisso. A vantagem que ele busca ao parecer fugir. De seu (4.) Estratagema para manter sua Posse, que é seu fechar todos os caminhos de retirada; e como ele faz isso.

Além dos dois desígnios anteriores (de consumar o Pecado e manter tudo em quietude) pelos quais o Diabo esforça-se por manter sua Posse, ele tem uma terceira grande sutileza, que é esta: ele mantém seu domínio fingindo-se despossuído e expulso. Disto temos um relato completo em Lucas 11:24: *Quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso; e, não o achando, diz: Voltarei para minha casa de onde saí*. Cristo ali notara que é o grande Princípio de Satanás não fazer nada pelo qual seu Reino possa ser dividido ou minado. Satanás não será dividido contra si mesmo e, contudo, muito oportunamente ele nos diz que, para obter vantagem, ele parecerá desistir de seu Interesse e, por desígnio, ele às vezes se portará de tal modo que possa ser julgado e suposto como tendo saído de um Homem: assim como aqueles que sitiam Fortalezas ou Cidades muradas às vezes levantam o Cerco e fingem uma partida, pretendendo com isso tirar uma vantagem súbita do descuido dos sitiados. Na explicação desta Política, eu irei: (1) Mostrar de quantos modos ele finge uma partida, (2) Sob quais desígnios ele o faz.

Há três caminhos pelos quais Satanás parece abandonar seu Interesse.

Primeiro, ele frequentemente cessa o prosseguimento de um Desígnio, o qual contudo ele tem em seu Olhar e Desejo, quando percebe que há algumas coisas em seu caminho que o tornam inviável; ora, ele se abstém de urgir os Homens aos seus pecados favoritos pelo mesmo motivo: e quem não pensaria que Satanás foi expulso em tal caso? Quando um Homem cospe o bocado doce que até então guardava sob sua Língua e do qual sugava a doçura; quando Homens de Iniquidades notórias delas se abstêm e tornam-se polidos e

civis, quem não pensaria que o espírito imundo se foi? Este caminho e curso ele põe em prática em vários casos.

Primeiro, quando ele percebe que alguma ocasião extraordinária coloca qualquer um de seus Súditos em um bom estado de espírito ou humor de Religião. Homens ímpios não estão ordinariamente tão altamente inclinados a caminhos maus que não possam ser às vezes suavizados e relaxados. Faraó (que é o mais eminentemente notado por um coração judicialmente endurecido), à aparição das Pragas sobre si mesmo e sobre o Egito, costumava ceder um pouco e confessar que havia pecado, e aquele estado de espírito continuava sobre ele por algum tempo. Mas muito frequentemente ocorre assim com outros: uma ocasião extraordinária derrete e descongela as afeições naturais dos Homens (como um dia quente derrete a Neve sobre as Montanhas), e então a corrente correrá alta e forte por um tempo, momento em que Satanás vê ser em vão urgi-los. Assim, Homens que recebem uma bondade eminente e livramento da parte de Deus, o que é mais comum do que tais Homens dizerem: "Oh! nunca seremos tão ímpios quanto fomos, nunca mais nos embriagaremos, o Mundo nos verá reformados e como novos Homens"? Estas são, de fato, boas palavras e, contudo, embora Satanás saiba que tais expressões não vêm de um bom coração (como o que Dt 5:29 implica: *Quem dera que eles tivessem tal coração*), ele, não obstante, pensa não ser adequado então pressioná-los à sua maldade usual naquele momento: pois as afeições naturais elevadas em uma profissão de Religião resistirão às Tentações por um momento e, portanto, ele se abstém até que a corrente baixe. Que estado de afeição tiveram os israelitas quando seus Olhos viram aquele livramento miraculoso no Mar Vermelho? Que Cânticos de regozijo tiveram? que resoluções de nunca mais

desconfiar d'Ele? Salmo 106:12: *Então creram nas suas palavras, e cantaram os seus louvores*. Satanás não os urge imediatamente à murmuração e incredulidade (embora esse fosse seu desígnio), mas ele aguarda até que o estado de espírito passe, e então ele logo pôde tentá-los a esquecer Suas obras. Quão parecido com um Convertido Saul parecia, após Davi tê-lo convencido de sua integridade e ter poupado sua vida na Caverna? ele chora e reconhece sua iniquidade, justifica Davi, admite sua bondade e parece aquiescer em sua sucessão ao Reino. O Diabo tinha, sem dúvida, um grande rancor contra Davi, e era seu grande desígnio agitar Saul contra ele, e contudo naquele momento ele não pôde prevalecer com ele para destruir Davi, embora ele pudesse facilmente tê-lo feito; ele estava então em um bom estado de espírito, e Satanás foi forçado a ceder à necessidade e a parecer sair de Saul pelo momento.

Segundo, ele também cessa seu desígnio quando vê que não pode ajustar sua Tentação a uma oportunidade adequada. O que poderia ser mais o desígnio do Diabo, e a satisfação de Esaú, do que ter Jacó assassinado? Esaú professa que era o desígnio de seu coração e, contudo, ele resolve abster-se enquanto seu Pai Isaque vivesse, Gn 27:41: *Chegar-se-ão os dias de luto por meu pai; e matarei a Jacó, meu irmão*. O Diabo frequentemente semeia sua semente e, contudo, aguarda e tem longa paciência, não apenas regando e preparando os corações dos Homens para ela, mas também na expectativa de oportunidades adequadas; e, nesse ínterim, ele se abstém de colocar os Homens naquilo que o tempo e a ocasião não podem adequadamente levar à prática. Oseias 7:4 fala daquele Povo como notoriamente ímpio: *Todos eles são adúlteros*; mas, com isso, ele observa que eles se abstinham dessas abominações

enormes por falta de estações adequadas; o coração deles era como um Forno aquecido pelo Padeiro, suficientemente inflamado após sua maldade, e contudo o Padeiro, após ter amassado a massa, preparou todo o fundamento da Tentação, cessou de atiçar, dormindo a noite toda até que tudo estivesse levedado; isto é, embora seus corações estivessem enfurecidos pelo Pecado, contudo o Diabo aguarda até que as ocasiões se apresentem e torna-se, nesse ínterim, como alguém que dorme. Ora, enquanto o Diabo assim dorme, o fogo que está secretamente no coração, não sendo visto, faz com que os Homens ganhem a boa opinião de Convertidos perante os outros e, frequentemente, perante si mesmos, não sabendo de que Espírito são, porque Satanás cessa (pela falta de ocasiões) de tentá-los e provocá-los.

Terceiro, nosso Adversário contenta-se em abster-se quando percebe que uma graça restritiva tranca os corações e as mãos dos Homens. Quando um mais forte do que ele vem, quem pode esperar menos senão que ele fique mais quieto? Que Deus restringe os Homens às vezes quando não os transforma, não necessita de prova; que Satanás sabe dessas restrições, não pode ser negado; quem pode dar um relato dessas comunhões e discursos que existem entre Deus e Satanás a nosso respeito? seus pleitos em referência a Jó eram tão desconhecidos para Jó (até que Deus os descobriu) quanto seus pleitos a nosso respeito o são para nós. Além disso, quem pode dizer o quanto da graça restritiva de Deus pode residir nisto: no limitar e estreitar de Deus a Comissão de Satanás? Ora, o Diabo não melhorou mal suas observações a ponto de não saber que é em vão tentar onde Deus fecha seu caminho e amarra as mãos dos Homens. Abimeleque estava certamente resolvido na maldade quando tomou Sara de Abraão, Gn 20:2, e contudo a questão é

conduzida por algum tempo (quanto tempo não sabemos) como se o Diabo estivesse dormindo ou tivesse esquecido de apressar Abimeleque à sua maldade pretendida; pois, quando Deus o adverte, ele não havia chegado perto dela, vers. 4. O fundamento de tudo isso não estava no atraso do Diabo, nem na modéstia de Abimeleque, mas Satanás deixa o assunto repousar porque sabia que Deus o retinha e não permitia que ele a tocasse.

Quarto, quando os Homens estão sob o temor e medo daqueles que carregam uma Autoridade em seus Semblantes e Empregos para o descorajamento do Pecado. Satanás (como sem esperança de prevalecer) não solicita a iniquidades escandalosas. Muito da Santidade externa e da conduta semelhante à dos santos provém daqui; os rostos e a presença de alguns Homens têm um esplendor tão brilhante que a Iniquidade cora e esconde sua cabeça diante deles. O Pecado não ousa fazer o que gostaria; tamanha reverência e estima por tais pessoas é mantida nas consciências de alguns, e tamanha reverência e medo é daí derivada para outros, que eles não querem ou não ousam dar lugar a uma insolência no mal. Os israelitas eram geralmente um Povo ímpio, contudo tal temor tinham de Josué e dos Anciãos que sobreviveram a Josué, que viram todas as grandes obras do Senhor, que Satanás pareceu ser expulso todos os dias deles. Quem poderia ter pensado que Joás estivesse tanto sob o poder de Satanás, tendo observado seus caminhos durante todo o tempo do Sacerdote Joiada? Então ele fez o que era reto aos olhos do Senhor; Satanás contentou-se em deixá-lo em paz, porque a vida e a autoridade de Joiada o intimidavam, mas após sua morte Satanás retornou à sua Posse, e o Rei ouviu os Príncipes de Judá e serviu aos Bosques e aos Ídolos. O mesmo se observa de Uzias: a

reverência que ele tinha por Zacarias, que tinha entendimento nas visões de Deus, desencorajou o tentador de solicitá-lo àqueles males nos quais depois ele o engajou: Satanás está disposto (quando percebe que o temor e a autoridade de homens bons estão em seu caminho) a suspender o prosseguimento de seu desígnio, em vez de forçá-lo contra uma corrente tão forte a ponto de arriscar o Naufrágio dele.

Quinto, ele também faz como se tivesse sido expulso quando percebe que as consciências dos homens estão assustadas por julgamentos ameaçados ou sentidos; ele abstém-se de urgi-los contra os aguilhões quando Deus desembainha Sua Espada e traz à luz a Lança resplandecente. A jumenta de Balaão não correria contra o Anjo que apareceu terrivelmente contra ele em seu caminho. O Diabo conhece o poder de uma Consciência despertada e vê ser em vão lutar contra tal corrente; e quando não houver nada melhor, ele se retira. Por maior que fosse o poder que o Diabo tinha em Acabe, quando este ficou assustado e humilhado, ele cedeu e, por aquela estação, não o empurrou à sua prática costumeira de maldade. Ele também agiu assim com os ninivitas: quando foram despertados pela pregação de Jonas, então os vemos como um povo que se reforma, o Diabo cessou de levá-los às suas provocações anteriores. Quão frequentemente se vê isto entre professores, onde a Palavra tem um poder e força de busca sobre eles? O Pecado é tão freado e mantido sob controle que é como uma raiz de amargura no Inverno, jazendo escondida sob a terra, Satanás abstendo-se de agir sobre ela ou de melhorá-la até que as tempestades e o ruído dos Julgamentos cessem e, então, usualmente ela brotará e os perturbará. Se Satanás realmente perdeu seu domínio, ele não cessa de molestar e vexar até mesmo consciências despertadas com solicitações urgentes ao

Pecado; mas se ele percebe que seu Interesse nos corações dos Homens permanece seguro para ele e inabalável, então (em caso de Assombro e medo da ira) é sua política esconder-se e dissimular uma partida.

Sexto, Satanás também é forçado a isto pelo poder prevalecente do Conhecimento e dos princípios da Luz, onde o Evangelho em profissão e pregação exibe seus raios brilhantes; então, qualquer que seja o artifício que os Homens usem para serem ímpios em segredo, contudo a luz é como a sombra da morte para eles, e é até uma vergonha falar dessas coisas em público. Aqui Satanás não pode enfurecer-se tão livremente, mas é posto em apuros e é forçado a silenciar-se enquanto o poder do Evangelho corta metade de suas vestes. Os Homens começam a reformar-se, alguns escapam limpos do erro, 2 Ped. 2:18; outros abandonam suas concupiscências imundas e pecados escandalosos e, assim, escapam das corrupções do Mundo através do conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, vers. 20. Contudo, sob todas essas grandes alterações e aparências de emenda, o Diabo está apenas aparentemente expulso; pois, no lugar mencionado, quando a Luz declina, aqueles que haviam escapado do Erro e aqueles que haviam fugido das Poluições pecaminosas foram ambos enredados novamente e levados ao mesmo nível (e muito além) daquele Pecado e Erro em que haviam sido anteriormente engajados.

Estes são os Seis Casos nos quais Satanás cessa o Prosseguimento de seu Desígnio; o que foi sua primeira Política ao fingir-se expulso, mas ele ainda dissimula uma fuga quando não julga adequado cessar totalmente.

Ao abater sua Perseguição, ao afrouxar seu Curso: e isto ele faz,

Primeiro, quando ele ainda Tenta, mas contudo menos do que anteriormente; tamanha é sua astúcia e paciência que, quando não pode obter o que gostaria, contenta-se com o que pode conseguir, em vez de perder tudo. Ele deseja que os Homens se entreguem plena e livremente ao seu serviço; mas, se não gostarem disso, ele está disposto a aceitá-los (como se diz) como retentores, e a permitir que tomem uma liberdade para ir e vir conforme o prazer. Ele tem dois fins principais ao tentar os Homens ao Pecado: um é vingar-se de Deus em desafio aberto e desonra de Seu Nome; o outro é a ruína e perdição das Almas: se pudesse, ele gostaria que esses dois fins se encontrassem em cada Tentação; contudo, ele se compraz com o último quando não pode evitá-lo e, nisto também, ele se satisfaz às vezes com um Interesse tão pequeno quanto possível, desde que sua Posse e Interesse sejam preservados. Ele sabe que um único Pecado, amado e abraçado, traz a Morte como seu Salário. Um vazamento não estancado e negligenciado pode afundar o Navio tanto quanto uma grande Tempestade; e, portanto, quando ele percebe que as Consciências dos Homens são esquivas e melindrosas, ele está disposto que venham a ele (como Nicodemos veio a Cristo) de noite, em privado, e que por furtividade lhe prestem serviço.

Segundo, ele às vezes oferece aos Homens uma Composição e, assim, mantém sua posse privadamente, dando-lhes uma Indulgência e Tolerância para cumprir deveres e observâncias Religiosas. Faraó condescendeu que Israel fosse servir ao Senhor no Deserto, sob a condição de que suas Mulheres, Filhos e Bens fossem deixados para trás: assim Satanás diz a alguns: "Vai e serve ao Senhor, apenas deixa o teu coração comigo, deixa tuas Afeições para trás no Mundo". Aquele aviso sério de Cristo: *Não podeis servir a dois senhores; não podeis*

servir a Deus e a Mamom, mostra evidentemente que o Diabo costuma esconder seu Interesse nos corações dos Pecadores ao oferecer tais termos; e que os Homens são tão aptos a pensar que Satanás saiu quando dividiram o coração entre Deus e ele; que eles necessitam de uma descoberta plena daquele Ardil e de um aviso sério contra ele: o Diabo foi forçado a ceder para que Herodes fizesse muitas coisas à Pregação de João, contudo ele manteve sua posse de seu coração ao fixá-lo em sua Concupiscência resoluta na questão de Herodias: e isto dá justo motivo de queixa contra a generalidade dos Pecadores: *Vós voltais, mas não para mim, não com todo o vosso coração; jejuastes vós para mim? chorastes vós para mim? eles vêm e assentam-se como meu povo, mas o coração deles vai após a sua avareza*.

Terceiro, Satanás tem ainda outro ardil pelo qual enganaria os homens a crerem que ele foi expulso do coração; e este é um caminho sutil que ele tem de trocar as Tentações. Quão fracos e infantis são os Pecadores que permitem ser assim abusados! Quando se tornam enojados e cansados de um Pecado, se o Diabo retira esse deles e coloca em seu lugar outro tão ruim quanto, ou o mesmo novamente, apenas um pouco mudado e alterado; eles se comprazem por terem vomitado o primeiro, mas não consideram que receberam em seu abraço outro tão ruim quanto, ou pior. Sobre esta troca, podemos notar duas coisas:

Primeiro, que às vezes ele atinge seu fim trocando um Pecado hediondo por outro tão hediondo quanto, apenas não tão fora de moda. Assim como os costumes, os tempos e os lugares dão leis e regras para as Modas, segundo as quais as decências ou indecências de Trajes e Vestimentas são determinadas: assim é

às vezes com o Pecado; Homens e Países têm seus Pecados favoritos; Tempos e Eras também têm suas Iniquidades peculiares, que (no julgamento dos Pecadores) os vestem com uma adequação e conveniência. Às vezes os Homens cansam-se de Pecados porque são falados contra em todo lugar; porque os Homens os apontam com o dedo, o Diabo, neste caso, está pronto para trocar com eles. A embriaguez, em algumas eras e lugares, carregou uma marca de Infâmia em sua testa; o mesmo ocorreu com a Impureza e outros Pecados: quando os Pecadores não podem praticar estes com crédito e reputação, então se comprazem com uma alteração: aquele que era um Bêbado, agora talvez tenha se tornado ambicioso e jactancioso; aquele que era Avarento, tornou-se um pródigo ou um Desperdiçador profuso; o coração é tão vão e embrutecido quanto antes, apenas suas Concupiscências são soltas por outro caminho e correm em outro canal. Às vezes as Concupiscências são trocadas também com a mudança da condição dos Homens no Mundo; Pobreza e Fartura, uma posição privada e uma pública têm seus Pecados peculiares: aquele que de pobre torna-se rico, deixa seus Pecados de Desconfiança, Inveja ou Trato Enganoso, e segue o Viés de seu estado presente para outras maldades igualmente notáveis; e contudo pode estar tão cegado a ponto de apreender que Satanás se retirou dele.

Segundo, podemos observar que Satanás troca Pecados com os Homens de uma maneira tão secreta e privada que a mudança não é facilmente descoberta; e por este desvio ele lança uma névoa maior diante dos Olhos dos Homens: assim ele trocou a Profanação aberta por Pecados secretos: a Imundícia da carne pela imundícia do Espírito. Os Homens parecem reformar suas Impietades grosseiras, abstendo-se da Embriaguez, do

Juramento, dos Adultérios, e então (pode ser) são tomados pelo orgulho espiritual, e seus corações inflam-se com altos conceitos de si mesmos, de seus dons e realizações; ou ficam enredados no erro e gastam seu tempo discutindo sobre questões que geram contendas em vez de edificação; ou são tomados por Hipocrisias: assim os fariseus deixaram suas iniquidades abertas, lavando o exterior do Copo e do Prato; e, em vez disso, esforçaram-se por envernizar e pintar a si mesmos; de modo que, em toda essa mudança, eram apenas como Sepulcros que não apareciam. Ou aquiescem na formalidade e nos exteriores da religião; como aquele jactancioso orgulhoso: *Senhor, graças te dou porque não sou como os demais Homens*, etc. Em todas estas coisas o Diabo parece expulso e os Homens reformados, quando, na verdade, ele pode continuar sua Posse; apenas ele espreita e esconde-se sob a bagagem. Estes caminhos de pecar são apenas venenos mais finos, os quais, embora não tão nauseantes ao estômago, nem tão rápidos em seu despacho, contudo podem ser tão seguramente e certamente mortais; tais fogem da arma de ferro, e um arco de aço os atravessa.

Tendo assim explicado os três caminhos pelos quais Satanás pretende retirar-se dos Homens, devo em seguida mostrar seu Desígnio ao fazer tal pretexto de abandonar sua Habitação.

Primeiro, que tudo isso é feito por ele apenas por Desígnio, pode ser facilmente concluído de várias coisas sugeridas a nós no lugar citado de Lucas 11. Como (1) ele não diz que o Diabo é expulso, como se houvesse uma força sobre ele, mas que ele *sai*, é por escolha, uma partida voluntária. (2) Que seu sair (neste sentido) é, não obstante, enfadonho e problemático para ele. O Coração do homem (como um autor observa) é um

Palácio em sua estima, e a despossessão (embora por Desígnio) é como um Deserto para ele, que lhe oferece pouca facilidade ou descanso. (3) Que seu sair não é uma renúncia de seu Interesse; ele a chama de *sua casa* ainda: *Voltarei para minha casa*, diz ele. (4) Ele toma cuidado, ao sair, de trancar a porta, para que não seja ocupada por Hóspedes melhores; ele a mantém vazia e habitável para si mesmo: ele tenta ainda, embora não tão visivelmente, e esforça-se por suprimir tais bons Pensamentos e Moções que ele teme que possam expulsá-lo totalmente de sua Posse. (5) Ele sai *cum animo revertendi* [com o ânimo de retornar], com o propósito de voltar. (6) Sua Secessão é tão destramente e vantajosamente gerida que ele encontra uma entrada fácil ao seu retorno; e sua Posse confirmada e alargada: *Entram e habitam ali*.

Segundo, as vantagens que ele projeta por esta Política são estas principalmente: (1) Por este meio os Homens são perigosamente confirmados em suas seguranças. Assim o fariseu abençoou a si mesmo: *Senhor, graças te dou*, etc. Eles se comprazem com esta suposição de que o Diabo foi expulso; e, sobre isto, cessam sua Guerra e Vigilância. Assim como Saul, quando ouviu que Davi havia escapado, não saiu mais para buscá-lo: assim estes não se incomodam mais em inquirir os esconderijos de Satanás em seus Corações; assim ele senta-se seguro lá dentro, enquanto eles pensam que ele fugiu deles. (2) Por este meio também ele prepara os Homens como Instrumentos para servir ao seu turno em outras obras dele: ele deve ter, em alguns casos, ferramentas bonitas para trabalhar; nem todos os Homens são Agentes adequados na Perseguição, seja para dar-lhe crédito ou para levá-la adiante com vigor e zelo: para este fim ele parece sair de alguns, para que, sob uma conduta mais suave e semelhante a uma profissão (quando são

instigados a Perseguir), o rigor possa parecer justo. Assim, mulheres devotas e honradas foram instigadas a Perseguir Paulo e Barnabé; o Diabo havia saído tanto que elas haviam ganho a reputação de devotas, e então o Zelo delas facilmente se incendiaria para a Perseguição e, com isso, daria um respeito e crédito a ela: pois quem suspeitaria prontamente que fosse Mal, ou Desígnio de Satanás, aquilo que é conduzido por tais Instrumentos? Além disso, se ele em algum momento pretende manchar os bons caminhos de Deus pelas falhas dos Professores, ele busca sua Seta nesta Aljava usualmente; se ele leva um Hipócrita refinado a um Pecado escandaloso, então a Boca da Maldade abre-se para blasfemar a Geração dos Justos, como se ninguém fosse melhor: tais Agentes não poderiam estar tão comumente à mão para tal Serviço se Satanás não parecesse, nos caminhos mencionados, sair dos Homens. (3) É outra parte de seu Desígnio, após uma partida pretendida, tirar vantagem da segurança deles para retornar com maior força e poder: isto Cristo nota particularmente: *Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele*, etc. Tais pessoas (como Pedro nos diz), sendo novamente enredadas, são totalmente vencidas, e o seu último estado torna-se pior do que o primeiro. Quantos eu poderia nomear (se fosse conveniente) que conheci e observei exatamente, respondendo a esta descrição do Apóstolo, que por alguns anos abandonaram seus caminhos ímpios e engajaram-se em uma profissão de Religião; e contudo, por fim, retornaram como o cão ao seu próprio vômito? O Diabo, quando luta à maneira dos partos [fugindo enquanto atira], é o mais temível; quando ele vira as costas, ele atira as Setas mais envenenadas e, a quem ele assim fere, ele comumente fere até a Morte.

O Quarto e último Estratagema de Satanás para a manutenção de sua Posse é **fechar o Caminho**; barricar todas as Passagens, para que não haja possibilidade de fuga ou retirada: quando ele percebe que seus caminhos anteriores de Política não são suficientes, mas que seus Escravos e Servos estão tão iluminados na descoberta do perigo que estão prontos a voltar-se contra ele; então ele se mexe para opor-se à revolta deles: e assim como Deus às vezes cerca o caminho dos Pecadores com espinhos, para que não sigam seus antigos Amantes, assim faz Satanás; para cujo propósito,

Primeiro, ele esforça-se por desviá-los de tais resoluções, ameaçando reduzi-los com mão forte: aqui ele se gaba e vangloria de seu Poder e da fraqueza dos Pecadores; como Rabsaqué fez contra Ezequias: *Que confiança é essa em que te estribas? Porventura os deuses das nações livraram cada um a sua terra da minha mão?* "Acaso aqueles que foram antes de vós foram capazes de se livrar de mim? Foram eles capazes de se resgatar? Não forcei eu aqueles que eram mais fortes que vós? Não fiz eu Davi numerar o Povo? Não o venci eu na questão de Urias? Não obriguei eu Pedro a negar seu Senhor, não obstante sua profissão solene em contrário? E pensais vós romper comigo tão facilmente?". Por este meio ele desejaria enfraquecer o coração deles e debilitar suas Resoluções, para que pudessem sentar-se sob sua Escravidão, como sem esperança de jamais se recuperarem de seu laço; mas se estes Assombros não impedirem, se, não obstante estas bravatas, os Pecadores se prepararem para voltar do Pecado para Deus: então,

Segundo, ele melhora tudo o que pode aquela distância que o Pecado criou entre Deus e eles. Pecados de enfermidade

comum e incursão ordinária não quebram tanto a paz dos Filhos de Deus quanto Pecados de natureza superior o fazem: mesmo nos próprios Santos, podemos observar, após transgressão notória, (1) Que o conhecimento e a familiaridade entre Deus e eles é imediatamente quebrado; que alteração rápida é feita! Quão subitamente todas as coisas mudam! Deus esconde-se; o Sol que brilhava há pouco e oferecia um calor muito confortável e acalentador, antes que percebamos, está agora escondido em uma nuvem; nosso calor e refrescos transformam-se em frio e calafrio. Há também uma mudança de nossa parte, e isso subitamente; como na Ressurreição, seremos mudados num abrir e fechar de olhos: assim aqui, em um momento, nossas alegrias murcham e decaem, nossos deleites tornam-se maçantes, nossa atividade é prejudicada, estamos presos e congelados, e é totalmente Inverno com a Alma. (2) Pode-se notar que isto gera um estranhamento em nós, e portamo-nos como se tivéssemos resolvido não renovar nossa Liga com Deus: pois, embora não estejamos totalmente tão desesperados a ponto de fazer Resoluções formais de continuar no Pecado, de lançar Deus fora e dizer um adeus eterno ao nosso conhecimento anterior; embora não digamos: "agora nos destruiremos de vez e nos endureceremos em nossa Rebelião"; contudo, o Pecado nos deixou em tal labirinto e nos encheu com tantos desânimos e pensamentos de receio que não pensamos em retornar, estamos paralisados e como um homem poderoso atônito que não consegue encontrar suas mãos: percebemos que perdemos tanto e incorremos em tamanhas faltas de bondade que, como Mercadores falidos, nada é mais enfadonho e tedioso do que revisar nossos caminhos ou olhar nossos livros de dívidas; em vez disso, esforçamo-nos por desviar nossos pensamentos, por lançar fora o cuidado, como

se concebêssemos que o tempo o consumiria e que, então, naturalmente, poderíamos cair no antigo canal de liberdade e conforto. (3) Quando retornamos por fim, oh! com que timidez e espanto aparecemos em nossas próximas Súplicas; que rubor, que desânimos, que apologia! Ora, às vezes, como o Homem sem a Veste Nupcial, ficamos sem fala; quão retamente tal Homem assemelha-se ao Publicano Confessando e ao Pródigo suplicando, enquanto, consultando o que dizer de si mesmo, ele agora começa a sentir com que senso e sentimento os Profetas e homens santos de outrora costumavam expressar-se em suas Confissões: *Coramos, estamos envergonhados, atônitos e confundidos*. Esta distância o Pecado cria entre os Santos e Deus às vezes; mas entre Deus e o não convertido ela é muito maior: agora, quando um Pecador não convertido ou um Santo caído se dispõe a buscar a Deus para Reconciliação, então o Diabo trabalha para melhorar isto para o impedimento deles: que ele nos acusa perante Deus é evidente por Satanás estar à mão direita de Josué; como ele acusa Deus perante nós, nós o sabemos. Ele nos diz que é em vão buscar restaurar nossa Paz após provocações tão grandes; urgindo que Ele é um Deus zeloso, de olhos puros: ressentindo altamente as afrontas que Lhe demos, etc. Ora, ele vai tão longe por este caminho que Deus é levado na Escritura (com o propósito de nos fornecer uma Resposta a estas Objeções) a proclamar que Ele é *tardio em irar-se, não se provoca facilmente: que se os Homens se converterem do mal de seus caminhos, Ele se voltará para eles, os aceitará e terá piedade deles*, etc.

Terceiro, se isto não os desviar, mas eles ainda persistirem em seus resolves, então ele os segue com mão alta; às vezes (como Faraó fez com Israel) ele torna-se severo e imperioso com eles, e redobra a contagem de seus tijolos; ele os força a iniquidades

maiores e mais frequentes: às vezes (como o mesmo Faraó) ele convoca todos os seus Carros e Cavaleiros para persegui-los e, na mais alta diligência imaginável, ele exibe seu maior poder, cercando-os de todos os lados com Tentações e Aliciamentos de Prazeres e Deleite: onde ele percebe que seu tempo é curto e seu Poder abalado, ele desce em resoluções para testar sua Força máxima. E daqui vem que os Convertidos se queixam de que, quando começam seriamente a buscar a Deus, são mais perturbados com Tentações. Além disso, tudo o que ele puder fazer para fazê-los conduzir pesadamente, não faltará. Às vezes ele faz tentativas sobre seus pensamentos e afeições, que são como as rodas de seus carros; e se estas puderem ser arrancadas de algum modo, isso os atrasa. Às vezes ele lança pedras de tropeço em seu caminho; se algum preconceito puder desviá-los, se Ameaças ou Penalidades puderem impedir; se o franzir de testa de Amigos ou qualquer outra coisa puder colocar um freio em seus Procedimentos, ele os terá prontos. Às vezes ele esforça-se por retardá-los por solicitações de conhecidos, ofertas de ocasiões anteriores e oportunidades de pecar, ou qualquer outra coisa que possa ser como uma rêmora para suas intenções.

Quarto, mas se nada disso servir, então, como seu último recurso, ele proclama Guerra aberta contra eles, persegue-os como Inimigos e Rebeldes: agora ele começa a acusá-los por aquilo que fizeram por Conselho e Tentação dele. Agora os Pecados que eram chamados pequenos são agravados. Agora aquele dia de Arrependimento, que ele costumava dizer que era longo, ele lhes diz que está totalmente esgotado, que o Sol de sua esperança se pôs; nada agora ele sugere senão Inferno, Condenação e Ira; ele faz com que eles (por assim dizer) o vejam, o ouçam e o sintam em tudo; aquele interesse nos

corações deles que ele dissimulava antes, agora ele sustenta e afirma, e não se deixará vencer, projetando em tudo isso ou torná-los cansados desses novos resolves por este desassossego e hostilidade incomuns, ou precipitá-los em algum empreendimento desesperado, ou ao menos vingar-se deles, descarregando sua Malícia e Raiva contra eles; mas sobre isto falaremos mais depois.

CAPÍTULO XVII.
As Artimanhas de Satanás contra os Serviços e Deveres Religiosos.

Os fundamentos de seu desagrado contra os deveres religiosos. Seu primeiro desígnio contra os deveres é impedi-los. Suas diversas sutilezas para esse fim: por obstáculos externos; por indisposições físicas e espirituais; por desestimulo; os meios para isso: pelo desgosto; os fundamentos disso; por argumentos sofísticos. Suas várias alegações nesse sentido.

Nossa próxima tarefa é observar o rancor e os métodos da Serpente contra os caminhos de adoração e serviço. Que estas são coisas contra as quais seu coração carrega uma fúria elevada, e que para a derrubada delas ele emprega grande parte de seu poder e astúcia, não necessita de prova, visto que a experiência de todos os filhos de Deus é uma evidência irresistível nesta matéria. Portanto, primeiro apresentarei apenas os fundamentos de seu desagrado e seus empenhos

fervorosos contra eles, antes de passar às suas formas particulares de engano, que são estas:

Primeiro, por este meio (se ele prevalecer), ele nos priva de nossas armas. Este é um estratagema de guerra que vemos os filisteus praticarem contra Israel: eles removeram todos os ferreiros, para que os hebreus não fizessem espadas ou lanças. Por isso, na batalha, não se encontrou espada nem lança na mão de qualquer do povo que estava com Saul e Jônatas. A Palavra de Deus é expressamente chamada de *Espada do Espírito*; a oração é como uma lança, ou melhor, uma peça geral da armadura. Se o Diabo nos priva destas, ele nos rouba nossa munição. Por causa delas, a Igreja é comparada a uma torre construída para um arsenal, onde pendem mil escudos, todos escudos de homens poderosos. O apóstolo expressamente as chama de armas de nossa milícia, dadas a nós com o propósito de derrubar fortalezas e demolir as baterias de imaginações elevadas que Satanás ergue nos corações dos homens contra a felicidade deles. Se estas forem retiradas, nossas mechas são cortadas (como foram as de Sansão), nossa força se vai e nos tornamos fracos como os outros homens, expostos a cada incursão e invasão que ele deseje fazer contra nós.

Segundo, se ele impede estas coisas, ele intercepta nosso alimento e corta nossas provisões. A Palavra é chamada de leite, o *leite sincero da Palavra*; é por ela que nascemos, somos nutridos e crescemos. Ela é nosso tônico e conforto. Cristo, de fato, é o *Pão da Vida* e a fonte de todas as nossas consolações, mas a Palavra e a oração são os canos condutores que transmitem tudo até nós. Se estes forem cortados, murchamos como uma folha, definhamos, consumimo-nos e nos

desgastamos. Tornamo-nos como um odre na fumaça; nossa umidade torna-se como a sequidão do verão, nosso coração desfalece e nos tornamos como aqueles que descem à cova. Assim, se o Diabo ganha seu desígnio nisto, ele ganha tudo. Dê-lhe isto, e dê-lhe também o reino. Esta é a maneira mais abreviada de realizar sua obra e o que lhe poupa trabalho em suas tentações. As fortalezas mais fortes (que de outra forma não poderiam ser tomadas) são facilmente subjugadas pela fome; e, como figueiras com seus figos maduros, quando sacudidas, caem na boca do comedor. Se nosso alimento espiritual nos falta, por nossa própria vontade nos entregamos a qualquer tentação que exija nossa conformidade.

Terceiro, além disso, não há desígnio pelo qual Satanás possa mostrar mais malícia e rancor contra Deus. Ele faz tudo o que pode para manter uma competição com o Todo-Poderoso. Seus títulos, como deus deste mundo e príncipe das potestades do ar, mostram o que ele aspira em seu orgulho, bem como o que, por permissão, Deus lhe concede. Estes deveres de adoração e serviço são a homenagem dos filhos de Deus, pela qual testemunham o reconhecimento de sua Divindade. Ao arrancar estes de nossas mãos, Satanás rouba a Deus essa honra e faz cessar a lealdade de seus servos. Se ele pudesse fazer mais contra Deus, sem dúvida o faria; mas, visto que não tem um braço como o de Deus e, portanto, não pode arrancá-lo do céu, ele se estabelece como o deus do mundo, amplia seus territórios e afasta os súditos do Deus do céu de lhe dar a honra devida ao seu nome. Que o Diabo, nestes esforços, é movido por um rancor contra Deus, bem como por um desejo ardente pela ruína das almas, pode ser abundantemente evidenciado por sua forma de gerir a oposição que faz aos deveres de serviço e

adoração. Para demonstrar isso, exemplificarei apenas em três coisas:

(1.) Onde o Diabo prevalece para se estabelecer como objeto de adoração, ele o faz em uma imitação ousada, insolente e presunçosa das ordenanças de Deus em seus caminhos de serviço. Ele impõe pactos, selos, sacrifícios, orações e serviços aos seus miseráveis escravos, como pode ser visto em histórias indubitáveis, das quais falaremos mais em lugar oportuno.

(2.) Ele nunca reconhece a verdade dos caminhos de Deus, exceto com uma mente maligna e com o desígnio de trazê-los ao desprezo. Suas confissões têm tanto engano que Cristo não as aceitava. Por isso lemos que, quando o Diabo às vezes se prontificava a dar seu testemunho de Cristo (como em *Mc 1:24*: *Bem sei quem és: o Santo de Deus*), Jesus o repreendia e ordenava que se calasse. Ele via claramente que o Diabo o confessava não para honrá-lo, mas por meio de tal reconhecimento específico para incitar a raiva e a fúria do povo contra ele. Para esse fim, Satanás, em *At 16:17*, por muitos dias seguidos, reconheceu publicamente Paulo e Silas: *Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo*. Embora falasse a verdade, ele tinha um objetivo malicioso nisso, o qual alcançou por esse meio: levantar perseguição contra eles e dar fundamento à acusação que encontraram depois (*v. 21*): *E pregam costumes que não nos é lícito receber*.

(3.) Seu rancor particular contra Deus ao buscar minar seu serviço manifesta-se ainda mais nisto: que o Diabo não se contenta em erradicar o serviço devido a Deus, mas, quando o faz, deleita-se em abusar daqueles lugares onde o nome de Deus era mais celebrado com as maiores profanações. Não

insistirei aqui na conjectura de Tilenus, de que *Sylva Dodonaea*, um lugar altamente abusado pelo Diabo e respeitado como um oráculo, era a sede ou um lugar religioso de Dodanim, mencionado em *Gn 10:4*; nem na suposição de que o Oráculo de Júpiter Amon era o lugar onde Cão praticava a adoração religiosa que aprendera na casa de seu pai. Temos evidências mais certas do rancor do Diabo. Tal foi o seu abuso do Tabernáculo pelos filhos profanos de Eli, que profanaram aquele lugar com sua impureza e adultérios imundos. Tal foi seu comportamento com a Arca enquanto estava cativa pelos filisteus. De natureza semelhante foram suas tentativas contra o próprio Templo. Salomão, em seus últimos dias, foi tentado a afrontá-lo; ele construiu um alto para Quemós, a abominação de Moabe, no monte que está diante de Jerusalém, à vista e em frente ao Templo; mas depois ele prevaleceu para contaminar o próprio Templo. Gilgal e Bete-Áven são lugares de tamanha profanação que o profeta em *Os 9:15* diz que toda a maldade deles estava em Gilgal, e que nenhuma de suas abominações era igual àquelas; e em *Os 4:15* eles são exortados a não ir a Gilgal nem a Bete-Áven, embora ambos os lugares tivessem sido famosos pela religião anteriormente. Gilgal foi o lugar da circuncisão geral dos israelitas nascidos no deserto; ali foi celebrada a primeira Páscoa solene após a entrada na terra. Betel era um lugar onde Deus (por assim dizer) mantinha sua morada, a casa de Deus. Ali Jacó teve sua visão. Mas, quanto mais famosos tivessem sido pelos deveres de adoração, mais o Diabo buscou colocar neles afrontas maiores; de modo que Gilgal tornou-se objeto de ódio e Betel tornou-se Bete-Áven, uma casa de vaidade.

Quarto, Satanás sente-se mais animado a empreender um desígnio contra os caminhos do serviço religioso porque

raramente ou nunca falha em obter, ao menos, algum sucesso. Esta tentativa é como o arco de Saul e Jônatas, que não retornava vazio. Em outras tentações, às vezes Satanás sai totalmente frustrado, mas nesta obra (como se dizia de alguns israelitas) ele pode atirar uma pedra em um fio de cabelo e não errar. Ele tem certeza de, em uma coisa ou outra, levar a melhor sobre nós. Sua vantagem, neste caso, provém de nossa inadequação ao serviço. O que fazemos nos deveres de adoração exige uma disposição de espírito seleta; nossos corações devem estar tomados pelas mais sérias apreensões da majestade divina, cheios de reverência, animados com amor e deleite, despertados pela fé, revestidos de humildade e auto-abominação; e em todo o procedimento dos deveres deve haver uma busca constante e firme sob a mais estrita vigilância. Tal é a natureza de nossa obra, que, à primeira vista, levaria um homem a parar e, em espanto, ser forçado a dizer: *Quem é suficiente para estas coisas? Quem pode subsistir diante deste Santo Senhor Deus?* Mas quando chegamos a uma consideração imparcial de nossas muitas fraquezas e insuficiências em relação a esses serviços, o que diremos? Encontramos tal estreiteza de espírito, tais ignorâncias, estupidez, descuido mental, pensamentos tão confusos, tumultuados, inconstantes, escorregadios e volúveis, e nossos corações geralmente tão enganosos e desesperadamente perversos, que não é possível que Satanás trabalhe totalmente em vão ou não capture nada. Sendo este, então, um ganho certo, podemos esperar que seja uma prática constante dele.

Quinto, se ele prevalece tanto contra nós que os serviços de adoração se tornam grosseiramente abusados ou negligenciados, então ele nos coloca sob os maiores perigos e desvantagens. Nada é tão venenoso quanto deveres de adoração

corrompidos; pois isso é abusar de Deus em sua face. Por isso, não apenas seus comandos e ordens são desprezados como em outros pecados, mas agimos como se pensássemos que ele não é melhor do que os ídolos dos pagãos, que têm olhos e não veem, que têm ouvidos e não ouvem. Vir sem coração, ou com nossos ídolos no coração, é algo menos desprezível do que dizer: *Acaso o Altíssimo o sabe?* Além disso, ele deu advertências e mandamentos tão severos nestas matérias, que facilmente significam a gravidade da ofensa. Veja quão asperamente Deus fala daqueles que vieram consultar o Senhor com o tropeço de sua iniquidade diante de sua face (*Ez 14:4, 7*): *Eu, o Senhor, lhes responderei conforme a multidão dos seus ídolos; eu mesmo lhes responderei*. O erro de Saul ao oferecer sacrifício (*1Sm 13:13*) foi aquela grande ofensa pela qual Deus determinou tirar-lhe o reino. A severidade de Deus contra Nadabe e Abiú, seu golpe sobre Uzá, tudo mostra o perigo de tais profanações. Mas, acima de tudo, aquele perigo de que tanto o Antigo quanto o Novo Testamento falam — o endurecimento do coração, o cegar dos olhos, o ensurdecer dos ouvidos, para que os homens não ouçam, nem vejam, nem se convertam e sejam salvos, mas que a Palavra (em vez daqueles cheiros cordiais e revigorantes que geram e promovem a vida espiritual nos obedientes) exale emanações venenosas e envenenadas (quando é assim abusada e profanada), tornando-se cheiro de morte para morte — é o mais terrível. Não admira, então, que Satanás esteja muito ocupado contra estas coisas santas, pois, se ele nos apanha em uma vantagem desta natureza, isso se prova mortal e perigoso para nós. Pois o que pode agradar mais àquele que faz de destruir seu deleite e ocupação?

Todas estas razões provam que Satanás tem um rancor persistente contra os serviços religiosos, e que enfraquecê-los, impedi-los ou derrubá-los é seu grande esforço. Aqui, então, especialmente, podemos esperar um ataque, de acordo com o conselho de Siraque: *Meu filho, se entrares para o serviço de Deus, permanece firme na justiça e no temor, e prepara a tua alma para a tentação*.

Quais são as sutilezas de Satanás contra as coisas santas de Deus, é o que passarei a descobrir. Os deveres e serviços são combatidos de duas maneiras: (1.) Pela Prevenção, quando são impedidos. (2.) Pela Corrupção, quando são estragados. Ele tem suas artes e astúcia, que exerce em ambos os aspectos.

Primeiro, quanto à política de Satanás para a prevenção dos serviços religiosos, ele se esforça por vários meios para impedi-los. Como:

Primeiro, por obstáculos externos. Nisto ele tem uma previsão muito grande e, consequentemente, prevê ocasiões e oportunidades à distância e, por um longo alcance de artimanha, estuda colocar blocos e impedimentos no caminho. Muito ele faz nas trevas para este fim, que não conhecemos. Assim como Deus tem segredos de sabedoria que são o dobro do que é conhecido, também Satanás tem muitos caminhos e ações que não são percebidos por nós. Suas artimanhas de negócios e distrações, planejadas com muita antecedência, não são tão observadas por nós como poderiam ser. Onde ele falha em seu objetivo, isso não vem à luz; e frequentemente, onde ele é bem-sucedido em suas prevenções, estamos prontos a atribuir isso a contingências e aos acasos dos negócios, quando, na verdade, a mão e a política de Satanás estão nisso. Paulo, que era altamente instruído e habilidoso nas artimanhas de

Satanás, observando como seus propósitos de ir aos tessalonicenses eram frequentemente quebrados e obstruídos, sabia onde residia a culpa; e, portanto, em vez de lançar a culpa sobre doenças, prisões ou oposições de falsos irmãos (que muitas vezes lhe causavam problemas além da expectativa), ele atribui tudo diretamente a Satanás (*1Ts 2:18*): *Quisemos ir ter convosco (pelo menos eu, Paulo) uma e outra vez, mas Satanás nos impediu*. Da mesma forma, compreendendo os propósitos de homens fiéis para a promoção do bem das almas, ele frequentemente usa meios para pará-los ou impedi-los. Alguns observaram (tendo um olho vigilante e zeloso sobre Satanás) que seus resolutos esforços desta natureza costumam enfrentar lutas dolorosas em seu nascimento, enquanto seus propósitos para assuntos e negócios mundanos seguem suavemente, sem oposição considerável.

Segundo, ele faz uso de indisposições para impedir o serviço: e aqui ele trabalha às vezes sobre o corpo, às vezes sobre a alma, pois ambos podem estar indispostos.

Primeiro, às vezes ele se aproveita de indisposições físicas. Ele faz tudo o que pode para criar e moldar estas sobre nós, e então as alega como uma dispensa do dever. Se ele puder colocar o corpo em um estado de sonolência ou mal-estar, ele o fará; e certamente ele pode fazer mais por este caminho do que todos acreditariam; ele pode agitar e instigar os humores. Por isso, alguns observaram ataques de sono e mal-estar mais frequentes e fortes sobre eles nos dias e horários que exigem sua presença diante de Deus do que em outros dias, quando se mostram vívidos, ativos e livres de tédio em ocasiões comuns, em esportes, canções ou diversões, quando não têm o mesmo comando de si mesmos como nos exercícios de adoração.

Certamente foi mais do que uma sonolência comum que sobreveio aos apóstolos (*Mt 26:41*). Ele lhes havia dito a gravidade da ocasião: que fora traído e que sua alma estava excessivamente triste até a morte. Estas eram considerações que deveriam ter mantido seus olhos longe do sono. Quando eles dormem, ele os desperta com uma repreensão penetrante: *Não pudestes vigiar comigo uma hora?* e acrescenta a isso uma advertência sobre o perigo deles e a tentação que estava sobre eles; e, no entanto, logo em seguida eles adormecem novamente, e depois, mais uma vez. Estranha sonolência! Mas ele apresenta uma desculpa para eles, que também nos diz a causa disso: *o espírito está pronto*; os corações deles não eram totalmente indiferentes, mas a carne — isto é, o corpo — era fraca, ou seja, sujeita a ser abusada por Satanás, que os levou a uma indisposição mais do que comum, como se nota no *v. 43*: *os seus olhos estavam pesados*.

Segundo, a alma também tem suas indisposições, que ele prontamente aproveita contra o dever para impedi-lo. Como:

1. Ela é capaz de uma preguiça e tédio espiritual, em que os sentidos espirituais estão tão amarrados que ela não considera, não atenta, não tem vontade nem inclinação para atos de serviço. De que estupfação nossos espíritos são capazes! Como Davi em seu adultério parece não se importar nem dar atenção ao que fizera. Da mesma forma, alguns estão em um estado de letargia, como o profeta fala; eles não se importam em buscar a Deus. Bernardo tem uma descrição disso: *Contrahitur animus, subtrahitur gratia, defervescit novitius fervor, ingravescit tepor fastidiosus*; o espírito se contrai, a

graça é retirada, o fervor arrefece, a preguiça avança e, então, os deveres são negligenciados.

2. O espírito fica indisposto por uma multidão de assuntos mundanos, e estes frequentemente expulsam o dever. Cristo nos diz que eles têm a mesma influência sobre os homens que a glutonaria e a embriaguez, e estas tornam os homens inaptos para a ação (*Lc 21:34*): *Olhai por vós mesmos, para que não aconteça que o vosso coração se carregue de glutonaria, de embriaguez, e dos cuidados desta vida*. Estes podem, em um grau tão elevado, sobrecarregar as almas dos homens a ponto de fazê-los criar desculpas: "Comprei uma fazenda, ou bois, e por isso não posso comparecer"; e por este meio podem tornar-se tão negligentes que o dia do Senhor venha sobre eles de surpresa.

3. Às vezes a alma é decomposta pela paixão e, então, fica indisposta, oportunidade que o Diabo, espiando, aproveita. Às vezes ele sopra o fogo para que o calor da ira os leve ao descuido; às vezes ele alega o estado presente deles como uma inaptidão para o serviço e, assim, sob o pretexto de reverência ao serviço e de deixar a oferta no altar até que estejam em melhor humor, muitas vezes a oferta nem chega a ser feita (*1Pe 3:7*). O apóstolo orienta os maridos a gerirem sua autoridade sobre as esposas com prudência, para evitar brigas e contendas: *Vós, maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco*; a razão desse conselho ele dá nestas palavras: *para que não sejam impedidas as vossas orações*. As orações são impedidas em parte em seu

sucesso, quando não prevalecem, e em parte quando o dever da oração é adiado e suspenso; e é isso, sem dúvida, que o apóstolo visa: ensinar-nos que as brigas contenciosas em uma família impedem o exercício do dever da oração. Eliseu (*2Rs 3*) descompôs-se em sua repreensão fervorosa a Jeorão, pois com grande veemência lhe falara (*v. 13, 14*): *Que tenho eu contigo? Vai aos profetas de teu pai... Se não fora que eu respeito a presença de Josafá... não olharia para ti, nem te veria*. Mas quando ele se dispôs a receber as visões de Deus, pediu um tangedor (*v. 15*). A razão disso (como supõem P. Martyr e outros) era que, embora o que dissera a Jeorão procedesse de zelo, sendo ele apenas um homem e sujeito às mesmas fraquezas de outros homens, aquilo distraíra e descompusera seu espírito, tornando-o inapto e incapaz de acolher as visões de Deus. A música, sendo um meio natural para a compostura e quietude da mente, foi o curso que ele tomou para se acalmar e se preparar para aquela obra.

4. A ignorância e o preconceito são indisposições espirituais que não são negligenciadas pelo Diabo. O conhecimento é o olho e o guia da alma. Se houver trevas ali, todos os atos que dependem de melhor instrução devem cessar. A ignorância das Escrituras pelos discípulos resultou na incredulidade deles; Cristo aponta isso como a fonte de todo o retrocesso deles (*Lc 24:25*): *Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram*. Da mesma forma, se os homens não são esclarecidos ou instruídos nos caminhos e necessidades do dever e do serviço, o Diabo

> pode facilmente prevalecer com eles para que se abstenham e negligenciem. O preconceito surge para justificar o descaso pelo dever e oferece razões que julga não poderem ser respondidas.

Terceiro, Satanás esforça-se por evitar o dever por meio de desestimulos. Se ele puder enfraquecer os joelhos e fazer as mãos penderem, ele rapidamente fará cessar a atividade e o movimento. Os meios pelos quais ele busca desestimular os homens dos deveres de serviço são estes:

Primeiro, ele apresenta diante deles o cansaço e o fardo do dever. Se um homem volta sua face para o céu, ele tenta assustá-lo assim: "Não é o caminho da religião um caminho monótono e melancólico? Não é um cansaço? Uma tarefa tediosa? Não são estas ordens irracionais: *Orai continuamente*, *Orai sem cessar*, *Pregai a tempo e fora de tempo*?". Esta sugestão, embora expressamente contrária ao mandamento, sendo tão adequada aos temperamentos ociosos e preguiçosos dos homens, eles estão mais aptos a dar atenção a ela; e, consequentemente, buscam caminhos e esquemas para acomodar o mandamento às suas inclinações. Em *Am 8:5*, o cansaço dos sábados e dos serviços festivos (como eles pensavam) os faz enfadados do dever: *Quando passará a lua nova, para vendermos o grão? E o sábado, para abrirmos os celeiros de trigo?*. Estes homens achavam seus serviços tediosos e prejudiciais às suas vocações e ocupações. Em *Ml 1:13*, eles disseram: *Eis aqui, que canseira!*, olhando para isso como um fardo insuportável; e chegaram a ponto de desprezá-lo. Ora, quando o Diabo prevalecera tanto com eles, foi fácil levá-los à negligência, que (como diz o texto citado) seguiu-se imediatamente: trouxeram o que fora roubado, o coxo e o

enfermo para o sacrifício. Satanás primeiro apresentou esses serviços como um fardo cansativo; depois, eles os desprezaram; em seguida, pensaram que qualquer serviço servia, por mais vil que fosse, mesmo em aberta violação da lei da adoração; e, finalmente, a partir da poluição da mesa do Senhor, passaram ao desprezo total do dever: *a mesa do Senhor é poluta, e o seu fruto, a sua comida, é desprezível* (*v. 12*). Na gestão deste desestimulo, o Diabo tem mais sucesso com aqueles que ainda não provaram a doçura e a facilidade dos caminhos do Senhor; seu jugo é, de fato, suave e seu fardo é leve; seu serviço é uma verdadeira liberdade para aqueles que conhecem a Deus e são exercitados em seu serviço. Mas quando os homens estão apenas começando a buscar a Deus e ao dever, e ainda não estão cheios e satisfeitos com a fartura de sua casa, esta tentação tem maior força sobre eles e eles tendem a ser desestimulados por ela.

Segundo, ele busca desestimulá-los pela falta de sucesso nos deveres de adoração. Quando esperaram muito e buscaram ao Senhor, ele os leva a resoluções de desistir de qualquer busca posterior; como fez com Jorão no cerco de Samaria: *Por que esperaria eu mais pelo Senhor?*, disse ele, após esperar o livramento por muito tempo sem qualquer sinal de ajuda. Quando Saul viu que Deus não lhe respondia, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas, o Diabo facilmente o persuadiu a abandonar os meios comuns de buscar a Deus e a consultar a pitonisa de Endor. As pessoas profanas mencionadas em *Ml 3:14*, que haviam abandonado todo respeito às suas leis e ordenanças, foram levadas a esse ápice de iniquidade pelas sugestões de falta de sucesso; disseram: *Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos e em andar de luto diante do Senhor*

dos Exércitos?. Parece que eram como o povo mencionado em *Is 58:2, 3*. Jejuaram e oraram, e Deus demorou a respondê-los, o que encararam como uma desobrigação do dever; e isso puderam alegar peremptoriamente como uma razão que justificasse sua negligência: *Por que jejuamos nós, dizem eles, e tu não olhas para isso? Por que afligimos as nossas almas, e tu não o sabes?*. Nem este desestimulo pesa apenas sobre aqueles cujos corações já se afastaram de Deus, que poderiam estar prontos a abraçar qualquer desculpa para deixar seu serviço; mas descobriremos que ele pesa fortemente sobre os filhos de Deus. Davi estava pronto a desistir de tudo, como um homem desamparado por Deus (*Sl 22:1, 2*): *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te achas longe de me libertar... de dia clamo, e tu não me ouves; de noite, e não tenho sossego*. Podemos claramente colher de suas expressões que esta tentação o ferira dolorosamente e que, diante da demora de Deus em responder, ele estava pronto a imputar injustiça ao comportamento de Deus para com ele; pois, ao acrescentar que manteve sua posição e não consentiu nisso (como as palavras seguintes, *Contudo tu és santo*, implicam), mostrou o que o Diabo lhe estava objetando. E em outro lugar, no *Sl 69:3*, quando clamara e não fora respondido, começou a cansar-se e seus olhos falharam; sim, sua carne e seu coração falharam; seu espírito afundou, como um homem quase vencido e derrotado pela tentação.

Terceiro, este nosso adversário levanta desestimulos para nós a partir da inadequação de nossos corações aos nossos serviços; nisto ele se esforça para amortecer nossos corações, sobrecarregar nossos espíritos, para nos impedir e molestar, e então ele aproveita essas indisposições e descomposições contra o dever, no que ele tem uma dupla vantagem: pois (1)

ele nos priva daquele deleite no dever que deveria aguçar nossos desejos de realizá-lo, de modo que chegamos à mesa do Senhor como o velho Barzilai, sem gosto ou sabor pelo que comemos ou bebemos. Quando viemos para ouvir, o ouvido que prova as palavras, como o paladar prova a comida, não encontra sabor no que é dito; e Satanás pode facilmente fazer isso pela frieza interna ou pela inquietação do coração; assim como a angústia das doenças retira todos os prazeres que as iguarias mais finas proporcionam. Como Jó observa: quando um homem é castigado com dor em seu leito, sua vida abomina o pão e sua alma a comida deliciosa. E quando um homem é levado a detestar seus deveres, por não encontrar neles nada daquela doçura e satisfação de que se fala em toda parte, uma pequena tentação pode levá-lo a negligenciá-los. (2) Ele possui argumentos plausíveis e aparentes, pelos quais forma uma opinião na mente dos homens de que, em casos de indisposição, podem agir melhor abstendo-se do que prosseguindo. Ele lhes diz que não devem orar ou apresentar qualquer serviço enquanto estiverem tão indispostos; que nenhuma oração é aceitável onde o Espírito não vivifica o coração e eleva as afeições; que assim não tomam seu nome em vão nem aumentam seu pecado, e que devem esperar até que o Espírito encha suas velas. E, para dizer a verdade, é uma grande dificuldade para um filho de Deus manter seus pés em lugares tão escorregadios; quantos conheci queixando-se disso e persuadindo-se verdadeiramente de que poderiam agir muito melhor deixando todo o serviço do que realizando-o assim? E dificilmente os contive de uma conformidade com Satanás, dizendo-lhes que as indisposições não são barreira ao dever, mas que o dever é o caminho para curar nossas indisposições. Que o dever é absolutamente exigido e as disposições devem

ser buscadas; e que é uma ofensa menor manter o dever sob indisposição do que negligenciá-lo totalmente sob esse pretexto. E, de fato, onde essas indisposições são lamentadas e combatidas, os serviços são frequentemente mais aceitáveis a Deus do que agradáveis a nós mesmos: o princípio é verdadeiramente espiritual e excelente; um fundamento de safiras e pedras preciosas sobre o qual (se esperarmos pacientemente) ele construirá um palácio de prata; pois o serviço é mais espiritual quando fundamentado e conduzido por um respeito consciencioso a um mandamento, quando não há motivos morais de sentido e conforto concorrendo, do que aquele que tem mais deleite para encorajá-lo, enquanto o poder do mandamento é menos influente e decisivo.

Quarto, os homens são frequentemente desestimulados por um senso de indignidade do privilégio do dever, um tipo de excesso de humildade, que se refere principalmente ao sacramento da Ceia do Senhor e à oração. O acusador dos irmãos lhes diz que não têm o direito de tomar o nome de Deus em suas bocas, que isso é uma presunção insuportável. Assim, alguns, como a mulher com o fluxo de sangue, não ousam vir a Cristo para pedir a cura, embora a desejem fervorosamente; e prefeririam, se pudessem, roubá-la privadamente do que pedi-la abertamente. O publicano nos é apresentado na parábola como alguém que mal conseguia superar essa objeção; ele é descrito parado à distância, não ousando levantar os olhos ao céu, mal tentando falar, expressando sua indignidade de orar em vez de iniciar o dever: seu bater no peito e dizer: *Deus, tem misericórdia de mim, pecador*, provou que muito desses desestimulos pesava sobre ele. O mesmo podemos ver no pródigo, que parece ter passado muito tempo em disputa sobre se deveria ir ao seu pai, cujas bondades ele tanto abusara; e

enquanto pôde encontrar qualquer outra saída, cedeu à tentação: finalmente chegou àquela resolução: *Levantar-me-ei, e irei a meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho*. O que mostra que o senso disso o manteve afastado até que a necessidade o forçou a superar. E este é um desestimulo com maior probabilidade de prevalecer para a negligência do serviço, porque parte dele é necessária, como o início daquelas convicções de nossa loucura: ter pensamentos tão baixos de nós mesmos, que não somos dignos de vir à sua presença nem de olhar para ele, é muito apropriado; mas pensar que não devemos vir a ele porque nossa consciência acusa de indignidade é uma conclusão de autoria de Satanás, e tal como Deus nunca pretendeu a partir das premissas, mas o direto contrário: "Vinde", diz Deus, "embora indignos". O mesmo curso o Diabo toma para afastar os homens da mesa do Senhor; "Oh", diz ele, "é uma ordenança muito solene; aquele que dela participa indignamente, come e bebe condenação para si mesmo: como ousas fazer aproximações tão ousadas?". Enquanto os corações dos homens estão tenros, suas consciências rápidas e acusadoras, a ameaça gera um medo, e eles são afastados por muito tempo, privando-se desnecessariamente de suas misericórdias.

Quarto, Satanás esforça-se por impedir o dever, levando-os a um desgosto e aversão pelo dever. Este é um curso muito eficaz; o desgosto facilmente gera aversão e, além disso, fixa fortemente a mente em propósitos de negligência e recusa. O Diabo realiza isso de muitas maneiras: como,

Primeiro, por censuras e termos ignominiosos. Foi um velho truque do Maligno levantar apelidos e zombarias contra os

caminhos do serviço de Deus, para gerar um ódio nos corações dos homens contra eles. O assento dos escarnecedores é uma cadeira que Satanás ergueu desde o princípio. Por esta arte (quando Deus era conhecido em Judá e seu nome era grande em Israel), os pagãos foram impedidos de se apegarem à aliança de Deus. Ele tornou as ordenanças de adoração ridículas para as nações: o opróbrio da circuncisão e a fé irracional deles (como os pagãos pensavam) em coisas não vistas, era um provérbio na boca de cada homem: *Credat Judaeus apella — non ego*. Os judeus eram caluniados com o sacrifício anual de um grego. E Apião afirma que Antíoco encontrou um em um leito no Templo, e que eles adoravam uma cabeça de asno no Templo. Apião caluniou os judeus com úlceras em suas partes íntimas a cada sétimo dia: daí ele deriva *Sabbath* de *Sabatosis*, que para os egípcios significa uma úlcera. Lisímaco caluniou os judeus no Egito como ladrões de igrejas leprosos, e que a cidade deles foi por isso chamada *Hierosola*. Quando os gentios foram chamados para a comunhão do Evangelho, este foi aspergido com as mesmas zombarias e escárnios; era frequentemente chamado de seita, de doutrina tagarela, estranha e inculta. Além disso, uma grande quantidade de mentiras e falsificações foram inventadas para fazê-lo parecer odioso; e por este meio era falado contra em toda parte. Maquiavel, que propôs a política de calúnias plenas e violentas para tornar um adversário odioso (sabendo que, por mais injustas que fossem, alguma impressão de ciúme e suspeita permaneceria), aprendera isso com este antigo acusador, que muitas vezes e longamente experimentara ser um curso prevalente para trazer os serviços de Deus ao desgosto. Davi, falando do que lhe aconteceu nesse sentido (*Sl 69:9, 10, 11, 12*), diz que seu zelo estava sob reprovação; seu choro e

jejum tornaram-se um provérbio; e que em tudo isso ele era a canção dos bêbados. Ele expressa tais apreensões do poder desta tentação sobre os fracos, que implora fervorosamente que Satanás não faça disso um laço para eles (*v. 6*): *Não sejam envergonhados por minha causa os que esperam em ti, ó Senhor, Deus dos Exércitos; não sejam confundidos por minha causa os que te buscam*. E declara ainda, como uma maravilhosa preservação e escape deste perigo, que, apesar dessas censuras, ele não declinara de seu dever (*v. 13*): *Eu, porém, faço a minha oração a ti, Senhor*. Paulo parece expressar seu senso desta peça de política; sua prisão fornecia matéria de reprovação à sua profissão: embora sua causa fosse boa, ele sofria tribulação como um malfeitor; ele sabia que o Diabo melhoraria isso para vergonha e desonra do serviço de Deus e, portanto, encarrega Timóteo de estar atento a essa tentação (*2Tm 1:8*): *Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu*. E no *v. 16*, ele toma nota de Onesíforo, que escapara daquele laço e não se envergonhara de sua cadeia. E temos maior razão para temer o perigo desta arte quando descobrimos que o tentador a usou para afastar as afeições dos capernaumitas do próprio Cristo (*Mt 13:57*). Quando ele pregara em suas sinagogas, sob o aplauso e espanto de todos os seus ouvintes, o Diabo, temendo a prevalência de sua doutrina, encontrou este subterfúgio para levá-los ao desgosto dele e de sua pregação: *Não é este o filho do carpinteiro? E escandalizavam-se nele*.

Segundo, os deveres são trazidos ao desgosto pelos perigos que os acompanham. O Diabo não deixa de contar o que os homens encontrarão no mundo se não correrem com eles para o excesso de vaidade e negligência; se prisões, encarceramentos,

banimentos, ódios, oposições, perda de bens, sofrimentos de todos os tipos puderem desviá-los, ele certamente colocará todos esses temores diante deles. Embora estes não movam alguns de sua firmeza — como Daniel, cuja constância no dever não foi perfurada pelo medo dos leões, e os três jovens, que não declinaram dos caminhos do Senhor pelo terror de uma fornalha ardente — no entanto, essas considerações prevalecem com a maioria, como Cristo observa naqueles que receberam a semente em lugares pedregosos, cujo gozo na Palavra logo foi murchado e eles se ofenderam com os caminhos do dever, *quando surgiu a tribulação e a perseguição por causa da palavra*. Cristo, ao declarar bem-aventurado aquele que não se ofendesse nele por causa dos perigos de seu serviço, mostra que o escape de tal tentação não é uma misericórdia comum. E se observarmos a prática de Paulo, ao iniciar seu ministério, quando aprouve a Deus chamá-lo para pregar seu Filho Cristo entre os gentios, veremos: (1) que ele estava ciente de tais objeções; (2) que a carne e o sangue são propensos a concordar com elas e a dar-lhes atenção; (3) que a melhor maneira de evitá-las é tapar os ouvidos contra elas e não lhes dar ouvidos nem consultá-las; (4) e que aquele que deve fazê-lo com propósito deve, sem demora, resolver-se imediatamente contra tais impedimentos, sendo extremamente difícil para os homens que se inclinam a tais movimentos, e dão ouvidos ao que o Diabo oferece sob pretexto de autopreservação, desvencilharem-se depois que permitiram que suas almas recebessem a impressão.

Terceiro, a humildade dos compromissos religiosos (quanto à visão externa) também é usada para gerar um desgosto por eles. Nisto o Diabo tem esta vantagem: que, embora sejam todos gloriosos por dentro e como as cortinas de Salomão, são,

quanto à sua aparência externa, como as tendas de Quedar, sem qualquer daquela pompa e esplendor que os filhos dos homens afetam e admiram. O próprio Cristo, quando velou sua glória por nossa carne, não tinha forma ou beleza exterior. A ministração de sua Palavra, que é o cetro de seu reino, parece desprezível e uma verdadeira loucura para os homens; tanto que Paulo foi forçado a fazer uma apologia por ela, por carecer daquelas bravatas externas de excelência de fala e sabedoria, mostrando que era gloriosa em seu poder e era, de fato, uma sabedoria oculta (embora não como aquela sabedoria que os príncipes da sabedoria e da filosofia afetavam) entre os que eram perfeitos. Os sacramentos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, pareciam coisas muito baixas e desprezíveis para um olho comum; nem precisamos de outra evidência para mostrar que os homens tendem a desgostar deles e a nutrir pensamentos estranhos sobre eles por esse exato motivo do que isto: que alguns levantam baterias contra essas ordenanças sobre este fundamento, que, por parecerem baixas e simples para eles, julgam improvável que Deus as tenha de fato designado para serem usadas no sentido literal, ou que, no máximo, devem ser usadas como os primeiros rudimentos do cristianismo e não impostas aos cristãos mais maduros. Nem posso passar totalmente por cima daquele humor notável que existe em alguns de dar ornamentos adicionais de vestimenta e forma exterior, para maior honra e brilho destas injunções de Cristo; de modo que, enquanto se esforçam por mostrar seus maiores respeitos a elas, traem seus pensamentos íntimos de terem carregado alguma suspeita de sua realidade por causa de sua simplicidade; e, por este meio, enquanto se esforçam por colocar uma honra sobre as instituições de Cristo, eles realmente as desprezam e mostram seus respeitos às suas

próprias invenções. Mas para que possamos nos certificar ainda mais de que Satanás trabalha por este motor, consideremos *1Co 1:23*: *Os judeus pedem sinal, para dar crédito e testemunho àquela doutrina que receberiam. Os gregos (que eram então o único povo erudito) buscavam especulações filosóficas e disputas. Agora (diz o apóstolo), a doutrina do Evangelho (que é a pregação de Cristo crucificado), por não entrar no âmbito do que ambos esperavam, o Diabo trabalhou sobre essa vantagem de tal modo que ambos a desprezaram: foi para os judeus tropeço e para os gregos loucura*. Disso ele também fala mais plenamente em *2Co 11:3*, onde mostra que as mentes dos coríntios estavam prontas para serem corrompidas com o erro, contra o sentido claro do Evangelho; e o que os ofendeu foi a sua simplicidade: eles o olharam como desprezível, por não conter coisas tão magníficas que pudessem adequar-se a uma imaginação elevada e devassa. Agora, ele resolve tudo isso em um engano de Satanás, aproveitando-se disso (como fez com Eva a partir da aparente insignificância da proibição de comer um pouco de fruto) para persuadi-los de que algo tão simples como o Evangelho não poderia ser de Deus. *Temo*, diz ele, *que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos e se apartem da simplicidade que há em Cristo*.

Quarto, os pecados dos que professam a fé, por meio da astúcia de Satanás, geram um desgosto por essas coisas santas. Se Deus detesta suas próprias instituições e não as suporta por causa das iniquidades daqueles que as oferecem, não admira que os homens sejam tentados a ter apreensões desonrosas delas quando observam que alguns que fingem grande cuidado e profundo respeito por elas vivem profanamente. Os pecados dos filhos de Eli operaram esse triste efeito sobre o povo, de

modo que os homens (por causa deles) abominavam as ofertas do Senhor (*1Sm 2:17*). Aqueles que se desviaram para o erro e, daí, para práticas abomináveis, fizeram com que o caminho da verdade fosse blasfemado (*2Pe 2:2*). Os sacerdotes que se desviaram do caminho fizeram muitos tropeçar na lei (*Ml 2:8*). Sim, Satanás persegue isso às vezes com tanta força que se torna uma porta de entrada para o ateísmo direto.

Quinto, Satanás também trabalha poderosamente nas disposições profanas dos homens e usa esse princípio para o desprezo e o cansaço dos serviços de Deus; uma vida pecaminosa e flagrante naturalmente leva a isso: aqueles que devoram o povo de Deus como pão (*Sl 14:4*) não invocavam a Deus. Isso acaba por corroer até a observação exterior e formal dos deveres religiosos; nisto Satanás volta sua força contra eles: (1) elevando os espíritos dos homens a um desafio insolente a Deus por meio de uma prosperidade contínua. Ele extrai o orgulho e a vaidade de seus espíritos para um desprezo audaz: *Quem é o Senhor, para que o sirvamos? Somos senhores, não viremos mais a ti; nossa língua é nossa*, etc. Assim, eles põem suas bocas contra o céu. Elifaz nos diz isso como o comportamento habitual daqueles que viviam em paz e alegria (*Jó 21:15*): *Dizem a Deus: Retira-te de nós; porque não desejamos o conhecimento dos teus caminhos. Quem é o Todo-Poderoso, para que nós o sirvamos?*. (2) Escondendo deles as necessidades do dever. Jó, falando do hipócrita (*Jó 27:10*), descreve-o por estas negligências do dever: *Deleitar-se-á no Todo-Poderoso? Invocará a Deus em todo o tempo?*. Disso ele dá a razão no *v. 9*: ele chamará e clamará quando a tribulação vier sobre ele. Quando as angústias tornam os deveres necessários, então ele os usará; em sua aflição ele o buscará cedo (*Os 5:15*). Como fizeram os israelitas (*Sl 78:34*): *Quando*

os matava, então o buscavam; e voltavam, e de madrugada buscavam a Deus. Mas quando não está assim pressionado (e Satanás se esforçará, neste caso, para que ele esteja o mais longe possível da vara de Deus), ele desiste de buscar a Deus e o detesta; sim, considera ridículo fazê-lo: zombam de seu conselho e desprezam seu aviso de esperar por ele.

Sexto, Satanás busca falhas nos homens quanto à maneira de realizar o dever. Quando o dever não pode ser criticado, ele se esforça para destruí-lo pelos modos, circunstâncias e forma de execução: como (1) se aqueles que os praticam revelam qualquer fraqueza (como quem não o faz, mesmo tendo dado o seu melhor?), ele tenta manchar o dever com isso. A presença corporal de Paulo foi objetada contra ele como sendo desprezível, e sua fala como fraca; mas o desígnio dessa objeção era mais profundo, o Diabo tentando assim tornar os deveres de seu ministério desprezíveis e indignos de consideração. (2) Se as circunstâncias não agradam, ele os ensina a se irritarem com a substância e, como crianças, a rejeitarem tudo porque nem tudo é adequado às suas vontades. (3) Se for conduzido de forma não grata às suas expectativas; se for de modo muito cortante e direto, então julgam-se justificados em dizer que o odeiam, como Acabe odiava Micaías; se for de modo muito elevado ou abstruso, igualmente se afastam. Neste ponto, o Diabo persuadiu muitos dos seguidores de Cristo a abandoná-lo (*Jo 6:66*), porque ele falara de si mesmo em comparações que julgaram elevadas demais; quando disse que era o *Pão que desceu do céu* (*v. 58*), disseram: *Duro é este discurso*; e, naquela ocasião, voltaram atrás e não andaram mais com ele.

Sétimo, o Diabo traz uma náusea pelos deveres de adoração por meio de uma representação errada deles, no comportamento e gestos daqueles que neles se engajam. Parece estranho para alguns, que são meros espectadores ociosos, observar as posturas dos santos: levantando seriamente os olhos ao céu, ou chorando humildemente e batendo no peito; o Diabo quereria tornar isso ridículo, como as manobras suspeitas de uma devoção teatral ou hipócrita: como homens que, à distância, observam a estranha variedade de ações e posturas daqueles que dançam, estando fora do alcance do som da música, os julgarão um bando de loucos e pessoas frenéticas. Tais perspectivas perversas ele às vezes oferece àqueles que vêm antes para observar o que os outros fazem do que para se envolverem em tais deveres; que, não vendo as influências privadas nem a mola secreta que os move, julgam-nos tolos; e a partir daí contraem um desgosto interno pelos próprios deveres.

Quinto, a fim de dificultar ou impedir o dever, Satanás costuma impor-se aos homens por meio de argumentos falaciosos; e, por uma peça de sua sofística, ele se esforça para enganá-los em seus serviços. Notarei alguns de seus tratos notáveis neste tipo: como,

Primeiro, ele exalta a dignidade dos filhos de Deus com o desígnio de estragar o dever deles. Ele lhes diz que são participantes da natureza divina. Que estão em Deus e em Cristo, e têm as comunicações de seu Espírito; e que, portanto, não precisam agora beber da cisterna, visto que desfrutam da fonte; e que estes serviços (em seus alcances) são tão inúteis quanto andaimes quando a casa já está construída. Para levar isso adiante, ele se aproveita (1) do orgulho natural de seus

corações; ele os infla com conceitos da excelência de sua condição; algo que todos os homens tendem a captar com avidez, sob os mínimos fundamentos imaginários: se um homem tem apenas um pouco de conhecimento, ou atingiu quaisquer especulações vãs, ele está prontamente apto a ser vaidosamente inflado por sua mente carnal. O mesmo perigo acompanha qualquer excelência concebida que um homem apreenda ter alcançado. Aqueles monstros da religião, mencionados por Pedro e Judas, que não fizeram outro uso da graça de Deus senão para transformá-la em libertinagem; contudo, estavam tão inchados com as apreensões de seus privilégios que, enquanto não visavam outra coisa senão a licenciosidade pura e a lascívia nos desejos da carne, encorajavam-se e seduziam outros a partir de uma suposta liberdade que seus privilégios lhes davam; e para esse fim tinham frequentemente em suas bocas *grandes palavras de vaidade* (*2Pe 2:18*), mesmo enquanto caminhavam segundo suas próprias concupiscências (*Jd v. 16*). (2) Para fortalecer seus conceitos orgulhosos, o Diabo aprimora o que as Escrituras falam das diferenças entre os filhos de Deus: que alguns são espirituais, alguns são carnais; alguns fracos, outros fortes; alguns perfeitos, outros menos perfeitos; alguns criancinhas, alguns jovens, alguns pais. O fim de tudo isso é fazê-los apreender-se como cristãos de uma classe e ordem superior, o que também abre caminho, consequentemente, para uma inferência posterior, a saber: que deve haver imunidades e privilégios adequados a essas alturas e alcances. Para esse fim, (3) ele produz aquelas Escrituras que são designadas por Deus para elevar as mentes dos homens a buscarem a obra interna e o poder de suas ordenanças, e não centralizarem suas mentes e esperanças no uso meramente formal delas, sem aplicar seus

pensamentos a Deus e a Cristo, a quem elas são designadas a nos conduzir. Tais como estas Escrituras (*Rm 2:28*): *Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão a do coração, no espírito, não na letra*. E *Rm 7:6*: *de modo que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra*. *2Co 5:16*: *Assim que daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne, e, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos deste modo*. *Ef 4:13*: *Ele deu uns para apóstolos, e outros para profetas... para o aperfeiçoamento dos santos... até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito*. Por uma interpretação perversa destas e de algumas outras Escrituras de teor semelhante, ele os persuadiria de que a grande coisa que Cristo planejou com suas ordenanças foi apenas treinar os cristãos mais fracos por esses rudimentos (como o ABC para crianças) para uma forma mais espiritual e imediata de viver em Deus; e que estas se tornam totalmente inúteis quando os cristãos subiram a qualquer desses graus imaginários de uma suposta perfeição. O suficiente disso pode ser visto nos escritos de Saltmarsh, Winstanly e outros, em tempos recentes. Quão grande comércio Satanás impulsionou por tais mal-entendidos não faz muito tempo não pode ser facilmente esquecido; de modo que a adoração de Deus quase ficou desolada e, em muitos lugares, os caminhos de Sião prantearam.

Segundo, ele às vezes confessará uma igualdade de privilégio entre os filhos de Deus e, no entanto, alegará uma desigualdade de dever; que Deus é tão bom e forte para nós, e que todos temos uma vantagem igual em Cristo, ele prontamente reconhecerá. Mas então, quando deveríamos propor a

diligência dos santos em seus serviços como nosso padrão (como Davi orando sete vezes ao dia, Daniel três vezes, Ana servindo a Deus com jejuns e orações noite e dia, etc.), ele nos diz que esses eram serviços extraordinários e (por assim dizer) obras de super-rogação, mais do que o mandamento de Deus lhes impunha. Assim, não estamos presos a tal rigor; e nós, sendo naturalmente aptos a nos permitir nossa própria facilidade, estamos prontos demais para concordar com tais ilusões. E, gradualmente, os homens são levados a uma crença confiante de que podem ser bons o suficiente e fazer tanto quanto é exigido, embora diminuam seu ritmo e não jejuem, orem ou ouçam com tanta frequência quanto outros fizeram.

Terceiro, outro sofisma dele é elevar um dever para a ruína de outro. Ele se esforça para provocar uma guerra civil entre as diversas partes dos serviços que devemos a Deus; e, a partir da excelência de um, suscitar inimizade e desprezo desvalorizador por outro. Assim, ele separaria, como inconsistentes, aquelas coisas que Deus uniu. Como entre os falsos mestres, alguns dizem: "Eis que Cristo está aqui"; e outros: "Eis que ele está ali". Assim encontramos Satanás lidando com os deveres: ele leva alguns a tal alto respeito pela pregação que (dizem eles) Cristo deve ser encontrado aqui, mais frequentemente do que na oração ou em outras ordenanças; outros são levados a ter a mesma estima pela oração e afirmam que nela Cristo deve ser especialmente encontrado. Outros dizem o mesmo dos sacramentos ou da meditação. Em tudo isso, Satanás trabalha para gerar um desgosto e negligência por outros serviços. Assim (no que se refere à constituição das igrejas), ele se esforça para estabelecer a pureza das igrejas para a destruição da unidade; ou a unidade para a ruína da pureza. Um exemplo notável disso temos nos euquitas (uma seita de heréticos

orantes que surgiu no tempo de Valentiniano e Valente), que, sob o pretexto dos mandamentos de Cristo e de Paulo para orar continuamente, ou sem cessar e desfalecer, não reconheciam nenhum outro dever como necessário, vilipendiando a pregação e os sacramentos como coisas (no máximo) inúteis e sem proveito. Tentativas semelhantes ele faz diariamente sobre os homens, onde, embora não prevaleça tanto a ponto de trazer alguns deveres necessários de serviço ao desprezo aberto, contudo os leva a muita negligência secreta e descaso.

Quarto, ele aprimora a graça do Evangelho para inferir a desnecessidade do dever; e isso ele faz não apenas a partir da vantagem de um espírito profano e descuidado naqueles que presunçosamente esperam o céu, embora não se importem com o caminho que leva a ele: pois com tais é comum (como observa um autor) que Satanás separe os meios do fim nas coisas que são boas, para fazê-los crer que terão paz, embora caminhem nas imaginações de seu coração; para fazê-los apoiarem-se no Senhor para o céu, na negligência aparente da santidade e do dever. Como nas coisas más, ele separa o fim dos meios, tornando-os confiantes de que escaparão do inferno e da condenação, embora caminhem na senda que para lá conduz. Mas, além disso, ele abusa dos entendimentos e afeições dos homens por inferências estranhas e exóticas; como que Deus recebeu uma satisfação e Cristo fez tudo, de modo que nada resta para nós fazermos. O apóstolo Paulo estava tão ciente desse tipo de argumento que, quando devia magnificar a graça de Deus, sempre tomava cuidado para se proteger contra tais raciocínios perversos, repreendendo severamente e rejeitando tais objeções: como em *Rm 3:7, 8*, onde, falando que nossa injustiça recomendava a justiça de Deus, ele cai naquela resposta: *Por que sou eu ainda julgado como pecador?*, a qual

ele agudamente rejeita como uma inferência de imputação caluniosa ao Evangelho, que nada tem em si que dê o menor apoio a essa conclusão: *Façamos o mal, para que venha o bem*. E acrescenta que a condenação alcançará justamente aqueles que assim praticam. O mesmo temos em *Rm 6:1*: *Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?*, o que ele rejeitou com a maior abominação: *De modo nenhum!*. De ambos os lugares podemos claramente colher que, por mais doentios que sejam tais argumentos, os homens (pela astúcia de Satanás) são propensos demais, sob tais pretextos, a disputar consigo mesmos até chegarem a uma negligência descuidada do dever. Isso poderia ser ampliado em muitos outros exemplos, como o de Máximo Tírio, que discutia que todos os deveres eram desnecessários sobre este fundamento: que o que Deus der, não pode ser impedido; e o que ele não der, não pode ser obtido; e que, portanto, seria inútil buscar qualquer coisa. Muito para o mesmo propósito muitos argumentam: "Se estão predestinados para a salvação, serão salvos, façam eles o que fizerem; se não estão predestinados, não serão salvos, por mais que se esforcem". Em todas essas inferências, o Diabo procede sobre um falso fundamento de separar os meios e o fim, que o decreto de Deus uniu; mas o principal do desígnio é esconder deles a necessidade do dever.

Quinto, instando uma necessidade ou conveniência para suspender ou remitir deveres. Nas tentações para o pecado, ele atrai o pecador de um pouco para mais; mas nas omissões de dever, ele nos seduziria de muito para pouco, e de pouco para nada. Ele está muito ocupado conosco para quebrar ou interromper nosso curso constante de dever. Os deveres em ordem e prática são como tantas pérolas em um fio; se o fio se quebrar, corre-se o risco de espalhar todas. Se formos uma vez

tirados de nosso caminho, corremos o risco de vagar muito antes de sermos colocados em nossa posição novamente. Para efetuar isso: (1) ele certamente estreitará ou impedirá nossas oportunidades, se puder, e então alegará necessidade para uma dispensa. É verdade, de fato, que necessidades, quando inevitáveis (como fruto da Providência, e não de nossa negligência), podem desculpar uma omissão de dever: porque, em tais casos, Deus, aceitando a vontade pelo fato, terá misericórdia e não sacrifício. Mas a necessidade é, na maioria das vezes, um pretexto ou cobertura para a preguiça dos que professam a fé; e o Diabo fará tudo o que puder para satisfazê-los nesse humor e preparar desculpas para eles a partir de tais impedimentos ou interrupções que os negócios ou perturbações possam causar. No entanto, se estes não estiverem prontos, ele (2) se esforçará para retirar nosso fervor, sugerindo-nos nossa diligência anterior, que em outros tempos fomos cuidadosos e ativos; ou (3) apresentando-nos a maior negligência daqueles que estão abaixo de nós. O significado de ambas as insinuações é para este único propósito: que possamos nos atrever a algumas omissões sem grande risco para nossas intenções religiosas ou escândalo e ofensa a outros. Ora, se ele puder, por qualquer desses caminhos, levar-nos a qualquer diminuição de nosso cuidado e exercício habituais, ele então continuará pressionando por mais, e do fervor de espírito passará para uma moderação fria; daí trabalhará para nos levar a desempenhos raros; e daí, ao nada. O preguiçoso espiritual que se deixar vencer por algumas negligências será encontrado, por fim, companheiro de um desperdiçador; e será levado a uma negligência total de tudo. A igreja de Éfeso (*Ap 2:4, 5*) pode tristemente dar prova disso: deixaram seu primeiro amor e, a

partir daí, declinaram tanto que, finalmente, Deus foi provocado a remover o candeeiro de seu lugar.

Sexto, Satanás prega peças nos homens (a fim de impedir o dever), afastando-nos de um serviço presentemente necessário com a proposta de outro no qual, naquele momento, não estamos tão interessados. Em vários deveres do cristianismo, há necessidade de muita habilidade para fazer uma escolha certa para o desempenho presente ou imediato; e ter um julgamento correto para descobrir os tempos e estações deles é matéria de estudo necessário. Nosso adversário, observando nossas fraquezas nisto (quando nenhuma outra arte prevalece), esforça-se por nos levar a uma escolha inconveniente, quando não pode nos fazer negligenciar tudo. Como (1) envolvendo-nos em um dever menor para que negligenciemos um maior; ele está disposto que nós (como os fariseus) paguemos o dízimo da hortelã e do endro, com a condição de negligenciarmos as coisas mais importantes da lei. Esta foi a falha de Marta (*Lc 10:41*), que se ocupou em preparar o banquete para a recepção de Cristo e, enquanto isso, negligenciou ouvir sua pregação, a qual, como ele observa, era o único dever necessário daquele momento: *uma só coisa é necessária*. Ela não é culpada por fazer o que era simplesmente mau em si mesmo (pois o que fazia era um dever), mas por não fazer uma escolha certa do dever; pois aquela repreensão, *Maria escolheu a boa parte*, é apenas uma desaprovação comparativa; como interpreta Agostinho: *Non tu malam, sed illa meliorem* — o que fazes não é mau, se não te tivesse levado à negligência de um bem maior. (2) Ele às vezes coloca os homens em algo que é bom e necessário, mas tal que não podem alcançar sem pecado. Assim, o sacrifício em si era um dever necessário; e tal era a condição de Saul que lhe convinha,

naquele momento, fazer as pazes com Deus e consultar sua mente. No entanto, quando o Diabo, sob esse pretexto, o levou a oferecer um sacrifício, levou-o a uma transgressão não pequena. O mesmo jogo Satanás às vezes joga com cristãos comuns, que são persuadidos além de sua posição e capacidade em relação a algumas ordenanças de Deus. (3) Ele às vezes coloca os homens em empreendimentos perigosos em busca de sua fantasia de ganhar uma vantagem para algum serviço; e assim são eles desviados do caminho da obediência presente, ao agarrarem oportunidades de dever fora de seu alcance. Saul poupou as ovelhas e os bois dos amalequitas para o sacrifício, quando a obediência teria sido mais aceitável do que o sacrifício. (4) Há um engano adicional na escolha do dever: quando Satanás os emprega para prover deveres futuros, em negligência aos deveres que lhes incumbem no presente; ao passo que estamos mais interessados naquilo que, no momento, é necessário, do que naquilo que pode sê-lo no futuro; o que é um erro semelhante ao de se preocupar com o amanhã enquanto não usamos o que Deus coloca em nossa mão hoje.

CAPÍTULO XVIII.
O segundo grande desígnio de Satanás contra os Deveres é estragá-los.

(1) Na maneira de empreendê-los; e como ele efetua isso. (2) No ato ou execução, por meio de distrações externas e internas. Suas várias formas de agir, viciando o Dever em si mesmo. Como ele faz isso. (3) Após a execução; a maneira como o faz.

As principais formas de Satanás para dificultar e impedir o Dever já foram observadas. O que ele não alcança nesse desígnio, ele busca compensar em seguida, estragando e corrompendo os deveres. Ele se empenha nisso de três maneiras.

Primeiro, levando-nos a realizar os Serviços de tal maneira que se tornem inaceitáveis e desagradáveis a Deus, e inúteis para nós. Isso ocorre: (1) por um empreendimento descuidado e precipitado do Serviço. Somos ordenados a tomar cuidado conosco mesmos ao ouvir ou orar, e a vigiar nossos corações para que estejam em uma postura adequada para o encontro com Deus. Porque o coração, no Serviço, é o que Deus mais observa, e nossos serviços são medidos de acordo com ele. Se, portanto, por um empreendimento negligente, aventuramo-nos neles, não *guardando o pé quando entramos na casa de Deus*, não oferecemos nada além do *sacrifício de tolos*. Assim, damos ocasião para que Deus se queixe de que apenas *nos aproximamos dele com os lábios, enquanto nosso coração está longe dele*.

Segundo, um estrago semelhante do Dever é feito quando nos aventuramos nele confiando em nossa própria força, e não na força de Cristo. Satanás vê o orgulho de nosso coração e o quanto nossos dons podem contribuir para isso. Ele percebe como somos propensos a confiar no desempenho correto daquilo que já praticamos tantas vezes antes. Portanto, ele se esforça ainda mais para nos fazer esquecer que nossa força está em Deus e que não podemos ir a Ele de forma aceitável senão por Seu próprio poder. Os cristãos são frequentemente abusados dessa forma. Quando a força deles deve ser buscada, o Dever é muitas vezes perversamente colocado diante deles

para que ajam como Sansão quando suas mechas foram cortadas; ele pensou em sacudir-se e sair como em outras vezes, e assim caiu nas mãos dos filisteus.

Terceiro, se ele puder substituir fins e princípios básicos como motivos para o Dever, em vez daqueles que Deus ordenou, ele sabe que o Serviço se tornará fétido e abominável para Deus. Jejuns, orações, esmolas, pregação ou qualquer outro dever podem ser assim contaminados quando realizados por motivos não melhores do que serem vistos pelos homens, ou por inveja, ou para satisfazer um humor, ou por costume, em vez de por consciência. Com que frequência os profetas acusaram os judeus por isso, dizendo que jejuavam para si mesmos e produziam frutos para si mesmos? Quão severamente Cristo condenou os fariseus pelo mesmo motivo, dizendo-lhes que, ao buscarem o aplauso dos homens por meio dessas devoções, já haviam recebido toda a recompensa que teriam.

Quarto, quando realizamos nossos Serviços fora de tempo, não apenas a graça e a beleza deles são estragadas, mas frequentemente tornam-se inúteis. Há tempos a serem observados, não apenas para a gestão correta das ações comuns, mas também para os Deveres. O que é a Repreensão Cristã, se não for devidamente ajustada à estação e à oportunidade? O mesmo pode ser dito de outros Serviços.

Quinto, os Serviços são estragados quando os homens se dedicam a eles sem a resolução de abandonar seus pecados. Enquanto vêm com seus ídolos no coração e o tropeço de sua iniquidade diante de sua face, Deus não Se deixará consultar por eles. Ele exige daqueles que Lhe apresentam seus Serviços que (pelo menos) não O afrontem com propósitos diretos de continuar em suas rebeliões contra Ele. Antes, Ele espera de

Seus servos, que buscam uma bênção em seus deveres, que venham com seus *corações purificados da má consciência e o corpo lavado com água limpa*. Se vêm para ouvir a Palavra, devem *despojar-se de toda imundícia e acúmulo de malícia*. Se oram, devem *levantar mãos santas*. Se vêm à Ceia do Senhor, devem comer aquela festa com o *pão ázimo da sinceridade e da verdade*. E embora Ele possa aceitar as orações daqueles que estão tão convencidos de seus pecados (embora ainda não santificados) que estão dispostos a depor suas armas e são tocados por um senso de arrependimento legal — pois assim Ele ouviu Acabe e considerou a humilhação de Nínive — contudo, enquanto os homens se apegam ao amor de sua iniquidade e não estão dispostos a separar-se de seus pecados, Deus não olhará para seus Serviços, mas os abominará. Pois assim Ele Se declara em *Is 1:11*: *De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios?... Não tragais mais ofertas debalde... não posso suportar a iniquidade, nem mesmo o ajuntamento solene... a minha alma as odeia; já me são pesadas; estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; e ainda que multipliqueis as vossas orações, não as ouvirei*. O fundamento de tudo isso é que o coração deles não estava de modo algum separado dos propósitos de pecar: *as vossas mãos estão cheias de sangue (v. 15)*. Satanás, sabendo disso tão bem, dispõe-se a que eles se engajem nos Serviços de Deus, desde que mantenham sua lealdade a ele e venham com intenções de continuar perversos. Pois assim, embora não possa impedir a execução real do Dever (o que ele preferiria fazer, pois não sabe se Deus pode, por esse meio, resgatar esses escravos de Satanás de sua mão), ele torna os serviços deles sem valor e os torna abomináveis a Deus.

Sexto, na maneira de empreender, os Deveres são estragados quando os homens não têm uma ingenuidade submissa, entregando-se à direção e disposição do Todo-Poderoso, mas, em vez disso, confinam e limitam Deus às suas vontades e desejos. Às vezes, os homens, ao tentarem serviços a Deus, pensam assim envolver Deus para que Ele satisfaça as vontades e caminhos deles. Com tal mente Acabe consultou os profetas sobre sua expedição a Ramote-Gileade; não tanto buscando a mente e o conselho de Deus para direção, mas pensando assim envolver Deus para confirmar e concordar com sua determinação. Com a mesma mente Joanã e o restante do povo consultaram o Senhor sobre sua descida ao Egito (*Jr 42:5*). Embora tenham protestado solenemente obediência ao que Deus dissesse, fosse bom ou fosse mau, quando a resposta de Deus não se adequou aos seus desejos e resoluções, negaram que fosse o mandamento de Deus e encontraram uma evasiva para se libertarem de seu compromisso (*Jr 43:2*). Tais tratos, sendo empreendimentos evidentes de um coração hipócrita, devem necessariamente tornar tudo o que é feito sob esse pretexto em presunçosas tentações contra Deus, de modo algum merecendo o nome de Serviço.

Segundo, não apenas os Serviços são assim estragados naqueles fundamentos e formas erradas de iniciá-los ou estabelecê-los, mas no próprio ato ou execução deles, enquanto estão "na roda" (como o vaso do oleiro no profeta), são frequentemente arruinados. Satanás faz isso de duas maneiras: (1) perturbando nossos pensamentos, que deveriam estar atentos e fixos no Serviço em mãos; (2) viciando o próprio Dever.

Primeiro, distraindo ou perturbando nossos pensamentos. Esta é uma política usual de Satanás. Aquelas aves que desceram sobre o sacrifício de Abraão são supostas (por intérpretes eruditos) significar os meios e caminhos pelos quais o Diabo desordena e perturba nossos pensamentos nos Serviços Religiosos. E o próprio Cristo compara o Diabo, ao roubar nossos pensamentos do Dever, às aves do céu que colhem a semente assim que é semeada. Há muitas razões que podem nos convencer de que esta é uma de suas obras-primas de política. Como: (1) o fato de que o negócio da distração é, muitas vezes, facilmente realizado. Nossos pensamentos não se deleitam naturalmente em coisas espirituais por causa de sua depravação. Nem podem facilmente suportar serem cercados ou confinados tão estritamente quanto a natureza de tais ocupações exige. Assim, há uma espécie de força preternatural sobre nossos pensamentos quando estão religiosamente empregados. Como isso é, em si mesmo, trabalhoso (como o represamento de uma correnteza ou o fazer o Jordão retroceder), à menor flexibilização da mola que deve inclinar nossos pensamentos para o céu, eles tendem ao seu curso e inclinação naturais. Como uma pedra rolada morro acima tem uma *renitentia*, um esforço contra a mão que a força, e quando essa força diminui, ela desce. Quão fácil é, então, para Satanás desviar nossos pensamentos de nossa Obra? Se afrouxarmos nosso cuidado, por pouco que seja, eles recuam e tendem ao seu antigo viés. E quão fácil é para ele tirar nossa mão, quando está tanto em seu poder injetar pensamentos e movimentos em nossos corações, ou apresentar objetos aos nossos olhos, ou sons aos nossos ouvidos, que por uma força natural despertam nossa apreensão para agir? Pois em tais casos, *non possumus non cogitare*: não podemos restringir o ato de pensar e, sem

grande cautela, não podemos restringir a busca desses pensamentos e imaginações. (2) Satanás também pode fazê-lo de forma insensível. Nossas distrações ou divagações de pensamentos rastejam e nos roubam silenciosamente. Muitas vezes não sabemos quando começam, assim como não sabemos quando começamos a dormir ou quando começamos a vagar em uma jornada, onde frequentemente não percebemos que estamos fora do caminho até chegarmos a alguma curva notável. (3) E quando ele prevalece ao dividir nossos pensamentos de nosso Dever, ele sempre obtém grande vantagem. Pois assim ele impede (pelo menos) o conforto e o proveito das Ordenanças. Enquanto estamos ocupados em olhar para nossos corações, muito do Dever passa, e somos apenas como aqueles que, em assembleias públicas, são empregados para zelar pela ordem e silêncio dos outros, e mal conseguem ter lazer para atender ao seu próprio proveito. Além disso, muito da doçura das Ordenanças é diminuído pelo próprio problema de nossa assistência. Quando somos levados (como Abraão foi) a estar sempre afugentando aquelas aves que descem sobre nosso sacrifício, o próprio cansaço consumirá e eclipsará muito do conforto. Assim, ele também (pelo menos) fornece matéria para objetar contra a sinceridade dos servos de Deus, e certamente encontrará um tempo para incutir neles, com propósito, que seus corações estavam vagando em seus Serviços. Assim, ele obtém ainda mais vantagem para uma tentação de abandonar o Dever, e não cessará de aprimorar tais distrações (como ouvimos) para uma derrubada total de seus Serviços. Sim, se ele prevalecer em nos dar tais distrações que retirem totalmente nossas mentes e atenções sérias do Serviço, então o serviço torna-se sem valor, embora as circunstâncias externas de assistência sejam as mais exatas e semelhantes às

de um santo. Quem poderia aparecer em uma vestimenta mais religiosa do que aqueles em *Ez 33:31*, que vinham e se assentavam, e pareciam satisfeitos com os Serviços Divinos (quanto a toda descoberta externa) como povo de Deus? No entanto, tudo foi estragado com isto: que seus corações estavam voltados para a sua avareza.

Ora, esta distração Satanás pode operar de duas maneiras.

Primeiro, por perturbações externas. Ele pode apresentar objetos aos olhos com o propósito de atrair nossos pensamentos após eles. O fechar dos olhos na oração é usado por alguns servos de Deus para evitar as tentações de Satanás por esse caminho. E encontramos, na história do Sr. Rothwel, que o Diabo notou isso nele: que ele fechava os olhos para evitar a distração na oração. O que implica uma concessão do Diabo de que, por meio de objetos externos, ele costuma buscar nossa distração nos Serviços. O mesmo ele faz por meio de ruídos e sons. Nem podemos descobrir quanto dessas perturbações (por tosses, pigarros, pisoteios, etc., que ouvimos em grandes assembleias) provém de Satanás, ao incitar outros a tais ruídos. Temos certeza de que a jovem que tinha um espírito imundo (*At 16*), que entristecia e perturbava Paulo (ao realizar esses Deveres) com seus clamores, foi instigada por aquele espírito dentro dela para distrair e desviar os pensamentos deles dos Serviços que estavam prestes a empreender. Além das formas comuns de causar problemas aos servos de Deus em perturbações externas, ele às vezes (embora raramente) o faz de maneira extraordinária: assim ele tentou impedir o Sr. Rothwel de orar por uma pessoa possessa, por meio de fúria e blasfêmia. Lemos que ele causou impedimento semelhante a Lutero e a outros. E, verdadeiramente, uma assistência tão estrita no

exercício de nossas mentes, sentidos espirituais e graças é exigida em questões de adoração; e nossos corações são tão fracos em fazer resistência ou repelir esses ataques, que uma questão muito pequena nos descompõe, e uma desordem ainda menor prejudicará e manchará o Dever.

Segundo, ele nos distrai ou perturba também por operações internas, e injeções de movimentos e representações de coisas em nossas mentes. E como esta é sua forma mais geral e usual, ele faz uso de uma maior variedade de artimanhas e artes nela: como,

Primeiro, pela importunidade perturbadora e violência de suas injeções; elas caem sobre nós tão espessas quanto o granizo. Mal repelimos um movimento, e outro já está sobre nós. Ele tem sua aljava cheia dessas setas, e nossos corações (sob qualquer Serviço) fervilham com elas; somos incessantemente infestados por elas e não temos descanso. Em outros momentos, quando estamos em negócios mundanos, podemos observar uma grande facilidade e liberdade em nossos pensamentos; nem ele nos pressiona tanto. Mas nestes, Satanás está continuamente batendo à nossa porta, chamando-nos, de modo que é um grande risco que uma ou outra dessas injeções se prenda aos nossos pensamentos e nos desvie do caminho; ou, se não o fizerem, ainda assim é uma grande moléstia ou cansaço para nós.

Segundo, ele pode ordenar seus tratos conosco de modo que nos provoque, às vezes, a segui-lo para fora do acampamento, e busca nos enredar aprimorando nossa própria resolução espiritual e ódio contra ele; assim como a coragem aguçada e enfurecida faz um homem aventurar-se além dos limites devidos da prudência ou segurança. Para esse fim, ele às vezes

lança em nossos pensamentos sugestões horríveis, blasfemas e ateístas, que não apenas nos assombram, mas muitas vezes nos envolvem em disputas contra elas; o que, em tal momento, é tudo o que ele busca. Pois, enquanto em tais casos deveríamos afastar tais pensamentos com uma resposta curta — *Para trás de mim, Satanás* — nós, ao tomarmos o escudo e a espada contra eles, somos desviados de atentar ao nosso Dever presente.

Terceiro, ele às vezes busca seduzir e atrair nossos pensamentos para o Objeto, representando o que é agradável e atraente. (1) Ele se aventurará a sugerir coisas boas de forma impertinente e fora de época, como quando nos leva a orar enquanto deveríamos estar ouvindo; ou, enquanto estamos orando, ele coloca em nossos corações coisas que ouvimos na pregação. Essas coisas (por serem boas em si mesmas) não nos assustam tanto, mas recebem de nós uma acolhida mais rápida. (2) Ele também pode seduzir nossos pensamentos pela estranheza das coisas sugeridas. Às vezes teremos indícios de coisas que não conhecíamos antes, ou algumas noções finas e excelentes, de modo que mal podemos evitar nos desviar após elas para contemplá-las; e, no entanto, quando tudo termina, a menos que negligenciemos totalmente o Dever por causa delas, elas desaparecerão de tal modo que mal poderemos lembrá-las quando o Dever acabar. (3) Às vezes ele adequa nossos desejos e inclinações com as lembranças de coisas que estão, em outros momentos, muito em nosso amor e afeto; e com estas estamos aptos a concordar, o prazer delas nos fazendo esquecer nosso Dever presente. Pensamentos sobre propriedades, honras, relações, deleites, recreações ou qualquer outra coisa em que estejamos focados em outros momentos, prevalecerão mais facilmente por audiência agora.

Quarto, ele tem uma forma de nos trair e ludibriar, aumentando nossos próprios ciúmes e temores contra ele; e aqui ele nos supera com nosso próprio arco e, por um tipo de exagero, faz-nos desfazer nossa obra desejada. Pois, onde ele nos observa temerosos e vigilantes contra o devaneio, ele nos alarma ainda mais: de modo que (1) em vez de olhar para a parte presente do Dever, refletimos sobre o que passou e fazemos inquéritos: "Será que realizei aquilo corretamente? Ou será que não divaguei desde o início?". Assim, nossas suspeitas de que falhamos nos levam a uma falha real. Por isso somos enganados e desviados de atentar ao que estamos fazendo no presente. Ou (2) um desejo ansioso de fixar nossos pensamentos em nosso Serviço presente nos assombra e espanta em uma inatividade estúpida, ou em dizer ou fazer não sabemos o quê; como ordinariamente acontece com pessoas que, por um grande temor de ofender na presença de algumas grandes personalidades, tornam-se incapazes de fazer qualquer coisa correta ou de se comportarem toleravelmente bem; ou como um fixar do olho excessivamente firme e ansioso enfraquece a visão e torna o objeto menos discernível para nós.

Quinto, às vezes o exercício da imaginação agindo ou trabalhando de acordo com algum erro que alimentamos quanto à maneira de execução, mantém nossos pensamentos tão ocupados que abraçamos uma nuvem ou sombra quando deveríamos ter buscado a substância. Darei um exemplo disso em relação à Oração, o qual observei ter sido um laço e erro para alguns: porque, nesse Dever, a Escritura nos orienta a ir a Deus e a colocá-Lo diante de nós, eles pensaram ser necessário formar uma ideia de Deus em seus pensamentos, como de uma pessoa presente a quem falam. Assim, seus pensamentos ficam ocupados em conceber tal representação; e quando a sombra da

imaginação desaparece, seus pensamentos voltam a se ocupar em inquirir se seus corações estão em Deus. Assim, ao brincarem com a imaginação, ficam realmente menos atentos ao seu Dever.

Sexto, Satanás pode lançar impressões de distração sobre os homens antes que cheguem aos Serviços Religiosos, as quais então trabalharão e mostrarão seu poder para perturbar e dividir nossos corações. Isso ocorre por uma forte prepossessão do coração com qualquer coisa que temamos, esperemos ou desejemos, ou que de alguma forma nos perturbe. Estas coisas se apegarão a nós e nos farão companhia em nossos Deveres, embora nos esforcemos para afastá-las. E este foi o fundamento do conselho do apóstolo aos solteiros para que continuassem em uma vida celibatária (estando próximos os tempos de perseguição e angústia), para que pudessem servir ao Senhor sem distração: implicando que a preocupação e o cuidado mais do que comum, que se apoderariam das mentes das pessoas sob tais apertos e perigos, inevitavelmente as seguiriam em seus Deveres e, assim, as distrairiam.

Segundo, a outra forma (além desta da distração) pela qual Satanás estraga nossos Deveres no ato da execução é viciando o próprio Dever. E isso ele faz comumente de três maneiras.

Primeiro, quando ele leva os homens a um cuidado maior com a vestimenta e a forma externa de um Serviço do que com a obra interna dele. Ele se esforça para fazer com que alguns devotos lidem com seus deveres como os fariseus fizeram com seus copos, lavando e adornando o exterior enquanto o interior é totalmente negligenciado. Assim, os papistas geralmente buscam a pompa e a beleza externa dos Serviços, sendo cuidadosos apenas para que todas as coisas tenham sua bravata

externa; como os túmulos dos profetas eram pintados e embelezados, mas estavam cheios de podridão. E a generalidade dos cristãos está mais ocupada com isso do que com o Serviço do coração. Paulo era tão sensível a esse laço na obra da pregação (onde ordinariamente os homens se preocupavam com a excelência da fala ou sabedoria) que determinou outro curso de pregação: não noções, ou retórica e palavras sedutoras, mas a doutrina de Cristo Crucificado em sinceridade e simplicidade. Não é, de fato, o custo e a finura externa das Ordenanças que Deus considera. Incenso de Sabá e a cana aromática de uma terra remota não servem para nada onde o coração não visa, acima de tudo, um serviço espiritual. Pois estes são antes uma satisfação aos humores dos homens do que um agrado a Deus: uma oferta a si mesmos, em vez de a Ele. E, portanto, o que Jeremias confessou que eles faziam (*Jr 6:20*) ao comprarem incenso e cana aromática, Isaías (*Is 43:24*) parece negar: *Não me compraste por dinheiro cana aromática*; isto é, embora o tenhas feito, foi para ti mesmo, e não para Mim; Eu não o aceitei e, portanto, foi o mesmo que se não o tivesses feito.

Segundo, os Deveres e Serviços são mais visivelmente viciados por adições humanas: algo expressamente contrário ao segundo Mandamento. E, no entanto, há uma estranha ousadia nos homens nesse sentido, que às vezes sobe a tal altura que os mandamentos claros e nítidos de Deus são violados sob o pretexto especioso de decência, ordem e humildade; e nada os atrai mais do que aquilo que eles mesmos inventam e descobrem. Satanás sabe quão desagradável isso é para Deus e quão grande é a inclinação dos homens para serem apressados em suas invenções e na adoração por eles mesmos idealizada; ele pode facilmente prevalecer com os incautos. Este foi o

grande erro da nação judaica ao longo de todo o Antigo Testamento, e dos fariseus, que, embora tenham recusado as idolatrias de seus pais, eram tão apegados às suas tradições que tornaram sua adoração vã, como Cristo lhes diz. E esse humor também, no tempo de Paulo, estava se insinuando entre os cristãos, gerido com muito engano (*Cl 2:8*) e aparência de sabedoria (*v. 23*), contra o que ele os adverte fervorosamente. Há, de fato, vários graus de corrupção de um Serviço ou Ordenança por adições humanas, de acordo com os quais ele é mais ou menos contaminado; contudo, a menor presunção nesse sentido é uma ofensa e provocação.

Terceiro, os Deveres são viciados em seu excesso. A adoração natural, que consiste em temor, amor, fé, humildade, etc., nunca pode ser excessiva. Mas a adoração instituída pode sê-lo. Os homens podem pregar demais e orar por tempo demais (uma falha notada por Cristo nos fariseus, que faziam longas orações). Mesmo nos Deveres, um homem pode ser justo em demasia. Timóteo o foi, em seus grandes esforços e vida excessivamente abstêmia, para o desgaste de sua força, o que o apóstolo percebeu e aconselhou contra: *Não bebas mais água só*, etc. Os coríntios o foram quando, por uma alta detestação do erro da pessoa incestuosa, mostraram-se relutantes em perdoá-lo e recebê-lo de volta na Igreja. Pedro é outro exemplo de excesso para nós (*Jo 13:8*). Primeiro, em uma humildade modesta, ele se recusa a deixar Cristo lavar seus pés; mas depois, entendendo o significado disso, corre para o outro extremo e oferece não apenas os pés, mas as mãos e a cabeça. Quando os servos de Deus estão conscientes de defeitos em seus Serviços (como se quisessem compensar isso pela extensão e continuidade de seus Serviços), são facilmente

levados a um excesso, de todas as formas desvantajoso para si mesmos e para o Serviço.

Terceiro, quando os desígnios de Satanás não conseguem estragar os Deveres, seja pela forma da tentativa ou no ato, ele busca então jogar um "segundo tempo" e se esforça para estragá-los por algum erro posterior nosso em relação a esses Serviços. Como:

Primeiro, quando ele nos torna orgulhosos deles. Mal conseguimos realizar qualquer Serviço com uma adequação tolerável sem que Satanás esteja à mão para instilar pensamentos de aplauso, vanglória e jactância; e prontamente começamos a pensar alto de nós mesmos e de nossos desempenhos, como se fôssemos melhores que os outros, a quem tendemos a censurar como baixos e fracos em comparação conosco. Embora este seja um engano aparente, é de admirar como as mentes, mesmo dos melhores, tendem a ser contaminadas por ele. Mesmo onde há esforços consideráveis de humildade e abnegação, esses pensamentos tendem a receber acolhida excessiva. Ora, embora corramos bem e alcancemos alguma força e vigilância confortáveis nos Serviços de Deus, se eles forem depois contaminados pelo orgulho, ou se pensarmos em embalsamá-los com louvores, ou reservá-los como matéria de ostentação, embora sejam comida de anjos, contudo (como o maná dos israelitas, quando guardado por tempo demais) apodrecerão e criarão vermes, e assim não servirão para nada, depois de termos tido o trabalho de colhê-los.

Segundo, quando Serviços bem realizados são pervertidos para a segurança, então eles também são estragados. Estamos prontos a dizer deles, como o homem rico de sua abundância:

Alma, descansa, tens muito em depósito para muitos anos. Satanás está disposto (para uma vantagem posterior) que nos consideremos seguros dele; e, como após uma refeição completa, tendemos a ficar sonolentos, assim, após os Serviços, tendemos a nos considerar fora de perigo. A Igreja, após um banquete elevado com Cristo, logo adormece e falha gravemente em segurança e negligência. Por esse meio, os melhores dos santos às vezes perdem as coisas que realizaram e derrubam o que anteriormente construíram.

A SEGUNDA PARTE
Contendo as múltiplas sutilezas e estratagemas de Satanás para a corrupção das mentes dos homens com o erro; e para a destruição da paz e do conforto dos filhos de Deus.

CAPÍTULO I.
Que o grande desígnio de Satanás é corromper as mentes dos homens com o erro.

> *Que o grande desígnio de Satanás é corromper as mentes dos homens com o erro. As evidências de que assim o é. E as razões de seus esforços nesse sentido.*

Após os enganos de Satanás ao tentar ao pecado e contra o dever, seu desígnio de corromper as mentes dos seres humanos pelo erro exige nossa investigação. De fato, este é um de seus principais esforços, o qual ocupa uma parte considerável de seu tempo e diligência. Ele não é apenas chamado na Escritura de *Espírito Imundo*, mas também de *Espírito Mentiroso*. Nenhuma dessas qualificações malditas permanece ociosa nele. Assim como por sua impureza podemos facilmente conjeturar seus ataques à vontade e às afeições para contaminá-las pela luxúria, também por sua mentira podemos concluir que ele certamente se esforçará para cegar o entendimento pelo erro. Uma

descoberta clara disso pode ser obtida a partir das seguintes considerações.

Primeiro, pelo interesse de Deus na Verdade, em referência aos seus grandes desígnios de santidade e misericórdia no mundo. A verdade é um raio e um feixe de luz daquele que é o *Pai das Luzes*. Todas as verdades reveladas são apenas cópias e transcrições daquela Verdade Essencial e Arquetípica. A verdade é *a vara do seu poder* (*Sl 110:2*), o cetro do seu reino, pelo qual ele submete os corações dos homens à sua obediência e serviço na conversão. A verdade é aquela rocha sobre a qual ele edificou sua Igreja; os fundamentos são os profetas e apóstolos (*Ef 2:20*), isto é, a doutrina dos profetas e apóstolos nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento. A verdade é aquele grande *depositum* confiado ao cuidado de sua Igreja, que é, por isso, chamada de *coluna da verdade*. Pois, assim como príncipes ou governantes colocam suas proclamações em colunas para a melhor informação de seus súditos, assim sua Igreja sustenta a verdade perante o mundo.

A santidade é mantida pela verdade; nossos caminhos são dirigidos por ela e, por ela, somos prevenidos contra as artimanhas de Satanás. Ora, como o príncipe das trevas se comporta em oposição total ao Deus da verdade em todos os seus caminhos, o interesse de Deus na verdade revelará suficientemente o desígnio do Diabo em promover o erro. Pois tal é o seu ódio a Deus que, embora não possa destruir a verdade — assim como não pode arrancar o sol do firmamento —, ele tentará, ao corromper a cópia, desonrar o Original. Embora não possa quebrar o cetro de Cristo, ao suscitar o erro ele tentaria impedir o aumento de seus súditos. Embora não possa remover a rocha sobre a qual a Igreja está edificada, ele

se esforçará para abalá-la, ou interromper a construção, e arrancar a proclamação de Deus da coluna na qual Ele a colocou para ser lida por todos. Se pudermos conceber o ódio que o ladrão tem pela luz, por ela contradizer e impedir seus desígnios, podemos imaginar que não há nada contra o qual o Diabo use maiores artimanhas do que contra a luz da verdade. Ele não pode, nem quer, fazer aliança com ninguém, exceto nos termos que Naás propôs aos homens de Jabes-Gileade: isto é, que ele possa vazar-lhes o olho direito e, assim, lançar opróbrio sobre o Israel de Deus. É obra do Espírito Santo guiar-nos à verdade e, pela regra dos contrários, é obra do Diabo guiar-nos ao erro.

Segundo, embora a Escritura atribua o pecado e o perigo da ilusão e do erro aos homens que o promovem, para o engano de si mesmos e de outros, ela culpa principalmente Satanás como o grande arquiteto disso. Ela afirma expressamente ser ele o grande enganador. Ele deve fazer uso de instrumentos e engenheiros para lhe prestarem serviço nessa obra, mas ainda é o Diabo quem é o espírito mentiroso na boca deles. É ele quem os ensina e os incita; portanto, podem ser chamados (como Elimas foi por Paulo) de *filhos do Diabo* ou (como Cerinto antigamente) de *primogênito de Satanás*.

A igreja de Corinto, entre outras enfermidades, sofria sob erros perigosos. Quando o apóstolo se opõe industrialmente a eles, ele nota principalmente:

1. Os falsos mestres que os haviam trabalhado astutamente para uma aptidão em declinar da simplicidade do Evangelho. Ele os chama de falsos apóstolos, por não terem comissão de Deus, e de

ministros de Satanás (*2Co 11:13, 15*), informando-nos assim quem é que os envia e os emprega nessa missão.

2. Ele acusa especialmente Satanás como o grande idealizador de todo esse mal. Se alguém fecha os olhos contra a luz, ele aponta como causa principal que o deus deste mundo cegou os seus entendimentos. Se alguém tropeça na simplicidade do Evangelho, ele logo culpa a astúcia da antiga serpente por isso (*2Co 11:3*). Quando a falsa doutrina era ensinada diretamente e envernizada com os gloriosos pretextos da verdade, ele ainda atribuía isso a Satanás (*v. 14*): *E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz*. Nisto, ele não apenas dá uma razão para a corrupção ou adulteração da Palavra de Deus pelos falsos apóstolos — como os vinicultores fazem com seus vinhos por meio de misturas (metáfora que ele usa no *cap. 2:17*) —, mas também aponta para Satanás a fim de nos fornecer um relato real do fundamento daquela astuta artimanha que esses obreiros fraudulentos usavam. Enquanto se metamorfoseavam, imitando o modo, o zelo e a diligência dos apóstolos de Cristo, eram ensinados por alguém que aprendera exatamente a arte da imitação e que podia, em toda aparência, interpretar com perfeição o papel de um anjo de luz. E para afastar qualquer objeção ou espanto de que tantos, com tamanha aparência de fervor e zelo, se entregassem a enganar por meio de falsas doutrinas, ele nos diz que esta tem sido a obra do Diabo desde o primeiro engano de Eva (*v. 3*). Assim como ele então fez uso de uma serpente como seu instrumento, desde então, em todas as eras, ele tem feito tanto uso de seres humanos como

> seus emissários que não deveria parecer uma maravilha, nem algo grandioso, ver o Diabo nesta obra por meio de seus agentes.

Terceiro, que este é o grande desígnio de Satanás pode ser ainda mais esclarecido pelo curso constante de seus esforços. A parábola do joio (*Mt 13:25*) mostra que Satanás está tão ocupado em semear o joio quanto o dono do campo está em semear o trigo. Que pelo joio não se deve entender erros em abstrato, mas homens, é evidente pela própria parábola. Contudo, o que torna os homens joio é o pecado e o erro. Assim, em um sentido complexo, somos ensinados quão diligente o Diabo (que é expressamente significado pelo *inimigo*, *v. 39*) é nesse emprego; muito de seu tempo tem sido ocupado dessa maneira. *Houve falsos profetas*, diz Pedro (*2Pe 2:1*), *e haverá falsos mestres*; isto é: assim foi antigamente e assim será até o fim. O resumo mais curto dos atos de Satanás nesta matéria seria longo e tedioso; julgue o restante por alguns exemplos.

Nos tempos dos apóstolos, quão rapidamente o Diabo introduzira falsas doutrinas? Que era necessário ser circuncidado foi ensinado precocemente (*At 15:1*). Em *Cl 2 :8*, o vão engano da filosofia, as tradições e os rudimentos do mundo (que eram o corpo das cerimônias mosaicas) são mencionados como intrusões perigosas; e no *v. 18*, a adoração de anjos era defendida, com risco não pequeno para a Igreja. A negação da ressurreição é expressamente imputada a alguns da igreja de Corinto (*1Co 15:12*), e que a ressurreição já havia ocorrido (*2Tm 2:18*) é afirmado como tendo sido a doutrina de Himeneu, Fileto e outros. Mas estes são comparativamente pequenos diante do erro grosseiro de negar a Cristo (*Jd v. 4*),

ou de que Jesus é o Cristo (*1Jo 2:22*), ou que Jesus Cristo veio em carne (*1Jo 4:3*), os quais são marcados como erros anticristãos e eram ousadamente afirmados por muitos falsos profetas que então haviam saído pelo mundo. E a tal altura chegaram que, por fim, ensinavam a licitude de cometer fornicação e de comer coisas sacrificadas aos ídolos (*Ap 2:20*). Todas essas falsidades tiveram a ousadia de aparecer antes que todos os apóstolos fossem sepultados.

E se acreditarmos no que Agostinho nos diz a partir de Epifânio e Eusébio, havia nada menos que dez tipos de anticristos heréticos nos dias do apóstolo João: os simonianos, menandrianos, saturnilianos, etc. Este foi um aumento incrível de falsas doutrinas em tão pouco tempo, e nos próprios tempos e pregações dos apóstolos, cujo poder e autoridade — poder-se-ia pensar — fariam Satanás cair diante deles como um relâmpago. Que progresso, então, nesta obra de ilusão poderia ser esperado quando todos eles fossem removidos do mundo? Eles deixaram, de fato, para trás de si, tristes predições do poder do engano em tempos posteriores: *Dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas*. *Depois da minha partida, entrarão lobos vorazes*, etc. (*At 20:30*). O Espírito diz expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé (*1Tm 4:1*), e Paulo (*2Ts 2:3*) profetiza uma apostasia geral após a revelação do homem do pecado e do mistério da iniquidade, e que estes seriam tempos trabalhosos (*2Tm 3:1*). Com o mesmo propósito, João menciona a vinda do grande Anticristo como algo geralmente conhecido e acreditado (*1Jo 2:18*). Mas, antes de todos estes, o próprio Cristo já havia avisado plenamente seus servos sobre os falsos cristos, o poder e o perigo da ilusão deles, e da triste revolta da fé que ocorreria antes de sua segunda vinda (*Mt 24:24*). E,

como ouvimos, assim vimos: todas as eras desde os apóstolos podem testemunhar que Satanás correspondeu às profecias que diziam respeito a ele.

Que estranho aumento de erros houve no mundo desde aquele tempo! Ireneu e Tertuliano fizeram catálogos há muito tempo; depois deles, Epifânio e Eusébio contaram cerca de oitenta heresias; Agostinho, depois deles, elevou o número para oitenta e oito. Ora, embora existam exceções justas contra a extensão de seus catálogos, e embora muitos acreditem que vários são marcados em seus registros como heréticos meramente por causa de seu nome e nação (pois o barbarismo, o citismo e o helenismo estão alinhados na frente), e outros também estão lá por questões muito pequenas (como os *quartodecimanos*, etc.), e que alguns deveriam ser totalmente riscados de seus livros; contudo, ainda assim parecerá que o número de erros é grande. Todos esses nomes difíceis têm este significado geral: que o Diabo causou uma grande agitação no mundo por meio do erro e da opinião. Tempos posteriores também poderiam ser convocados para dar seu testemunho, e nosso próprio conhecimento e experiência poderiam, sem qualquer outra ajuda, instruir-nos suficientemente (se fosse necessário) sobre a verdade de que o erro é um dos grandes desígnios de Satanás.

Segundo, olhemos agora para as razões que engajam Satanás tão fortemente nestes esforços de suscitar erros. Se as colocarmos diante de nós, isso não apenas nos confirmará na crença de que este é um de seus principais empregos — pois, se o erro lhe rende tantas vantagens para a ruína dos homens e a desonra de Deus, não pode haver dúvida de sua prontidão em promovê-lo —, mas também pode ser útil para nos lembrar quem é que está trabalhando por trás da cortina quando vemos

tais coisas encenadas no palco e, consequentemente, pode gerar uma suspeita cautelosa em nossas mentes contra seus procedimentos. As razões são estas:

Primeiro, o erro é pecaminoso. Assim, se Satanás for impedido em seus esforços para qualquer outro dano além da corrupção de uma pessoa em particular, ainda assim ele considerará que não perdeu totalmente seu trabalho. Alguns erros, que derrubam fundamentos da fé, são como veneno mortal e chamados expressamente de *damnáveis* pelo apóstolo (*2Pe 2:1*). Estas heresias são, por Paulo (*Gl 5:20*), contadas entre as obras da carne, das quais ele afirma positivamente que os que tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus. Aquelas que são de natureza inferior, que não arriscam a alma de forma tão extrema, podem apenas ser passíveis desta apologia: que são menos más. Contudo, como são oposições à Verdade (proposta na Escritura para nossa crença e direção), não deixam de ser pecados, embora possam ser males maiores ou menores conforme a importância daquelas verdades que negam ou as consequências que as acompanham. E se descermos mais um degrau, para a consideração daquelas asserções temerárias e audazes sobre coisas não claramente reveladas — embora possam possivelmente ser verdadeiras —, a positividade das afirmações e determinações em tais casos, onde nos falta razão suficiente para sustentar o que afirmamos (como as do Pseudo-Dionísio para a hierarquia dos anjos, e algumas asserções arriscadas sobre os decretos secretos de Deus, e muitas outras coisas de natureza semelhante), são pelo apóstolo (*Cl 2 :18*) severamente taxadas como uma presunção injustificável e injusta, ao colocarmos nosso pé sobre o direito de Deus. É como se tais homens quisessem, por violência, enfiar-se naquilo que Deus reservou para si mesmo (pois é isso que a

palavra *intrometer-se* importa). A causa disso, ele nos diz, é a arrogância da razão corrompida, a mente carnal (semelhante àquela expressão em *Mt 16:17*: *a carne e o sangue não to revelaram*). O fundo disso é o orgulho, que incha os homens até essa altura; e o fruto — após todos esses esforços inchados — não é outro senão (como as maçãs de Sodoma) pó e vaidade, intrometendo-se em coisas que não viu, *vãmente inchado pela sua mente carnal*. Se, então, Satanás apenas ganha isto — que pelo erro (mesmo que não difundido além do peito da parte infectada) a verdade seja negada, ou que o coração se inche de orgulho e arrogância, ou que ele tenha esperança de assim prevalecer —, isso é o suficiente para encorajar suas tentativas.

Segundo, mas o erro é um pecado de natureza crescente e, geralmente, não para em uma ou duas falsidades, mas é apto a gerar muitas outras (assim como algumas das criaturas mais nocivas têm as ninhadas mais numerosas). Pois um erro carrega consigo este perigo pernicioso: ele contamina a mente com uma instabilidade em cada verdade; e, uma vez quebrado o laço da firmeza, o ser humano não tem certeza de onde parará — como um cavalo fogoso, uma vez solto, pode vagar para longe. Esse perigo é transformado em um sério aviso contra o erro (*2Pe 3:17*): *Guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados, e caiais da vossa firmeza*. Um erro admitido torna o coração instável; e, além desse inconveniente, o erro inevitavelmente se ramifica em muitos outros, como inferências e conclusões que dele resultam, assim como círculos na água se multiplicam. Admita apenas um absurdo e muitos o seguirão, de modo que é um milagre encontrar um erro isolado. Esses gafanhotos saem em bandos, como a experiência de todas as eras testemunha, e

além das consequências imediatas de um erro — que recebem vida e existência junto com ele, como gêmeos do mesmo parto —, podemos observar uma tendência nos erros para outros que são mais remotos. Pelo longo alcance de inferências multiplicadas, ligam-se coisas que não são muito contíguas. Se os luteranos (é a observação do Dr. Prideaux) admitem a Graça Universal, os huberianos introduzem a Eleição Universal, os puccianos a Fé Natural, e os naturalistas acabam por explodir Cristo e as Escrituras como desnecessários. Este é, então, um alvo claro para o Diabo visar: se ele prevalece por um erro, é cem para um que prevalecerá por mais.

Terceiro, Satanás tem ainda um alcance maior ao promover o erro: ele sabe que é uma praga que geralmente infecta tudo ao redor e, portanto, ele trabalha mais nesta obra porque espera, por esse meio, corromper outros. Pessoas infectadas são comumente os agentes mais ocupados (até mesmo para *rodear o mar e a terra*) para ganhar prosélitos para suas falsas persuasões. Esta colheita do trabalho de Satanás é frequentemente notada na Escritura: *enganarão a muitos* (*Mt 24:24*); *muitos seguirão as suas dissoluções* (*2Pe 2:2*). Quão rapidamente esse fermento se espalhou na igreja da Galácia, até mesmo para o espanto de Paulo? (*Gl 1:6*): *Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho*. Exemplos da propagação do erro são frequentes. O pelagianismo surgiu por volta do ano 415, mas logo se espalhou pela Palestina, África, Grécia, Itália, Sicília, França e Grã-Bretanha. O arianismo, como fogo na palha, em pouco tempo levou sua chama por todo o mundo cristão e deixou a Igreja maravilhada consigo mesma por ter se tornado ariana tão subitamente. O socinianismo teve prevalência semelhante: Lélio semeara as sementes

privadamente e, após sua morte, Fausto Socino, seu sobrinho, esforçou-se tanto que, em dez anos (após sua aparição confiante), congregações inteiras na Sarmácia submeteram-se aos seus ditames, como afirma Calovius; e em vinte ou trinta anos mais, centenas de igrejas na Transilvânia foram infectadas; e em poucos anos mais, todo o sínodo foi levado a subscrever ao socinianismo. Temos também exemplos mais próximos de nós: após a Reforma, no reinado de Eduardo VI, quão cedo o papismo retornou em sua força total quando a rainha Maria subiu ao trono? O que levou Pedro Martyr (ao ver jovens estudantes correndo para a missa) a dizer que o toque do sino derrubara toda a sua doutrina em Oxford. E, ultimamente, tivemos a triste experiência do poder do erro para infectar: nenhum erro é tão absurdo, ridículo ou blasfemo que (uma vez lançado) não ganhe imediatamente números consideráveis para abraçá-lo.

Quarto, o erro também é eminentemente útil a Satanás para trazer divisões, cismas, rupturas, ódios, mágoas, animosidades, injúrias, contendas, tumultos, guerras e quaisquer frutos amargos que a quebra do amor e a malignidade do ódio possam produzir. O suficiente disso pôde ser visto na igreja de Corinto: as divisões que havia entre eles foram causadas por isso, e um grande número de males o apóstolo suspeitava terem sido já produzidos a partir daí, como *debates, invejas, iras, porfias, detrações, mexericos, soberbas, tumultos* (*2Co 12:20*). Ele mesmo não escapou de ser maltratado por aqueles que, entre eles, se desviaram da simplicidade do Evangelho. Ele nota as exceções briguentas que levantaram contra ele: acusaram-no de leviandade por negligenciar sua promessa de ir ter com eles (*2Co 1:17*); chamaram-no de carnal, alguém que *andava segundo a carne* (*cap. 10:2*); zombaram dele como um sujeito

desprezível (*v. 10*). Desvalorizaram seu ministério, o que exigiu (não sem grande apologia) uma recomendação de si mesmo; sim, chegaram a chamá-lo de falso apóstolo e foram tão ousados a ponto de desafiá-lo por uma prova de que Cristo falava nele (*2Co 13:3*).

Se o Diabo obteve tanta vantagem de um erro que estava apenas no broto, e isso em apenas uma igreja, o que podemos imaginar que ele tenha feito quando este irrompeu em uma chama aberta em várias igrejas? Que obra vemos nas famílias quando um erro se infiltra entre elas? O pai se levanta contra o filho, o filho contra o pai, a mãe contra a filha, a filha contra a mãe. Que tristes congregações divididas temos visto? Que ferocidade, preconceitos, calúnias, suspeitas malignas, censuras e divisões isso trouxe à tona? Que formação de partidos contra partidos, igreja contra igreja, foi produzida por este motor? Quão tristemente esta pobre ilha sentiu o golpe disso: as amargas contendas que houve entre presbiterianos e independentes, entre eles e os episcopais, fazem-nos parecer mais como combinações facciosas do que igrejas de Cristo. As diferenças atuais entre conformistas e não conformistas (mesmo onde são menores) produzem diariamente tais efeitos que devem ser muito agradáveis e gratos ao Diabo, com ambas as partes acusando-se mutuamente de cisma e imputando crime e loucura uma à outra. Que invectivas e insultos podem ser ouvidos em todas as rodas, como se estivessem nas maiores distâncias em termos de doutrina! Mas, quem quer que perca, certamente o Diabo ganha com isso. Ódios, discórdias, variações, emulações, mentiras, injúrias, escárnio e desprezo são todos contra o dever conhecido da bondade fraternal e são provocações indubitáveis contra o Deus de amor e paz. O que podemos então pensar que seja tão útil a Satanás quanto o erro,

quando esses males acima mencionados são seus produtos inseparáveis? Os erros mais modestos que já existiram entre homens bons ainda são acompanhados por alguns desses frutos amargos. As diferenças sobre comidas e dias (mesmo quando geridas com a maior moderação) levaram os fortes a desprezar os fracos como humoristas tolos, obstinados e facciosos; e, ao contrário, os fracos julgaram os fortes como profanos, descuidados e ousados desprezadores das instituições divinas — pois é isso que o apóstolo implica (*Rm 14:3*): *O que come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come*. Mas se rastreássemos o erro através das ruínas das igrejas e víssemos os massacres e o derramamento de sangue que ele causou, ou considerássemos as guerras e desolações que trouxe, poderíamos amontoar matéria digna de lágrimas e lamentações, e faríamos com que você deixasse de se maravilhar por Satanás se preocupar tanto em promovê-lo.

Quinto, o maior e mais bem-sucedido estratagema para impedir uma Reforma é o de suscitar um exército de erros. Podemos supor que o Diabo resistirá com todo o seu poder e política a uma reforma de abusos e corrupções na adoração ou na doutrina, porque ela busca derrubar aquilo que lhe custou tanto trabalho e tempo para erguer, contrariando assim o seu fim. Aqueles que são chamados por Deus para arriscar suas vidas nos lugares altos do campo de batalha empreendem uma tarefa difícil ao tentar conter o poder dos poderosos, cujo interesse é manter aquelas contaminações que sua política introduziu, a fim de fixá-los na posse daquela grandeza e comando que tanto gratifica seus humores e mentes ambiciosas e egoístas. Mas Satanás, conhecendo a força daquele Poder que os levantou para se oporem, com resolução espiritual, à corrente da iniquidade prevalecente, geralmente providencia para si esta

reserva: ataca-os pelas costas com um grupo de homens iludidos e errôneos, surgidos dentre eles mesmos. Por este meio, ele espera ou desanimar os empreendedores da Reforma pela dificuldade de sua obra (que deve avançar pesadamente quando aqueles que deveriam ajudar se tornam obstáculos), ou, pelo menos, estreitar e limitar o sucesso. Pois, por este meio: (1.) Ele divide o grupo e, assim, enfraquece suas mãos. (2.) Ele fortalece seus inimigos, que não apenas ganham ânimo com essas divisões (vendo nelas um prognóstico claro de sua ruína), mas também as aprimoram, retorcendo-as como um argumento de que estão todos fora do caminho da verdade. (3.) O grupo errôneo na retaguarda dos reformadores os fere mais com suas flechas (mesmo palavras amargas de maldições malditas) e os arrisca mais com suas espadas e lanças de oposição do que seus adversários na frente, contra os quais saíram. Enquanto isso, os que defendem a verdade ficam como o grão entre duas mós: oprimidos por um conflito duplo, cercados pela frente e por trás.

Este tem sido o método de Satanás em todas as eras. De fato, a própria política não poderia inventar nada que obstruísse a Reforma com mais certeza do que isto. Quando os apóstolos (que nestes últimos dias foram os primeiros enviados) foram empregados para reformar o mundo, para derrubar as cerimônias do Antigo Testamento e a adoração pagã, Satanás prontamente levantou homens de mentes corrompidas para impedir o progresso deles. O trabalho que estes deram a Paulo em Corinto e com os gálatas, as epístolas a essas igrejas o testemunham. O negócio desses homens era atrair discípulos após si, desviando-os da simplicidade do Evangelho, sim, para outro evangelho; e isso não podiam fazer senão exaltando-se a si mesmos, gabando-se do Espírito, comportando-se como se

fossem os apóstolos de Cristo e desprezando aqueles que realmente o eram, insinuando-se assim nas afeições dos seduzidos, como se os amassem zelosamente, e que Paulo era apenas fraco e desprezível, sim, o próprio inimigo deles por lhes dizer a verdade. Que obstáculo indizível deve ter sido este para Paulo! Que dor de coração! Que medo e ciúme isso deve ter produzido! Ele professa que tinha medo de ter trabalhado em vão por eles (*Gl 4:11*) e que não fazia menos do que sofrer dores de parto por eles pela segunda vez (*v. 19*). Se um Alexandre pôde causar tanto mal a Paulo, resistindo às suas palavras, a ponto de ele se queixar dele e alertar Timóteo contra ele; se um Diótrefes, por tagarelar contra João com palavras maliciosas, prevaleceu com a igreja para que não recebessem a ele nem aos irmãos; que dano uma multidão de tais pessoas não seria capaz de causar?

Nos tempos primitivos da Igreja, após os dias dos apóstolos, quando aqueles heróis deviam contestar com o mundo pagão, a serpente lançou de sua boca água como um rio atrás da mulher (o que a maioria interpreta como um dilúvio de heresias, e alguns especificamente como a heresia ariana), para que pudesse impedir o progresso do Evangelho. Esse desígnio dele teve tanto sucesso que houve muitas queixas de que a conversão dos pagãos era impedida pelos erros existentes entre os cristãos. Epifânio nos diz que os pagãos se recusavam a se aproximar dos cristãos e nem sequer queriam ouvi-los falar, assustados pelas práticas e caminhos perversos dos priscilianistas. Agostinho queixa-se com o mesmo propósito: que heréticos dissolutos e lascivos forneciam matéria de blasfêmia aos pagãos idólatras.

Em tempos posteriores, quando a religião se tornou tão corrompida pelo papismo que Deus levantou extraordinariamente Lutero, Calvino e outros nos séculos XV e XVI para descobrir aquelas abominações e trazer Seu povo de volta da Babilônia, o Diabo causou-lhes problemas não pequenos por meio de um crescimento de erros, de modo que foram forçados a lutar contra os papistas à frente e contra aqueles filisteus à retaguarda; tanto que a Reforma não atingiu aquela altura e universalidade que se poderia racionalmente esperar de tais empreendimentos abençoados. Esta foi a conjetura de muitos, particularmente de nosso compatriota, Dr. Prideaux: que, se esses entusiastas fanáticos (que com tamanho escândalo ao Evangelho então irromperam) não tivessem retardado e impedido aqueles procedimentos gloriosos, aquela besta apocalíptica de Roma teria sido não apenas enfraquecida e ferida, mas totalmente derrubada e morta. Em cidades específicas, onde qualquer dos servos fiéis de Cristo tentava detectar os erros do papismo, esses instrumentos de Satanás estavam prontos para se juntar ao adversário comum em reprovações e distúrbios. Como se opuseram a Musculus em Augusta; e com que ferocidade o chamaram de víbora, falso profeta, lobo em pele de cordeiro, etc., pode-se ver naqueles que escreveram sua vida. Como esses homens impediram o Evangelho em Limburgo, contra Júnio; em Zurique, contra Zuínglio; em Augsburgo, contra Urbano Régio; também se pode ver em suas vidas. Em todos estes, e outros de natureza semelhante, você sempre descobrirá: (1) Que nunca se iniciou uma Reforma sem que houvesse pessoas errôneas para impedir e distrair os reformadores. (2.) Que esses homens expressavam tanto ódio contra os reformadores, e muitas vezes mais, do que contra os papistas: e eram tão rancorosamente amargos em

mentiras, calúnias e escárnios contra eles quanto os próprios papistas.

Sexto, Satanás também pode fazer uso do erro, seja para fixar os homens em seus atuais caminhos equivocados e curso descuidado, seja como uma tentação ao ateísmo. Variedades de opiniões e doutrinas confundem e espantam os homens; enquanto um grita: "Eis que Cristo está aqui", e outro: "Eis que Ele está ali". Os homens ficam tão perplexos que não sabem o que escolher. É uma das maiores dificuldades distinguir a Verdade em meio a uma multidão de pretensões especiosas e confiantes; especialmente visto que a Verdade é modesta e, muitas vezes, é abafada pelo erro audaz e barulhento; sim, às vezes superada pelas pretensões de Espírito e Revelação em uma falsidade antiescritural. Quão perdido fica um viajante inexperiente onde tantos caminhos se cruzam? Enquanto um grupo exalta isto e outro aquilo, acusando-se mutuamente de erro. Aqueles cujos corações estão minimamente desprendidos de um senso e reverência pela religião são facilmente tentados a descrer de tudo. Assim, o erro leva ao ateísmo e lança o fundamento para todas aquelas exceções caluniosas contra a Escritura, pelas quais homens ímpios costumam justificar-se em sua religião. Ora, embora nem todos os homens perversos sejam levados a isso — porque as consciências de alguns retêm tão fortemente os sentimentos de uma Divindade que toda a arte de Satanás não pode apagar esses caracteres —, contudo, a consideração da multidão de erros os fixa na persuasão da verdade e da bondade daquele caminho de religião em que foram educados. Os papistas são endurecidos por isso; e embora não tenham razão para se gabar de sua unidade entre si, como lhes foi dito frequentemente e, agora ultimamente, pelo Dr. Stillingfleet (que manifestou que as divisões entre eles são

tão grandes e geridas com tanta animosidade quanto quaisquer entre nós), contudo seus ouvidos estão tão batidos com a objeção de seitas e cismas em outros lugares que geralmente são confirmados em permanecer onde estão. Além disso, este é um tropeço que o Diabo lança no caminho das pobres pessoas ignorantes; se são instadas a um rigor sério na religião, são assustadas por isso, pela consideração de seitas e partidos, e pelos tristes erros de algumas pessoas errôneas que a princípio fingiam rigor; imaginando que o rigor na religião é uma coisa desnecessária e perigosa, e que os cristãos sóbrios e piedosos não passam de um bando de pessoas tontas, instáveis, convencidas e precisas, que em pouco tempo se lançarão na loucura e na distração, ou no desespero. E assim, por medo de cisma ou erro, não ousam ser religiosos a sério, mas contentam-se em se aproximar de Deus com a boca e confessá-Lo com os lábios, enquanto seus corações estão longe d'Ele e, em suas obras, O negam.

Existe tal propensão nos corações dos homens a serem abalados pela multidão e audácia dos erros, que o apóstolo Paulo expressa um senso disso e parece ternamente cuidadoso em evitar esse golpe (que ele sabia que Satanás prontamente daria através dessa consideração) pela apologia que faz por Deus, em Sua santa, sábia e providencial permissão deles (*1Co 11:19*): *E até importa que haja entre vós heresias*. Sua intenção não é meramente despachá-los com isto: que as heresias são inevitáveis; mas satisfazê-los de que são úteis, como a fornalha e o ventilador de Deus, para purificar e limpar, para que os que são aprovados se tornem manifestos. Cuidado semelhante ele tem em *2Tm 2:19, 20*, ao mencionar o erro de Himeneu e Fileto, onde ele atalha a ofensa que poderia surgir por causa da apostasia deles: em parte, removendo os temores dos íntegros,

ao afirmar a segurança deles, independentemente do que acontecesse a outros homens, visto que *o fundamento de Deus fica firme*; e em parte, ao declarar que não é mais inadequado ou desonroso para Deus permitir o surgimento de erros em Sua Igreja do que para grandes homens terem em suas casas não apenas vasos de ouro e prata, mas também de madeira e de barro; alguns para honra e outros para desonra. Por essas mesmas apologias, transparece que Satanás, por este artifício do erro, planeja abalar a fé dos homens e afastá-los de sua religião.

Sétimo, nem pode o fato de que doutrinas corrompidas produzem práticas corrompidas ter menos peso para Satanás, ou ser menos motivador para a busca deste desígnio, do que qualquer das razões mencionadas anteriormente. Doutrinas corrompidas são abraçadas como a própria verdade de Deus pelos iludidos; e, de uma forma ou de outra, direta ou consequentemente, levam à prática; e isso com a mais alta segurança e confiança, como se fossem de fato verdades puras.

O Diabo, então, tem esta grande vantagem pelo erro: que, se ele puder apenas corromper as mentes dos homens — especialmente nos pontos mais pesados e fundamentais da religião —, então, com grande facilidade e sem mais trabalho, ele os ganhou para a prática de tudo o que esses princípios corrompidos acarretarem. Nenhum curso pode ser tomado que, com maior rapidez e prevalência, possa introduzir devassidões profanas do que este. Assim, ele conquista partidos e multidões, como um general vitorioso toma cidades e países inteiros por rendição; ao passo que suas tentações particulares ao pecado são apenas escaramuças insignificantes e menos bem-sucedidas em comparação. E quando ele corrompe os

entendimentos dos homens, ele passa a ter, por esse meio, um comando sobre suas consciências; e não mais incita ao mal na noção de um Diabo ou tentador, mas como um anjo de luz, ou antes, como um usurpador da autoridade divina: ele exige, ele ordena essas práticas perversas como deveres necessários; ou, pelo menos, concede liberdade nelas, como sendo permissões inofensivas. Esta diferença foi observada antigamente na gestão de Satanás quanto à perseguição e ao erro: que, na primeira, ele obrigava os homens a negar a Cristo; mas, no segundo, ele os ensinava a fazê-lo.

Que as vidas e práticas dos homens são assim afetadas por doutrinas corrompidas pode transparecer para qualquer um que esteja minimamente familiarizado com a Escritura ou com a História. O apóstolo Paulo nos diz que a fé e a consciência estão tão relacionadas entre si que vivem e morrem juntas; e que, quando uma naufraga, a outra se afoga por companhia. Em *Fp 3:2*, ele parece severamente duro contra os da circuncisão: ele os chama de cães: *Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros*. A razão dessa expressão (segundo entendo) reside não tanto nestas semelhanças — de que os cães estragam o rebanho devorando-o, ou que são criaturas bajuladoras, ou que são industriosos na perseguição de sua presa (embora em todos esses detalhes os falsos mestres possam ser comparados a cães; pois não poupam o rebanho, rodeiam o mar e a terra para ganhar discípulos e os seduzem com palavras suaves) —, mas antes, ele pretende que a similitude expresse a vida profana e o comportamento desses sedutores; pois os cães são criaturas imundas, por provérbio: *O cão voltou ao seu próprio vômito*. E as prostitutas comuns, por sua impureza, eram chamadas de cães no Antigo Testamento. Assim alguns expõem *Dt 23:18*: *Não trarás o salário da*

prostituta nem o preço de um cão. E temos descrições completas e claras dos sedutores a partir de suas práticas perversas e abomináveis. *2Pe 2:10*: *Mas principalmente aqueles que, segundo a carne, andam em concupiscências de imundícia, e desprezam as dominações; atrevidos, obstinados, não receando blasfemar das dignidades*. *V. 14*: *Tendo os olhos cheios de adultério, e não cessando de pecar... tendo o coração exercitado na avareza, filhos de maldição*. *V. 18*: *Enganam com as concupiscências da carne e com dissoluções*. *Jd v. 4*: *Porque se introduziram alguns homens... homens ímpios, que convertem a graça de Deus em dissolução*. *V. 16*: *Estes são murmuradores, queixosos da sua sorte, andando segundo as suas concupiscências*, etc. *2Tm 3:2, 3, 4, 5*: *Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus; destes são os que se introduzem pelas casas*. Tudo isso apresenta as pessoas heréticas como os miseráveis mais escandalosos e perversos que encontraremos: grosseiramente imundos em si mesmos, corrompidos em todos os deveres de suas relações naturais e civis; contaminados em todos os caminhos de seu convívio com os homens.

Nem devem essas práticas perversas oriundas de erros grosseiros ser vistas como efeitos raros, acidentais ou extraordinários deles, mas como seus frutos naturais e comuns. Pois Cristo faz disso a propriedade e nota muito especial pela qual os falsos profetas podem ser descobertos (*Mt 7:16*): *Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?*. Esses frutos não eram suas

doutrinas, mas suas vidas (pois conhecer falsos profetas por falsas doutrinas não é nada mais do que conhecer falsa doutrina por falsa doutrina). Se alguém objetar que muitos falsos mestres apareceram sob a forma de santidade aparente e rigor de vida, podem ser respondidos pelas próprias palavras de Cristo: pois ali Ele nos diz (para evitar erros) que a primeira aparência deles (e pode ser a vida inteira de alguns dos primeiros semeadores de qualquer erro) é sob a forma de santidade: *Vêm a vós vestidos como ovelhas*; em uma aparência externa de inocência e pretextos plausíveis; mas então Ele acrescenta que seus frutos posteriores os descobrirão. Uma árvore, em seu primeiro plantio, não é descoberta pelo que é; mas dê-lhe tempo para crescer até sua frutificação adequada e então você poderá saber de que tipo ela é. Assim, não precisamos afirmar que doutrinas damnáveis produzem vidas perversas em todos os que as abraçam logo no início; basta para a descoberta se houver uma tendência natural e consequente em tais doutrinas para impiedades práticas; ou que, finalmente, elas as produzam, se não em todos, ao menos em muitos.

E que este assunto sempre foi assim, toda a História o confirma. Tais pessoas existiram nos dias dos apóstolos, como é evidente pelas queixas deles. Tais existiram na igreja de Pérgamo (*Ap 2:14*): *Tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, para que comessem dos sacrifícios da idolatria, e se prostituíssem*. Havia também os nicolaítas, de quem Cristo declara Sua abominação (*v. 15*). Na igreja de Tiatira, havia a mulher Jezabel, que ensinava e seduzia muitos daquela igreja às mesmas doutrinas e práticas abomináveis (*v. 20*). Além destes, o apóstolo João estava preocupado com os

abomináveis gnósticos. Os imundos carpocracianos, que ensinavam que os homens deviam pecar e fazer a vontade de todos os demônios, caso contrário não poderiam escapar das principados e potestades, que de outra forma não se agradariam em deixá-los escapar para os céus superiores. Desses homens e de sua doutrina licenciosa ele fala em *1Jo 3:6*, etc., dizendo que aqueles que de fato nasceram de Deus não devem, não ousam, não podem entregar-se a uma liberdade em tais abominações.

Os mesmos frutos de doutrina corrompida apareceram após os dias dos apóstolos. O que foi Montano senão um miserável impuro? Quem foram suas duas profetisas companheiras, Priscila e Maximila, senão adúlteras infames? Os priscilianistas, os maniqueus e abundância de outros deixaram o fedor de sua profanação atrás de si; por causa de quem (segundo a profecia de Pedro, *2Pe 2:2*) o caminho da verdade foi blasfemado.

Tempos posteriores também deram plena evidência desta Verdade. Quão vergonhosas e abomináveis foram as vidas de João de Leiden e do restante daqueles entusiastas alemães? Quem lê a história de Hacket e Coppinger sem detestação de suas práticas perversas? O que melhor foram os familistas e libertinos da Nova e da Velha Inglaterra? Alguns se voltaram para o mais alto desvario, em toda profanação de juramentos, bebedeiras, adultério e o desafio a uma vida piedosa: e isto sob o jacto irracional de Espírito e Perfeição. Os céus podem corar e a terra espantar-se com estas coisas! Mas, enquanto isso, Satanás abraça-se em seu sucesso e encoraja-se a novas tentativas de propagar o erro, vendo que ele traz uma colheita tão grande de pecado.

Oitavo, neste desígnio de falsa doutrina, Satanás nunca está totalmente de fora: se ele não pode assim contaminar as vidas deles, é mil para um que ele obstrua as suas graças por meio disso. Que impedimento maior pode haver para a conversão do que o erro? A palavra da verdade é o meio pelo qual Deus, através de Seu Espírito, nos gera; é parte daquela imagem de Deus que é implantada em nós; é a voz de Deus para a alma, para despertá-la. Não se pode imaginar, então, que Deus dará a honra dessa obra a qualquer erro: nem pode a verdade ter lugar ou ter seu efeito sobre uma alma prevenida com uma falsidade contrária. A falsidade na posse manterá a verdade à porta. Nem a conversão é impedida apenas por erros que contradizem diretamente as verdades conversoras, mas também por erros colaterais não fundamentais. Como eles enchem as mentes dos homens de preconceito contra aqueles que professam outra persuasão, por causa de seus próprios erros amados, os homens não aceitarão um aviso ou convicção daqueles que discordam de suas opiniões: primeiro os consideram inimigos e depois desprezam sua mensagem. Não é pouca coisa no caminho de Satanás ter tal obstrução à mão na grande preocupação da conversão. Contudo, isso lhe é ainda mais útil para impedir ou enfraquecer as graças dos que já foram convertidos: se ele puder colocar os filhos de Deus em um frenesi pelo erro, ou torná-los apaixonados por novidades, ele por esse meio exaurirá o vigor e a força de seus corações; de modo que os fundamentos da religião serão negligenciados. Pois, assim como plantas nocivas absorvem toda a umidade e gordura da terra onde estão e a empobrecem até a incapacidade de nutrir aquelas que têm maior valor, assim o erro toma posse da força do espírito e, enquanto isso, as graças negligenciadas definham no vazio e murcham como uma folha. As questões e opiniões

mais curiosas que existem não contribuem em nada para o estabelecimento do coração; é apenas a graça que faz isso (*Hb 13:9*): *Bom é que o coração se fortifique com graça, e não com manjares* [disputas sobre carnes]: sim, elas prejudicam a graça, na medida em que a tornam doente e lânguida; pois nesse sentido é o original em *1Tm 6:4*: *Doutrinando sobre questões*, ou tornando-se doente, por causa da busca fervorosa de opiniões.

Nono, o erro tem ainda outro malefício, o que o torna não pouco desejável para Satanás; e esse é o julgamento ou punição que ele traz. Assim, ele responde de todas as formas ao ódio do Diabo contra a alma e o corpo. As bênçãos da prosperidade e da paz acompanham o carro triunfal da verdade (*Sl 85:11, 12*): *A verdade brotará da terra, e a justiça olhará desde os céus. Também o Senhor dará o que é bom, e a nossa terra dará o seu fruto*. Mas, ao contrário, o erro provoca a Deus mais do que os homens percebem. Com que frequência Deus desolou os israelitas, pôs fogo em suas cidades e os entregou nas mãos de seus inimigos por causa da troca da verdade de Deus pela mentira, e por adorarem e servirem a criatura mais do que o Criador? Deus não deixou a igreja de Pérgamo e de Tiatira sem severas ameaças pelo erro dos nicolaítas (*Ap 2:16*): *Arrepende-te, pois, quando não em breve virei a ti*. *V. 22*: *Eis que a porei numa cama, e sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, se não se arrependerem das suas obras. E ferirei de morte a seus filhos*. E, consequentemente, Deus cumpriu Sua ameaça sobre eles, trazendo os sarracenos para desolá-los e possuir sua terra: assim como também trouxe os godos sobre o Império pela heresia ariana. Como Satanás se agrada em trabalhar em um desígnio que acenderá a ira do Todo-Poderoso?

CAPÍTULO II.
Das Vantagens que Satanás possui, e utiliza, para a Introdução do Erro.

Como: (1.) De seu próprio Poder de Fascinação Espiritual. Que tal poder existe, provado pela Escritura e pelos seus efeitos. (2.) De nossa imperfeição de Conhecimento; os detalhes disso explicados. (3.) Do viés da Mente. Que coisas a enviesam; e o poder delas para inclinar o Entendimento. (4.) Da Curiosidade. (5.) Da Devassidão Ateísta da Consciência.

Para que Satanás tenha melhor êxito em seu desígnio, ele observa cuidadosamente e aprimora diligentemente todas as vantagens. De fato, todos os seus estratagemas são vantagens tomadas contra nós (pois assim o apóstolo, em sua advertência aos coríntios, chama suas artimanhas: *para que não sejamos vencidos por Satanás*, *2Co 2:11*). Mas aqui, entendo apenas aquelas que são mais gerais, que são os fundamentos e encorajamentos para suas maquinações particulares contra os homens, e que também o dirigem em seu procedimento. Estas são:

Primeiro, o próprio poder de *fascinação espiritual* de Satanás, pelo qual ele envanece as mentes dos homens e as ilude, assim como os sentidos externos são enganados por encantamentos ou feitiçaria.

Que Satanás é um sofista astuto e pode impor falácias ao entendimento; que por objeções ou argumentos sutis ele pode

impingir uma falsidade à crença dos inexperientes e incautos; que ele pode trair o julgamento por meio das afeições, são coisas de prática comum para ele. Mas o que devo falar agora é de uma natureza superior. Embora possa (provavelmente) incluir muito de seu método comum de ilusão comum, nisto ele difere (pelo menos) por ser mais eficaz e prevalecente. Pois, assim como seu poder sobre os filhos da desobediência é tão grande que ele pode levá-los cativos à sua vontade (exceto quando é impedido pelo Todo-Poderoso), assim ele possui (por comissão especial) um poder para levar aqueles ao erro de forma eficaz (sem falhar em seu objetivo) que se prepararam para esse julgamento espiritual por uma provocação especial. E, pelo que sabemos, assim como ele tem um poder extraordinário que exerce em tais momentos, também pode ter um método extraordinário que não lhe é permitido praticar diariamente, nem sobre todos.

Que o Diabo possui tal poder é algo em que acreditam aqueles cujo aprendizado e experiência tornaram seus julgamentos de grande valor entre homens sérios. Assim alguns o descrevem: "É uma ilusão com um tipo de encantamento mágico"; assim diz Calvino: "Uma operação satânica pela qual os sentidos dos homens são iludidos". Assim diz Perkins: que, após afirmar que Satanás pode corromper a fantasia ou a imaginação, compara esta *feitiçaria espiritual* a doenças de melancolia que fazem os homens acreditar que são, ou fazem, o que não são ou não fazem (como na doença chamada licantropia); e aos encantamentos de Janes e Jambres, que iludiram os sentidos de Faraó. Outros, de forma mais completa, chamam-no de uma operação mais veemente do grande impostor, pela qual ele impõe algum erro nocivo à mente e persuade com tal eficácia

que este é abraçado com confiança, defendido com vigor e propagado com zelo.

Um relato detalhado do caminho e da maneira pela qual o Diabo faz isso é uma tarefa que foge à investigação sóbria. Basta-nos saber que ele possui tal poder, e isso confirmarei pela Escritura e pelos efeitos de tal ilusão.

Primeiro, existem várias Escrituras que afirmam um poder em Satanás para enfeitiçar as mentes dos homens rumo ao erro, das quais extrairei notas que podem confirmar e, em parte, explicar esta verdade em questão.

Começarei com *Gl 3:1*: *Ó gálatas insensatos, quem vos fascinou [enfeitiçou] para não obedecerdes à verdade?*. A palavra que o apóstolo usa aqui para "fascinar" (como observam gramáticos e críticos) é emprestada da prática de bruxos e feiticeiros, que usam poderes secretos para prender os sentidos e efetuar malefícios. É verdade que ele fala de falsos apóstolos, mas ele visa Satanás como o mestre-de-obras; e ele transfere isso para significar o poder de Satanás sobre a mente, ao cegar o entendimento para a aceitação do erro. Nada pode ser objetado contra o fato de que este lugar prova um poder fascinante em Satanás (como o que estivemos falando), exceto que se possa supor que ele pretenda apenas uma persuasão poderosa comum por meio de argumentos. No entanto, isso pode ser respondido não apenas pela autoridade de intérpretes eruditos, que entendem que o apóstolo e sua expressão pretendem mais, mas também por alguns detalhes concomitantes no texto. Ele os chama de *gálatas insensatos*, mas o original vai um pouco além, significando uma loucura; e, além disso, ele parece estar surpreso de espanto com o poder de Satanás sobre eles, o qual não apenas prevalecera contra a

verdade, mas contra manifestações tão evidentes dela como as que eles tiveram, quando foram tão clara, plena e eficazmente instruídos; pois diante de seus olhos *Jesus Cristo foi evidenciado*. Tais expressões e comportamento não podem ser racionalmente pensados como adequados a um caso comum e ordinário.

Em seguida, consideremos aquela famosa Escritura em *2Ts 2:9, 10, 11*: *A esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder... e por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira*. Observarei neste lugar algumas coisas que, se reunidas, esclarecerão a verdade de que falamos: Primeiro, nesta ilusão aqui mencionada, o apóstolo não apenas estabelece meios externos extraordinários (como sinais e prodígios de mentira), mas também adequa esses meios extraordinários a um poder interno concomitante adequado. Pois, por "poder", não entendo (como alguns) um poder de mostrar sinais e fazer prodígios, como se o apóstolo tivesse dito: *com o poder de sinais e prodígios*, pois as palavras não suportarão isso bem sem algum esforço não natural; mas entendo por isso um Poder distinto dos sinais e prodígios, pelo qual ele move os corações deles para crer, por uma operação interna sobre suas mentes, agindo em conjunto com os meios externos de milagres mentirosos propostos aos seus sentidos. E podemos nos satisfazer melhor com esta interpretação se a compararmos com *Rm 15:19*, onde não apenas o poder de fazer prodígios é expresso por uma frase própria e diferente desta do texto em mãos — *pelo poder dos sinais e prodígios* —, mas também é claramente distinguido do poder do Espírito de Deus ao trabalhar nos corações para tornar esses prodígios eficazes e persuasivos. Assim, como no Espírito de Deus observamos um poder para fazer prodígios e um poder para trabalhar no

coração por meio desses prodígios, podemos concluir que este espírito maligno possui também (em ordem ao pecado e à ilusão) este poder duplo.

Mas, em segundo lugar, noto ainda que este poder é chamado de uma *energia especial* de força e eficácia peculiar em sua operação. A estranha força inexpressível disso parece necessitar de muitas palavras para explicação: ele o chama de *todo o poder* (o que tanto nota o grau e a altura quanto a variedade de suas operações) e, então, a *energia*, a virtude, a operatividade e a força do poder. Terceiro, deve-se observar também que o sucesso de Satanás e o exercício deste poder de ilusão dependem da comissão de Deus e que, portanto, é extraordinário e não lhe é permitido senão em ocasiões especiais e sob provocação: *por isso Deus lhes enviará*, etc. Quarto, o sucesso deste poder, quando exercido, é certo. São ilusões fortes em relação ao poder de onde vêm, mas também em relação ao evento: aqueles sobre quem elas vêm não podem senão crer. Infatuação e obstinação são os frutos certos disso. Quinto, a prova de tudo é manifesta na qualidade dos erros aceitos, pois são mentiras grosseiras e palpáveis e, no entanto, acreditadas como as próprias verdades de Deus; e são em pontos tão pesados que evidentemente determinam a alma à ruína, *mentiras para serem condenados*. Estas duas coisas são provas suficientes de fascinação espiritual. É inimaginável que homens racionais (e especialmente aqueles que foram instruídos na crença de uma verdade contrária) devessem degenerar tanto da luz da razão a ponto de serem iludidos por mentiras grosseiras e aparentes, e de tamanha importância, a menos que suas mentes tivessem sido cegadas de alguma forma extraordinária.

Alguma confirmação adicional pode ser acrescentada a esta verdade a partir de *1Rs 22:21*: *Então saiu um espírito, e se apresentou diante do Senhor, e disse: Eu o persuadirei... Eu sairei, e serei um espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas. E ele disse: Tu o persuadirás, e também prevalecerás*. Eu poderia notar aqui a prontidão de Satanás nesta obra, como quem não carece de habilidade nem de vontade, se estivesse apenas sempre munido de uma comissão; bem como a eficácia poderosa da *feitiçaria espiritual* onde apraz ao Senhor permitir a Satanás o exercício de seu poder: *Tu o persuadirás, e também prevalecerás*. Mas o que eu gostaria de observar aqui é algo relacionado à maneira de seu procedimento nessas ilusões: ele tentou enganar os falsos profetas e, por meio deles, iludir Acabe; e ambos, sendo um espírito mentiroso na boca dos profetas. Isso necessariamente (como observa Peter Martyr) implica: (1) que Satanás tinha um poder tão forte para fixar na faculdade imaginária deles as espécies, imagens ou caracteres do que deveria ser sugerido, que ele podia não apenas fazê-los apreender o que apresentava às suas mentes, mas também fazê-los acreditar que era uma inspiração divina e, consequentemente, verdadeira. Pois esses falsos profetas não falavam hipocritamente o que sabiam ser falso, mas o que confiantemente apreendiam ser verdade, como transparece em toda a história. (2) Ele podia irritar e inflamar o desejo deles de publicar essas suas persuasões ao rei, à maneira das profecias divinas. (3) Ele tinha um poder adicional de persuadir Acabe de que seus profetas falavam a verdade.

Aquela passagem de *Rm 1:28 — Deus os entregou a um sentimento [mente] reprovável* — dá algum relato de como os homens são levados pelo Diabo a essas falsas persuasões. Uma mente reprovável é uma mente injudiciosa; uma mente que

perdeu seu poder de discernimento. É claro, então, que ele pode de tal modo embrutecer e cegar a mente que ela não se assustará com coisas de maior absurdo ou inconveniência.

Se alguém ainda inquirir como ele pode fazer essas coisas? Devemos responder que seus caminhos e métodos particulares, neste caso, não conhecemos; apenas pode-se acrescentar que *Ef 4:17* nos diz que ele pode tornar as mentes deles vãs e escurecer seus entendimentos. Por "mente", o assento dos princípios é comumente entendido. Por "entendimento", a faculdade de raciocínio ou discursiva, que é o assento das conclusões. Assim, seu poder parece estender-se ao apagamento dos princípios e pode também desabilitá-los de fazer inferências corretas. Tanto que não lhe falta nada que possa ser necessário para gerar fortes persuasões de qualquer falsidade que ele sugira, de acordo com o que é intimado em *Gl 5:8*: *Esta persuasão não vem daquele que vos chamou*; isto é, não de Deus, mas do Diabo.

De todas estas Escrituras, então, transparece que esta *fascinação espiritual* é um poder em Satanás que ele exerce, por comissão especial, sobre aqueles que não recebem a verdade com amor, pelo qual ele pode imprimir tão fortemente as falsidades em suas mentes que eles se tornam incapazes de discernir entre a verdade e a mentira; e assim, ao escurecer o entendimento deles, são eficazmente persuadidos a acreditar em um erro.

Segundo, há ainda outra prova desta *feitiçaria espiritual* a partir da consideração dos efeitos dela sobre os iludidos e do caminho estranho, incomum e não natural de seu procedimento. Se todos os detalhes deste tipo forem reunidos,

não se achará possível dar qualquer outro relato racional de alguns erros senão o de uma ilusão extraordinária.

Primeiro, notemos a vileza e a odiosidade de alguns erros que prevaleceram sobre os homens; alguns foram claramente estúpidos; tão evidentemente tolos que não se pode imaginar que os homens que os aceitaram tivessem, naquele momento, o uso da razão ou qualquer entendimento competente. Esta mesma consideração o profeta Isaías insiste amplamente no *capítulo 44*, do *v. 9* ao *v. 21*. Ali ele os taxa agudamente pela estupidez insensata de seu erro ao adorar ídolos: ele lhes diz que a matéria disso é obra da natureza; um cedro, carvalho ou freixo que eles mesmos (possivelmente) haviam plantado e a chuva nutriu (*v. 14*). Ele lhes diz também que a forma dele veio da arte do operário, do ferreiro ou do carpinteiro (*v. 12, 13*): *O ferreiro faz o machado, e trabalha nas brasas, e o forma com martelos, e o lavra com a força do seu braço... O carpinteiro estende a régua, risca-o com o lápis, aplaina-o com a plaina, e desenha-o com o compasso*. Ele ainda os recorda de que, sem qualquer reverência, fazem uso do resíduo dos materiais com os quais formaram seu ídolo para serviços comuns de preparar sua comida e aquecer-se: *Metade dele queima no fogo, com a outra metade come carne; assa o assado, e farta-se; também se aquece, e diz: Ora, já me aqueci, já vi o fogo (v. 16)*. Então ele os acusa de estupidez, por fazerem do resto um deus, até mesmo sua imagem de escultura: ele se prostra diante dela, e a adora, e lhe roga, dizendo: *Livra-me, porquanto tu és o meu deus (v. 17)*. E de tudo isso ele conclui que, visto que isso é tão diretamente contrário à razão comum e ao entendimento (o qual, no exercício ordinário, os teria facilmente libertado de tal tolice: pois se tivessem apenas conhecimento ou entendimento para dizer: *Metade dele queimei no fogo, e também cozi pão*

sobre as suas brasas... e faria eu do resto uma abominação? (v. 19). Eles não poderiam ter sido tão tolos), deve ser, por necessidade, uma *infatuação espiritual*. *Cerraram-se-lhes os olhos, para que não vejam, e os seus corações, para que não entendam (v. 18)*. *O coração enganado o desviou (v. 20)*.

Outros erros existem que levam a vilanias bestiais e não naturais; tais que cruzam diretamente todos os princípios sóbrios da humanidade, os princípios naturais de modéstia, os princípios mais gerais e indubitáveis da religião e da santidade. Como quando adultérios, juramentos, desvarios, nudez, crueldades, assassinatos, confusões ultrajantes e loucura são revestidos com pretextos de Espírito, Revelação, liberdade no uso da criatura, exercício do amor e ter todas as coisas em comum, etc. (Dos quais tristes exemplos foram dados mais de uma vez). Que qualquer homem sóbrio considere como isso poderia acontecer: que homens que têm razão suficiente para se defenderem contra tais fúrias, e o conhecimento da Escritura — que em toda parte (com a maior felicidade imaginável e o mais alto fervor) proíbe tais práticas como as mais abomináveis, e dirige para uma vida sóbria, justa, modesta, humilde e inofensiva —, aceitem, não obstante, tais erros que transformam homens em bestas, monstros ou antes demônios; e a religião nas mais grosseiras impiedades; e tudo isso como a perfeição e o ápice do alcance religioso, ordenado na Palavra de Deus ou pelo Seu Espírito, e agradável à mais santa e pura Majestade Divina? Que se deixe (digo eu) à consideração dos homens como isso seria possível sem alguma causa extraordinária como a que foi mencionada?

Segundo, observe-se também que alguns erros trazem consigo algumas ações extraordinárias, estranhas, não naturais e

incomuns; e colocam os homens em vestimentas, posturas e comportamentos tão bizarros que é fácil ver que são movidos por uma força ou poder não humano. Alguns foram levados a fazer coisas além de tudo o que se poderia esperar da idade e das capacidades das partes; como êxtases, transe e tremores de criancinhas; suas profecias e falas de ameaças bíblicas após tais ataques. Alguns foram movidos por uma fúria extática; como Montano, de quem Eusébio testemunha: que às vezes ele era possuído por um tipo de espírito maligno e subitamente irrompia em raiva e loucura; e logo proferia discursos precipitados e audazes, vozes estranhas e incomuns, com profecias; tanto que era julgado por aqueles que o viam como movido pelo Diabo. Outros estiveram em um arrebatamento espiritual mais sóbrio: um exemplo disso darei do Sr. Baxter nestas palavras: "Ouvi de um antigo homem piedoso, que conheceu Arthington e Coppinger, que eles estavam possuídos pelo espírito dos grundletonianos. O mesmo homem afirmou que foi apenas uma vez entre eles e, após a oração, eles sopraram sobre ele, como que lhe dando o Espírito Santo; e ele ficou tão estranhamente transportado por três dias que não era o mesmo homem; e sua família se perguntava o que havia com ele: ele não tinha confissão de pecado, mas um tom elevado na oração, como se estivesse em estranhos êxtases; e após três dias ele voltou a ser como antes e não foi mais a eles". Alguns foram levados a ações infantis e ridículas; tal foi o comportamento de Jo. Gilpin, em sua ilusão em Kendal, em Westmorland: como ir à casa do tangedor, tocando uma viola de gamba em sinal de melodia espiritual; rastejar pelas ruas sobre as mãos e os joelhos em sinal de carregar sua cruz; fazer marcas no chão e bater nele como sua mortificação do pecado; e uma grande quantidade de outras coisas de natureza

semelhante. Coisas como estas são como marcas e caracteres espirituais gravados sobre os erros, pelos quais um poder diabólico, movendo e agindo em tais criaturas iludidas (como se fossem fantoches), é evidentemente descoberto.

Terceiro, quando vemos não apenas idiotas e aqueles cuja deficiência de entendimento poderia colocá-los sob o poder de um engano comum serem assim enganados; mas homens, de outra forma inteligentes, racionais e sérios, cegados por tolices, tomados por aparentes caduquices, admirando ninharias e sendo levados por coisas que a razão comum os ensinaria a abominar: é mais do que suspeito que não seja qualquer probabilidade de verdade ou excelência no erro que prevalece com eles, mas um poder espiritual que os enfeitiça. Quando consideramos que um homem tão erudito como Tertuliano começa a admirar um miserável como Montano; ou alguém como Arthington, levado por Hacket e Coppinger; ou um homem como Kneperdollin, seduzido por João de Leiden; e especialmente tais números de pessoas sábias e aparentemente sóbrias e religiosas descendo a correnteza atrás de erros irracionais e claramente irreligiosos; o que mais pode ser apreendido como causa senão uma poderosa ilusão satânica?

Quarto, acrescentemos a estes a consideração da rapidez da prevalência de tais erros contra verdades claras e evidentes (circunstância notada pelo apóstolo em *Gl 1:6*: *Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho*). Nesse caso, podemos observar que geralmente as afeições dos homens se antecipam às suas descobertas; à primeira vista são capturados, antes de entenderem o que o erro é; e são persuadidos antes de saberem.

Quinto e último, que o fervor da perseguição, pelo qual mantêm e propagam o erro, é um tipo de fúria não natural, que apressa os homens com violência a uma rigidez inflexível, sufocando todo tipo de caridade e consideração. Estas coisas reunidas (digo eu) tornam o assunto em mãos evidente: quando homens, de outra forma racionais, ao primeiro toque ficam altamente enamorados e violentos na busca de erros que são estúpidos ou diabólicos, não podemos senão resolver isso naquilo que o apóstolo disse: *Quem vos fascinou?*. O aprimoramento desta primeira e grande vantagem para a introdução de erros é mais do que pode ser bem expresso; mas ele possui, além disso, outras vantagens que de modo algum negligencia: entre as quais,

Segundo, nossa imperfeição no conhecimento não é a menor. Se nosso conhecimento fosse perfeito, seria uma tarefa difícil demais para o Diabo nos tornar errôneos; pois os homens não erram senão na medida em que são ignorantes: impor algo aos homens contra um conhecimento claro e certo é impossível. Os homens não podem acreditar ser verdade aquilo que sabem ser falso. Seria tão tolo para Satanás fazer tais tentativas quanto para um malabarista tentar enganar aqueles que conhecem e veem os caminhos de seus truques tão bem quanto ele mesmo. Que nosso conhecimento é imperfeito, provarei e explicarei nos seguintes detalhes:

Primeiro, a Escritura afirma claramente que o maior número de homens (que estão em um estado não regenerado) são expressamente chamados de tolos, cegos, ignorantes, homens que estão em trevas, homens que não sabem nem consideram, que perecem por falta de conhecimento. Outros que (em comparação a estes) são chamados filhos da luz e que veem

com o rosto descoberto, são, não obstante (quando comparados a um estado de perfeição), representados como estando na infância de seu conhecimento, imaturos, imperfeitos; o apóstolo assim o expressa em *1Co 13:9*: *Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos*. Na explicação disso, ele compara nossos alcances neste mundo ao entendimento, pensamentos e falas de crianças (*v. 11*) e conclui no *v. 12* que todo o nosso conhecimento nos dá apenas um reflexo escuro e imperfeito das coisas: *vemos por espelho em enigma*.

Segundo, homens que tiveram as mentes mais claras e que se empenharam ao máximo em suas investigações para encontrar verdades trouxeram de volta a convicção clara de sua própria ignorância. Agostinho confessa que, nas Escrituras (que ele fez seu estudo principal), as coisas que ele não sabia eram mais do que as coisas que ele entendia. Chytraeus, em humilde modéstia, vai um pouco além: "Meu conhecimento mais querido", diz ele, "é saber que nada sei"; e será uma demonstração clara da ignorância daquele homem que se gaba de seu conhecimento: sua própria boca provará contra ele que ele nada sabe como deveria saber.

Terceiro, a consideração da natureza das coisas, que são os objetos sobre os quais empregamos nossa busca, nos convencerá suficientemente de que compreendemos muito pouco. Pois, embora a Escritura tenha expressado as principais preocupações da vida eterna tão plenamente que são claras como a luz e não exigem tal esforço do cérebro a ponto de as capacidades mais simples poderem entendê-las tão certamente quanto entendem qualquer negócio comum — como que Cristo morreu pelos pecadores; que sem fé é impossível agradar a Deus; que sem santidade ninguém verá Sua face, etc. —,

contudo (como Pedro fala em *2Pe 3:16*), há muitas coisas difíceis de entender; há dificuldades, profundezas e mistérios. Algumas coisas (das quais temos apenas toques obscuros na Escritura, embora o suficiente para nos fazer saber que tais coisas existem e para nos humilhar por nossa ignorância) são, em sua própria natureza, sublimes, cercadas por todos os lados por rochas e precipícios, onde nossas aproximações próximas e ousadas são proibidas: tais são as coisas que concernem aos decretos de Deus, à Trindade, etc. Outras coisas são escuras e incertas para nós, por sua própria proximidade conosco (como alguns gostam de imaginar a razão); tais são a natureza, as faculdades e as operações de nossas próprias almas dentro de nós, as quais não podemos ver diretamente (como o olho não vê a si mesmo) e apenas adivinhamos, por assim dizer, por reflexos sombrios. Algumas coisas na Escritura são acidentalmente obscuras para nós, que eram claras para aqueles que as ouviram primeiro, a quem foram faladas e escritas: pois agora, para o entendimento de muitas passagens, é necessário o conhecimento das línguas em que foram ditadas, das histórias daqueles tempos com as quais se relacionavam; bem como dos costumes particulares da nação judaica, que deram um molde e forma a muitas afirmações bíblicas. Tudo isso é fácil e familiar para aqueles que conheciam a propriedade exata de tais línguas, conheciam profundamente tais histórias, costumes, usos e formas de falar. E, além de tudo isso, a aplicação de regras gerais a casos particulares (onde uma pequena circunstância pode fazer uma grande alteração) é cheia de quebra-cabeças e intrincamentos. Tanto que alguns pensaram que existem vários casos de consciência que ainda não foram totalmente determinados e que assim permanecerão.

Quarto, nem é a natureza do conhecimento em si sem um argumento para provar a insuficiência de nosso conhecimento. Saber é, propriamente, entender as coisas pelas suas causas ou, pelo menos, pelos seus efeitos; e fazer um resultado correto de detalhes a partir de uma máxima geral. Tal tipo de conhecimento é necessário na religião. Excluindo alguns detalhes de altura misteriosa (sobre os quais Deus estabeleceu limites, para que os homens em ousadia presunçosa não se aventurem a atravessar para o Senhor para olhar) e algumas coisas que são os princípios da natureza ou seus resultados imediatos (que, por esse motivo, estão além de qualquer necessidade de inquérito), em tudo o que basta acreditar que o que a Escritura diz é verdade, sem pedir um relato posterior. No entanto, em outras coisas, a Escritura nos dá os fundamentos, razões e provas do que declara ou afirma, como pode ser visto por infinitos exemplos. De modo que saber que Cristo morreu, ou que somos justificados pela fé, ou que Cristo virá para o julgamento, sem um conhecimento dos fundamentos e razões dessas coisas, é de fato apenas ignorância crassa. O mesmo pode ser dito do conhecimento de preceitos gerais, sem o conhecimento de sua aplicação necessária. Mas quão poucos existem que assim conhecem? A maior parte dos homens satisfaz-se com as meras afirmações da Escritura e resolve tudo nisto: que a Palavra de Deus diz assim ou que é a vontade de Deus que seja assim, sem mais investigações. E quanto aos outros, embora possam conhecer as razões de muitas coisas, contudo há um vasto número de detalhes cujas razões não conhecemos, embora a Escritura possa contê-las. E quanto às consequências e à aplicação de regras gerais, sua limitação justa e a enumeração dos casos em

que são verdadeiras ou falsas: é isso que mantém as inteligências dos homens perpetuamente sob tortura.

Quinto, a inadequação de nossas capacidades para aqueles objetos de palavras: temos apenas um formigueiro de matéria substancial. Sim, visto que fazemos apenas um esforço medíocre, na melhor das hipóteses, por esses artifícios para chegar a algumas concepções rudes de coisas que, de outra forma, não poderíamos de maneira tolerável compreender, isso é uma prova tão grande de nossa imperfeição no conhecimento quanto o uso necessário de bengalas e muletas é uma evidência de claudicação. Se eu passasse disso para a consideração da multidão (além de todo número) de livros que são escritos, encontraríamos neles apenas tantas proclamações de nossa ignorância. Pois, se pudéssemos acreditar que todos contêm tantos preceitos saudáveis de verdade necessária (o que, no entanto, não podemos imaginar racionalmente), isso implicaria que a maior parte carecia dessas informações; e que a ignorância comum não é apenas uma enfermidade geral, mas também uma enfermidade difícil de ser curada, que necessita de tal multidão de instrutores e tais variedades de auxílios. Mas se acreditarmos que entre esse número infinito de volumes há milhares de mentiras, milhões de conjeturas não provadas, milhões de milhões de fantasias ociosas e inúteis, então, em termos expressos, os declaramos culpados de ignorância, e de uma ignorância tanto mais perigosa quanto mais ousada ela é ao se declarar na luz e se impor à crença de outros, que, em vez de serem melhor informados por ela, apenas aumentarão sua própria cegueira. Se nada mais houvesse a dizer senão isto: que há uma multidão tão vasta de comentaristas da Bíblia, que todos pretendem expor e explicá-la, isso admitiria necessariamente estas conclusões: (1) que a Bíblia possui nela

coisas tão obscuras ou, pelo menos, nossas capacidades são tão embotadas que há necessidade de grandes esforços para explicar uma ou auxiliar a outra; (2) que o conhecimento dos homens é imperfeito: pois se todos, ou a maioria dos homens, pudessem certamente interpretar a Escritura, não seriam necessários tantos volumes, mas um ou dois poderiam ter significado tanto quanto bibliotecas inteiras podem fazer agora.

Sendo assim exposta a imperfeição de nosso conhecimento, é fácil ver que vantagens o Diabo pode tirar disso para a promoção do erro; pois deve agora tornar-se nossa maravilha não que algum homem erre, mas que nem todos errem. Achamos fácil impor qualquer coisa às crianças; é uma questão fácil por uma ninharia enganá-las de tudo o que possuem. Certamente, então, Satanás pode fazer o mesmo com homens que não passam de crianças no entendimento. O apóstolo, em *Ef 4:14*, nos lembra desse perigo sob essa mesma similitude: *Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina*. Quão adequadamente ele nos assemelha a crianças? As fraquezas delas são: (1) falta de discernimento, não veem o verdadeiro valor das coisas; (2) credulidade, acreditam em todos os discursos suaves e promessas especiosas. E o perigo de ambos é nisto: que isso os torna inconstantes, incertos e volúveis; e assim somos feitos por nossa ignorância. Tão pouco discernimos verdadeiramente, tão aptos somos a acreditar em qualquer pretexto (pois *o simples crê em cada palavra*, *Pv 14:15*), que (como as metáforas do apóstolo nos dizem) somos facilmente jogados de um conceito ou opinião a outra, como um navio pelas ondas ou uma pena ao vento.

Terceiro, uma terceira vantagem que o Diabo toma contra nós em seu desígnio de erro é o viés da mente. Se nossos entendimentos fossem puramente livres, em um equilíbrio justo e uniforme em relação a todas as coisas propostas à sua deliberação e assentimento (embora fossem imperfeitos em sua luz), o perigo seria menor. Mas agora, em relação à inclinação e ao peso sob o qual se encontram, são comumente parciais e inclinados mais para um lado do que para o outro. E, no entanto, o assunto seria menor se apenas uma ou duas coisas notáveis tivessem o poder de estabelecer uma luz falsa diante da mente; mas há muitas coisas que tendem a nos causar esse malefício, as quais têm o mesmo efeito sobre nós que os subornos têm sobre pessoas interessadas em um julgamento, o que não apenas as tenta a agir errado, mas cega seus olhos de tal modo que não sabem que o fazem, ou pelo menos não em tão grande medida. A mente é enviesada:

Primeiro, naturalmente para o erro, mais do que para as verdades. A corrupção de nossa natureza é geral e não apenas dispõe a vontade e as afeições para as iniquidades práticas, mas também inclina o entendimento para o erro e o mal-entendido. E esse parece ser o fundamento da afirmação de Cristo contra os judeus (*Jo 5:43*): *Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, a esse recebereis*. O que implica que os homens são naturalmente mais propensos a acreditar em um impostor do que em alguém que fala as verdades mais certas e proveitosas. E além desta inclinação geral para vaidades e mentiras, existem (se alguns pensam corretamente) alguns erros que estão formalmente gravados na natureza do homem caído; como aquela opinião de ser salvo pelas obras. Pois não apenas todos os homens (que têm quaisquer apreensões de um estado eterno futuro) resolvem

essa questão de obter a salvação por meio das obras como a causa adequada (e, de fato, nenhuma outra poderia ter sido imaginada, se a Escritura não tivesse revelado a redenção pelo sangue de Jesus), mas os judeus em *Jo 6:28* (quando propõem aquela questão: *Que faremos para executarmos as obras de Deus?*) dão como certo que as obras (de algum tipo ou outro) são as causas da felicidade. Possivelmente alguma impressão daquela noção (enquanto era uma verdade, como no estado de inocência foi) pode ainda permanecer em nossas naturezas, embora pela Queda o caso tenha se alterado para nós.

Segundo, a mente é enviesada pelo temperamento corporal e pela inclinação da compleição. As variedades de compleições introduzem variedades de humores e disposições; e o entendimento (sendo necessitado a olhar através destes, como se fossem tantos vidros coloridos) é apto a julgar (isto é, a julgar mal) de acordo com a má representação dos objetos.

Terceiro, às vezes as aquisições habituais têm a mesma influência sobre o entendimento que os humores naturais têm. As artes e ciências que estudamos, nossos caminhos de educação e emprego são apenas tantas preposições preconceituosas que secretamente contaminam a mente.

Quarto, existem também inclinações acidentais que (embora não habituais) têm a força de uma segunda natureza, porque seu funcionamento é violento e impetuoso. E estas, que provêm de uma consciência ferida ou de excessos de melancolia, têm um viés mais do que comum: elas lançam mãos violentas sobre o entendimento e, com uma torrente poderosa, o derrubam. De modo que, se um erro for oferecido que seja adequado a tais temores ou mal-entendidos, ele dificilmente falhará em ter

sucesso. As turbulências extraordinárias de algumas outras paixões, como ira, amor, etc., têm o mesmo efeito.

Quinto, hábitos viciosos enviesam tanto a mente que o entendimento deve necessariamente ser contaminado por eles. Nada pode preparar mais a mente para um erro perverso do que uma vida perversa. Um erro de indulgência (sendo tão grato à corrupção) pode prontamente encontrar favor nos entendimentos daqueles que não sabem fazer o bem porque se acostumaram a fazer o mal.

Sexto, existem coisas externas que não têm menos poder sobre o entendimento do que qualquer uma das anteriores; e estas são o costume, a educação e o interesse. Estes se apegam tão firmemente e trabalham tão sutilmente que, embora existam poucos que não sejam (em casos discutíveis) influenciados por eles, ninguém é capaz ou está disposto a notar como e por quais passos eles os engajam a passar sentença contra a verdade. E, de fato, aquele homem deve ter uma medida singular de vigilância suspeita e integridade clara para não ser enganado por eles. E a melhor maneira de se manter livre do malefício que estes podem nos causar é ser severo em nossas suspeitas no lado para o qual o costume e o interesse têm suas tendências.

Sétimo, eu poderia notar que há algo considerável para este propósito na natureza dos espíritos. Alguns espíritos são instáveis e voláteis; e estes logo são alterados por sua própria instabilidade. Outros são tenazes e inflexíveis; e se tais forem primeiro colocados no erro, não é coisa fácil que os reduza à verdade. Outros são suaves e dúcteis, persuadidos por boas palavras tão logo quanto por argumentos fortes. E, novamente, alguns são de um temperamento tão áspero, azedo e

contraditório que preferirão seguir o caminho errado a concordar com as persuasões daqueles que oferecem a verdade, até mesmo por essa razão: porque são persuadidos a isso. De modo que a verdade que (se ninguém os tivesse importunado) eles mesmos teriam abraçado, agora recusarão quando lhes for pressionada, por um humor cruzado e oposto, porque não odeiam nada mais do que fazer o que lhes é ordenado.

Para chegar um pouco mais perto, consideremos como estas coisas mostram seu poder sobre a mente, para incliná-la e movê-la. É de fato verdade que, em coisas que são clara e fortemente propostas ao entendimento, este não pode senão julgar de acordo com a evidência da verdade e não pode ser guiado pela vontade para julgar o contrário. Sim, a vontade (embora em coisas puramente especulativas possa reter sua aversão; bem como em coisas práticas, enquanto são consideradas apenas como o que pode ser feito, antes que o entendimento tenha chegado ao seu resolve final, determinando que tais coisas devem ou precisam ser feitas) não pode senão seguir a luz e a informação do entendimento, e isso de acordo com a proporção de sua convicção. De modo que, embora em alguns casos um homem quisesse que as coisas fossem diferentes do que ele acredita que são, contudo ele não pode acreditar no que quer, nem pode recusar-se a querer o que é certamente representado como bom e necessário. Não obstante tudo isso, os detalhes mencionados anteriormente podem enviesar tanto a mente que ela não agirá de forma verdadeira e firme; como podemos ver nestes três detalhes:

Primeiro, em coisas claramente demonstradas ao entendimento; embora a vontade não possa se opor diretamente, nem prevalecer para que sejam julgadas falsas, ela pode

indiretamente impedir o procedimento do entendimento e desviá-lo de fixar sua consideração sobre a verdade; ou de trabalhar a si mesmo em determinações positivas para levá-la à prática. Assim, muitos que não podem senão acreditar que há um Deus e que Sua lei é verdadeira, sendo enviesados por suas luxúrias, pelo poder dos prazeres ou interesse, etc., prevalecem sobre seus entendimentos para que tomem outros objetos de consideração; de modo que se diz que se esquecem de Deus e lançam Seus mandamentos para trás das costas; bem como não se lembram de seu fim último, embora não possam senão acreditar que morrerão. A verdade pode ser aprisionada e acorrentada onde não pode ser morta. Lemos sobre *deter a verdade com injustiça* (*Rm 1:18*). O que era isto: que aqueles pagãos (de quem o apóstolo fala), por causa de suas inclinações e práticas viciosas, embora não pudessem apagar aquelas noções de equidade e religião que estavam impressas em suas mentes, contudo as mantinham subjugadas (como cativas em uma masmorra) e não permitiam que se levantassem em um aprimoramento prático justo. Ora, o mal que é feito à verdade desta forma não é apenas torná-la infrutífera e inútil no presente, mas por este meio o Diabo tem sua vantagem no ganho de tempo para reunir mais forças contra aquela verdade; e por ataques frequentes de argumentos contrários (especialmente sob a vantagem da indiferença e remissão da mente, geradas por longas e frequentes diversões) para colocar outra face sobre ela e, gradualmente, derrubar as persuasões anteriores. Este foi o caso exato dos pagãos no lugar citado por último; que, sendo primeiro movidos por suas impiedades, tornaram-se indispostos a ceder àqueles ditames de luz e justiça que possuíam; e tendo assim satisfeito suas luxúrias, o Diabo prevalecendo ainda mais com eles para encontrar evasivas do

poder daquelas verdades, começaram a fazer inferências inadequadas a partir dessas premissas que não podiam negar, e assim tornaram-se estúpidos e vãos em seus raciocínios, mudando a glória do Deus incorruptível em uma imagem feita à semelhança do homem corruptível. E por tais práticas contra a verdade, eles finalmente trocaram a verdade pela mentira (*v. 25*) e, a longo prazo, apagaram o conhecimento de Deus de suas mentes. Este é o antigo método de Satanás para derrubar a verdade por fim: desviando a mente de receber as impressões poderosas presentes daqueles princípios.

Segundo, mas em coisas duvidosas, onde não há uma certeza clara sobre o que é a verdade, mas opiniões contrárias lutam com igual confiança, de modo que é difícil determinar qual obteve a vitória, ali a mente pode ser tão movida pelo seu viés que pode dar aprovação ao erro. Sim, onde em um julgamento justo e indiferente a verdade possui a maior aparência de força e o erro nada mais do que pequenas sombras ou aparências de razão para se abrigar, contudo, por esse caminho a mente pode ser inclinada pelas coisas mencionadas. Temos uma crença mais fácil e dócil para o que queremos do que para o que não queremos. Embora nada seja mais notado pela experiência comum do que isto — que os homens são geralmente desviados por humores, inclinações, interesses e educação, etc., para julgarem bem daquilo que uma pessoa imparcial veria facilmente ser fraco, injusto, ridículo ou irracional —, contudo, como essas considerações e temperamentos exercem sua força sobre o entendimento para atraí-lo a uma conformidade, ou por qual arte secreta podem elevar probabilidades e diminuir objeções, ou por qual progresso insensível se movem, de modo que os homens assim levados não percebem que estão sob tal força, não é algo tão discernível. Com que frequência podemos

observar homens (que são racionais o suficiente para descobrir os subterfúgios lamentáveis e as alegações pobres de outros) oferecerem, com tal gravidade e confiança (onde seus próprios interesses estão envolvidos), raciocínios tão baixos e impertinências tão extravagantes que todos os que os ouvem estão prontos a rir de sua loucura; e, no entanto, eles mesmos nutrem nada menos que persuasões da invencibilidade de seus argumentos? Eles desejam tão avidamente o que querem estabelecer que pensam que qualquer coisa é suficiente para justificá-lo; e tendem a imaginar que seus subterfúgios e desculpas parecem tão fortes para os outros quanto para si mesmos. Conheci alguns que, pelo peso do interesse, mudaram suas opiniões em assuntos religiosos e realmente se tornaram persuadidos de forma diferente do que haviam sido anteriormente (e não como alguns que, por vantagem, assumirão conscientemente o que não podem acreditar ser verdade) e não foram capazes de dizer que encontraram novos argumentos ou novas respostas às objeções; mas, não sei como, argumentos que haviam desprezado e deixado de lado por serem fracos começaram a parecer importantes para eles: os argumentos pelos quais sua persuasão anterior era sustentada tornaram-se insensivelmente débeis em suas mãos; um reviveu, ganhou força, depois de o terem acalentado um pouco, pensando que poderia haver algo nele, embora antes conhecessem todos os detalhes e não pudessem exemplificar nada que não tivessem notificado e respondido anteriormente; e o outro tipo de argumentos tornou-se cada vez mais fraco, até que finalmente se separaram de qualquer bom conceito deles; de modo que tal mudança foi apenas como o virar das mesas. Aquilo que agiu por trás da cortina e operou essa mudança da fantasia não poderia ser outra coisa senão algumas das coisas

mencionadas anteriormente que enviesaram a mente deles. Pois, onde os argumentos pró e contra eram os mesmos, a alteração da opinião (onde os homens não são tão perversos a ponto de irem diretamente contra sua própria luz) deve necessariamente ser imputada às diferentes posições das coisas externas e aos diferentes humores e inclinações gerados por elas. Assim como as diferentes posições dos homens na perspectiva de algumas pinturas as representam variadamente: de um lado dão a forma de um rosto bonito; de outro, expressam a feia deformidade de um diabo. Ou como diferentes reflexos dos raios solares sobre o mesmo objeto o vestem com várias cores. A Escritura também nos dá notícia desta vantagem que o Diabo tira das inclinações dos homens para levá-los a erros. Aquilo em *Mq 2:11* (*Se houver alguém que, andando com espírito de falsidade, mentir, dizendo: Eu te profetizarei de vinho e de bebida forte, esse tal será o profeta deste povo*) tem por fundamento que, por mais grosseiro e palpável que seja o erro (como se um homem profetizasse uma liberdade para a embriaguez), se for adequado ao peso dos humores do povo, será prontamente aceito: *esse tal será o profeta deste povo*; isto é, tal profeta prevalecerá facilmente com tal povo, pois suas inclinações viciosas os tornam aptos para qualquer impressão de um erro adequado. O apóstolo Paulo também descobriu isso como sendo muito verdadeiro nas heresias de seus próprios tempos: pois ele nos diz que os sedutores aprenderam aquela astúcia do Diabo, de atrair os homens ao erro pelo peso de suas luxúrias (*2Tm 3:6*): *Porque deste número são os que se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências*. Também em *2Tm 4:3*, ele profetiza o uso futuro deste estratagema: *segundo as suas próprias*

concupiscências amontoarão para si doutores. De modo que a prevalência usual do erro foi, e é, proveniente da operação subterrânea de luxúrias, humores, hábitos e inclinações, que tornam os homens dispostos a aceitar uma opinião que possa apenas gratificá-los com uma adequação ou conveniência.

Terceiro, onde os detalhes mencionados de inclinação, humores naturais ou adquiridos, costume, educação, etc., não desviam o entendimento nem o engajam a fechar com o erro, contudo, frequentemente revelam quão poderosamente podem enviesar a mente, na medida em que estes prevalecem com os homens para modificar e moldar uma verdade de acordo com a inclinação ou forma de suas tendências. Como uma bola que é habilmente mirada em um alvo, segue, no entanto, por uma curva à qual seu viés a força, de acordo com as subidas ou descidas do terreno que encontra no caminho. Os homens podem chegar à verdade real no essencial e, no entanto, moldá-la de acordo com seus humores. Por exemplo, consideremos os diferentes modos ou formas em que a mesma verdade é representada sob as operações de diferentes temperamentos. Uma pessoa melancólica concebe todas as coisas sob tais reflexos que o medo e a tristeza costumam dar; se considera a Deus, olha para Ele na noção de maior severidade e justiça; se pensa nos caminhos do dever, colore-os todos de preto e mal consegue considerar algo como piedade que não seja acompanhado de tristeza e luto; se chama sua alma a um acerto de contas, suas conclusões sobre si mesmo são tristes, lamentosas ou, na melhor das hipóteses, suspeitas. Ao contrário, um temperamento alegre e hilário censura toda tristeza como melancolia e tende a acusar aqueles que andam em luto em seu caminho como murmuradores ingratos e reclamantes incrédulos; interpreta as condescendências

favoráveis de Deus para com os fracos na maior latitude e é facilmente persuadido a coisas que estão no limite extremo da liberdade, das quais outros de uma disposição mais temerosa não ousam se aproximar por medo de ofender. Este coloca uma excelência maior nos deveres de louvor, como o outro no jejum e no luto. Aqueles homens que são morosos e severos tendem a pensar que Deus é tal como eles mesmos; e embora reconheçam que existe tal graça como a caridade, contudo, sob pretexto de rigor, não conseguem acreditar que são obrigados a exercê-la para com qualquer que esteja sob alguma falha da qual se julgam livres; e, portanto, tais homens são geralmente muito difíceis em todos os casos em que a condescendência deve ser usada; são difíceis de serem reconciliados e, após o erro de qualquer pessoa, não se satisfazem facilmente com o arrependimento dela; e em casos de dissidência de seu caminho e prática de religião, são comumente censuradores e concluem o pior. Aqueles, novamente, que são naturalmente suaves e gentis, sob pretexto de caridade e mansidão, tendem a tornar-se remissos em seus comportamentos para com qualquer irmão; e porque a caridade não pensa mal, moldam seu dever reconhecido na forma de sua própria disposição e, assim, pensam que devem ver e, contudo, não perceber; e em vez de cobrir as enfermidades de um irmão, têm um manto para lançar sobre cada transgressão. Da mesma forma também moldam suas concepções de Deus, como se Ele fosse tão misericordioso que mal consideraria qualquer abominação como estando acima da altura de uma enfermidade comum: estes tendem a pensar que as misericórdias de Deus (tão louvadas na Escritura) significam pouco menos que uma indulgência na transgressão, muito acima do que os precisistas tendem a imaginar; e que é tão fácil obter o perdão de Deus para

qualquer ofensa quanto dizer: "O Senhor tenha misericórdia de mim, pecador". Aqueles que se acostumam aos deleites dos sentidos tendem a inclinar o caminho de sua religião para esse humor e pensam que nada pode ser solene na adoração que não seja adornado com enfeites que possam agradar ao olho ou ao ouvido. Sim, é observável o suficiente que a religião toma emprestada alguma mancha ou forma dos vários estudos e ciências dos homens; em alguns (como em muitos dos Pais), podemos ver a religião mergulhada no platonismo ou no peripateticismo. Alguns introduzem as distinções e definições da filosofia; outros obrigam todas as Escrituras a se submeterem às leis de uma análise lógica estrita. Assim, de acordo com os vários meios pelos quais os homens olham, as verdades são descoloridas e vestidas em várias formas: é fácil, a partir desses exemplos, imaginar que Satanás deve ter uma grande vantagem contra nós em termos de erro a partir do viés da mente.

Quarto, curiosidades arriscadas são outra vantagem geral pela qual ele trabalha. Isso surge em parte de um desejo de conhecimento e em parte do orgulho; e ambos abrem caminho para o seu desígnio.

O desejo de conhecimento é natural e, além disso, muito sedutor. Saber possui algo de mais do que comum. Isso é notado em *Jó 11:12*: *Mas o homem vão é falto de entendimento; sim, o homem nasce como a cria de um asno montês*. Embora seja tolo, ele afeta a sabedoria; e o próprio deleite de saber engaja os homens em buscas curiosas e intrometidas, embora com muito trabalho e risco. Desse temperamento eram os atenienses (*At 17:21*): *Pois todos os atenienses e estrangeiros residentes de nenhuma outra coisa se*

ocupavam senão de dizer ou de ouvir alguma novidade. Não apenas em contar notícias, mas em inquéritos sobre novas noções e descobertas; e isso os tornou dispostos a ouvir Paulo como um anunciador de deuses estranhos e de uma nova doutrina.

Quando esse desejo de conhecimento é animado pelo orgulho (como frequentemente o é, pois o *conhecimento ensoberbece*), então é mais perigoso. Quando os homens estão em um desígnio de parecerem superiores aos outros, de serem singulares, de verem mais do que todos os homens veem, de serem admirados, de superarem seus vizinhos no falar, que riscos não correrão? Quão expostos ficam a qualquer conceito que possa servir a esse fim? Que Satanás se esforça para aprimorar essa curiosidade é algo indubitável; ele fornece cuidadosamente combustível para esse incêndio e diligentemente o sopra até transformá-lo em chama. A primeira tentação possuía esse ingrediente: *Sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal*. E vemos que foi uma grande sedução para Eva: o que tornaria alguém sábio era, portanto, desejável. A culpa da primeira idolatria de Israel parece ser lançada nesta porta (*Dt 32:17*): *Sacrificaram... a deuses que não conheceram, a novos deuses que vieram há pouco*. Implicando que foram desviados de seu antigo caminho estabelecido de adoração por uma curiosidade de experimentar os novos caminhos dos pagãos. E tão grande mão tem isso, geralmente, nos erros, que Paulo (*2Tm 4:3*) faz dessa coceira por novidade o grande fundamento daquela defecção da verdade que ele previu que viria: *amontoarão para si doutores, tendo comichão nos ouvidos*. Essa comichão no ouvido é o precursor habitual de uma sarna na Igreja, porque dispõe os homens a receber qualquer tipo de mestre. Deus, de fato, às

vezes tira vantagem de nossa curiosidade natural para o nosso bem: por esse meio, muitos dos ouvintes de João, que foram ao deserto ter com ele como a um espetáculo estranho (como aquelas palavras implicam: *Que saístes a ver no deserto?*), foram convertidos. Por esse meio, o Evangelho depois fez um grande progresso, como vemos comumente que novos mestres atraem mais no início, pois quando os homens se familiarizam com seus dons, sua admiração decai e o sucesso de seus trabalhos muitas vezes não é tão grande. O Diabo também, observando a prevalência da curiosidade e que os homens se agradam mais com novas noções do que com velhas verdades, esforça-se também por *arar com esta novilha* e frequentemente faz uma grande colheita com ela. Há ainda outra vantagem que ele às vezes utiliza: e essa é,

Quinto, a devassidão ateísta, quando os homens, por um longo costume no pecado, chegaram ao descuido e à presunção habituais, então se tornam ateus práticos. Seus hábitos viciosos trabalham sobre seus entendimentos para apagar todos os princípios. Quando os homens chegam a esse ponto, são engenheiros adequados para Satanás; pois, enquanto descreem de todas as coisas, podem (para servir a um desígnio ou para liderar um partido) assumir qualquer opinião e fingir a maior seriedade ao propagá-la; embora, enquanto isso, riam secretamente da credulidade do vulgo.

Estes homens entregam a si mesmos e todas as suas partes ao Diabo, e ele sabe como fazer uso deles para trazer a ilusão e o engano de outros. Muitas eras deram exemplos de tais: aqueles sedutores mencionados no Novo Testamento eram (alguns deles) dessa classe e, portanto, chamados de *obreiros fraudulentos*. Tais que não estavam realmente sob aquelas

persuasões que pensavam fixar em outros; mas, por desígnio, transformavam-se em apóstolos de Cristo; tais que não serviam a nosso Senhor Jesus Cristo, mas ao seu próprio ventre; e, no entanto, com palavras suaves e lisonjeiras, enganavam os corações dos simples (*Rm 16:18*). Que, *por avareza, faziam de vós negócio com palavras fingidas* (*2Pe 2:3*). Balaão foi um desses, e a mulher Jezabel, que se chamava profetisa (*Ap 2:20*). Tal foi o arcebispo de Split, que por vantagem podia, a seu prazer, assumir e abandonar sua religião. Tal foi o falso judeu (não faz muito tempo) descoberto neste lugar, que (sendo um emissário romano) fingiu ser um judeu convertido; e buscando uma igreja pura sob esse disfarce, planejava derrubar (por insinuações privadas) a fé dos admiradores simples e incautos! Por tais instrumentos Satanás trabalha onde tem oportunidade.

CAPÍTULO III.
Do aprimoramento que Satanás faz destas Vantagens para o Erro.

1. Ao iludir o entendimento diretamente: o que ele faz (1.) ao apoiar o erro por meio das Escrituras. De sua astúcia nisto. (2.) Por pretextos especiosos de Mistérios; e quais são estes. Das lisonjas pessoais. (3.) Por expressões afetadas. Razão de sua prevalência. (4.) Por asserções audazes. As razões dessa política. (5.) Pela excelência das pessoas que surgem em favor dele, seja por dons ou santidade. Seu método de gerir esse desígnio. (6.) Por inspiração pretendida. (7.) Por milagres pretendidos. Sua astúcia nisto. (8.) Pela paz e

prosperidade nos caminhos do erro. (9.) Por mentiras contra a verdade e os que a professam.

Vimos quais são as vantagens gerais que Satanás possui para levar adiante seu desígnio de erro. Resta agora que prestemos contas das várias maneiras pelas quais ele aprimora essas vantagens, as quais podem ser referidas a dois grupos: (1) São estratagemas que trabalham mais diretamente sobre o entendimento para iludi-lo e cegá-lo. Ou (2) são tais que, indiretamente, pelo poder da vontade e das afeições, o influenciam.

Primeiro, aqueles estratagemas que concernem mais imediatamente ao entendimento são o uso de tais argumentos que carregam em si uma probabilidade de confirmar um erro; embora, na verdade, não passem de falácias, sofismas ou paralogismos; dos quais o apóstolo fala em *Cl 2 :4*: *Para que ninguém vos engane com palavras persuasivas*. Seu modo usual de proceder neste caso é:

Primeiro, quando ele lida com homens que foram criados na profissão e crença das Escrituras; ele é então cuidadoso em dar a um erro algum apoio ou pretexto a partir das Escrituras. Não é seu curso depreciar as Escrituras com tais homens, mas supor sua verdade e autoridade como o caminho mais plausível para seu desígnio; pois, por este meio, ele não apenas evita uma grande quantidade de objeções alarmantes que, de outra forma, se levantariam contra ele (visto que homens criados com a Escritura não podem ser facilmente levados a chamá-la de falsa), mas, com vantagem considerável, ele assim autoriza e justifica seu erro. Pois nada pode dar mais audácia ou confiança a um engano do que a crença de que ele é apoiado pela Escritura.

Que este é um de seus grandes estratagemas pode ser suficientemente provado pelo número infinito de erros que pretendem garantia bíblica. Aqueles que estão acima ou além da Escritura (que não reconhecem dependência dela) são poucos e raros; e, de fato, entre os cristãos, o erro não pode prosperar bem sem um pretexto de Escritura. Os homens teriam muito trabalho para se persuadirem de tais erros, mas seria impossível formar um partido ou persuadir outros; tais erros seriam prontamente expulsos do mundo sob vaias. É por este motivo que o ateísmo se esconde e se oculta (exceto onde a profanação geralmente tolerada lhe dá um encorajamento fora do comum), o que não deve ser atribuído a qualquer modéstia envergonhada que se possa supor que o ateísmo nutra, mas ao desgosto geral de outros, que se apegam tanto à autoridade da Bíblia que rejeitam todas as contradições diretas a ela com grande horror. Por isso também ocorre que algumas pessoas errôneas são forçadas a contradições em sua prática contra seus princípios professados, porque acham impossível propagar seus erros sem algum pretexto ou outro na Escritura. Aqueles que minariam esses registros sagrados são forçados a fazer uso de sua autoridade para prova do que desejam dizer. Os papistas têm uma querela com eles e lhes invejam o título de perfeição e perspicuidade, com o desígnio de introduzir tradições e estabelecer a autoridade judicial do Papa em questões de fé; e quando disseram tudo o que podem para sujeitar as Escrituras à determinação do Papa, são forçados, por fim, a recorrer às Escrituras para provar a determinação do Papa. Eles querem provar as Escrituras pela Igreja, e então a Igreja pelas Escrituras; o que é um círculo que lhes tem sido frequentemente apontado e do qual os mais sábios entre eles se envergonham. Outros também, que não permitem que as

Escrituras sejam uma regra geral permanente, são contudo forçados a fazer delas (em alguns casos) uma regra para si mesmos, e avidamente pleiteiam que o sejam para os outros. Aqueles que pretendem estar acima das ordenanças e depreciam os ensinos externos como desnecessários ou prejudiciais, contudo ensinam externamente, porque veem que não são capazes de ampliar o império do erro sem tal ensino. Aqueles mesmos erros que fazem de seu negócio principal tornar as Escrituras nada melhor do que um almanaque velho, contudo buscam a Escritura para apoiar suas asserções blasfemas; e se conseguem qualquer fragmento ou retalho dela que possa, por sua tortura injusta, ser torcido para dizer tal coisa, ou qualquer coisa nesse sentido, pensam que todas as suas loucuras são por ela apadrinhadas. Comumente, tais homens fixam-se em passagens que dão aviso das concomitâncias necessárias do Espírito e do coração com o ato externo de serviço; e a partir daí, separando o que Deus uniu, estabelecem sábados espirituais, batismo espiritual, adoração espiritual, para clamar contra e descartar os atos externos de tais ordenanças. Ou pretendem parentesco com a Escritura como profetizando ou prevendo aquelas novas administrações que estão prestes a estabelecer. Que H. Nicholas seja um exemplo disso, o qual, embora tenha depreciado o serviço da Lei sob Deus o Pai, e o serviço da crença sob Cristo, e no lugar de ambos quisesse estabelecer outra administração sob o Espírito, contudo (para que pudesse ser mais acreditado) aplicou várias Escrituras ao seu propósito, como profeticamente prevendo H. Nicholas e seus serviços; e queria que os homens imaginassem que ele era aquele *anjo voando pelo meio do céu com o evangelho eterno* (*Ap 14:6*). E aquele profeta inquirido pelos judeus (*Jo 1:21*): *És tu aquele profeta?*

e *aquele homem ordenado para julgar o mundo* (*At 17:31*). E que os tempos de sua dispensação eram os tempos de perfeição e glória falados em *1Co 13:9* e *Hb 6:1*. Pretextos semelhantes para novas administrações tiveram Saltmarsh e vários outros.

Satanás, fixando seu pé sobre este desígnio e aproveitando-se da ignorância, curiosidade e orgulho dos homens, etc., torna impossível dizer o que ele pode fazer. Ele já introduziu muitas heresias e ninguém sabe o que pode vir depois. Muitas passagens da Escritura são obscuras para os mais sábios dos homens; um número muito maior o é para o tipo comum de cristãos. Muitos intelectos são empregados por ele como aventureiros para novas descobertas; e um pequeno pretexto é fundamento suficiente para um empreendedor audaz erguer uma nova noção; e uma nova noção na religião é como uma nova moda no vestuário, que enfeitiça os instáveis com uma coceira de estar nela antes que entendam bem o que é. Assim, é igualmente impossível limitar o número exato de erros, como ajustar os vários pretextos da Escritura sob os quais podem ser apoiados. Deixando, portanto, essa tarefa para aqueles que podem empreendê-la, notarei apenas um detalhe ou dois da astúcia de Satanás ao afixar um erro na Escritura.

Primeiro, em qualquer grande desígnio de erro, ele se esforça para lançar o fundamento dele o mais próximo da verdade que pode; mas de tal modo que, na tendência dele, possa ir o mais longe dela possível. Como alguns rios cujas primeiras fontes são contíguas, mas que, não obstante, possuem um curso direto contrário em suas correntes. Por exemplo, naqueles erros que tendem a derrubar a doutrina do Evangelho concernente a Cristo e às ordenanças (e estas são coisas contra as quais o Diabo tem um grande rancor), ele começa seu trabalho com

pretextos plausíveis de amor e admiração por Cristo e pela graça; ele prossegue daí para o pretexto de prazeres mais puros; daí para um desgosto por tais pregadores e pregações que ameaçam o pecado e proclamam a ira de Deus contra a iniquidade, e estes são prontamente chamados de pregadores legais, e a doutrina do dever, uma aliança legal. Tendo-os uma vez neste ponto, eles facilmente chegam a assistências imediatas e dons especiais, que pretendem ter acima dos outros; sendo assim estabelecidos, são pela graça livre e pelo desfrute de Deus em espírito; daí chegam à liberdade cristã e, gradualmente, os deveres são desnecessários, não há Cristo senão dentro deles e, sendo libertos da lei, o que quer que façam não é transgressão. Este é um caminho que Satanás trilhou outrora, embora vez ou outra possa variar em algumas circunstâncias e ser forçado a parar antes de chegar ao fim de sua jornada. Você pode observar este método nos erros recentes da Nova Inglaterra, nos familistas da Alemanha e naqueles da Velha Inglaterra; em todos os quais, a longo prazo, os homens são levados tão longe da Escritura quanto as trevas estão da luz. Ora, isso não deve ser visto apenas em uma multiplicação progressiva de erros, mas frequentemente podemos perceber a mesma sutileza de Satanás em um erro simples, como quando ele toma parte de uma verdade que deveria estar em conjunção com outra e a estabelece sozinha contra sua própria companheira, onde teremos o nome e o pretexto mantidos, mas a coisa totalmente destruída. Deus exige serviços dos homens e prescreve para seu uso a oração, a audição, os sacramentos; mas porque neles Deus é desonrado quando os homens apenas se aproximam com seus lábios, Ele nos diz ainda que *não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne*, etc. Nesta parte alguns homens estão

tão fixados que pensam estar desobrigados da outra e, na prática, afastam-se totalmente desses deveres; e contudo ainda professam ser pelas ordenanças e pela adoração de Deus. Exatamente assim, alguns homens são por Cristo, mas então é apenas o nome, não a coisa; eles dizem que possuem a Cristo, mas então é Cristo neles, e Cristo vindo em sua carne, mas não aquele Cristo que morreu em Jerusalém como sacrifício pelos pecados dos homens.

Segundo, Satanás toma grande cuidado para que um erro seja (em todas as formas de sua propagação) revestido com frases bíblicas; e quanto menos o erro puder pretender qualquer fundamento plausível na Escritura, mais ele se esforça para adorná-lo com a linguagem bíblica (entendo isso principalmente de tais erros que são projetados para a multidão). Assim, embora a Escritura não seja usada para provar o erro, os enganadores são ensinados a expressar suas concepções por ela e a acomodar as palavras e sentenças dela aos seus propósitos; pois, além do orgulho e da confiança, a eloquência bíblica é um ingrediente necessário para fazer um enganador poderoso. Observe os líderes de erros e você descobrirá que, ordinariamente, tais foram a princípio estudiosos das Escrituras; e embora nunca tenham sido capazes de digeri-las, quando desviaram seus ouvidos da verdade, levaram sua linguagem bíblica (à qual já se haviam habituado por longo costume) consigo, e ainda a retêm e expressam suas opiniões por meio dela.

Ora, isso é uma grande vantagem para Satanás. Pois, primeiro, por este meio, a multidão ignorante é frequentemente capturada sem mais delongas; se ouvem expressões bíblicas, tendem a pensar que tudo o que é dito por eles é verdade; e nela

acreditam mais prontamente porque imaginarão que tais mestres são bem versados na Escritura e, consequentemente, ou tão honestos ou tão conhecedores que nem podem nem querem iludi-los. Segundo, há uma majestade na Escritura que (em certo sentido) adere às suas próprias expressões; os homens podem perceber que geralmente os ouvintes são mais afetados pela eloquência bíblica do que pela linguagem de livros de teatro; ela possui (por assim dizer) um encanto nas palavras que torna o ouvido atento, mais do que um discurso rebuscado, engomado com o traje da retórica comum. Alguém nos dá uma observação nesse sentido sobre sua própria pregação, e o mesmo podem fazer muitos outros. Enquanto, então, os homens ouvem tal linguagem, têm uma reverência por ela. E assim como os médicos cobrem suas pílulas com ouro para que o paciente as tome mais voluntariamente, assim os homens frequentemente engolem o erro sem a devida consideração, porque lhes é transmitido em uma linguagem que respeitam.

Segundo, o segundo cuidado de Satanás para o avanço do erro (após ter-lhe dado todo o apoio que pode a partir da Escritura) é dourá-lo com pretextos especiosos; ele o apresenta com toda a bravata que pode e então o impõe como um argumento de sua verdade. Os homens tendem a julgar que o que melhora sua condição espiritual não pode ser uma mentira ou ilusão; e o argumento seria mais considerável se as vantagens fossem tais como ele pretende que sejam; mas o próprio ruído e o alarde das vantagens agradam aos incautos, sem uma investigação devida sobre sua realidade. O apóstolo em *Rm 16:18* reduz toda esta política do enganador a dois pontos: (1.) Boas palavras, *eulogia*, palavras que expõem o proveito e a vantagem da coisa. (2.) E suaves falas, *chrestologia*, falas que lisonjeiam a condição da parte. Sua arte, quanto ao primeiro

destes, é dizer-lhes que as noções oferecidas são descobertas especiais, mistérios raros que foram escondidos de outros; e daí infere que devem necessariamente conduzir muito à felicidade e perfeição espiritual deles conhecê-los e abraçá-los. Aqueles que perturbavam a Igreja nos dias de Paulo com falsas doutrinas usavam este artifício de vanglória, como transparece naquela expressão em *1Tm 6:20*: *oposições da falsamente chamada ciência*; parece que chamavam suas opiniões (embora não passassem de profanas e vãs tagarelices) pelo nome de ciência ou conhecimento, implicando que todos os outros, até mesmo os próprios apóstolos, estavam nas trevas e ficavam aquém da iluminação deles. O mesmo temos em *Ap 2:24* sobre aquela abominável profetisa Jezabel, que recomendava suas doutrinas blasfemas e imundas sob o nome de profundezas, profundidades ou conhecimento oculto, embora o Espírito de Deus tenha dito àquela igreja que não eram tais; mas, se eram profundezas, eram *profundezas de Satanás* (como se acrescenta ali por via de correção) e não do Espírito de Deus. Podemos rastrear esses passos de Satanás em todos os erros consideravelmente prevalecentes: pois o que tem sido mais comum do que ouvir homens falarem dos desígnios que têm realizado sob os títulos especiosos de: a vinda de Cristo para estabelecer um Reino Justo; as igrejas saindo da Babilônia e do deserto; o raiar do dia do Senhor; o dia da Reforma; o tempo da restituição de todas as coisas; com abundância de alardes do mesmo tipo. Não acrescentarei nenhum exemplo particular desta natureza, exceto algumas passagens de H. Nicholas, com quem tais vanglórias de altas promessas eram comuns. Seu *Serviço do Amor* ele compara ao *Santíssimo* (ao passo que a doutrina de arrependimento de João era apenas uma preparação para o *Santo*; e o serviço de Cristo ele permitia ser não mais do

que o *Santo do Templo*); a este seu serviço ele chama de perfeição da vida, a conclusão das profecias, a finalização perfeita das obras de Deus, o trono de Cristo, o verdadeiro descanso dos escolhidos de Deus, o último dia, a palavra segura da profecia, a Nova Jerusalém, e o que mais não?

Se fizermos uma investigação mais profunda sobre a natureza desses mistérios de belas promessas, descobriremos que Satanás mais frequentemente se fixa nestes três: Primeiro, ele engana os homens levando-os a acreditar que as Escrituras, sob o véu de suas palavras e sentenças, contêm algumas noções ocultas que são propositalmente disfarçadas para que fiquem trancadas para a generalidade dos homens, pelo menos para os homens eruditos e sábios; e que essas raridades não podem ser percebidas a partir dos significados usuais das palavras e frases (como entendemos outros livros da mesma língua), mas imaginam que esses escritos sagrados são como os escritos dos egípcios, pelos quais ocultavam seus mistérios, especialmente como aquele tipo de escrita em que, sob palavras de sentido comum conhecido, pretendiam coisas que as próprias palavras não podiam significar. O que ocasiona essa imaginação é o fato de lermos frequentemente sobre mistérios nas Escrituras, e sabedoria oculta, e a revelação especial deles aos filhos de Deus, as quais são verdades muito grandes, mas não devem ser entendidas como supõe esta ilusão: pois estas expressões na Escritura não pretendem mais do que isto: que o desígnio de Deus de salvar o homem por Cristo é em si mesmo um mistério, que nunca teria sido descoberto sem uma revelação especial; e que, embora este mistério seja agora revelado pelo Evangelho, contudo, quanto à sua aplicação aos corações dos homens na conversão, pela operação do Espírito, ainda é um mistério. Mas nada disso pretende qualquer sugestão de que

existam noções privadas de verdade ou doutrina que jazem sob o solo (por assim dizer) nas palavras bíblicas, as quais as palavras na língua comum não nos dariam a conhecer; pelo contrário, afirma-se expressamente que tudo está claramente exposto até para os simples, de modo que, a partir das Escrituras, eles podem entender os princípios fundamentais da religião tão bem quanto podem entender qualquer outra coisa que sua língua lhes expresse. No entanto, nisto Satanás aproveita-se do orgulho e da curiosidade dos homens para fazê-los apressados na aceitação de tais ofertas, especialmente quando tais coisas são representadas como as únicas descobertas salvíficas das quais um homem não pode ser ignorante sem risco de condenação.

Segundo, neste alarde de mistério, Satanás às vezes toma outro curso, um pouco diferente do anterior, que é colocar os homens em reflexões e alusões alegóricas, pelas quais as passagens históricas da Escritura são transformadas (além do sentido da história) em semelhanças de verdades espirituais; o que pressupõe que a letra da Escritura seja verdadeira (mas ainda assim não melhor do que os primeiros rudimentos para treinar iniciantes), mas que, contudo, o significado espiritual dela eleva os habilidosos a uma classe superior na escola de Cristo. Nesse ritmo, tudo é transformado em alegorias. Se caem no primeiro capítulo de Gênesis, pensam que então o entendem verdadeiramente quando aplicam a luz e as trevas, e a separação delas feita por Deus, com outras passagens semelhantes, à regeneração da alma. O mesmo trabalho fazem com os sofrimentos de Cristo. Mas então o astuto adversário finalmente os seduz a abandonar a história, como se não passasse de uma parábola, não realmente acontecida, mas apenas ajustada para nos representar noções. As alegorias

foram uma armadilha que o Diabo preparou para os judeus e na qual eles se deleitavam maravilhosamente. O quanto Orígenes abusou de si mesmo e das Escrituras por este humor é conhecido por muitos; e como o Diabo prevaleceu geralmente por meio disso sobre pessoas tontas em tempos posteriores, não preciso lhes dizer.

O pretexto que Satanás possui para este trato é levantado a partir de algumas passagens do Novo Testamento, nas quais se diz que muitas coisas do Antigo Testamento tiveram um significado místico das coisas expressas ou transacionadas então, e algumas coisas são expressamente chamadas de alegorias. Por isso os papistas determinam que a Escritura possui, além do sentido gramatical (que todos nós reconhecemos) e além do sentido tropológico (que não é diverso ou distinto do gramatical; como quando de histórias deduzimos instruções de comportamento santo e sóbrio), um sentido alegórico e analógico: em cujo trato os homens não consideram que o Espírito de Deus interpretar uma passagem ou duas alegoricamente nunca justificará a audácia de qualquer homem em presumir fazer o mesmo com qualquer outra passagem da Escritura; e, além disso, quando qualquer um tentou sua habilidade por esse caminho, outro pode, com igual probabilidade, levar a mesma Escritura a uma interpretação diferente, e por este meio a Escritura se tornará não apenas obscura, mas totalmente incerta e duvidosa, e incapaz de provar qualquer coisa; de modo que isso desonra extremamente a Escritura, tornando-a pouco menos que ridícula. Porfírio e Juliano zombaram dela, por ocasião das alegorias de Orígenes, e não admira, visto que esse humor (como alguém o chama) não passa de uma tolice erudita. Não obstante isso, os homens às vezes são transportados por um deleite estranho em

transformar tudo em alegorias e colher mistérios de algumas passagens secundárias e circunstâncias da Escritura, onde menos se esperaria: o que não posso atribuir a nenhuma causa secundária mais do que ao funcionamento e poder da imaginação, a qual, assim como pode moldar ideias e imagens de coisas a partir do que não oferece semelhança ou proporção real (como homens que criam para si mesmos similitudes e figuras nas nuvens ou no fogo), assim ela se compraz em sua própria obra e, com um tipo de afeto natural, beija e abraça seu próprio bebê. Tem sido meu espanto, às vezes, ver quão apaixonados os homens têm sido por suas próprias fantasias e como doteiam extremamente por uma mera ninharia. Eu poderia lhes apontar exemplos disso, até a náusea, em todos os estudos, bem como neste da religião. Aqueles que afetam as sublimidades da química costumam, por uma audácia estranha, esticar todos os mistérios sagrados da Escritura (como o da Trindade, da regeneração, etc.) para representar seus segredos e processos, como pode ser visto suficientemente em seus escritos: um deles não posso deixar de nomear, e esse é Glauber; o qual se compraz tanto com alguns caprichos ociosos sobre *Sal* e *Sol*, que por fim concorda com Bernardinus Gomesius (a quem cita e aprova), o qual nesta única palavra *Sal* (que significa sal) encontra a Trindade, a geração do Filho, as duas naturezas de Cristo, o chamado dos judeus e gentios, a processão do Espírito e as comunicações do Espírito na Lei e no Evangelho, e tudo isso ele colhe das formas, traços e posições dessas três letras: uma invenção muito sutil! Não muito diferente disso foram algumas das caduquices da Cabala Judaica, que colhiam da escrita diferente de algumas letras no texto sagrado, da transposição delas e de sua aritmética mística. R. Elias, a partir da letra *Aleph*, mencionada seis vezes em *Gn*

1:1, coletou sua noção da continuação do mundo por 6000 anos, porque aquela letra *Aleph* representa mil na computação hebraica. Outro rabino (mencionado por Lud. Cappellus) possui uma profunda especulação sobre a primeira letra de Gênesis, a qual (como ele diz) começa, portanto, com *Beth*, e não com *Aleph*, para mostrar a veracidade inquestionável da Palavra de Deus, contra a qual nenhuma boca pode justamente se abrir, e isso ele colhe da maneira da pronúncia daquela letra *Beth*, que é realizada pelo fechamento dos lábios. Não seria possível imaginar que homens sábios fossem assim levados por loucuras infantis, se não houvesse algum tipo de encantamento na imaginação, o qual faz o acerto de um conceito (por mais tolo que seja) intoxicá-los rumo a uma apreensão de uma descoberta rara. E, sem dúvida, é esta a própria coisa que tanto transporta os alegorizadores e inventores de mistérios, que ficam maravilhados ou com a descoberta de um "nada novo", ou com a rara invenção de uma interpretação enigmática.

Terceiro, o Diabo possui ainda outra forma de cunhar mistérios, e esta é um pretexto de uma descoberta mais plena de noções e caminhos, os quais (como ele diz àqueles que estão dispostos a acreditar nele) são apenas vislumbrados na Escritura; e isto não contém apenas seu alarde de desvendar profecias e as aplicações perigosas delas a tempos e lugares que não têm relação com o assunto (o que mais de uma vez colocou homens em empreendimentos perigosos), mas também sua grande promessa de ensinar o caminho do Senhor mais perfeitamente, e de levar os homens a uma compreensão plena daqueles mistérios tremendos nos quais a Escritura ocultou tão industrialmente as razões, o modo e a maneira de seu ser, tanto quanto afirmou plenamente que eles existem (tais são os decretos de Deus, a Trindade, etc.), bem como de desdobrar e

ensinar amplamente aquelas coisas que a Escritura parece apenas sugerir. Em todos esses pontos temos exemplos suficientes à mão, que nos mostrarão como o Diabo jogou seu jogo, seja tornando os homens audazes em coisas não reveladas, ou levando os homens a desgostar de verdades sólidas, e inflando-os com noções, até que por fim estivessem preparados para a impressão de alguma grande ilusão. Tudo isso enquanto expliquei apenas o primeiro ponto dos pretextos especiosos de Satanás, que consiste na promessa de descobertas e mistérios.

O próximo ponto de pretextos são aqueles que se referem às pessoas enamoradas por esses supostos mistérios. Com estes ele lhes afaga as cabeças e faz com que se abraçem em um sonho de uma felicidade imaginária. Pois, se possuem o conhecimento de mistérios que estão trancados para outros homens, não podem evitar esta conclusão: que são os únicos favoritos do Céu; que somente eles possuem o Espírito, são somente ensinados por Deus, etc. Tais palavras inchadas de vaidade sempre acompanharam a ilusão. E, de fato, descobriremos a confiança de tais homens mais forte, e seus falsos abraços mais arrebatados, do que ordinariamente os caminhos da verdade proporcionam, por este motivo: que em tais casos a imaginação é elevada, e os deleites de uma imaginação exaltada são excessivos e entusiásticos. É um tipo de frenesi espiritual, que estende todas as faculdades para uma atividade extraordinária; o Diabo fazendo tudo o que pode para fomentá-lo, por meio de suas contribuições máximas. Alegria, deleite, esperança, amor, todos são elevados para fazer um alvoroço no coração; ao passo que, ao contrário, a verdade é modesta, humilde, sóbria e proporciona uma alegria mais silenciosa, embora mais uniforme e duradoura.

Aqui eu poderia apresentar o erro em seu desvario e dar-lhes um gosto de suas linhagens elevadas. Montano (por mais vil que fosse) teve a confiança de chamar a si mesmo de o Consolador. Novato e seu irmão seriam nada menos que Moisés e Arão. Os gnósticos chamavam a si mesmos de os *Illuminati*. Os swinkfieldianos assumiram o título de os confessores da glória de Cristo. A Família do Amor possuía seu *Evangelium Regni*, o Evangelho do Reino. Os *fratricelli* distinguiam-se dos outros pelo termo espiritual. Muntzer afirmava que todos os de sua opinião eram os eleitos de Deus; e que todos os filhos de sua religião deviam ser chamados filhos de Deus; e que todos os outros eram ímpios e destinados à condenação. H. Nicholas afirma que não havia conhecimento de Cristo nem da Escritura senão em sua família. Com este propósito a maioria deles fala, os que abandonam os caminhos da verdade; e embora esses inchaços não passem de vento e vapor, contudo essas alturas são muito úteis para os propósitos do Diabo: o qual, por este meio, confirma aqueles que já conquistou e então os equipa com a maior confiança para seduzir outros; e os homens são bastante aptos a serem atraídos por belas aparências e vanglórias confiantes. Mas prossigo.

O terceiro estratagema de Satanás para promover o erro é espantar os homens com uma linguagem estranha e expressões afetadas. Era um antigo artifício de Satanás cunhar um palavreado ininteligível como o veículo adequado para doutrinas entusiásticas estranhas, e isso ele ajusta artificialmente aos seus pretendidos mistérios; sem isso, suas raras descobertas seriam planas e monótonas demais para ganhar qualquer homem de entendimento competente. Pois, se essas caduquices fossem revestidas de palavras simples, apareceriam ou como um absurdo direto ou como uma tolice

ridícula. Interessa-lhe, quando tem quaisquer feitos de ilusão em mãos, apresentá-los com uma fala de gíria, assim como os malabaristas usam suas palavras difíceis, como *Ailif, Casyl, Zaze, Presto, Millat*, etc., para colocar seus admiradores ignorantes na crença de algum poder desconhecido pelo qual realizam suas maravilhas. E isso é, de certa forma, necessário; assuntos extraordinários estão acima da expressão, e tais expressões selvagens colocam os homens em uma expectativa de coisas sublimes. Esse truque Satanás usou constantemente. Montano tinha suas falas estranhas. E ao longo de todo o tempo até os nossos dias, podemos observar que o erro teve esse traje vistoso; os familistas especialmente abundam nele, você pode ler livros inteiros cheios de tal tipo de fala, como o livro chamado *Theologia Germanica*, ou Divindade Alemã; os livros de Jacob Behmen, *A Estrela Brilhante da Manhã*, etc. Nem os papistas estão isentos; um deles, ultimamente, deu-se ao trabalho de mostrar-lhes esta e outras loucuras: entre eles você pode encontrar conversas como esta: de estar "fechado na mente média de Deus" e em sua "mente mansa"; de ser "substancialmente unido a Deus", de ser "unificado com Deus"; bem como da "abstração da vida", de "uniões passivas", do "fundo deiforme da alma"; de um estado de "introversão": de uma "vida superessencial", um "estado de nada", etc. Exatamente como os delírios de H. Nicholas, David George e outros, que confiantemente discorrem sobre serem "deificados com Deus", de serem "consubstanciados com a Divindade" e de "Deus ser humanizado com eles".

Muitas vezes considerei que razão poderia ser dada para a atratividade de tais expressões e fui forçado a me satisfazer com estas: Primeiro, muitos confundem o conhecimento de palavras com o conhecimento de coisas. E bem podem os

pobres homens ignorantes acreditar que alcançaram não se sabe o quê por este artifício; quando, entre os homens eruditos, o conhecimento de palavras é estimado como um patamar tão grande de aprendizado, e eles alimentam uma grande quantidade de controvérsias que são apenas verbais. Segundo, alguns gostam de ser considerados conhecedores por outros e descansam em tais palavras difíceis como um distintivo de conhecimento. Terceiro, alguns deleitam-se com tal linguagem difícil na esperança de que ela os levará ao conhecimento das coisas por fim: pensam que expressões estranhas são um sinal de mistérios profundos. Conheci um que se dedicou à leitura dos livros de Jacob Behmen (embora no momento confessasse que mal era capaz de extrair sentido comum de três linhas seguidas) sob uma sedução secreta que tivera da linguagem para chegar a alguma descoberta excelente por meio de muito esforço e leitura. Quarto, alguns que possuem suas imaginações aquecidas têm, por este meio, impressões confusas e quebradas de coisas estranhas em suas imaginações e concebem-se conhecedores de coisas além do que a linguagem comum pode exprimir: como se, com Paulo, arrebatados ao terceiro céu, ouvissem e vissem maravilhas inefáveis. Mas qualquer que seja a razão que prevaleça com os homens para assumirem tal forma de falar, Satanás os faz acreditar que ela contém uma mina rica ou tesouro, não de verdades comuns, mas de profundidades extraordinárias.

Quarto, em vez de argumento para confirmar um erro, às vezes temos apenas asserções audazes de que ele é a verdade, e uma condenação confiante do contrário como um erro; instando o perigo de os homens o rejeitarem, apoiado por ameaças de inferno e condenação: e tudo isso nas palavras da Escritura. Com certeza eles estão certos e todos os outros homens estão

errados. Este tipo de confiança e ferocidade tem sido sempre a compleição de qualquer forma notável de ilusão; pois isso comumente confina a caridade deles ao seu próprio partido (o que é um grande sinal de um erro), não apenas se pode observar em tais proclamações extraordinárias de ira contra aqueles que não acreditarão neles: (prática usada pelos fanáticos loucos de Münster; que, como nossos quacres costumavam fazer, andam pelas ruas gritando: "Ai, ai; Arrependei-vos, arrependei-vos; saí da Babilônia; a pesada ira de Deus; o machado está posto à raiz da árvore"). Mas em seu ensino mais estabelecido, eles pronunciam todos como sendo o Anticristo, e da igreja carnal, os que se opõem a eles. Tome para isso as palavras de H. Nicholas: todo conhecimento (além do dele) não passa de feitiçaria e cegueira, e todos os outros mestres e aprendizes são uma falsa cristandade e a sinagoga do Diabo; um ninho de demônios e espíritos malignos; um ser falso, o Anticristo, o Reino do Inferno, a Majestade do Diabo, etc. Esta peça de arte não apenas nossos quacres (para quem nada é mais familiar do que dizer a qualquer opositor: "Tu estás condenado, estás no fel da amargura, o lago de fogo e enxofre está preparado para ti", etc.) mas também os papistas comumente praticam, os quais fecham as portas do céu para todos os que não são de sua igreja; e quando querem assustar alguém do protestantismo, não hesitam em dizer-lhe que não há possibilidade de salvação fora do caminho deles.

As razões desta política são estas: (1) O coração é propenso a ser assustado com ameaças e movido por comandos; especialmente aqueles que possuem um espírito mais terno e medroso; e embora nada saibam por si mesmos, contudo estas coisas geram temores que podem secretamente trair a razão e fazer os homens abandonarem o caminho reto por causa do

espanto. (2) A confiança dos que afirmam tais coisas também possui sua prevalência: pois os homens tendem a pensar que eles não falariam assim se não estivessem muito certos e não tivessem experiência real do que disseram: e assim os homens são convencidos contra suas próprias persuasões. (3) A majestade nativa da Escritura, em um assunto de tamanho risco, confere uma força inexprimível a tais ameaças: e embora (sendo mal aplicadas) não sejam mais ameaças bíblicas, contudo, porque Deus falou Seu desagrado naquelas palavras, os homens tendem a reverenciá-las: assim como os homens não podem evitar temer uma serpente ou um sapo (embora saibam que o ferrão e o veneno foram retirados), porque a natureza os dotou de ferrão ou veneno.

Quinto, é um truque usual de Satanás derivar crédito e honra para o erro a partir das excelências (supostas ou reais) das pessoas que mais eminentemente aparecem em favor dele. De modo que ele obtém força não pequena das qualidades daqueles que o propagam. O vulgo (que geralmente não mergulha profundamente na natureza das coisas) contenta-se com os argumentos mais superficiais e é mais depressa ganho para um bom conceito de qualquer opinião pelos respeitos que nutre pelo autor do que pela demonstração mais forte.

As excelências que geralmente os movem são ou seus dons ou sua santidade. Se o semeador de um erro for erudito, ou eloquente e afetuoso em sua fala, os homens tendem a subscrever a qualquer coisa que ele diga, a partir de uma admiração devocional cega pelas partes de que ele é dotado. E frequentemente, onde não há aprendizado, ou onde o aprendizado é depreciado (como sabendo demais ao homem), se houver fluência natural de fala, com uma medida suficiente

de confiança, isso os eleva muito mais na estima do tipo comum, que, portanto, o julga ser imediatamente ensinado por Deus e divinamente munido de dons. Nesse ponto começaram as divisões da igreja de Corinto: eles possuíam vários oficiais dotados diversamente; alguns foram tomados pelo dom de um homem, outros pelo de outro; alguns são por Paulo, como sendo profundo e vigoroso em seus discursos; outros por Apolo, como eloquente; um terceiro grupo era por Cefas, como (suponha-se) um pregador afetuoso: assim, por respeitos pessoais, dividiram-se em partidos. E se esses vários mestres fossem de opiniões diferentes, seus aderentes as abraçavam por um conceito afetuoso de suas excelências. E geralmente Satanás trabalhou muito por meio de tais considerações como estas. Ele instiga isso contra o próprio Cristo, quando estabelece a sabedoria e o aprendizado dos governantes e fariseus como um argumento de verdade em sua forma de rejeitar tal Messias (*Jo 7:48*): *Creu nele porventura algum dos principais ou dos fariseus?*. Não há insinuação mais frequente do que esta: estes são homens eruditos, excelentes e capazes, e portanto o que dizem ou ensinam não deve ser desacreditado; e embora este seja apenas um *argumentum stultum*, um argumento tolo, contudo alguns que gostariam de ser contados como sábios fazem dele um uso muito grande. O alarde de doutores eruditos entre os papistas é um tópico de persuasão para o papismo, e o mesmo ocorre com outros erros, como transparece nisto: que todos os erros abundam em grandes declamações de louvor aos seus fundadores e mestres; e os erros mais iletrados geralmente magnificam as excelentes inspirações e dons de elocução de seus líderes.

Mas a outra excelência de santidade nos mestres do erro é mais geralmente e mais vantajosamente aprimorada por Satanás para

persuadir os homens de que é tudo verdade o que tais homens professam. Desta ilusão Cristo nos avisou: *Vêm a vós vestidos como ovelhas*; isto é, sob a máscara de uma santidade aparente (pelo menos no início); *contudo, guardai-vos deles* (*Mt 7:15*). Aqueles de quem Paulo se queixou (*2Co 11:15*), embora fossem ministros de Satanás, contudo, para que eles e sua doutrina pudessem ser aceitos de forma mais plausível, *transfiguravam-se como ministros da justiça*: esta astúcia podemos espiar em heréticos de todas as eras. Os escribas e fariseus usavam o pretexto de santidade como uma peça principal de arte para atrair outros ao seu caminho; suas esmolas, jejuns, longas orações, observâncias estritas, etc., eram todos projetados como uma rede para capturar a multidão. As doutrinas mentirosas do Anticristo foram preditas por Paulo como tendo seu sucesso a partir deste estratagema; toda aquela idolatria e paganismo que ele deve introduzir deve ser (e tem sido) por meio da hipocrisia de uma santidade pintada; e onde ele pretende mais interpretar o dragão, ali ele mais artificialmente falsifica a inocência e a simplicidade do cordeiro. Arqui-heréticos têm sido arqui-pretendentes de santidade. E tais pretextos possuem grande influência sobre os homens: pois a santidade e a verdade são tão próximas que eles não acreditarão prontamente que possa ser uma falsa doutrina a que um homem santo ensina; eles pensam que Deus, que deu a um mestre a santidade, não lhe negará a verdade: sim, esta é uma medida fácil e plausível que possuem para a verdade e o erro. Inquirir sobre os meandros e profundezas de uma disputa é cansativo e difícil demais para os homens comuns e, portanto, satisfazem-se com esta consideração (que possui pouco trabalho e tão pouca certeza): que certamente Deus não deixará homens santos entregues a uma ilusão. Seria interminável dar

todos os exemplos que estão à mão nesta matéria; acrescentarei apenas algumas coisas do método de Satanás ao gerir este argumento, como:

Primeiro, quando ele possui um desígnio de ilusão comum ou prevalecente, ele se esforça principalmente por corromper alguma pessoa de comportamento mais estrito, sério e religioso para ser o capitão e líder; tais homens foram Pelágio, Ário, Socino, etc. Ele se esforça principalmente por ter instrumentos adequados. Se ele está naquele desígnio de manchar a religião e trazer a verdade ao descrédito, então (como observa alguém) ele persuade tais pessoas para o ministério que ele prevê que provavelmente serão ociosas, descuidadas, profanas e escandalosas; ou se esforça por promover tais ministros para lugares mais conspícuos e os provoca ao erro, para que o exemplo deles possa ser uma objeção contra a verdade, enquanto, nesse ínterim, ele está disposto que os opositores da verdade continuem seu comportamento suave; e então ele coloca uma espada de dois gumes nas mãos dos instáveis: "Pode ser a verdade onde há tanta maldade? E pode ser erro onde há tanta santidade?".

Segundo, na execução deste desígnio, ele geralmente leva os homens a algum rigor mais do que comum, para que o pretexto de santidade seja mais aumentado; neste caso, um curso de santidade comum não é suficiente, eles devem estar acima da prática comum; algumas adições singulares de severidade e exatidão acima do que está escrito são comumente afetadas para torná-los mais notáveis. Cristo nota isso nos fariseus, quanto a todas as suas devoções e às formas de expressá-las; seus filactérios falados em *Mt 23:5* (como alguns pensam) não eram pretendidos por aquele texto de *Dt 6:8*, mas apenas que

deveriam se lembrar da lei e se esforçar para não esquecê-la; como fazem os que amarram um fio ou algo semelhante em seu dedo para lembrança; de acordo com *Pv 3:3*: *Ata-os ao teu pescoço; escreve-os na tábua do teu coração*. No entanto, se fossem literalmente ordenados, eles os teriam (como Cristo lhes diz) mais largos que os outros, como evidência de seu maior cuidado. Os cátaros gabavam-se de santidade e boas obras, e rejeitavam segundos casamentos; os apostólicos foram assim chamados a partir de uma pretendida imitação mais estrita da santidade singular dos apóstolos. Os valesianos faziam-se eunucos (de acordo com a letra) pelo Reino de Deus. Os donatistas consideravam que não havia igreja verdadeira onde qualquer mancha ou enfermidade fosse encontrada. Os messalianos ou euquitas eram pela oração constante. Os nudipedais por andarem descalços, etc. Os papistas instam horas canônicas, açoites, penitências, peregrinações, pobreza voluntária, abstinência de carnes e casamento em seus padres e votários. Em uma palavra, todas as seitas notáveis possuem algo de singularidade especial, pela qual querem diferenciar-se dos outros, como um caráter peculiar de seu maior rigor; e, por falta de coisa melhor, às vezes assumem gestos afetados, olhares devocionais e vestimentas externas; tudo o que possui esta nota: que aquilo que eles mais defendem, Deus menos, ou de modo algum, exigiu de suas mãos; sua humildade voluntária, ou negligência do corpo, sendo apenas culto voluntário e uma peça de religião por eles mesmos idealizada.

Terceiro, uma vez que os homens são colocados no caminho de exercer severidades, Satanás esforça-se (trabalhando sobre suas imaginações) por pressioná-los ainda mais para um deleite e satisfação nesses caminhos de rigor, de modo que os próprios praticantes não apenas são confirmados nesses usos e nas

opiniões que lhes são concomitantes, mas outros são mais facilmente atraídos a gostar e professar as mesmas coisas. Qualquer temperamento sério sob qualquer profissão de religião facilmente se torna devoto e prontamente concorda com as oportunidades de evidenciar sua devoção pelo rigor. E, portanto, encontraremos entre os pagãos uma grande severidade devocional, e tal que excede em muito tudo o que os papistas costumam alardear: os magos abstinham-se de vinho, não comiam a carne de criaturas vivas e professavam virgindade. Os brâmanes indianos faziam o mesmo e, além disso, habituavam-se a privações incríveis; deitavam-se sobre peles, suportavam a violência do sol e das tempestades, e exercitavam-se com isso; alguns passando trinta e sete anos nesse curso, outros mais. Lemos coisas estranhas desta natureza sobre os sacerdotes egípcios e outros. Os maometanos não carecem de suas ordens religiosas, que pretendem uma vida mais santa e austera que os outros; e embora de alguns (como dos torlaquis e dervixes) várias vilanias privadas sejam relatadas, contudo de outros (como da ordem do calender) somos assegurados pela História que professam virgindade e se expõem a privações e a uma devoção mais estrita em seu caminho; e geralmente diz-se de todos eles que andam pobremente vestidos, ou seminus; alguns abstêmios no comer e no beber, professando pobreza, renunciando ao mundo: alguns podem suportar cortes e golpes como se fossem insensíveis; alguns professam silêncio perpétuo, embora instigados com injúrias e torturas; outros possuem correntes em seus pescoços e braços para mostrar que estão amarrados para o mundo, etc. Se tais coisas podem ser encontradas entre os pagãos, não admira que o erro se gabe delas, pois em ambos existe a mesma razão de os homens se agradarem em tais privações (que

provém de uma devoção natural, auxiliada pela astúcia de Satanás) e o mesmo desígnio conduzido por isso; pois o Diabo confirma os pagãos e maometanos em sua falsa adoração pela reverência e respeito que nutrem por tais práticas.

Quarto, porque a santidade religiosa possui uma beleza em si e é muito amável, ele faz tudo o que pode para afetar os homens com a mais alta reverência por esses pretextos de rigor religioso: de modo que aqueles que não se darão ao trabalho de praticá-los podem conceder um respeito e admiração excessivos àqueles que se tornaram famosos no uso de tais coisas; e por esse meio, sendo quase adorados, são sem dúvida persuadidos de que tudo o que ensinam ou fazem está certo e, em uma afeição cega, multiplicam erros supersticiosos. Supõe-se que a idolatria tenha grande parte de seu surgimento a partir disto: enquanto os homens se esforçavam por expressar suas lembranças gratas e admiradas de algumas pessoas excelentes, ao estabelecerem suas pinturas, sua posteridade começou a adorá-las como deuses. As peregrinações foram iniciadas pelos respeitos que os homens davam a lugares que se tornaram famosos por pessoas e ações de santidade mais do que comum: e porque o Diabo descobriu que os homens eram muito aptos a se agradarem ao prestarem tais reverências devocionais, ele trabalhou sobre o humor supersticioso deles para multiplicar para si mesmos as ocasiões disso e, por tradições fabulosas, enviou-os a lugares não tornados memoráveis de outra forma senão por sonhos e imposturas. Muito disso você poderia ver se acompanhasse uma caravana do Cairo até Meca e Medina, onde veria os peregrinos zelosos com uma grande quantidade de orações e preces rodeando a casa de Abraão; beijando uma pedra que (dizem eles) caiu do céu, benzendo-se com uma relíquia da velha vestimenta da casa de Abraão; lavando-se no

tanque que (conforme reza a tradição deles) o anjo mostrou a Hagar; saudando o Monte dos Perdões; atirando pedras em desafio ao Diabo, como (diz a lenda deles) Ismael fez; suas orações no Monte da Saúde; sua visita ao túmulo do profeta em Medina, etc. O mesmo você poderia observar entre os papistas, em suas peregrinações a Jerusalém e ao Sepulcro, à capela de Nossa Senhora de Loreto e outros lugares. Por tais artifícios as pessoas desatentas são transportadas com um prazer, tanto que não apenas se persuadem de que são muito devotas nessas reverências, mas também se tornam inalteravelmente fixadas a esses erros que sustentam essas práticas deleitosas, ou que, como consequências, delas emanam.

Sexto, um argumento mais plausível para o erro (do que o aprendizado e a santidade das pessoas que o professam) é o da Inspiração, no qual o Diabo voa alto e pretende a mais alta garantia divina para suas falsidades: pois Deus é a Verdade, e sabemos que nenhuma mentira provém da Verdade. Ora, fazer os homens acreditarem que Deus, pelo Seu Santo Espírito, de qualquer maneira dita tais opiniões, ou certamente revela tais coisas como verdades, é um dos mais altos artifícios que ele pode pretender; e tal confirmação deve ser (para aqueles que estão assim persuadidos) que todas as disputas e dúvidas devem necessariamente ser silenciadas.

Que o Diabo pode assim se transformar em um anjo de luz, somos assegurados pela Escritura, que nos preveniu particularmente contra este engano. A apostasia dos tempos posteriores (*1Tm 4:1*) o apóstolo previu que seria conduzida pela prevalência deste pretexto: *Alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores*. Que por "espíritos" ali se pretendem doutrinas, e não doutores, é a interpretação do Sr.

Mede: mas dará no mesmo se considerarmos que a palavra "espírito" carrega mais em si do que doutrina ou doutor; pois chamar um ou outro de espírito seria intoleravelmente duro, se não fosse por isto: que aquele doutor é aqui suposto pretender uma infalibilidade do Espírito de Deus ou (o que é o mesmo) que recebeu sua doutrina por alguma revelação imediata do Espírito; de modo que por "espíritos enganadores" devem ser homens ou doutrinas que seduzem outros a acreditarem neles pelo pretexto do Espírito ou da Inspiração. E aquele texto de *1Jo 4:1* assim o explica: *não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus*; o que é o mesmo que se tivesse dito: não acrediteis em todo homem ou doutrina que pretenda ser enviado por Deus e possuir o Seu Espírito; e a razão ali dada torna isso ainda mais claro: *porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo*. De modo que esses espíritos são falsos profetas, homens que pretendem inspiração. E o aviso, *não creiais em todo espírito*, nos diz que Satanás, com tamanha destreza, falsifica as inspirações do Espírito que homens santos e bons correm risco não pequeno de serem enganados por isso. Muito pleno para este propósito é o texto de *2Ts 2:2*: *Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse perto*; onde os vários meios de sedução são particularmente enumerados como distintos da doutrina e dos doutores, e por "espírito" não se pode entender outra coisa senão um pretexto de inspiração ou revelação.

É evidente, então, que Satanás, por este artifício, costuma colocar um selo de garantia divina sobre sua moeda adulterada; e se olharmos para sua prática, em todas as eras o encontraremos nesta obra. Entre os pagãos, ele frequentemente

ganhou renome para sua adoração idólatra supersticiosa por este meio: os homens de maior nota entre eles fingiam um comércio espiritual com os deuses. Empédocles esforçou-se por fazer o povo acreditar que havia um tipo de divindade nele e, afetando ser estimado mais que um homem, lançou-se nas chamas do Monte Etna, para que supusessem que ele fora levado para junto dos deuses. A ficção de Pitágoras sobre uma jornada ao inferno foi pelo mesmo motivo. Filóstrato e Cedreno relatam nada menos de Apolônio do que o fato de ele ter tido conversas familiares com suas supostas divindades: e o mesmo acreditavam de seus magos e sacerdotes; tanto que alguns políticos astutos (observando como o vulgo estava sob uma profunda reverência a tais pretextos) divulgaram que haviam recebido suas leis por inspirações divinas. Numa Pompílio fingiu ter recebido suas instituições da ninfa Egéria; Licurgo, de Apolo; Minos, o legislador de Creta, vangloriava-se de que Júpiter era seu familiar. Maomé também fala tão alto nesse sentido quanto qualquer outro; seu Alcorão deve ser nada menos que uma lei recebida de Deus e, para esse fim, ele pretende uma jornada estranha ao céu e conversas frequentes com o anjo Gabriel.

Se rastrearmos Satanás nos erros que ele suscitou sob a profissão das Escrituras, poderemos observar o mesmo método: os valentinianos, gnósticos e montanistas falavam tão confiantemente do Espírito quanto Moisés ou os profetas poderiam fazer, e muito mais; pois alguns deles blasfemamente chamavam a si mesmos de o Paráclito ou Consolador. Entre os monstros que eras posteriores produziram, ainda encontramos a mesma linhagem: um diz que é Enoque, outro intitula-se o grande profeta, outro possui arrebatamentos, e todos imediatamente inspirados. Os papistas possuem tanto deste

engano entre eles quanto qualquer outro, e alguns de seus defensores eruditos asseveram seu *Lumen Propheticum* e *Miraculorum Gloria*, profecias e milagres, como sendo os dois olhos, ou o sol e a lua de sua igreja; sim, por um estranho transporte de loucura (para o confisco da reputação de aprendizado e razão), eles multiplicaram tanto as revelações que possuem volumes inteiros delas, como as revelações de sua Santa Brígida e outros; e por uma credulidade maravilhosa não apenas elevaram sonhos aparentes e caduquices à honra de inspirações ou visões, mas sobre este fundamento arenoso edificaram muitas de suas doutrinas, como o purgatório, a transubstanciação, a confissão auricular, etc. Por tais garantias instituíram festivais e fundaram várias ordens; os detalhes dessas coisas você pode ver mais amplamente no Dr. Stillingfleet e outros. E para que nada faltasse que pudesse torná-los desavergonhadamente impudentes, não se contentam em igualar suas tolices com as Escrituras de Deus — como que a regra de seu São Francisco (para citar apenas ele, omitindo outros por brevidade) não foi composta pela sabedoria do homem, mas pelo próprio Deus, e inspirada pelo Espírito Santo —; mas elevam seus profetas acima dos apóstolos e acima do próprio Cristo. O São Bento deles (se você quiser acreditar neles) foi arrebatado ao terceiro céu, onde viu Deus face a face e ouviu o coro dos anjos; e o seu São Francisco foi inigualável em milagres e revelações. Nem devemos nos maravilhar que Satanás seja apressado em instar este engano, quando consideramos:

Primeiro, que reverência os homens naturalmente dedicam às revelações e quão aptos são a serem surpreendidos por uma credulidade apressada. Uma profecia antiga, pretendida ter sido encontrada em uma parede, ou retirada de um manuscrito velho

(de não se sabe qual autor incerto), é geralmente mais doteada do que as regras claras e infalíveis da Escritura: observamos isso diariamente, e os estrangeiros culpam muito os ingleses por uma crença fácil em tais coisas, mas é uma falha geral da humanidade, e encontramos até homens sábios apressados em suas persuasões sob fundamentos mais baixos do que aqueles que ganham crédito para profecias antigas. Pois a antiguidade e a estranheza da descoberta delas, especialmente em tais tempos em que a postura presente dos negócios parece favorecer tais predições com uma probabilidade de tais eventos, possuem maior chance de obter crédito do que estas imitações artificiais dos caminhos e trajes dos antigos profetas, e a astuta trapaça daqueles que pretendem inspirações por meio de êxtases aparentes, arrebatamentos e declarações confiantes, etc. Não obstante, enganadores descarados têm, por esses caminhos, enganado homens de peso. Alvarus reconhece que honrou uma mulher como santa, que tinha visões e arrebatamentos, como se fosse realmente inspirada (e as mesmas apreensões tiveram o bispo e os frades), a qual foi depois descoberta como sendo uma mulher má: quem então achará estranho que a multidão desatenta seja iludida por tal arte?

Segundo, especialmente se considerarmos que o próprio Deus tomou este curso para significar Sua mente aos homens; Seus profetas foram divinamente inspirados, e as Escrituras não foram de qualquer interpretação particular: as palavras que os escritores das Escrituras escreveram não eram as interpretações de seus próprios pensamentos privados; pois a profecia não veio antigamente pela vontade do homem, mas os homens santos de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo (*2Pe 1:20, 21*). Ora, embora as profecias da Escritura estejam seladas e nada mais deva ser acrescentado a elas sob qualquer pretexto

que seja, contudo, visto que nos foram deixadas promessas da concessão do Espírito, de sermos ensinados e guiados pelo Espírito, é uma questão fácil para Satanás enganar os homens rumo a uma expectativa de inspirações proféticas e a uma crença no que é pretendido como tal. Pois nem todos os homens entendem, ou querem entender, que essas promessas do Espírito não possuem a intenção de novas e extraordinárias revelações imediatas, mas apenas das aplicações eficazes daquilo que já está revelado na Escritura. Este tipo de revelação nós reconhecemos e ensinamos, o que está bem longe do entusiasmo (isto é, uma pretendida revelação de novas verdades), e temos razão para afirmar que persuasões internas sem a palavra externa devem ser evitadas como trapaças de Satanás. Mas, apesar de tudo isso, quando as mentes dos homens estão voltadas para a divagação, se encontram com aqueles que magnificam seus próprios sonhos e chamam suas fantasias de visões, a adequação disso ao seu humor os faz rejeitar nossas interpretações dessas promessas como falsas, e os persuade de que devem ser entendidas como tais inspirações que os profetas de outrora tiveram; e então eles concluem prontamente que devem acreditar nelas, para que, de outra forma, não resistam ao Espírito Santo.

Terceiro, a vantagem que o Diabo tem para operar a ilusão sob este pretexto é um forte motivo para que ele a pratique. Pois inspirações, visões, vozes, impulsos, sonhos e revelações são coisas em que impostores perversos podem, de muitas maneiras e artifícios, interpretar papéis falsos sem serem descobertos; é fácil profetizar sonhos falsos e dizer: "Assim diz o Senhor", quando, na verdade, mentem, e o Senhor nunca os enviou nem lhes ordenou nada. Sim, é fácil, por meio de truques e ilusões, conferir honra e crédito aos seus desígnios, o

que não conseguiriam apenas com suas meras afirmações, apoiadas por toda a sua arte de aparente seriedade. As invenções dos homens (que anteriormente tiveram sucesso neste engano), sendo agora expostas ao nosso conhecimento, podem nos tornar mais cautelosos em nossa confiança.

Entre os pagãos, você pode encontrar formas notáveis de enganos desta natureza. A história de Hano e Psapo é comumente conhecida: eles domesticaram pássaros e os ensinaram a dizer: "Hano e Psapo são deuses"; e então os libertaram para que os homens, ouvindo tais vozes estranhas nos bosques vindas dos pássaros, pudessem imaginar que esses homens foram declarados deuses por uma descoberta especial. O artifício de Maomé de fazer uma pomba vir frequentemente ao seu ouvido (o que ele conseguiu treinando-a para colher grãos de dentro dele) serviu-lhe de evidência (entre os espectadores vulgares, que ignoravam a verdadeira causa) de sua inspiração imediata pelo anjo Gabriel, o qual (como ele lhes dizia) sussurrava em seu ouvido na forma de uma pomba. A mesma trapaça ele praticou para a confirmação da verdade de seu Alcorão, ao fazer um touro (treinado anteriormente para vir a um chamado ou sinal) vir até ele com um capítulo sobre seus chifres. Hector Boetius nos fala de um estratagema semelhante de um rei dos escoceses que (para animar seus súditos desfalecidos contra os pictos que os haviam derrotado) fez com que um homem vestido com a pele brilhante de peixes e com madeira podre (que, como um vaga-lume na noite, emite uma luz fraca) aparecesse entre eles no escuro e, através de uma cana ou tronco oco (para que a voz não parecesse humana), os incitasse a um ataque vigoroso: eles tomaram aquilo como um anjo, trazendo-lhes este comando do céu, e consequentemente lutaram e prevaleceram. O astuto Bento

(que depois foi Papa sob o nome de Bonifácio VIII) fez o simples Celestino V renunciar ao papado ao transmitir-lhe uma voz através de uma cana para este propósito: "Celestino, Celestino, renuncia ao papado; entrega-o, se queres ser salvo, o fardo está além de tuas forças", etc. O pobre homem, tomando isso como uma revelação do céu, abandonou sua cadeira e a deixou para o astuto Bento. Não há muitos anos, o mesmo truque foi pregado neste país a um homem de revelações, que se chamava Davi no Espírito; quando ele já havia cansado seu anfitrião com uma longa permanência, este livrou-se de sua companhia (conforme fui informado de forma fidedigna) por uma tática que percebeu que se adequaria bem à presunção do homem: através de uma cana, durante a noite, disse-lhe que ele deveria ir para Gales, ou algum país assim, e ali pregar o Evangelho; na manhã seguinte, o homem alegou uma revelação de Deus para ir a outro lugar e assim partiu.

Estes exemplos mostram como um trapaceiro astuto pode conduzir um pretexto de revelação ou visão. E contudo, esta não é toda a vantagem que o Diabo tem nesta matéria, embora seja uma vantagem que ele às vezes utiliza quando está munido de instrumentos adequados. Mas ele trabalha de forma mais perigosa quando age sobre os homens de tal modo que eles mesmos acreditam ter visões, arrebatamentos e revelações, pois alguns estão realmente convencidos de que é assim com eles. Nem é estranho que os homens sejam iludidos rumo a uma apreensão de que ouvem e veem o que não existe; em febres, frenesis e loucura, vemos claramente que é assim: e quem pode convencer tais pessoas de seus erros quando, com a maior confiança possível, sustentam que não estão enganadas? Pensaremos ser estranho que Satanás tenha formas de transmitir falsas apreensões às mentes dos homens?

Certamente não. Não vemos que os sentidos podem ser enganados e que as imaginações dos homens podem ser corrompidas? Não é fácil para ele transmitir vozes ao ouvido, ou formas e representações ao olho? E, em tais casos, o que pode ordinariamente impedir a crença de que ouvem ou veem tais coisas? Mas ele nem sempre precisa trabalhar sobre a imaginação por meio dos sentidos. Se ele tem a vantagem de uma imaginação doentia e distemperada (como comumente tem em pessoas melancólicas), ele pode fixar tão fortemente suas sugestões nelas, e colocar a imaginação tão eficazmente a trabalhar para abraçá-las, que, sem qualquer aparência de loucura, elas se persuadirão de que possuem descobertas de Deus, impulsos pelo Seu Espírito, Escrituras gravadas em seus corações, e o que mais não? E porque sentem o funcionamento dessas coisas dentro de si, é impossível fazê-las sequer suspeitar que estão enganadas.

Basta considerar o poder de qualquer fantasia em uma pessoa melancólica, e você poderá facilmente apreender como Satanás trabalha em tais ilusões. A melancolia perverte estranhamente a imaginação e gerará nos homens mal-entendidos maravilhosos, e isso às vezes os enfeitiça rumo a uma crença peremptória e incontrolável de sua fantasia; é um humor veemente e confiante; para qualquer lado que se incline, a imaginação assim corrompida possui uma força enorme, de modo que, se ela se fixar em coisas por mais absurdas ou irracionais que sejam, não é redutível pelas razões mais fortes. Se tal homem imagina-se morto, ou que foi transformado em um lobo ou gato, ou que é feito de vidro (como muitos nesta enfermidade têm feito), não há persuasão em contrário que possa ter lugar com ele. Ora, se este humor for ocupado com assuntos divinos (como geralmente acontece, pois possui uma inclinação natural

para coisas religiosas), ele ainda age com ferocidade e confiança, e há muitas coisas frequentemente concomitantes a tais atos que, se houver um mal-entendido sobre inspiração ou profecia, as próprias partes não apenas ficam presas sob essa persuasão, mas até espectadores incautos são iludidos. Pois, às vezes, uma imaginação melancólica não é totalmente corrupta, mas apenas em relação a um ou dois detalhes, enquanto em outras coisas age regularmente; e então nem eles nem outros (que não estão familiarizados com tais casos) são tão aptos a suspeitar que estão enganados nestas coisas, enquanto agem racional e sobriamente em outros assuntos. Às vezes possuem ataques veementes de surpresa (pois o humor tem seus fluxos e refluxos) e isso lhes dá ocasião para apreenderem que algo está agindo ou elevando-os sobrenaturalmente; e então, quando as coisas que falam são, quanto à matéria, de interesse religioso e noções singulares (pois o humor voa alto e não se limita a coisas comuns), e além disso proferidas em retórica bíblica e com fervor e urgência de espírito — quando estas coisas concorrem, há tal aparência de inspiração que as próprias partes e outros descansam plenamente persuadidos de que assim o é.

Sétimo, milagres pretendidos e falsificados o Diabo utiliza muito para apoiar o erro, e este é também um de seus baluartes; pois ele sugere que o próprio Deus dá testemunho, por meio desses sinais, prodígios e milagres, a tal doutrina errônea que parece estar envolvida por eles. Que o Diabo não pode realizar um milagre verdadeiro já foi discutido antes, mas que ele pode realizar muitas coisas estranhas, e tais que podem gerar admiração, ninguém nega; e que, por tais ações incomuns, ele geralmente se esforça para justificar falsas doutrinas e apresentá-las com a aparência de aprovação divina, somos

suficientemente prevenidos nas Escrituras. Janes e Jambres resistiram a Moisés por meio de falsos milagres. Em *Dt 13:1*, Deus fala dos sinais e prodígios de falsos profetas, que por esse meio buscariam seduzir o povo a seguir outros deuses. Cristo também, em *Mt 24:24*, prediz que falsos cristos e falsos profetas se levantarão e mostrarão grandes sinais e prodígios, de tal modo que (se fosse possível) enganariam os próprios eleitos, e coloca uma nota especial de cautela sobre isso: *Eis que vo-lo tenho predito*. E com o mesmo propósito é o que Paulo diz sobre o Anticristo em *2Ts 2:9*, onde nos fala de sinais e prodígios de mentira pelo poder de Satanás; o qual, o tempo todo, apenas mente e engana para levar os homens ao erro.

Se inquirirmos como Satanás geriu este motor, observaremos não apenas sua diligência em usá-lo em todas as ocasiões para apoiar todo tipo de erro, tanto no paganismo quanto na cristandade, mas também sua destreza sutil ao enganar os homens com falsificações e mentiras.

A idolatria pagã, entre outros auxílios para seu avanço, não careceu deste: os oráculos e respostas (que eram comuns antes da vinda de Cristo) eram estimados como confirmações milagrosas da verdade das divindades que adoravam; os movimentos e falas de suas estátuas eram argumentos de que a presença operativa de algum *numen* celestial estava fixada em tal imagem. Em alguns lugares, os sacrifícios solenes nunca são realizados sem um milagre aparente. Como em Nova Zembla, onde os transes do sacerdote, o fato de ele enfiar uma espada em seu ventre, fazer sua cabeça e ombro caírem de seu corpo em uma caldeira de água quente pela tração de uma linha, e então seu reviver novamente perfeito e inteiro, sem ferimento ou dano, são todas coisas estranhas e espantosas para

os espectadores. Mas, além de tais coisas que são prodígios constantes e permanentes, lemos sobre alguns que tiveram, por assim dizer, um dom de milagres, para que pudessem ser eminentemente instrumentais em promover e honrar o paganismo. Todas as histórias concordam que Simão Mago fez tantas coisas estranhas em Roma (como fazer uma imagem andar, transformar pedras em pão, transformar-se em várias formas, voar no ar, etc.) que foi estimado um deus. Filóstrato e Cedreno relatam grandes feitos de Apolônio, como que ele podia livrar cidades de escorpiões, serpentes, terremotos, etc., e que muitos milagres foram realizados por ele; este homem Satanás levantou de maneira extraordinária para reviver a honra do paganismo, para que pudesse ao menos rivalizar com o cristianismo. E embora poucos tenham atingido a altura que Apolônio e Simão Mago alcançaram, contudo temos vários exemplos de grandes coisas feitas vez ou outra por algumas pessoas singulares em uma ocasião especial, as quais Satanás aprimorou para sua vantagem. Vespasiano curou um homem coxo e um cego. Adriano curou uma mulher cega e, o que é mais, após sua morte, pelo toque de seu corpo, um homem da Panônia que nascera cego recebeu a visão. Valério Máximo fala de muitas coisas estranhas e, particularmente, de uma virgem vestal que tirou água com um crivo. Assim como Lívio fala de outra (chamada Cláudia) que, com seu cinto, puxou para a margem o navio que carregava a mãe dos deuses deles, quando nem a força de homens nem de bois conseguira fazê-lo.

Erros sob a profissão do cristianismo têm sido apoiados e propagados pelo alarde de milagres. Um exemplo claro disso temos no papismo, sendo essa religião um alarde perpétuo de prodígios. Deixando de lado seu grande milagre da transubstanciação (que, como alguém demonstrou

ultimamente, é um amontoado de milagres, ou antes de contradições), porque não aparece aos sentidos de nenhum homem e, consequentemente, não é capaz de ser um argumento para provar qualquer de suas opiniões, temos abundância de coisas estranhas relatadas por eles como provas de algumas de suas doutrinas em particular — como o purgatório, a invocação dos santos, a transubstanciação, etc. — e de sua profissão em geral: demônios expulsos, cegos e coxos curados, mortos ressuscitados, e o que mais não? Seria interminável recitar detalhes; levaria muito tempo contar o que o seu São Francisco fez: como ele tirou água de uma rocha, como foi homenageado por aves e peixes, como fez uma fonte em Márcia jorrar vinho, e o quanto ele excedeu o próprio Cristo em feitos maravilhosos. Cristo nada fez que São Francisco não fizesse; sim, ele fez muito mais coisas do que Cristo fez: Cristo transformou água em vinho apenas uma vez, mas São Francisco o fez três vezes; Cristo transfigurou-Se uma vez, mas São Francisco vinte vezes; ele e seus irmãos ressuscitaram mais de mil pessoas, expulsaram mais de mil demônios, etc. O São Domingos deles ressuscitou três homens mortos. O seu Xavier, enquanto vivo, fez muitos milagres e, após morto, seu corpo permaneceu por quinze meses com cheiro suave, sem qualquer mancha de corrupção. É enfadonho repetir as histórias deles; abundância de tal material poderia ser acrescentada de seus próprios escritos: o desígnio de tudo isso é provar (para aqueles que são tão pródigos de sua fé a ponto de acreditar neles) que somente eles são a verdadeira Igreja e que, por esta nota (entre outras), podem ser conhecidos como tal.

Mas desviemo-nos um pouco para observar a astúcia de Satanás neste pretexto de milagres; que as coisas sejam pesadas sobriamente e poderemos ver o suficiente do engano. Este

grande alarde resolve-se (como diz Agostinho) em uma destas duas coisas: ou as ficções de homens mentirosos, ou a astúcia de espíritos enganadores.

Quanto à primeira destas, é evidente que uma grande quantidade de coisas que foram tomadas pelo vulgo como prodígios poderosos não passavam de trapaças de impostores, que nesta matéria usaram uma astúcia tríplice.

Primeiro, por mera prestidigitação e falsificação em conluios e artimanhas privadas, colocaram no palco pessoas (instruídas anteriormente para desempenharem seus papéis) ou coisas preparadas de antemão para fingirem ser o que não eram, para que outros parecessem fazer o que não faziam, e tudo para espantar aqueles que não conhecem o fundo da questão. Desta natureza foram a pomba e o touro de Maomé, que foram treinados privadamente para aquela obediência e familiaridade que usavam com ele. Os sacerdotes pagãos não ignoravam totalmente esta peça de arte. Luciano nos fala de um certo Alexandre que nutriu e domesticou uma serpente e fez o povo de Ponto acreditar que era o deus Esculápio; e, sem dúvida, os sacerdotes dos ídolos aprimoraram suas artimanhas artificiais privadas. Como os movimentos de suas imagens (como a de Vênus feita por Dédalo, que, por meio de mercúrio fechado em seu interior, podia mover-se); o comer e beber delas (como na história de Bel nas adições apócrifas ao Livro de Daniel); suas respostas e várias outras aparições (como a da cabeça de papel de Adônis ou Osíris) que (conforme relata Luciano) vem flutuando pelo rio todos os anos do Egito até Biblos, etc. Estas e outras semelhantes eles aprimoraram como evidências do poder, conhecimento e realidade de seus deuses. E embora na prevalência da idolatria, onde não havia partido considerável

para se opor, seus enganos nem sempre fossem descobertos, contudo não temos razão para imaginar que os sacerdotes daqueles dias fossem tão honestos que fossem apenas enganados pela astúcia do Diabo, e não buscassem propositalmente, em um desígnio vil, a ilusão de outros. Se não tivéssemos outros fundamentos para uma justa suspeita nestes casos, os famosos exemplos do abuso de Paulina no Templo de Ísis em Roma, no reinado do imperador Tibério, por intermédio de Mundo — que corrompeu o sacerdote de Anúbis para significar a ela o amor do deus deles e, sob esse disfarce, satisfez a luxúria de Mundo, mencionado por Josefo. E o de Tirano, sacerdote de Saturno em Alexandria, que pelo mesmo pretexto do amor de Saturno, adulterou a maioria das damas mais belas da cidade, mencionado por Rufino. Estes seriam testemunhos suficientes de que os sacerdotes daqueles tempos eram bastante aptos a abusar do povo no ritmo de que estivemos falando. No papismo, nada tem sido mais comum; quem não conhece a história da Santa Donzela de Kent e do Menino de Bilson? Quão comum é para eles fazerem truques com mulheres perturbadas por enfermidades histéricas? E fingirem a expulsão de demônios quando têm apenas que lidar com uma doença natural? Não há muitos anos, praticaram sobre uma pobre jovem em Durham e fizeram grandes alardes de seus exorcismos, relíquias e água benta contra o Diabo (pelo qual queriam que todos acreditassem que ela estava possuída), quando o evento descobriu que seus ataques eram apenas ataques da "mãe" [histeria]. Eu mesmo (e alguns outros neste lugar) vimos esses ataques acalmados pela fumaça do tabaco soprada em sua boca, para a vergonha e aparente detecção daquele artifício. Eu poderia mencionar a prestidigitação de Antônio de Pádua, que fez seu cavalo adorar a hóstia para a

conversão de um herético; o achado das imagens de São Paulo e São Domingos em uma igreja em Veneza com esta inscrição para Paulo: "Por este homem podes vir a Cristo"; e esta para Domingos: "Mas por este homem podes fazê-lo mais facilmente"; e a honra colocada sobre Garnet por sua imagem na palha, encontrada em sua execução (com toda probabilidade) por quem a fez e a lançou ali, ou por seu cúmplice: mas estes são suficientes para mostrar a honestidade deste tipo de homens.

Segundo, eles também possuem a astúcia de atribuir efeitos a causas erradas e, por esse meio, transformam em prodígios coisas que não o são. Maomé chamava seus ataques de epilepsia de êxtases ou transes. Agostinho nos diz que os pagãos eram notáveis nisto: a lâmpada acesa no Templo de Vênus, embora apenas obra de arte, era interpretada como um milagre constante daquela divindade. A imagem que (em outro templo) pendia no ar era considerada um prodígio por observadores ignorantes, quando, na verdade, a pedra-ímã no teto e no pavimento (embora não vista) era a causa disso. Os sidônios eram confirmados em suas lamentações anuais constantes de Adônis por um falso milagre da vermelhidão do rio Adônis, em uma época do ano constantemente; eles tomam aquilo por sangue, quando não passa da coloração da água pelo pó de terra vermelha ou mínio, que os ventos constantemente naquela época do ano, vindos do Monte Líbano, sopram para dentro da água. Nem os papistas ficam atrás neste ponto; citarei apenas aquela observação do Dr. Jenison para confirmar a doutrina e prática da invocação: eles aproveitam-se de banhos e águas soberanas e, onde espiam qualquer fonte boa contra a pedra ou outras doenças, prontamente ali é erguida a estátua ou imagem de algum santo ou outro, por cuja virtude a cura e o

milagre devem parecer ter sido feitos; ou alguma capela é erguida para este ou aquele santo, a quem orações antes e agradecimentos depois do banho devem ser oferecidos.

Terceiro, onde os dois anteriores falham, homens que se dedicam a este tipo de serviço imitam seu pai, o Diabo, e caem na mentira pura e em fábulas inventadas. A idolatria era sustentada principalmente por histórias fabulosas; e não admira, quando estimavam ser uma fraude piedosa nutrir a piedade para com os deuses, caso em que (como diz Políbio), embora seus escritores falem monstros e escrevam coisas infantis, absurdas e impossíveis, devem contudo ser perdoados por sua boa intenção. Entre os papistas, o que menos se pode esperar quando o mesmo princípio é mantido entre eles? Cano e Ludovicus Vives, mencionado por ele (bem como alguns outros poucos), censuram excessivamente aquela piedade cega de cunhar mentiras pela religião e forjar histórias para o crédito de suas opiniões; mas, enquanto com grande liberdade e ingenuidade taxam as fábulas de seu próprio partido, reconhecem claramente que são excessivamente culpados de fingimento, tanto que não apenas o autor da *Legenda Áurea* é marcado com os caracteres de uma face de bronze e um coração de chumbo, mas também os *Diálogos* de Gregório e a *História* de Beda são censurados por ele por conterem narrações de milagres tomadas sob confiança a partir de relatos do vulgo. E, de fato, os prodígios de que falam são tão estranhos, tão improváveis, tão ridículos e absurdos alguns deles, que, a menos que um homem ofereça violência à sua razão e feche voluntariamente os olhos contra as evidências claras de suspeita, não pode pensar que sejam outra coisa senão sonhos e fábulas, não melhores que as de Esopo; você pode encontrar vários catálogos delas em escritores protestantes.

Como o seu São Swithun tornando inteira uma cesta de ovos quebrados pelo sinal da cruz. Patrício fazendo a ovelha roubada balir na barriga do ladrão depois de ele a ter comido. O toucinho de Santa Brígida que, em grande caridade, ela deu a um cão faminto, foi encontrado novamente em sua caldeira; Dionísio, após ser decapitado, carregou sua cabeça em sua mão por três milhas francesas. São Dunstão pegou o Diabo pelo nariz com suas tenazes até fazê-lo rugir. Domingos fez o Diabo segurar a vela até queimar seus dedos. São Lupo aprisionou o Diabo em um pote a noite inteira. Uma capela da Virgem Maria foi transladada da Palestina para Loreto. Uma hóstia consagrada (sendo colocada em uma colmeia de abelhas para curá-las da peste) foi tão devotamente recebida que as abelhas construíram uma capela na colmeia, com portas, janelas, torre e sinos, ergueram um altar e colocaram a hóstia sobre ele, cantaram suas horas canônicas e mantiveram suas vigílias à noite como os monges costumavam fazer em seus claustros, etc. Quem jamais imaginaria que homens de qualquer seriedade pudessem satisfazer-se com tais tolices infantis? Estas são as formas usuais pelas quais homens de desígnio levantaram o ruído de milagres.

A outra parte da astúcia de Satanás refere-se a si mesmo e às suas próprias ações: quando seus agentes não podem ir mais longe no comércio de fazer milagres, ele, como um espírito, faz frequentemente uso de seu poder, conhecimento e agilidade, pelos quais pode de fato fazer coisas incríveis e admiráveis. Não é nada para ele, por seu conhecimento de assuntos à distância, dos esforços privados ou resoluções expressas de príncipes, prognosticar eventos futuros: por seu poder sobre os corpos dos homens, ele pode, com a ajuda de inclinações e vantagens, fazer muito para levar um homem a um transe, ou

aproveitar a oportunidade de um ataque de apoplexia, e então, como um malabarista astuto, pretender (por não sei o quê, nem quem) ressuscitar um homem da morte. Ele conhece os poderes e virtudes secretos das coisas e, por aplicações privadas delas, pode facilmente suprir espíritos, remover obstruções e assim curar claudicação, cegueira e muitas outras enfermidades, e então dar a honra da cura a qual pessoa ou ocasião melhor se ajuste ao seu desígnio; de modo que, seja pelas mentiras oficiosas de seus vassalos, ou pelo exercício de seu próprio poder em objetos adequados em tempos oportunos, ele fez um grande ruído de sinais e prodígios no mundo. E este estratagema dele sempre esteve à mão para ganhar renome para a falsa doutrina. E tanto mais ele insiste nisto,

Primeiro, porque os milagres verdadeiros são um testemunho divino à verdade. Como Nicodemos argumentou (*Jo 3:2*): *Ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele*. E houve ocasiões solenes em que foram necessários; como quando Deus deu descobertas públicas de Sua mente antes que as Escrituras fossem escritas; e também quando Ele alterou a economia do Antigo Testamento e estabeleceu a do Novo. Nesses casos, era necessário que Deus confirmasse Sua Palavra por milagres. Mas agora, embora esses fins dos milagres tenham cessado, embora Deus tenha estabelecido e fixado de tal modo a regra de nossa obediência e adoração que nenhum outro Evangelho ou regra deve ser esperado e, consequentemente, não há necessidade de novos milagres, onde o relato certo dos milagres antigos são atestações suficientes de verdades antigas e inalteráveis; sim, embora Deus nos tenha dito expressamente em *Dt 13:1* que nenhum milagre (embora acontecesse e não pudesse ser descoberto como mentira) deveria prevalecer conosco para abandonarmos

as verdades e caminhos estabelecidos da Escritura, ou para aceitarmos qualquer coisa contrária a ela; contudo Satanás exerce nisto uma imitação orgulhosa da Suprema Majestade e, além disso, ofusca tanto as mentes do tipo mais fraco de homens (que estão mais aptos a considerar o prodígio do que a suspeitar do desígnio) que (sem a devida atenção às cautelas que Deus colocou diante de nós nesse particular) eles estão prontos a interpretá-los como testemunho de Deus a esta ou aquela doutrina à qual parecem estar anexados.

Segundo, porque Satanás tem uma vantagem mais do que comum para forjar milagres, ele se empenha mais industrialmente em fingi-los e em instá-los para a realização de seus fins. É uma tarefa fácil prevalecer com homens que são totalmente dedicados ao seu próprio interesse sob a máscara da religião para dizerem e fazerem qualquer coisa que possa promover seu desígnio; e o negócio dos milagres é tão imitável pela arte, através da ignorância e do descuido dos homens, que com um pequeno trabalho Satanás pode fazê-lo à vontade. Os poderes secretos da natureza (como o da pedra-ímã), por uma aplicação destra levada ao ato em um objeto adequadamente preparado, parecerão milagrosos para aqueles que não veem as molas secretas dessas ações. Houve invenções artificiais de movimentos que, se tivessem sido disfarçadas sob uma forma religiosa e dirigidas a tal fim, poderiam ter passado por milagres maiores do que muitos que mencionamos. Tal foi a pomba de Arquitas, que voava no ar como se fosse uma criatura viva. Tal foi a mosca de Regiomontanus e a águia apresentada ao imperador Maximiliano, que, no âmbito de seus pequenos corpos, continham tantas molas e rodas quantas eram suficientes para lhes dar movimento e dirigir seus cursos como se tivessem sido animadas. O homem artificial de Alberto

Magno, e a galé de prata e os tritões feitos por um ourives em Paris, eram peças raras de arte, seus movimentos tão certos e constantes que pareciam ter vida e entendimento. Se a arte pode fazer tudo isso, quanto mais podemos supor que Satanás pode fazer? Quão facilmente ele pode fazer aparições, apresentar visões estranhas ao olho e vozes ao ouvido? E, ao exercer seu poder, realizar mil coisas espantosas e maravilhosas?

Oitavo, às vezes Satanás advoga pelo erro a partir da facilidade, paz ou outras vantagens que os homens pretendem ter recebido desde que se engajaram em tal caminho ou aceitaram tal persuasão. Este é um argumento a partir do efeito e frequentemente usado para confirmar as mentes dos homens em suas opiniões. Assim, eles se satisfazem com estes raciocínios: "Eu estava antes sempre sob temores e incertezas, nunca tive paz ou descanso em minha mente, tentei vários cursos, segui vários partidos, mas nunca tive satisfação ou conforto até agora, e por isso sei que estou no caminho certo". Outros argumentam da mesma maneira a partir de sua abundância e prosperidade externa: "Eu não encontrava senão cruzes e perdas antes, mas agora Deus me abençoou com um aumento de bens, prosperou meu comércio e empreendimentos", etc. Estes, embora fundamentos aparentemente fracos e enganosos, são reputados fortes e conclusivos para aqueles que primeiro se resolveram por um erro. Pois os homens estão tão dispostos a justificar-se naquilo que empreenderam que captam avidamente qualquer coisa que tenha a mínima aparência de probabilidade para atender aos seus fins.

Esta alegação de satisfação provém comumente de uma destas duas coisas:

Primeiro, da paz interior e do contentamento da mente. Satanás sabe que a paz é a coisa pela qual um homem sacrifica todos os seus trabalhos e viagens; ele a busca (embora muitas vezes de forma errada e por meios errados); ele sabe também que a verdadeira paz é apenas a filha da verdade (cujos caminhos são de deleite e cujas veredas são de paz); nem ignora ele os prazeres que um homem tem ao desfrutar-se no doce repouso de uma mente contente, para que possa encantar os corações dos errôneos rumo a uma confiança e segurança de que tomaram o curso certo, ele faz tudo o que pode para promover uma falsa paz neles e, para esse fim, comumente usa este método:

Primeiro, ele faz tudo o que pode para desestabilizá-los do fundamento da verdade sobre o qual estavam baseados; ele trabalha para tornar as coisas suspeitas, duvidosas ou incertas: isso alguns notaram em *2Ts 2:2*, onde as primeiras tentativas de Satanás são para abalar as mentes deles, não apenas pelo desassossego (do qual falaremos a seguir), mas pela alteração de seu julgamento (pois "mente" às vezes é tomada por sentença, opinião ou julgamento, como em *1Co 2:16*: *nós temos a mente de Cristo*; e em *1Co 1:10*: *no mesmo parecer [mente] e no mesmo juízo*).

Segundo, sua segunda abordagem é levantar uma tempestade de desassossego inquieto sobre aquela incerteza; e, a fim de seu desígnio pretendido, ele geralmente os enche com a máxima ansiedade mental e faz seus pensamentos (como um mar tempestuoso) chocarem-se uns contra os outros. Esta peça de sua arte é notada no lugar citado: *que não vos movais*

facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis; a palavra significa uma grande perplexidade. E este é um método usual que os falsos mestres entre os gálatas praticavam: eles primeiro os perturbavam e depois tentavam, pela vantagem daquela perturbação, perverter o Evangelho de Cristo. Para efetuar ambos, ele os confunde com todas as objeções que podem ser levantadas. Se ele pode dizer algo sobre a antiguidade do erro, o número, a sabedoria, o aprendizado ou a autoridade daqueles que o abraçam, eles certamente ouvirão essas coisas plenamente; o perigo de continuarem como estavam e a felicidade da nova doutrina são representados com todas as circunstâncias agravantes; e estas tão frequentes que seus pensamentos não têm descanso: e se esse desassossego os fere ou enfraquece, ele prossegue com mão forte. Esses caminhos de perturbar a mente instável são-nos sugeridos no lugar mencionado: espírito, palavra, epístola, qualquer coisa que carregue uma autoridade aparente para desestabilizar ou poder para espantar e angustiar. E podemos aqui notar ainda que, onde as mentes dos homens estão decompostas com outros medos ou desassossegos, Satanás está pronto para aprimorá-los para este uso, de modo que comumente, quando a Palavra de Deus começa a trabalhar a princípio sobre as consciências dos homens para despertá-los para a consideração de seu pecado e perigo, o adversário está então muito ocupado com eles para seduzi-los a algum erro ou outro.

Terceiro, tendo preparado completamente a mente com temores inquietos, ele então avança com as ofertas de paz e conforto no caminho do erro que ele propõe; e, neste caso, o erro se vangloriará muito: "Vem a mim, e acharás descanso para tua alma". Quão gratas e bem-vindas as ofertas confiantes de facilidade e satisfação são para uma mente agitada e

desassossegada, qualquer homem imaginará facilmente. Geralmente é assim: homens que estão exaustos aceitarão facilmente qualquer coisa para obter alívio. Um homem, neste caso, pode ser trabalhado como cera para receber qualquer impressão; ele se agarrará a qualquer coisa, verdadeira ou falsa, que apenas prometa conforto.

Quarto, a conclusão de seu método é agradar o homem na fruição da paz prometida: e ele trabalha para fazer isso não apenas para fixar o homem em sua ilusão, mas para fazer esse homem gabar-se de sua facilidade para ser um laço para outros. E é fácil para o Diabo fazer isso: pois, primeiro, a novidade de uma nova opinião agrada naturalmente, especialmente se ela confere alguma recomendação aparente por descoberta ou singularidade. Vemos que os homens são apaixonados por suas próprias invenções e deleitam-se em serem elevados acima dos outros. Segundo, Satanás pode facilmente acalmar a tempestade que ele mesmo levantou: ele deixa de molestar com pensamentos ansiosos e, ao contrário, sugere pensamentos de satisfação. Terceiro, e o que quer que ele possa fazer de forma natural para elevar nossas paixões de alegria e deleite, ele certamente o fará agora, rumo ao arrebatamento e ao excesso, se puder; e então ele não apenas torna esses homens seguros (pois qual argumento pode resistir a tal confiança?), mas possui um instrumento ativo para a sedução daqueles que não conseguem descobrir esses métodos.

Segundo, a prosperidade externa é a outra alegação comum para o erro. Embora sucessos, fartura e abundância de confortos mundanos não provem por si mesmos nem amor nem ódio, verdade nem falsidade, porque a sábia Providência de Deus, por fins e razões santos (muitas vezes não percebidos por

nós), permite frequentemente que as tendas dos ladrões prosperem, e permite que aqueles que lidam traiçoeiramente com as verdades de Deus sejam plantados, criem raízes, cresçam e, sim, produzam frutos; não obstante, se em um caminho de erro encontram bênçãos externas, tendem a atribuir tudo aos seus erros e a dizer como Israel (*Os 2:5*): *Irei após os meus amantes, que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e a minha bebida*, sem qualquer consideração séria da generosidade comum de Deus, a qual, por motivos muito diferentes, lhes dá grão, vinho e óleo, e multiplica sua prata e ouro, que eles prepararam para Baal (*v. 8*). Não precisarei acrescentar nada mais para a prova e explicação disso do que o que temos em *Jr 44:17*, onde os judeus expressamente exaltam sua adoração idólatra como o caminho certo e confirmam-se até a obstinação na busca dela, por esta razão: *Certamente cumpriremos toda a palavra que saiu da nossa boca, queimando incenso à rainha dos céus... porque então tínhamos fartura de pão, e estávamos bem, e não vimos mal algum. Mas, desde que cessamos de queimar incenso à rainha dos céus... temos tido falta de tudo, e somos consumidos pela espada e pela fome*.

Nono, em vez de melhores argumentos, Satanás costuma fazer das mentiras o seu refúgio: e estas dizem respeito ou à Verdade que ele quer derrubar, ou ao Erro que ele quer estabelecer.

Aquelas mentiras que são geridas contra a verdade são de dois tipos: erros e deturpações de suas doutrinas, ou calúnias contra as pessoas e ações daqueles que tomam o partido dela.

Aquelas mentiras que são próprias para manchar uma verdade são as que tendem a torná-la desagradável, inconveniente ou perigosa. Satanás nunca deixou de levantar névoas e neblinas

para eclipsar a beleza brilhante da verdade. Às vezes ele persuade os homens de que ela é uma novidade e contrária à tradição dos pais: e então, se um erro já esteve no palco antes e foi novamente expulso do mundo sob vaias, quando ele reaparece no mundo, sua impudência anterior é transformada em argumento para sua antiguidade, e a verdade é depreciada como nova. Ou, se for apenas um erro de ontem e tenha apenas uma era ou duas, então os fantasmas de nossos antepassados são conjurados como testemunhas, e a alegação corre solta: "O que aconteceu com seus pais? Ou sois vós mais sábios que vossos pais? Estão todos condenados?". Estas coisas foram insistidas pelos pagãos: os deuses do país e a adoração de seus pais, pensavam eles, não deveriam ser abandonados pelo cristianismo, o qual julgavam ser apenas uma novidade em comparação com o paganismo. Da mesma extração é aquela velha canção dos papistas: "Onde estava sua religião antes de Lutero?". E para este propósito falam da sucessão de seus bispos e papas. E outros erros tornam-se um pouco atrevidos e confiantes se conseguem encontrar um padrão ou amostra para si mesmos entre as heresias antigas. Às vezes ele se esforça para trazer a verdade sob suspeita, tornando-a uma usurpação perigosa sobre os direitos e privilégios dos homens, como se ela fosse virar tudo de cabeça para baixo e introduzir facções e confusões. Este clamor foi levantado contra o Evangelho: que ele subverteria a doutrina de Moisés e a Lei. Às vezes ele veste as opiniões da verdade com um traje feio e as deturpa para o mundo como culpadas de inferências e absurdos estranhos, que apenas surgem de uma formulação errada das questões: e onde ela realmente difere do erro, ele se esforça para ampliar as diferenças até uma distância inconveniente, de modo que, se ela se afasta uma milha do erro, Satanás fará com que se afaste

duas; se a verdade ensina a justificação pela fé, o erro a representa como negando todo cuidado com a santidade e as boas obras; se a verdade diz que as meras virtudes morais não são suficientes sem a graça, o erro prontamente a acusa de negar qualquer uso necessário da moralidade, ou de afirmar que as virtudes morais são obstruções e impedimentos para a salvação. Seria fácil notar abundância de tais instâncias.

Quanto às calúnias contra as pessoas e ações daqueles que são defensores da verdade, é bem conhecido como um desígnio antigo e batido, pelo qual Satanás ganhou não pouco. Maquiavel tomou emprestada a política dele e a transformou em uma máxima, pois descobriu por experiência que, onde calúnias fortes fincavam seus dentes, por mais injustas que fossem, as feridas nunca eram totalmente curadas: pois alguns que ouviam o relato da calúnia nunca ouviam a vindicação, e os que ouviam nem sempre eram tão isentos de preconceito a ponto de se libertarem de toda suspeita, mas sempre algo permanecia usualmente sobre seus espíritos para sempre; e isso, como um veneno secreto, contamina tudo o que pudesse ser dito ou feito pelas pessoas que (erroneamente) caíram sob o preconceito delas, e não pouco depreciava a autoridade e o poder das verdades que entregavam.

Os amigos da verdade sempre descobriram isso às suas custas. O próprio Cristo não escapou das mentiras e censuras dos homens quando realizava os maiores milagres; levantaram esta calúnia contra Ele: que expulsava demônios por Belzebu, o príncipe dos demônios. Quando mostrava as condescendências mais compassivas, chamavam-no de homem glutão, bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores; e, por fim, sob uma interpretação errada de Seus discursos (*Eu destruirei este*

templo, e em três dias o levantarei, *Mt 26:61*), acusaram-no e condenaram-no por blasfêmia. E Seus servos (de acordo com o que Ele predisse) beberam do mesmo cálice; quanto mais eminentes no serviço, maior o trago. Paulo, um vaso escolhido, enfrentou muito deste trato injusto; foi acusado (*At 21:28*) de falar contra o povo, a lei e o templo; e (*cap. 24:5*) chamado de peste, motor de sedição, profanador do templo. Nem podemos nos maravilhar disso, que a maior inocência, ou o mais alto grau de santidade, não seja armadura de prova contra as flechas afiadas de uma língua mentirosa. Quando lemos isto como um dos grandes caracteres de Satanás — que ele é o acusador dos irmãos — e que seus agentes são tão perfeitamente instruídos nesta arte que também são marcados com o mesmo selo de falsos acusadores (*Jd v. 10*). É bem conhecido como os cristãos primitivos foram tratados: eram considerados a imundícia e a escória de todas as coisas; não havia nada que pudesse torná-los odiosos ou ridículos que não lhes fosse imputado, como que sacrificavam bebês, adoravam o sol e usavam de impurezas promíscuas; sim, qualquer praga ou desastre que ocorresse aos seus vizinhos, eles certamente levavam a culpa. E poderíamos rastrear este estratagema até os nossos próprios dias. Lutero, em seu tempo, foi o alvo comum para todas as flechas envenenadas da calúnia papista; as quais excederam tanto todos os limites da sobriedade e prudência que inventaram um romance sobre sua morte: como fora sufocado pelo Diabo; que, antes de morrer, pedira que seu corpo fosse levado para a igreja e adorado com culto divino; e que, após sua morte, o fedor excessivo de seu cadáver forçara todos os seus amigos a abandoná-lo. Tudo isso e mais para este propósito publicaram enquanto ele estava vivo, cujas calúnias (dignas apenas de riso) ele refutou com sua própria pena. A mesma fúria expressaram

contra Calvino, por meio de seu Bolsecus, a quem puseram a trabalhar para encher um livro com mentiras impudentes contra ele. Nem Beza, Júnio ou qualquer outro de nota escapou sem alguma calúnia ou outra. Quão injustamente os arianos de outrora acusaram Atanásio de impureza e de privar Arsênio de seu braço é suficientemente conhecido na História.

Mas a malícia do Diabo nem sempre corre pelo canal sujo das calúnias odiosas; ele possui às vezes uma transmissão mais limpa para suas mentiras contra homens santos. Na execução do mesmo desígnio, é uma cor favorável para o erro se ele puder abusar do nome e do crédito de renomados campeões da verdade, atribuindo-lhes um erro que nunca possuíram. Por este meio, ele não apenas adorna uma falsa doutrina com a autoridade de uma pessoa eminente, cuja estima poderia ser um laço para algumas pessoas de boa vontade, mas enfraquece a verdade ao trazer um defensor fiel dela sob a suspeita de manter (pelo menos em alguns pontos) opiniões perigosas; pelas quais muitos são assustados de aceitarem qualquer coisa que escrevam ou preguem. Pois, embora possam ser confessadamente sólidos nas doutrinas mais pesadas, contudo, se uma vez se espalha o boato de que são em algo insalubres, esta mosca morta estraga todo o unguento precioso. E o assunto seria ainda menor se houvesse qualquer causa justa para tal preconceito; mas tal é a arte de Satanás que, se um homem explica a mesma verdade apenas com palavras e formas de fala diferentes daquelas a que outros se acostumaram; ou se a coloca em um molde mais conveniente para que (ao deixar de lado expressões duvidosas ou flexíveis) ela possa ser mais seguramente guardada das exceções dos adversários, especialmente se ele escolhe cuidadosamente seu caminho entre os extremos de ambos os lados; isso é o

suficiente para Satanás captar e prontamente lhe confere os nomes dos exatos erros aos quais ele mais vigorosamente se opõe. Sim, às vezes, se ele menciona algo acima do alcance ou conhecimento daqueles que o ouvem, é sorte se escapar da acusação de heresia e se não encontrar o destino de Virgílio, Bispo de Salzburgo, que foi julgado nada menos que herético por ventilar sua opinião sobre os antípodas. Sei que os homens fazem tais coisas em seu zelo, mas enquanto o fazem, devem considerar como Satanás abusa de sua boa intenção para o desserviço da verdade.

Como o desígnio de Satanás ao manchar as ações e doutrinas de homens bons é trazer a verdade que professam a uma suspeita de falsidade e elevar os erros contrários ao lugar e crédito da verdade, assim ele usa uma habilidade proporcional ao seu desígnio. E embora seja tão impudente que não corará diante da invenção da mentira mais grosseira e maliciosa, contudo ele é tão astuto que busca estudiosamente algum surgimento provável para suas calúnias e comumente toma este curso:

Primeiro, ele faz tudo o que pode para corromper os que professam a verdade; se riquezas ou honras os tentarem a ser orgulhosos, de mente elevada, contenciosos ou extravagantes, ele os ataca com estas armas; se os prazeres da carne e do mundo forem mais propensos a embrutecê-los, ou a torná-los sensuais, terrenos ou devassos, ele incessantemente coloca essas iscas diante deles; se temores e perseguições puderem assustá-los do dever; se injúrias e provocações puderem prejudicá-los rumo a um temperamento impetuoso ou caprichoso, ele certamente os instigará por tais ocasiões e, quando prevalecer em qualquer medida, certamente agravará

cada circunstância ao seu máximo nível e, sobre essa vantagem, fará acréscimos de muitas coisas além do que podem ser justamente acusados. Este antigo artifício Paulo (*Rm 2:24*) nota a respeito dos judeus, cuja quebra da lei tanto desonrou a Deus que *o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa*. Os judeus viviam perversamente, e suas vidas perversas eram um argumento corrente entre os gentios para confirmá-los no paganismo; pois julgavam que a lei de Deus não poderia provar-se melhor que a deles próprios quando os que a professavam eram tão ruins. Para evitar esse mal, somos seriamente avisados a sermos cuidadosamente estritos em todas as nossas posições, para que o nome de Deus e Sua doutrina não sejam blasfemados.

Segundo, quaisquer erros de que qualquer que professa a verdade seja culpado, Satanás cuida para que sejam prontamente imputados a toda a profissão. Se alguém ofende, é matéria de culpa pública; muito mais se qualquer grupo ou partido cair em extravagâncias ou praticar ações estranhas e injustificáveis, aqueles que concordam com eles no nome geral de sua profissão (embora difiram tanto de suas opiniões e práticas selvagens quanto seus inimigos) serão ainda assim censurados por suas loucuras. Vemos isso praticado diariamente por partidos divergentes, de acordo com o que foi predito em *2Pe 2:2*: falsos profetas seduzem um grande número de cristãos a seguirem seus caminhos perniciosos e, por causa de seu comportamento ímpio e selvagem, todo o caminho da verdade é blasfemado.

Terceiro, o menor deslize ou enfermidade dos filhos da verdade o Diabo está pronto para trazer ao palco; e aqueles que não se acusarão como infratores por males muito grandes, objetarão

contudo, para o descrédito da verdade, os menores erros de outros; um cisco no olho dos amantes da verdade será espiado, enquanto uma trave no olho da falsidade passará por nada.

Quarto, aspersões caluniosas são às vezes levantadas a partir de um simples erro de ações e de seus fundamentos ou maneira de execução, e às vezes a partir de uma deturpação maliciosa. O Diabo raramente age a partir de um simples erro, mas ele ou subornará os opositores apaixonados para uma perversão deliberada da gestão real das coisas, ou, por um relato falso das coisas, aproveitará o preconceito deles para fazer os homens acreditarem que tais coisas foram ditas ou feitas, as quais de fato nunca foram. Os cristãos nos tempos primitivos eram relatados como homens sanguinários, e que matavam homens em sacrifício, e comiam sua carne e bebiam seu sangue; e isso foi apenas ocasionado pela doutrina e uso do sacramento do Corpo e Sangue de Cristo. Foram acusados de impureza promíscua uns com os outros, e isso apenas porque ensinavam que não havia distinção de homem e mulher em relação à justificação, e que eram todos irmãos e irmãs em Cristo. Este relato Tertuliano dá das calúnias daqueles tempos, e outros notaram motivos semelhantes para outros abusos contra eles. Eram relatados como adoradores do sol porque, em tempos de perseguição, eram forçados a se reunir cedo nos campos e eram frequentemente vistos ainda reunidos ao nascer do sol. Eram relatados como adoradores de Baco e Ceres por causa dos elementos do pão e do vinho na Ceia do Senhor. Se se reuniam em lugares privados e à noite, era o suficiente para ocasionar suspeitas de conspiração e rebelião: tão pronto está Satanás para tomar ocasião onde nenhuma é dada.

Quinto, mas se nada disso estiver à mão, então uma mentira descarada deve servir ao propósito, de acordo com o que diz *Jr 18:18*: *Vinde, e maquinemos projetos contra Jeremias*; e uma vez cunhada a mentira, Satanás possui instrumentos oficiosos para espalhá-la (*Jr 20:10*): *Denunciai-o, e nós o denunciaremos*.

Estas foram as mentiras levantadas contra a verdade; mas além deste esforço, ele usa a mesma arte de mentir para aumentar o crédito do erro. Já falamos de inspirações mentirosas e sinais e prodígios de mentira. Mencionarei apenas outro tipo de mentira, que é o da falsificação, uma arte que o erro comumente utilizou. Às vezes, livros e escritos errôneos foram feitos para carregar os nomes de homens que nunca os conheceram ou viram. Os próprios apóstolos não escaparam desses abusos; você lê sobre os evangelhos falsificados de Tomé e Bartolomeu, os atos de Pedro e André, as constituições apostólicas e muitos outros. Escritores posteriores, pelo mesmo tratamento duro, foram forçados a apadrinhar os rebentos dos cérebros de outros homens. Eu poderia ser extenso nestes casos, mas os que desejarem podem ver mais disso em autores que propositalmente descobriram as fraudes de livros espúrios e falsificados; o desígnio é óbvio: o erro quereria, por este meio, adornar-se com os nomes excelentes de homens de renome, para que pudesse passar por boa doutrina perante os incautos.

CAPÍTULO IV.
Da segunda forma de Satanás aprimorar suas Vantagens.

> *Da segunda forma de Satanás aprimorar suas vantagens, que é trabalhando sobre o entendimento indiretamente por meio das afeições. Ele faz isso: (1.) Por meio de uma introdução silenciosa e insensível do erro. Seu método nisto. (2.) Ao enredar as afeições com o traje externo do erro, seja uma vestimenta pomposa ou uma simplicidade afetada. (3.) Por meio de imitações fabulosas da verdade. O desígnio disso. (4.) Ao acomodar a verdade para uma conformidade com partidos que dela divergem. Várias instâncias disso. (5.) Ao empurrar para um extremo contrário. (6.) Ao subornar as afeições com recompensas ou forçá-las por medos. (7.) Ao engajar o orgulho e a ira. (8.) Ao adornar o erro com os ornamentos da verdade.*

Os argumentos usuais pelos quais Satanás cega diretamente o entendimento, persuadindo-o a aceitar as trevas como luz, já foram considerados. Resta agora que se preste contas da segunda forma de prevalecer sobre o entendimento, que é influenciando-o por meio do poder e da prevalência das *afeições*. Para esse fim, ele possui muitas artimanhas, sendo as principais estas:

Primeiro, por meio de um procedimento silencioso e insensível, ele trabalha para introduzir erros; e, para que os homens não se assustem com uma apresentação súbita e completa do todo, ele julga ser política astuta insinuar-se nas afeições, oferecendo o erro em parcelas. Assim, ele evita o espanto e a surpresa (para

que os homens não hesitem e se afastem) e, gradualmente, os familiariza com aquilo que, a princípio, teria sido rejeitado com horror. Lemos na parábola do joio que o homem inimigo que os semeou (que era Satanás) aproveitou a oportunidade enquanto os homens dormiam e depois se retirou nas trevas; tanto que a descoberta não foi feita na semeadura, mas apenas quando o joio brotou. Na execução desta política, vemos que os principais instrumentos de Satanás seguiram os passos de seu mestre; eles se introduzem sorrateiramente (*Jd v. 4*), trazem privadamente heresias damnáveis (*2Pe 2:1*) e, como se fossem culpados de alguma modéstia envergonhada, *se introduzem pelas casas* (*2Tm 3:6*). Os passos pelos quais o Diabo rasteja para dentro do peito dos homens para plantar o erro no coração são estes:

Primeiro, ele se esforça para ganhar o coração por meio da sociedade engenhosa, doce e deleitosa daqueles que já estão corrompidos. O erro possui uma arte peculiar de cortejar a boa vontade antes de se revelar; primeiro ele rouba o ouvido e as afeições para a pessoa e, a partir daí, as transmite insensivelmente para a opinião. A verdade é masculina e convence pelo ensino, mas o erro frequentemente ensina pela persuasão. É muito difícil afeiçoar-se à pessoa e não dedicar ao erro pensamentos melhores do que ele merece. Aqueles que são habilidosos na arte da sedução fazem, portanto, pretensões extraordinárias de bondade afetuosa e (como o apóstolo observou sobre os sedutores de seu tempo, *Gl 4:17*) *eles têm zelo por vós, mas não como convém*. A arte deles também os ensina a não serem apressados demais ao proporem suas opiniões, nem sequer tocarem nelas até perceberem que ganharam uma firme persuasão de sua amizade e da realidade daquelas bondades que demonstraram; mas, uma vez ganho

este ponto de vantagem, aproveitam a oportunidade para propor e pressionar suas doutrinas mais livremente. Assim, os homens são finalmente enganados com palavras sedutoras.

Faz também parte do mesmo desígnio o fato de Satanás, às vezes, fazer uso de mulheres sedutoras. Pois: (1.) Elas são mais aptas a serem iludidas; *mulheres néscias* são logo levadas cativas. (2.) Sendo enganadas, são as mais fervorosas no calor do zelo para propagar suas opiniões. (3.) Pela vantagem de sua natureza, são as mais envolventes; suas persuasões afetuosas costumam ter uma prevalência peculiar. As filhas de Moabe (pelo conselho de Balaão) foram escolhidas como os instrumentos mais adequados para seduzir Israel à idolatria. Salomão, embora fosse um homem sábio, foi vencido pela importunação de suas mulheres, contra sua prática e conhecimento anteriores, para favorecer a falsa adoração. A mulher Jezabel (*Ap 2:20*) era a subagente de Satanás para ensinar e seduzir os servos de Deus a cometerem fornicação e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos. (4.) Além disso, elas possuem uma influência maior sobre seus filhos para levedá-los com suas próprias opiniões.

Segundo, Satanás também observa um movimento gradual ao fixar qualquer erro específico. Se ele o tenta imediatamente sem um agente externo, primeiro leva os homens à leitura ou consideração de algumas passagens obscuras que parecem olhar favoravelmente para o seu desígnio; então ele lança a noção ou objeção; gera um escrúpulo ou questionamento. Tendo avançado até aqui, ele segue seu desígnio com razões prováveis, até formar uma opinião. Quando se chega a isso, um pouco mais gera uma persuasão; essa persuasão ele amadurece em uma resolutividade e obstinação, e então, finalmente, a

incendeia com zelo para o engano de outros. Tendo assim lançado o fundamento com um erro, ele em seguida se esforça para multiplicá-lo e, então, traz as inferências que inevitavelmente se seguem: pois, como uma cunha abre caminho para outra, de uma falsidade outra forçará sua entrada facilmente, e de duas ou três, quem sabe quantas? E embora as consequências sejam geralmente mais absurdas que os princípios, contudo, com um pequeno trabalho, são trazidas ao favor, onde os princípios são primeiro acreditados com confiança; de modo que aqueles erros que, por causa de sua aparência feia, Satanás não ousaria propor a princípio, temendo assustar os homens, ele pode agora recomendar com uma audácia imperturbável. Não se pode imaginar que os homens aceitariam, de início, opiniões de desprezo pelas ordenanças e libertinagem; portanto, observamos que elas geralmente vêm na retaguarda de outras opiniões, as quais, por um longo trajeto de arte, preparam o seu caminho.

Contudo, podemos notar que, embora Satanás geralmente seja forçado a esperar o tempo da timidez e do acanhamento de alguns homens e, portanto, não possa amadurecer o erro para um nascimento apressado como deseja (por isso ocorre que um homem muitas vezes não faz mais em seu tempo do que apenas "preparar a mistura", ou faz apenas o esboço bruto dela, enquanto outro a ventila e adorna: pois assim foi entre Lélio e Fausto Socino, entre Davi George e seus sucessores); e embora ele esteja tão confinado aos primeiros princípios do erro que instilou que não possa, no momento, ampliá-los além de suas próprias consequências justas; contudo, existem alguns princípios seletos dele que, se ele conseguir fixar na mente, abrem imediatamente a brecha para todo tipo de erro imaginável. Eles são como o acender de um rastro de pólvora,

que em um momento explode toda a estrutura da verdade: tais são as ilusões do entusiasmo, inspirações e arrebatamentos proféticos. Uma vez que estes estejam fixados, não há nada tão desumano, irreligioso, louco ou ridículo que Satanás não possa, com facilidade, persuadir os homens a aceitar, e isso sob os mais altos pretextos de religião e certeza; a experiência de todas as eras tornou qualquer prova adicional disso totalmente desnecessária.

Este é o seu caminho quando age sozinho. Mas, se ele usa instrumentos, embora também seja gradual em seu procedimento, o faz em um método diferente: pois ali ele às vezes procede a partir do abuso de algo inocente e lícito (com a ajuda de um longo período de tempo) para introduzir a falsidade mais grosseira. Assim podemos conceber que ele levou a idolatria ao seu auge: primeiro, os homens admiravam a sabedoria ou os atos famosos de seus progenitores ou benfeitores; em seguida, ergueram colunas ou imagens de tais pessoas para perpetuar seus nomes, honra e memória. Outra geração, estando a uma distância maior das coisas realizadas e, consequentemente, sendo mais estranha aos verdadeiros fins e razões de tais práticas — as quais, como costuma acontecer em tais casos, foram abusadas por relatos falsos ou deturpações das coisas (pois o tempo cobre as coisas desta natureza com uma névoa tão espessa que é difícil descobrir o verdadeiro metal de uma constituição original) —, em uma ignorância devota, deram às imagens um respeito maior do que o pretendido inicialmente; então deslizaram para o conceito de que elas não pertenciam à classe comum dos mortais, ou pelo menos que foram exaltadas a uma condição da qual os mortais comuns não eram capazes. Assim, supuseram que eram divindades e prestaram-lhes adoração com orações e sacrifícios: daí foram

além e multiplicaram deuses, e isso de vários tipos, de acordo com a natureza das coisas que eram boas ou prejudiciais a eles; e então, por fim, consultando quão mesquinhas eram suas ofertas e quão improvável era que agradassem às suas divindades, concluíram que os sacrifícios humanos eram os mais adequados, especialmente para expiar provocações maiores e em tempos de grande calamidade.

O fardo pesado de superstições cerimoniais no papismo foi obra de várias eras; elas não foram trazidas todas de uma vez. Alguém, em um calor devocional, imaginou tal cerimônia como um testemunho adequado de zelo, ou um incitamento apropriado de suas afeições; outro inventou uma segunda, e assim por diante; conforme as mentes dos homens se agradavam mais com suas próprias invenções e possuíam tanto crédito ou autoridade para recomendá-las a outros, aumentaram a soma com novas adições, até que finalmente se tornaram um fardo insuportável. E, à medida que se afastavam da pureza primitiva e se tornavam mais descuidados e corrompidos em suas vidas (pois de bons bispos declinaram para arcebispos apenas toleráveis, até que finalmente se tornaram babilônios incuráveis), afastaram-se gradualmente da simplicidade do Evangelho e abundaram em artimanhas de cerimônias.

Terceiro, ao corromper verdades estabelecidas. Os procedimentos de Satanás não se dão por saltos súbitos e observáveis, mas por movimentos lentos e demorados; assim como as flores e plantas crescem insensivelmente, e como os homens gradualmente envelhecem e enfraquecem. Ele sabe que alterações violentas e apressadas gerariam observação, desgosto e oposição; nem fará tais tentativas, exceto onde tiver certeza de um partido forte e prevalecente, que por força e

poder seja capaz de carregar tudo diante de si. Nesse caso, ele está disposto a impor o erro pelo fogo e pela espada. Assim ele propagou o maometismo a princípio, e ainda continua a fazê-lo pelas armas conquistadoras dos turcos; mas onde não possui essa vantagem, recorre a outro curso e estuda fazer sua obra de modo que não seja percebida. A possibilidade de tal mudança, com a maneira de efetuá-la, podemos observar em muitas igrejas que declinaram da doutrina que receberam inicialmente, mas acima de tudo na Igreja de Roma, que a princípio era uma igreja pura, como o apóstolo testifica, mas agora está tão mudada das verdades sobre as quais foi fundamentada em sua primeira constituição, como se não fosse a mesma Igreja. Eles se gabam, de fato, de que como eram a princípio, assim são agora; mas nada é mais evidente que o contrário: e a possibilidade de sua corrupção insensível é tão demonstrável quanto a alteração da doutrina em qualquer outra igreja. As múltiplas formas que Satanás utiliza nesta matéria — no abuso da Escritura, ao suscitar interpretações perversas e inferências não naturais; e as vantagens de uma longa sucessão na autoridade; da negligência e ignorância do povo comum; da astúcia sutil dos mestres, especialmente quando a religião começou a ser abusada para o interesse secular — são descritas por Acôncio e outros. Se fôssemos selecionar qualquer um de seus erros notórios e seguir a história dele até sua origem primeira, descobriríamos que, por mais forte que seja a corrente que ele possui agora, era muito pequena e insignificante na fonte. A invocação dos santos, embora seja agora um artigo estabelecido entre eles, teve seu primeiro surgimento a partir das *prosopopeias* incautas dos antigos e da liberdade de seu estilo declamatório oratório; estas deram ocasião a algumas opiniões privadas, estas opiniões a alguma

liberdade devocional privada na prática, e das opiniões e práticas privadas, finalmente, obteve um partido tão forte que garantiu uma injunção pública. O mesmo método foi usado para a doutrina da transubstanciação, cujo início veio do abuso de sentenças como esta em escritores antigos: "Que após a consagração não era mais pão e vinho, mas o corpo e o sangue de Cristo"; expressão pela qual os autores não pretendiam mais do que o fato de que o pão e o vinho no sacramento eram alterados relativamente, e eram mais do que pão e vinho comuns, por serem representantes do corpo e sangue de Cristo. No entanto, isso lhes deu coragem para interpretar literal e estritamente estas palavras de Cristo: *Isto é o meu corpo*. E assim, gradualmente, da opinião de alguns poucos, tornou-se o julgamento de muitos e, da tolerância de uma opinião privada de alguns doutores e não imposta, obteve finalmente um cânon para torná-la doutrina pública e autêntica.

Quarto, este procedimento insensível em nada é mais evidente do que no poder do costume e da educação; o costume, gradualmente, retira o espanto da consciência: e aquelas opiniões ou práticas que a princípio a assustavam, tornam-se, por uma pequena familiaridade, mais suaves e toleráveis. As dissidências dos homens, por meio de frequentes visões e audições, tornam-se dóceis e gentis; mas a força da educação é incomparavelmente grande, pois isso faz com que um erro se torne, por assim dizer, natural; eles o sugam com o leite e o respiram com o ar. Esta vantagem geral o Diabo possui sobre todos os filhos de pais errôneos, especialmente onde países ou nações são da mesma persuasão; tanto que os turcos têm tanta crença em seu Alcorão quanto nós na Bíblia, e pensam tão reverentemente de Maomé quanto os cristãos de Cristo. Os filhos de pagãos idólatras possuem tanta confiança na verdade

de sua forma de adoração pagã quanto nós temos nas ordenanças e instituições de Deus.

Quinto, podemos ver algo deste estratagema de enredamento silencioso nas surpresas de Satanás; pois às vezes ele seduz os homens desprevenidos e os envolve no erro enquanto não sabem o que estão fazendo. Cabeças fracas não conseguem ver o fim remoto de uma doutrina de aparência suave; e geralmente a abraçam por atacado, por algum detalhe que atinge sua fantasia ou gratifica seu humor. Se leem um livro que possui algumas coisas boas, ou que é afetuoso, por causa destas engolem todo o resto (embora seja uma doutrina perigosa) sem mais exames. Vantagem semelhante ele obtém de ações que são más ou toleráveis, de acordo com os vários respeitos que possuem para com os fins ou consequências que estão diante delas, pois ele frequentemente envolve os homens em uma consequência errônea, ao interessá-los em ações que levam para aquele lado; e, tendo-os assim seduzido a um erro maligno, em vez de retirar o pé deles do laço, ele os empurra para frente para manterem sua posição e justificarem seus procedimentos. Este foi o caso de alguns dos coríntios: quando os pagãos ofereciam sacrifício a um ídolo, parte do sacrifício era reservada e vendida no açougue, ou usada em um banquete, para o qual os pagãos às vezes convidavam seus conhecidos ou parentes cristãos. Aqueles que iam (sabendo que um ídolo nada era) comiam o que lhes era posto diante, sem qualquer consideração pelo ídolo e sem fazer perguntas por causa da consciência. Pelo exemplo deles, outros que não possuíam aquele conhecimento (*1Co 8:7*) sentiram-se encorajados não apenas a comer contra seus escrúpulos e dúvidas de consciência (que é tudo o que muitos intérpretes pensam ser pretendido naquele lugar), mas também (como as palavras

tornam provável) com algum respeito positivo pelo ídolo; de modo que, pelos exemplos daqueles que se assentavam no templo do ídolo, comendo o que era posto diante deles como carne comum, outros, interpretando mal as ações deles, passavam a comer com consciência do ídolo, como se o ídolo fosse de fato algo e merecesse uma consideração conscienciosa. Não muito diferente foi aquela arte de Juliano, mencionada por Sozomeno, pela qual ele se esforçava para entrelaçar algo do paganismo com ações e coisas que eram lícitas ou necessárias: ele fez com que as imagens de Marte e Mercúrio fossem colocadas junto à sua própria, de modo que os respeitos que eram pagos ao retrato do imperador pareciam carregar uma concomitância de reverência àqueles ídolos. Ele também (na execução da mesma política) fez com que as carnes e bebidas deles fossem aspergidas ou misturadas com a água lustral, para que todos os que as usassem se habituassem a dar algum respeito aos seus ídolos; e para que alguns, ao menos, fossem engajados em uma justificativa daquela e de outras práticas semelhantes.

Todas estas são apenas instâncias da insinuação silenciosa de Satanás, pela qual ele secretamente rouba as afeições e, por meio destas, contamina o julgamento. Segue-se agora:

Um segundo plano sobre as afeições é o esforço para enredá-las pelo traje externo do erro. Nisto ele trabalha por dois extremos contrários, para que possa prevalecer melhor com os diferentes temperamentos dos homens.

Primeiro, ele às vezes veste uma falsa doutrina com o traje mais pomposo, magnífico e deleitoso, para que, como a *prostituta de Salomão*, possa atrair aqueles que se comprazem com as mais altas gratificações dos sentidos: *Já estendi as*

colchas sobre a minha cama, cobertas de várias cores, obras de tapeçaria do Egito, etc. A maioria dos homens que se entrega a uma vida animal não pode ser satisfeita com qualquer religião, exceto aquela que mais agrade aos sentidos; eles desgostam tanto da simplicidade do Evangelho (a qual é, não obstante, sua marca e honra particular, *2Co 11:3*) que não conseguem se persuadir de que estão fazendo algo na adoração religiosa, a menos que abundem em observâncias cerimoniais dispendiosas. Assim alguns interpretam aquele medo dos pagãos, que primeiro os levou às imagens e representações externas de seus deuses; eles temiam não ter qualquer religião para sua própria satisfação, a menos que procedessem em um curso tal que fizesse seus sentidos terem certeza de que estavam fazendo algo. O Diabo, conhecendo bem a força das belezas externas na religião, preparou o caminho para a idolatria por meio disso. Eles possuíam seus templos caros, alguns deles admiráveis pela antiguidade e magnificência, enriquecidos com dádivas e ofertas, excelentes em matéria e mão de obra, adornados com imagens, lâmpadas, leitos e mesas de ouro, embelezados pela arte e pela agradabilidade natural da localização; possuíam também seus bosques nos lugares mais aprazíveis e deleitosos, como o de Dafne, perto de Antioquia, que era cercado por altos ciprestes por dez milhas ao redor, e por dentro adornado com os suntuosos templos de Apolo e o santuário de Diana. Nesses lugares, tinham sua música e festivais solenes, que eram às vezes extraordinários em custo e duração. Antíoco em Dafne manteve uma solenidade incrível, com um vasto séquito e preparação dispendiosa por trinta dias seguidos; e para que nada faltasse, tinham seus banquetes anuais, sacrifícios, ritos, os adornos de seus sacerdotes, suas vestes brancas, seus mantos de diversas cores, suas mitras, etc.

Em suma, nada faltava que pudesse agradar ao olho ou ao ouvido. E, sem dúvida, o Diabo achou esse curso muito bem-sucedido para ganhar as afeições dos homens para o gentilismo. E se não fosse por esta consideração, seria de admirar que os judeus (que foram instruídos na verdadeira adoração de Deus) fossem, contudo, tão propensos à idolatria e tão dificilmente afastados dela; mas, certamente, suas fortes inclinações para esse lado procediam de um deleite natural que os homens sentem em uma religião sensual, a qual, por uma feitiçaria poderosa, os encanta rumo a um excesso de amor. O mesmo método o Diabo utiliza no papismo: a principal sedução reside em sua gloriosa aparência externa; todos os seus lugares religiosos são vestidos com a maior bravata, são embelezados com imagens e pinturas, com luzes e adornos caros; abundam em ritos, cerimônias, gestos e observâncias, e tudo isso serve apenas para ofuscar os olhos e ganhar uma reverência nos homens para a sua adoração. E, consequentemente, praticam essas coisas exteriores com o propósito de arrebatar as afeições dos homens; seus filhos são criados para um deleite e resolução confirmados pelo papismo, agradando-os com espetáculos, pinturas, representações, procissões e observâncias gratas. Se um estranho de outra religião vem entre eles, então, como seu primeiro ensaio, mostram-lhe todos os seus brinquedos, para que suas afeições sejam estimuladas pela pompa e ornamento externos de seu caminho, pois sabem por experiência que um exterior brilhante e um grande alvoroço de trabalho corporal é o "tudo" da religião da maioria dos homens. Se houver corpo suficiente, nunca indagam se há espírito ou vida por dentro: uma carcaça morta em mantos, que possa levá-los ao exercício de suas posturas e cumprimentos cerimoniais, compõe uma religião mais grata para um homem carnal do que um serviço

espiritual vivo, que necessariamente o colocará sob o cuidado interno e a vigilância no exercício constante das santas graças espirituais, sem proporcionar qualquer gratificação considerável aos sentidos. Por isso é verdadeiramente mais difícil (e contudo interiormente mais belo e glorioso) orar com fé e humildade, mesmo em breves suspiros por Deus, do que dizer mil Ave-Marias ou realizar uma tarefa de penitência comum. Mas, assim como aqueles que não possuem filhos próprios deleitam-se em brincar com um macaco ou babuíno, assim aqueles que não sabem como adorar a Deus em espírito e verdade buscam satisfazer-se na execução de gestos e cerimônias externas.

Segundo, por outro lado, ele às vezes deseja que um erro afete um excesso de clareza e simplicidade. Nisto ele se aproveita daquelas expressões na Escritura em que o Evangelho é elogiado por sua simplicidade, e as invenções dos homens sob os pretextos de sabedoria, humildade e negligência do corpo são condenadas. Sobre este fundamento, ele leva os homens a um tal excesso de caduquice que nunca pensam que as coisas de Deus são geridas corretamente, a menos que sejam rebaixadas a uma tolice desprezível. Por este meio, ele arma homens ignorantes e presunçosos com objeções contra o aprendizado e as decências necessárias da linguagem na pregação; e com eles, os únicos pregadores e os mais propensos a serem inspirados são os que usam menos estudo e preparação para o seu trabalho. É, de fato, muito verdadeiro que as tolices afetadas de um estilo bombástico, ou de um discurso engomado, e citações desnecessárias de sentenças para ostentação, sem qualquer vantagem real para o assunto em mãos, são coisas muito pedantes e excessivamente inadequadas para a gravidade da obra do ministério, e tornam-na muito

desagradável para uma mente piedosa. Mas esta loucura contrária torna as ordenanças solenes de Deus tão nauseantes e desprezíveis que frequentemente abre caminho (pelo aprimoramento astuto da tentação por Satanás) para uma rejeição ateísta de toda a adoração. Enquanto isso, é maravilhoso observar como algumas pessoas se comprazem com este conceito: que a sua forma de adoração é simples e que falam o que lhes vem imediatamente à mente; e embora o que profiram seja um absurdo ou contradição (o que prova suficientemente que nada tem de parentesco com a inspiração do Espírito), contudo é argumento suficiente para elas que suas opiniões e caminhos estão certos, porque procedem em uma negligência deliberada de toda a ordem necessária e, sob o pretexto da simplicidade do Evangelho, reduzem tudo o que fazem a uma tolice infantil. Nem é este todo o malefício que o Diabo suscita a partir deste conceito, pois o desprezo e o desuso dos sacramentos podem, em grande parte, ser atribuídos a ele. Aqueles caminhos errôneos de adoração que são mais notórios por depreciarem essas instituições de Cristo possuem esta alegação: que a adoração com a qual Deus mais se agrada é espiritual, e que todos os serviços corporais e observações externas são coisas que Deus não valoriza, tais que pouco aproveitam e não estavam mais em uso, exceto para recomendar uma comunhão espiritual interna com Deus; de modo que, quanto mais rejeitam estas coisas, mais se convencem de que possuem um entendimento mais verdadeiro do desígnio de Deus na religião. Satanás utiliza qualquer um desses caminhos para enganar os homens rumo a um humor de se comprazerem com o erro. Mas,

Terceiro, ele tem, desde os tempos antigos, se esforçado para obscurecer e enfraquecer a doutrina da Bíblia por meio de

fábulas tradicionais. Encontramos muitas passagens com este propósito: às vezes ele estabelece tradições não escritas, não apenas de autoridade igual à Palavra escrita, mas como complementos e perfeições dela. Ele praticou isso entre os judeus com tal sucesso que as tradições dos anciãos tinham mais força com eles do que os mandamentos de Deus, como o próprio Cristo notou sobre eles (*Mt 15:13*). Dessas tradições não escritas (que chamavam de Lei pela palavra de boca, fingindo terem sido dadas por Deus a Moisés quando ele estava no monte, e assim entregues de mão em mão), os apóstolos deram muitos avisos e indicaram os riscos em que a verdade se encontrava por causa delas, por meio da astúcia de Satanás (*Cl 2 :8*): *Tende cuidado, para que ninguém vos faça sua presa por meio da filosofia e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens*. *1Tm 1:4*: *Nem se ocupem com fábulas e genealogias intermináveis*. *Tt 1:14*: *Não dando ouvidos a fábulas judaicas, nem a mandamentos de homens*. *2Tm 4:4*: *E desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas*.

Os papistas hoje dão a mesma acolhida a este artifício que os judeus davam antigamente; eles se vangloriam tanto de suas tradições e são em tudo tão fabulosos e tolos nelas quanto eles eram. Satanás, em suas investidas contra os gentios para confirmá-los em sua falsa adoração, embora tenha mantido a substância deste desígnio, viu-se contudo na necessidade de alterar um pouco o cenário, para que pudesse acomodá-lo mais elegantemente à condição deles; e, portanto, estabeleceu entre eles imitações fabulosas das verdades e ordenanças da Escritura, de tal modo que mal existe um grande mistério, ou história notável, ou ordenança mencionada na Escritura, sem que encontremos algo entre os pagãos, em tradição ou prática, que a ela aluda. Que imitações tradicionais possuíam eles da

Criação registrada no livro de Gênesis? Aquilo de Ovídio concernente ao Caos e ao primeiro início das coisas é conhecido por todo estudante. Os fenícios, em sua teologia, dão um relato peculiar disso, a partir de seu Taauto, neste sentido: que os primeiros inícios de todas as coisas foram um Caos obscuro e desordenado, e o espírito do ar tenebroso; daí proveio *Moth*, isto é, o lodo, e dali emanaram as sementes e a geração de todas as criaturas na terra e no céu, etc. A maldade dos homens antes do dilúvio (mencionada em *Gn 6:1, 2*) é fabulosamente relatada em um livro antigo (falsamente atribuído a Enoque), no qual se relata que os Vigilantes ou Anjos tomaram para si mulheres das filhas dos homens, e que daí surgiu a raça dos gigantes. Para a descrição do Paraíso, os pagãos possuíam a ficção poética dos Campos Elíseos, assim como tinham a história de Deucalião, em vez da Arca de Noé e do Dilúvio. A história da mulher de Ló foi abusada pela ficção da esposa de Orfeu, subitamente arrancada dele por olhar para trás. A história de Sansão foi transformada na história deles de Hércules e seus dez trabalhos. Do sol parando no tempo de Josué e Ezequias, veio aquela ficção de Júpiter dobrando a noite para que pudesse desfrutar de Alcmena. Em alguns desses disfarces da história sagrada, eles chegam tão perto em nome e circunstâncias que é indubitável que imitaram a história verdadeira, a qual corromperam: por exemplo, Heródoto relata que Sétis, rei do Egito e sacerdote de Vulcano, foi ajudado por seu deus do céu contra Senaqueribe, o que claramente se refere a Ezequias, rei de Judá, e aos prodígios que Deus realizou por ele. Assim, em imitação às cartas de Urias para Joabe visando sua própria destruição, temos em Homero e outros a história de Preto, enviando cartas a Jobatas por meio de Belerofonte, nas quais sua morte era ordenada; a afinidade próxima dos nomes

Joabe e Jobatas mostra com qual novilha o Diabo arou. A história de Abraão oferecendo Isaque é por Porfírio aplicada a Saturno, o qual, diz ele, era chamado de Israel pelos fenícios; ele teve de Anobrete um único filho, chamado *Jeud* (uma alusão evidente, diz Godwin, *Antiq. lib. 4. cap. 3*, a *Gn 22:2*, onde Isaque é chamado em hebraico de *Jechid*, isto é, um filho único), o qual ele ofereceu sobre um altar propositalmente preparado; aqui não apenas a matéria, mas os nomes mostram claramente que a história de Abraão é imitada nisto. Imitação semelhante eu poderia mostrar ter existido entre os pagãos quanto às verdades doutrinárias, como sobre o mistério sagrado da Trindade. No Peru, adoram o Pai, o Filho e o Irmão; bem como o seu *Tangatauga*, que diziam ser um em três, e três em um. Mas a imitação deles quanto às ordenanças é notável em toda parte, de modo que não preciso dizer nada de seus templos, sacerdotes, sacrifícios e outros ritos religiosos; apenas a imitação que o Diabo faz dos sacramentos do Novo Testamento merece observação particular: instâncias de uma imitação simiesca do batismo são óbvias em toda parte, e a da Ceia do Senhor ou Comunhão Cristã era frequentemente assemelhada nas principais festas peruanas, onde carregavam pequenos pães em grandes pratos de ouro, dos quais todos os presentes recebiam e comiam pequenos pedaços, e isto como um sinal de honra e profissão de obediência aos seus deuses e ao Inca. Não muito diferentes eram aqueles pedaços de massa que os mexicanos usavam em suas festas religiosas, os quais colocavam aos pés de seus ídolos, consagrando-os por meio de cânticos e outras cerimônias, e então os chamavam de a carne e os ossos de seu deus *Vitziliputzli* (aludindo diretamente àquilo de nosso Salvador: *Isto é o meu corpo*, etc., tanto que Acosta pensou que o Diabo zombava da transubstanciação deles por

meio disso); isso era distribuído entre todos e era comido com uma grande dose de reverência, temor e devoção.

Podemos ver por essas instâncias que, nessas imaginações fabulosas da verdade, o Diabo tem comercializado industrialmente, e aquilo que ele visava neste desígnio pode ser facilmente conjeturado como sendo:

1. O desprezo e o descrédito da verdade; ele a torna (por este meio) suspeita de alguma falsificação, como se a Escritura não passasse de uma tradição incerta, como se (na melhor das hipóteses) fosse duvidoso se a Escritura ou estas fábulas tradicionais possuíssem melhor autoridade.

2. Ele pretende ainda o enredamento das afeições ao erro por este artifício; pois ele, por assim dizer, toma os despojos do tabernáculo para adornar o seu Dagon com eles, e sem dúvida os pagãos foram muito endurecidos no gentilismo por estas histórias tradicionais; por isso, observa um autor, o Diabo imitou a história do milagre feito em favor de Ezequias, para que as Escrituras perdessem seu crédito e autoridade, e para que a glória de tal prodígio fosse transferida para os seus ídolos; e a consequência de ambos estes é:

3. Privar a verdade de seu poder convincente sobre as consciências dos homens. Os princípios da Escritura convencem pela evidência de sua verdade: se essa verdade for questionada pela substituição de outro competidor, ela perde imediatamente sua força, e os mandamentos dela são desconsiderados, sob a suposição de sua incerteza.

4. Outra de suas formas de trair o entendimento por meio das afeições é levar os homens a uma acomodação da verdade, para uma conformidade com partidos que dela divergem. E isto tem sido tanto mais bem-sucedido porque foi iniciado e conduzido sob os pretextos mais especiosos. Evitar ofensas; suavizar o caminho da religião para ganhar os de mente contrária; a preservação da paz e da unidade, são alegações muito plausíveis; e realmente, por causa destas coisas, a Escritura (tanto por seus preceitos quanto por seus exemplos) recomendou-nos condescendências e tolerâncias fraternais. Os judeus (que ficaram insatisfeitos com a primeira publicação da liberdade do jugo das cerimônias mosaicas, comprada para nós por Cristo) foram tolerados no uso da circuncisão e na observância da diferença de carnes por um longo tempo, até que pudessem ser melhor instruídos na verdade. Estes pretextos o Diabo utiliza para minar a verdade. E agradando seus agentes com a honra de um desígnio piedoso (e pode ser que, a princípio, tenha sido realmente essa a intenção deles), ele prevalece com eles não apenas para uma condescendência presente para com homens de prática contrária, mas para moldar os princípios da verdade em um formato fixo tal que possam carregar uma semelhança mais próxima com aquelas opiniões às quais se opõem mais diretamente. A aparência de santidade, paz, prudência e sucesso em tal empreendimento anima excessivamente os idealizadores de boa vontade, o que Satanás, nesse ínterim, leva além de todos os limites, e fixa de forma tão perigosa uma representação não natural da verdade

> que ela perde seu próprio esplendor e se estabelece, por fim, em noções inseguras. Assim, pela continuidade de tal conformidade, o erro começa a recrutar suas forças e tem tanta probabilidade de atrair a verdade totalmente para o seu lado (pelo argumento da semelhança e pelas consequências que daí resultam) quanto a verdade tem de extirpar e conquistar totalmente o erro; e se não fizer isso, as eras sucessivas (que não atentaram para o desígnio inicial), encontrando as coisas assim mantidas em profunda reverência aos seus predecessores, transformam suas condescendências prudentes em opiniões perversas.

Se seguirmos o rastro do tempo desde a primeira pregação do Evangelho, poderemos encontrar as pegadas de Satanás ao longo de todo o caminho. Nos tempos dos apóstolos, quando os judeus crentes foram tolerados necessariamente (até que o tempo e a experiência pudessem convencê-los plenamente) em sua observância da Lei de Moisés (a qual certamente fora dada por Deus, e assim poderia muito facilmente ocasionar uma opinião sobre a continuidade dela, *At 15:1, 5*), embora os apóstolos não tenham acomodado de forma alguma os preceitos permanentes do Novo Testamento para carregarem uma semelhança perpétua com aquela opinião, nem tenham continuado a apoiar aquela prática, mas tenham declarado oportuna e plenamente contra ela, exortando os cristãos a permanecerem firmes na liberdade com que Cristo os libertou (*Gl 5:1, 2*), contudo Satanás esteve ocupado em tirar vantagem das tolerâncias presentes que o Espírito Santo os havia orientado a ter; tanto que, em vez de convencer todos os dissidentes por aquela brandura, alguns dissidentes tornaram-se audazes para persuadir os cristãos a outro evangelho. Mas,

após os dias deles, o Diabo perseguiu este desígnio com maior alcance; por exemplo, no tempo de Constantino, quando os gentios afluíram para a Igreja com os pés sujos e em seus velhos trapos, foram tolerados em alguns velhos costumes do gentilismo e, sob o desígnio de ganhá-los, os homens atreveram-se a inclinar a doutrina do Evangelho em direção aos seus usos anteriores: pensaram, de fato, que era melhor fazer vista grossa às coisas e não ser muito duro com eles a princípio, mas que, ao tolerarem um mal menor, poderiam evitar uma inconveniência maior; e, além disso, julgaram ter prestado um grande serviço à Igreja e à religião cristã se pudessem, de qualquer forma, desviar os pagãos de adorarem seus ídolos. E para efetuar isso mais facilmente, pareceram acalentar seus costumes e ritos de adoração como sendo consoantes, no geral, aos princípios do cristianismo, excetuando apenas o objeto de sua adoração como ilícito, de modo que, na prática, não fizeram mais do que mudar o nome. As múltiplas inconveniências que se seguiram a esse tipo de trato não foram descobertas a princípio; mas, além de infectar a simplicidade da religião cristã com a sujeira e a escória do paganismo (o que poderiam ter visto facilmente), o tempo desde então descobriu que aqui o Diabo secretamente lançou os principais fundamentos do papismo.

Quem quer que compare imparcialmente os ritos, costumes, usos e trajes do papismo com os do paganismo, encontrará, para sua admiração, tal acordo e consonância exatos que deverá necessariamente concluir que ou o paganismo imitou o papismo, ou o papismo imitou o paganismo; mas o segundo é o verdadeiro, e que estas corrupções na religião pelo papismo surgiram por um desígnio de conformar o cristianismo ao paganismo (embora possa ter sido com intenções piedosas a

princípio) não é coisa difícil de provar; pois (além do fato de os ritos do paganismo serem mais antigos e, portanto, não poderem ter sido emprestados do papismo, que veio muito depois) a Escritura predisse uma grande defecção da verdade que ocorreria nos últimos dias, e isso sob uma profissão de religião; e as coisas detalhadas são tais que mostram que a defecção carregaria uma imitação do paganismo; pois nada menos parece ser significado por *1Tm 4:1*: *O Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios*; isto é, como prova o Sr. Mede (cuja interpretação sigo), doutrinas concernentes a demônios ou *daemons* (como em *Hb 6:2* temos a frase "doutrina dos batismos", que deve significar doutrinas concernentes aos batismos), a teologia gentílica dos demônios é a coisa que Paulo profetiza que seria introduzida no cristianismo. Quão claramente isto se refere ao papismo pode ser evidente para qualquer um que não se cegue voluntariamente pelo preconceito. A doutrina deles sobre os demônios era esta: supunham dois tipos de deuses, supremos e inferiores; os supremos supunham habitar nas luzes celestiais, sol, lua e estrelas, sem mudança de lugar; estes julgavam ser tão sublimes e puros que não poderiam ser profanados com a aproximação de coisas terrenas, e que aproximações imediatas a eles seriam depreciativas à sua soberania. A ordem inferior de deuses eles imaginavam ser de um tipo intermediário, entre os seres supremos e os homens, como participando de ambos: a estes chamavam de mediadores e agentes, e supunham que o trabalho deles era levar as orações dos homens a Deus e trazer as bênçãos de Deus aos homens; estes eram chamados na Escritura de *Baalim*, e pelos gregos de *Daemons*: com este propósito falam Agostinho e outros.

Ora, estes demônios, supunham eles, eram as almas de homens mortos que haviam sido mais do que ordinariamente famosos em sua geração. Assim, Nino fez uma imagem para seu pai Belo após sua morte e fez com que ele fosse adorado. Hermes confessa que Esculápio, avô de Asclépio, e Mercúrio, seu próprio avô, eram adorados como deuses desta ordem. Abundância de instâncias eu poderia produzir com este propósito; mas para prosseguir, a estes demônios, porque a eles fora confiado o cuidado dos assuntos terrestres (como argumenta Celso contra Orígenes), e por causa da ajuda e vantagem que os homens poderiam receber deles, supunham ser gratidão e dever adorá-los, e esta adoração realizavam em suas imagens, sepulcros e relíquias. Com este propósito, Plutarco nos fala dos ossos de Teseu, e Platão dos santuários de seus demônios.

Quão evidente é que os papistas, em sua doutrina e prática sobre a invocação dos santos e anjos, escreveram a partir desta cópia, e que eles são os homens que introduziram esta doutrina de demônios, a própria coisa declara sem necessidade de mais provas. Tinham os pagãos seus heróis mortos como agentes entre os deuses supremos e os homens? Assim têm os papistas seus santos mortos para oferecerem suas orações. Esperavam os pagãos auxílios mais particulares de alguns destes demônios em vários casos do que de outros? Assim fazem os papistas: em vez de Diana para as mulheres em trabalho de parto, e Esculápio para os enfermos, eles têm Santa Margarida e Santa Maria para as viagens; Sebastião e Roque contra a peste; Apolônia contra a dor de dente; São Nicolau contra as tempestades, etc. Oravam os pagãos a estes demônios por seu auxílio? Assim fazem os papistas aos seus santos, como seus breviários, rosários e saltérios da Virgem testemunham. Tinham

os pagãos suas festas, seus dias fixos para os seus demônios? Assim têm os papistas. Tinham eles suas *Februalia* e *Proserpinilia* com tochas e luzes? Assim têm os papistas sua Candelária com luzes. Ergueram os pagãos imagens e colunas, ou guardaram as cinzas e santuários de seus demônios? Assim fazem os papistas: uns tinham procissões e adorações, os outros também; e há uma grande quantidade de outras coisas em que o papismo mantém uma correspondência com o paganismo. Com este propósito, você pode ler o suficiente em Monsieur de Croy, sobre as três conformidades.

Para tornar ainda mais claro que as corrupções na religião pelo papismo surgiram pelo desígnio de adequar a religião cristã ao paganismo, mostrarei em um ou dois testemunhos que eles professadamente apoiaram o desígnio. Gregório, o Grande, escreve repreendendo Sereno, Bispo de Marselha (que parece não ter sido um homem favorável nesta matéria), neste sentido: "Deverias ter considerado que conversavas principalmente com os gentios, para quem as pinturas servem em vez da leitura, a fim de que nenhuma ofensa lhes seja dada sob a cor de um zelo lícito do qual não estás astutamente dotado". E em outra epístola a Melito, ele aconselha: "Que as honras e ofertas que os pagãos davam aos seus demônios fossem transferidas para os mártires e suas relíquias", e dá esta razão para isso: "é impossível", diz ele, "cortar tudo de uma vez de mentes obstinadas". Eusébio também se esforça por persuadir ao cristianismo por este argumento: que o costume dos cristãos de honrar as memórias dos mártires e de se reunirem solenemente em seus sepulcros concordava com o costume dos gentios de prestar honra semelhante aos seus demônios; e tendo mencionado o que Hesíodo fala sobre a opinião de Platão — que os seus campeões tornavam-se demônios após a morte,

ajudantes e protetores dos homens, motivo pelo qual eram adorados em seus sepulcros como deuses —, ele acrescenta com este propósito que, se essas honras tivessem sido dadas aos favoritos de Deus e campeões da verdadeira religião, teria sido muito bom: e para isso mostra o exemplo e costume dos cristãos de então de irem aos túmulos dos mártires, para ali orarem em honra de seus espíritos abençoados. E embora a princípio pudessem ser mais modestos ao honrarem os mártires do que são agora, de acordo com o que diz Agostinho — "Estas observâncias nos túmulos dos mártires", diz ele, "são apenas ornamentos de suas memórias, não sacrifícios a eles como a deuses" —, contudo isso logo deslizou para um abuso maior, tanto que Ludovicus Vives, em suas notas sobre aquele capítulo, censura os de seu próprio tempo por adorarem santos como deuses, e nos diz que não consegue ver a diferença entre a opinião sobre os santos (como geralmente praticada) e a dos pagãos sobre seus deuses. Eu poderia acrescentar o reconhecimento positivo de Beatus Rhenanus e Jacobus de Voragine sobre o acender de velas para a Virgem Maria, costume que confessaram ter sido emprestado dos pagãos, com respeito à obstinação do paganismo e com o desígnio de não exasperá-los, para que pudessem ganhá-los.

Eu também poderia mostrar que o malefício deste desígnio, de acomodar a verdade para uma conformidade com diferentes partidos, não se manifestou apenas ao introduzir ações e cerimônias estranhas, mas também se revelou ao levedar os julgamentos dos homens em relação à opinião. Calvino conjetura que aquelas asserções confiantes sobre os poderes da natureza foram inicialmente ocasionadas por uma disposição excessivamente oficiosa de reconciliar a doutrina da Escritura com as opiniões da filosofia; e que os homens, não querendo

correr o risco do escárnio que poderiam encontrar ao contradizerem os princípios gerais aceitos dos filósofos, dispuseram-se a moldar a doutrina da verdade relativa à habilidade humana de acordo com eles. Abundância de instâncias deste tipo pode ser dada. De onde veio a doutrina do purgatório senão daqui? É apenas a filosofia de Platão cristianizada pela sinagoga romana. Ele dividiu todos os homens em três classes: os virtuosos, que são colocados por ele nos Campos Elíseos; os ímpios desesperados, a estes ele condena ao fogo eterno; e um terceiro tipo, entre os perfeitamente virtuosos e os desesperadamente perversos, ele envia ao Aqueronte, para serem purificados por meio de punição. Tudo isso Eusébio menciona amplamente. Que os papistas derivaram seu purgatório daqui é geralmente afirmado pelos protestantes; sim, não apenas nestes casos, mas em muitos outros, corrupções entraram no cristianismo por um esforço excessivamente ansioso de fazer a doutrina das Escrituras correr em paralelo com os ditos e asserções das escolas de filósofos; algo de que Tertuliano se queixou antigamente, afirmando claramente que os filósofos eram os patriarcas dos heréticos. Com o que concorda aquela observação do Dr. Owen: que aqueles que ou faziam apologias pelos cristãos, ou refutavam as objeções dos pagãos contra o cristianismo, frequentemente citavam as opiniões ou sentenças dos filósofos e as acomodavam ao seu propósito, para que pudessem gerar em seus adversários persuasões mais amigáveis em relação à religião cristã, evidenciando que os mistérios dela não eram absurdos nem dissonantes da razão, visto que poderiam ser justificados pelos ditos de seus próprios filósofos. E aqui foi lançado, neste desígnio e em sua execução (e certamente agradou não pouco aos seus empreendedores), o

fundamento daquele mal sob o qual a religião desde então geme: que os homens se atreveram a lidar com os tremendos mistérios do cristianismo para acomodá-los incautamente às noções dos gentios. E isso o apóstolo Paulo previu naquela advertência que deu em *Cl 2 :8*: *Tende cuidado, para que ninguém vos faça sua presa por meio da filosofia e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo*. Certamente o laço não é incomum, nem fraco, onde a advertência é tão séria. É algo naturalmente agradável ser o inventor de qualquer coisa nova, ou fazer novas descobertas na religião, levantar novas hipóteses ou aventurar-se em caminhos não trilhados para uma reconciliação da religião com qualquer noção ou prática famosa por sua antiguidade, ou pretexto de beleza e decência. Os homens abraçam-se quando conseguem fazer várias coisas coincidirem, e um ajuste exato de paralelos serve em vez de demonstração. Por este deleite tolo, o Diabo torna os homens audazes para fazerem ensaios; e o que responde ao humor deles passa por verdade indubitável.

1. Ele às vezes cega o entendimento ao incitar as afeições a uma oposição tão fervorosa a algum erro que, em uma pressa impetuosa, lançam a mente em um extremo contrário: de modo que, por meio de uma fuga súbita e violenta de um erro, são lançados em um oposto, e (pode ser) tão perigoso quanto aquele de que fogem. E o Diabo faz isso com grande facilidade, possuindo o pretexto plausível de zelo e cuidado com a verdade, no qual, estando as afeições altamente engajadas, a mente, em uma confiança descuidada, ultrapassa facilmente a verdade (que comumente reside no meio) e pensa que age suficientemente bem se der a maior contradição ao

erro que agora deve ser abominado. Os homens, neste caso, tendo seus olhos fixos apenas naquilo que querem evitar, não consideram tanto para onde estão indo, mas de onde estão saindo. De modo que, buscando (como homens em pânico) evitar o fosso que está diante deles, correm para trás em direção a outro que está atrás deles. Este é um estratagema tão notório de Satanás que todos os homens notam o seu aspecto geral, embora nem todos os homens aprimorem a descoberta para sua própria cautela particular. Os mais sábios dos homens são frequentemente tão enganados por sua resistência violenta a uma inverdade que prontamente se excedem e erram o alvo. Os Pais, no calor da disputa, disseram muitas coisas de forma tão inconveniente que aqueles que vêm depois veem e lamentam esses descuidos apressados; e não possuem outra forma de salvar o crédito deles senão dando esta observação como desculpa para eles. E pode-se observar que alguns erros que surgiram desta raiz a princípio fixaram-se tão fortemente que cresceram até se tornarem um grande incômodo para a verdade; enquanto os erros contrários que os ocasionaram são esquecidos e suas memórias pereceram. Citarei apenas um exemplo entre muitos, e esse será o arianismo; quão tristemente prevalecente ele foi em seu tempo, todos os que conhecem algo da história da Igreja o sabem; o mundo cristão uma vez gemeu sob ele. Mas o que deu a primeira ocasião a Ário para fixar-se naquele erro foi a doutrina de Alexandre, o qual, ao discorrer sobre a Unidade na Trindade de forma excessivamente minuciosa, pareceu justificar o erro de Sabélio, que ensinara (como também Noeto

antes) que havia apenas uma Pessoa na Trindade, chamada por diversos nomes de Pai, Filho e Espírito, de acordo com diferentes ocasiões; sendo a Trindade (segundo a sua doutrina) não de Pessoas, mas de nomes e funções. Enquanto Ário estava insatisfeito com este relato da Trindade, correu para um extremo contrário; e para que pudesse dar a prova mais alta de uma Trindade de Pessoas, afirmou que Jesus Cristo teve um início, e que houve um tempo em que ele não existia, etc. Assim Sócrates fala do surgimento daquela heresia. Poderíamos seguir adiante os passos deste artifício e rastreá-lo na maioria das opiniões; onde descobriríamos que o humor de correr para um extremo contrário ainda estabeleceu um erro oposto, ou ao menos levedou a verdade com expressões e explicações duras e injustificáveis. As disputas entre fé e obras foram assim ocasionadas e agravadas. Alguns falam da fé de tal modo como se desprezassem as obras; outros instam tanto a necessidade das obras como se pretendessem tornar a fé inútil. Alguns falam da graça até o desprezo total da moralidade; outros, ao contrário, magnificam a moralidade até a aniquilação da graça. Alguns, em sua prática, aquiescem na execução externa das ordenanças: se oram ou recebem os sacramentos (ainda que de forma meramente formal), estão em paz, supondo ter feito tudo o que é exigido; outros, observando o erro e sabendo que Deus olha mais para a execução da alma e do espírito do que para o ato do corpo, sob o pretexto de adorar a Deus em espírito, abandonam totalmente a observação de Suas ordenanças. Nem existe nada que nos desfaça de forma mais geral e aparente nas

dissensões atuais (como muitos se queixaram) do que o excesso violento dos homens e o correr para extremos contrários.

2. Satanás faz uso de recompensas ou punições, de um lado para subornar, ou de outro para forçar as afeições, e estas, estando fortemente possuídas, prevalecem facilmente com o entendimento para que passe a sentença de acordo. Os homens são logo persuadidos a aceitar como verdade aquilo que veem que lhes será vantajoso. Alguns homens, de fato, assumem uma profissão da verdade, a qual contudo seus corações não aprovam; mas as vantagens que possuem por sua profissão silenciam suas insatisfações; diz-se que estes usam a profissão da verdade como um *capote de avareza* (*1Ts 2:5*). Mas outros vão além e são realmente levados a uma aprovação daquela doutrina ou caminho que mais concorre para o seu lucro, sendo suas mentes realmente corrompidas por um princípio egoísta; eles se persuadem (onde quer que haja qualquer disputa sobre doutrinas) de que aquela doutrina é verdadeira a que é lucrativa, e consequentemente disputarão por ela. Daí aquela expressão em *1Tm 6:5*: *supondo que o ganho é piedade*. A isto pode-se acrescentar que as afeições são rapidamente sensíveis à facilidade e às gratificações sensuais de qualquer doutrina, e estas são geralmente lançadas na mesma balança para conferir mais peso. Os homens possuem naturalmente um bom gosto por aquela doutrina que promete facilidade, liberdade, ganho e honra; e isso tornou uma peça usual do negócio de Satanás em todas as eras dourar um erro com vantagens externas e corromper a mente por meio de

promessas secretas de ascensão. Por outro lado, ele trabalha tanto quanto pode para prejudicar a verdade, representando-a como perigosa e problemática para os que a professam. E isso não apenas assusta alguns de uma confissão aberta da verdade em que acreditam; mas também, por meio das afeições, persuade alguns a acreditarem que aquilo é um erro, o que inevitavelmente traz a perseguição consigo: por este motor as mentes dos homens são voltadas para pensarem bem ou mal de uma doutrina que lhes é apresentada. Isso é tão bem conhecido que me absterei de uma perseguição posterior deste ponto e passarei para o próximo curso que Satanás toma para corromper o julgamento por meio das afeições; o qual ele faz:

3. Ao incitar algumas paixões específicas, as quais, nas opiniões, costumam influenciar mais o entendimento. E aqui insistirei apenas nestas duas: o orgulho e a ira; com os meios peculiares que Satanás possui para engajá-los em seu serviço. Que o orgulho e a ira são os dois tições usuais da contenda e fontes de erro, todas as eras reconheceram e lamentaram. Estes dois companheiros no mal obscurecem tanto a mente que o prisioneiro miserável, em quem dominam, é levado de olhos vendados para onde quer que seja, e de qualquer modo. O orgulho geralmente começa, e a ira segue com todas as suas forças para justificar o que o orgulho empreendeu. Por isso o apóstolo em *1Tm 6:4* amontoa toda a imundícia concomitante do erro, como *invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas*, e as lança à porta do orgulho: *É soberbo, e nada sabe*. Para o engajamento destes dois ladrões, que roubam do

entendimento a sua luz, Satanás possui muitos artifícios prontos. O orgulho (que já é bastante apressado por si mesmo) logo se excita ao se colocar diante dele a oportunidade de uma descoberta aparentemente rara, ou de avançar a glória do conhecimento acima do patamar comum, de ser visto e admirado como mais excelente que os outros, etc. (pois sob fundamentos tão indignos alguns ousaram aventurar-se em noções estranhas); contudo, não há nada que o engaje mais firmemente do que a contenda ou a disputa: pois, embora o fim próprio da disputa seja a filtragem da verdade, contudo tal é o orgulho do homem, e a vantagem de Satanás por meio dele, que raramente atinge seu fim verdadeiro naqueles que estão engajados. Os espectadores, que mantêm suas mentes calmas e isentas de preconceito, podem receber mais satisfação do que os próprios contendores; e não é necessária outra evidência disso do que a experiência comum que os homens possuem de nossas frequentes contendas, onde temos refutações, respostas e réplicas, e contudo todas as partes continuam em suas opiniões sem convicção. De modo que aqueles que desejam buscar a verdade sem fingimento (em minha opinião) não tomam o melhor curso em sua busca ao se engajarem imediatamente em uma disputa pública, pois os calores usuais que são gerados em uma contenda alienam suas mentes de uma imparcialidade justa, e a poeira que levantam cega seus olhos, de modo que não discernem verdadeiramente. Olhemos para este artifício de engajar o orgulho por meio da disputa, e por meio dele o julgamento. Primeiro, descobrimos que, quando um humor de contenda é suscitado, certas verdades são

negligenciadas quanto ao seu aprimoramento e prática; pois tanta da força da alma é gasta em questões discutíveis que pouco resta para assuntos mais pesados. Segundo, nas disputas o crédito dos homens está tão envolvido que é uma coisa extremamente difícil preservar um respeito fiel à veracidade, especialmente onde são geridas com afrontas e contumélias. Aqueles que, por um trato calmo, poderiam ser induzidos a reconhecer um erro, dificilmente chegarão perto daquele ponto de ingenuidade quando devem ser chamados de tolos, patifes ou asnos pelo seu trabalho. Por isso, ordinariamente (embora professem o contrário), os homens buscam antes a vitória do que a verdade. Terceiro, nas disputas o orgulho e a paixão são geralmente elevados, e quanto mais fortes as paixões, mais fraco é o julgamento. Altercações fervorosas trazem uma confusão, tanto sobre o assunto de que discutem quanto sobre o entendimento que deveria julgar. Quarto, no coração da disputa, quando a mente está inflamada, os homens geralmente se comportam como aqueles em uma briga, onde agarram e atiram qualquer coisa que lhes venha à mão, e nunca se importam onde atinge; eles afirmarão ou negarão qualquer coisa que possa parecer, de algum modo, dar-lhes uma saída. Quinto, estas asserções, uma vez afirmadas, devem ser mantidas, e assim os erros e as contendas aumentam sem fim. As disputas fixam o homem em sua persuasão e o amarram, por assim dizer, à estaca, de modo que, certo ou errado, ele irá até o fim. Sexto, alguns disputam por brincadeira contra o seu julgamento presente e, contudo, por fim, disputam-se a

> si mesmos rumo a uma crença naquilo que levianamente afirmaram a princípio; assim como alguns contam mentiras por tanto tempo que, finalmente, acreditam que sejam verdadeiras. Sétimo, um malefício ainda mais triste frequentemente segue a um humor de disputa, que é o risco da perda de toda a verdade; os homens disputam por tanto tempo até suspeitarem de todas as coisas e, após um longo comércio de ceticismo, tornam-se ateus.

Da mesma maneira o Diabo engaja a ira em todas as disputas e controvérsias, pois ela faz companhia ao orgulho onde quer que haja uma provocação. E, além disso, a ira, ao incitar injúrias e danos, frequentemente engajou os homens (como que em vingança) a mudarem sua opinião e a assumirem outro caminho ou doutrina. Sim, frequentemente aquela simples mistura de orgulho e ira a que chamamos emulação contaminou privadamente a integridade da mente e a preparou para a próxima oportunidade favorável de erro. Isso se nota em Ário, por Teodoreto: que, quando Alexandre foi escolhido Bispo de Alexandria, ele lhe invejou a preferência e, a partir daí, buscou ocasiões de contenda, as quais, após um curto tempo, o Diabo lhe trouxe à mão, como ouvimos. Tão grande é o poder destas duas paixões sobre o entendimento que temos causa para nos maravilharmos com o seu sucesso: raramente ou nunca se pode mostrar que qualquer líder no erro não estivesse visivelmente contaminado pelo orgulho, ou não estivesse aparentemente azedado por descontentamentos e emulação.

1. A estas formas de cegar o entendimento por meio das afeições, acrescentarei apenas mais uma, que é esta: Satanás esforça-se principalmente por adornar um erro

com as vestes da verdade; ele toma seus ornamentos e joias para trajar uma falsa doutrina, para que ela pareça mais amável e obediente; quero dizer que ele planeja (onde os erros são capazes de tal imitação) colocá-los no caminho, método, traje e maneira que a verdade naturalmente utiliza. Se a verdade é adornada com zelo, ordem, rigor, ou possui formas vantajosas de gerir-se, o erro deve imediatamente imitá-la em todas estas coisas; e embora aquele que olha de perto possa discernir facilmente que não é a compleição natural do erro, mas um verniz artificial, e tal que não lhe assenta melhor do que um traje de corte assenta em uma pessoa do campo rude e rústica (pois você pode, à primeira vista, geralmente descobrir o lobo sob a pele de ovelha, e sob o traje dos apóstolos de Cristo você pode ver os ministros de Satanás), contudo os crédulos são geralmente afetados por estas aparências. Se encontram um rigor professado, uma severidade aparente, uma imitação dos caminhos da verdade ou dos frutos dela, comumente não buscam mais nada, mas julgam ser a verdade aquilo que faz as coisas que a verdade faz; e se o erro pode, de forma elegante, competir com a verdade, sob o pretexto de ser tão eficaz em boas obras e de fazer coisas por si mesmas amáveis e de bom nome, ele ganha muito sobre a boa vontade daqueles cuja consideração não os leva muito além das belas aparências. Exemplificarei isto apenas pela arte e política que Juliano usou para estabelecer o paganismo e para arruinar o cristianismo (e aqueles que observaram os caminhos que ele tomou para ganhar seu fim reconhecerão prontamente que ele era tão

habilidoso em promover o erro e suprimir a verdade quanto qualquer outro, e sabia exatamente adequar seus desígnios às inclinações dos homens). Ele, observando que a religião cristã possuía algumas coisas específicas em sua prática e caminho que faziam seu rosto brilhar — como o fato de possuir pessoas solenemente separadas por ordenação para o ensino dos mistérios do Evangelho e para a gestão da adoração pública de Deus; que estas pessoas deviam ser graves em seu comportamento e exemplares em uma conversa santa e estrita; que as constituições da religião designavam caminhos necessários e eficazes de disciplina, para punição e restauração de infratores, e para levá-los ao arrependimento; que ela zelava pela manutenção confortável daqueles que se haviam entregado ao ministério da Palavra e da oração; que ela também ordenava o alívio dos pobres e estrangeiros, etc. —, tomando nota (digo eu) destas excelências no cristianismo, e de quão amáveis eram aos olhos de seus inimigos, ele designou constituições semelhantes para o paganismo e ordenou que os templos dos ídolos fossem adequados em conveniência e beleza às igrejas cristãs; que houvesse assentos e mesas para os principais doutores e leitores do gentilismo, os quais, em tempos fixos, deveriam exortar os povos e orar com eles; e que colégios e monastérios fossem erguidos para eles, e para o alívio dos pobres e estrangeiros; ele ordenou disciplina e penitências para o castigo dos infratores; exigiu que seus sacerdotes se entregassem seriamente à adoração de Deus, bem como suas famílias; que não frequentassem espetáculos nem tavernas, nem

> praticassem qualquer comércio ou arte infame. Assim Sozomeno o relata e nos dá uma cópia de sua carta a Arsácio, sumo sacerdote da Galácia, para este propósito; e tudo isso ele fez para trazer o gentilismo ao crédito perante o vulgo, o qual ele observara estar afeiçoado ao cristianismo por sua ordem, rigor e governo.

Contudo, esta não é a única instância que pode ser dada neste tipo: pois observe qualquer erro que, por cisma, se estabeleça por si mesmo em um partido distinto, e você verá que, embora se afaste da verdade da Igreja e de sua comunhão, contudo ainda (como os israelitas fizeram com os egípcios) carrega consigo estas joias da Igreja e mantém-se em alguma parte considerável do caminho da Igreja (embora modificada de acordo com sua própria inclinação) para que possa ter um brilho consigo, a fim de torná-lo atraente para os outros.

Estes oito detalhes são as formas mais notáveis de Satanás, pelas quais as afeições são ganhas para um bom gosto pelo erro e, por meio delas, o julgamento é secundariamente corrompido para chamá-lo de verdade.

CAPÍTULO V.
As Investidas de Satanás contra a Paz dos Filhos de Deus.

> *As investidas de Satanás contra a paz dos filhos de Deus, evidenciadas: (1.) Por sua malícia; (2.) Pela importância da paz para os filhos de Deus. O que são*

essas preocupações, explicado. (3.) Pelas vantagens que ele possui contra eles ao inquietar suas mentes. 1. Confusão mental. 2. Inaptidão para o dever, e como. 3. Rejeição do dever. 4. Pedra de tropeço para outros. 5. Preparação da mente para acolher impressões venenosas, e quais são elas. 6. Fraqueza física. 7. Nossas misérias como contentamento de Satanás.

Observamos os caminhos de Satanás pelos quais ele tenta a todos ao pecado, pelos quais ele afasta os homens do dever e do serviço, e pelos quais ele corrompe a mente através do erro. Resta-nos agora falar de suas investidas contra a paz e o conforto dos filhos de Deus.

Que privar-nos de nossa paz espiritual é também um dos principais desígnios de Satanás, pode ser plenamente comprovado pela consideração de sua malícia, da grande importância do conforto interior para nós e das muitas vantagens que ele possui contra nós por meio da inquietação de nossas mentes.

Primeiro, quem quer que considere seriamente a malícia implacável do Diabo, acreditará facilmente que ele inveja tanto a nossa felicidade que se levantará industrialmente contra todos os nossos confortos. É seu ressentimento e indignação interior que o homem tenha qualquer interesse naquela felicidade da qual ele caiu irremediavelmente, e que o Espírito de Deus produza nos corações de Seu povo qualquer alegria ou satisfação espiritual na crença e expectativa daquela felicidade. Portanto, deve-se esperar que sua malícia (aumentada pelo tormento de sua própria culpa, que — como alguns pensam — são aquelas *cadeias de trevas* nas quais ele está reservado no presente, *para o juízo do grande dia*) não deixará, nem poderá

deixar, esta parte de nossa felicidade sem ataques. Ele se esforça para nos suplantar em nosso direito de primogenitura, em nossa bênção, em nossa salvação e nas esperanças confortáveis disso. A partir de sua ocupação comum nesta matéria, a Escritura lhe deu nomes que importam uma oposição a Cristo e ao Seu Espírito nos caminhos que Eles tomam para o nosso conforto e satisfação. Cristo é nosso Advogado que pleiteia por nós; Satanás é *Antidikos*, um caluniador. O Espírito intercede por nós; Satanás é *Diabolos*, o acusador dos irmãos, que os acusa diante de Deus dia e noite. O Espírito é o nosso Consolador; Satanás é o nosso Perturbador, um Belzebu que está sempre remexendo em nossas feridas, como moscas sobre chagas.

O apóstolo Paulo tinha os olhos fixos nisso quando aconselhava os coríntios a receberem novamente a pessoa incestuosa e penitente. Sua advertência foi muito séria (*2Co 2:11*): *para que não sejamos vencidos por Satanás* [para que Satanás não obtenha vantagem sobre nós], para que ele não nos engane e nos ludibrie (pois sua expressão refere-se a homens astutamente enganosos no comércio, que trapaceiam e defraudam os inexperientes). A razão desta cautela era a conhecida e comumente experimentada sutileza de Satanás, *porque não ignoramos os seus dispositivos* [artimanhas], implicando que ele estará, e frequentemente está, à espreita para aproveitar todas as vantagens contra nós. Alguns, de fato, restringem essas vantagens ao *v. 10*, como se Paulo quisesse dizer apenas que Satanás planejava fixar os coríntios na opinião de que os que recaem em grandes pecados não deveriam ser recebidos novamente, ou que ele esperava suscitar um cisma na Igreja por causa desse coríntio. Outros restringem esta vantagem que ele aguardava ao *v. 7*, onde o apóstolo

expressa seu medo de que a pessoa excomungada fosse *consumida por excessiva tristeza*. Mas a advertência, não estando expressamente limitada a qualquer uma delas, parece apontar para todas, e nos dizer que Satanás conduz muitos desígnios ao mesmo tempo; e que, no caso deste homem, Satanás tentaria levar os coríntios a um rigor farisaico, ou dividir a Igreja por uma dissensão sobre ele, e oprimir o penitente privando-o de seu devido conforto. Assim, transparece ainda que um de seus desígnios é impedir o conforto e molestar os corações dos filhos de Deus.

Segundo, de tal importância é a paz espiritual interior para nós que é uma conjetura fácil concluir, a partir daí, que um adversário tão grande fará de seu desígnio roubar-nos tal joia. Pois:

1. O conforto espiritual é o doce fruto da santidade, pelo qual Deus adorna e embeleza os caminhos do serviço religioso, para torná-los amáveis e agradáveis aos que os empreendem. *Os seus caminhos são caminhos de delícias, e todas as suas veredas, paz* (*Pv 3:17*). Este é o descanso e o refrigério atual dos servos fiéis de Deus sob todo o seu cansaço: que, embora tenham tribulação no mundo, tenham paz n'Ele (*Jo 16:33*); e que, sendo justificados pela fé, tenham paz com Deus e, às vezes, *alegria indizível e cheia de glória* (*1Pe 1:8*). E isso podem esperar com mais confiança porque os frutos do Espírito são *amor, alegria, paz*, etc. (*Gl 5:22*).

2. O conforto espiritual não é apenas a nossa satisfação, mas a nossa força e atividade interior, pois todos os serviços santos dependem dele. Por meio dele, Deus fortalece o nosso coração e cinge os nossos lombos para

correr pelos caminhos de Seus mandamentos. Ele também fortalece a alma para suportar aflições, para gloriar-se nas tribulações e triunfar nas perseguições. O homem exterior também é corroborado pela paz interior da mente. *O coração alegre serve de bom remédio, mas o espírito abatido virá a secar os ossos* (*Pv 17:22*). Tudo isso é pretendido por aquela expressão em *Ne 8:10*: *a alegria do Senhor é a vossa força*. É força para o corpo e para a mente, tanto para o serviço quanto para o sofrimento. O apóstolo sugere a razão disso em *Fp 4:7*: *A paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos*. Isto é, a paz nos guarda como uma guarnição (pois é isso que a palavra importa), de modo que nossas afeições (nossos corações), sendo entretidas com satisfações divinas, não são facilmente seduzidas por ofertas vis de deleites mundanos; e nossos raciocínios (nossas mentes), sendo mantidos firmes em um objeto tão nobre, não são tão facilmente pervertidos por uma recomendação traiçoeira de vaidades.

3. A alegria e a paz são propostas aos nossos esforços cuidadosos, para alcance e preservação, como um dever necessário de grande importância para nós. O regozijo não é apenas recomendado como algo apropriado para os íntegros, mas imposto como serviço, e isso na prática constante: *Regozijai-vos sempre*, *Em tudo dai graças* (*1Ts 5:16, 18*); *Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos* (*Fp 4:4*). No Antigo Testamento, Deus ordenou a observação de várias festas aos judeus; estas, embora tivessem seus respectivos fundamentos na designação de Deus, contudo o desígnio geral de

todas parecia ser este: que pudessem regozijar-se diante do Senhor seu Deus (*Lv 23:40*). É como se Deus lhes dissesse que essa era a compleição adequada da religião, e algo muito aceitável a Ele mesmo: que Seus filhos pudessem sempre servi-Lo com alegria de coração, visto que tais têm mais motivos para se regozijar do que todo o resto do mundo. Estão, pois, muito enganados os que pensam que olhos lamentosos e corações tristes são os maiores ornamentos da religião, ou que ninguém é sério na profissão dela a menos que tenha um semblante abatido e uma disposição melancólica. É verdade que existe uma alegria que é diabólica, e um riso que é loucura, contra o qual Cristo pronunciou um "ai": *Ai de vós, que agora rides, porque lamentareis e chorareis*. Mas essa é uma alegria de outra natureza, um deleite carnal na vaidade e no pecado, pelo qual os homens engordam seus corações para a ruína; e o que quer que se diga contra isso, não pode prejudicar a alegria espiritual e santa em Deus, em Seu favor e em Seus caminhos.

4. O conforto espiritual é também um distintivo da bondade de nosso Pai Celestial. Assim como José (o filho das afeições de seu pai) teve um testemunho especial disso em sua túnica de várias cores, também os favoritos de Deus possuem um sinal peculiar de Sua boa vontade para com eles quando lhes dá as *vestes de louvor em vez de espírito angustiado*. Se o conforto espiritual é tão vantajoso para nós, não será surpresa ver Satanás enfurecer-se tanto contra ele. Seria uma satisfação para ele arrancar essas vestes de nós, impedir

um dever tão necessário, roubar-nos de tanta força e privar-nos dos doces frutos de nossos trabalhos.

Terceiro, transparece ainda mais que o desígnio de Satanás é contra os confortos dos filhos de Deus pelas muitas vantagens que ele possui contra eles a partir da perturbação e inquietação de seus corações. Enumerarei as principais delas:

1. A partir da perturbação do espírito, ele suscita confusões e distrações mentais. Pois: (1.) É tão natural para a perturbação suscitar um enxame de pensamentos turvos quanto para um mar agitado lançar lama e sujeira; daí aquela comparação em *Is 57:20*. Milhares de suspeitas temerosas, cogitações malignas, resoluções e conselhos oferecem-se imediatamente. Cristo notou esta desordem de pensamentos em Seus discípulos quando estavam em perigo: *Por que se levantam tais pensamentos em vossos corações?* (*Lc 24:38*). E Davi considerou isso como matéria de grande ansiedade, que clamava por ajuda rápida (*Sl 94:19*): *No meio da multidão dos meus pensamentos dentro de mim, as tuas consolações recrearam a minha alma*. Às vezes um medo é sugerido, depois logo outro; agora esta dúvida o deixa perplexo, então outra questão é gerada pela anterior. Eles pensam em tomar este curso, mas logo desistem e resolvem outro, e tão rapidamente mudam para um terceiro, e assim por diante, um pensamento sucedendo a outro, como vapores de uma panela fervente. (2.) Tais pensamentos são vexatórios e perturbadores; os próprios pensamentos (sendo os vapores venenosos de suas feridas abertas) são tristemente aflitivos e, não sem razão, chamados de

Cogitationes onerosae, pensamentos pesados. Mas, ao envolverem o homem em nuvens e trevas, ao confundi-lo em suas resoluções, paralisá-lo em seus empreendimentos, distraí-lo em seus conselhos, perturbá-lo e impedi-lo em seus esforços, etc., eles trazem a mente a um labirinto de confusão. Que vantagem o Diabo possui contra um filho de Deus quando seu coração está assim dividido e quebrado em pedaços, é fácil imaginar. E Davi parece estar muito sensível a isso quando fez aquele pedido (*Sl 86:11*): *Une o meu coração ao temor do teu nome*.

2. Pela inquietação do coração, o Diabo torna os homens inaptos para o dever ou serviço. A aptidão para o dever reside no temperamento ordenado do corpo e da mente, tornando o homem disposto a empreender e capaz de terminar sua obra com satisfação confortável. Se o corpo ou a mente estiverem distemperados, o homem está inapto para tal empreendimento; ambos devem estar em uma estrutura adequada (como um instrumento bem afinado), caso contrário não haverá melodia. Por isso, quando Davi se preparava para louvores e adoração, ele nos diz que seu coração estava pronto e fixo, e então sua língua estava pronta também, assim como sua mão com o saltério e a harpa; todos estes foram despertados para uma postura adequada. Que um homem está ou esteve em condições para o serviço pode ser concluído por: 1. Sua alacridade em empreender um dever. 2. Sua atividade na execução. 3. Sua satisfação posterior — pressupondo-se sempre fundamentos e princípios corretos nestas coisas. Estabelecido este fundamento, perceberemos facilmente

como as perturbações do espírito nos tornam inaptos para o dever. Pois:

3. Estas retiram toda a alacridade e prontidão da mente, em parte ao desviá-la do dever. As tristezas, quando prevalecem, fixam de tal modo a mente na tribulação presente que ela não consegue pensar em nada exceto em seu fardo; elas confinam os pensamentos à dor e ao sofrimento, e fazem o homem esquecer todas as outras coisas — como Davi, em sua angústia, esqueceu de comer seu pão; e pessoas doentes discorrem voluntariamente apenas sobre suas doenças. Em parte, também, ao indispor para a ação. A alegria e a esperança são princípios ativos, mas a tristeza é azeda e preguiçosa. Como a mente (em tribulação) está totalmente empregada na contemplação de sua miséria, em vez de buscar um caminho para evitá-la, se ela tiver lazer em algum momento para nutrir pensamentos de usar meios para a recuperação, contudo está tão exausta com seu fardo, tão desanimada por seus próprios medos, tão desencorajada pela oposição e pelo desapontamento, que não tem vontade de empreender nada. Por este meio, o Diabo traz a alma a um estado de estupor espiritual, congelando os espíritos de tal modo que ela se torna rígida e privada de movimento.

4. As inquietações do coração nos tornam inaptos para o dever ao impedirem nossa atividade na execução do dever. Todo o coração, alma e força deveriam estar engajados em todos os serviços religiosos, mas estas tribulações são como entraves e pesos que impedem o movimento. A alegria é a dilatação da alma e a expande

para qualquer coisa que ela empreenda; mas a dor contrai o coração e estreita todas as faculdades. Por isso Davi implora por um coração dilatado como princípio de atividade (*Sl 119:32*): *Correrei pelo caminho dos teus mandamentos, quando dilatares o meu coração*. Pois o que mais se pode esperar quando a mente está tão distraída com o medo e a tristeza, senão que ela seja desigual, vacilante, fraca e confusa? De modo que, se ela se dispõe a algo, age com dificuldade, avança pesadamente e faz muito pouco com um grande alvoroço. E contudo, a inaptidão seria menor se aquele pouco que ela consegue fazer fosse bem feito; mas a mente é tão interrompida em seus esforços que, às vezes, na oração, o homem começa e logo em seguida para, e não ousa prosseguir; suas palavras são engolidas, ele está tão perturbado que não consegue falar (*Sl 77:4*). Às vezes a mente é mantida tão ocupada e fixa na tribulação que não consegue atentar ao ouvir ou ao orar, mas logo os pensamentos são desviados e tornam-se errantes.

5. As tribulações impedem nossa satisfação no dever e, por esse meio, tornam-nos inaptos para os deveres presentes e nos indispõem para serviços futuros desse tipo. Nossa satisfação no dever surge: 1. Às vezes, de seu próprio brilho e doçura, da convicção que temos de sua agradabilidade e das vantagens espirituais a serem obtidas por ele; estas o tornam atraente e sedutor, e por tais considerações somos convidados à sua execução, como em *Is 2:3*: *Vinde, e subamos ao monte do Senhor... para que nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas*. *Os 6:1*: *Vinde, e tornemos*

para o Senhor, porque ele despedaçou, e nos sarará; fez a ferida, e a ligará. Mas a perturbação do espírito desenha uma cortina negra sobre as excelências do dever e nos apresenta pensamentos assustadores sobre ele, de modo que o julgamos de acordo com nossos medos e o tornamos assustador para nós mesmos, como se fosse inútil, antes um malefício que uma vantagem. 2. Às vezes nossa satisfação provém de algum sinal especial de favor que nosso Pai indulgente deixa cair sobre nós enquanto estamos em Sua obra. Como quando Ele nos dá uma assistência fora do comum, ou coloca alegria e conforto em nossos corações. E isso Ele faz frequentemente para nos fazer voltar e nos engajar novamente no mesmo serviço ou em outros, por termos provado e visto que o Senhor é bom e que há uma bem-aventurança em esperar por Ele. Assim como em nossos corpos Ele ordena que os sucos digeridos se tornem um fermento sucessivo para os que procedem de nossa comida e bebida diárias, assim, a partir dos deveres realizados, Ele gera e mantém o apetite espiritual para novos empreendimentos. Mas, oh, quão tristemente tudo isso é impedido pela inquietação do coração! As graças da fé e do amor são geralmente obstruídas, se não em seu exercício, ao menos em seus frutos deleitosos; e se Deus oferece uma bondade, a tristeza interior impede a percepção. Como quando Moisés falou aos israelitas sobre o livramento deles, eles não deram ouvidos por causa da angústia de espírito. Se uma mensagem de paz se apresenta em uma promessa, ou em alguma consideração da disposição misericordiosa de Deus, geralmente não se lhe dá

> crédito. Jó confessa isso sobre si mesmo (*Jó 9:16*): *Ainda que chamasse, e ele me respondesse, não creria eu que tivesse ouvido a minha voz*. Davi também faz o mesmo (*Sl 77:2, 3*): *A minha alma recusava ser consolada. Lembrava-me de Deus, e perturbava-me*. O assunto de maior conforto é frequentemente tão incapaz de dar alívio que aumenta a perturbação. De qualquer modo, o coração está tão apressado com seus medos e decomposto com a dor que não consegue dar ouvidos, nem considerar, nem acreditar em qualquer oferta bondosa que lhe seja feita.

Por todos esses caminhos o Diabo, através da inquietação da mente, torna o povo do Senhor inapto para o dever; e quão triste vantagem é esta contra nós, não se pode dizer facilmente. Por este meio, ele pode ampliar a distância entre Deus e nós, manter nossas feridas abertas, tornar-nos um opróbrio para a religião. E o que mais não poderia?

Por estas inquietações, ele nos empurra a rejeitar todos os deveres; pois, quando ele nos exauriu por esforços cansativos, sob tamanha indisposição e inaptidão, possui uma vantagem favorável para nos tentar a abandonar tudo. Nossa postura atual fornece-lhe argumentos; ele forja seus dardos em nossa bigorna, e eles são comumente estes três: 1. Que os deveres são difíceis. E isso é facilmente provado por nossa própria experiência enquanto estamos quebrantados ou curvados pelas dores: fazemos muitas tentativas para o dever e somos frequentemente repelidos com perda; nosso maior esforço nos ajuda apenas a desempenhos insignificantes; daí ele infere: "É tolice tentar o que está acima de tuas forças; melhor ficar quieto do que cansar-se por nada". 2. Que são infrutíferos. E

esta é a nossa própria queixa, pois espíritos perturbados comumente têm grandes expectativas dos deveres a princípio, e correm para eles (como os coxos e enfermos para o tanque de Betesda) com pensamentos de alívio imediato assim que entrarem neles; mas quando tentaram e esperaram por um tempo, estendendo-se sobre o dever (como o servo de Eliseu colocou o cajado sobre o rosto do filho da sunamita) e contudo não há voz nem audição, nem resposta de Deus, nem paz, então ficam logo insatisfeitos, refletindo sobre as promessas de Deus e os conselhos de homens bons com isto: "Onde está toda a agradabilidade de que falais? Que vantagem há em termos corrido e trabalhado tanto, se nada obtivemos?". E então é fácil para o Diabo acrescentar: "E por que esperarias tu mais pelo Senhor?". 3. Seu último e mais perigoso argumento é que eles são pecaminosos. A inaptidão para o dever produz muitas distrações, muita frieza, pensamentos errantes, grandes interrupções e desempenhos lamentáveis. Assim, a alma perturbada sai do dever ferida e mancando, mais angustiada quando termina do que quando começou; sob estas considerações: que todo o seu serviço foi pecado, um escárnio a Deus, um tomar de Seu nome em vão, sim, uma afronta blasfema à majestade divina. Sobre isto, o Diabo lança a questão ao coração: se não seria melhor abster-se de todo dever e nada fazer. Assim Satanás aprimora a perturbação da mente, e frequentemente com o sucesso planejado. Pois um espírito abatido não apenas fornece os materiais dessas armas que o Diabo molda contra ele, mas está muito preparado para recebê-las em suas próprias entranhas. Ele aceita os fundamentos desses argumentos e as inferências são comumente consentidas, de modo que ordinariamente o dever é negligenciado, seja: 1. Pela estupidez do coração; ou 2. Por

medos assustadores; ou 3. Pelo desespero: levando o homem ao precipício daquela determinação ateísta: *Lavei as minhas mãos em vão*.

Satanás utiliza as tribulações dos filhos de Deus como uma pedra de tropeço para outros. É uma vantagem não pequena para ele ter, por este meio, uma ocasião para tornar os caminhos de Deus desagradáveis para aqueles que estão começando a olhar para o céu. Ele coloca diante deles os suspiros, gemidos, queixas e clamores inquietos dos feridos no espírito, para assustá-los de toda seriedade na religião, e sussurra-lhes: "Escolherás uma vida de amargura e dor? Podes comer cinza como pão e misturar tua bebida com lágrimas? Trocarás os confortos e conteúdos da vida por um coração melancólico e um semblante abatido? Como gostarias de andar em luto o dia todo e, à noite, ser assustado por sonhos e aterrorizado por visões? Escolherás uma vida que é pior que a morte? E uma condição que te tornará um terror para ti mesmo e um fardo para os outros? Podes amar um coração carregado de dor e medos perpétuos que beiram a loucura, enquanto vês outros, nesse ínterim, desfrutarem de uma paz contente?". Assim ele persegue os jovens iniciantes com suas sugestões, fazendo-os acreditar que não podem ser sérios na religião sem que, por fim, sejam levados a isso, e que é algo muito perigoso ser religioso em demasia, sendo o caminho direto para o desespero. Assim, se eles devem ter uma religião, ele prontamente os direciona a não usarem mais dela do que o que possa consistir com os prazeres do pecado e do mundo, e a fazerem dela um negócio fácil; a não deixarem o pecado aproximar-se demais do coração, para que não os inquiete, nem se preocuparem demais com estudo, leitura, oração ou audição de sermões despertadores e ameaçadores, para que não

enlouqueçam; nem buscarem as sublimidades da comunhão com Deus, exercícios de fé e amor divino, para que isso não os descompunha e ofusque suas alegrias mundanas. Um conselho que é aceito com bastante facilidade por aqueles que estão quase persuadidos a serem cristãos; e, para confirmá-los ainda mais nisso, ele não hesita, às vezes, em caluniar a pobre alma perturbada com a acusação de dissimulação (onde essa acusação é cabível, pois o Diabo não se importa com o quão inconsistente seja consigo mesmo, desde que ganhe seu fim), afirmando que toda a seriedade dela não passa de hipocrisia lamurienta. Assim, quer julguem essas tribulações como reais ou fingidas, sua conclusão é a mesma, e ele persuade os homens, por esse meio, a se manterem afastados de todo rigor religioso, diligência santa e vigilância cuidadosa.

Um uso posterior que o Diabo faz destas tribulações do espírito é preparar os corações dos homens para darem acolhida às suas impressões venenosas. A angústia do coração geralmente abre a porta para Satanás e deixa o homem nu, sem armadura ou defesa, como um alvo fácil para todas as suas setas envenenadas; e é cem para um que algumas delas atinjam o alvo. Escolherei algumas das mais notáveis, e são estas:

Após um longo convívio com a dor, ele trabalha para fixá-los nela. Em alguns casos, o costume alivia dores maiores, e os homens sentem um prazer peculiar em se queixarem; é algum alívio reclamar, e os homens estabelecem-se em tal curso, com o dedo sempre sobre a ferida, andando por aí a contar suas dores a todos com quem conversam. Embora para alguns isso seja uma necessidade (pois dores reais, se não forem grandes demais para serem contidas, forçarão a fala), contudo, em alguns que já se familiarizaram com a dor, isso degenera

finalmente em uma formalidade de queixa; e porque anteriormente tinham motivo para fazê-lo, pensam que devem fazê-lo sempre. Mas, além disso, Satanás tenta acorrentar os homens ao seu luto por dois motivos superiores: 1. Por um contentamento ilusório na dor, como se nossas lágrimas pagassem parte de nossa dívida para com Deus e compensassem as ofensas feitas a Ele. 2. Por uma amargura obstinada e uma resolutividade desesperada, eles se endurecem na dor e dizem como em *Jó 7:11*: *Pelo que não coibirei a minha boca; falarei na angústia do meu espírito; queixar-me-ei na amargura da minha alma. Sou eu porventura o mar, ou a baleia, para que me ponhas guarda?*.

Outra impressão que os corações dos homens tendem a receber é a ingratidão pelos favores concedidos anteriormente; suas tribulações atuais apagam a memória das antigas bondades. Concluem que não possuem absolutamente nada porque não têm paz; embora Deus anteriormente tenha enviado socorro do alto e os tenha tirado das grandes águas, ou do lodo e da lama onde estavam prestes a afundar; embora tenha lhes enviado muitos sinais de amor e lhes conferido muitas bênçãos: contudo, tudo isso não é nada para eles enquanto suas dores continuam, assim como a riqueza e a honra de Hamã não eram nada para ele enquanto o judeu Mardoqueu se assentava à porta do rei. Assim, o Diabo frequentemente prevalece com os filhos de Deus para tratarem a Deus como algumas pessoas ingratas tratam seus benfeitores; as quais, se não forem atendidas em cada pedido, negam a realidade do amor deles e desprezam com grande ingratidão tudo o que foi feito por elas anteriormente.

Pelas dores interiores, o coração dos aflitos é preparado para aceitar a pior interpretação que o Diabo possa dar às Providências de Deus. As várias instâncias da Escritura e as promessas graciosas feitas aos que andam em trevas e não veem luz, advertem abundantemente os homens para não tirarem conclusões ruins dos tratos de Deus, e nos dizem que Deus, por desígnio, para nossa prova e para o nosso proveito, frequentemente esconde Sua face por um momento, quando contudo Seu propósito é nos acolher com misericórdias eternas. Ora, o Diabo trabalha para aprimorar as dores da mente para dar uma interpretação totalmente contrária: se estão aflitos, em vez de dizerem: "A dor pode durar uma noite, mas a alegria virá pela manhã", ou que por um pouco de tempo Deus Se escondeu, ele os leva a dizer: "Esta escuridão nunca passará". Se a dor é pequena, ele os empurra para uma expectativa temerosa de algo pior; como fez com Ezequias (*Is 38:13*): *Esperei com paciência até à manhã; como um leão, assim quebrou todos os meus ossos; desde a manhã até à noite me acabarás*. Se Deus pretende ensinar-nos por meio de tristezas interiores sobre o nosso orgulho de coração, descuido, negligência de dependência d'Ele, a amargura do pecado ou algo semelhante, o Diabo nos fará acreditar (e estamos prontos demais para concordar com ele) que Deus proclama guerra aberta contra nós e resolve nunca mais nos reconhecer. Assim fez Jó (*cap. 19:6*): *Sabei agora que Deus é que me transtornou, e com a sua rede me cercou*. Com que frequência ele se queixou: *puseste-me por alvo para ti... despedaçou-me... agarrou-me pelo pescoço e me despedaçou; pôs-me por seu alvo*? O mesmo fez Hemã (*Sl 88:14*): *Senhor, por que rejeitas a minha alma? Por que escondes de mim a tua face?*.

Nesta ocasião, o Diabo está pronto para envenenar a alma com desejos pecaminosos e maldições contra si mesma. Santos eminentes foram tentados em sua tribulação a dizer demais por este caminho. Jó amaldiçoou solenemente o seu dia (*Jó 3:3*): *Pereça o dia em que nasci, e a noite em que se disse: Foi concebido um homem!*, etc. Também Jeremias (*cap. 20:14*): *Maldito o dia em que nasci; o dia em que minha mãe me deu à luz não seja bendito. Maldito o homem que deu as novas a meu pai, dizendo: Nasceu-te um filho... E seja esse homem como as cidades que o Senhor destruiu e não se arrependeu*. Estranha precipitação! O que o dia merecera? Ou em que o mensageiro era culpado? Paixões violentas apressaram-no além de todos os limites da razão e da moderação. Quando as tribulações interiores são violentas, um pequeno empurrão faz os homens avançarem; e, uma vez que começam, são levados de cabeça para baixo além do que pretendiam inicialmente.

Sobre esta vantagem, o Diabo às vezes encoraja os homens a questionarem o próprio Deus diretamente. Quando Jó e Jeremias amaldiçoaram seu dia, foi uma contumélia contra Deus indiretamente, mas não ousaram ser audazes com Deus a tal ponto de questioná-Lo face a face. Contudo, até a isso os homens são levados frequentemente, quando suas dores são duradouras e profundas. O Diabo sugere: "Pode Deus ser fiel e nunca cumprir a promessa de ajuda? Pode Ele ser misericordioso quando vira Seus ouvidos ao clamor do miserável? Onde está Sua piedade quando multiplica tuas feridas sem causa?". Embora a princípio estas insinuações malditas assustem um pouco os homens, contudo, pela inculcação frequente, tornam-se mais familiares ao coração; os angustiados irrompem em sua fúria com aquelas exclamações: "Onde está a fidelidade de Deus? Onde estão Suas promessas?

Será que Ele Se esqueceu de ser gracioso? Suas misericórdias se esgotaram?". E, finalmente, pode ser que Satanás os leve um passo além, isto é:

1. Para uma desesperação desesperada. Pois, quando todas as passagens de alívio estão fechadas e o fardo torna-se grande, os homens tendem a ser levados à raiva e à fúria; quando pensam que seu fardo é maior do que podem suportar e não veem esperança de alívio, em um tipo de vingança expressam sua ira contra a mão que os feriu. O Diabo está oficiosamente pronto com seu conselho de "Amaldiçoa a Deus e morre", e eles, estando cheios de angústia, são rapidamente levados a concordar com isso.

2. Quando se chega a essa altura, o Diabo possui apenas mais um estágio, que é a sugestão de meios irregulares para o alívio. A raiva contra Deus não apaga o incêndio interior; as blasfêmias contra o céu não aliviam a dor; a ferida continua aberta e não cessa; a tribulação continua, o homem não pode mais suportar, toda a paciência e esperança se foram; o que ele fará neste caso? O Diabo oferece seu serviço, ele será o médico e, comumente, prescreve uma destas duas coisas: 1. Que é melhor tentar romper com toda essa tribulação rumo a uma profanação resoluta; não temer as leis, nem acreditar que há um Deus que governa na terra, mas que tudo isso é apenas o fruto amargo da melancolia e de uma seriedade desnecessária e, portanto, o melhor é: "comer, beber e ser alegre". Se um homem consegue assim escapar de sua tribulação, o Diabo não precisa de mais nada; mas, frequentemente, ele não consegue, as

feridas da consciência não serão curadas assim. Então, 2. Ele possui outro remédio que não falhará, como ele lhes diz: que é destruírem-se a si mesmos, para terminarem suas tribulações com suas vidas. Quão expostos estão os peitos das criaturas perturbadas a todos esses dardos? E se não fosse porque Deus secretamente intervém e sustenta o aflito com Sua mão direita, seria quase inimaginável que consciências feridas, pelo aprimoramento sutil de Satanás de tão bela vantagem, não fossem levadas a toda essa miséria.

3. Satanás pode afligir o corpo por meio da mente. Pois este dois estão tão estreitamente ligados que seu bom e mau estado são compartilhados entre eles. Se o coração está alegre, o semblante é jovial, a força é renovada, os ossos florescem como a erva. Se o coração está perturbado, a saúde é prejudicada, a força seca, a medula dos ossos se consome, etc. A dor no coração é como a traça na vestimenta: consome o corpo insensivelmente e o desordena. Esta vantagem de enfraquecer o corpo cai nas mãos de Satanás por consequência necessária, como os figos maduros do profeta que caíram na boca do comedor. E certamente ele se compraz com isso, sendo inimigo tanto do corpo quanto da alma. Mas é uma satisfação maior para ele o fato de que, assim como ele pode fazer as dores da mente produzirem a fraqueza e a doença do corpo, também pode fazer o distúrbio do corpo (por uma retribuição recíproca) aumentar a tribulação da mente. Quão pouco um corpo doente pode fazer? Ele desabilita o homem para todos os serviços; ele não consegue orar com frequência, nem ler, nem ouvir. A doença retira a

doçura e o conforto dos exercícios religiosos; isso dá ocasião para que pensem o pior de si mesmos; pensam que a alma está cansada dos caminhos de Deus quando o corpo não consegue aguentar. Todas as falhas que o cansaço e a fraqueza produzem são atribuídas imediatamente à má disposição da mente, e isso é como lançar óleo sobre a chama. Assim, o Diabo obtém um ganho duplo da tribulação espiritual.

4. Conte-se também entre as vantagens que Satanás possui contra os homens a partir da tribulação do espírito o fato de que é um contentamento para ele vê-los em suas misérias; é um esporte para ele vê-los (como diz Jó) *tomarem a sua carne com os dentes* e clamarem na amargura de suas almas; os gemidos deles são música para ele. Quando se revolvem em cinzas, afogam-se em lágrimas, rugem até que a garganta seque, estendem as mãos por ajuda, então ele sacia seu coração ao olhar para as desgraças deles. Quando atacam a Deus com suas suspeitas injustas, interpretações malignas da Providência, questionando Seu favor, negando Sua graça, desejando nunca terem nascido, então ele bate palmas e grita vitória. A visão mais agradável para ele é ver Deus escondendo-Se de Seu filho, e esse filho despedaçado por medos, rasgado em pedaços por dores, tornado *irmão dos chacais e companheiro das avestruzes*, sob ansiedades inquietas, lamentações perpétuas, fraco e muito quebrantado, sua força seca como um caco de telha, sua garganta seca, sua língua apegada ao céu da boca, suas entranhas fervendo, seus ossos queimados pelo calor, sua pele enegrecida sobre ele, sua carne consumida, seus ossos saltados, castigado

com forte dor em seu leito. Este é um dos espetáculos deleitosos de Satanás e, para esses fins, ele faz tudo o que pode para privá-los de seu conforto, o que podemos nos persuadir mais certamente ser verdade quando consideramos os fundamentos mencionados anteriormente: sua natureza maliciosa, as vantagens da paz espiritual e as desvantagens da tribulação espiritual.

CAPÍTULO VI.
Das diversas maneiras pelas quais ele impede a paz.

O caminho pelas perturbações do espírito. Essas perturbações explicadas, mostrando: 1. Que vantagem ele tira de nosso temperamento natural; e quais temperamentos lhe dão essa vantagem. 2. Por quais ocasiões ele opera sobre nossos temperamentos naturais. 3. Com que sucesso. (1.) Essas ocasiões, adequadas às inclinações naturais, provocam grande desordem. (2.) Elas têm uma tendência à aflição espiritual. O fato provado e a maneira como ocorre, revelada. (3.) Essas perturbações estão muito sob o seu poder. Considerações gerais e particulares sobre esse poder.

Tendo evidenciado que um dos principais desígnios de Satanás é contra a paz e o conforto dos filhos de Deus, me empenharei agora em descobrir os vários caminhos pelos quais ele os mina nesse aspecto. Nem todas as aflições interiores são do mesmo

tipo em si mesmas, nem Satanás produz sempre os mesmos efeitos a partir de todas elas. Algumas são, por sua própria natureza, desassossegos que não derrubam tão direta e imediatamente a paz e a alegria do crer, nem o conforto da certeza do favor divino, como outras o fazem.

Contudo, visto que por todas elas ele obtém uma vantagem considerável contra nós, no que diz respeito ao pecado e à aflição, e que qualquer uma delas, a longo prazo, pode levar-nos a questionar nosso interesse na Graça e no amor de Deus, e assim nos afligir, falarei de todas. Para fazê-lo de forma mais distinta, classificarei essas aflições em várias categorias, sob nomes específicos (talvez não totalmente precisos, de modo que os mais curiosos possam encontrar neles pontos de exceção), para que, por meio deles e de sua explicação, as diferenças apareçam melhor. Distingo, portanto, quatro tipos de aflição que o Diabo busca incutir no *coração* dos *homens*. São elas: 1. Perturbações. 2. Espantos. 3. Abatimentos de Tristeza. 4. Angústias de Horror. Falarei de cada uma em sua ordem.

1. Das Perturbações da Alma.

Estas são moléstias e desordens pelas quais a mente é tirada de seu lugar e tornada inquieta. A calmaria (na qual a alma deveria desfrutar de si mesma e pela qual deveria estar composta para uma atuação regular e firme) é perturbada por uma tempestade de comoção, na qual a consciência, ou a paz dela, não é imediatamente afetada.

Esta distinção entre a aflição da alma e a aflição da consciência não é nova; outros já a observaram antes e a explicam da seguinte forma: a aflição da alma é mais abrangente do que a aflição da consciência. Toda consciência aflita é uma alma

aflita, mas nem toda alma aflita é uma consciência aflita. Pois a alma pode ser perturbada por causas naturais, civis e espirituais, de acordo com a variedade de ocasiões e provocações, enquanto a paz interior do homem com Deus permanece firme. Em alguns casos (como em bebês e em pessoas perturbadas por febres, etc.), pode haver paixões e perturbações da alma quando a consciência não é capaz de exercer seu ofício. Mais ainda: a alma de Cristo foi perturbada (*Agora a minha alma está perturbada*, Jo 12:27), quando não era possível que o pecado ou o desespero tivessem o menor fundamento nele.

Para expor essas perturbações da alma, eu irei: 1. Mostrar de que vantagem do temperamento natural o Diabo se aproveita para molestar os *homens*. 2. Por quais ocasiões ele opera sobre nossas inclinações naturais. 3. E com que sucesso de perturbação para a alma.

Quanto às nossas disposições naturais, Satanás (como já foi notado anteriormente) tira dali suas indicações usuais de trabalho. Estas o guiam em seus empreendimentos. Suas *tentações*, sendo adequadas aos temperamentos das pessoas, procedem de forma mais suave e bem-sucedida. Alguns possuem uma disposição tão serena e calma que ele não planeja muito a sua perturbação. Outros, porém, possuem paixões mais agitadas (matéria propícia para ele trabalhar), e estes são:

A disposição irada. Quão grande vantagem isso dá a Satanás para perturbar o *coração* pode ser facilmente concebido ao considerar seus vários modos de agir em diferentes pessoas, conforme seus distintos humores. É uma paixão que não age da mesma forma em todos. Quanto às diferenças, não consultarei as escolas dos filósofos, mas me contentarei com o que temos

em Efésios 4:31, onde o apóstolo a expressa por três palavras, declarando assim as várias formas de operação da ira.

A primeira é a *amargura*. Trata-se de um descontentamento sufocado. Alguns, quando estão irados, encobrem a ira e não lhe dão vazão, em parte porque às vezes têm vergonha de mencionar o motivo, por ser trivial ou injusto; em parte por uma disposição taciturna e, frequentemente, por uma reserva natural. Enquanto a chama é assim mantida baixa, ela queima interiormente, e os *homens* remoem em suas mentes muitos pensamentos perturbadores e vexatórios.

A segunda palavra é *indignação* ou cólera. Esta é uma ira feroz e impetuosa. Alguns se movem rapidamente, mas de forma tão violenta que são imediatamente transportados para a fúria e o delírio, ou tornam-se tão irritadiços que não se pode falar com eles.

A terceira é a *ira*, que aqui significa um descontentamento profundo, que nutre pensamentos de vingança e perseguição, estabelecendo-se, por fim, no ódio. Qualquer uma dessas disposições é suficiente para privar o *coração* de seu descanso e alarmá-lo com perturbações.

1. **Outros possuem uma natureza invejosa**, sempre malignando e lamentando a felicidade alheia. É um "olho mau" que não consegue olhar para a melhor condição de outrem sem vexação. Isso transforma o homem em um demônio; é o pecado próprio do Diabo e a fúria que o inquieta. Ele sabe muito bem de que utilidade isso seria para ajudar em nossa aflição.

2. **Alguns possuem temperamentos orgulhosos**, sempre supervalorizando a si mesmos com desdém e desprezo

pelos outros. Esse humor é perturbador para todos ao redor, mas toda essa perturbação acaba recaindo sobre eles mesmos. Eles acham que todos deveriam observá-los e notar suas supostas excelências; se as pessoas não o fazem, eles definham ou sua cólera se agita em indignação. Salomão, em Provérbios 30:21-23, mencionando as coisas que são grandemente inquietantes na terra, exemplifica com o *servo quando reina* e a *serva quando é herdeira de sua senhora*, referindo-se à insolência orgulhosa e imperiosa daqueles que são inesperadamente elevados de um estado baixo para a riqueza ou honra. *O que é de coração orgulhoso levanta contendas* (Pv 28:25) e, assim como é perturbador para os outros, cria problemas para si mesmo. Ele não apenas se molesta pelo trabalho de seus pensamentos desdenhosos, enquanto exerce seu desprezo para com os outros (*O soberbo e presumido, zombador é o seu nome; ele procede com furor e soberba*, Pv 21:24), mas isso também provoca afrontas e o desprezo de terceiros, o que gera novas dores à sua mente inquieta.

3. **Alguns possuem uma exorbitância natural de desejo**, uma cobiça maligna. São apaixonadamente levados em direção ao que não têm e não possuem contentamento ou satisfação naquilo que desfrutam. Tais humores raramente estão em paz; seus desejos são dolorosamente violentos e, quando obtêm o que ansiavam, logo se cansam, e então outro objeto ocupa seus desejos. Assim, essas filhas da *sanguessuga* estão sempre gritando: *Dá, dá* (Pv 30:15).

4. **Outros possuem um temperamento mole e afeminado**, uma fraqueza de alma que os torna inaptos para carregar qualquer fardo ou suportar qualquer dureza. Se encontram dores ou problemas (e quem pode reivindicar isenção deles?), tornam-se imediatamente impacientes, afligindo-se por uma vã resistência ao que não podem evitar. Não que fardos extraordinários não façam o espírito mais forte curvar-se, mas estes clamam pelas menores questões, que uma mente robusta suportaria com certa alegria competente.

5. **E há outras disposições que são ternas até o excesso de simpatia**, de modo que se afetam e se afligem imoderadamente com as dores alheia. Embora este seja um temperamento mais louvável do que qualquer um dos anteriores, Satanás pode tirar vantagem disso, assim como das disposições já mencionadas, para nos desalinhar, especialmente adaptando-as com ocasiões adequadas que operam prontamente sobre esses temperamentos. E isto nos leva ao segundo ponto.

2. O segundo ponto a ser explicado, que será realizado por uma breve enumeração das ocasiões, sendo as principais:

1. **O desprezo ou a desconsideração.** Quando a pessoa, as habilidades ou a opinião de um homem são desprezadas, sua ira, inveja, orgulho e impaciência são despertados, e isso o faz inchar e ficar inquieto interiormente. Até mesmo homens bons foram tristemente perturbados dessa maneira. Jó, por mais santo que fosse, e que tinha questões maiores para perturbar sua mente, queixa-se disso mais de uma vez: *Eu sou motivo de riso para os meus amigos; eu, que*

invoco a Deus... o justo e reto serve de zombaria (Jó 12:4). *Os que se acolhem na minha casa e as minhas servas me têm por estranho... Chamei a meu criado, e ele não me respondeu... Até os rapazes me desprezam; levantando-me eu, falam contra mim* (Jó 19:15-18). Assim ele se lamenta e volta a falar disso com certa agudeza de indignação: *Mas agora se riem de mim os de menos idade do que eu, cujos pais eu teria desdenhado de pôr com os cães do meu rebanho* (Jó 30:1). Davi também, que tinha um *coração* firme sob tribulações, queixa-se de que não podia suportar as afrontas: *O opróbrio quebrou-me o coração, e estou cheio de angústia* (Sl 69:20). Ele nos conta quais eram esses opróbrios e como ficou abalado com eles: *Chorei, e castiguei com jejum a minha alma, e isto se me tornou em afrontas. Pus saco por vestidura, e fui para eles um provérbio. Os que se assentam à porta falam contra mim; e fui o cântico dos bebedores* (Sl 69:10-12). Ele ficou tão atordoado com isso que, se não tivesse se agarrado a Deus pela oração, teria caído: *Mas eu, Senhor, faço a minha oração a ti...* (v. 13). Mais tarde, ele fala de seu suporte sob os opróbrios como um prodígio da assistência divina: *Os soberbos zombaram de mim excessivamente; contudo, não me apartei da tua lei* (Sl 119:51).

2. **A injúria é outra ocasião** pela qual o Diabo opera sobre nossos temperamentos para nos inquietar. Os danos da injustiça e da opressão são difíceis de suportar. Este é um fundamento comum de aflição; homens bons nem sempre conseguem se portar nesse caso como deveriam. Jeremias, quando ferido por Pasur e colocado

no tronco, cai em uma triste paixão: *Sou objeto de riso todo o dia; cada um deles mofa de mim. Porque, desde que falo, grito e clamo: Violência e destruição!* (Jr 20:7-8), imitando os espantos apaixonados daqueles que gritam: "Assassino! Assassino!". Não é de admirar, visto que Salomão dá isso como um axioma baseado em múltipla experiência: *Certamente a opressão faz endoidecer até o sábio* (Ec 7:7). A opressão não apenas torna o homem inquieto, mas louco em sua inquietude; e não apenas os tolos e apressados, mas as pessoas mais ponderadas e serenas.

3. **Outra ocasião de perturbação é a prosperidade dos ímpios.** Sua abundância e sua elevação a honras e dignidade sempre foram um motivo de queixa para aqueles cuja condição está abaixo deles, mas que supõem ter melhores fundamentos para esperar preferência. Isso espantou Jó a ponto de tremer: *Quando me lembro disto, me perturbo, e o horror toma conta da minha carne* (Jó 21:6). E o motivo era apenas este: *Por que vivem os ímpios, envelhecem, e ainda se robustecem em poder?* (v. 7). A aflição que se apodera do *coração* dos *homens* nessa ocasião é chamada de "irritação" (*fretting*), uma vexação que consome a força da alma, como dois corpos duros se desgastam pelo atrito mútuo. Ela tira vantagem principalmente de nossa inveja, embora outros desequilíbrios ajudem a impulsioná-la: *Não te indignes por causa dos malfeitores, nem tenhas inveja dos que praticam a iniquidade* (Sl 37:1). Davi confessa que era propenso a cair nessa aflição: *Pois eu tinha inveja dos soberbos, ao ver a prosperidade dos ímpios* (Sl 73:3). Contra esse

desassossego, temos advertências frequentes (Pv 24:1, 19 e Sl 49:16: *Não temas quando alguém se enriquece, quando a glória da sua casa se engrandece*). Tudo isso mostra nossa inclinação para essa doença.

4. **As cruzes e aflições dão a Satanás a oportunidade** de trabalhar sobre nossas paixões. Tais como decepções em expectativas, perda de amigos, de bens, perseguições e sofrimentos por causa da consciência, etc. Nenhuma dessas coisas, em sua própria natureza, é alegre, mas sim penosa. O uso que o Diabo faz delas para desordenar a mente dos sofredores é evidenciado pela experiência comum. As lágrimas, os semblantes tristes e as lamentações fúnebres dos *homens* são testemunhas verdadeiras do desassossego de seus *corações*. Cada um, pressionado pelo senso de sua própria dor, está pronto a clamar: *Haverá dor semelhante à minha dor?*. *Sou pobre e sem consolo; meus amantes e amigos me abandonaram, e não há quem ajude*. Alguns desfalecem sob o fardo, enquanto seus olhos falham à espera de alívio, especialmente quando novos e inesperados problemas sobrecarregam suas esperanças: *Aguardando eu o bem, veio o mal; e esperando a luz, veio a escuridão* (Jó 30:26). *Por que nos feriste, e não há cura para nós? Esperamos a paz, e não há bem; e o tempo da cura, e eis aqui o terror* (Jr 14:19). E aqui eles afundam, concluindo que não há esperança.

Outros, que suportam melhor em uma bendita expectativa de proveito espiritual, tendo aquilo de Davi diante dos olhos: *Bem-aventurado é o homem a quem tu castigas, ó Senhor, e a*

quem ensinas a tua lei, ainda assim não conseguem conter suas queixas até mesmo diante de Deus: *As angústias do meu coração se multiplicaram; tira-me das minhas aflições. Olha para a minha aflição e para a minha dor* (Sl 25:17-18). Aqueles que tiveram as maiores vantagens de suporte celestial, cujos *corações* foram mantidos em paz, considerando como *toda alegria* o terem caído nessas provações (e Deus faz mais nesse sentido por aqueles que sofrem pelo Evangelho do que ordinariamente por outros), ainda assim não estiveram sob uma insensibilidade estoica de sua aflição. Embora não estivessem angustiados, estavam *atribulados de todos os lados*; embora não em desespero, estavam *perplexos* (2Co 4:8). Embora suas aflições fossem leves, ainda eram aflições.

A estas pode-se acrescentar a dor ou a angústia da enfermidade e do desequilíbrio corporal. Embora existam vários graus de dor, e algumas doenças sejam menos aflitivas que outras, nenhuma delas deixa de traspassar a mente. O homem inteiro é desordenado. Aquele que é exercitado com fortes dores em seu leito clama na amargura de sua alma; e aquele que definha por graus imperceptíveis torna-se ordinariamente irritadiço, e sua mente sangra por uma ferida interna, de modo que gasta seus dias em suspiros e seus anos em lamento.

Há outros que, já conhecendo as dores corporais, tornam-se muito impacientes na enfermidade e não conseguem suportar nada. Além do senso presente da dor, a expectativa da morte coloca alguns em grande comoção; o medo dela (pois é naturalmente terrível) enche-os de pensamentos inquietos. Aqueles que se aproximam da sepultura por passos lentos, sob consumo ou doenças definhantes, habituam-se à tristeza e não

conseguem pensar em nada com alegria (a menos que tenham grande certeza da salvação e tenham aprendido bem a morrer), porque o caixão, a cova e a mortalha lhes são constantemente apresentados. Embora sejam objetos muito adequados para meditação e (se bem aproveitados) de grande vantagem para a preparação para a morte, SATANÁS tenta, por meio deles (quando convém ao seu propósito), manter os *homens* sob luto e privá-los de sua paz.

Satanás tira vantagem da aflição proveniente das misérias alheias. A simpatia é uma graça cristã; e carregar os fardos uns dos outros, chorar com os que choram, mostra que somos membros do mesmo corpo com sentimentos mútuos; pois, se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele. Contudo, alguns *homens* são naturalmente de uma constituição tão terna que Satanás os sobrecarrega nisso; qualquer ocasião comum os ferirá. Os efeitos usuais da providência ordinária de Deus sobre os pobres, coxos ou doentes são profundamente sentidos por eles; e, em vez de apenas não serem insensíveis às misérias alheias, tornam-se insensíveis a qualquer outra coisa, e nem sequer desfrutam de suas próprias misericórdias. E aqui, como Satanás pode, a cada momento, apresentar-lhes objetos de piedade, comuns ou extraordinários, sob um pretexto religioso de consideração misericordiosa, eles tornam-se cruéis consigo mesmos, recusando sua própria paz porque outros *homens* não estão em descanso.

3. O terceiro detalhe prometido para a descoberta dessas perturbações da alma era este: que, pelo concurso dessas e de outras ocasiões semelhantes com tais temperamentos, os *corações* dos *homens* são perturbados e sua paz interior é quebrada. Evidenciarei isso por meio destas três coisas: 1. Que

essas ocasiões, encontrando tais disposições, naturalmente provocam grandes perturbações em sua operação presente. 2. Que elas têm uma tendência a aflições futuras. 3. Que Satanás planeja e ordinariamente tem em seu poder desordenar os *corações* dos *homens* por meio disso.

Que essas ocasiões, encontrando tais disposições, naturalmente provocam grandes perturbações. Isso é evidente pelo que já foi dito: pois (1.) Todas essas disposições carregam tanto fogo em seus próprios seios quanto o suficiente para queimar a colheita da paz de qualquer homem. O que é a ira senão um queimar interior, uma confusão inquieta dos espíritos, às vezes um delírio, uma distração, um mar agitado cheio de fúria, uma fera solta? A inveja é uma irritação rabugenta, um lamento vexatório, que não necessita de outros torturadores além de suas próprias fúrias, recaindo sobre aquele que a gerou porque não pode descarregar seu rancor sobre seus objetos. Uma pessoa invejosa é um suicida, conforme o veredito de Elifaz: *Porque a ira destrói o louco, e o zelo [inveja] mata o tolo* (Jó 5:2). Isso não deve ser entendido meramente como provocar o Juiz de toda a terra a enviar a destruição merecida, mas também (se não principalmente) por seu próprio temperamento corrosivo, que, pela longa continuidade, consome as forças e o corpo.

O orgulho é uma vexação perpétua, criando seus problemas a partir de sua própria *fantasia*. Cobiças irregulares mantêm o homem constantemente no suplício; tornam o homem como o Tântalo dos poetas; dão ao homem um *appetitus caninus*, um apetite forte com ganância excessiva, busca inquieta e insatisfações constantes — ele está sempre boquiaberto e nunca desfruta. A impaciência é um conflito cansativo com um fardo

que não se pode carregar nem sacudir; onde todo o fruto do trabalho vão não resulta em nada melhor do que isto: o impaciente torna seu fardo maior, as amarras que o prendem mais fortes e a força que deveria carregá-lo mais fraca. Por fim, um excesso de piedade multiplica feridas sem causa; impede o homem de ser feliz enquanto houver alguém miserável. Ele está sempre (quanto ao seu sossego) à mercê de outros *homens*; os aflitos podem atormentá-lo à distância e, por uma espécie de magia, fazê-lo sentir os tormentos que são infligidos à sua imagem.

Quem pode negar que os *homens* dominados por tais disposições vexatórias devem levar uma vida inquieta e estar sempre sendo jogados por tempestades interiores? Especialmente (2) quando consideramos quão adequadas são as ocasiões mencionadas para arrastar esses humores às suas extravagâncias tumultuárias. Um fósforo aceso e pólvora não são mais exatamente adequados para provocar uma explosão do que essas ocasiões e temperamentos o são para gerar um incômodo interior. Alguns desses humores são tão problemáticos que, antes de ficarem sem trabalho, lutarão com suas próprias sombras e, por uma perversidade de *fantasia* preconceituosa, criarão seus próprios problemas. Mesmo os melhores deles, que parecem às vezes fazer uma trégua e compor-se para o descanso enquanto as ocasiões estão distantes, são rapidamente despertados, como cães adormecidos que se agitam ao menor ruído. Que trabalho, então, podemos esperar que façam quando convocados a comparecer em uma ocasião solene?

Mas (3) se tratarmos por exemplos e trouxermos ao palco os efeitos produzidos por essas causas concorrentes, aparecerá que

elas provocam perturbações seriamente. Observemos os acessos furiosos, que foram como clarões súbitos, logo passados; ou suas impressões mais duradouras, e veremos que é verdade. Quanto aos acessos violentos, os exemplos são infinitos. Em que fúrias, ultrajes, loucuras e extravagâncias os *homens* não incorreram? Alguns, sob provocações, agiram furiosamente com crueldades selvagens e, por questões pequenas, foram levados às vinganças mais desesperadas. Outros foram levados a tais comoções violentas dentro de si mesmos que a estrutura da natureza foi enfraquecida e derrubada. Como Sila, que em uma forte paixão, vomitou cólera até morrer. Alguns, em sua fúria, agiram de modo que foi motivo de tristeza por todos os seus dias.

Mas (omitindo os exemplos de pagãos e homens ímpios), consideremos os maravilhosos transportes de homens santos. Moisés, um homem eminente, além de qualquer comparação, em mansidão, ficou tão atônito com uma surpresa súbita de aflição ao ver o bezerro de ouro que jogou as tábuas da Lei e as quebrou. Alguns, de fato, observam nisso um significado de Israel quebrando a Lei e perdendo a proteção de Deus como Seu povo peculiar; mas isso deve ser mais atribuído ao desígnio da Providência Divina, que assim o ordenou, do que à intenção de Moisés, que, sem dúvida, não fez isso por uma deliberação serena e calma, como se pretendesse por esse ato dizer tanto a Israel; mas foi apressado por sua dor (não considerando bem o que fazia) a quebrá-las. Asa, um homem bom, quando repreendido pelo profeta (em vez de aceitar a repreensão com gratidão), irrita-se, cai em fúria e lança o profeta na prisão. Elias, perturbado pela perseguição de Jezabel, deseja que Deus lhe tire a vida. Jonas, em sua ira, discute com Deus e justifica-se depois de tê-lo feito.

Certamente tais acessos como estes procederam de grande combustão interior. Homens sábios, sóbrios e santos teriam dito ou feito tais coisas se não tivessem sido transportados para além de si mesmos? E embora, em tais casos, os acessos passem logo, observamos que alguns são propensos a cair neles frequentemente e são tão facilmente irritáveis que (como o epiléptico possuído pelo demônio) em cada ocasião são por ele lançados no fogo ou na água e, pelo retorno frequente de seu desequilíbrio, nunca estão em descanso.

Quanto a outros, cujos temperamentos são mais aptos a reter uma impressão perturbadora, é óbvio que suas perturbações têm tanto em comprimento e largura quanto os outros tinham em altura. Pode-se ver Hamã atormentado sob seu descontentamento secreto, que seu orgulho e inveja formaram nele pela falta da reverência de Mordecai. O favor do rei, uma grande propriedade, alta honra e tudo o mais que um homem pudesse desejar para estar contente, são todos engolidos por este abismo e tornam-se nada para ele. Vê-se Amnom vexado e doente por sua irmã Tamar, definhando dia após dia. Vê-se Acabe (embora rei, que tinha o suficiente para satisfazer sua mente) na mesma condição pela vinha de Nabote.

Se disserdes que estes eram homens ímpios, que cavalgavam suas concupiscências sem freio e usavam a espora, olhai então para homens melhores, e vereis demais. Raquel tanto sofre e lamenta pela falta de filhos que professa sua vida inconsistente com sua decepção: *Dá-me filhos, senão morro*. Ana, pela mesma ocasião, chora e não come, e ora na amargura de sua alma e na abundância de sua queixa e dor. Jeremias (sendo pressionado por desanimadores vindo da contradição de homens maus) chama a si mesmo de *homem de rixa e homem*

de contenda para toda a terra (Jr 15:10). Suas dores dali decorrentes haviam amargurado tanto sua vida que ele lança um "ai" sobre seu nascimento: *Ai de mim, minha mãe, por que me deste à luz homem de rixa*.

Paulo tinha uma coragem nobre sob múltiplas aflições; podia gloriar-se na cruz e regozijar-se nas perseguições. No entanto, a grandeza de sua obra, a perversidade obstinada e a instabilidade dos professos (que o colocavam sob temores, ciúmes e novas dores de parto), as misérias dos cristãos e o cuidado que tinha pelas preocupações do Evangelho (que era uma carga constante sobre sua mente, seu *coração* — como o do velho Eli — tremendo sempre pela arca de Deus) faziam-no queixar-se como alguém exausto pelas aflições de seu *coração*: *Em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejuns muitas vezes, em frio e nudez. Além das coisas exteriores, me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas. Quem enfraquece, que eu também não enfraqueça?* (2Co 11:27-29). Pelos judeus, ele tinha *grande tristeza e contínua dor no coração*; e pelos gentios, tinha temores perpétuos.

Ora, embora ele tivesse uma grande porção de confortos divinos misturados e uma assistência do Espírito mais que ordinária para guardá-lo de perturbações pecaminosas (pelo menos na altura em que ordinariamente prevalecem sobre outros), ainda assim ele era muito sensível ao seu fardo, e sem dúvida o Diabo trabalhava para aproveitar essas ocasiões para exaurir suas forças. Pois, por estas e coisas semelhantes, ele frequentemente vexa as almas justas dos ministros fiéis do Evangelho dia após dia, de modo que seus *corações* não têm descanso, suas mãos tornam-se muitas vezes débeis e eles clamam: "Oh, o fardo! Oh, o cuidado!", estando prontos a dizer

como Jeremias: *Iludiste-me, ó Senhor, e iludido fiquei... sou objeto de riso todo o dia; cada um deles mofa de mim* (Jr 20:7). Assim dizem eles: "Alguma vez pensamos encontrar tais decepções, tais dores, vindas da obstinação, orgulho, fraqueza, ignorância, irritabilidade, inconstância, negligência e escândalos de amigos? E tal ódio, contradições, desprezos e injúrias de inimigos? Estivéssemos livres, que vocação não escolheríamos antes? Para que lugar não iríamos antes, onde pudéssemos passar o restante de nossos dias em algum descanso e facilidade? Não seria melhor trabalhar com nossas mãos por um bocado de pão, pois assim nosso sono nos seria doce à noite e não veríamos essas dores?". Nesse nível, os homens bons são por vezes perturbados, e a angústia de seu espírito torna sua vida um fardo.

Contudo, não é esta toda a perturbação que o Diabo opera em nossos *corações* por meio dessas coisas (embora estas já sejam ruins o suficiente), mas elas têm uma tendência a aflições futuras. Perturbações do espírito, se continuarem por muito tempo, transformam-se, por fim, em aflições de consciência. Embora não haja afinidade entre a simples perturbação da alma e as aflições de consciência em sua própria natureza — sendo os objetos da primeira coisas externas, que em nada se referem ao interesse da alma em Deus e na salvação, que são os objetos da última —, os efeitos produzidos pela prevalência dessas perturbações são um terreno fértil para o enxerto de dúvidas e questionamentos sobre nossa condição espiritual.

Como o pai de Saul, que primeiro se perturbou pela perda de suas jumentas e enviou seu filho para buscá-las; mas, quando este demorou, esqueceu sua perturbação original e assumiu

uma nova dor por seu filho, que temia ter perdido na busca pelas jumentas. Assim acontece às vezes com os *homens* que, após terem se afligido longamente por injúrias ou aflições, etc., ao considerarem seriamente a operação e o poder dessas paixões, deixam sua busca anterior e começam a refletir em que condição estão suas almas, que abundam em tanta murmuração, fúria, orgulho ou impaciência. Então o cenário se altera: eles começam a temer que perderam suas almas e agora estão perplexos sobre seu estado espiritual. Para tornar isso claro, darei alguns exemplos e depois acrescentarei algumas razões que evidenciarão que é assim e também como chega a ser assim.

Quanto aos exemplos, embora eu pudesse produzir um número suficiente para este propósito a partir daqueles que escreveram sobre a melancolia, insistirei apenas em dois ou três das Escrituras.

Ezequias, quando Deus o feriu com enfermidade, a princípio ficou perturbado pela apreensão da morte, temendo ser privado do restante de seus anos e não contemplar mais o homem com os habitantes do mundo, como ele mesmo expressa: *No meio de meus dias irei às portas da sepultura; privado estou do resto de meus anos* (Is 38:10). Depois, sua aflição cresceu: *Como o grou, ou a andorinha, assim eu chilreava, e gemia como a pomba; os meus olhos se cansavam de olhar para o alto* (v. 14). Ele estava em grande amargura (v. 17) e tristemente oprimido por ela (v. 14). O que assim o angustiava não era simplesmente o medo da morte — não podemos imaginar que uma pessoa tão piedosa se inquietasse tanto apenas por esse motivo —; mas, pelas expressões que deixou cair em suas lamentações, podemos entender que pensamentos como estes o

abalaram: ele apreendeu que Deus estava irado com ele e que o golpe presente significava isso. Consideradas todas as circunstâncias (pois ele ainda estava em sua força, e Jerusalém em grande angústia, sendo sitiada pelo exército de Senaqueribe, e ser sentenciado à morte por uma mensagem súbita em tal momento parecia carregar muito significado), certamente havia grande provocação de sua parte. Parece que, ao examinar-se, ele se acusou tão profundamente de sua pecaminosidade que suas apreensões não eram menores do que a de que, se Deus o restaurasse, ainda assim, no senso de sua vileza, ele nunca seria capaz de olhar para cima: *Andarei humildemente [softly] todos os meus anos, por causa da amargura da minha alma* (v. 15) — expressão que implica uma suposição de sua recuperação e um profundo senso de iniquidade. Consequentemente, quando foi recuperado, ele nota principalmente o amor de Deus por sua alma e o perdão de seu pecado (o que evidentemente descobre onde a aflição o apertava): *Tu, porém, amaste a minha alma e a livraste da cova da corrupção, porque lançaste para trás das tuas costas todos os meus pecados* (v. 17).

As aflições de Jó foram muito grandes e seu caso, extraordinário. Satanás o havia despido maliciosamente de todos os confortos externos, o que ele suportou com admirável paciência: *Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o Senhor o deu, e o Senhor o tomou: bendito seja o nome do Senhor* (Jó 1:21). O Diabo, vendo-se agora derrotado, obtém uma nova comissão, na qual Jó é inteiramente colocado em suas mãos (exceto a vida, Jó 2:6). Ele o ataca novamente e, em seu novo encontro, trabalha para trazer sobre ele angústias espirituais e, consequentemente, aproveita suas perdas e sofrimentos para esse fim, como aparece por seus esforços e

pelo sucesso. Pois, assim como o tentou por meio de sua esposa a um desprezo desesperado de Deus, que o havia afligido tanto (*Amaldiçoa a Deus, e morre*), também o tentou por meio de seus amigos a questionar o estado de sua alma e sua integridade, tudo a partir da consideração de suas misérias externas.

Para esse propósito servem todos os discursos deles. Elifaz (Cap. 4:5-7), a partir de seus sofrimentos e de seu comportamento sob eles, aproveita a ocasião para zombar de sua piedade anterior (como sendo nada além de fingida): *Mas agora vem sobre ti, e te enfadas... Porventura não era o teu temor de Deus a tua confiança, e a tua esperança a integridade dos teus caminhos?* — isto é, "toda a tua religião resume-se a isto?". E também o conclui como ímpio: *Quem jamais pereceu, sendo inocente? E onde foram os retos destruídos?*. Bildade (Cap. 8:6, 13) acusa-o de hipocrisia pelo mesmo motivo e, enquanto ele faz sua defesa, Zofar claramente o chama de mentiroso (Cap. 11:3). E assim eles continuam em seu ciclo.

Durante todo esse tempo, Satanás (cujo desígnio era afligir sua consciência com o senso da ira divina) secretamente intervém com essas acusações, de modo que, embora Jó defendesse firmemente sua integridade, ele foi ferido com angústias interiores e concluiu que esses tratos de Deus contra ele eram nada menos que a severa observação de sua iniquidade por parte de Deus, como fica claro em seu lamento: *Direi a Deus: Não me condenes; faze-me saber por que contendes comigo* (Jó 10:2). *Caças-me como a um leão feroz... renovas contra mim as tuas testemunhas...* (v. 16-17).

Davi foi um homem frequentemente exercitado com enfermidades e aflições vindas de inimigos. Em quase todos os

exemplos que encontramos nos Salmos sobre essas suas aflições, podemos observar que as ocasiões externas de aflição o levaram à suspeita da ira de Deus e de sua iniquidade. De modo que ele raramente estava doente ou perseguido sem que isso evocasse o desassossego da consciência e trouxesse seu pecado à memória. Como no Salmo 6 (feito por ocasião de sua enfermidade, como aparece no versículo 5), no qual ele expressa a vexação de sua alma sob a apreensão da ira de Deus. Todas as suas outras dores correndo para este canal (como pequenos riachos perdendo-se em um grande rio), mudam de nome e natureza. Aquele que a princípio estava apenas preocupado com sua doença, agora está totalmente preocupado com a dor e a agudeza sob o medo e o risco da condição de sua alma. O mesmo podemos ver no Salmo 38 e em muitos outros lugares.

Tendo comprovado a afirmação de que as perturbações da alma por ocasiões externas, pela longa duração e pela gestão de Satanás, frequentemente escalam para a angústia espiritual de consciência, mostrarei a seguir, para maior confirmação e ilustração, como isso acontece.

As perturbações do espírito obstruem e, por fim, extinguem os confortos interiores da alma. Suponhamos que a pessoa perturbada, a princípio (antes de ser assim desordenada), tivesse uma boa medida de alegria espiritual no favor de Deus e deleite em Seus caminhos. No entanto, as perturbações:

(1.) Desviam seus pensamentos de alimentar-se desses confortos ou de desfrutar de si mesma neles. A alma não pode, naturalmente, estar intensamente focada em duas coisas diferentes ao mesmo tempo; o que quer que engaje fortemente os pensamentos e afetos carrega consigo toda a corrente, seja

bom ou mau, e outras coisas cedem espaço no momento. Quando o *coração* é veementemente movido por considerações externas, ele deixa de lado os pensamentos da doçura que teve no desfrute de Deus. Eles são tão contrários e inconsistentes que ou nossos confortos expulsarão de nossos pensamentos nossas perturbações, ou nossas perturbações expulsarão nossos confortos. Creio que os confortos de Elias (quando se deitou sob sua dor e desejou morrer) e de Jeremias (quando clamou por violência) minguaram muito naqueles acessos de descontentamento, e seus espíritos estavam longe de um regozijo real em Deus.

Mas isso não é o pior; não podemos imaginar que, ao passar o acesso, os confortos habituais retornem ao seu curso anterior. Pois, (2.) A mente, distraída com seu fardo, é deixada impotente e incapaz de retornar ao seu exercício anterior. O calor que o *coração* tinha, sendo sufocado e suspenso em seu exercício, não é revivido tão rapidamente; e os pensamentos que estavam ocupados com a perturbação (como os humores doentios do corpo) não são reduzidos subitamente àquela uniformidade de composição que os torne aptos para seu antigo emprego.

E, (3.) Se Deus oferecesse as influências de suporte alegre, um espírito perturbado não estaria em capacidade de recebê-las, não mais do que pode receber os conselhos que, por qualquer mão cuidadosa, são interpostos para seu alívio e estabilização. Confortos não são ouvidos no meio do ruído e do clamor; a calma das faculdades da alma é pressuposta como uma qualificação necessária para a recepção de uma mensagem de paz. A esposa de Fineias, sendo vencida pela dor pelo cativeiro

da arca e pela morte do marido, não pôde ser afetada pela notícia alegre de um filho.

Mas, (4.) Perturbações pecaminosas impedem essas ofertas graciosas e confortáveis. Se pudéssemos possivelmente recebê-las (o que ordinariamente não podemos), ainda assim não poderíamos esperar que Deus as desse. O Espírito de Consolação ama fazer Sua morada em um espírito manso e quieto, e nada O entristece mais do que a amargura, a indignação, a ira, o clamor e a malícia, o que fez o apóstolo (Ef 4:30-31) acrescentar sua direção de afastar estas coisas de nós ao seu conselho de não entristecer o Espírito pelo qual fomos selados para o dia da redenção.

E então, (5.) O estoque anterior de conforto, que se supunha que as pessoas afetadas por perturbações tivessem, logo se esgotará. Pois nossos confortos não são como o azeite na botija ou a farinha na panela, que tinham (por assim dizer) sua fonte em si mesmos. Somos confortados e sustentados pela comunicação diária do auxílio divino; portanto, se a fonte for interrompida, a corrente rapidamente secará. É evidente, então, que as consolações interiores em Deus não amadurecerão sob essas sombras, nem crescerão sob esses gotejamentos contínuos. Visto que um espírito perturbado não é capaz de receber mais, nem capaz de manter o conforto que tinha a princípio, podemos facilmente ver como acontece que essas perturbações possam, com o tempo, trazer aflições espirituais. Pois, se nossos confortos forem perdidos, a aflição de consciência segue-se facilmente. Onde não há nada para fortificar o *coração*, o veneno das sugestões maliciosas prevalecerá inevitavelmente.

As perturbações da alma oferecem ao Diabo matéria adequada para trabalhar. Elas fornecem-lhe fortes objeções contra a sinceridade da santidade, pelas quais a paz da consciência, sendo fortemente assaltada, é por fim derrubada. As armas usuais pelas quais SATANÁS luta contra a certeza dos filhos de Deus são a culpa dos pecados cometidos e a negligência do dever, e a alma perturbada oferece o suficiente de ambos para formular uma acusação contra si mesma. Pois:

(1.) Onde há muita perturbação, há muito pecado. Se na multidão de palavras não falta iniquidade, muito mais na multidão de pensamentos desregrados. Um espírito perturbado é como água agitada: todo o lodo que estava no fundo levanta-se e mistura-se com os pensamentos. Se qualquer injúria ou perda perturba a mente, todos os pensamentos são tingidos com ira, orgulho, impaciência ou qualquer raiz de amargura que estivesse no *coração* anteriormente. Não os vemos puramente como resultado da sábia Providência, mas ordinariamente os consideramos como feitos por tais instrumentos, e contra nós mesmos como injúrias maliciosas, rancorosas, sem causa e ingratas; e então nos damos liberdade excessiva para enfurecer, meditar vingança, ameaçar, reprochar e o que mais houver.

E se nossa disposição não tem uma inclinação natural tão forte para esses desequilíbrios, ainda assim os pensamentos, pela perturbação, são rapidamente levedados (é a comparação usada pelo apóstolo em 1Co 5:8 para exprimir o poder da malícia — que é uma acompanhante usual neste serviço — para infectar todas as *fantasias*) com uma agudeza que os faz inchar em exorbitância e excesso. Daí procedem os insultos, as contendas, etc. Quando a língua é assim fermentada, ela é um fogo, um mundo de iniquidade (produzindo mais pecados do que se pode

contar), contamina todo o corpo (envolvendo todas as faculdades em uma busca impetuosa), Tg 3:6.

2. As perturbações obstruem os deveres.

Este é o inconveniente que o apóstolo nos diz surgir de distúrbios entre familiares (*1Pe 3:7*); se a esposa ou o marido não se portam bem, de modo que surjam descontentamentos ou divergências, suas orações são interrompidas. Os deveres, então, são obstruídos:

(1.) No ato em si. Quando o *coração* está desregulado, a oração está fora de época e há uma aversão a ela. Isso ocorre, em parte, porque todas as coisas boas (em tais confusões) tornam-se pesadas para o humor que então prevalece, o qual consome todo o desejo e deleite pelas coisas espirituais. E, em parte, porque não ousam vir à presença de Deus; a consciência de sua própria culpa e o temor reverente a Deus impedem tais aproximações.

(2.) Elas obstruem a maneira correta de realizar o dever, estreitando o *coração* e contraindo o espírito. Se algo é tentado, é realizado de forma pobre e fraca.

(3.) O sucesso do dever também é obstruído pela perturbação. Deus não aceitará tais serviços e, portanto, Cristo aconselha a deixar a oferta diante do altar (embora pronta para ser oferecida) quando o espírito estiver sobrecarregado com ofensas ou pensamentos irados, e primeiro ir reconciliar-se com o irmão, para depois vir e oferecer a oferta (*Mt 5:23-24*); do contrário, seria trabalho perdido. A partir desses pecados de omissão e comissão, Satanás pode (e frequentemente o faz) formular uma acusação terrível contra aqueles que estão assim afetados, empenhando-se em provar, por essas evidências, que

eles ainda estão no *fel de amargura e laço de iniquidade*, apesar da profissão de conversão. Com isso, a paz da consciência é muito abalada; e ainda mais porque:

3. Estas perturbações da alma dão a Satanás uma ocasião oportuna para a gestão de sua acusação.

Acusações fortes muitas vezes não produzem efeito quando a ocasião é inadequada. Muitas vezes ele tem tanto a dizer contra o conforto dos *homens*, e ainda assim eles sacodem tudo (como Paulo sacudiu a víbora de sua mão) e não sentem mal algum. Mas o que prepara a consciência para receber o indiciamento é uma disposição particular nela produzida por uma credulidade suspeita e pelo temor. Estes tornam o *coração* (como a cera para o selo) pronto para receber qualquer impressão que Satanás queira estampar.

Por meio de longas perturbações, ele molda o *coração* dessa forma muito frequentemente, e por um motivo duplo ele ganha uma oportunidade adequada para lançar suas objeções. Primeiro, ele ataca a consciência com suas acusações após o *coração* ter sido longamente molestado e confundido com outras aflições; pois então o *coração* está enfraquecido e incapaz de oferecer resistência como em outros momentos. Um assalto com tropas frescas após um longo conflito desordena as forças e põe tudo em fuga. Segundo, as longas e grandes perturbações da mente provocam um desequilíbrio de melancolia. É notoriamente conhecido pela experiência comum que aqueles humores ácidos (que produzem essa doença) e que têm origem no sangue, podem ser ocasionados por paixões violentas da mente. Os espíritos animais tornam-se desordenados (por longas perturbações de tristeza, inveja, terror e cuidados irritantes) e, sendo retardado o movimento do

sangue, este perde gradualmente seu temperamento e é infectado por uma acidez. Assim, pessoas que não têm inclinação natural para a melancolia podem tornar-se melancólicas pelos desassossegos de sua mente atribulada.

Por ambos os caminhos, mas principalmente pela melancolia, o Diabo obtém vantagem para perturbar a consciência. A melancolia (muito naturalmente) inclina os *homens* a serem solícitos quanto ao bem-estar de suas almas; mas, ao mesmo tempo, dispõe-nos tão fortemente a suspeitar do pior (pois é um humor crédulo e suspeito em coisas prejudiciais) e aflige tão pesadamente com tristeza pelo que respeita, que quando Satanás apresenta aos *homens* desse humor seus erros sob seus descontentamentos — sua impaciência, ingratidão, ira, pensamentos e falas precipitadas contra Deus ou os *homens*, etc. —, sugerindo que tal *coração* não pode estar reto diante de Deus, eles, após pensarem seriamente na acusação frequentemente repetida de Satanás, clamam: "Culpado, culpado!". Então começa uma nova aflição por seu estado não regenerado e por suas supostas almas perdidas.

4. Nesse caso, Satanás geralmente tem maior liberdade para acusar e, por suas acusações, molestar a consciência, visto que os *homens* de espíritos perturbados, pelos múltiplos males que daí decorrem, provocam Deus a abandoná-los e a deixá-los nas mãos de Satanás para serem levados a uma hora de *tentação*.

A comissão de Satanás é ocasionada por nossas provocações, e as *tentações* decorrentes de tal comissão são geralmente pavorosas. São *tentações* solenes, e chamadas assim de maneira singular; pois entendo que as seguintes Escrituras se referem a elas: *Vigiai e orai, para que não entreis em tentação*

(*Mt 26:41*) e *Não nos deixes cair em tentação* (*Mt 6:13*). Tais *tentações* não são comuns e possuem força e risco desconhecidos para a alma, seja qual for o seu desígnio, seja para o pecado ou para o terror. Pois várias coisas concorrem em uma *tentação* solene:

(1.) Satanás desafia o homem para o combate de maneira especial, ou melhor, ele desafia Deus a entregar-lhe tal homem para lutar com ele, como fez em relação a Jó. Cristo nos fala disso: *Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar* (*Lc 22:31*). A palavra original significa um desafio ou provocação, e parece que o Diabo frequentemente desafia Deus a nos entregar em suas mãos, sem que saibamos.

(2.) Há também uma adequação especial da ocasião e do *laço* ao temperamento e estado dos *homens*. Assim, ele aproveitou Pedro no pátio do sumo sacerdote e, no caso de que falamos agora, aproveita-se das provocações e da melancolia dos *homens*.

(3.) Há sempre uma perseguição violenta, que nosso Salvador expressa sob a comparação de "cirandar" ou peneirar, que é uma agitação inquieta do grão, trazendo o que estava no fundo para o topo e misturando o topo com o fundo, de modo que a palha ou a sujeira fiquem sempre por cima.

(4.) E a tudo isso soma-se a permissão divina, Satanás sendo solto e nós deixados à nossa força comum, como está implícito na expressão: *Ele vos pediu para vos cirandar*. Ora, se o Diabo tem tal base para desafiar Deus a respeito de tais *homens*, e se Deus (como justamente pode fazer) deixa tais *homens* (cuja amargura de espírito tem sido como fumaça em Suas narinas o dia todo) nas mãos de Satanás, ele os sacudirá de tal modo que

suas consciências não terão descanso. E ele pode efetuar isso com ainda mais facilidade porque:

5. As perturbações do espírito têm uma tendência particular de inclinar nossos pensamentos à severidade e ao rigor.

Aqueles que tiveram longas e grandes perturbações por qualquer ocasião externa de perda, aflição ou decepção, naturalmente pensam (após uma revisão solene de tais aflições) de forma severa sobre Deus e sobre si mesmos. Estão prontos a concluir que Deus certamente está irado com eles, visto que os aflige, ou que possuem *corações* não santificados, visto que seus pensamentos são tão irritadiços e desregrados por qualquer ocasião insignificante.

É tão comum que os *homens*, sob o peso de sua aflição ou sob o senso de seu pecado, fiquem tristemente apreensivos quanto à ira de Deus e ao risco de suas almas, que seria desnecessário oferecer exemplos; que o caso de Davi sirva por todos. Que suas aflições geravam tais imaginações frequentemente pode ser visto em todo o Livro dos Salmos. Nunca lemos suas queixas contra inimigos perseguidores ou por outras aflições sem que, ainda assim, seu *coração* tema que Deus esteja trazendo o pecado à memória. No Salmo 38, ele está sob grande angústia e conta quão baixos eram seus pensamentos: estava perturbado, muito encurvado e andava lamentando o dia todo. Ele expressa que seus pensamentos eram de que Deus o havia desamparado (*v. 21*) e suas esperanças (embora tenham revivido depois) quase haviam desaparecido. Ele clama que seus pecados ultrapassaram sua cabeça e tornaram-se um fardo pesado demais para ele (*v. 4*), e por isso dispõe-se a confessá-

los (*v. 18*). Ele treme diante da ira de Deus e sente as flechas de Deus cravadas nele (*v. 2*).

Mas o que ocasionou tudo isso? O Salmo nos informa: Deus o havia visitado com enfermidade (*v. 7*); além disso (pois uma aflição raramente vem só), seus amigos foram pérfidos (*v. 11*) e seus inimigos também estavam ocupados, armando *laços* para sua vida (*v. 12*). Seus pensamentos eram de que certamente ele havia, de uma forma ou de outra, provocado grandemente a Deus com seus pecados, e por isso teme a ira em cada repreensão e o furor em cada castigo (*v. 1*). O mesmo se vê no Salmo 102, onde o profeta, por ocasião de enfermidade (*v. 3 e 23*) e do opróbrio dos inimigos (*v. 8*), está sob grande aflição e pronto a falecer, a menos que um alívio rápido o impeça (*v. 2*). A razão disso era que ele concluía que essas aflições eram sinais evidentes da indignação e da ira de Deus: *Por causa da tua indignação e da tua ira* (*v. 10*).

A partir desses cinco pontos, podemos estar satisfeitos de que não poderia ser de outra forma, e também de como ocorre que, às vezes, a aflição de consciência é provocada por outras perturbações da mente. Pois, se estas retiram os confortos que sustentavam a alma, e oferecem também argumentos ao Diabo para provar um *coração* ímpio, e ainda uma ocasião oportuna para instá-los a uma impressão profunda — enquanto Deus Se mantém à distância e os pensamentos inclinam-se naturalmente a concluir a ira de Deus a partir dessas aflições —, como seria possível que Satanás falhasse em inquietar a consciência com suas fortes e veementes sugestões de maldade e abandono?

Em nossas investigações sobre o sucesso de Satanás ao operar essas perturbações da mente, descobrimos: 1. Que os distúrbios daí decorrentes são grandes; 2. Que eles têm uma tendência à

aflição de consciência. Resta apenas um ponto a ser tratado quanto ao seu sucesso nesse desígnio:

3. Estas perturbações estão muito sob o poder de Satanás.

Ordinariamente, ele pode provocá-las à vontade, exceto quando Deus o restringe de aplicar as ocasiões adequadas, ou quando (apesar dessas ocasiões) Ele suspende extraordinariamente o efeito. Deus frequentemente faz isso quando os *homens* estão enfurecidos sob o sofrimento por causa do Evangelho e da consciência; pois então, embora estejam presos sob aflição e ferro, o ferro não entra na alma; embora estejam atribulados, não estão angustiados. Excetuando esses casos extraordinários, ele pode tão facilmente desordenar os espíritos dos *homens* quanto pode, por meio da *tentação*, arrastá-los a outros pecados, o que pode ser evidenciado pelas seguintes considerações:

1. Podemos observar que aqueles cujos temperamentos apaixonados costumam transportá-los a grandes veemências nunca estão livres de aflição. Seus acessos retornam frequentemente, eles nunca saem do fogo; e isso ocorre porque Satanás está sempre provido de ocasiões adequadas às suas inclinações.

2. Embora Deus, por Sua generosidade comum à humanidade, tenha permitido ao homem uma existência confortável no mundo, descobrimos que, geralmente, os filhos dos *homens*, sob suas várias ocupações e estudos, estão exaustos com vexações de espírito. Salomão, em Eclesiastes, revela isso amplamente nas várias ocupações dos *homens*, não isentando a busca pela sabedoria e pelo conhecimento (*Porque na muita*

> *sabedoria há muito enfado; e o que aumenta em ciência, aumenta em dor*, Ec 1:18), nem os prazeres, nem as riquezas; pois por tudo isso ele mostra que o homem está sujeito a desassossegos. Assim, o relato geral da vida do homem é apenas este: *Porque todos os seus dias são dores, e a sua ocupação é aflição; até de noite o seu coração não descansa* (*Ec 2:23*). Que é assim, a experiência comum testifica além de qualquer negação; mas como chega a ser assim é a questão. Ou é de Deus, ou de Satanás operando por ocasiões sobre nossos temperamentos.

Que não é de Deus é evidente: pois, embora a dor seja parte daquela maldição à qual o homem foi justamente sentenciado, Ele designou caminhos e meios pelos quais ela pudesse ser mitigada, de modo que fosse tolerável, sem perturbação do espírito. Portanto, Salomão, ao planejar em Eclesiastes expor o bem supremo, mostra que a felicidade não consiste no abuso comum das coisas exteriores (porque isso traz apenas vexação), mas no temor de Deus que leva à felicidade futura e, enquanto isso, em um uso agradecido e confortável das coisas presentes, sem ansiedade de mente. Daí ele fixa sua conclusão (como resultado de sua experiência) e a repete frequentemente: *Não há nada melhor para o homem do que comer e beber, e fazer com que a sua alma goze do bem do seu trabalho* (*Ec 2:24; 3:12-13; 5:18-19*). Não que Salomão banque o epicureu, aconselhando a comer e beber porque amanhã morreremos; nem que fale zombeteiramente aos que buscam sua felicidade nesta vida. Mas ele dá um conselho sério e positivo de desfrutar as coisas desta vida com alegria, o que ele afirma proceder da pura generosidade de Deus, como Seu dom singular: *É dom de Deus* (*Ec 3:13*); *é a nossa porção*, isto é, o

que nos é permitido (*Ec 5:19*). Quando um homem tem poder para desfrutar o que lhe é permitido com conforto, é Deus quem lhe responde com a alegria do seu *coração* (*v. 20*). É claro, então, que Deus semeia boa semente em Seu campo; o surgimento, portanto, deste joio da vexação, que tão geralmente aflige os filhos dos *homens*, deve ser atribuído a isto: o inimigo o fez.

1. É também uma base considerável de suspeita de que Satanás pode fazer muito nas perturbações do espírito o fato de que, às vezes, aqueles cujos temperamentos são mais frios e calmos, e cuja dependência singular e comunhão com Deus deveriam fortalecê-los mais contra essas vexações apaixonadas, são, não obstante, precipitados em comoções violentas. Moisés era naturalmente manso, acima da disposição comum dos *homens*, e seu próprio trabalho era conversar com Deus, cuja presença mantinha seu *coração* sob um bendito temor; contudo, diante da murmuração do povo, ele foi tão transportado pela irritação e incredulidade nas águas de Meribá (*Nm 20:10, 12*) que as coisas lhe correram mal; o que Davi assim expressa: *Irritaram o seu espírito, de modo que falou imprudentemente com seus lábios* (*Sl 106:33*). Quem pode supor menos nesta questão senão que Satanás, tendo-o em vantagem, apressou-o a essa precipitação? Especialmente vendo que tais veemências não eram usuais em Moisés e que seu temperamento natural o levava ao contrário.

2. Quando os *homens* mais preveem as ocasiões de sua aflição, e mais temem o problema que daí poderia surgir, e mais firmemente planejam manter seus

corações quietos, ainda assim são frequentemente forçados (contra todo cuidado e resolução) a calores extravagantes. Davi resolveu e esforçou-se arduamente para possuir sua alma em serenidade e paciência (*Eu disse: Guardarei os meus caminhos para não pecar com a minha língua; porei mordaça à minha boca*, Sl 39:1); contudo, apesar de tudo isso, ele não conseguiu manter seu *coração* calmo, nem refrear sua língua (*v. 3*): *Esquentou-se-me o coração dentro de mim; enquanto eu meditava se acendeu um fogo; então falei com a minha língua*. Quem não suspeita da mão de Satanás nisso?

3. É também notável que, quando temos menos razão para ceder à perturbação, e mais causa para evitar todas as provocações, é justamente quando mais ocasiões nos são apresentadas. Quando mais desejamos nos retirar do ruído do mundo para a devoção privada, quando mais cuidadosamente nos preparamos para uma ordenança solene, se não formos muito vigilantes, seremos desviados por negócios, perturbados por ruídos, ou alguma ocasião especial de vexação nos importunará para nos inquietar. No entanto, observaremos que, se não tivéssemos esses assuntos solenes a tratar, teríamos menos dessas ocasiões de vexação a nos atender. Isso não pode ser atribuído à mera contingência das ocasiões, nem apenas aos nossos temperamentos; pois não se explica bem por que eles seriam mais aptos a nos dar problemas justamente quando estão mais comprometidos com a calma. É evidentemente, então, Satanás quem maliciosamente direciona essas ocasiões

em tais momentos que ele sabe que seriam mais prejudiciais para nós.

Essas considerações gerais equivalem a mais do que uma suspeita de que está muito no poder de Satanás dar perturbações às mentes dos *homens*; contudo, para a manifestação mais clara da questão, mostrarei que ele pode fazer muito para provocar ocasiões de perturbação e também para agitar as paixões dos *homens* diante dessas ocasiões.

1. Que as ocasiões estão muito em sua mão, demonstrarei facilmente.

(1.) Havendo tantas ocasiões de vexação para uma mente fraca e debilitada, podemos bem imaginar que uma ou outra esteja sempre ocorrendo e, enquanto elas se oferecem, Satanás não precisa ficar ocioso por falta de oportunidade.

(2.) Mas se as ocasiões comuns não se ajustam exatamente ao seu desígnio, ele pode preparar ocasiões. Tal é sua previsão e astúcia que ele pode levar alguns *homens* (sem que saibam de suas intenções ou tenham qualquer desígnio maligno próprio) a ações que podem (pela força do preconceito, má interpretação ou má inclinação) ser uma ofensa para outros; e, da mesma forma, pode convidar estes últimos a estarem no caminho dessas ofensas. Estou inclinado a pensar que houve uma artimanha de Satanás para aproximar Davi e o objeto de sua luxúria; enquanto Bate-Seba se banhava, ele pode ter usado sua arte em moções privadas para levar Davi ao terraço de sua casa. Mais especialmente pode o Diabo preparar ocasiões que dependem da maldade de seus escravos; estes são servos sob seu comando — ele pode dizer a um: "Vai", e ele vai; e a outro: "Vem", e ele vem. Se o desprezo, a injúria, as afrontas ou os

escárnios forem necessários para seu trabalho presente contra alguém que ele pretenda perturbar, ele pode facilmente colocar seus vassalos nessa parte do serviço. E, por isso, quando Satanás planejou saquear Jó, pôde realizá-lo rapidamente, porque tinha os caldeus e sabeus prontos ao seu chamado.

(3.) Se ambos falharem, ele pode facilmente despertar em nós a memória de antigas ocasiões que foram outrora uma aflição para nós. Estas, sendo ressuscitadas de suas sepulturas, renovarão antigas perturbações, operando novamente os mesmos desassossegos que as próprias coisas nos deram a princípio.

Se o poder de Satanás estivesse limitado aqui, e ele não pudesse fazer mais do que colocar diante dos *homens* ocasiões de vexação, ainda assim poderíamos justamente, por esse único motivo, chamá-lo de o perturbador dos espíritos dos *homens*, considerando que, naturalmente, os pensamentos dos *homens* são inquietos e suas imaginações estão sempre girando. Se os *homens* se isolam de todos os negócios, se se fecham do comércio com outros *homens* e tornam-se eremitas (como fez Jerônimo) com o propósito de evitar o desassossego, ainda assim seus pensamentos os apressariam de lugar em lugar — ora à corte, ora ao mercado, ora a espetáculos e passatempos, ora a contendas; ora veem campos, edifícios e países; ora imaginam dignidades, promoções e honras. Estão sempre trabalhando sobre um objeto ou outro, real ou suposto; e, de acordo com o objeto, assim serão os afetos: elevados ou baixos, alegres ou tristes. De modo que, se o máximo que Satanás pudesse fazer fosse apenas fornecer ocasiões, as perturbações seguiriam naturalmente. As más disposições dos *homens* seriam postas a trabalhar, ainda que Satanás permanecesse

como um espectador ocioso. A serpente (em nossos peitos, como nos diz Salomão em Ec 10:11) morderia sem encantamento, isto é, a menos que fosse encantada. Mas Satanás pode fazer mais do que tentar objetivamente; quando ele providencia o combustível, também pode trazer o fogo. Pois:

2. Ele também pode colocar nossas paixões a trabalhar e incitá-las a uma fúria maior do que a que chegariam de outra forma. Vemos que pessoas alteradas pela paixão podem ser instigadas a um nível mais alto de fúria por qualquer bajulador oficioso que alimente o humor e agrave a provocação. Quanto mais, então, pode Satanás fazê-lo, sussurrando tais coisas às nossas mentes que ele sabe que aumentarão a chama. É por isso que, onde a Escritura nos adverte contra a ira (como o produto próprio de nossa própria corrupção, chamando-a de *nossa ira*, Ef 4:26-27), ali também nos avisa contra o Diabo, como o incendiário que se esforça para aumentá-la. E onde nos fala das desordens da língua (que, embora seja um pequeno membro, pode por si mesma causar grande dano, Tg 3:6), ali também nos diz que o Diabo lhe traz um fogo adicional do inferno: *é inflamada pelo inferno*. E há várias maneiras pelas quais Satanás pode irritar as paixões:

(1.) Apresentando as ocasiões como sendo piores do que são ou do que jamais se pretendeu que fossem, agravando injustamente todas as circunstâncias. Por esse meio, ele torna o objeto das paixões mais desagradável e odioso, o que necessariamente provoca um grau mais elevado de irritação.

(2.) Ele pode, de forma natural, mover as engrenagens e colocar as paixões em marcha, se elas fossem por si mesmas mais lentas e preguiçosas; pois ele tem um acesso às nossas

paixões mais próximo do que se imagina. Tornarei isso evidente: nossas paixões, em seu funcionamento, dependem das flutuações, excursões e recursões do sangue e dos espíritos animais, conforme determinam os naturalistas. Ora, que Satanás possa fazer suas aproximações ao sangue, aos espíritos e aos humores, e possa realizar alterações neles, não pode ser negado por aqueles que consideram o que a Escritura diz no caso de Jó e nos casos daqueles que, por possessão do Diabo, tornaram-se mudos, surdos ou epilépticos. Pois, se ele pôde afligir Jó com úlceras malignas, é claro que desordenou e viciou seu sangue e humores; e se pôde produzir uma epilepsia, é evidente que pôde infectar a linfa com tal agudeza que, ao irritar os nervos, causasse uma convulsão. E estes eram muito mais do que os movimentos desordenados de sangue, espíritos ou humores que despertam as paixões dos *homens*. Se alguém objetar que, então (considerando a diligência maliciosa de Satanás), deveríamos esperar que as paixões dos *homens* nunca estivessem em descanso, responde-se que este poder de Satanás não é ilimitado; muitas vezes Deus lhe proíbe tais aproximações (e sem Sua permissão ele nada pode fazer). Além disso, a graça nos filhos de Deus, operando calma, submissão e paciência, equilibra o esforço contrário de Satanás. Pois, assim como ocasiões prejudiciais e vexatórias, sendo representadas pelo sentido à imaginação, são aptas a mover o sangue e os espíritos, por outro lado, o lastro da paciência e de outras graças estabiliza a mente de tal modo que o sangue e os espíritos são mantidos firmes em seu curso habitual.

(3.) Quando as paixões estão despertas, Satanás pode, por suas sugestões, torná-las mais impetuosas e violentas. Ele pode sugerir à mente motivos e argumentos para impulsioná-la, e pode incitar nossa corrupção natural com todos os seus poderes

para aproveitar a oportunidade. Assim, ele não apenas acende o fogo, mas sopra a chama.

(4.) E ele pode, ainda, fixar a mente nesses pensamentos e mantê-los constantemente no *coração* dos *homens*. Então eles penetram mais fundo e, como o veneno, difundem sua malignidade ainda mais longe. Vemos que os *homens* que, a princípio, estão apenas em uma irritação comum, se continuarem a meditar sobre sua provocação, aumentam sua vexação; e se se entregam a dar vazão às suas paixões pela língua, embora comecem com alguma moderação, assim como o movimento causa calor, suas próprias palavras aguçam sua fúria, conforme Eclesiastes 10:13: *O princípio das palavras da sua boca é a estultícia, e o fim do seu falar, um desvario péssimo*. A mesma vantagem tem Satanás contra os *homens* ao prender seus pensamentos a essas ocasiões de perturbação.

Se as ocasiões estão tanto no poder de Satanás, e ele tem também tamanha influência sobre as paixões dos *homens*, é evidente demais que ele pode fazer muitíssimo para desordenar os espíritos dos *homens* que são naturalmente sujeitos a essas aflições, a menos que Deus o restrinja e a graça se lhe oponha. Assim, expus meus pensamentos sobre o primeiro tipo de aflições pelas quais Satanás mina a paz do *coração* dos *homens*.

CAPÍTULO VII.
Da segunda maneira de impedir a paz.

Espantos: sua natureza geral e fardo, em vários detalhes. Quais são as formas pelas quais ele espanta. 1. Injeções ateístas. Observações sobre seu procedimento nelas. 2. Pensamentos blasfemos. 3. Sugestões pavorosas de reprovação. Observações sobre seus procedimentos nesse curso. 4. Impulsos assustadores para o pecado. 5. Fortes impressões imediatas de medo. 6. Escrupulosidade pavorosa de consciência.

A próxima categoria de aflições pelas quais o Diabo se empenha em nos molestar, chamo de *Espantos*. É comum que aqueles que falam de *tentações* as distingam assim: algumas são (dizem eles) seduções, outras são espantos. Contudo, eles estendem esses espantos para além do que pretendo, compreendendo neles todas as *tentações* de tristeza e terror das quais falarei a seguir. Por *Espantos*, refiro-me apenas a estas perplexidades de espírito nas quais Satanás lança os homens, ao exacerbar seus medos ou assombrar suas mentes, injetando pensamentos incomuns e horríveis contra o consentimento deles.

Há quem pense que aquelas *tentações* das quais o apóstolo se queixa em 2Co 12:7 (*foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear*) eram desse tipo, ou seja, injeções horrendas frequentemente repetidas, como os homens desferem golpes em uma luta. Gerson, falando sobre estas, diz-nos que às vezes elas vêm da mera sugestão de Satanás, perturbando a *fantasia* e dizendo: "nega a Deus", "amaldiçoa a Deus"; e então acrescenta: "tal foi o espinho na carne dado ao apóstolo". Se este foi o problema do apóstolo ou alguma outra coisa (pois várias coisas são

conjecturadas e nada pode ser provado positivamente), temos a certeza, pela triste experiência de muitos, de que ele frequentemente causa tais aflições. Explicarei isso primeiro em termos gerais e, depois, darei detalhes sobre essas injeções pavorosas.

1. Para explicar a natureza e o fardo deste tipo de aflição, apresentarei algumas observações sobre elas. Tais como:

1. Estes pensamentos assombrosos são puramente injeções que Satanás lança na mente, e não o que a própria mente produz. Como alguém expressou, eles são mais como dardos do que reflexões. Não que nossa corrupção natural não pudesse, por si mesma, gerar pensamentos blasfemos ou ateístas; mas quando eles têm origem apenas em nós mesmos, não nos assustam tanto, pois possuem alguma parcela (ao menos) de nosso consentimento e não parecem tão estranhos. No caso em questão, Satanás é o agente e os homens são os sofredores; seus entendimentos e almas estão ocupados o tempo todo em repelir tais pensamentos com o máximo de sua resistência. Para aqueles que assim lutam contra eles, resistindo com todas as suas forças, com lágrimas e orações, tais pensamentos são apenas suas aflições, mas não seus pecados. Pois os pensamentos não são poluídos pela simples apreensão de um objeto pecaminoso, assim como o olho não é contaminado ao contemplar coisas repugnantes e imundas. Do contrário, a mente de Cristo teria sido contaminada quando Satanás se propôs, blasfemamente, como o objeto de Sua adoração; a mente de Cristo apreendeu tão verdadeiramente o significado daquela

frase (*prostra-te e adora-me*) quanto a nossa pode fazê-lo quando ele lança tal coisa imediatamente em nossos pensamentos. Esta é uma consideração a ser observada diligentemente por aqueles que enfrentam esse exercício doloroso: se compreenderem verdadeiramente que estas são apenas seus sofrimentos, e que Deus não lhes imputará o pecado, suportarão e vencerão a aflição mais facilmente.

2. Estas injeções são comumente impetuosas e súbitas, frequentemente comparadas ao *relâmpago*. Este é geralmente um sinal de distinção entre os pensamentos blasfemos e ímpios que surgem de nossa corrupção natural e aqueles lançados por Satanás. Os primeiros são mais pausados, ordenados e moderados, conforme o curso usual do procedimento dos pensamentos humanos; os últimos vêm acompanhados de uma violência apressada, disparando sutil e incoerentemente em nossos entendimentos, como um relâmpago em uma casa. De modo que toda a força que temos não pode evitá-los, nem expulsá-los, nem sequer mitigar sua violência.

3. Elas são também, na maioria das vezes, aflições incessantes e constantes, uma vez que começam. Embora Satanás tenha variedade quanto à matéria dessas injeções assombrosas (pois às vezes espanta um homem com pensamentos blasfemos, outro com pensamentos ateístas, um terceiro com *tentações* graves e incomuns ao pecado, como o assassinato, etc.), geralmente ele fixa o pé naquilo que primeiro empreende. Como caçadores astutos que não mudam a

caça que primeiro espantaram para que possam ser mais rápidos em capturar a presa, Satanás persiste no pensamento pavoroso com que iniciou a aflição e é tão veemente em sua perseguição que dá pouca intermissão. Ele faz com que esses pensamentos indesejados os assombrem como fantasmas, para onde quer que vão e o que quer que façam; ele fará ataques solenes talvez vinte ou quarenta vezes em um dia. Nesse ritmo ele continua, talvez por um tempo considerável, de modo que não se livram da aflição por vários meses ou, quem sabe, anos.

4. A matéria desses *Espantos* são coisas totalmente contrárias às impressões da natureza ou da graça e, portanto, as mais odiosas e perturbadoras. Quando ele está nesse desígnio, as coisas mais contrárias à crença e à inclinação dos homens são as melhores para o seu propósito. Como os homens que pretendem assustar outros escolhem as máscaras mais feias, os trajes e posturas mais estranhos e fazem os ruídos mais bizarros e desumanos; quanto mais monstruosos parecem, melhor sucedem em seus propósitos. Contudo, Satanás nem sempre escolhe o pior, pois então a maioria das aflições desse tipo seria sobre a mesma coisa. Ele considera a força de nossas convicções, nossa firmeza nas verdades, a probabilidade ou improbabilidade de uma estratégia posterior conosco. Assim, às vezes recusa-se a nos perturbar com injeções contrárias àquilo em que estamos mais firmemente enraizados, escolhendo antes aquilo em que (embora contrário aos nossos pensamentos e resoluções) não fomos fixados sem muito trabalho e que (se houver ocasião) poderia

ser mais adequadamente imputado a nós como algo próprio. Assim, enquanto outras sugestões seriam desprezadas como malícia aparente e "espantalhos", estas são as mais aflitivas (por serem um assalto contra um forte que nos custou muito erguer e que temos mais medo de perder) e as mais sujeitas à sua acusação após uma longa continuidade, como sendo o resultado de nossa própria instabilidade.

5. Os primeiros e mais óbvios efeitos dessas injeções são a abominação extrema da mente (que imediatamente se assusta com a aparência de coisas tão odiosas) e o tremor do corpo, às vezes chegando à agonia e ao desmaio. A invasão de uma única injeção colocou alguns em tal espanto de partir o *coração* que não se recuperaram em um dia inteiro. Este tremor do corpo e agonia da mente são as consequências usuais de qualquer coisa que seja surpreendente, estranha e pavorosa. Por isso, o tremor do corpo é considerado pelos teólogos um sinal para descobrir que esses pensamentos blasfemos e hediondos são lançados por Satanás e não têm origem em nossos próprios *corações*. Pois o horror da mente é geralmente tão grande quando se lhe fala nesta linguagem que ela não consegue suportar seu assombro e aflição. Sim, aqueles mesmos homens que de outra forma são profanos e podem cometer grandes iniquidades sem temor, não podem senão tremer e conceber interiormente um ódio indescritível a estas sugestões monstruosas.

6. Estes *Espantos* são mais comuns do que os homens geralmente percebem. Alguns pensam que são raros e

extraordinários, mas esse erro surge do ocultamento desse tipo de aflição. Aqueles que são assim afligidos têm frequentemente vergonha de dizer a outros o que encontram em seus próprios *corações*. Mas, se todos fossem tão francos a ponto de declarar abertamente quais imaginações pavorosas lhes são impostas, ver-se-ia que Satanás frequentemente tenta perturbar os homens por este caminho.

7. Estes são fardos muito pesados e difíceis de suportar por muitos motivos. (1.) Quem pode expressar bem a tortura interior e a moléstia da mente quando ela é forçada, contra sua própria inclinação natural, a abrigar tais monstros dentro de si? Como a natureza resistiria e abominaria beber água fétida de poça ou engolir sapos e serpentes? (E foi por isso que os perseguidores, em suas artimanhas diabólicas, inventaram tais tipos de torturas). E o que menos faz o Diabo quando impõe blasfêmias sobre os pensamentos deles? Ele comete um estupro por uma violência maliciosa sobre suas imaginações. Davi, sob estas *tentações*, clama: *Assim o meu coração se azedou, e sentia picadas nos meus rins* (Sl 73:21). Não poderia ser de outra forma, pela razão já mencionada. A natureza abomina ser forçada ao que lhe é mais contrário, e o mesmo ocorre com a graça. Ora, as coisas pelas quais Satanás opera estes *Espantos* são contrárias à natureza ou à graça, ou a ambas juntas. Assim como elas se esforçarão ao máximo para expulsar o que lhes é oposto, o Diabo também se esforçará ao máximo (para levar a cabo seu desígnio) para fortalecer sua força. Daí (como quando o fogo e a água se confrontam) surge um conflito perturbador; e,

> de fato, se houvesse complacência de nosso consentimento, não haveria *Espanto*; nem poderia este tipo de *tentação* ser gerido se não houvesse o máximo dissenso da mente.

Se alguém pensa que não há grande fundamento para estas *tentações* porque alguns dos detalhes pelos quais se diz que ele espanta os homens nos são naturais — como, por exemplo, os pensamentos ateístas (chamados por alguns de "veia principal" de nossa corrupção original e, por outros, ditos estarem naturalmente no *coração* de cada homem) — e que, consequentemente, não seriam tão perturbadores quanto se imagina, respondo: quando os teólogos chamam estes pensamentos, ou os blasfemos, de "naturais", não querem dizer que sejam impressões naturais gravadas em nós pela Criação (pois afirmam o contrário: que é uma impressão natural e inextinguível em cada homem que há um Deus, etc., e geralmente dão como prova que os maiores ateus, no medo e na extremidade, manifestarão uma crença secreta numa Divindade, clamando: "Ó Deus!", ou por alguma outra postura, como Calígula escondendo-se quando trovejava). Eles querem dizer apenas que nossa corrupção natural pode produzir estes pensamentos e que eles são os resultados naturais dela. Portanto, Perkins, em resposta a uma pergunta dessa natureza, diz-nos que estes dois pensamentos — "há um Deus" e "não há Deus" — podem estar, e estão, ambos no mesmo *coração*.

Ora, como isso nos dá a razão pela qual Satanás escolhe estes pensamentos para nos perturbar (que também podem surgir de nós mesmos, como mencionei antes), também nos diz que, quer estes pensamentos surjam de nossa própria corrupção, quer de Satanás, nossas impressões naturais são fortes contra eles.

Além disso, eles não podem ser tão pavorosos exceto quando Satanás os gerencia e quando as impressões contrárias da natureza são despertadas para oferecer forte resistência; e então essa luta deve ser como o dilacerar de nossas entranhas, e ainda pior por sermos incessantemente perseguidos: Satanás sempre lançando de volta (com trabalho incansável) os mesmos pensamentos conforme são repelidos e rejeitados, como soldados que sitiam cidades costumam lançar sobre os muros suas granadas incendiárias.

(2.) Estes também são penosos por colocarem a mente no suplício, esticando-a sob investigações laboriosas e duvidosas sobre os fundamentos ou causas deste tipo de aflição. Pois o *coração*, assombrado com tais convidados malditos contra sua vontade, imediatamente reflete sobre Deus e sobre si mesmo: "O que eu fiz? E por que estou assim inquieto com monstros? Por que o justo Senhor permite que Satanás arrombe meu coração e me encha de pensamentos tão temíveis?". Mas quando as investigações dos homens não são tão elevadas, mas detidas na consideração da natureza da aflição e da maneira de sua operação, sem olhar para a Providência de Deus, então suas aflições aumentam.

(3.) Como estas injeções necessitam que os homens, em sua própria defesa, se oponham e resistam de todas as formas, isso é um aumento do fardo. A que argumentos são forçados? Que desafios? Que esforços para desviar os pensamentos? E tudo com pouco resultado; enquanto a aflição continua, são forçados a permanecer em suas armaduras e a estar constantemente em guarda.

(4.) E ainda são mais perturbadores na "estratégia posterior" que Satanás joga por meio destes pensamentos. Não é todo o

seu desígnio apenas espantar os homens, mas ele geralmente traz outra *tentação* logo atrás, que é transformar estes *Espantos* em acusações. Ao instá-los por muito tempo nos *corações* dos homens, ele os faz acreditar que são seus próprios pensamentos, resultados de sua própria corrupção natural. Depois que os homens são enfraquecidos por assaltos contínuos, seus sentidos e memória embotados, seu entendimento confundido, etc., eles facilmente concluem contra si mesmos. O tentador imputa toda a blasfêmia horrível a eles, chamando-os ousadamente de culpados de tudo; e porque seus pensamentos habitaram por muito tempo em tal assunto, e sabendo que a natureza corrupta por si só levará os homens a tais blasfêmias ou vilanias horríveis (o que torna provável que possa ser culpa deles mesmos, e por esta razão Satanás escolhe tais injeções que na acusação pareçam mais prováveis de serem verdadeiras), sendo fortemente acusados como culpados, eles cedem.

Então começa outra aflição mais temível que a anterior: Oh! que pensamentos tristes têm eles então de si mesmos, como os mais vis e blasfemos miseráveis! Às vezes pensam que é impossível que os *corações* de outros homens abriguem coisas tão intoleráveis quanto os seus, e que ninguém jamais foi tão mau quanto eles. Às vezes pensam que, se os homens soubessem que imaginações vis e coisas monstruosas estão em suas mentes, eles, em zelo a Deus e à religião, os apedrejariam ou, ao menos, os excluiriam de todo convívio humano. Às vezes pensam que seu pecado é o pecado contra o Espírito Santo; às vezes pensam que Deus está comprometido, em honra, a mostrar neles algum julgamento notável, e esperam verdadeiramente algum golpe terrível para confundi-los, vivendo sob tal expectativa pavorosa. Estes e muitos outros

nesse sentido são seus pensamentos, de modo que estas *tentações* são perturbadoras de todas as formas, tanto em seus primeiros quanto em seus segundos efeitos.

Assim, expressei em termos gerais a natureza destes *Espantos*; quais são as injeções particulares pelas quais ele estuda espantar os homens, declararei a seguir. São principalmente seis:

1. Pensamentos ateístas. Ao injetar estes na mente, ele espanta os homens sobremaneira e, frequentemente para esse fim, sugere que não há Deus e que as Escrituras não passam de artimanhas ilusórias, etc. Sobre estes, notarei algumas coisas:

1. Embora haja uma diferença observável entre injeções ateístas e *tentações* ao ateísmo, não apenas no desígnio (Satanás pretendendo principalmente a sedução nestas últimas e o espanto pelas primeiras), mas também na maneira de proceder. Pois quando ele planeja principalmente tentar ao ateísmo, primeiro prepara seu caminho ao corromper a consciência com uma vida viciosa ou negligente. Conforme o Salmo 14:1, o que faz os homens dizerem em seus *corações* que não há Deus é isto: que *corromperam-se e cometeram atos abomináveis*; e foi por este método que o famoso Júnio foi tentado ao ateísmo. Mas quando ele pretende principalmente espantar, ele ataca homens que, por uma conversação vigilante e estrita, cortam dele essa vantagem. Contudo, ele se gerencia de tal modo que pode mudar seu curso para qualquer lado, conforme encontre probabilidade de sucesso após o teste; pois ele pressiona mais os homens onde os encontra mais propensos a ceder, de modo que aqueles que a princípio

estavam apenas espantados podem, por fim, ser solenemente persuadidos e instigados a acreditar que a sugestão é verdadeira, se derem a ele qualquer encorajamento para tal procedimento.

2. Mentes contemplativas e grandes pesquisadores são geralmente os mais perturbados desta maneira, em parte porque veem mais dificuldades que outros homens e são mais sensíveis à incapacidade humana de resolvê-las, e em parte porque Deus (que não permitirá que Seus filhos sejam tentados além do que podem suportar) não permite que Satanás moleste o tipo mais fraco de cristãos com assaltos tão perigosos.

3. Pessoas de eminente e singular santidade podem ser (e frequentemente são) perturbadas com pensamentos ateístas e ter conflitos tristes sobre eles. Satanás trabalha (onde não pode prevalecer para um acolhimento positivo do ateísmo) ao menos para inquietar suas mentes, assombrando-as com suas injeções, se não para enfraquecer seu assentimento a estas verdades fundamentais; nisso ele às vezes tanto prevalece que homens bons professaram publicamente que acharam ser uma questão mais difícil acreditar que há um Deus do que a maioria imagina.

4. Satanás fica à espreita neste desígnio e geralmente pega os homens em vantagem, atacando-os subitamente, seja no auge de suas meditações e investigações sobre verdades fundamentais (pois quando voam alto e se perdem em uma dificuldade, então ele está à mão para aconselhá-los a cortar o nó que não podem desatar), seja na profundidade de suas aflições (pois quando os

homens não conseguem reconciliar as aflições e sofrimentos diários que suportam com o amor e o cuidado de Deus para com Seus filhos, então é a ocasião de Satanás para dizer-lhes que não há um Dispositor supremo das coisas). Em ambos os casos, o Diabo salta sobre eles desprevenidos (como um salteador saindo de um matagal) e, se não os fere com o dardo da injeção ateísta, ao menos certamente os assombra e os confunde com espanto. Pois:

5. Às vezes ele persegue com violência maravilhosa e discutirá com admirável sutileza, instando a desigualdade da Providência, as aparentes contradições da Escritura, a inadequação das ordenanças a uma sabedoria e bondade infinitas, com muitos outros argumentos do mesmo tipo. Faz isso com tal agudeza inesperada e aparente demonstração que os *corações* mais santos e as cabeças mais sábias não saberão prontamente o que responder, mas serão forçados a pôr-se de joelhos e rogar a Deus que repreenda Satanás e os sustenha para que sua fé não falhe. Mais ainda: ele não apenas discute, mas ao insistir e (com indescritível seriedade) impor a conclusão sobre os homens, quase os força a uma persuasão, de modo que são quase levados, quer queiram quer não. Este foi o caso exato de Davi (quando o Diabo o perseguiu com pensamentos ateístas por ocasião da prosperidade dos homens ímpios e de suas aflições diárias): *Quanto a mim, os meus pés quase vacilaram; pouco faltou para que escorregassem os meus passos* (Sl 73:2).

6. Contudo, apesar de tudo isso, ele às vezes deixa de lado sua sutileza sofística e recorre a uma importunação impudente. Às vezes insiste apenas em um argumento, não mudando aquele que primeiro tomou, nem fortalecendo sua sugestão com variedade de argumentos, mas pela repetição frequente da mesma razão, persiste em instigar seu ateísmo injetado. Isso não revela qualquer alcance profundo se ele planejasse persuadir (pois mal é racional imaginar que homens sérios, que por muitos argumentos estão plenamente convencidos de que há um Deus, devessem prontamente perder sua firmeza diante da aparência de uma única objeção), mas mostra que ele se propõe apenas a molestar. E isso aparece mais evidentemente quando ele se contenta com argumentos fracos e triviais, que a parte afligida pode responder plenamente e, ainda assim, não consegue por isso livrar-se da aflição.

Por exemplo: não faz muitos anos que uma pessoa séria e piedosa veio a mim e queixou-se de que não conseguia ter descanso por causa de pensamentos ateístas que a assombravam perpetuamente. Após uma investigação particular sobre a causa e a maneira de sua aflição, ela me disse que o primeiro surgimento disso foi a partir de sua observação de que eu havia interpretado algumas Escrituras de forma diferente do que ela ouvira outros fazerem. Contudo, acrescentou que sabia que a razão de sua perplexidade era tola e algo que ela poderia facilmente responder. Não sendo isso uma acusação justa contra a Escritura (cuja verdade e sentido poderiam, apesar de tudo, ser um e uniforme consigo mesma), mas apenas uma implicação da fraqueza humana aparecendo nas diferentes

apreensões dos expositores; não obstante, ela afirmou que não conseguia sacudir a aflição e que seus pensamentos eram sempre instigados com a mesma coisa por um longo tempo seguido. Sim, tal é a impudência dele neste tipo de aflição que aqueles que sabem ser o melhor caminho não discutir fundamentos com Satanás, mas rejeitá-lo com abominação (seguindo o exemplo de Cristo) com um "Para trás de mim, Satanás", e consequentemente os rejeitam com todas as suas forças, ainda assim descobrem que ele não desiste prontamente.

Quão triste é esta aflição! Como as pessoas piedosas ficam espantadas ao ver a face de seus pensamentos tornada abominavelmente feia e deformada por estas injeções violentas e inevitáveis! Não é apenas cansativo para aqueles que sabem ser unicamente malícia de Satanás, mas muitas vezes prova ser uma surpresa assombrosa: como a de um viajante que, enquanto segue seu caminho sem previsão ou pensamento de perigo, é subitamente levado ao topo de um grande precipício. Ao olhar para o vasto abismo abaixo, sua cabeça gira, seu *coração* palpita, seus joelhos tremem, e o próprio medo do perigo súbito tanto o confunde que ele está (pelo pavor excessivo) pronto a cair naquilo que desejaria evitar. Assim ficam estes, assombrados diante de riscos tão grandes à sua frente. Satanás não pôde, com toda a sua arte, prevalecer com eles para abandonarem os caminhos santos de Deus em troca dos prazeres do pecado, e agora parecem estar em perigo de perder tudo de uma vez. E ainda é muito mais pavoroso para aqueles que imputam (embora seja astúcia de Satanás) todo este ateísmo a si mesmos.

2. Outra injeção pavorosa é a de pensamentos blasfemos, como: Deus não é justo, não é compassivo; as Escrituras e ordenanças não passam de coisas baixas e lamentáveis, etc.

Que Satanás se deleita em impor tais pensamentos sobre os homens é evidente: (1.) Por sua natureza. Ele é um espírito blasfemo e, além disso, tão malicioso que tudo o que está em sua mente maldita ele estará pronto a descarregar em todas as ocasiões. (2.) Por sua prática: pois onde ele pode obter o domínio sobre as imaginações dos homens (como em algumas pessoas distraídas e naquelas que estão alteradas por febres), ele geralmente as faz vomitar juramentos, maldições e blasfêmias; e faz isso com alguns que (enquanto tiveram o uso da razão) não foram observados a dar à língua a liberdade de jurar ou falar maldizente. (3.) Pelo seu desígnio professado no caso de Jó, sobre quem ele se gabou ao próprio Deus de que o faria amaldiçoá-Lo em Sua face, e consequentemente o tentou por meio de sua esposa a amaldiçoar a Deus e morrer. (4.) Pela triste experiência daqueles que sofreram sob esta dolorosa aflição; pois muitos se queixaram de pensamentos blasfemos, e aqueles a quem ele não pode conquistar, ele irá assim perturbar.

Nem precisamos achar estranho que o Diabo possa imprimir blasfêmias sobre as imaginações dos homens contra a vontade deles, quando consideramos que ele pôde fazer Saul (em seus acessos) comportar-se como uma pessoa inspirada, e fazê-lo proferir coisas além e inadequadas à sua disposição (conforme o ritmo e a maneira daqueles êxtases com que os sacerdotes idólatras costumavam ser transportados). Em 1 Samuel 18:10, isso é chamado de o "profetizar" de Saul, quando o espírito maligno da parte do Senhor o vexava; e é o mesmo que se diz sobre os sacerdotes de Baal em 1 Reis 18:29: *profetizavam eles*

até ao tempo de se oferecer a oferta de manjares; isto é, eram exercitados com transes e fúrias extáticas, nas quais proferiam sons e falas estranhas. Quão facilmente, então, pode Satanás possuir as *fantasias* dos homens com blasfêmias? De modo que os relutantes podem ser perturbados com elas, e aqueles que estão privados do benefício da razão podem (pelo poder da impressão sobre sua imaginação) proferi-las com uma espécie de involuntariedade.

Pessoas melancólicas encontram muito frequentemente este tipo de aflição, tendo Satanás um grande poder sobre sua imaginação e grandes vantagens vindas da escuridão desse humor para tornar o medo decorrente de tais pensamentos mais assombroso, e para iludi-las numa apreensão de que são culpadas de tudo o que passa por seus pensamentos, e também para levar esta perplexidade a efeitos mais sombrios. Nesses tipos de homens, ele age como um tirano com tais injeções, abusando deles a tal ponto como se fossem seus vassalos e escravos, cujos pensamentos e línguas estivessem sob a guarda dele (e não deles próprios). Tão fortemente ele os possui com esta perplexidade às vezes que todos os conselhos, raciocínios ou avisos de outros não conseguem minimamente satisfazê-los ou aliviá-los. Não obstante, conheci vários sob esta aflição que (quando, pela *medicina*, o estado de seus corpos foi alterado) acharam-se em paz imediatamente, cessando a aflição gradual e insensivelmente por si mesma.

Há outros que têm grande vexação por estes pensamentos, e estes são comumente aqueles que, por alguma dor longa e grave, enfermidade ou outras cruzes, têm seus espíritos irritados e amargurados. Então Satanás está pronto a sugerir que Deus é cruel ou descuidado com Seu povo; e estes

pensamentos são os mais temíveis porque espíritos irritados e murmuradores têm uma tendência natural a pensar duramente de Deus. De modo que Satanás, neste caso, com mais ousadia lhes impõe estas sugestões, encontrando tamanha prontidão para tais imaginações, e também com maior severidade ele as reflete sobre eles, como sendo, com alguma probabilidade, coniventes e consentidores. Quando outras pessoas (não tão afetadas como estes dois tipos de homens mencionados acima) são assaltadas com pensamentos blasfemos, os acessos são menos permanentes e (porque descobrem facilmente o desígnio e o autor deles) não são altamente pavorosos, embora ainda perturbadores.

O fardo destas injeções é muito parecido com o anterior, afligindo mui tristemente. Pois quem pode suportar facilmente o ruído de Satanás enquanto ele grita continuamente em seus ouvidos calúnias odiosas e indignidades blasfemas contra Deus? Davi não podia ouvir homens ímpios blasfemarem de Deus sem que isso fosse como uma espada em seus ossos, extremamente doloroso. As impressões da natureza (que nos ensinam a reverenciar e honrar a Deus), o poder da educação (que confirma estas impressões), a persuasão da fé (que nos assegura da realidade e infinita excelência de uma Divindade) e a força do amor (que nos torna mais sensivelmente apreensivos a qualquer injúria ou desonra feita Àquele a quem amamos acima de tudo): todos estes sofrem por estas incursões violentas de Satanás, e o sofredor sente-se ferido e torturado nestas partes nobres.

Quão penoso deve ser para um filho de Deus ter seu ouvido acorrentado a estes reproches intoleráveis e ingratos? Especialmente quando consideramos que o Diabo, neste caso,

proferirá as blasfêmias mais pavorosas que puder engendrar, o que aumentará ainda mais a aflição (pois mesmo aqueles homens que, pelo hábito, podem suportar juramentos triviais comuns, ainda assim se assustarão com um juramento ultrajante e prodigioso). Portanto, quaisquer que sejam as blasfêmias veladas e consequenciais para alguns homens, estes abusos impudentes e hediondos do Deus Santo e Justo devem necessariamente perturbar tristemente aqueles que são forçados a ouvi-los. E quanto mais constante, maior a aflição. Quem não estaria cansado da vida se fosse forçado a suportar esta vexação continuamente, sem intermissão? E ainda, o Diabo pode elevar a aflição um pouco mais pelo aparato, ou pavor artificial, que ele coloca sobre a *tentação* na maneira da injeção. Como o rugido do leão aumenta o terror nos animais do campo, que, sem isso, tremeriam diante de sua presença; e como os trovões e relâmpagos na entrega da Lei aumentaram o medo de Israel; assim, quando Satanás está neste desígnio, ele sacode, por assim dizer, a casa, e faz um barulho para que o espanto seja aumentado.

3. Temores suspeitos de ser excluído do decreto eterno da eleição de Deus é outro de seus *espantos*. Isso ocorre quando Satanás toma para si, ousadamente, o direito de determinar os secretos conselhos de Deus sobre qualquer homem, afirmando peremptoriamente que ele não é um dos *Eleitos* de Deus. Nesse caso, ele frequentemente apenas injeta a suspeita com confiança, sem oferecer provas; ou, se usa argumentos, estes nunca equivalem a uma prova de sua afirmação (nem seria possível que o fizessem, pois estes segredos pertencem a Deus e estão fora do alcance de Satanás), embora possam, talvez, provar que a pessoa não é *Convertida* no presente.

Assim, esse tipo de aflição difere sobremaneira daqueles desassossegos de *tentação* que os homens frequentemente sofrem sobre seu estado de regeneração. De fato, a questão não deve ser confundida, sendo de grande importância para os homens, quando sua paz é assaltada, serem capazes de observar a diferença entre estas duas afirmações: *Você não é eleito* e *Você ainda não é regenerado*. Pois, sendo a última concedida, ainda resta uma esperança da probabilidade ou possibilidade da conversão desse homem mais tarde (as suspeitas de não conversão são mais comuns e não tão perigosas). Na verdade, em pessoas não regeneradas, os temores de ainda estarem nessa condição (quando unidos à diligência e ao cuidado para evitar o perigo) são necessários e vantajosos. Mas, sendo a primeira afirmação concedida, todas as esperanças são, com essa concessão, abandonadas, o que necessariamente torna o *espanto* intolerável. Nisto podemos observar:

1. Que Satanás, para a melhor gestão deste desígnio, não apenas injeta estas suspeitas na linguagem mais terrível (como: *Você é um miserável perdido e condenado, miserável sem esperança por toda a eternidade; Deus não elegeu você para a Vida, mas preparou para você, como um vaso da ira, o lago de fogo e enxofre para sempre*, etc.), mas também as afirma com a maior peremptoriedade imaginável, como se tivesse autoridade de Deus para pronunciar uma sentença de condenação contra um homem. Isso necessariamente assombra o aflito de forma indescritível.

2. Nisto ele também observa suas vantagens. Pois há alguns homens tão tristemente adequados a este

desígnio que Satanás obtém mais sucesso sobre eles do que sobre outros. Geralmente ele fixa seus olhos:

(1.) Em pessoas jovens em suas primeiras atenções sérias e considerações das verdades das Escrituras. Seus *corações* são então tenros (a juventude possui uma ternura de *coração* natural; encontramos ambos associados no caráter de Roboão: *Sendo Roboão ainda jovem e tenro de coração*, 2Cr 13:7) e eles são aptos a receber impressões fortes. Quando aqueles que antes eram desatentos à sua preocupação espiritual começam a ser sérios, mal começam a considerar estas doutrinas de peso: que há ovelhas e bodes; alguns salvos e alguns condenados; que os bem-aventurados são poucos em comparação aos muitos que tomam o *caminho largo* para a destruição; e que estes foram desde a eternidade ordenados para a vida, e somente estes, etc. Mal começam eles a refletir sobre estas coisas, e Satanás já está pronto com esta suspeita: *E o que você sabe se não é um desses miseráveis excluídos? Se apenas poucos são salvos, há mil chances contra uma de que você não seja um deles. Pois por que Deus olharia para você mais do que para outro?*. Estas são suas primeiras tentativas com os jovens que começam a ser sérios, nas quais ele prossegue depois com maior ousadia, conforme veja a ocasião.

(2.) Ele também faz isso com pessoas que, de alguma forma, foram despertadas para um temor devocional de Deus e cuidado com suas almas, mas que, ao mesmo tempo, são ignorantes e incapazes de apreender distintamente e organizar em ordem as doutrinas das

Escrituras em uma devida consistência umas com as outras. Seus temores cuidadosos as fazem investigar o que Deus disse sobre o estado eterno dos homens; e, antes que sejam capazes de digerir os princípios da religião, Satanás coloca algumas verdades de forma cortante contra elas, o que as mergulha em grande *espanto*, enquanto (por sua ignorância) outras verdades (designadas e declaradas para a satisfação das mentes daqueles que *têm fome e sede de justiça*) não conseguem vir em seu alívio. Quão assombrosas devem ser as verdades da eleição de Deus quando aparecem sozinhas e não são acompanhadas pelos convites do Evangelho, que prometem perdão e aceitação a todos os que vierem e se submeterem a Cristo! Satanás geralmente prende esse tipo de homem à consideração daquelas verdades que têm o aspecto mais sombrio e, enquanto estão detidos ali, não conseguem extrair outras conclusões senão estas: que estão em risco e, pelo que sabem, totalmente perdidos.

(3.) Satanás também tem esta trama contra aqueles que, por alguma iniquidade grave ou longa permanência no pecado, provocaram grandemente ao Senhor. Aqui ele usa argumentos baseados na gravidade de sua iniquidade: *Você é um reprovado, porque cometeu estes grandes males; estas são marcas de condenação*, etc. Tais argumentos, embora não tenham valor e de modo algum provem aquilo para o qual são trazidos, ao serem injetados como suspeitas por Satanás, enquanto suas próprias consciências, nesse meio tempo, os acusam justamente, fazem com que eles afundem sob o temor,

permitindo que Satanás tire a conclusão que desejar, e então eles a subscrevem.

(4.) Acima de tudo, as pessoas melancólicas dão ao Diabo a maior vantagem para despertar *espantos*. Esse desequilíbrio naturalmente enche os homens de pensamentos tristes e os torna prontos a crer no pior mal que possa ser objetado contra eles. Por si só, a melancolia pode criar os conceitos mais negros e as suspeitas mais tristes, e então passa a acreditar em sua própria *fantasia*. Quando Satanás intervém nesse humor, eles ficam ainda mais confirmados em suas suspeitas, e o espanto é maior porque são tão incrédulos quanto ao que é bom (se lhes for dito) quanto são aptos a crer no que é mau; e acreditam nisso porque o temem, ainda que nenhuma outra razão lhes seja oferecida. Mas muito mais quando Satanás, de maneira profética, prediz sua miséria e lhes assegura que nunca serão felizes.

3. As suspeitas que o Diabo despertou por meio destas vantagens, ele se esforça para aumentar e enraizar profundamente na mente daqueles sobre quem assim começou. De fato, pela frequente inculcação da mesma coisa, com sua contínua peremptoriedade em afirmar a certeza da não eleição deles, ele acaba levando muitos a uma plena persuasão de que é assim. Além de outras artes que possa ter ou exercer nesse detalhe, ele comumente age sobre os homens pervertendo a verdadeira intenção e uso da doutrina da eleição. Que existe tal coisa como a eleição, e que de um número determinado, são verdades inegáveis; e o fim de sua

> revelação no Evangelho é o conforto e a confirmação dos convertidos. Aqui eles podem ver o amor imutável de Deus por eles, o quanto são devedores pela gratuidade da graça, e que *o fundamento de Deus fica firme* (2Tm 2:19), etc. Pois é para esse propósito que nosso Salvador aproveita estas doutrinas em João 17:6-16.

Mas nada disso é dito para desencorajar qualquer homem de seus esforços, nem pode homem algum provar que ele, ou qualquer outro, está excluído do decreto da eleição (exceto no caso do pecado contra o Espírito Santo); nem é possível para o Diabo provar tal coisa contra qualquer homem; nem deve ninguém supor-se não eleito. Pelo contrário, se alguém está disposto a abandonar o pecado e deseja ser reconciliado com Deus, deve apreender uma probabilidade de que é eleito, porque a oferta de Cristo é feita a todos os que O receberem. Portanto, os homens deveriam tapar os ouvidos contra tais sugestões e não discutir isso com Satanás, mas antes ouvir os mandamentos, exortações e promessas da Escritura, sendo certíssimo que *as coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus* (Dt 29:29) e não são regra para o caminhar de nenhum homem, visto que apenas as coisas reveladas nos pertencem.

Tudo isso o Diabo perverte, pois ele se esforça para fazer da eleição o objeto imediato de nossa fé e nossa regra de caminhar; como se fosse necessário que cada homem conhecesse o propósito eterno de Deus a seu respeito antes de começar seus esforços. E assim como ele convence alguns homens a uma negligência perversa baseada na eleição, fazendo-os concluir que, *se estão ordenados para a vida, serão*

salvos, ainda que vivam impiamente; se não estão, serão condenados, por mais que se esforcem ao contrário; assim ele também convence outros, a partir desta doutrina, a terem temores terríveis de condenação, porque não podem ter certeza antecipada de que seus nomes estão escritos no céu.

Satanás trabalha para fortalecer estas suspeitas pavorosas aproveitando-se do tratamento incauto que alguns dão à doutrina da não eleição; quando alguns pregadores, sem habilidade, instam os sinais perigosos de reprovação ou falam severamente dos decretos de Deus, sem a devida cautela e promessa de misericórdia a todos os pecadores penitentes. Ou quando alguns, sem perícia nos métodos de confortar os aflitos de consciência, por não serem capazes de mostrar aos aflitos sua condição, ou de dizer uma palavra a tempo para aquietar suas mentes e direcioná-los sobre qual curso tomar, costumam remetê-los ao decreto de Deus e dizer: *Se Deus decretou você para a salvação, você será salvo*. Satanás industriosamente os mantém ali; por esse meio ele os afasta das promessas e de seu dever, e os mantém meditando e remoendo sobre a eleição até que fiquem atordoados e não consigam encontrar a saída. Assim, vários continuaram sob seus *espantos* por muitos anos.

1. Podemos observar que, quando Satanás os trouxe para este *laço*, ele domina sobre eles tiranicamente. Ele escarnece deles em sua aflição e zomba quando o medo lhes sobrevém. E porque agora o simples pensamento ou menção da eleição é como um punhal no *coração* e um som terrível em seus ouvidos, ele se deleita em repetir isso para eles; pois o simples mencionar da palavra torna-se tão pavoroso quanto a sentença de condenação para um malfeitor, vindo sempre

acompanhado desta reflexão: *Oh, quão miserável sou eu, que não tenho parte nem porção nisso!*. Além disso, ele ocupa as mentes deles com representações imaginárias do inferno e coloca diante deles, como em um esquema, o dia do julgamento, os terrores dos condenados, a sentença contra os bodes à mão esquerda, as dores intoleráveis do fogo eterno e (o que é a miséria de todas estas misérias) a eternidade de tudo isso. Assim ele força as meditações deles, mas sempre com aplicação a si mesmos; nem lhes permite descansar à noite, mas são aterrorizados com sonhos tristes, e as visões da noite os inquietam.

2. Quão grave é este *espanto*, eu deveria observar a seguir, mas isso já foi parcialmente expresso nos pontos anteriores e pode aparecer ainda mais plenamente pela consideração destas três coisas:

   (1.) Que um homem não tem nada mais caro que sua alma. Alas! ela não pode ser contrabalançada pelo ganho do mundo inteiro, e não ter esperança ou expectativa de sua salvação deve ser terrivelmente pavoroso.

   (2.) Prevalecendo estas suspeitas de não eleição, todas as promessas e confortos são instados em vão, e eles comumente os devolvem àqueles que os ofereceram com esta resposta: *Eles são verdadeiros e úteis para aqueles a quem pertencem, mas não pertencem a mim*. Mais ainda, todos os meios são rejeitados como inúteis. Se são aconselhados a orar ou ler, em seu acesso de *espanto* recusarão tudo, sob a razão de que não são eleitos. *E então, para que propósito* (dizem eles) *serve*

a oração ou qualquer esforço? Pois quem pode alterar Seu decreto?. De fato, se seus *espantos* continuassem no auge sem intermissão, eles nunca fariam nada; mas o que os ajuda é que algumas esperanças secretas e ocultas, que eles não percebem, revivem ao menos às vezes e os levam a esforços que (pela bênção de Deus) tornam-se meios de melhor informação.

(3.) Embora as injeções de não eleição de Satanás sejam totalmente impossíveis de provar e, ao mesmo tempo, tão aterrorizantes que se poderia supor que os homens não estariam prontos a crer em tamanha infelicidade, ele consegue prevalecer a ponto de fazer as pessoas mencionadas (especialmente as melancólicas) acreditarem nele. Isso ocorre principalmente por possuir as imaginações deles com suas frequentes e confiantes afirmações. Vemos que é uma prática comum ensinar notas musicais e sons aos pássaros, o que se faz apenas pela repetição constante, até que uma forte impressão seja feita em sua *fantasia*. Assim pode um homem impor-se à imaginação de outro com suas canções ou ditos; pois o que ouvimos frequentemente, não podemos deixar de repetir em nossos pensamentos, ficando fortemente fixado em nossa *fantasia*. Não é de admirar, então, se Satanás, ao repetir frequentemente: *Você não é eleito*, *Você está condenado*, etc., forme uma impressão tão forte na imaginação que pobres criaturas assombradas aprendam a dizer o mesmo que ele, e então tomem os ecos de sua *fantasia* como sendo a voz da consciência condenando-as. Ora, se a infelicidade (suspeitada) é a maior além de qualquer comparação; se estas suspeitas acolhidas cortam todos os socorros de

> conforto que possam surgir das promessas de Deus e dos esforços do homem; se Satanás pode prevalecer com os homens para que as acolham com qualquer persuasão (como vemos que pode), quão pavorosamente estas persuasões recairão sobre o homem! E assim correrão seus pensamentos: *Estou convencido de que não sou eleito; e, se não sou eleito, confortos e orações são todos em vão; e, se estes são em vão, não há possibilidade de salvação, nem a menor esperança de um 'quem sabe' ou um 'porventura'; e, se for assim, oh, sou indescritivelmente miserável!*. Sob estes pensamentos assombrosos Satanás exercita os *corações* deles por meio de suspeitas de não eleição. Mas,

4. Às vezes ele toma outro curso para espantar os homens, que é injetando impulsos de algum pecado abominável ou mal em suas mentes, para cuja comissão ele parece solicitar fortemente; contudo, não com plena intenção ou expectativa de prevalecer, mas com o propósito de molestar e inquietar. Para esse fim, ele comumente escolhe pecados que são mais vis em sua própria natureza e mais opostos às disposições dos homens. Assim, ele injeta pensamentos de impureza em uma pessoa casta; pensamentos de injustiça e dano em um homem justo; pensamentos de vingança e crueldade em um homem manso; pensamentos de regozijo na perda e miséria de outros em um homem misericordioso. Ou então injeta impulsos para pecados nos quais os homens foram anteriormente surpreendidos, mas que se tornaram amargos por um profundo arrependimento, cujos pensamentos agora se tornaram totalmente repugnantes. E às vezes persegue os homens com pensamentos de suicídio, mesmo quando não há nada de descontentamento ou aflição em

suas mentes para secundar tal *tentação*. Por esse modo de proceder, ele cria grandes *espantos* nos *corações* dos homens. Pois:

1. Estas são surpresas estranhas; e as pessoas sob este tipo de aflição não podem senão ficar assombradas ao encontrar tais pensamentos dentro de si, os quais são totalmente contrários às suas disposições ou às suas resoluções mais sérias. A pessoa casta tentada à impureza, ou o homem justo à vingança; a pessoa humilde instigada ao mesmo pecado que lhe custou tão caro, etc. Eles se maravilham de seus próprios *corações* e, enquanto interpretam mal estas *tentações*, julgando-as como resultados de sua própria inclinação, exclamam com assombro: *Oh, eu pensava ter mortificado estas concupiscências, mas que coração estranho eu tenho! Vejo que o pecado está tão forte em mim quanto antes! Tenho razão para temer a mim mesmo*, etc.

2. E isto é ainda uma aflição maior porque, geralmente, Satanás os pega em alguma vantagem de uma ocasião ou oportunidade oferecida; então ele lhes dá um empurrão súbito e, com importunidade, insta-os a aproveitar o momento. Isso frequentemente os espanta a ponto de tremerem, e seus temores tanto enfraquecem seus propósitos que seus riscos são maiores, pois ficam assombrados a ponto de permanecerem inativos. De modo que, neste caso, os *homens valentes* não encontram prontamente suas mãos.

3. Nem são estes impulsos vislumbres súbitos e passageiros que perecem assim que nascem (embora seja algo muito frequente Satanás lançar impulsos no

coração para fins de teste, sem perseguição posterior); mas ele (neste caso) persegue com repetições frequentes, seguindo-os de perto para o aumento do *espanto*. De modo que, por um longo tempo seguido, os homens podem ser afligidos com estes *mensageiros de Satanás para os esbofetear*; e, embora possam orar fervorosamente contra eles para que sejam removidos, descobrem que os impulsos continuam sobre eles. O que necessariamente é um incômodo odioso para um *coração* íntegro que sabe ser apenas um desígnio de Satanás para espantar; muito mais deve afligir aqueles que não percebem o articulador e o fim de tais impulsos, mas os julgam como operações naturais de seu próprio *coração* maligno.

5. Satanás também pode espantar os homens por impressões imediatas de medo sobre suas mentes. Ele pode fazer muito com a imaginação, especialmente quando as pessoas estão perturbadas pela melancolia; pois estas são naturalmente temerosas, e qualquer impressão sobre elas tem a operação mais profunda e penetrante. Estão sempre moldando para si mesmas coisas sombrias e abundam em conceitos negros e obscuros; suspeitando sempre o pior e sendo sempre incrédulas quanto ao que é bom. Daí ocorre que, às vezes, os homens são tomados por temor e tremor, quando ainda não conseguem dar um relato tolerável de uma causa ou razão para que seja assim com eles. E outros ficam excessivamente assombrados com as sombras de seus próprios pensamentos, sob os pretextos mais insignificantes imagináveis.

Que este é o trabalho de Satanás, aparece por evidência inquestionável. Este foi aquele espírito maligno que Deus

enviou entre Abimeleque e os homens de Siquém (Jz 9:23). Deus permitiu que Satanás (para a punição de ambos) despertasse temores e ciúmes no *coração* de Abimeleque contra os homens de Siquém, e nos *corações* dos homens de Siquém contra Abimeleque. Eles tinham medo mútuo uns dos outros, e estes temores operaram tanto que se envolveram (para a prevenção de um suposto perigo) em conspirações traiçoeiras, para a ruína real de ambos.

O espírito maligno que afligiu Saul (1Sm 16:14) nada mais era do que acessos súbitos e veementes de terror e medo interior que o Diabo despertava ao inflamar sua melancolia. Pois podemos observar que estes acessos eram aliviados pela música; e também podemos ver por sua disposição fora dos acessos, e por seu comportamento neles, que os medos interiores eram seus torturadores. Pois em 1 Samuel 18:9 nota-se que *Saul olhou para Davi*, isto é, seus temores ciumentos começaram a operar em relação a Davi, de quem se diz expressamente no versículo 12 que *Saul temia a Davi, porque o SENHOR era com ele*. Quando o espírito maligno vinha sobre ele, seu *coração* era exercitado com estes medos e, consequentemente, ele se comportava assim quando atirou a lança contra Davi com o propósito de matá-lo. Em qualquer ocasião de aflição, especialmente, o Diabo estava à mão para elevar seu *espanto*, a tal ponto que, quando o suposto Samuel lhe falou de sua morte (1Sm 28:20), ele ficou com medo a tal nível que *caiu logo estendido por terra, e não houve força nele*.

Nem devemos supor que Satanás, neste tipo de operação, esteja limitado apenas aos homens ímpios; pois não há nada nesta maneira de *espanto* que seja inconsistente com a condição de

um filho de Deus, especialmente quando Deus o entrega à provação ou correção. Pelo contrário, muitos dos servos de Deus sofrem sob a mão de Satanás desta exata maneira. Consideremos as aflições de Jó e descobriremos que, embora Satanás se esforçasse para destruir sua paz pela perturbação do espírito, pelo questionamento de sua integridade e por injeções pavorosas de pensamentos blasfemos, ele venceu tudo isso com uma coragem destemida. A blasfêmia ele rejeitou com abominação; sua integridade ele resolveu que não negaria enquanto vivesse; suas perdas ele digeriu facilmente com uma mente sóbria e composta, bendizendo a Deus que *dá e tira* conforme Lhe apraz. E, no entanto, ele se queixa de seus medos e de suas frequentes surpresas por eles, a tal ponto que seus amigos notam que a maior parte de sua aflição surgia dali: *Um pavor repentino te conturba* (Jó 22:10), e ele mesmo confessa o mesmo: *Não me amedronte o seu terror... porque não é assim comigo* (Jó 9:34-35). Assim, parece que a angústia interior de Jó vinha principalmente de fortes impressões de medos assustadores.

Estes medos impressos na mente necessariamente são uma aflição indescritível. Não há nada que mais afrouxe os nervos e as juntas da alma, para o enfraquecimento e total debilitamento dela em todos os seus esforços, do que os medos; eles dispersam a força em um momento. Além do fardo presente, que curvará as costas dos mais fortes, estes medos possuem um tipo especial de magnanimidade invejosa neles. Pois:

(1.) Eles vêm por acessos e têm tempos de assaltos mais ferozes e cruéis; contudo, em seus intervalos, deixam o *coração* em uma postura de tremor e desfalecimento (pois o Diabo não encerra o acesso presente até que o tenha

despedaçado e o deixado — como fez com o filho do homem em Marcos 9:26 — como morto). De modo que não se deve considerar compaixão e gentileza em Satanás para com o aflito o fato de seus acessos não serem constantes, mais do que se pode considerar ternura ou bondade em um tirano que, após ter torturado ou atormentado um homem tanto quanto a força pode suportar sem matar de imediato, para por um tempo para que a parte seja reservada para novos tormentos.

(2.) Estes acessos geralmente retornam em momentos em que a parte aflita parece prometer a si mesma um pouco de alívio, sendo designados para dar a maior decepção ao interceptar seus confortos esperados. O sono e o alimento são os dois grandes refrigérios do angustiado; Satanás observa estes momentos para seus novos ataques. Jó descobriu ser assim em ambos os casos. As horas das refeições eram tempos de aflição: *Porque o meu suspiro vem antes do meu pão, e os meus gemidos se derramam como águas* (Jó 3:24). E as horas de sono não eram melhores: *Dizendo eu: Consolar-me-á a minha cama, meu leito aliviará a minha queixa; então me espantas com sonhos, e com visões me assombras; de modo que a minha alma escolheria antes a estrangulação e a morte do que a vida* (Jó 7:13-15).

(3.) Estes medos os fazem sentir o peso não apenas dos males reais presentes, mas de todos os outros que a imaginação possa lhes representar. De modo que ver ou ouvir qualquer coisa triste os aflige com suspeitas de que esse será o caso deles. Daí estarem cheios de pensamentos de receio; às vezes temem que, por fim, se afastarão de Deus caindo em algum pecado escandaloso, para a desonra de Deus e da religião; que serão apóstatas e se tornarão abertamente profanos. Às vezes temem encontrar algum julgamento devorador notável pelo qual um

dia perecerão; como Davi disse em caso semelhante: *Perecerei um dia pela mão de Saul*. Assim são crucificados entre seu fardo presente e as expectativas futuras de mal.

6. O último (e, de fato, o mecanismo mais ínfimo) para a produção de espanto é a escrupulosidade de consciência. Satanás vexa a consciência e distrai a mente ao despertar temores desnecessários e sem fundamento sobre a prática do homem. Onde a ignorância dos homens ou suas disposições temerosas encorajam Satanás a este empreendimento, ali ele multiplica escrúpulos sobre eles; de modo que, embora assentem que o fazer algo seja bom ou lícito, são constantemente espantados por um temor suspeito de que possa ser o contrário.

Esse tipo de aflição atinge quase todo tipo de ação; estende-se à vocação do homem, à maneira como ele a gere, às taxas que cobra e aos preços que paga por suas mercadorias. Nossas ações naturais de dormir, comer, beber, convívio e recreação não ficam de fora. Em tudo isso o Diabo espanta a consciência temerosa de que, *quem sabe*, ela tenha ofendido. Se o homem compra ou vende, fica inquieto com um "quem sabe" se vendeu caro demais ou comprou barato demais; se come ou dorme, teme ter sido excessivo, um preguiçoso ou um glutão. Assim, alguns homens são molestados em tudo o que fazem.

Nem deve esse tipo de *espanto* ser desprezado. Pois, embora frequentemente seja um medo sem fundamento, e assim pareça aos cristãos discernentes, aqueles que estão sob esta moléstia acham-no ruim o suficiente. Embora não seja como um suplício que aflige com dores violentas, é como aqueles tipos de punições que, a princípio, nada são, mas que, pela continuidade, exaurem os homens pelo desconforto constante

e, assim, por fim, tornam-se intoleráveis. Além disso, esta é uma aflição que se multiplica; pois um escrúpulo gera outro e, pela continuidade de escrúpulos, a consciência torna-se tão fraca e instável que tudo se torna motivo de escrúpulo, e o homem é levado a um *espanto* contínuo de fazer o que é errado em cada ação.

Nem todos os homens conseguem fazer uso do remédio que é prescrito para a cura deste desequilíbrio, que é: quando tais escrúpulos não podem ser removidos pela razão, então os homens devem ou abster-se de pensar nas coisas de onde os escrúpulos costumam surgir, ou devem rompê-los pela força e atropelar o seu escrúpulo para a realização de sua ação. Não nego que algo possa ser feito e tentado por esse caminho; mas qualquer um pode ver que não é fácil para todos fazer qualquer uma dessas coisas. De modo que este também é um mal perturbador do qual não é fácil ser libertado.

CAPÍTULO VIII.
Da terceira maneira de Satanás impedir a paz pela tristeza espiritual.

Onde se trata: 1. Dos graus da tristeza espiritual. 2. Da frequência desta aflição, evidenciada de várias formas. Da diferença entre Deus e Satanás ao ferir a consciência. 3. Das ocasiões solenes desta aflição. 4. Dos mecanismos pelos quais Satanás opera a tristeza espiritual. 1. Sua sofística. Seus tópicos enumerados e explicados. (1.) Escrituras pervertidas. (2.) Noções

falsas. (3.) Representações equivocadas de Deus. (4.) Pecados; como ele os agrava. (5.) Diminuindo suas graças: como ele faz isso. 2. Seu segundo mecanismo: o medo; como ele promove seu desígnio por esse caminho.

Além das aflições já mencionadas sob os títulos de perturbações do espírito e espantos, há um terceiro tipo de aflição que Satanás impõe aos filhos de Deus, a qual, para fins de distinção, pode ser chamada de *Tristeza Espiritual*. Estas tristezas espirituais são aflições despertadas na mente, relacionadas à consciência e ao estado ou condição espiritual dos homens. Elas diferem sobremaneira das duas formas anteriores de aflição:

1. Estas aflições dizem respeito inteiramente à consciência no que toca à regeneração e à adequação dos homens a ela; ao passo que as simples perturbações do espírito relacionam-se primeiramente a coisas externas.

2. Nestas, a consciência é imediatamente afetada, mas em outras aflições, a consciência ou permanece intocada, ou é ferida apenas secundariamente, pela continuidade e progresso da perturbação do espírito.

3. Nestas aflições, a consciência é o grande instrumento pelo qual o Diabo trabalha, enquanto na aflição dos espantos o Diabo agia sozinho, permanecendo o *coração*, nesse meio tempo, relutante e resistente. Para expor esta aflição, explicarei seus vários graus.

Trata-se de uma aflição de consciência indevidamente agravada por Satanás, na qual ele se limita às operações da consciência. Contudo, assim como ele sugere as aflições dos homens pela

voz da consciência, ele faz tudo o que pode para torná-la irregular em suas ações e excessiva nessa irregularidade. De modo que, neste caso, a consciência é má e emprega-se nesse erro para investigar a regeneração ou santidade dos homens, sendo sempre ou neutra, ou adversária, e o Diabo ajuda a impulsionar isso com todo o seu poder.

O apóstolo em Hebreus 10:22 faz menção de uma *consciência má*, e isso principalmente por ela ocasionar medo, impedindo nosso acesso confortável a Deus. A consciência faz isso quando não executa seu ofício corretamente, seja por não desculpar quando deveria, seja por acusar quando não deveria. Estas falsas acusações causam diferentes tipos de aflições, conforme a variedade da matéria pela qual ela condena. Daí decorre que existem três graus de aflição de consciência, abaixo da aflição do desespero:

1. O grau mais baixo ocorre quando uma pessoa regenerada não determina positivamente o caso de sua alma, se é regenerada ou não, mas é mantida apenas em suspense entre a esperança de que seja e o medo de que não seja. A consciência, nesse ínterim, abstém-se de testemunhar a seu favor, embora tenha justa causa para escusá-la. Podemos chamar isso de uma *consciência duvidosa ou questionadora*. Embora fique muito aquém das angústias em que alguns homens estão mergulhados por causa de suas almas, ainda assim é uma aflição; pois a paz deles é por isso impedida e seus desejos de satisfação são frustrados. Em questões de tamanha importância (como são as da vida eterna e da miséria eterna), isso deve ser muito inquietante. Quando os afetos são fervorosos, sua satisfação não pode ser adiada sem aflição; pois *a esperança demorada faz adoecer o coração* (Pv 13:12). A alma não apenas desfalece

sob suas dúvidas, mas, por esse meio, torna-se tão fraca em seus propósitos que é facilmente levada a admitir maiores inconveniências, as quais podem lançar o fundamento para distúrbios mais perplexos.

Que a consciência pode estar em tal desequilíbrio que não testemunhará a favor de um homem, embora ainda não possa testemunhar contra ele, é a observação daqueles que trataram da natureza da consciência. Às vezes, ela não fará a aplicação das promessas de Deus; embora creia que aquele que abandona o pecado é regenerado e que aquele que verdadeiramente se arrepende será perdoado, ela não afirmará para o homem que ele abandona o pecado ou se arrepende, ainda que ele realmente o faça. Ou, se não pode negar isso, às vezes recusará tirar a conclusão que se pensaria seguir naturalmente, e assim recusa-se a julgar a pessoa como regenerada ou perdoada, embora não possa negar que ela abandona o pecado e se arrepende. A grandeza da bênção, os remanescentes da incredulidade e o profundo senso de indignidade, junto a outras considerações, impedem o *coração* de tomar tamanha liberdade com as promessas. Durante todo esse tempo, o Diabo faz o máximo para agravar essas considerações, espantando a consciência para longe daquela justa absolvição que ela deveria dar.

2. Outro grau de aflição decorrente de uma consciência má ocorre quando a condição de uma pessoa regenerada é determinada pela consciência (mas falsamente) como sendo muito ruim. Devo aqui (como outros fizeram) por falta de termos melhores, distinguir entre o *estado* de regeneração e a *condição* de um homem nesse estado, embora as palavras sejam usadas às vezes como sinônimos. Um homem pode estar

em um estado regenerado e, no entanto, sua condição nesse estado pode ser muito ruim e censurável, por não andar dignamente de tão santa vocação; assim como alguém pode ser um homem e, contudo, estar doente ou definhando. Assim, muitas das igrejas asiáticas eram igrejas verdadeiras e, no entanto, estavam em má condição: algumas mornas; algumas tinham nome de que viviam e, contudo, estavam comparativamente mortas, porque suas obras não eram plenas ou perfeitas diante de Deus; e outras haviam deixado seu primeiro amor. Para esse propósito serve aquilo do apóstolo: *Não sabeis vós mesmos que Jesus Cristo está em vós? A menos que já estejais reprovados* (2Co 13:5), onde a palavra *reprovado* não deve ser tomada no sentido estrito e severo de alguém não eleito, mas de alguém cuja conduta não é tão sólida e aprovada como deveria ser; pois isso não se refere ao fato de estarem em Cristo, mas à certeza de estarem nesse estado, a qual o apóstolo afirma que poderiam conhecer, a menos que a falha estivesse em sua conduta negligente e descuidada.

Este tipo de aflição, então, é desta natureza: a consciência não acusa o homem de ser não regenerado, mas o condena por um comportamento inadequado ao Evangelho. Isso ocorre às vezes quando suas ações não são absolutamente más, mas em parte boas e em parte más. Quando a consciência condena as ações como totalmente pecaminosas por causa de alguma mistura de enfermidades, deveríamos imitar o apóstolo em Romanos 7. Ali, por causa dos remanescentes do pecado nele, ele não podia fazer o bem que queria (isto é, na maneira e grau que desejava), nem evitar o mal que queria (tão clara e plenamente como almejava), pois algumas imperfeições ainda se apegavam aos seus melhores esforços. Contudo, sua consciência tomou o rumo certo: ele humilhou-se por suas imperfeições, mas ao

mesmo tempo absolveu-se no ponto da integridade; sua consciência testificou que ele *consentia com a lei, que era boa* (v. 16) e que *sentia prazer na lei de Deus, segundo o homem interior* (v. 22).

Mas, neste caso de aflição espiritual, a consciência toma tudo no pior sentido; fixa-se apenas nas imperfeições e faz com que sirvam de prova contra a sinceridade. Assim, se um homem, ao orar, é perturbado por pensamentos errantes, então uma consciência desequilibrada condena aquela oração como uma profanação pecaminosa do nome de Deus. Se a grande preocupação com a glória de Deus corre por um caminho que também é vantajoso para a pessoa em coisas externas, então tal consciência condenará o homem por buscar seus próprios interesses, embora seu desígnio principal fosse verdadeiramente a honra de Deus. Em todas as ações onde a enfermidade aparece junto aos esforços mais sérios, ou onde a glória de Deus e o bem do homem estão entrelaçados, a consciência desordenada tenderá a tomar o partido de Satanás, acusando e condenando a ação.

Sim, muito frequentemente, quando as ações são muito boas e de modo algum censuráveis, a consciência as condenará: se o homem teve paz, será julgado por segurança carnal; se tem fé nas promessas de Deus, ela chamará isso de presunção; se tem zelo por Deus, será mal interpretado como rigor carnal; se tem alegria, será julgado como alegria natural ou ilusão. Em uma palavra, todas as suas graças serão estimadas como nada melhor que virtudes morais. Nesse nível, os filhos de Deus são submetidos a grande aflição, perdendo (por assim dizer) as coisas que realizaram, lamentando tristemente sua dureza de *coração* ou falta de fé e amor, quando em sua conduta e

queixas dão provas elevadíssimas de tudo isso. Nisto também Satanás está ocupado em nutrir a consciência em seus ciúmes e sugere muitas objeções para confirmá-la em seu desequilíbrio. A consciência nem sempre é de humor melindroso ou perverso; pois às vezes ela ferirá um homem por um erro (como fez com Davi quando cortou a orla do manto de Saul) e, no entanto, não quebrará sua paz. O que é evidência suficiente de que ela está, neste caso, muito fora de ordem; vantagem que Satanás aproveita para inquietar o *coração*, tornar os homens ingratos pelas misericórdias recebidas e incapacitá-los para receber mais.

Para fins de distinção, podemos chamar isso de a aflição de uma consciência entristecida ou abatida, conforme o Salmo 42:5, 11: *Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas dentro de mim?*. Embora tais homens estejam sob o favor de Deus, eles o interpretam mal e pensam que Deus está irado com eles; seu *coração* palpita, sua alma tem sede, suas lágrimas são seu alimento, e estão prontos a dizer a Deus: *Minha rocha, por que te esqueceste de mim?*. E embora tenham algumas esperanças para o futuro, de que Deus mandará Sua misericórdia e que ainda O louvarão, sua apreensão presente de suas carências e fraquezas espirituais, e do desagrado de Deus sob o qual supõem estar, faz com que andem lamentando o dia todo.

3. O terceiro grau de aflição de consciência ocorre quando a consciência nega peremptoriamente o estado de regeneração. Por meio disso, conclui-se que um homem que é realmente regenerado ainda está no *fel de amargura e laço de iniquidade*. Suas esperanças anteriores são tachadas de autoengano, e seu estado presente como um estado de natureza. Esta aflição é

muito maior que as duas anteriores, porque a pessoa é julgada como estando em maior risco e, por muitos graus, mais remota da esperança. É o pensamento frequente e triste de tais pessoas que, se a morte cortasse seus dias naquele estado, oh, então estariam para sempre perdidas! Os medos e desassossegos do *coração* por esse motivo são muito penosos, mas admitem graus conforme a ignorância da pessoa, o desequilíbrio da consciência, a força das objeções ou a severidade da perseguição, visto que a consciência está agora tristemente fora de ordem. Podemos chamar este grau de sofrimento (para distinção) de um *espírito ferido*, o qual Salomão nos diz ser difícil de suportar (Pv 18:14), comparando-o com todos os outros tipos de aflições que o espírito do homem pode dar um jeito de suportar, tornando este mais pesado que todos e acima da força comum.

Alguns investigam qual seria a diferença entre um espírito ferido no regenerado e no reprovado. Ao que se pode responder: 1. Que, na apreensão das partes, não há diferença alguma; ambos podem ser cercados pelas dores da morte e supor-se no ventre do inferno. 2. Nem há qualquer diferença no grau da aflição; um filho de Deus pode ser tratado com tanta severidade aparente quanto aquele a quem Deus destina a um futuro *Tophet*. 3. Nem há qualquer diferença tão notável na operação dos espíritos de um e de outro que eles mesmos, no momento, ou outros que sejam observadores, possam facilmente notar. Contudo, há uma diferença formal; pois, estando a graça no *coração* de um, ela descobrirá sua vida em algum suspiro ou pulsação. E embora às vezes ela aja de forma tão baixa ou confusa que apenas Deus possa distinguir, frequentemente observadores experientes descobrirão alguns suspiros reais por Deus, e um verdadeiro nojo pelo pecado, e

outros traços de fé e amor que não são tão perceptíveis para as próprias pessoas. 4. Mas, no desígnio de Deus, a diferença é muito grande: os ímpios jazem sob Seu açoite como malfeitores, mas os regenerados são como pacientes sob cura, ou filhos sob disciplina. 5. E, consequentemente, o desfecho determina que a intenção de Deus ao ferir seus espíritos não era igual para ambos; um, por fim, saindo da fornalha como ouro, o outro permanecendo ainda como prata reprovada, ou sendo consumido como escória. Assim vistes a natureza e o grau da tristeza espiritual.

2. Para maior explicação, mostrarei a seguir que esta é uma aflição comum aos filhos de Deus.

O que eu poderia evidenciar, primeiramente, a partir de vários exemplos daqueles que muito sofreram sob ela: como Davi, cujas queixas neste caso são muito frequentes; e Hemã, que deixou um memorial de suas dores no Salmo 88. Jonas também, no ventre da baleia, teve um acesso agudo disso, quando concluiu que fora lançado da presença de Deus e sua alma desfalecia dentro dele (Jn 2:4, 7). Nem Ezequias escapou totalmente, pois embora seu desassossego tenha começado por outro motivo, levou-o à aflição espiritual por fim. Além destes, ocorrem inúmeros exemplos. Dificilmente se conversará com qualquer sociedade de cristãos sem encontrar alguns que, com queixas tristes, lamentarão o fardo de seus *corações* e as aflições de sua consciência.

1. As provisões que Deus fez em Sua Palavra para tais pessoas são uma evidência de que tais desequilíbrios são frequentes. Aquele que, em uma cidade, observar as boticas dos boticários e notar a grande variedade de *remédios*, potes e frascos cheios de misturas, confeitos e

cordiais, pode dali concluir racionalmente que é comum os homens adoecerem, ainda que não conversasse com nenhum doente para se informar. Assim podemos estar satisfeitos, pelas declarações, direções e consolações da Escritura, de que é um caso comum os filhos de Deus necessitarem de médicos espirituais e remédios espirituais para ajudá-los quando estão feridos e desfalecendo. A exclamação de Salomão: *ao espírito ferido, quem o suportará?*, mostra que o espírito é às vezes ferido. A direção do profeta: *quem anda em trevas, e não tem luz, confie no nome do Senhor*, claramente implica que há alguns que andam em trevas. Deus criando o fruto dos lábios: *Paz, paz*; Suas promessas de restaurar consolos aos que pranteiam; Seus mandamentos a outros para que os consolem; tudo isso nos informa que é comum Seus filhos estarem sob tais tristezas de espírito, e que tudo isso é necessário para seu alívio.

2. As razões desta aflição também nos asseguram de sua frequência; pois delas podemos dizer (como Cristo fala dos pobres) que as temos sempre conosco. Assim, considerados os fundamentos da tristeza espiritual, não é de admirar encontrar muitos homens queixando-se sob este desequilíbrio. As razões são:

(1.) A malícia de Satanás, que não tem maior vingança contra um filho de Deus, quando transladado do poder das trevas para o Reino de Cristo, do que impedi-lo da paz e do conforto dessa condição.

(2.) As muitas vantagens que Satanás tem contra nós. Para efetivar isso, não podemos imaginar que alguém tão malicioso

quanto ele permitirá que sua malícia durma quando tantas oportunidades favoráveis de colocá-la em prática se oferecem. Pois:

1. As questões a serem determinadas para estabelecer a paz da alma são muito intrincadas e, frequentemente, de maior dificuldade que as controvérsias doutrinárias. Quão difícil é concluir o que é o *minimum quod sic* (o menor grau de graça verdadeira) ou o *maximum quod sic* (o maior grau de pecado consistente com a graça verdadeira)! Distinguir entre um filho de Deus no nível mais baixo e um hipócrita ou crente temporário no nível mais alto é difícil. Em ações mistas, ser capaz de mostrar como a alma gerencia seu respeito a Deus quando o homem também tem um respeito por si mesmo, especialmente sob qualquer confusão, não é fácil. E nestas ações onde a diferença de outras do mesmo tipo reside apenas nos fundamentos e motivos do empreendimento, ou onde o grau prevalecente deve distinguir o ato em referência a diferentes objetos subordinados uns aos outros (como nosso amar a Deus acima do mundo ou de nós mesmos, nosso temer a Deus acima dos homens, etc.), nem todos conseguem dar uma determinação satisfatória.

2. Assim como a complexidade das dúvidas a serem resolvidas dá ao Diabo vantagem para nos confundir, essa vantagem é aumentada sobremaneira pela grande falta de discernimento e perícia da maior parte dos cristãos. Estas questões são difíceis em sua noção, mais difíceis em sua aplicação a pessoas particulares (onde o cristão mais capaz pode facilmente ficar sem resposta),

mas dificílimas para os cristãos fracos. A estes, Satanás pode frustrar com qualquer objeção pobre e impor o que quiser.

3. Especialmente tendo a vantagem da culpa operante da consciência, a qual ele pode prontamente despertar para apresentar à lembrança do homem todas as suas falhas e erros, de qualquer natureza que sejam. E quando a culpa ruge em um *coração* sem perícia, necessariamente cria grande desassossego.

4. Mas, acima de tudo, quando nossos medos naturais são despertados. Como quando um homem esteve sob alguma grande convicção: embora esteja curado de sua aflição, isso geralmente deixa uma fraqueza na parte afetada (como contusões e mutilações deixam em qualquer membro do corpo), a qual, na mudança do tempo ou por outro dano acidental, renovará a antiga aflição. Então, quando a culpa fresca começa a pressionar fortemente a consciência, não apenas os ossos quebrantados doem pelo reviver dos medos anteriores, mas as impressões de suas velhas suspeitas, o mau conceito de si mesmo e os ciúmes da enganosidade de seu *coração* (que haviam se fixado por um enraizamento profundo) agora o tornam temeroso de acolher qualquer pensamento bom sobre si mesmo. De modo que, se qualquer consideração tendente ao seu suporte for oferecida, ele não ousa aproximar-se dela, suspeitando que seu maior perigo resida justamente ali. Consideradas estas vantagens, não deveríamos achar estranho que qualquer filho de Deus seja levado à tristeza espiritual, mas deveríamos antes nos maravilhar

de que esta não seja a condição comum de todos os cristãos.

5. Outra razão que deve ser atribuída a estas aflições é a dispensação divina. Tais são Seus filhos — alguns tão descuidados, outros orgulhosos, outros obstinados, muitos presunçosos — que Deus é forçado a corrigi-los por esta peça de disciplina e a curá-los lançando-os em uma febre. Outros de Seus filhos Ele assim exercita para outros fins: às vezes para tomar dali ocasião de fazer maiores descobertas de Seu amor; às vezes para evitar que caiam em algum erro grave, ou para a prova e exercício de suas graças. Podemos observar, consequentemente, que há três tipos de homens que geralmente têm exercícios deste tipo:

6. Aqueles que, em sua conversão, são ou ignorantes, ou melancólicos, ou foram grosseiramente escandalosos, são geralmente conduzidos com grande medo e tristeza. Isso é tão observável que (por erro dos homens) tornou-se uma regra geral que ninguém é convertido sem estar sob apreensões grandes e pavorosas da ira e terrores sombrios. Isso, de fato, é verdade para alguns, mas estes ordinariamente são os do tipo escandaloso, melancólico e ignorante (embora às vezes Deus possa lidar assim com outros, pois quem pode limitá-Lo?). Contudo, há muitos cuja educação foi boa e sua instrução prévia grande, cuja conversão é tão gradual e imperceptível que são estranhos a estas aflições de consciência; e professam que, se estes auges de medo fossem necessários para a conversão, estariam perdidos,

nem podem dar um relato do tempo de sua conversão como outros fazem.

7. Aqueles cuja conversão foi fácil, quando após a conversão erram por qualquer grande iniquidade, encontram uma medida de terror e medo tão grande (e alguns pensam que muito maior) quanto aqueles cujo novo nascimento foi mais difícil. As maiores aflições de alma de Davi vieram sobre ele depois que começou a aparecer mais publicamente no mundo; pois então encontrou muitas *tentações* e grandes ocasiões para Deus exercer Sua disciplina sobre ele. Creio que, quando ele guardava as ovelhas de seu pai, suas canções tinham mais louvores e menos queixas do que depois. É a opinião de alguns que o trato de Deus neste tipo de dispensação, mesmo quando o erro não é a causa, é geralmente mais agudo para aqueles cuja conversão foi mais fácil.

8. Há outro tipo de homens a quem Deus concede apenas raros e curtos acessos de alegria espiritual, como tempos de respiro entre agudos acessos de aflição de alma, para o necessário refrigério e recuperação de forças; mas o curso constante que Deus mantém com eles é exercitá-los sob medos enquanto esconde Sua face deles e permite que Satanás os vexe, instando suas objeções contra sua santidade e integridade. Hemã era um desta categoria, e o grande exemplo que Deus deu em Sua Palavra para o suporte de outros que possam estar no mesmo caso. Pois ele testifica no Salmo 88 que sofreu os terrores de Deus quase até a distração, e isso desde a sua juventude. Não nos cabe questionar muito

> de perto por que Deus faz isso com Seus filhos, visto que Seus juízos são insondáveis e Seus caminhos inescrutáveis; mas podemos estar certos de que Deus vê que esse trato é o mais adequado para aqueles que são com ele exercitados. Talvez para afastar deles o orgulho, ou para evitar que caiam em algum inconveniente ou pecado maior, para o qual Ele nota uma inclinação mais que ordinária em sua disposição; ou para o benefício de outros que possam, por meio disso, notar que coisa má e amargosa é pecar contra Deus, e com que adversário malicioso têm de lidar. Quem considerar estas razões da tristeza espiritual deve confessar que (visto que as vantagens que os homens dão a um Diabo malicioso para vexar suas consciências são tantas e tão grandes, e a fraqueza dos filhos de Deus tão arriscada, para cuja prevenção um Pai sábio e cuidadoso necessariamente se engajará em exercer Sua disciplina) não se pode esperar senão que as aflições espirituais sejam muito frequentes entre os servos de Deus.

Aqui é necessário que eu dê satisfação a esta pergunta: Visto que Deus às vezes fere as consciências de Seus filhos, e que Satanás também as fere, quais são as diferenças entre Deus e Satanás ao infligir estas feridas?

Resposta: Para o correto entendimento desta questão, proporei duas coisas:

1. É uma verdade que Deus às vezes fere as consciências de Seus filhos; e isso:

(1.) Antes da conversão, mas em ordem a ela. Como preparatório para essa mudança, os homens estão então em seus pecados, andando na vaidade de suas mentes. Para transladá-los desse estado, Ele desperta a consciência, mostra-lhes suas iniquidades e o perigo delas; que no presente estão em seu sangue, filhos da ira como os demais, e que sem Cristo são miseráveis. O efeito disso deve ser necessariamente uma consideração séria, pensamentos profundos de *coração*, com alguma aflição; apenas quanto à medida e ao grau há grande diferença. Deus, na aplicação particular destas coisas à consciência, não se prende exatamente à mesma maneira e medida de proceder, embora mantenha Seu método geral. Daí decorre que alguns (em virtude do trato gentil e pausado de Deus, e da frequente interposição de encorajamentos) são ditos (se comparados ao caso de outros) ser aliciados e atraídos com cordas de amor. Mas outros têm uma medida notável de aflição, acessos agudos de medo e angústia; e estes mais comumente são aqueles cuja conversão é mais rápida e a mudança visível de um extremo a outro (como Paulo, quando convertido no meio de sua fúria perseguidora), ou aqueles cuja ignorância ou melancolia torna suas esperanças e confortos inacessíveis no momento. Deus reconhece estas aflições como obra de Seu Espírito: o mesmo Espírito que é um Espírito de Adoção para os convertidos, é um Espírito de Escravidão para estes (Rm 8:15).

Consequentemente, vemos que foi assim com os convertidos em Atos 2, os quais, sendo *compungidos em seu coração* pelo sermão de Pedro, clamaram:

Homens irmãos, que faremos?. O mesmo fez o carcereiro. E a promessa que Deus faz de chamar os judeus (Zc 12:10) expressa o propósito de Deus de lidar com eles exatamente por este método: *olharão para mim, a quem traspassaram; e o prantearão como quem pranteia por um filho unigênito; e amargar-se-ão por ele... Naquele dia será grande o pranto*.

(2.) Deus também às vezes fere a consciência de Seus filhos após a conversão, e isso Ele faz para convencê-los e humilhá-los por algum erro do qual se tornaram culpados. Como quando se tornam seguros, carnalmente confiantes na continuidade de sua paz; quando são descuidadamente negligentes no dever e nos exercícios de suas graças; quando caem em pecados grosseiros e escandalosos, ou deliberadamente abandonam os caminhos da verdade; e em muitos outros casos semelhantes. Quando Seus filhos se tornam assim passíveis do desagrado divino, então Deus esconde Sua face deles, retira Seu Espírito, sinaliza Sua ira às suas consciências e os ameaça com o perigo daquela condição; de onde se seguem dor e medo nos *corações* de Seu povo. Desta maneira Deus expressou Seu desagrado a Davi, como testificam suas queixas no Salmo 51: *Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que gozem os ossos que tu quebraste. Esconde a tua face dos meus pecados... Não me lances fora da tua presença, e não retires de mim o teu Espírito Santo. Torna a dar-me a alegria da tua salvação*, etc.

2. Não obstante tudo isso, há uma grande diferença entre Deus e Satanás nesta matéria, a qual aparece principalmente em duas coisas:

   (1.) Deus limita-Se em toda a aflição que dá a Seus filhos ao Seu grande fim de fazer-lhes bem e curá-los; e, consequentemente, restringe-Se na medida e na maneira de Sua obra a uma proporção que Sua sabedoria vê que se adequará exatamente ao Seu fim. De modo que Sua ira não é como as contendas de pessoas maliciosas que não conhecem limites; Ele não repreenderá para sempre; Seus debates são com medida, e isso para que o espírito não desfaleça diante d'Ele (Is 57:16). Assim, quando Ele fere a consciência antes da conversão, é apenas para trazê-los a Cristo e para evitar que tomem rumos que, por ilusão, os fizessem parar antes de chegar a Ele. Tanto de pranto e medo quanto for necessário para a verdadeira efetivação disso, Ele lhes designa, e não mais. Quando Ele fere após a conversão, é apenas para que sintam que é uma coisa má e amargosa pecar contra Ele, para que sua tristeza segundo Deus opere um arrependimento adequado à ofensa, e para que sejam suficientemente advertidos para o tempo futuro a não pecar mais, para que não lhes suceda algo pior. Aquele que não aflige de bom grado não porá sobre eles mais dor do que a necessária para trazê-los a isso.

Mas Satanás, quando é admitido (e Deus frequentemente o permite em subordinação ao Seu desígnio) a ferir a consciência, procede conforme a fúria ilimitada de sua malícia, e manifesta claramente que seu desejo é destruir e esmagá-los

para que nunca mais se levantem. Isso, embora ele não possa efetivar (pois Deus não permitirá que ele prossiga além da realização de Seu propósito santo e gracioso), não impede que seus pensamentos invejosos fervam em seu peito e que ele aja conforme sua própria inclinação. Pois ocorre com Satanás o mesmo que com os homens ímpios: se Deus os emprega para o castigo de Seus filhos, eles não consideram quem os pôs a trabalhar, nem quais medidas provavelmente Deus gostaria que observassem; mas propõem a si mesmos mais trabalho do que Deus jamais lhes designou. Como a Assíria, quando empregada contra Jerusalém (Is 10:7), tinha desígnios mais amplos e cruéis do que constava na comissão de Deus. Deus a havia restringido em Seu santo propósito; contudo, o assírio *não pensava assim, nem o seu coração o imaginava; antes o seu intento era destruir e desarraigar não poucas nações*. De modo que, quando Deus está um pouco indignado (como Ele diz em Zc 1:15), eles fazem tudo o que podem para ajudar na aflição. Assim o Diabo se esforça para tornar todas as coisas piores para os filhos de Deus do que Deus jamais pretendeu. Aqui está uma diferença entre Deus e Satanás no ferir das consciências.

(2.) Eles diferenciam-se ainda mais no fato de que tudo o que Deus faz nesta obra é sempre conforme a verdade. Pois, se Ele sinaliza aos não convertidos que estão em um estado de natureza, sujeitos à condenação do inferno, a menos que aceitem a Cristo para a salvação em Seus termos, isso não é mais do que a verdade; Deus não lhes representa mal o caso naquele momento. Novamente, se Ele expressa Seu desagrado a qualquer de Seus filhos convertidos que entristeceram Seu Espírito por suas loucuras, colocando diante deles as ameaças de Sua Palavra ou os exemplos de Sua ira, Ele apenas lhes diz

verdadeiramente que está irado com eles e que *de jure* (por direito), conforme o rigor da lei e o demérito de sua ofensa, Ele poderia justamente rejeitá-los. Mas Ele não diz positivamente que *de eventu* (no desfecho) será infalivelmente assim com eles.

Mas Satanás, em ambos os casos, vai muito além. Ele afirma claramente àqueles que estão no caminho da conversão que Deus não perdoará suas iniquidades, que não há esperança para eles, que Cristo não os aceitará, que Ele nunca pretendeu o benefício de Seus sofrimentos para eles. E quando os convertidos provocam a Deus, ele não hesita em dizer que a brecha não pode ser curada e que eles ainda não são convertidos. Todas estas são afirmações falsíssimas. E embora Deus possa fazer uso da malícia de Satanás, quando este abusa de Seus filhos com suas falsidades para o grande medo deles, para realizar Seus próprios fins e dar uma impressão maior ao que Ele verdadeiramente testemunha contra eles, ainda assim Deus não é o autor propriamente dito da mentira de Satanás, pois este a faz por sua própria inclinação perversa. O efeito destas conclusões falsas e desesperadas (que é colocar Seus filhos em temor, em ordem ao Seu fim) pode ser atribuído a Deus; mas a falsidade destas conclusões é formalmente obra de Satanás, e não de Deus. Pois Ele faz uso de tanto da ira de Satanás quanto for para o Seu louvor, e o restante da ira Ele restringe.

Descobri a natureza e os graus destas aflições espirituais, e que é comum os filhos de Deus caírem sob elas. Para maior exposição, descobrirei a seguir:

3. As ocasiões solenes usuais que, por assim dizer, convidam Satanás a lançar seu ataque contra os filhos de Deus, e elas são principalmente estas seis:

1. O tempo da conversão: Ele se deleita em atacá-los quando estão nos apertos de um novo nascimento, pois então a consciência está despertada, o perigo do pecado verdadeiramente representado, e o medo e a dor são (em algum grau) necessários e inevitáveis. Nesse momento, ele pode facilmente sobrecarregá-los. Onde as convicções são profundas e agudas, prontas a prostrá-los, mais alguns grãos lançados na balança tornarão a aflição (como diz Jó) mais pesada que a areia; e onde são mais leves ou gentis, ainda assim, estando a alma instável e os pensamentos em comoção, eles estão dispostos a receber uma impressão forte e a serem transformados (como a cera para o selo) em um molde de falta de esperança e desespero. Que esta é uma das ocasiões especiais de Satanás, não precisamos de outra evidência senão a experiência comum dos convertidos; muitos deles mal escapam do perigo e, após sua difícil conquista sobre as aflições de seu *coração* (que naquele tempo estão extraordinariamente aumentadas), testificam que foram assaltados com medos desesperados de que seus pecados eram imperdoáveis, e com tristes conclusões contra qualquer expectativa de favor do Senhor seu Deus. Destes pensamentos, temos certeza, o Espírito de Deus não dará testemunho, porque são falsos; portanto, devemos deixá-los à porta de Satanás.

2. Outra ocasião de que Satanás se aproveita é o tempo de arrependimento solene por algum pecado grave cometido após a conversão. Às vezes, os filhos de Deus caem a ponto de quebrar seus ossos. Não preciso mencionar quais iniquidades terríveis eles podem cometer pela força da *tentação*. O adultério e o assassinato de Davi; o incesto do coríntio; a negação de Cristo por Pedro, junto a outros tristes exemplos nos registros das Escrituras, dizem o suficiente sobre isso. Estes pecados — considerando sua hediondez, o escândalo à religião, a desonra a Deus, o entristecer de Seu Espírito, a condição da parte que ofende contra o amor, o conhecimento e os vários auxílios que Deus lhe concede em contrário, com outras circunstâncias agravantes — são muito desagradáveis a Deus. Suas consciências, então (seja compelidas ao exame por Deus imediatamente, ou mediadamente por alguma grande aflição, ou despertando voluntariamente para uma consideração séria do que foi feito, pela operação de sua própria luz assistida pela graça vivificante, 1Co 11:31-32), chamam-nos a um ajuste de contas rigoroso.

   Dali seguem-se o medo, a vergonha, a indignação própria, o choro amargo e a profunda humilhação. Então vem Satanás; ele reabre suas feridas e, por seus agravamentos, faz com que ardam ainda mais. Ele derrama corrosivos em vez de óleo, tudo para fazê-los crer que *a sua mancha não é a mancha de Seus filhos* e que seus desvios não podem ser curados. É uma ocasião tão adequada à sua malícia quanto ele poderia desejar; pois, ordinariamente, Deus testifica severamente Sua ira a eles e não os admite facilmente de novo ao senso de

Seu favor. Nesse momento, o adversário está muito ocupado em levar seus *corações* a um excesso de medo e tristeza. Este foi o curso que ele tomou com o coríntio incestuoso, aproveitando-se de suas grandes transgressões para *consumi-lo por excessiva tristeza* (2Co 2:7, 11).

3. Satanás observa as perturbações dos espíritos dos filhos de Deus sob alguma cruz ou aflição grave. Esta ocasião também se ajusta ao seu desígnio de ferir a consciência. Quando a mão do Senhor se levanta contra eles e seus pensamentos são desordenados pelo golpe, sugerindo naquele momento a ira de Deus e seus pecados, ele pode facilmente formular um argumento a partir desses fundamentos: que eles não estão reconciliados com Deus e que são tratados como inimigos. Davi raramente encontrava problemas externos sem que, ao mesmo tempo, tivesse um conflito com Satanás sobre sua condição ou estado espiritual, como testificam suas frequentes deprecações da ira divina em tais momentos: *Senhor, não me repreendas na tua ira*, etc. Há, de fato, apenas um passo entre a perturbação do espírito e as aflições espirituais, como já foi provado.

4. Quando Satanás preparou os corações dos filhos de Deus com pensamentos ateístas ou blasfemos, ele aproveita essa ocasião para negar a graça e o interesse deles em Cristo. O argumento, naquele momento, parece irrespondível. Pode Cristo habitar em um *coração* tão cheio de blasfêmias horríveis contra Ele? É possível que ele seja lavado e santificado quando produz pensamentos tão imundos e malditos? Todas as

aflições de espanto (mencionadas anteriormente) são utilizáveis para este propósito.

5. Outra ocasião para a aflição espiritual é a melancolia. Poucas pessoas perturbadas por ela escapam das mãos de Satanás; em um momento ou outro, ele lança sua rede sobre elas e busca apunhalá-las com sua arma. A melancolia, de fato, oferece-lhe tantas vantagens, e estas tão adequadas ao seu desígnio, que não é de admirar que ele a aproveite tanto. Pois: A melancolia afeta tanto a cabeça quanto o *coração*; ela fornece tanto medo quanto tristeza, e imaginações deformadas, malformadas e delirantes para trabalhar — nada poderia ser mais propício ao seu propósito. Pois onde o *coração* treme e a cabeça está obscurecida, ali cada objeto é mal interpretado. As ideias do cérebro são aparências monstruosas, refletidas por espíritos opacos e sombrios, de modo que Satanás não tem mais nada a fazer senão sugerir a nova matéria de medo. Pois a questão sobre se o homem é convertido, uma vez lançada em uma mente já perturbada pelo medo, deve por si mesma (sendo um negócio de natureza tão elevada), sem perseguição posterior de Satanás, convocar os poderes máximos da tristeza e da má interpretação para provocar uma tempestade. Além disso, as impressões da melancolia são sempre fortes; é forte em seus medos (do contrário, os *homens* nunca seriam tentados a se destruir); é forte em seus erros (do contrário, nunca poderiam se convencer da verdade de *fantasias* tolas, absurdas e impossíveis), como no caso de Nabucodonosor, que, por uma apreensão ilusória, acreditando ser um animal, abandonou a companhia dos *homens* e foi para os

campos comer erva com os bois. As imaginações do melancólico nunca estão ociosas e, contudo, são estreitadas ou confinadas a poucas coisas; então, estando o cérebro enfraquecido para uma apreensão verdadeira e regular, ele molda apenas espantalhos, mas com a mais alta confiança de certeza. Estas impressões são geralmente duradouras, não desaparecendo como o orvalho da manhã, mas continuando por meses e anos. E, no entanto, resta-lhes apenas o entendimento suficiente para nutrir seus medos. Se o entendimento tivesse desaparecido por completo, seus medos desapareceriam com ele, como a chama se extingue por falta de ar; mas eles têm conhecimento apenas para ver sua miséria, e senso para torná-los apreensivos de sua dor. Por isso, orarão com rios de lágrimas, gemidos indescritíveis, suspiros profundos e juntas trêmulas para serem libertos de seus medos. Eles também são propensos a ter retornos frequentes após o alívio de suas aflições. Que disposição (consideradas todas estas coisas) pode ser mais exatamente moldada para servir aos interesses de Satanás? Se ele quer que os *homens* acreditem no pior de si mesmos, ele tem tais imaginações para trabalhar, as quais já estão deformadas em uma maldade de suspeitas malignas. Deseja ele aterrorizar pelo medo ou angustiar pela tristeza? Ele já possui isso; basta alterar o objeto (o que muitas vezes nem é necessário, pois naturalmente o melancólico sério emprega todas as suas dores em seu suposto estado miserável de alma) e então ele tem a angústia espiritual. Deseja ele mantê-los por muito tempo sob seus pesares, ou tomá-los em todas as

ocasiões à sua vontade, ou levá-los a um auge maior que o comum? O temperamento melancólico sempre lhe convém. Isto é suficiente como advertência para que tomemos cuidado especial de nossos corpos para prevenir ou abater esse humor por todos os meios lícitos, se não quisermos que o Diabo abuse de nós à sua vontade.

6. **A enfermidade ou o leito de morte é outra ocasião solene que o Diabo raramente deixa passar.** A morte é algo sério; ela representa a alma e a eternidade de forma viva. Enquanto estão à distância, os *homens* olham superficialmente para estas coisas, mas quando se aproximam delas, geralmente têm uma visão que nunca tiveram antes. Podemos verdadeiramente chamar a enfermidade e o leito de morte de uma hora de *tentação*, a qual Satanás usará com a indústria mais perniciosa, porque tem pouco tempo para isso. É o último conflito e, se ele falhar ali, estaremos fora de seu alcance para sempre. Assim, nesse caso, Satanás encoraja-se para a batalha com um "agora ou nunca". Por isso, descobrimos que é comum os servos de Deus, ao morrerem, passarem por encontros muito agudos. Dizer-lhes então (quando a alma está prestes a soltar-se do corpo) que ainda estão em seu sangue, sem Deus e sem esperança, é o suficiente para espantá-los em agonias extremas; pois não veem tempo diante de si proporcional a uma obra tão grande, se esta ainda estiver por fazer. Ao mesmo tempo, estão sob vastos desanimadores vindos do cansaço e das dores da enfermidade, estando seus entendimentos e faculdades também embotados e estuporados. De modo que, se

neste último mergulho Deus não aparecesse extraordinariamente para repreender Satanás e arrancá-los destas grandes águas (como frequentemente faz, pela interposição mais plena da luz de Sua face e pelo testemunho mais amplo de Seu Espírito), após sua longa e confortável profissão de fé e caminhada santa, a luz deles se apagaria nas trevas e eles se deitariam em tristeza. Contudo, devo notar isto: por mais desejoso que Satanás esteja de aproveitar esta ocasião, ele é frequentemente e notavelmente frustrado, e isso onde ele (talvez) e nós menos esperaríamos. Refiro-me àqueles que, por uma disposição temerosa, ou melancolia, ou por outros motivos, estão (por assim dizer) *toda a vida sujeitos à servidão*. Estes homens, que costumam ser exercitados com acessos frequentes de aflição espiritual, quando chegam à enfermidade, ao leito de morte e a outras ocasiões singulares de aflição — embora pudéssemos suspeitar que seus medos estariam então operando, se é que algum dia estariam —, Deus, por uma indulgência graciosa para com eles (considerando sua estrutura e feição, ou porque deseja evitar seu desfalecimento extremo, etc.), vai ao encontro deles com testemunhos maiores de Seu favor, alegrias mais elevadas e certezas mais confiantes em Seu amor do que jamais receberam em qualquer outro momento. E isso para o espanto e alta admiração deles, tornando os tempos que costumavam temer mais em tempos de maior consolação. Esta observação não baseei em um ou dois exemplos, mas poderia produzir uma nuvem de testemunhas para ela. É o suficiente para refrear nossos medos precipitados de um futuro dia mau

e para nos curar de um desequilíbrio de suspiros, enquanto nos afligimos com pensamentos como estes: "Se tenho tantos medos em saúde, como serei capaz de atravessar o vale da sombra da morte?".

4. Tenho mais uma coisa a acrescentar para a descoberta destas aflições espirituais, que é mostrar-lhes os mecanismos pelos quais Satanás as opera, e eles são estes dois: a Sofística e os Medos.

Quanto à sua sofística, pela qual ele convence os filhos de Deus a terem uma apreensão errada de si mesmos, ela é muito grande. Ele possui uma destreza maravilhosa em formular argumentos contra a paz deles; possui uma variedade de objeções astutas e respostas sutis às réplicas usuais com as quais eles buscam afastá-lo. Não há uma falácia pela qual um sofista astuto buscaria enredar seu adversário em uma disputa que Satanás não utilizaria. Embora ele tenha tanta impudência a ponto de não corar diante da razão mais tola e desprezível que possa ser oferecida, ele também tem astúcia suficiente para instigar argumentos que, embora nunca verdadeiros, são sempre prováveis. O quanto ele pode prevalecer sobre as crenças dos *homens* em casos relativos às suas almas pode ser conjeturado pelo sucesso que tem sobre os entendimentos dos *homens* quando os convence ao erro e os faz acreditar em uma mentira. Costumamos dizer (e com verdade) que Satanás não pode, em caso algum, forçar propriamente o nosso consentimento; contudo, considerando as vantagens que ele toma, os meios que possui para preparar os *coracões* dos *homens* para suas impressões e sua grandíssima sutileza em disputar, podemos dizer que ele pode ordenar a questão de tal modo que raramente falhará em seu objetivo. Seria uma obra

sem fim reunir todos os argumentos de que Satanás se utilizou para provar que a condição ou estado dos filhos de Deus é ruim. Mas, para não frustrar totalmente suas expectativas, apresentarei os tópicos usuais de Satanás, os lugares-comuns ou cabeçalhos aos quais todos os seus argumentos podem ser reduzidos. E eles são:

Escritura abusada e pervertida. Seu método não é apenas sugerir que eles não são regenerados ou que estão sob uma má disposição de *coração*, mas oferecer provas de que estas acusações são verdadeiras. E porque ele lida com aqueles que professam crer nas Escrituras como os oráculos de Deus, ele buscará suas provas dali, dizendo-lhes que evidenciará o que diz pela Escritura. Assim, às vezes ele ataca o tipo de cristão mais fraco e sem perícia: *Tu não és um filho de Deus; pois os que o são, são iluminados, transladados das trevas, são filhos da luz; mas tu és uma criatura pobre, ignorante, sombria e cega, e portanto não és filho de Deus*. Às vezes ele trabalha para concluir o mesmo a partir das enfermidades dos filhos de Deus, abusando para esse propósito de 1 João 3:9: *Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado... e não pode pecar, porque é nascido de Deus*. Ele insiste assim: *Pode algo ser afirmado de forma mais clara e plena? Não é isto Escritura? Podes negar isto?*. Então ele prossegue: *Mas tu pecas frequentemente, essa é a tua própria queixa contra ti mesmo, e a tua consciência também dá testemunho da verdade desta acusação; portanto, não podes ser filho de Deus*. Às vezes ele joga com palavras que são usadas em diversos sentidos (um mecanismo adequado para o Diabo trabalhar), pois o que é verdade em um sentido será falso em outro; e seu argumento parte do que é verdade para o que é falso. Lembro-me de alguém que foi por muito tempo torturado com Apocalipse

21:8: *Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos... a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre*. Dali a parte argumentava assim: *A proposição é verdadeira, porque é Escritura, e não posso negar a premissa. Tímido eu sou, porque duvido da salvação; e incrédulo sou, pois não posso crer que sou regenerado ou que estou em estado de graça; e portanto não posso evitar a conclusão*. Para o mesmo propósito ele disputa contra alguns a partir de 1 João 4:18: *No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor; mas tu estás cheio de temores, portanto não amas a Deus*. Às vezes ele faz uso daquelas Escrituras que tornam o grau prevalecente de nosso amor e respeito a Deus acima do mundo e das coisas desta vida como os caracteres da verdadeira graça; como aquela de João: *Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele*; e aquela de Cristo: *Se alguém ama qualquer coisa mais do que a Mim, não é digno de Mim; aquele que não renuncia a tudo por Mim, não pode ser meu discípulo*, etc. Então ele lhes impõe o amor ao mundo e a má vontade em se separarem de seus bens, e assim traz a conclusão sobre eles. Os exemplos poderiam ser infinitos, mas por estes se pode julgar o resto. Observemos agora sua sutileza ao gerir seus argumentos contra os *homens*: Ele baseia seus argumentos na Escritura porque ela possui autoridade, e a própria consciência perturbada tem reverência por ela. Ele sempre adapta as Escrituras que cita àquilo em que a consciência é mais sensível: se houver algo que ofereça matéria para suspeita ou medo, ele certamente escolherá tal flecha da aljava das Escrituras para atingir diretamente o alvo. Embora na citação da Escritura ele sempre inste um sentido que o Espírito Santo nunca pretendeu, haverá sempre algo naquelas Escrituras de que ele faz uso que, ao menos em palavras, parece favorecer sua conclusão, como

aparece nos exemplos dados. Pois quando ele quer concluir que um homem não é filho de Deus por causa de sua ignorância, algo de seu argumento é verdadeiro; pode ser que o homem sinta que seu conhecimento é pequeno comparado às medidas que outros possuem; ou que esteja perdido ou confuso em muitos pontos doutrinários da religião; ou que tenha pouca experiência em muitos casos práticos, etc. Isso, sendo verdade, é a sua aflição; e enquanto ele se debruça sobre seu defeito, Satanás lança sobre ele uma ordem de prisão por uma dívida muito maior do que a que Deus lhe cobra. A partir de Escrituras que falam de uma ignorância total dos fundamentos da religião (como que há um Deus, que Cristo Jesus é Deus e Homem, o Redentor da humanidade por uma satisfação à justiça divina, etc.) ou de uma ignorância deliberada do valor da oferta do Evangelho ou de sua realidade (que se descobre na recusa de seus termos), ele o conclui como estando em estado de trevas; enquanto a ignorância de que o homem se queixa não é a ignorância que aquelas Escrituras pretendem. Assim, no exemplo seguinte, os pecados de que um filho de Deus se queixa são aqueles de incursão diária, contra os quais ele trabalha e luta; mas aquele "cometer pecado" mencionado no texto refere-se aos gnósticos, que ensinavam uma liberdade no pecar e imaginavam uma justiça consistente com a prática declarada da iniquidade. Daí João (1Jo 3:7) confrontar diretamente a opinião deles: *Filhinhos, ninguém vos engane; quem pratica justiça é justo*. E: *Aquele que é nascido de Deus nem pratica, nem pode advogar uma liberdade de pecar, sendo isso contrário aos princípios da nova natureza*. De modo que os erros de enfermidade que o filho de Deus lamenta em si mesmo não são os mesmos do texto sobre o qual Satanás baseia a acusação.

O mesmo se pode dizer do terceiro exemplo, de Apocalipse 21:8. A ameaça ali é contra tal medo de perder os confortos do mundo que não ousam crer que o Evangelho seja verdadeiro e aceitá-lo consequentemente; o que nada tem a ver com aqueles medos e dúvidas que podem estar em um filho de Deus em referência à sua felicidade. Assim, em todos os demais, a falácia reside em aplicar mal a Escritura (para adaptá-la àquilo em que a consciência é sensível) sob um sentido que nunca foi pretendido por elas; contudo, em outro sentido, a coisa imputada à consciência é verdadeira. Satanás é tão sutil que, quando disputa por tais argumentos falaciosos, ele se empenha principalmente em desviar o olho e a consideração do réu daquela parte do argumento onde reside sua fraqueza (que, neste caso, está sempre no abuso da Escritura para um sentido errado). Ele faz isso, em parte, pela vantagem que tem da reverência que eles devotam à Escritura — eles creem que ela é verdadeira e não estão dispostos a suspeitar do sentido; e muitos são tão fracos que, se o fizessem, Satanás é tão astuto que poderia facilmente confundi-los em qualquer distinção que pudessem fazer. E, em parte, pelo senso que têm daquilo de que são acusados — eles sentem-se tão feridos naquele lugar (e para esse exato fim Satanás direciona sua Escritura para atingi-lo) que prontamente dão como certo que o eixo da controvérsia gira em torno disso e que toda a disputa repousa sobre isso. Ora, tendo Satanás estas vantagens favoráveis, por um aprimoramento posterior delas, ele esconde a fraqueza de seu argumento. Pois: Ele toma aquele sentido da Escritura (no qual a aplica mal) como garantido, e isso com grande confiança, agindo como se não houvesse dúvida ali. Ele volta sempre aquela parte do argumento para eles que menos podem responder, pressionando-os ansiosamente com a matéria da

acusação (a qual eles estão tão prontos a confessar quanto ele a acusá-los) e agravando-a mui diligentemente. E porque os sem perícia não têm outra direção para encontrar o nó da controvérsia senão o alvoroço de Satanás (embora ele, como o abibe, faça o maior barulho quando está mais longe de seu ninho, de propósito para levá-los a um erro maior), eles não olham além; e então, não sendo capazes de responder, são logo vencidos e, cedendo à conclusão contra si mesmos, multiplicam suas dores e clamam sobre si mesmos como miseráveis.

Outra peça de sua sofística é o aproveitamento de certas noções falsas (que cristãos do tipo mais fraco receberam) como provas de sua não regeneração ou má condição.

Assim como existem erros vulgares sobre coisas naturais, existem erros populares sobre coisas espirituais. Estes equívocos, em grande parte, têm sua origem nas *fantasias* ou más interpretações de homens sem perícia. Alguns, de fato, podem ter sido pregados e ensinados como verdades; outros surgiram (sem um mestre) de mera ignorância, sendo as conclusões e suspeitas que cabeças fracas formularam para si mesmas a partir de ditos ou práticas de homens, as quais não foram nem tão esclarecidas quanto ao perigo do erro, nem tão distintamente apreendidas como era necessário. Estas inferências falsas, uma vez postas em marcha, são tradicionalmente passadas a outros e, com o tempo, ganham (entre os simples) a opinião de verdades indubitáveis. Ora, onde quer que Satanás encontre qualquer uma destas que seja adequada ao seu propósito (pois certamente qualquer erro que acalentemos, ele o lançará em nosso caminho em um momento ou outro), ele fará disso o fundamento de um argumento contra

aquele que o recebeu, e isso com vantagem muito grande. Pois uma falsidade nas premissas geralmente produzirá uma falsidade na conclusão. E sendo estas falsidades tomadas como certas, o Diabo não tem o trabalho de prová-las; se ele puder então apenas ajustá-las exatamente a algo na pessoa que ela não possa negar, ele imediatamente ganha a causa e a condena por suas próprias concessões, como que pela sua própria boca. É quase impossível numerar as noções falsas que já estão acolhidas entre os cristãos relativas à graça e à conversão, muito menos aquelas que podem surgir depois. Mas mencionarei algumas de que Satanás frequentemente faz uso como fundamentos de objeção:

É uma apreensão comum entre os mais fracos que a conversão é sempre acompanhada de grande medo e terror. Isso é verdade em alguns (como foi dito); e embora nenhum dos pregadores do Evangelho tenha afirmado a universalidade destas medidas maiores de aflição, o povo, notando que muitos falam de suas profundas humilhações na conversão, e que vários autores expuseram a grandeza da angústia em que alguns foram lançados naquela ocasião (embora sem qualquer intenção de fixar isso como regra geral), supôs dali que todos os convertidos são levados aos seus confortos através das chamas do inferno. Sobre este erro, o Diabo inquieta aqueles que não sentiram estas agonias extremas de tristeza em si mesmos e lhes diz que é um sinal certo de que ainda não são convertidos. Embora seja fácil para um homem que vê a falsidade da noção responder ao argumento, aquele que a crê verdadeira não sabe o que dizer, porque descobre que nunca esteve sob tais aflições, e agora começa a ficar aflito porque não ficou aflito antes, ou (como supõe) não ficou aflito o suficiente. Outra noção falsa é que um convertido pode dar um relato do tempo e da maneira

de sua conversão. Isso é verdade em alguns, como em Paulo e alguns outros, cuja mudança foi súbita e notável, embora em muitos seja bem diferente; estes podem dar melhor conta de que *estão* convertidos do que por quais passos, graus e métodos foram levados a isso. Mas se qualquer um destes recebe a noção, logo descobrirá que Satanás voltará o fio dela contra eles e dirá que não são convertidos porque não podem nomear o tempo quando, nem a maneira como tal mudança foi operada.

Alguns dão como certo que a conversão é acompanhada de uma medida notável de dons para a oração e exortação; então o Diabo lhes objeta que não são convertidos porque não podem orar como outros, ou falar das coisas de Deus tão prontamente, fluentemente e afetuosamente como alguns outros podem. Assim, o pobre cristão fraco é frustrado por falta de habilidades para se expressar a Deus e aos *homens*. Noções falsas sobre a natureza da fé são um triste tropeço para alguns. Muitos supõem que a fé salvadora é uma crença certa de que nossos pecados estão perdoados e que seremos salvos, tornando a fé e a certeza uma coisa só. Este erro está mais profundamente enraizado nas mentes dos *homens* porque alguns assim ensinaram diretamente, e estes, homens de estima, cujas palavras são acolhidas com grande reverência por cristãos bem-intencionados. Para estes, não obstante, pode-se alegar em desculpa que eles antes descreveram a fé em seu auge do que em suas medidas mais baixas. Seja como for, aqueles que não têm outro entendimento da natureza da fé nunca poderão responder ao argumento de Satanás, se ele os pegar em qualquer momento em vantagem de medo ou dúvida. Pois então ele disputará assim: *A fé é uma crença de que os pecados estão perdoados, mas tu não crês nisso; portanto, não tens fé*. Oh, que números de pobres cristãos duvidosos foram

angustiados com este argumento! Alguns tomam como verdade que o crescimento da graça é sempre visível e o progresso notável. E então, porque não podem fazer tal descoberta de si mesmos, o Diabo conclui que a graça deles é falsificada e hipócrita. De natureza semelhante são alguns sinais equivocados da verdadeira graça, como que a verdadeira graça teme a Deus apenas por Sua bondade. E então, se houver qualquer apreensão do desagrado divino impressa no *coração*, ainda que pela ocasião necessária de um erro, eles, por instigação do Diabo, concluem que estão sob um espírito de servidão e que sua suposta graça não é verdadeira, ou ao menos não é genuína, conforme aquela disposição com que o Novo Testamento proveria um homem.

É também outro sinal equivocado de graça: que ela direciona o homem a amar a Deus unicamente por Si mesmo, sem o menor respeito à sua própria salvação; pois isso, pensam eles, não passa de amor-próprio. Ora, quando um filho de Deus não vê seu amor a Deus tão distinto que sua própria salvação não esteja entrelaçada com ele, Satanás ganha vantagem sobre ele e o força a rejeitar seu amor como adulterado e egoísta. Semelhante a este erro (mas de um tom mais elevado) é o de alguns: que onde a graça é verdadeira, ela é tão levada a honrar a Deus que o homem que a possui pode desejar que Deus seja honrado, ainda que ele mesmo seja condenado. Deus não nos submete a tais questões; mas, sob a suposição de que isso seja verdade, a graça da maioria dos *homens* será abalada pela objeção que Satanás fará dali; ele pode e irá imediatamente colocar o equivocado à prova: *Podes dizer que estás disposto a ir para o inferno para que Deus seja glorificado? Se não, onde está a tua graça?* A partir de erros como estes, ele disputa contra a santidade dos filhos de Deus; e é impossível que ele

não ganhe a causa contra aqueles que concedem que estas coisas sejam verdadeiras. Satanás pode inegavelmente mostrar-lhes que seus *corações* não responderão a tal descrição de um convertido ou de um *coração* gracioso como estas noções falsas farão. Enquanto, portanto, mantiverem estas noções, não terão alívio contra as conclusões de Satanás; nenhum conforto pode ser administrado até que sejam convencidos de que abraçaram erros por verdades. E quão difícil isso será neste caso (onde a confiança na noção é grande e a suspeita forte de que o defeito está apenas no *coração*) já foi determinado pela experiência frequente.

A terceira peça da sofística de Satanás, da qual ele extrai conclusões falsas, é sua representação equivocada de Deus. Nisto ele cruza diretamente o desígnio das Escrituras, onde Deus, em Sua natureza e tratos, é de tal modo apresentado que o mais fraco, o mais aflito e agitado possa receber encorajamento de aceitação e de Seu cuidado paternal sobre eles em suas provações mais tristes. Contudo, para que os *homens* não transformem Sua graça em libertinagem e se encorajem no pecado por causa de Sua clemência, as Escrituras às vezes nos dão descrições vivas de Sua ira contra aqueles que impiamente presumem de Sua bondade e continuam a fazê-lo. Ambas as descrições de Deus devem ser tomadas em conjunto, como oferecendo a única representação verdadeira d'Ele. Ele é tão gentil para com o pecador humilde e sensível que *não quebrará a cana trilhada, nem apagará o pavio que fumega*. E tão cuidadoso com a saúde que (para a recuperação deles) não os deixará totalmente sem punição; nem permitirá que se arruínem por um excesso de confortos mundanos; contudo, *com o perverso Ele se mostrará perverso* (Sl 18:26). E: *Quanto àqueles que se desviam para os seus caminhos tortuosos, levá-*

los-á o Senhor com os que praticam a iniquidade (Sl 125:5). Ele apagará a lâmpada dos ímpios, pois os coloca em lugares escorregadios, de modo que são lançados em destruição e trazidos à desolação como num momento; são consumidos com terrores. Ora, Satanás às vezes argumentará contra os filhos de Deus e se esforçará para quebrar suas esperanças voltando aquela parte da descrição de Deus contra eles, a qual é pretendida para derrubar a confiança dos ímpios e para abater os olhares altivos. Por este meio, ele torce a descrição de Deus para um fim contrário e representa Deus de forma equivocada a uma alma trêmula e aflita. Ele faz isso:

Ao representar mal Sua natureza: aqui ele lê uma lição solene sobre a santidade e justiça de Deus, mas sempre com reflexão sobre a vileza e indignidade da pessoa contra quem direciona seu dardo. E assim ele argumenta: *Levanta os teus olhos aos céus, contempla o brilho da glória de Deus: considera Sua santidade imaculada, Sua justiça infinita. Os céus não são puros aos Seus olhos, quanto mais abominável e imundo és tu? Seus olhos são puros, Ele não pode tolerar nem aprovar o menor pecado: como podes então imaginar (a menos que sejas intoleravelmente impudente) que Ele tenha tomado tal miserável imundo em Seu favor? Ele é um Deus zeloso e de modo algum absolverá o culpado; podes então, com qualquer sombra de razão, concluir que és Seu filho? Ele contempla os ímpios de longe; Ele fecha os ouvidos à oração deles; Ele ri de sua calamidade; Ele zomba quando vem o seu temor; e portanto não tens causa para pensar que Ele ouvirá o teu clamor, ainda que faças muitas orações. Não se pode supor que Ele inclinará Seu ouvido. É Sua expressa determinação que, se alguém guardar a iniquidade no seu coração, o Senhor não ouvirá a sua oração*.

Isso e muito mais ele dirá. E enquanto Satanás fala apenas nesse tom, podemos chamá-lo de modesto, porque suas alegações são em si mesmas verdadeiras, se fossem aplicadas corretamente. Às vezes ele irá além e claramente mentirá sobre Deus, proferindo falsidades incríveis sobre Ele; mas porque estas pertencem propriamente a um tipo mais elevado de aflições, das quais falarei a seguir, não as mencionarei aqui. Contudo, se ele parar aqui, já diz o suficiente contra qualquer servo de Deus que carregue um alto senso de sua indignidade. Pois, sendo assim levado à visão destes atributos assombrosos, o homem fica desconcertado e não pode pensar outra coisa senão que é muito improvável que um pecador tão indigno tenha qualquer interesse em um Deus tão Santo. Assim o Diabo o afasta pelo medo, voltando o lado errado da descrição de Deus para ele; e, nesse meio tempo, escondendo aquela parte dela que fala das maravilhosas condescendências de Deus, Suas compaixões infinitas, Sua prontidão indescritível em aceitar o pecador humilde, de *coração* quebrantado, cansado e sobrecarregado, que está prostrado aos Seus pés por perdão. Tudo isso é declarado propositalmente na descrição da natureza de Deus para obviar esta *tentação* e encorajar os fracos.

Ele representa mal a Deus em Sua Providência.

Se Deus castiga Seus filhos com qualquer aflição, Satanás perversamente a distorce para uma interpretação ruim, especialmente se a aflição for aguda, parecer estar acima de suas forças, for frequente ou, acima de tudo, se parecer contrariar suas esperanças e orações. Pois então ele argumenta: "Estes não são os castigos de filhos. Deus, de fato, visitará as transgressões deles com varas, mas o trato d'Ele contigo é claramente de outra natureza, pois Ele te quebranta com Suas

tempestades". E enquanto Ele corrige Seus filhos que O servem com medida, tu estás prostrado com tua aflição até a angústia e o desespero. Ele não poria sobre Seus filhos mais do que podem suportar, nem repreenderia Seus servos para sempre; mas tu és afligido a cada manhã. Além disso, se fosses puro e reto, certamente agora Ele despertaria por ti e faria próspera a habitação de tua justiça; pois aos Seus filhos Ele diz: *Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás* (Sl 50:15).

Daí vem a queixa de muitos: que não são regenerados porque pensam que Deus não lida com eles como lida com os outros. "Oh!", dizem eles, "sabemos que Deus castiga a todo filho a quem recebe; mas o nosso caso é totalmente diferente do deles. Nossas aflições são pragas, não varas; nosso clamor não é ouvido, nossas orações são desprezadas, nossa força nos falha e nosso *coração* se irrita contra o Senhor. Assim, não apenas a natureza e a qualidade de nossas aflições, mas a disposição de nosso *coração* sob elas, ao não suportar o fardo (que é o grande caráter do castigo dos filhos, Hb 12:7), prova claramente que estamos sob o ódio de Deus e não somos Seus filhos".

Esta objeção, embora possa parecer fácil de responder por aqueles que não estão envolvidos no momento, provará ser um negócio difícil para aqueles que estão sob a dor das aflições. O quanto um homem santo e sábio pode ser confundido por isso, pode-se ver no Salmo 73, onde o profeta é colocado em um mergulho penoso por esta mesma objeção: *Pois todo o dia tenho sido afligido, e castigado cada manhã* (v. 14). E, no entanto, em tudo isso, Satanás apenas age como um sofista, trabalhando sobre as vantagens que a natureza da aflição e o temperamento do *coração* dos *homens* lhe oferecem. Pois:

1. As aflições são um grande abismo, um dos segredos de Deus, de modo que é difícil saber o que Deus pretende com elas.

2. O fim do Senhor não é descoberto de início, mas a certa distância, quando os frutos começam a aparecer.

3. A mente do aflito nem sempre pode proceder regularmente ao fazer um julgamento do desígnio de Deus sobre si; especialmente no início, quando está atordoada pelo assalto e tudo está em confusão — a fé precisa ser buscada, a paciência falta e o amor cambaleia. Depois que a alma se recompõe e atinge alguma calma, tornando-se apta para uma revisão dos caminhos de Deus e do próprio *coração*, ela está mais capacitada a fixar alguns fundamentos de esperança: *Disto me recordarei no meu coração; por isso tenho esperança* (Lm 3:21).

4. As aflições têm um lado luminoso e um lado sombrio, e suas aparências dependem de nossa postura ao visualizá-las; como certas pinturas que, se olhadas de um lado, parecem anjos, e de outro, parecem demônios.

5. Alguns *homens* na aflição ocupam-se apenas em olhar para o lado sombrio dela. Sua disposição (seja por timidez natural ou por fortes impressões de *tentação*) é apenas meditar terrores e suspeitar males. Estes *homens*, da cruz, não podem extrair nada além do absinto e do fel; enquanto outros, que têm outra perspectiva, observam misturas de misericórdia e gentileza, e derretem-se em submissão e gratidão.

Estas coisas, consideradas juntas, são uma grande vantagem para Satanás ao disputar contra a paz dos filhos aflitos de Deus; e frequentemente ocorre que, assim como ele representa mal o desígnio de Deus, eles também (instigados pela *tentação*) julgam mal a si mesmos.

3. Ele também representa mal a Deus nas obras de Seu Espírito.

Se Deus retira Seu semblante, ou por Seu Espírito sinaliza Seu desagrado às consciências de alguns; se Ele permite que Satanás os moleste com *tentações* espirituais, Satanás imediatamente aproveita a ocasião para colocar sua interpretação falsa e maligna sobre tudo. Ele lhes diz que o esconder da face de Deus é o Seu rejeitá-los; que as ameaças sinalizadas à sua consciência são declarações claras de que seu estado presente é de ira e trevas. Diz que as moléstias de Satanás por meio de *tentações* mostram que eles ainda estão sob o seu poder; que a remoção de sua paz anterior, alegria e deleite sensível que tinham nos caminhos de Deus é, sem contradição, uma evidência de que Deus não tem prazer neles, nem eles n'Ele; que a fé deles era apenas a de crentes temporários, e sua alegria apenas a de hipócritas, que dura apenas um momento.

Quantas vezes ouvi cristãos queixando-se assim: "Não podemos estar em estado de graça; nossas consciências jazem sob o senso do desagrado de Deus, elas dão testemunho contra nós, e sabemos que esse testemunho é verdadeiro, pois o sentimos. É verdade, houve um tempo em que pensávamos ter deleite em ouvir, orar, meditar, mas agora tudo é um fardo para nós; nada nos agrada, nada aproveitamos, nada lembramos. Houve um tempo em que pensávamos ter certeza, e nosso

coração se regozijava; às vezes pensamos que nossos *corações* tinham tanta paz e conforto quanto podiam conter, agora tudo desapareceu e estamos sob tristes medos. Se Deus tivesse favor para conosco, teria lidado assim conosco?".

Assim eles são enganados a acreditar que nunca tiveram graça alguma; tomam tudo o que é instado contra eles como verdade absoluta. Não conseguem considerar o desígnio de Deus ao esconder Sua face, nem conseguem ver como a graça age neles sob estas queixas; como expressam seu amor a Deus em seus desejos e anseios por Ele, em seu lamento por Sua ausência, em abominar e condenar a si mesmos, etc. Mas o seu sentimento presente (e um argumento vindo do sentido é muito forte) derruba tudo diante de si.

Assim Satanás formula seus argumentos a partir de representações equivocadas de Deus. Embora uma visão correta de Deus pudesse facilmente respondê-los, quão difícil é para uma pessoa, em uma hora de *tentação*, dissipar essas nuvens por uma apreensão correta dos caminhos do Deus Santo. Isso aparece abundantemente no Salmo 77, onde o caso de Asafe nos informa:

1. Que é comum Satanás, para o desassossego do *coração* dos filhos de Deus, oferecer uma perspectiva falsa de Deus.

2. Que isso sobrecarrega seus *corações* com dor (*v. 3*).

3. Que quanto mais persistem nesse método, sob as névoas do preconceito, menos enxergam, sendo aptos a interpretar mal tudo em Deus para sua desvantagem (*v. 3*): *Lembrava-me de Deus, e me perturbava*.

4. A razão de toda essa aflição reside no fato de que só conseguem concluir ira e abandono a partir do comportamento de Deus para com eles.

5. Que até que olhem para Deus por outro método e assumam melhores pensamentos d'Ele e de Suas providências, mesmo quando carregam a aparência de severidade, não podem esperar alívio para suas queixas. Pois, antes que o profeta se livrasse de sua aflição, foi forçado a reconhecer seu erro (*v. 10*) na má interpretação que fez dos tratos divinos, e a decidir-se a nutrir melhores pensamentos de Deus (*v. 7*).

Sua interrogação: *Rejeitará o Senhor para sempre?*, mostra, de fato, o que ele pensou uma vez, sendo enganado por Satanás, mas, ao mesmo tempo, que nunca mais o faria. *Rejeitará o Senhor para sempre?* Não é esta a voz de um homem desesperado, mas de um que, por meio de melhor informação, retificou seu julgamento e agora está resolvido firmemente a manter o contrário do que pensava antes, como se dissesse: "Não é possível que seja assim; Ele não rejeitará para sempre, e eu nunca mais nutrirei tais pensamentos perversos de Deus".

6. Mas antes que possam chegar a isso, custar-lhes-á algum esforço e pensamentos sérios; não é fácil quebrar estes grilhões, responder a este argumento. Aqueles que o fizerem devem apelar de seu sentido presente para uma consideração do desfecho desses tratos sobre outras pessoas, ou sobre si mesmos em outros tempos; pois o profeta (*v. 5*) considerou *os dias da antiguidade, os anos dos tempos antigos*; e no versículo 6, ele também fez uso de sua própria experiência, trazendo à memória que, após tais tratos, Deus, pelo retorno de Seu favor, deu-lhe *cânticos de noite*.

4. Outro tópico comum de onde este grande disputante extrai seus argumentos contra a boa condição e o estado dos servos de Deus são os pecados e erros deles. Observarei duas ou três coisas em geral sobre isso, antes de mostrar como ele extrai suas conclusões falsas. Tais como:

1. Com um tipo de engenhosidade fingida, ele concederá uma diferença entre pecado e pecado; entre pecado reinante e não reinante; pecados mortificados e não mortificados; entre os pecados do convertido e do não convertido. Sobre esta suposição ele geralmente procede. Ele nem sempre (exceto em caso de grandes pecados) argumenta a falta de regeneração a partir de um único pecado; pois esse argumento — "Isto é um pecado, portanto não és um convertido" — seria facilmente respondido por alguém que sabe que os santos têm suas imperfeições. Mas ele lida assim com os *homens*: "Estes pecados de que és culpado são pecados reinantes, tais que são inconsistentes com um estado convertido e, portanto, ainda não és regenerado".

2. Ele produz geralmente, para apoiar seus argumentos, tais Escrituras que verdadeiramente representam o estado dos *homens* não santificados; mas então seu trabalho é fazer as partes parecerem adequadas à descrição do não regenerado. Para esse propósito, ele agrava todas as falhas deles; faz investigações severas sobre todos os seus pecados e, se pode acusá-los de qualquer crime notório, carrega a mão sobre isso, concluindo sempre que uma pessoa regenerada não peca em tal nível como eles.

3. Este é sempre um caso muito difícil; não é fácil responder às objeções que ele instará a partir daqui. Pois:

   (1.) Se houver a culpa real de qualquer escândalo grave ou notável que ele objete, a parte acusada (por mais instruída ou, anteriormente, por mais santa que fosse) terá dificuldade em determinar qualquer coisa em favor de seu estado. 1. O fato não pode ser negado. 2. A Escritura nomeia particularmente tais ofensas que tornam o homem inapto para o Reino de Deus. 3. Se, em tais casos, a graça é totalmente perdida, é uma questão na qual nem todos concordam. 4. De qualquer modo, será muito duvidoso se tais pessoas algum dia tiveram graça. A Escritura não deu nenhuma nota de diferença para distinguir entre uma pessoa regenerada e uma não regenerada nos atos de assassinato, adultério, fornicação, etc. Ela não diz que o regenerado comete um ato de iniquidade grosseira desta maneira, e o não regenerado daquela, e que há uma distinção visível entre um e outro relativa a estes mesmos atos. E qualquer que seja a suposição sobre as operações internas da graça na alma enquanto esta é reduzida a um espaço tão estreito quanto uma faísca de fogo escondida em cinzas, o peso da culpa presente sobre a alma (quando é devidamente imputada) sempre a inclinará para as piores apreensões que se possa ter sobre seu estado. Atos anteriores de santidade serão desautorizados sob a noção de hipocrisia; ou, se ainda reconhecidos como verdadeiros, eles tenderão a pensar que a verdadeira graça pode ser totalmente perdida. Atos presentes de graça eles não veem nenhum, de

modo que apenas os atos posteriores de arrependimento podem descobrir que ainda há um ser e vida de graça neles; e, até lá, nunca poderão responder ao argumento de Satanás baseado em grandes pecados.

(2.) Nas enfermidades usuais dos filhos de Deus, o caso não é tão fácil. Pois as Escrituras dão exemplos de alguns cujas conversas não podiam ser tachadas de males notórios; que, embora não estivessem longe do Reino de Deus, não eram do Reino de Deus. Uma liberdade de grandes pecados, então, não é alegável como uma marca indubitável de graça. E se outros que não são convertidos podem não ter enfermidades maiores do que alguns que são, a diferença entre um e outro deve depender dos poderes secretos da graça, dando xeque a estas enfermidades e lutando para mortificá-las. E esta será uma questão intrincada. O apóstolo, em Romanos 7:15, nota, de fato, três diferenças entre o regenerado e o não regenerado neste caso de pecados de enfermidade: 1. Ódio ao pecado antes da comissão dele: *o que odeio, isso faço*. 2. Relutância no ato: *o que quero, isso não faço*. 3. Desaprovação após o ato: *o que faço, não o aprovo*. Contudo, visto que a luz natural oferecerá algumas aparências de desaprovação e relutância, isso ainda admitirá debate posterior: se os princípios, motivos, graus e sucesso dessas lutas são tais que possam descobrir o ser e o poder da graça real.

Enquanto Satanás insiste em argumentos baseados nos pecados dos crentes para a prova de um estado não convertido, ele visa apenas confirmar este ponto: que os pecados deles são pecados

reinantes e, consequentemente, que não podem estar em tão boa condição quanto desejam pensar. E para fazer seus pecados carregarem essa aparência, seu curso constante é agravá-los o quanto puder; este é o seu desígnio e o meio pelo qual ele o efetivaria. Sua grande arte, neste caso, é elevar os pecados do regenerado; ele faz isso de muitas maneiras. Tais como:

1. Pela natureza do pecado cometido e pela maneira de sua comissão: e nisto ele trabalha principalmente, porque seus argumentos a partir daqui são mais prováveis, especialmente considerando que o que ele fixa usualmente é o que mais pode favorecer sua conclusão.

(1.) Se alguém caiu em um grande pecado, que um filho de Deus raramente comete, então ele argumenta contra ele assim: "Os que estão em Cristo mortificam a carne com suas afeições e concupiscências, eles rejeitam as obras das trevas; e estas obras da carne são manifestas: adultério, fornicação, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, etc. (Gl 5:19-21). Por causa destas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. Não sejais, portanto, participantes com eles, não tenhais comunicação com as obras infrutuosas das trevas (Ef 5:6, 11). Mas tu não as rejeitaste, nem as mortificaste, como o teu pecado presente testifica; portanto, não és filho de Deus".

(2.) Se alguém reincide mais de uma ou duas vezes no mesmo pecado (supondo que não seja tão altamente escandaloso quanto o anterior), então ele alega que são *perversos de coração*, que quebraram sua aliança com Deus, que estão em servidão ao pecado. Aqui ele insta, talvez, 2 Pedro 2:19-22: *porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo... o cão voltou ao seu próprio vômito*.

(3.) Ou se alguém, por qualquer ofensa, foi mais notavelmente contra o seu conhecimento ou violou sua consciência, então ele lhes diz que pecam deliberadamente, que rejeitam o conselho do Senhor, que são servos do pecado; *porque de quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis* (Rm 6:16). E que onde há graça, embora possam cair, ainda é contra a vontade deles, etc.

(4.) Se ele não tem base tão clara para gerir qualquer das acusações anteriores contra eles, então ele argumenta a partir da frequência de seus vários erros. Aqui ele coloca os pecados deles em ordem diante deles, reúne-os todos para que possa oprimi-los por uma multidão, quando não pode prevalecer por uma acusação de um ou dois atos. Sua alegação aqui é: "Tu não és nada senão pecado; teus pensamentos são maus continuamente, tuas palavras são vãs e inúteis, tuas ações tolas e ímpias, e isto em todas as tuas ocupações, em todas as relações, em todos os momentos. Que dever há que não seja negligenciado ou maculado? Que pecado que não seja de uma forma ou de outra cometido? Pode tal *coração* como o teu ser o templo do Espírito Santo? Pois o templo do Senhor é Santo, e o Seu povo é lavado e purificado", etc.

Estas são todas objeções fortes e frequentemente usadas por Satanás, como testificam as queixas dos servos de Deus, que são levados a objetar assim contra si mesmos: "Se nossos pecados fossem apenas as falhas usuais dos convertidos, poderíamos nos consolar; mas eles são grandes, são desvios, são contra a consciência, são muitos; o que podemos julgar senão que até agora nos enganamos e que a obra da conversão ainda está por fazer?". As objeções que vêm de grandes pecados, ou de reincidência, ou de violação deliberada da

consciência, geralmente prevalecem por algum tempo contra os melhores que são passíveis delas; eles não podem determinar que são convertidos (embora pudessem sê-lo) enquanto não puderem negar o fato sobre o qual a acusação se baseia. Até que seu verdadeiro arrependimento lhes dê alguma luz de melhor informação, eles estão nas trevas e não podem responder ao argumento. Jonas, aprisionado no ventre da baleia por sua rebelião obstinada, a princípio concluiu ser um rejeitado: *Então eu disse: Lançado estou de diante dos teus olhos* (Jn 2:4). Nem podia pensar melhor de si mesmo até que, em seu arrependimento, recuperou sua fé e esperança de perdão: *Todavia tornarei a ver o teu santo templo*. Sim, aquelas objeções que surgem da multidão e frequência de falhas menores, embora possam ser respondidas por um filho de Deus enquanto seu *coração* não está obscurecido pelas névoas e nuvens da *tentação*, quando ele está confuso com violentas comoções internas, seu *coração* lhe falhará e, até que consiga trazer-se a alguma compostura de espírito, não terá a ousadia de afirmar sua integridade. Davi foi confundido por esta objeção: *Males inumeráveis me cercaram; as minhas iniquidades me prenderam de modo que não pude olhar para cima; são mais numerosas do que os cabelos da minha cabeça; por isso desalejou-me o coração* (Sl 40:12).

1. Ele agrava a pecaminosidade de nossa condição a partir da frequência e violência de suas próprias tentações.

É algo usual ele desferir contra os novos convertidos assaltos incessantes de *tentação* ao pecado. Mais comumente ele trabalha sobre a constituição natural; sopra as brasas que ainda não estão totalmente extintas e que têm maior prontidão de sua própria inclinação para acender novamente, como a luxúria e a

paixão. As primeiras moções de uma (embora não vá além daquelas ofertas e levantes no *coração* e seja ali amortecida e mantida baixa pelo princípio oposto da graça) e as explosões ocasionais da outra (que ele provoca por uma diligente preparação de ocasião externa e incitações violentas internas) fornecem-lhe matéria suficiente para suas pretendidas acusações. Às vezes (sendo, por assim dizer, totalmente negligente das vantagens que nossos temperamentos lhe dão, ou não sendo capaz de encontrar tal prontidão para estes males em nossa constituição que possa servir mais eminentemente aos seus fins), ele se satisfaz em molestar-nos com moções fervorosas a quaisquer pecados indiferentemente. Tudo isso para nos fazer crer que o pecado não está crucificado em nós.

Alguns são mais aptos a acreditar nisso porque observam que suas *tentações* a esses pecados os importunam mais e com maior veemência do que costumavam fazer antes. Isto os assombra ainda mais porque tinham altas expectativas de que, após sua conversão, Satanás cairia diante deles e suas *tentações* diminuiriam; que suas naturezas seriam alteradas e suas inclinações naturais a esses pecados cessariam totalmente. Mas agora, encontrando o contrário, estão prontos a clamar (especialmente quando Satanás violentamente os esbofeteia com esta objeção): "Ainda estamos em nossos pecados e sob o domínio deles; nem pode ser que sejamos convertidos, porque achamos o pecado mais ativo e agitado do que anteriormente; não está então certamente mortificado em nós, mas vivo e forte".

Embora, neste caso, seja muito claro que as *tentações* é que são fortes, e o pecado é que está fraco, e que a graça está fielmente agindo sua parte contra a carne — provando não que a graça

seja tão fraca, mas que Satanás está mais ocupado do que o comum; os pecados não são mais do que anteriormente, mas a luz que os descobre é maior, e a consciência que ressente a *tentação* é mais terna. Contudo, tudo isso não dá alívio imediato aos medos que agora se levantam na mente; eles sentem o pecado operando neles, suas expectativas de atingir uma conquista maior subitamente e com maior facilidade são frustradas (e o desejo de ter muito faz o homem pensar-se pobre). Além disso, eles comumente laboram sob tanta ignorância ou credulidade perversa que concluem consentir com tudo o que são tentados, de modo que leva muito tempo até que estas nuvens desapareçam e o aflito seja levado a um entendimento correto de si mesmo.

2. A partir de algumas aparições notáveis de Deus, Satanás agrava nossa condição pecaminosa.

Se Deus mostra qualquer ato notável de poder, ele faz os raios desse ato refletirem sobre nossa indignidade com uma luz ofuscante. Quando Pedro viu o poder de Cristo ao enviar uma grande multidão de peixes para sua rede (tendo trabalhado a noite toda antes e nada apanhado), isso deu uma impressão tão profunda à convicção de sua vileza que ele estava pronto a afastar Cristo de si, como sendo totalmente inapto para Sua bendita sociedade: *Ausenta-te de mim, por que sou um homem pecador* (Lc 5:8). Se Deus descobre o esplendor glorioso de Sua santidade, é o suficiente para fazer os santos mais santos (como Jó e Isaías) clamarem que estão perdidos, sendo homens de lábios impuros, e para se abominarem no pó e na cinza. O mesmo se pode dizer de qualquer descoberta dos demais atributos gloriosos de Deus.

De tudo isso Satanás tira esta vantagem: que as partes tentadas tenham uma consideração tão profunda de sua indignidade que as induza a acreditar (como se fosse por uma voz do céu) que Deus lhes proíbe qualquer aproximação a Ele e que não têm o direito de tomar o nome de Deus em suas bocas. E embora estas descobertas notáveis de Deus (seja por Seus atos de poder e providência, ou por impressões imediatas sobre a alma no auge da contemplação) tenham ordinariamente grandes efeitos sobre os *corações* de Seus filhos, mas não de longa duração; contudo, onde elas se unem a outros argumentos pelos quais eles já estavam vacilantes quanto ao seu interesse em Deus, elas os fortalecem poderosamente e são tomadas como nada menos que a própria determinação de Deus da questão contra eles.

Mas este não é todo o uso que Satanás faz delas; pois, a partir daqui, ele às vezes tem a oportunidade de levantar novas acusações contra eles e de tachá-los com crimes particulares que, de maneira específica, parecem prová-los não regenerados. Pois o que pareceria ser um caráter mais claro de um homem morto em delitos e pecados do que um *coração* endurecido, que não pode ser sensível nem a juízos nem a misericórdias? Isso ele às vezes imputa aos filhos de Deus a partir da grande desproporção que eles acham em si mesmos entre o pouco senso que parecem ter (e o que é desproporcional, eles consideram como nada) e a vasta grandeza da misericórdia ou santidade de Deus.

Observei alguns queixarem-se de total ingratidão e insensibilidade de *coração* (dali concluindo confiantemente contra si mesmos) porque, quando Deus apareceu notavelmente por eles, em livramentos de perigos ou em bondades

inesperadas, eles não puderam retribuir uma gratidão que carregasse qualquer proporção com a misericórdia. Enquanto estavam na mais alta admiração da bondade, dizendo: *Que darei eu ao Senhor?*, estavam completamente fora da vista de seu próprio senso e sentimento, e pensavam que não retribuíam nada, porque não retribuíam nada equivalente ao que haviam recebido. Outros conheci que, pela confusão e assombro de seu espírito quando sobrecarregados com aflições, determinaram-se positivamente como sendo insensíveis, estúpidos, sem sentimentos, endurecidos para a destruição; quando, em ambos os casos, qualquer um poderia ter visto a operação de seus *corações* como uma contradição aparente ao que Satanás lhes imputava. Pois eles não eram desatentos nem às misericórdias nem aos juízos; mas, pelo contrário, tinham apenas um senso maior deles do que eram capazes de gerir.

3. Para completar a medida, Satanás às vezes agrava os erros daqueles a quem pretende acusar, comparando suas vidas e ações com as vidas santas de alguns servos eminentes de Deus, especialmente aqueles de quem apenas ouviram falar e não conheceram pessoalmente. Pois, assim, eles têm apenas suas virtudes representadas, sem suas falhas. Aqui Satanás toma a liberdade de declamar contra eles; e embora ele nunca pudesse poupar uma boa palavra a um santo por respeito, contudo, para que outros percam o ânimo e a esperança, ele elogiará a santidade, o rigor, o cuidado, a constância dos santos falecidos até os céus.

E então ele questiona: "És tu tal pessoa? Podes dizer que és algo parecido com eles em um *coração* celestial, uma vida santa, um desprezo pelo mundo, um zelo por Deus, por boas obras, por sofrimento paciente?". (Tudo isso sem uma palavra

sobre as fraquezas deles). "Estes", diz ele, "foram os servos do Altíssimo; os exemplos deles deverias seguir, se esperas a coroa deles. Tiveram eles mais santidade do que precisavam? E se tu não tens tanto, não és nada". O que podem a humildade, a modéstia e o senso de culpa falar em tal caso? Eles saem lamentando, seus medos aumentam sobre eles; e o que Deus colocou diante deles (nos exemplos de Seus servos) para o aumento de sua diligência, eles tomam como um testemunho contra si mesmos para provar que não são convertidos.

4. A última parte da sofística de Satanás é diminuir as graças deles, para que possa negá-las por completo.

Nisto ele procede sobre tais Escrituras que afirmam os frutos do Espírito; e insta como fundamento que ninguém é filho de Deus senão aqueles que são guiados pelo Espírito; e que aquele que não tem o Espírito de Cristo, não é d'Ele. A necessidade da fé, do amor, da paciência, da humildade, com os frutos destas e de outras graças, ele pressiona; mas sempre em ordem a uma demonstração (como ele pretende) de que tais não se encontram naqueles cujo estado gracioso ele coloca em dúvida e, consequentemente, que não são filhos de Deus.

A regra pela qual ele se gerencia nesta disputa é esta: quanto mais as graças são elevadas nas noções que devem dar conta de sua natureza e ser, mais difícil será descobrir sua realidade na prática delas. Seu desígnio então tem estas duas partes: 1. Ele eleva a graça na noção, ou abstrato, o quanto pode. 2. Ele diminui a graça no concreto, ou prática, o quanto é possível, para que pareça uma nulidade total, uma sombra e não uma substância. Falarei um pouco de ambas.

Quanto à primeira parte de seu desígnio, ele tem muitas maneiras pelas quais agrava a graça na noção. Podemos estar certos de que, se estiver em seu caminho, ele não hesitará em dar definições falsas da graça e dizer aos *homens* que ela é o que, de fato, não é. Ele é um mentiroso e, em qualquer caso, mentirá para sua vantagem, se tiver esperança de que sua mentira passe por verdade; mas ele nem sempre pode usar um engano palpável nesta matéria, onde a natureza de qualquer graça é positivamente determinada na Escritura, exceto com os ignorantes, ou onde a natureza da graça é motivo de controvérsia entre os *homens*. Não farei conjeturas sobre o que Satanás pode possivelmente dizer ao mentir sobre a natureza da graça para fazê-la parecer algo totalmente diferente do que é; mas mostrarei antes as formas mais usuais e plausíveis de engano que ele exercita nisto; e são estas que se seguem:

(1.) Como as mesmas graças têm diferentes graus em várias pessoas, e estes diferentes graus têm operações adequadas — sendo alguns atos mais fortes, outros mais fracos, alguns mais aperfeiçoados e amadurecidos, outros mais imperfeitos e imaturos —, assim, quando Satanás vem descrever a graça, ele a apresenta em suas mais altas excelências e mais gloriosos alcances. Nunca o observareis falar das graças em seu nível mais baixo (exceto onde ele está realizando um desígnio para a presunção, e então diz aos *homens* que qualquer desejo ou "querer" é graça; e cada "Senhor, perdoa-me" formal é verdadeiro arrependimento); mas, pelo contrário, ele oferece o alcance mais alto dela a que qualquer santo na terra já chegou como sendo essencialmente necessário para constituir o seu ser; e diz-lhes que, se não têm aquilo, não têm nada.

Vejamos isso nos detalhes:

1. A graça às vezes tem seus "extraordinários" (como posso chamá-los). Temos tanto preceito quanto exemplo dessa natureza na Escritura, os quais são propostos não como o padrão comum pelo qual o ser e a realidade da graça devem ser medidos, mas como padrões para imitação, para nos provocar à emulação e para nos avivar em prosseguir. Dessa natureza considero ser o exemplo de Moisés, desejando ser riscado do livro de Deus (seja o que for que ele quis dizer com isso) em seu amor pelo povo; e o mesmo do apóstolo Paulo, desejando ser anátema de Cristo por amor de seus irmãos. Dessa natureza também temos muitos preceitos; como *regozijai-vos sempre*, o esperar e ansiar pela vinda de Cristo, o ter grande alegria quando cairdes em várias *tentações*; e muitos mais para esse propósito. Todos os quais são alturas de graça que raramente aparecem entre os servos de Deus, em qualquer tempo.

2. A graça tem às vezes suas assistências especiais; isto ocorre quando a ocasião é extraordinária, mas a graça condizente com essa ocasião é prometida em comum e comumente recebida. Quando Deus chama alguém para tais ocasiões, embora comparado com aquela medida de graça que usualmente é agida pelos filhos de Deus em ocasiões comuns, é uma assistência especial do Espírito. Dessa natureza é aquela ousadia que os servos de Cristo recebem para confessar a Cristo diante dos *homens* em tempos de perseguição e para morrer pela verdade com constância, coragem e alegria.

3. Há também eminências singulares de graça que alguns servos de Deus diligentes, cuidadosos e escolhidos

alcançam, muito acima do que o tipo comum atinge. Enoque teve sua conversa tão voltada para o céu que se disse que ele *andou com Deus*. A alma de Davi estava frequentemente cheia de deleite em Deus. Alguns, no auge da certeza, regozijam-se em Deus com *gozo inefável e glorioso*. Moisés foi eminente em mansidão; Jó em paciência; o apóstolo Paulo em zelo por promover o Evangelho, etc. Ora, Satanás, quando vem questionar as graças dos *homens*, apresenta-lhes estas medidas; e se eles falham (como ordinariamente falham), ele os conclui como totalmente sem graça.

(2.) Satanás também pode fazer muito para elevar a obra comum e os frutos usuais de cada graça. Sua arte nisto consiste em duas coisas:

1. Ele nos dá uma descrição da graça como ela é em si mesma, abstraída da fraqueza, embotamento, distração e enfermidades que são concomitantes com ela conforme se manifesta na prática. Ele traz à nossa visão a graça em sua glória, e sem as manchas pelas quais nossa fraqueza e a *tentação* de Satanás tanto a desfiguram.

2. Ele nos apresenta a graça em seu corpo inteiro, completada com todos os seus membros: fé, amor, esperança, paciência, mansidão, gentileza, etc. A partir de ambas, ele coloca diante daqueles que pretende desencorajar uma cópia completa de um cristão santo e exato; como se cada verdadeiro cristão devesse ser encontrado na prática constante de todas estas graças em todos os momentos, em todas as ocasiões, e isso sem fraqueza ou enfermidade. Enquanto, de fato, um

verdadeiro cristão pode ser encontrado às vezes praticando evidentemente uma graça, e sendo fraco ou presentemente defectivo em outra. E às vezes a melhor de suas graças é tão interrompida pela *tentação*, tão sobrecarregada pela enfermidade, que seus movimentos são escassamente discerníveis.

(3.) Ele possui uma política em elevar aqueles alcances e operações da alma, em coisas relativas a Deus e à religião, que se encontram em crentes temporários; os quais, porque às vezes aparecem tanto nos não convertidos quanto nos convertidos (embora nem todos os não convertidos os tenham), são por isso chamados de "graças comuns". Ele faz isso para que possa dali tirar ocasião de refutar as graças reais dos servos de Deus, de quem "coisas melhores e que acompanham a salvação" (isto é, graças salvadoras especiais) são esperadas (Hb 6:9). Seu caminho nisto é:

1. Mostrar a máxima bravura destas graças comuns; o quanto os *homens* podem ter, o quão longe podem ir e, no entanto, ao final, dar em nada. Quanto aos dons, podem ter eloquência poderosa, profecia, entendimento de mistérios, fé de milagres. Quanto às boas obras, podem dar seus bens para socorrer os pobres. Nas virtudes morais, podem ser excelentes; sua iluminação pode ser grande; podem *provar a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro* (Hb 6:5). Sua conversa pode ser sem ofensa e sua consciência honesta, como era a de Paulo antes de sua conversão.

2. Com estas alturas de graça comum, ele compara o menor grau de graça especial. E porque os princípios, motivos e fins que constituem a diferença entre estas

> duas estão (por assim dizer) ocultos, mais remotos do sentido e observação, e frequentemente obscurecidos pela *tentação*, ele toma a ousadia de negar a verdade da graça, devido à pequena e insignificante aparência que ela faz, afirmando confiantemente que a graça especial deve necessariamente fazer um show exterior muito maior do que estas graças comuns.

Em que maneira e para que fim Satanás eleva a graça no abstrato, nós vimos. Resta descobrir:

Como ele diminui a graça no concreto; este é o centro de seu desígnio. Ele não exaltaria tanto a graça se não esperasse com isso condenar a geração dos justos e fazer parecer que há poucos ou nenhum que seja verdadeiramente gracioso. Quando ele vem aplicar tudo isso à condição de qualquer filho de Deus, ele lida traiçoeiramente; e sua astúcia consiste em três partes.

Ele compara o estado atual de qualquer um com quem lida aos mais altos alcances e excelências da graça, não permitindo que nada seja considerado graça, exceto o que responda às descrições que ele já havia fornecido. Aqui, o tentador faz uso aparente de uma *balança falsa e uma bolsa de pesos enganosos*. Pois assim ele os coloca à prova: "Tu dizes que tens graça, mas estás enganando a ti mesmo por completo, pois, de fato, não tens nenhuma. Compara-te com outros que foram notados na Escritura como indubitavelmente graciosos, e verás que, na balança, és mais leve que a vaidade. Abraão teve fé, mas ele *creu contra a esperança*. Moisés e Paulo tiveram amor, mas o manifestaram preferindo a felicidade de seus irmãos à sua própria. Davi era um santo, mas tinha um *coração* arrebatado por Deus. Os mártires mencionados em Hb 11 podiam fazer maravilhas; estavam acima dos medos dos

homens, acima do amor ao mundo; não amaram suas vidas até a morte. Quão alegremente aceitaram o roubo de seus bens? Quão corajosamente sofreram os mais agudos tormentos?".

Além disso, diz ele: "Todos os filhos de Deus são descritos como santificados em tudo, abundando em todos os frutos da justiça; a fé deles é operante; o amor deles é sempre laborioso; a esperança deles produz paciência constante. O que és tu comparado a estes? Aquilo que em ti chamas de fé, ou amor, ou paciência, etc., não é digno de ser nomeado junto a estes. Teus medos podem te dizer que não tens fé, e o mesmo podem tuas obras; tuas murmurações sob a mão de Deus são evidência suficiente de que não tens paciência. O pouco que fazes por Deus — ou, especialmente, o que farias se não fosse para tua própria vantagem — pode convencer-te de que não tens amor por Ele; teu cansaço nos serviços e deveres, e tua confessada inutilidade sob tudo isso, proclamam que não tens deleite em Deus, nem em Seus caminhos".

Ele ainda acrescenta, para a confirmação de tudo isso: "Considera quão longe os crentes temporários podem ir, os quais jamais irão para o céu. Tu estás muito aquém deles; teus dons, tuas obras, tuas virtudes, tua iluminação, tua conduta, tua consciência não são nada parecidos com os deles. Como é possível, então, que alguém como tu (uma criatura lamentável e desprezível) tenha algo da verdadeira graça em ti?". Assim ele faz a aplicação de toda a descoberta da graça que lhes apresentou. Embora ele não precise instigar todas essas coisas a todos, qualquer um desses detalhes frequentemente cumpre o propósito. Quando um *coração* trêmulo se compara com esses exemplos, ele vira as costas, cede ao argumento e se envergonha de suas esperanças anteriores, como se

envergonham de sua confiança anterior aqueles que fogem da batalha. Daí, então, ouvimos estas várias queixas: um diz: "Ai de mim! Não tenho graça, porque não vivo como outros santos viveram em toda a exatidão". Outro diz: "Não tenho fé, porque não posso crer acima da razão e contrariamente ao sentido, como Abraão fez". Um terceiro clama: "Não tenho amor a Deus, porque não encontro minha alma arrebatada de desejo por Ele". Outro pensa: "Tenho um coração duro, porque não posso chorar pelo pecado". Outro conclui contra si mesmo porque não encontra uma resolução alegre imediata (enquanto não está sob nenhuma provação por sua religião) para sofrer tormentos por Cristo. Alguns temem por si mesmos porque os crentes temporários, em alguns detalhes, os superaram em muito. Vedes como as queixas podem, por esse motivo, ser multiplicadas sem fim; e, no entanto, tudo isso não passa de falácia. Satanás lhes diz o que a graça é no seu auge, mas nem uma palavra sobre o que ela é no seu nível mais baixo. E tão sem perícia é um cristão fraco e agitado que, ao examinar sua condição, busca os mais altos graus de graça (por oferecerem evidência mais clara) e não a sinceridade dela, que é o caminho mais seguro para a prova onde as graças são fracas. Em uma palavra, esse tipo de argumentação não é melhor do que a das crianças, que não conseguem concluir que são *homens* porque sua estatura atual é pequena e não são tão altos quanto os adultos.

Outra parte de sua astúcia em diminuir as graças reais dos filhos de Deus é pegá-los em vantagem, quando suas graças estão mais fracas e eles mesmos mais desordenados. Aquele que escolhe medir a estatura de um homem enquanto ele está de joelhos não parece planejar dar um relato fiel de sua altura. O mesmo faz Satanás, que, quando quer fazer comparações,

sempre toma os servos de Deus no seu pior momento. E, de fato, muitas vantagens os filhos de Deus lhe dão, de modo que não é de admirar que ele os confunda tão frequentemente, mas sim um prodígio que eles, em qualquer momento, retornem aos seus confortos.

(1.) Às vezes ele os toma para prestar contas enquanto ainda são jovens e tenros, quando estão recém-convertidos, antes que suas graças tenham crescido ou tido tempo de produzir qualquer fruto considerável.

(2.) Ou quando suas graças estão exaustas por longos ou graves assaltos de *tentação*; pois então eles não são o que são em outros momentos.

(3.) Quando seus *corações* estão desordenados ou turvados pelo medo; pois então a visão deles é ruim, e podem tão pouco julgar as coisas que diferem que Satanás pode impor quase qualquer coisa sobre eles.

(4.) Às vezes ele vem sobre eles quando alguma graça age sua parte pobremente (não tendo sua obra perfeita) e mal consegue atravessar, ficando como que presa no nascimento.

(5.) Ou quando o progresso da graça é pequeno e imperceptível.

(6.) Ou enquanto, na ausência do Sol (que produz flores e fragrância, e é o tempo do cantar das aves, Ct 2:11-12), a alma é forçada a despojar-se de seus frutos de verão, de alegria e deleites sensíveis, e apenas produz frutos de inverno, de lamento por Deus, anseio e suspiros por Ele, justificando a Deus em Seus tratos e condenando a si mesma; tudo isso

enquanto semeia em lágrimas para uma colheita mais agradável.

(7.) Ou enquanto as expectativas são maiores que os desfrutes; o homem, talvez, prometeu a si mesmo grandes rendimentos de maiores medidas de conforto, alívio ou força sob algumas ordenanças ou auxílios particulares que obteve recentemente; e, não encontrando as coisas respondendo imediatamente ao que esperava, torna-se agora suspeitoso de seu caso e pensa que não alcançou nada porque não tem o que queria.

(8.) Às vezes Satanás lhes mostra a face neste espelho quando ela está mais suja, pelas manchas de algum erro.

(9.) Ou ele tira vantagem de alguns defeitos naturais, como a falta de lágrimas, que poderiam ser mais usuais em tempos passados, mas agora secaram; ou do refluxo e incerteza de seus afetos, que nunca são regras seguras de prova.

(10.) Ou em tais atos que são de natureza mista nos princípios e motivos, onde pode parecer incerto a qual deles o ato deve ser atribuído como ao verdadeiro progenitor.

O *coração* de uma pessoa graciosa, sendo desafiado em qualquer um desses pontos e sob tão grande desvantagem, sendo chamado a dar uma prova de si mesmo — especialmente diante da visão da graça exposta em toda a sua excelência e glória —, terá pouco a alegar, mas antes aceitará a acusação. E isto ainda mais porque:

É outra parte da astúcia de Satanás instá-los (enquanto estão assim paralisados) com uma possibilidade, ou melhor, uma probabilidade de estarem se enganando, por terem

passado uma opinião favorável demais anteriormente sobre suas ações. Para confirmá-los nesta apreensão:

(1.) Ele coloca diante deles a consideração da enganosidade do *coração*, o qual (sendo enganoso acima de todas as coisas e desesperadamente corrupto, além da descoberta comum) abre um caminho fácil para o acolhimento de uma suspeita de autoengano em todas as esperanças anteriores que um homem teve de si mesmo. Satanás dirá claramente: "Tiveste alguns pensamentos e operações mentais em direção a Deus, mas, vendo que carregam tão grande desproporção com a regra e o exemplo, e ficam tão aquém das graças comuns, é mais que provável que tais aparências pobres, fracas e confusas não sejam nada. Como sabes que tua adesão e prática do mandamento e dos serviços de Deus são algo mais do que o poder da educação, a prevalência do costume ou as impressões da persuasão moral?". Como sabes que teus desejos por Deus e teu deleite n'Ele são algo mais do que produtos de princípios naturais, influenciados por uma fé histórica da doutrina bíblica? Frequentemente, basta a Satanás sugerir isto: um *coração* suspeitoso (como que ávido por sua própria miséria) agarra-se a todas as coisas que depõem contra si. Daí queixa-se de que não tem graça porque não vê frutos visíveis, ou não faz uma aparência suficiente em todos os momentos quando oposto ou resistido; ou porque lhe falta progresso sensível, ou não dá os frutos de verão de louvores, regozijos e deleites em Deus; ou porque parece não encontrar melhorias notáveis nas ordenanças; ou porque não pode produzir lágrimas e elevar os afetos; e porque a pessoa não sabe se seu *coração* poderia tê-la enganado em tudo o que fez.

O Diabo ainda se esforça para confirmar isso por meio de uma segunda consideração:

(2.) A santidade e as graças aparentes daqueles que acreditavam ser filhos de Deus e eram geralmente tidos como tais por outros, mas que, após uma profissão gloriosa, tornaram-se apóstatas. Sendo este um exemplo tão grande e inegável da enganosidade do *coração*, faz a pobre parte tentada concluir que certamente não é um verdadeiro convertido.

Assim vimos a sofística de Satanás na gestão desses cinco grandes tópicos, de onde ele extrai suas conclusões falsas contra os filhos de Deus, pretendendo provar que não são convertidos; ou, ao menos, se estiverem em estado de graça, que nesse estado encontram-se em uma condição muito ruim e inadequada a ele. (Pois, se seus argumentos falham no primeiro ponto, raramente erram o segundo alvo). Este foi seu primeiro mecanismo. Agora segue-se:

1. **O outro mecanismo pelo qual ele fixa estas conclusões**, o qual, embora não seja argumentativo, serve para afiar todas as suas falácias contra os confortos dos filhos de Deus: este é o **medo**, o qual ele envia à mente junto com suas objeções. Que Satanás pode levantar uma tempestade e comoção no *coração* pelo medo, já foi provado. Mostrarei agora, em poucas palavras, como ele promove seu desígnio ao assombrar o *coração* com seus trovões pavorosos.

2. Sendo suas objeções acompanhadas de *espantos*, elas passam por argumentos fortes e inegáveis, e sua falácia não é tão facilmente detectada. O medo, assim como a ira, obscurece a razão e desabilita o entendimento para fazer uma busca fiel e verdadeira nas coisas, ou para dar um julgamento correto.

Assim como a escuridão engana os sentidos e faz cada arbusto parecer pavoroso ao passageiro, ou como águas turvas impedem a visão, assim os medos no *coração* desabilitam o homem para descobrir o mais tolo engano que Satanás possa lhe impor.

3. Eles são também muito crédulos. Quando o medo está desperto, qualquer sugestão ganha lugar. Assim como a incredulidade suspeitosa é um efeito da alegria (os discípulos, ao ouvirem primeiro que Cristo havia ressuscitado, por alegria não o creram), a credulidade suspeitosa é o efeito do medo. Observaremos várias coisas nos servos de Deus que mostram uma inclinação estranha, como que uma aptidão natural para acreditar no mal de seu estado espiritual que Satanás lhes sugere. Tais como:

(1.) Há uma grande prontidão e precipitação no *coração* para concordar com pensamentos maus despertados em nós. Quando ciúmes do amor de Deus são injetados, há uma pressa violenta em acolher imediatamente (deixando de lado toda calma deliberação) a crença nisso. Isso é notado mais de uma vez nos Salmos. Nesse caso, Davi reconhece esse humor apressado: *Eu dizia na minha pressa* (Sl 31:22; Sl 116:11). Essa prontidão apressada para determinar coisas que são contra nós, sem o devido exame, Asafe chama de uma grande fraqueza: *Isto é a minha enfermidade* (Sl 77:10).

(2.) Observa-se naqueles que estão sob aflições espirituais um grande tipo de deleite (se assim posso chamar) em ouvir ameaças em vez de promessas; e tais discursos que expõem a miséria de um estado natural, em vez daqueles que falam da felicidade do convertido. Porque essas coisas, na apreensão deles, são mais adequadas à sua condição e mais necessárias

para eles, a fim de uma medida maior de humilhação, que supõem ser necessária. Seja como for, assim eles adicionam combustível à chama.

(3.) Eles têm uma aptidão para se esconderem do conforto e, com uma agilidade maravilhosa de raciocínio, para evadir e responder a qualquer argumento trazido para seu consolo; como se tivessem sido voluntários no serviço de Satanás para lutar contra si mesmos.

(4.) Eles têm também um obscurecimento tão grande em seu entendimento que o fato de Satanás tentá-los a duvidar de seu bom estado é para eles razão suficiente para duvidar dele; e isso é base suficiente para que o neguem, apenas porque Satanás o questiona.

Estes medos fazem com que todas as sugestões de Satanás penetrem mais fundo; eles dão ponta a todas as suas flechas e as fazem perfurar (por assim dizer) as juntas e a medula; eles as envenenam para o grande aumento do tormento e impedimento da cura; eles prendem as objeções sobre eles e os confirmam na crença certa de que todas são verdadeiras.

Vimos agora os mecanismos e baterias de Satanás contra os servos do Senhor, para a destruição de sua alegria e paz, por meio de aflições espirituais; mas estes são apenas o princípio das dores, se comparados àquelas angústias de alma que ele às vezes traz sobre eles. Das quais trataremos a seguir.

CAPÍTULO IX.
De sua quarta maneira de impedir a Paz, por meio de Angústias Espirituais.

1. A Natureza destas Angústias, seus Ingredientes e Graus. Se todas as angústias da alma surgem da Melancolia? 2. O método de Satanás ao produzi-las, as Ocasiões de que se utiliza, os Argumentos que apresenta e o fortalecimento delas por meio de Medos. 3. Seu Peso e Fardo explicados em vários Pontos. Algumas Cautelas finais.

O último tipo de tribulações pelas quais Satanás subverte a paz da alma são as *angústias espirituais*. Estas são agonias mais graves da alma, sob as mais profundas apreensões da Ira Divina e medos pavorosos de condenação eterna. Elas diferem em natureza e grau dos tipos anteriores de tribulações, embora, nelas, Satanás observe quase o mesmo método geral que utilizou nas tribulações espirituais mencionadas por último. Por essa causa, e também porque estas não são tão comuns quanto as outras, falarei delas com maior brevidade. Nisto mostrarei: 1. Sua Natureza. 2. O Método de Satanás ao produzi-las. 3. Seu Peso e Fardo.

1. A Natureza das Angústias Espirituais será melhor descoberta pela consideração daqueles ingredientes que as compõem e dos seus diferentes graus.

Quanto aos ingredientes, há várias coisas que concorrem para gerar estas violentas angústias. Primeiro, geralmente há uma complicação de vários tipos de tribulações. Às vezes, há tribulações externas e descomposições internas do espírito que delas surgem. Às vezes, sobressaltos de pensamentos

blasfemos continuados por longo tempo. Geralmente, tribulações espirituais (nas quais seu estado ou condição foi questionado) as precederam. Hemã (que é um exemplo tão famoso neste caso quanto qualquer outro que encontramos nas Escrituras), no *Sl 88*, parece nos dizer isso de forma clara. Sua alma estava cheia de tribulações (*v. 3*). No *v. 7*, ele se queixa de que Deus o afligiu com todas as suas ondas. Ele mesmo explica (*v. 8, 18*) que estas não eram todas do mesmo tipo (embora todas concorressem para o mesmo fim), ao lamentar a falta de bondade de seus amigos: *Apartaste de mim os meus conhecidos; o amado e o amigo afastaste de mim*.

Segundo, estas tribulações visam um fim mais distante do que qualquer uma das anteriores. Pois o desígnio daquelas era apenas contra a quietude e paz presente dos filhos de Deus, mas estas visam a ruína de suas esperanças para o futuro. Eles não estão perturbados por não serem convertidos, mas porque esperam nunca vir a ser convertidos. Esta é uma tribulação de natureza elevada, fazendo-os acreditar que são eternamente reprovados, cortados de Deus para sempre e sob uma impossibilidade de salvação.

Terceiro, estas tribulações contam com o consentimento e a crença da parte afetada. Em outras tribulações, Satanás inquietava os servos do Senhor impondo-lhes suas próprias sugestões malditas, forçando sobre eles tentações ao pecado e à blasfêmia, ou objeções contra seu estado de regeneração, enquanto eles, nesse ínterim, se opunham e recusavam dar consentimento. Mas nestas, Satanás prevalece sobre eles para que creiam que seu caso é realmente tal como seus medos o representam.

Quarto, são tribulações de um grau muito mais elevado que as anteriores: as dores mais profundas, os medos mais agudos, as maiores agonias. Hemã, no *Sl 88:15-16*, chama-as de terrores que levam à distração: *Enquanto sofro os teus terrores, estou perturbado; sobre mim passou a tua ardente indignação; os teus terrores me desfizeram*.

Quinto, há também o desamparo de Deus em uma medida maior do que a comum, ao retirar Seus auxílios e consolos. E (como observa o Sr. Perkins): "Se a retirada da graça for acompanhada pelo sentimento da ira de Deus, daí surge o conflito mais amargo que a alma de uma pobre criatura pode sofrer".

2. Quanto aos diferentes graus de Angústias Espirituais, devemos observar que, de acordo com a concorrência de todos ou de alguns desses ingredientes (pois nem sempre se encontram todos, embora ocorra frequentemente), e conforme os graus mais altos ou mais baixos em que estes são instigados na consciência, ou apreendidos e acreditados pela parte atribulada, estas agonias são maiores ou menores. Assim, podemos distingui-las de várias formas:

Alguns são terrores desesperados de reprovados malditos sob desespero. Estes terrores neles estão na maior extremidade, no próprio poço da miséria, da mesma natureza daqueles dos condenados no inferno, onde o verme que nunca morre não é outra coisa senão a pavorosa vexação e tormento de uma consciência acusadora. Geralmente são acompanhados de blasfêmias contra Deus e uma rejeição total de todos os meios de remédio. Embora às vezes se transformem em um tipo de desespero seguro (pelo qual, ao verem que não haverá melhora, endurecem-se em sua miséria e buscam desviar seus

pensamentos), como fez Caim, dedicando-se à edificação de cidades. E Esaú, quando vendeu sua primogenitura, desprezou-a e entregou-se à busca de interesses mundanos. Contudo, às vezes esses terrores terminam em suicídio, como em Judas, que, sendo atingido pelo pavor da consciência, foi e enforcou-se. Temos muitos exemplos tristes desses terrores desesperados. Caim é o primeiro de quem lemos e, embora o relato que as Escrituras dão dele seja curto, é suficiente para nos mostrar qual era sua condição (*Gn 4:11-16*).

Primeiro, ele foi maldito da terra. Desta parte de sua maldição, havia dois ramos: 1. Que seu trabalho e cansaço na lavoura seriam grandes e amplamente infrutíferos; pois assim o próprio Deus explica (*v. 12*): *Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força*. A terra já fora amaldiçoada com esterilidade para Adão, mas agora para Caim ela tem uma maldição dupla. 2. Que ele seria um homem de morada incerta em qualquer lugar: *Fugitivo e vagabundo serás na terra*. Não sendo capaz de permanecer muito tempo em um lugar, devido aos terrores de sua consciência. Sua própria interpretação disso (*v. 14*) mostra que nisto residia grande parte de sua miséria: *Eis que hoje me lanças da face da terra*. Por isso parece que ele deveria ser como alguém caçado de toda sociedade, e como alguém que se julgava seguro em lugar nenhum.

Segundo, ele foi escondido da face de Deus; isto é, foi condenado a carregar o sentimento interno da ira de Deus, sem qualquer expectativa de misericórdia.

Terceiro, sua mente sendo aterrorizada sob a apreensão dessa ira, ele clama que seu pecado era maior do que poderia ser perdoado, ou que sua punição era maior do que podia suportar (pois a palavra no original significa tanto pecado quanto

punição). Tome-se de qualquer forma, isso expressa um profundo horror de *coração*. Se no primeiro sentido, significa uma convicção da grandeza de seu pecado que leva ao desespero; se no segundo sentido, é nada menos que um reflexo blasfemo contra Deus, como injustamente cruel.

Quarto, este horror era tão grande que ele tinha medo de todos os que encontrava, suspeitando que tudo estivesse armado com a vingança divina contra ele: *Qualquer que me encontrar me matará*. Ou, se tal fala foi um desejo de que qualquer um que o encontrasse o matasse (como alguns interpretam), isso mostra que ele preferia a morte àquela vida de miséria. Parece, então, que Deus o feriu com tal terror e consternação de mente, e com tal tremor assustador de corpo por seu ato sangrento, que ele estava cansado de si mesmo e tinha medo de todos os homens, não podendo permanecer muito tempo em um lugar. Por esses sinais (ou de alguma outra forma), Deus pôs sua marca nele, como em um miserável maldito, para ser notado e abominado por todos.

Outro exemplo semelhante foi Lameque, de quem o mesmo capítulo fala. 1. O aguilhão da consciência era tão grande que ele é forçado a confessar sua falta. (As interpretações daqueles que tomam isso de forma interrogativa: "Matei eu?" ou "Se matei, o que importa a vocês?", são por muitos motivos impróprias; muito mais as que o tomam de forma negativa). Se foi a abominação da poligamia (como alguns pensam), pelo qual exemplo ele destruiu mais do que Caim; ou se foi homicídio em sentido próprio (como as palavras e o contexto claramente indicam), não é muito material para o nosso propósito. De qualquer modo, Deus o feriu com horror, para que ele fosse testemunha contra si mesmo. 2. Ele se acusa

como um pecador mais grave e um miserável muito mais desesperado que Caim: *Se Caim (v. 24) há de ser vingado sete vezes, com certeza Lameque o será setenta vezes sete*. O que equivale a dizer que havia tanta diferença entre o seu pecado e o de Caim quanto entre sete e setenta e sete. 3. Parece também, pelo seu discurso às suas esposas, que ele estava gravemente perplexo com medos internos, suspeitando (talvez) que suas próprias esposas (assim como outros) pudessem ter combinações privadas contra ele; para prevenção do que, ele lhes fala, pelo exemplo de Caim, sobre a vingança de Deus. Estes dois exemplos precoces de desespero o início do mundo nos oferece, e houve muitos outros desde então, como Esaú e Judas. Em anos recentes, temos o memorável exemplo de Francesco Spira, um dos exemplos mais claros e notáveis de horror espiritual com que as últimas eras do mundo já travaram conhecimento; contudo, não ousarei estar seguro de sua reprovação, como da de Caim e Judas, porque a Escritura determinou o caso deles, mas não temos tal autoridade certa para determinar o dele.

Há também angústias provenientes da melancolia, que podem ser diferenciadas conforme a intensidade ou remissão da enfermidade da qual dependem. Pois, às vezes, a *imaginação* está tão excessivamente depravada, os medos do *coração* são tão grandes e as dores tão profundas, que a pessoa melancólica, clamando sobre si mesma que está condenada, sob a maldição de Deus, etc., parece estar totalmente fora de si; e sua angústia não passa de um distúrbio delirante e irracional.

Há muitos exemplos tristes disso. Conheci alguns que, por muitos anos seguidos, trabalharam sob tais apreensões do inferno e da condenação que acabaram por amaldiçoar e

blasfemar contra Deus de maneira pavorosa, tornando-se um terror para todos os seus amigos e conhecidos. E embora às vezes caíssem em crises de silêncio obstinado, ao serem instados a falar, espantavam a todos ao redor com a afirmação confiante de sua condenação, com gritos horríveis de sua suposta miséria e tormentos, e com terrível fúria contra o céu. Alguns nesta enfermidade imaginam já estar no inferno e discursam como se vissem os demônios ao seu redor e sentissem sua tortura. Tais pessoas dão clara evidência, por todo o seu comportamento sob a tribulação e por algumas falsas *fantasias* concomitantes sobre outras coisas (como quando imaginam estar na prisão, ou sentenciadas à morte, e que tormentos ou fogo foram preparados para elas pelo magistrado, etc.), de que é apenas a melancolia (pervertendo seu entendimento) a causa de toda a sua dor.

Outros há que não são totalmente irracionais, pois na maioria das outras coisas seu entendimento é correto. Contudo, sendo levados à melancolia por ocasião de reveses ou outras aflições externas, acabam por fixar todos os seus pensamentos em suas almas. Agora, sua *fantasia* tornando-se irregular em parte, toda a irregularidade aparece apenas naquilo com que mais se preocupam. Daí, julgam-se mal e condenam-se à destruição eterna; às vezes sem qualquer causa aparente, e às vezes acusam-se de coisas que nunca fizeram. Temem e gritam que estão condenados, mas não podem dar uma razão particular por que deveriam nutrir esses medos, nem podem mostrar qualquer causa por que deveriam recusar os confortos das promessas que lhes são oferecidas. Dizem apenas que sabem ou estão persuadidos de que é assim, por nenhum outro motivo senão este: "É assim porque é assim". Ou, se dão razões de sua *imaginação*, são comumente fingidas ou frívolas; e, no entanto,

em todos os outros assuntos são racionais e falam ou agem como homens em seu juízo perfeito. De ambos os tipos de desespero não direi mais nada; basta notar que eles existem, porque a cura do primeiro é impossível e a cura do segundo depende inteiramente de *remédios*.

Alguns podem questionar se todas as agonias extraordinárias da alma, diante da apreensão da condenação eterna, não seriam frutos da melancolia. E, se não forem, qual seria a diferença entre as que procedem da melancolia e as que são propriamente terrores da consciência?

Quanto à primeira parte da pergunta, respondo: 1. Que nem todas as angústias espirituais devem ser atribuídas à melancolia. Pois: 1. Há algumas pessoas melancólicas que nunca estão mais livres de tribulações espirituais (embora frequentemente acostumadas a elas em outros tempos) do que quando (por ocasião de alguma tribulação especial ou doença que ameace a morte) há maior causa para temer tais ataques devido ao aumento da melancolia; conheci algumas assim. 2. Às vezes, estas angústias vêm subitamente, com a consciência ferindo-as no próprio ato do pecado; e estas pessoas às vezes são tais que não possuem uma constituição melancólica. Spira foi subitamente atingido por terrores de consciência ao retratar-se de algumas verdades que defendia; e o mesmo ocorreu com alguns dos mártires. Às vezes, terrores que continuaram por muito tempo e foram muito ferozes são removidos em um momento. Ora, não é racional dizer que apenas a melancolia ocasionou todas essas tribulações em corpos que não são naturalmente dessa complexão. Se tomarmos a liberdade de supor uma melancolia acidental, devemos necessariamente conceder algum tempo e (geralmente) alguma ocasião

precedente para moldá-los em tal enfermidade. Nem os medos da melancolia cessam de repente, mas diminuem gradualmente, conforme a diminuição gradual do humor. Dizer que o desespero de Caim ou de Judas foram invasões de uma forte melancolia está além de qualquer prova e probabilidade. Tampouco é provável que Davi (cuja face corada e inclinação para a música são sinais de uma complexão sanguínea) fosse sempre melancólico sob suas frequentes queixas de tribulação espiritual.

1. Aqueles que leem a história de Spira e observam suas respostas racionais e sérias aos discursos que lhe eram oferecidos para seu conforto, e seu comportamento ao longo de tudo, não terão causa para concluir que sua tribulação era apenas melancolia; nem os observadores sóbrios e judiciosos atribuíram sua angústia a tal causa.

2. A agonia de Cristo na cruz, sob o senso da ira divina pelos nossos pecados (embora tenha sido sem desespero), é uma prova inegável de que pode haver um profundo senso do desagrado de Deus sobre a alma do homem, o qual não pode ser atribuído à melancolia.

3. Respondo que não se pode negar que Deus possa fazer uso desse humor como Seu instrumento para o aumento e continuação de terrores sobre as consciências daqueles a quem Ele julga adequado punir (por qualquer provocação) com o desamparo espiritual. Assim como Ele fez uso dessa enfermidade para punir Saul e Nabucodonosor. Não falo aqui daquelas angústias que não passam de melancolia (como as mencionadas anteriormente, das quais os médicos nos deram histórias frequentes), embora, neste caso, os

> caminhos secretos das providências de Deus devam ser adorados com humilde silêncio; mas daqueles terrores de consciência que possuem uma mistura de melancolia para ajudá-los, de modo que o julgamento e a razão não sejam por isso pervertidos.

Spira, quando seu caso foi apressadamente concluído por um amigo sem critério como sendo uma forte melancolia, deu esta resposta: "Pois bem, que assim seja, já que você insiste que seja assim; pois assim também a ira de Deus se manifesta contra mim". O que mostra: 1. Que ele acreditava que Deus às vezes manifesta Sua ira contra o homem pela melancolia. E, 2. Que ele negava ser esta a sua condição. Pois ele ainda concluía que Deus enviara os terrores de Sua ira imediatamente sobre sua consciência, como a sentença de sua justa condenação por negar a Cristo. Ora, quando Deus faz uso da melancolia como Seu instrumento na mão de Satanás para tornar a alma do homem mais apreensiva de seu pecado e da ira de Deus (embora Ele nem sempre use este meio, como foi dito), enquanto ainda preserva o entendimento de falsas *imaginações*, a angústia ainda é racional, e não temos causa para fazer grande diferença entre estas tribulações que possuem tal mistura de melancolia e as que não possuem. Nem devemos dizer que, então, está no poder do médico remover ou mitigar tal angústia espiritual. Pois, se Deus julgar adequado fazer uso da melancolia para tal propósito, Ele pode suspender o poder da *medicina*, de modo que ela não faça seu trabalho até que Deus tenha cumprido todo o Seu propósito. E o insucesso dos remédios nesta enfermidade (enquanto ela parece ser maravilhosamente obstinada em resistir a tudo o que pode ser feito para a cura) deve ser mais atribuído (em alguns casos) ao desígnio de Deus do que todo médico imagina.

Quanto à última parte da pergunta — como distinguir os terrores da melancolia daqueles da consciência —, direi apenas isto: que, como eu disse, não nos compete muito fazer distinção onde a parte angustiada age racionalmente. É verdade que algo pode ser observado a partir dessas misturas de melancolia; e daí algumas indicações podem ser tomadas pelos amigos do angustiado, as quais podem ser úteis à parte aflita. A *medicina*, neste caso, não deve ser negligenciada, porque (embora Deus possa permitir essa enfermidade visando o terror da consciência) não somos do conselho de Deus para saber quão alto Ele deseja que ela vá, nem quanto tempo dure; mas é nosso dever (com submissão a Ele) usar todos os meios de auxílio.

Contudo, visto que o médico é o único juiz adequado da enfermidade corporal, seria impróprio falar dos sinais da melancolia nestes casos mistos para aqueles que não podem fazer uso deles. E quanto a estas angústias de melancolia que são irracionais, elas são por si mesmas tão notórias que não preciso dar conta delas. Geralmente há uma constituição inclinada para esse lado, e frequentemente os pais ou amigos da pessoa foram tratados da mesma maneira anteriormente. Ou, se seu temperamento natural não os leva por esse caminho, geralmente há algum revés, tribulação, decepção ou aflição externa semelhante que primeiro os pressionou pesadamente e, por graus, os levou à melancolia, e só depois eles passam a se preocupar com suas almas. (Como aquela mulher nas observações de Plater, que, estando há muito tempo aflita com ciúmes por motivos justos demais, por fim caiu em terrível desespero, clamando que Deus não a perdoaria; que estava condenada; que já sentia o inferno e seus tormentos, etc.). Ou há alguns delírios concomitantes, *imaginações* aparentemente absurdas ou falsas, etc., tudo o que dá claras descobertas de

angústias irracionais. E se restasse qualquer dúvida sobre elas, a consideração de todas as circunstâncias juntas, por pessoas sóbrias e judiciosas, facilmente traria satisfação.

1. Tendo agora confinado o discurso às angústias espirituais dos filhos de Deus que não estão tão oprimidos pela melancolia a ponto de serem desviados por falsas *imaginações*, devo, a seguir, oferecer outra distinção observável sobre estas angústias: que elas são compostas por todos os cinco ingredientes mencionados anteriormente, ou apenas por alguns deles, e assim podem ser chamadas de totais ou parciais; embora em cada uma delas possa haver grandes diferenças de graus.

2. Às vezes, então, os filhos de Deus podem ser levados a angústias totais de consciência, até mesmo com desespero e (o que é mais hediondo) com blasfêmia. Se a observação do Sr. Perkins for verdadeira, ele nos diz que eles podem estar tão sobrecarregados de dor a ponto de gritarem que estão condenados e blasfemarem contra Deus. E não temos razão para contradizê-lo, quando observamos quão longe Davi foi em sua pressa, mais de uma vez. E quaisquer que sejam as diferenças privadas entre estes e os reprovados em suas agonias (pois há diferenças, tanto no desígnio de Deus quanto em seus *corações*, embora não visíveis), contudo, se compararmos os medos, tribulações e falas de uns e outros, aparece pouca ou nenhuma diferença que os observadores possam fixar com certeza. Se parece duro para alguém que algo tão horrível quanto o desespero seja atribuído aos eleitos de Deus no pior de suas

angústias, responder-se-á prontamente: 1. Que se não supusermos isto, devemos supor algo pior. Se não gostamos de dizer que os filhos de Deus podem cair em desespero, devemos concluir (muito pouco caridosamente) que aqueles que caem em desespero não são filhos de Deus. 2. É fácil imaginar uma diferença entre desespero parcial e total, entre imaginário e real. Os filhos de Deus, sob forte perturbação de espírito, podem imaginar-se fazendo o que não fazem, e assim podem dar falso testemunho contra si mesmos, professando que toda a sua esperança de salvação está perdida, quando, no entanto, a raiz de sua esperança ainda pode permanecer em seus *corações* sem ser descoberta. O hábito pode estar lá, quando todos os atos visíveis dele estão presentemente suspensos, ou tão disfarçados em uma multidão de expressões confusas que não podem ser conhecidos. Ou, se têm desconfiança real de sua salvação, nem todo acesso de desconfiança real é desespero absoluto; nem isso denominará um homem como totalmente desesperado, não mais do que todo erro, mesmo sobre fundamentos, denominará um homem como herético. Pois, assim como deve ser um erro pertinaz em fundamentos que faz um herético, assim deve ser uma desconfiança pertinaz que torna um homem verdadeiramente desesperado.

3. Mas, às vezes, os filhos de Deus têm apenas angústias parciais. Isto é, podem ter uma grande medida de alguns dos ingredientes, sem a mistura do restante. Particularmente, podem ter uma grande medida do senso da ira divina e do desamparo, sem desespero. A

possibilidade disso é evidente, além de qualquer exceção, no exemplo de nosso bendito Salvador, quando clamou: *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* Ninguém pode atribuir desespero a Ele sem blasfêmia; e se o fizessem, as próprias palavras, *Deus meu, Deus meu* (expressando Sua plena e certa esperança), os contradizem expressamente. Tal exemplo de angústia espiritual sem desespero eu considero ser Hemã. Quão altas foram suas tribulações é abundantemente testificado no *Sl 88*, e no entanto que sua esperança não estava perdida aparece não apenas por sua oração por alívio em geral (pois a esperança não é totalmente destruída onde os meios designados para ajuda são cuidadosamente usados), mas pela afirmação particular de sua esperança em Deus, nos primeiros versículos daquele Salmo: *Ó Senhor, Deus da minha salvação, diante de ti tenho clamado dia e noite*.

4. A última diferença de angústias espirituais que observarei é esta: que algumas são crises e lampejos de terror mais transitórios, sob uma tentação presente, que não duram muito; outras são mais fixas e permanentes. As angústias menos duráveis podem ser violentas e agudas enquanto duram. Tentações de desconfiança podem possuir fortemente um filho de Deus e, a princípio, podem não ser repelidas; e então, antes que sua fé possa se recuperar, eles desabafam suas presentes e tristes apreensões de seu estado, como fez Jonas (*Jn 2:4*): *Dizia eu: Lançado estou de diante dos teus olhos*. Muitas dessas crises Davi teve e, nelas, queixou-se desta forma: *Por que me desamparaste? Por que rejeitas a minha alma?* (*Sl 31:22*): *Eu dizia na minha*

> *pressa: Cortado estou de diante dos teus olhos*. (*Sl 116:11*): *Dizia eu na minha pressa: Todos os homens são mentirosos*. O que foi um grande auge de desconfiança e refletiu de forma muito ousada sobre a fidelidade de Deus, considerando as promessas especiais que Deus lhe fizera. Tais crises agudas foram as de Bainham e Bilney, mártires, cujas consciências foram tão dolorosamente feridas por retratarem a verdade que professavam, que pareciam sentir um verdadeiro inferno dentro de si.

As angústias mais fixas, como são de mais longa duração, também são frequentemente acompanhadas pelos piores sintomas. Pois quando nessas agonias nenhum sol nem estrela de conforto lhes aparece por muitos dias, toda esperança de que serão salvos parece ser retirada; e sendo exauridos com queixas e importunações, sem qualquer resposta, acabam por rejeitar o uso dos meios. Alguns jazeram por muitos anos (como o paralítico no tanque de Betesda) sem cura. Alguns desde a sua juventude, como Hemã se queixa. Alguns carregam suas angústias até o leito de morte e, pode ser, não são aliviados até que suas almas estejam prontas para partir de seus corpos, e então frequentemente terminam de forma súbita e confortável.

Poderia falar de alguns que, em seu leito de morte, após graves terrores e muitos clamores sobre suas misérias de negridão e trevas para sempre, jazeram por muito tempo em silêncio; e então, de repente, prorromperam em raptos de alegria e adoração admirada da bondade de Deus, usando aquela fala do apóstolo em *Rm 11:33*: *Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!*

Outros saem do mundo em trevas, sem qualquer aparência de conforto. Tal exemplo foi o Sr. Chambers (como o relato de sua morte testifica), mencionado pelo Sr. Perkins em seu tratado sobre desamparos, de quem se dá este relato: que em grandes agonias gritou que estava condenado, e assim morreu. O caso de tais pessoas é certamente muito triste para elas mesmas e não parece menos para os outros; contudo, devemos ter cuidado ao julgar precipitadamente sobre tais casos. Antes, se o seu curso de vida anterior foi uniformemente bom (pois quem rejeitará uma fina peça de pano por causa de uma pequena ourela grosseira no final?), especialmente se houver qualquer obscura aparência de esperança (como aquela expressão do Sr. Chambers — "Oxalá eu tivesse apenas uma gota de fé!" — que o Sr. Perkins supõe ser tal), devemos julgar o melhor deles. Vimos a natureza das angústias espirituais em seus ingredientes e diferenças. Devemos agora considerar:

2. O método de Satanás em produzi-las, o qual consiste: 1. Nas ocasiões de que ele se apodera para esse fim. 2. Nos argumentos que utiliza. 3. No desenvolvimento de seus medos, pelos quais ele confirma os homens neles.

Quanto às ocasiões: ele segue quase o mesmo curso que foi descrito anteriormente nas tribulações espirituais, de modo que não preciso dizer muito, apenas notarei duas coisas. 1. Que contribui muito para o propósito de Satanás se a parte contra quem ele planeja caiu em alguns pecados graves. Pecados de magnitude comum não lançam um fundamento adequado para a superestrutura que ele pretende; ele não pode argumentar plausivelmente a reprovação ou condenação a partir de cada pecado comum; mas se encontra alguém culpado de algo extraordinário, então ele se põe a trabalhar com suas acusações.

Os pecados mais usuais dos quais ele tira vantagem são (como observa o Sr. Perkins) aqueles contra o Terceiro, Sexto e Sétimo Mandamento; às vezes aqueles contra o Nono. Homicídio, adultério, perjúrio e a negação deliberada da verdade contra a consciência são os crimes sobre os quais ele fundamenta sua acusação, mas mais usualmente o último. Sobre isto se angustiou Spira e alguns dos mártires.

Quanto aos outros pecados, quanto mais privados forem, Satanás frequentemente tem mais vantagem contra eles, porque o juízo secreto e justo de Deus trará por este meio à luz as coisas ocultas das trevas e forçará suas consciências a acusá-los daquilo que nenhum homem poderia lhes imputar, para que Ele se manifeste como o esquadrinhador dos *corações* e provador dos rins. Assim, muitos foram forçados a revelar homicídios privados, adultérios secretos e a vomitar (embora com muita dor e tortura) aquilo que por perjúrio ou fraude extorquiram de outros.

1. Onde Satanás não tem estas vantagens particulares, ele se esforça para preparar os homens para as angústias por meio de outras tribulações longamente continuadas. Não se deve supor que todos os homens levados a desesperar de sua felicidade sejam pecadores maiores que os outros; alguns estão angustiados com medos de condenação eterna e são, em boa medida, capazes de fazer a protestação de Jó nestes casos: que seu *coração* não foi enganado por uma mulher; que não armaram ciladas à porta do seu próximo; que não levantaram a mão contra o órfão quando viram seu auxílio na porta; que sua terra não clama contra eles, nem os seus sulcos se queixam; que quando viram o sol quando

resplandecia, ou a lua caminhando em brilho, seu *coração* não foi secretamente seduzido, nem sua boca beijou sua mão; que não se regozijaram na destruição daquele que os odiava, nem se exaltaram quando o mal o encontrou, etc. Não obstante tudo isso, seus medos estão sobre eles e prevalecem contra eles. Mas, então, antes que Satanás possa levá-los a consentir com tais conclusões sombrias contra si mesmos, eles devem ser extraordinariamente preparados para receber a impressão; ou exauridos sob grandes aflições, ou longamente exercitados com medos sobre seus estados espirituais, sem mistura de conforto ou alívio, ou com suas faculdades quebrantadas e enfraquecidas pela melancolia. Qualquer uma dessas situações dá a ele uma vantagem equivalente àquela dos grandes pecados. Pois, embora ele não possa dizer a estes: "seus pecados são tão enormes que são sinais tristes de reprovação", ele alegará que o comportamento de Deus para com eles descobre claramente que Ele os rejeitou totalmente e os deixou entregues a si mesmos, sem esperança de misericórdia.

2. Quanto aos argumentos que ele utiliza, são quase dos mesmos tópicos que escolhe ao trazer as tribulações espirituais. Apenas, como ele visa provar muito mais contra os filhos de Deus do que apenas o fato de não serem convertidos, ele ajusta seus meios de prova a um nível mais alto. Seus argumentos são:

3. A partir de Escrituras distorcidas ou mal aplicadas. Sua escolha de Escrituras para este propósito recai sobre passagens que parecem falar de forma mais triste sobre

> o estado perigoso e temível dos homens, conforme a primeira vista e representação literal delas, devido à falta de perícia daqueles que serão afetados; ou sobre passagens que realmente significam a infelicidade miserável de algumas pessoas que, por sua própria culpa, foram cortadas de toda esperança, e a possibilidade do mesmo ocorrer a outros no futuro. Assim, ao formular argumentos a partir das Escrituras, o Diabo usa uma astúcia dupla.

Primeiro, há algumas Escrituras que contêm a palavra condenação aplicada a alguns atos e erros particulares dos homens, quando, no entanto, sua intenção não é tal como a palavra parece soar, ou como ele os faria acreditar. Ora, quando ele apanha um filho de Deus em tais atos como os ali especificados (se descobre que sua ignorância ou timidez é tal que torna a tentação viável), ele prontamente aplica a condenação a eles pela autoridade daqueles textos. Por exemplo, o texto de *Rm 14:23* tem sido frequentemente abusado para esse fim: *Aquele que tem dúvidas, se come, já está condenado*. A palavra *condenado* ali atinge profundamente o cristão fraco e atribulado que não é perito na palavra da justiça. Pois, quer Satanás o aplique ao comer sacramental (como às vezes faz com os ignorantes, embora contrariamente ao propósito do texto), quer à dúvida em geral, ele tira esta conclusão: "Tu duvidas, ou comeste o sacramento com dúvida, portanto não há esperança para ti; estás condenado". Enquanto isso, o Diabo apenas age como um sofista no abuso do significado das palavras. Pois essa Escritura evidentemente se relaciona à diferença que então havia na Igreja sobre comer aquelas carnes que eram imundas pela lei de Moisés. Nesse caso, o apóstolo declara positivamente que a diferença entre

carnes limpas e imundas foi removida; de modo que um cristão poderia, com toda a liberdade imaginável, comer aquelas carnes que anteriormente eram imundas, com esta ressalva: que estivesse plenamente convencido em sua própria mente. A necessidade dessa satisfação ele prova a partir disto: que, de outro modo, ele ofenderia sua própria consciência, a qual, nesse caso, necessariamente o condenaria (e essa é a condenação de que ali se fala); como é mais evidente ao comparar este versículo com o anterior: *Bem-aventurado aquele que não se condena a si mesmo*. Mas aquele que duvida, condena-se a si mesmo, porque não come por fé; isto é, a partir de uma plena convicção da licitude da coisa. Esta Escritura, então, não tem nada que sirva ao propósito para o qual Satanás a traz. Ela não fala de qualquer sentença final de condenação passada sobre um homem por tal ato; tudo, e o máximo que ela diz, é apenas isto: que é pecado ir contra a convicção da consciência e, consequentemente, isso não coloca o homem mais longe da salvação do que qualquer outro pecado faria, pelo qual, mediante o arrependimento, o pecador pode ser perdoado.

Outro texto que Satanás frequentemente tem abusado, para grande prejuízo de muitos, é o de *1Co 11:29*: *Aquele que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação*. Com esta Escritura ele insulta o cristão humilde e temente, que é sensível à sua indignidade de tão grande privilégio. Às vezes, ele o mantém afastado por muito tempo do sacramento da Ceia do Senhor por este mesmo motivo: que tal miserável indigno não deve fazer aproximações tão próximas e familiares de Cristo. E se, por fim, ele é persuadido a participar desta ordenança, então (tirando vantagem da consciência da própria vileza da pessoa e dos pensamentos

muito baixos que ela nutre de si mesma), ele se esforça para persuadi-la de que agora se destruiu para sempre e correu para sua própria condenação irremediável. Assim ele argumenta: "Pode algo ser mais claro do que o fato de que comeste e bebeste indignamente? Tua própria consciência to diz. E pode algo ser mais positivamente afirmado do que isto: que aquele que o faz, come e bebe para sua própria condenação? O que podes pensar de ti mesmo, senão que és um miserável condenado?". E não falo apenas o que se pode supor que Satanás diria neste assunto, mas o que pode ser provado por muitos exemplos que ele disse e instigou sobre as consciências dos fracos, que a partir daí concluíram (para a grande angústia de suas almas) que, ao receberem o sacramento indignamente, selaram sua própria condenação; e tudo isso abusando e pervertendo o sentido deste texto. Pois o receber indignamente relaciona-se aos erros que ele havia taxado antes, e implica um comer descuidado e profano; tal que pudesse expressar claramente a estima pequena ou indigna que tinham em seus *corações* por aquela ordenança. E a condenação ali ameaçada não é a condenação final e irremediável, mas o juízo temporal; como o próprio apóstolo explica nos versículos seguintes: *Por causa disto há entre vós muitos fracos e enfermos*. E: *Se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados*. Isto é (como ele explica adiante), não seríamos assim castigados ou afligidos; e a palavra traduzida como condenação significa juízo. No máximo, se devêssemos tomá-la pela condenação do inferno, tudo o que é ameaçado não seria mais do que isto: que tais pessoas mereceram, e Deus em justiça poderia infligir a condenação do inferno por tal ofensa; o que não é verdade apenas para este pecado, mas para todos os outros, os quais ainda admitem a exceção do arrependimento. Enquanto isso,

nada disso se aplica ao pobre pecador humilhado, que se julga indigno em seu exame mais sério e maior diligência. Satanás aqui joga com a imprecisão da tradução e a ignorância da pessoa em críticas textuais; pois não é qualquer um que pode prontamente responder a tais argumentos capciosos.

1. Mas ele tem outra peça de astúcia, que é esta: ele, por um tipo singular de arte, impõe aos homens alguma Escritura que realmente fala de condenação eterna, sem qualquer evidência suficiente em matéria de fato para a devida aplicação delas, apenas porque eles não podem provar o contrário. Seu procedimento nisto é para este propósito: Primeiro (após ter preparado o caminho, formando suas mentes para uma suspeita temerosa de seu estado), ele coloca diante deles Escrituras como estas: *Deus endureceu o coração de Faraó*; *Ele preparou vasos de ira, preparados para a perdição*; *Cristo não rogou pelo mundo*; e aquela concernente aos judeus: *Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração*. Segundo, ele afirma confiantemente que eles são tais pessoas. Terceiro, ele os desafia a provar o contrário e, nisto, envia-os à busca dos decretos eternos de Deus; arte na qual Satanás (como um *fogo-fátuo*) os conduz para fora do caminho. E embora ele não possa possivelmente determinar o que afirma, ele transfere a prova positiva de si mesmo e a deixa sobre eles para que demonstrem que não foram assim determinados pelo propósito imutável de Deus. E porque os tentados (sob tão grande nuvem) não têm tal convicção de suas graças presentes que os capacite a assegurar sua eleição pelos frutos de sua vocação, eles são afastados de sua base e levados a crer que o argumento é irrespondível.

Porque não podem dizer que são convertidos, concluem que devem ser condenados; negligenciando a resposta verdadeira que poderiam dar, mantendo-se próximos à possibilidade ou probabilidade de que possam ser convertidos e, assim, escapar da condenação do inferno. Sendo esta esperança geral de tão alta importância para o angustiado (pois é a primeira coisa que deve aliviá-lo até que venha uma evidência melhor), é a grande política de Satanás enganá-los quanto a ela, o que ele frequentemente faz por este método agora declarado.

2. Satanás esforça-se principalmente por deturpar Deus para as almas atribuladas e, a partir daí, extrai argumentos contra elas. No caso anterior de tribulações espirituais, ele deturpa Deus ao representar apenas alguns de Seus atributos, não apenas distintos, mas em oposição a outros, pelos quais ele trabalha para ocultar a doce e bela harmonia que há entre eles; e também para tornar um atributo um argumento contra as considerações de suporte confortáveis que outro ofereceria. Ele insiste na justiça de Deus sem respeito à misericórdia, em Sua santidade sem qualquer consideração às Suas condescendências graciosas para com as enfermidades dos fracos. Mas quando é seu negócio trazer alguém sob angústias espirituais, ele então deturpa Deus em um nível mais alto e não hesita em caluniá-Lo com falsidades abomináveis. Há duas mentiras que ele comumente instiga neste momento:

3. Ele representa Deus como um tirano cruel, de uma disposição rigorosa e impiedosa, que se deleita na ruína e miséria dos homens. Para este propósito, ele reúne as

passagens mais duras da Escritura que falam da justa severidade de Deus contra os pecadores obstinados e deliberados, que teimosamente desprezam Suas ofertas de graça. Deus, de fato, limpou-Se desta calúnia por juramento solene em *Ez 33:11*: *Vivo eu, diz o Senhor Deus, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho e viva*. Contudo, o tentado acreditará mais depressa na sugestão de Satanás do que no juramento de Deus; em parte porque o senso de sua vileza secretamente o inclina a pensar que há razão para que Ele seja assim; em parte porque seus medos o inclinam a suspeitar o pior; e em parte porque os abalos inquietos de sua mente, longamente continuados, revivem a natural irritabilidade do espírito contra Deus. Quão apto é o espírito (quando irritado pela vexação) a nutrir pensamentos duros sobre Deus, pode-se ver na resposta do servo preguiçoso ao seu senhor, que devolveu seu talento sem melhoria, com um reflexo: importando que seu senhor era tal que ninguém poderia agradar; tão severo que ele se sentiu desencorajado de fazer qualquer tentativa de servi-lo aceitavelmente (*Mt 25:24*). Ele disse: *Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste*.

4. Ele calunia a Deus ainda mais, representando-O como alguém que planeja a ruína e a miséria da pessoa tentada em particular. Ele quer fazê-la crer que Deus nutre uma hostilidade específica contra ela, acima de todos os outros homens; e que, em todos os Seus tratos com ela ou a seu respeito, Ele age apenas como um

> *urso de emboscada* e como um *leão em esconderijos*, pronto para aproveitar qualquer oportunidade para eliminá-la. Consequentemente, ele não oferece outra interpretação para os caminhos de Deus, senão aquela que os faz parecer sinais de rejeição final. Se há sobre eles aflições externas, ele lhes diz que estas são apenas os precursores do inferno. Se jazem sob o senso interno da ira, ele chama isso de as primícias da vingança eterna. Se qualquer ameaça específica é gravada em suas consciências pelo Espírito de Deus, visando sua humilhação e arrependimento, ele a representa como a sentença final de Deus e Sua determinação absoluta contra eles. Se, por cautela, Deus julga adequado colocar diante deles os exemplos de Sua ira (como é frequente Ele fazer, para que não caiamos seguindo o mesmo exemplo de incredulidade, *1Pe 2:6; 1Co 10:6*), Satanás perverte isso para o que Deus nunca pretendeu. Ele afirma ousadamente que esses exemplos prognosticam a miséria deles, e que Deus sinaliza por meio deles uma predição de certas infelicidades inevitáveis.

Deve-se observar aqui que estas deturpações de Deus não são os argumentos primários de Satanás; ele os usa apenas como reservas frescas para apoiar outros. Pois, onde ele encontra qualquer ala de seus batalhões prestes a ser derrotada, ele surge com esses reforços para socorrê-los. De fato, estas considerações sobre a severidade de Deus em geral, ou sobre Sua resolução especial contra alguém em particular, não possuem força suficiente para atacar uma alma que está dentro das trincheiras da paz presente; não são, por si mesmas, meios adequados para produzir tal conclusão. Embora suponhamos

que Deus seja severo (a menos que imaginemos que Ele odeie a humanidade universalmente), não podemos daí inferir a ruína final deste ou daquele indivíduo. Além disso, visto que são falsidades injustificáveis, elas não podem tornar a condenação final de ninguém sequer provável, até que o *coração* seja primeiro enfraquecido em suas esperanças por medos ou dúvidas suscitados por outros fundamentos. Então, de fato, os homens vacilam, seja pelo profundo senso de sua indignidade, seja por alguma calamidade triste e contínua, ou pela aparente negligência de suas orações. Se Satanás, então, lhes fala da severidade de Deus, ou que (consideradas todas as Suas providências) Ele os colocou como alvo para as setas de Sua indignação, eles estão prontos para crer em seu relato, por ser tão adequado ao seu senso e sentimento atual.

Satanás também busca argumentos nos pecados dos filhos de Deus, mas sua grande arte nisto consiste em usar agravantes injustos para fazê-los parecer ofensas que, por exceção especial na Escritura, estão excluídas do perdão. O apóstolo, em *1Jo 5:16*, fala-nos de um *pecado para morte*; isto é, um pecado que, se um homem comete, não pode escapar da morte eterna, e por isso ele não quer que se ore por tal pecador. (Que a distinção papista de pecados veniais e mortais não é o que se pretende aqui, até alguns dos próprios papistas confessam). O que ele quer dizer com esse pecado, ele não nos diz, por ser algo suficientemente conhecido por outras Escrituras. A nota de imperdoável é, de fato, afixada a pecados sob várias denominações: o pecado contra o Espírito Santo, o qual Cristo declara imperdoável (*Mt 12:31*); e a apostasia total da verdade do Evangelho, sobre a qual o apóstolo diz nada menos ao chamá-la de *retroceder para a perdição* (*Hb 10:39*). Se estes são um só, ou se há qualquer outra espécie de pecado

irremissível além daquele contra o Espírito Santo, não cabe ao nosso propósito investigar. Sejam o que forem em si mesmos, Satanás, nesta matéria, faz uso dos textos que falam deles distintamente, como veremos em breve. Mas, além destes, as Escrituras falam de alguns que foram entregues a *paixões infames* e a um *sentimento perverso* (*Rm 1:26, 28*). E de outros que foram entregues à dureza de *coração* (*Mt 13:14; At 28:26*). Ora, quem quer que sejam aqueles de quem estas coisas possam ser justamente afirmadas, são certamente miseráveis e sem esperança. Aqui, então, reside a astúcia de Satanás: se ele puder fazer qualquer filho de Deus acreditar que cometeu tal ato, ou atos de pecado, que o coloquem dentro do alcance dessas Escrituras, então ele insulta sobre eles e lhes diz repetidamente que estão cortados para sempre.

Para este fim, ele agrava todos os seus pecados. E, primeiro, se ele os encontra culpados de qualquer grande iniquidade, fixa-se nela e trabalha o máximo que pode para fazê-la parecer desesperadora, a fim de chamá-la de pecado contra o Espírito Santo. Nisto ele tem uma vantagem poderosa, pois a maioria dos homens está nas trevas quanto a esse pecado; nem todos concordam se é uma espécie distinta de pecado ou um grau mais alto de voluntariedade relacionado a qualquer pecado particular. Sob este pretexto, Satanás pode lançar a acusação deste pecado sobre aqueles que apostatam da verdade e, por fraqueza, a renegaram. (Assim ele lidou com Spira, com Bilney, com Bainham e vários outros). Há uma semelhança tão próxima nestes pecados de negar verdades com o que se diz do pecado imperdoável que esses homens, embora fossem eruditos e homens de boa capacidade, não foram capazes de responder ao argumento que o Diabo instigou contra eles, o qual prevaleceu para angustiá-los. Sobre outros também Satanás tem

a vantagem de fixar esta acusação: pois, seja qual for a espécie do pecado, se eles têm qualquer noção de que o pecado contra o Espírito Santo é um ato presunçoso de pecado sob tentação, chamarão qualquer crime notório de pecado contra o Espírito Santo, devido às circunstâncias agravantes mais marcantes que acompanharam tal fato.

Segundo, ele agrava os pecados dos filhos de Deus pela voluntariedade de seu pecar. É algo muitas vezes verdadeiro que um filho de Deus pode ser levado por um ímpeto violento, ou forte inclinação de afeto, a alguma iniquidade particular, onde a pressa dos desejos sufoca aquelas relutâncias da mente que seriam esperadas de alguém dotado do Espírito de Deus, cujo poder ordinariamente os inclina a *lutar contra a carne*. Mas é mais comum encontrar uma tentação prevalecendo, não obstante uma mente iluminada ofereça alguma resistência; a qual (por ser muito débil) é facilmente derrubada pelas fortes importunações de Satanás, operando sobre as inclinações da carne. Ambos os casos são explorados contra aqueles sobre quem Satanás obteve qualquer vantagem de dúvida sobre seu estado. Se resistiram ineficazmente, ou não resistiram de todo, ele os acusa da mais alta voluntariedade e agravará a matéria de tal modo que eles temerão não apenas que não possa haver graça (onde o pecado tem tanto poder a ponto de controlar tanta luz e esforços, ou sujeitou o *coração* ao seu domínio de tal modo que pode comandar sem contradição), mas que não podem ter esperança; que aqueles que pecam com mão tão elevada jamais entrarão no descanso de Deus. E, para este propósito, ele comumente coloca diante deles o texto de *Hb 10:26*: *Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados*. Ou aquele de *Hb 6:4*: *Porque é*

impossível que os que já uma vez foram iluminados... se caírem, sejam outra vez renovados para arrependimento. Ambos os lugares falam, de fato, ao menos de uma dificuldade tal que, no uso comum da fala, é chamada de impossibilidade, se não uma absoluta e total impossibilidade de arrependimento e perdão. Mas, então, o pecar voluntariamente ou o cair ali mencionados referem-se apenas à apostasia total; quando homens que abraçaram o Evangelho e, por ele, experimentaram tais impressões de poder e deleite em seus *corações* (o que costumamos chamar de Graça Comum), não obstante, rejeitam esse Evangelho como falso e fabuloso, e assim se levantam contra ele com escárnio e desprezo máximo, como fez Juliano, o Apóstata.

Ora, se a verdadeira intenção dessas Escrituras fosse considerada por aqueles que estão angustiados por elas, poderiam prontamente ver que foram postos em medo onde não havia tal causa. Mas nem todos os homens possuem este conhecimento, nem atentam devidamente à matéria do discurso do apóstolo a ponto de serem capazes de lhe dar uma interpretação correta. Sobre tais pessoas, Satanás impõe sua glosa enganosa e lhes diz: "Pecadores voluntários não podem ser restaurados ao arrependimento, mas tu pecaste voluntariamente; quando o pecado estava diante de ti, lançaste-te nele sem qualquer consideração, como o cavalo na batalha; ou quando Deus se pôs em teu caminho com mandamentos e conselhos em contrário, quando tuas consciências te avisaram para não cometeres tão grande maldade, ainda assim quiseste fazê-lo. Foste como aqueles que quebram o jugo e rompem as ataduras". Sob a suposição de que estes textos falam do pecar voluntário em geral, quão pouco pode ser dito contra o argumento de Satanás? Quantos conheci que foram torturados

com estes textos, julgando seu estado temível por causa de sua voluntariedade no pecado? Os quais, após a quebra do laço da deturpação de Satanás, escaparam como um pássaro para o monte.

Terceiro, quando nenhum dos dois caminhos anteriores serve ao propósito (isto é, quando ele encontra aqueles contra quem não tem maldade notória a objetar, ou aqueles que têm um melhor discernimento da Escritura para não serem enganados), ele trabalha para formular uma acusação contra eles a partir do número de seus erros. Aqui ele recolhe toda a imundícia que pode e a deposita em uma pilha à porta deles. É, de fato, coisa fácil para Satanás colocar os pecados de um filho de Deus em ordem diante dele e trazer à mente males inumeráveis, especialmente para alguém que já está despertado por uma descoberta verdadeira da corrupção da natureza e da vileza do pecado. Nesse caso, quanto mais um homem considera, mais descobrirá; e os pecados assim postos em ordem de batalha (embora não sejam mais do que ordinariamente hediondos, mas por serem muitos) possuem uma aparência muito sombria. O desígnio de Satanás nisto é trazer os homens sob os assombros que parecem mais adequados a serem levantados de um aspecto perverso da terceira classe de Escrituras, as quais apontei há pouco. Pois a Palavra de Deus, falando do estado final dos homens, não apenas descobre a condição desesperada de alguns quanto à vida eterna a partir de certos atos de pecado, mas também o triste estado de outros a partir da maneira, graus e frequência do pecar. Os pagãos, porque não aperfeiçoaram o conhecimento de Deus que tinham pelas obras da criação, não fazendo as inferências em matérias relativas ao Seu culto, nem se comportando em conformidade com as regras de conversação virtuosa, *não o glorificaram como Deus, nem lhe*

deram graças; por isso Deus os entregou a um sentimento perverso (*Rm 1:21*). E, geralmente, concernente a todos os outros, a Escritura nos ensina que um retorno a uma vida profana e carnal, após alguma reforma, possui um perigo maior do que o comum, como aparece pela parábola em *Mt 12:45*: *entram outros sete espíritos piores; onde aquele que fora expulso é recebido novamente; e o último estado daquele homem é pior do que o primeiro*. Assim também em *2Pe 2:20*. Para este propósito serve o que disse Salomão sobre o perigo da continuidade no pecado após muitas repreensões (*Pv 29:1*): *O homem que, muitas vezes repreendido, endurece a cerviz, será quebrantado de repente sem que haja cura*.

Estas e muitas outras Escrituras semelhantes Satanás tem à mão, as quais ele aplica diretamente às consciências daqueles que estão atribulados com o senso do pecado, dizendo-lhes: "Vossos *corações* e caminhos sendo continuamente maus, não obstante todos os cursos que Deus tomou para vos reclamar; tendo vós negligenciado por tanto tempo tão grande salvação; ou, após parecerdes aceitá-la, tornastes-vos mais pecaminosos do que antes". (O que eles acreditarão facilmente, porque agora são mais sensíveis ao pecado e mais observadores de seus erros do que anteriormente). "Não pode haver dúvida de que fostes entregues a paixões infames; e, como a terra que produz apenas sarças e espinhos, fostes rejeitados e estais próximos da maldição, cujo fim é ser queimada". A ferida feita com esta arma não é tão facilmente curada como algumas outras já mencionadas; porque (embora Satanás distorça indevidamente estas passagens para falhas nos filhos de Deus que têm pouca ou nenhuma afinidade com elas, pois elas falam apenas de cair em profanação aberta com contumácia), aqueles que têm convicções profundas, acompanhadas de grandes medos,

geralmente pensam que não há ninguém pior do que eles. E embora concedam que alguns outros tenham vidas mais flagrantes, pensam que possuem *corações* tão desesperadamente malignos que devem necessariamente estar sob perigos tão grandes quanto aqueles cujas vidas parecem ser piores.

Há apenas mais um argumento que carrega qualquer probabilidade de prova para a condenação eterna, e este provém de um *coração* duro e impenitente. Como Satanás se conduzirá para fazer um filho de Deus acreditar que possui tal *coração* é nossa última observação relativa à sua sofística. E é esta: ele agrava injustamente as descomposições dos espíritos daqueles que estão atribulados pelo pecado e, a partir daí, extrai seus argumentos de condenação irrecuperável, alegando que seus *corações* estão cauterizados, endurecidos, incapazes de arrependimento e, consequentemente, do céu. Que a impenitência final concluirá em condenação é certo, e que alguns foram entregues a tal endurecimento judicial muito antes da morte, de modo que não puderam se arrepender, pode ser evidenciado não apenas pela ameaça de Deus para esse propósito (*Mt 13:15*): *Engorda o coração deste povo, etc.*, mas também pelos tristes exemplos de Faraó (de quem se diz que Deus endureceu o seu *coração*) e dos judeus que foram cegados (*Rm 11:8*): *Deus lhes deu espírito de profundo sono, olhos para não verem, e ouvidos para não ouvirem*. Mas ainda a arte reside nisto: como fazer um filho de Deus acreditar que é assim com ele. Para este propósito, ele deve pegá-lo em alguma vantagem; ele não pode aterrorizá-lo com este argumento a todo momento. Enquanto ele está exercendo o arrependimento, com uma estrutura de *coração* calma e estabelecida, não é possível fazê-lo crer que não o faz, ou não pode fazê-lo; pois

isso seria forçá-lo contra o senso e a experiência. Mas ele deve pegá-lo em alguma estação que possa, com alguma probabilidade, admitir seu apelo, e nada é mais próprio para esse desígnio do que um *coração* atribulado. Assim, ele tem, neste caso, duas coisas a fazer: Inquietar a alma até um auge de confusão o maior possível; para que, 2. Quando a tiver derretido em tristeza e a despedaçado, possa trabalhar sobre suas distrações.

Há muitas coisas que ocorrem no caso de grande ansiedade de mente que são capazes de aproveitamento para a realização deste desígnio. Como: 1. Tribulações perturbadoras trazem o *coração* sob o estupor do assombro. Seus pensamentos estão tão quebrantados e desconexos que não podem uni-los em uma resolução composta e estabelecida em nada; mal podem juntá-los para formular sequer o que pudesse soletrar seus desejos ou esforços distintos; mal sabem o que estão fazendo ou o que gostariam de fazer. 2. Elas também envenenam os pensamentos com apreensões duras contra Deus. Grandes angústias fazem os pensamentos às vezes recuarem contra o Santo Senhor, com questionamentos impróprios de Sua bondade e compaixão; e isto coloca os homens em um mau humor obstinado de perversidade, de onde (através do aproveitamento de Satanás) surgem os maiores mergulhos de desespero. 3. Mais usualmente, neste caso, os maiores esforços são infrutíferos e insatisfatórios. Satanás (embora não seja amigo do dever) insta-os inoportunamente a se arrependerem e orarem, mas é porque eles não podem fazer nenhum dos dois com qualquer satisfação, e então suas falhas tornam-se matéria de argumento contra eles. Pois, se resolvem colocar-se em um curso mais severo de arrependimento e, consequentemente, começam a pensar em seus pecados, a numerá-los ou a agravá-los, são

geralmente aterrorizados pela empreitada, devido à aparência hedionda deles; não podem, não ousam pensar neles; o vislumbre mais remoto deles é terrível para uma consciência aterrorizada: o levantá-los novamente na memória (como o erguer de um fantasma do túmulo) é muito mais assombroso do que a primeira perspectiva deles após a comissão. Tão verdadeiro é o que disse Lutero: "Se um homem pudesse ver o pecado perfeitamente, seria um inferno perfeito". Se eles se dispõem a implorar o perdão por meio de oração fervorosa, estão tão distraídos e confusos na oração que suas orações não lhes agradam; saem do dever mais feridos do que quando começaram. Ou se, em alguma medida, superam estas dificuldades, de modo que oram e confessam suas iniquidades, então forçam uma tristeza ou compunção sobre si mesmos, mas ainda para uma maior insatisfação: pois, pode ser (e isto geralmente acontece em grandes angústias), que não conseguem chorar, nem forçar uma lágrima, ou, se o fazem, ainda julgam que sua dor não é profunda o suficiente, nem de modo algum adequada à grandeza de seu pecado. 4. A tudo isso Satanás às vezes faz uma adição adicional de tribulação, injetando pensamentos blasfemos: aqui ele prepara o enxerto, com a intenção de realizar a enxertia depois.

Quando todas estas coisas estão assim prontas, então vem ele para atear fogo ao rastilho e, assim, tenta explodir a mina. "Não está o teu *coração* endurecido para a destruição eterna? Como podes negar isto? Não te tornaste estúpido e insensível a todos os perigos que estão diante de ti?". (Aqui ele insiste no assombro e na confusão de seu espírito; e é muito natural para aqueles que estão embriagados com os terrores do Todo-Poderoso pensarem que são estúpidos devido à distração de seus pensamentos. Conheci vários que pleitearam esse mesmo

argumento para esse propósito). Satanás prossegue: "Que evidência maior pode haver de um *coração* endurecido do que a impenitência? Não podes prantear o suficiente. Não tens uma lágrima para teus pecados, embora pudesses chorar o suficiente anteriormente por qualquer motivo fútil; ora, não podes sequer orar por perdão. Não é este um *coração* que não apenas não se arrepende, mas que não pode se arrepender? Além disso", diz ele, "conheces os pensamentos secretos de que teu *coração* é cúmplice; não fervem eles em teu peito contra Deus? Não estás pronto para taxá-Lo por lidar assim contigo? O que é esta perversidade senão obdurabilidade desesperada?". E se com tudo isso houver injeções blasfemas, então ele lhe diz que é um caso claro que ele está judicialmente endurecido, visto que já atua o papel dos condenados no inferno. Por todos ou alguns destes enganos, o Diabo frequentemente prevalece tanto com os homens que eles concluíram que seu *coração* é tão obstinado, tão estúpido, que é impossível que venha a ser algum dia amolecido ou trazido a uma estrutura penitencial e, consequentemente, que não há esperança de sua salvação.

Há apenas mais uma coisa (além das ocasiões que ele toma e dos argumentos que utiliza) relativa ao método de Satanás para a obtenção de angústias espirituais, e esta é seu esforço para fortalecer estes argumentos pelo aumento de medos em seus *corações*.

O que Satanás pode fazer ao suscitar medos desconfiados e atormentadores já foi dito, e quão útil isto é para o seu desígnio, mostrarei em alguns pontos, tendo apenas notado primeiro isto em geral: que, assim como seu desígnio nestas angústias é elevado para expressar o auge máximo de sua malícia contra os homens, empurrando-os para o maior dano ao

excluí-los totalmente do menor grau de esperança de felicidade e ao persuadi-los da certeza inevitável de sua miséria eterna; assim ele se esforça, pelas mais fortes impressões de medo, para aterrorizá-los ao grau máximo de assombro pavoroso, e consequentemente os efeitos desse medo são poderosíssimos. Pois:

1. Por este meio, os espíritos dos homens são formados e moldados em uma estrutura mais adequada para a crença e acolhimento das impressões mais sombrias que Satanás pode lhes impor. Pois medos fortes (como o fogo) assimilam tudo à sua própria natureza, fazendo-os inclinar-se naturalmente a receber as interpretações mais negras e desvantajosas de todas as coisas contra si mesmos; de modo que não têm capacidade de dar qualquer outro sentido ao que se lhes depara, senão o pior de todos. Daí, são possuídos por nenhum outro pensamento senão o de que são miseráveis sem remédio, pecadores desesperados, totalmente abandonados por Deus. São trazidos a uma parcialidade tão lastimável contra sua própria paz que não conseguem julgar corretamente qualquer acusação, apelo ou argumento que Satanás traga para prova de sua infelicidade; mas, estando cheios de fortes preconceitos do inferno, pensam que cada sofisma é um argumento forte, cada suposição uma verdade, e cada acusação conclusiva de nada menos que sua condenação eterna. A tal ponto que seus medos fazem mais para derrotá-los do que todas as forças de Satanás. Um som terrível estando em seus ouvidos, sua força lhes falha à aparência de qualquer oposição. Como quando o medo cai sobre um exército, eles lançam fora suas armas e,

por uma vitória fácil, dão as costas às vezes a um inimigo insignificante.

2. Homens assim possuídos pelo medo não apenas recebem em suas próprias entranhas cada arma que Satanás direciona de propósito para ferir e matar suas esperanças, mas, por um tipo estranho de crença, imaginam que tudo é a espada de um inimigo. Tudo o que ouvem ou encontram torna-se veneno para eles, pois pensam que tudo está contra eles: promessas tanto quanto ameaças; misericórdias tanto quanto juízos; e que por todas estas (uma tanto quanto outra), Deus (como com uma espada flamejante que se vira para todos os lados) impede seu acesso à árvore da vida. Bilney, o mártir (conforme Latimer relata em seus sermões), após sua negação da verdade, esteve sob tais horrores de consciência que seus amigos foram forçados a ficar com ele noite e dia. Nenhum consolo servia: se qualquer passagem consoladora da Escritura lhe era oferecida, era como se um homem o atravessasse com uma espada. Nada lhe fazia bem; ele pensava que todas as Escrituras eram contra ele e soavam para sua condenação. Nem é coisa tão rara que os medos formem a *imaginação* em apreensões tão disformes a ponto de pensarmos que tais instâncias sejam apenas singulares e incomuns; mas é um efeito comum do terror, do qual poucos ou nenhum escapam quando sob angústias espirituais. A negridão de seus pensamentos faz toda a Escritura parecer negra para eles: o meio inadequado através do qual olham descolore cada objeto. De modo que o Livro da Vida (como a Sra. Kath. Bretterge, em caso semelhante,

expressou-se sobre a Bíblia) parece não ser nada mais que um livro da morte para eles.

3. Daqui segue-se que nenhum conselho ou aviso pode ter lugar com eles. Medos excessivos removem suas almas para tão longe da paz que eles não acreditarão que haja qualquer esperança para eles, ainda que lhes seja dito. As admoestações mais compassivas e sérias de amigos, os argumentos mais fortes contra o desespero, as descobertas mais claras das esperanças que estão diante deles, etc., pouco efeito surtem; enquanto são faladas (pode ser), parecem aliviá-los um pouco, mas o conforto não permanece com eles, logo se vai. Embora não possam responder aos argumentos trazidos em seu favor, ainda assim não podem crer neles; como se suas almas estivessem agora privadas de todo poder para crer em qualquer coisa para o seu bem. Adequado àquela expressão de Spira, em resposta aos seus amigos que trabalhavam para confortá-lo: "Eu gostaria de crer no conforto, mas não posso; não posso crer em nada senão no que é contrário ao meu conforto". Ora, quando se lhes diz que muitos outros estiveram sob apreensões pavorosas semelhantes de miséria eterna e que foram finalmente confortados (e por múltipla experiência descobrimos que é o maior alívio para almas angustiadas ouvir — e especialmente falar com — alguns que estiveram em caso semelhante; pois isto muitas vezes administrará alguma esperança de que eles também possam ser confortados, quando as promessas mais consoladoras da Escritura lhes são um terror), contudo, isto às vezes não produz o menor alívio, porque alguns estão tão inteiramente possuídos por um

preconceito inalterável contra si mesmos que pensam que ninguém é, ou jamais foi, como eles. Comparam-se a Judas e Caim, e pensam que sua iniquidade é agravada por muitas circunstâncias muito além do nível deles. Assim Spira julgou de si mesmo: "Digo-vos", disse ele, "meu caso é meu próprio, é singular, nenhum há como ele".

4. Embora os medos tornem a alma inativa para qualquer coisa de conforto, porque destroem totalmente sua inclinação e alteram seu viés para a esperança; contudo, pelo contrário, tornam-na muito ágil e ativa para perseguir as conclusões de miséria que ajudaram a formular. Pois a mola de todas as faculdades da alma está curvada para esse lado. Daí resulta que aqueles que estão possuídos por estas agonias pleitearão ansiosamente contra si mesmos e, com uma sutileza admirável, formularão argumentos contra sua paz, cunharão distinções e farão estranhas evasivas para escapar da força de qualquer consolação que lhes possa ser oferecida; seus entendimentos são, por assim dizer, aguçados por seus medos para uma rapidez inimaginável. Quem não se maravilharia ao ouvir as respostas que alguns darão às argumentações de seus amigos que trabalham para confortá-los? Que respostas estranhas Spira deu àqueles que pleitearam com ele? Quão facilmente ele pareceu descartar o exemplo de Pedro negando a Cristo, e aquelas Escrituras que falam do amor de Deus pela humanidade, etc., pode ser visto detalhadamente em sua narrativa.

5. Os medos, por um tipo estranho de feitiçaria, não apenas os fazem acreditar que serão infelizes, mas também acabarão por persuadi-los de que já sentem e veem sua miséria. Quão assombrosamente Spira fala a este propósito? "Descubro que Ele diariamente me endurece mais e mais, eu o sinto". Correspondente a isto (lembro-me), foi o caso de um que esteve longamente aprisionado em profundas angústias: ele me disse que acreditava piamente que a Escritura de *Is 66:24* se cumpria nele: *E de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar perante mim... E sairão, e verão os cadáveres dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror a toda a carne*. Ao seu próprio sentimento, ele tinha os tormentos da consciência, e o senso da ira divina era como um fogo ardente dentro dele; e à sua apreensão, cada olhar de outros era um fitar sobre ele como um monstro de miséria, abominado por toda a carne.

Explicada a natureza das angústias espirituais e o método de Satanás em produzi-las, a última coisa prometida deve agora ser exposta. Esta é:

3. O fardo e o peso destas Angústias, o qual, quão grave e intolerável seja, pode ser suficientemente visto no que já foi dito, e pode ser ainda mais evidenciado nos pontos seguintes.

1. Aqueles que são feridos com estes dardos inflamados geralmente escondem sua ferida a princípio e abafam sua dor, tendo vergonha de declará-la; em parte porque alguma grande transgressão (pode ser) acendeu todo este fogo em seus peitos, e isto eles não estão dispostos

a declarar a outros. Em parte porque suspeitam (embora nenhuma transgressão notável tenha ocasionado estas tribulações) que a descoberta de seu caso os exporá ao espanto e às censuras de todos os que ouvirem falar deles. Por este meio, o fogo queima com maior veemência: sua chaga corre continuamente e, não tendo ninguém que fale uma palavra a seu tempo para o menor alívio, torna-se mais dolorosa e perigosa. Como enfermidades corporais escondidas de um médico por uma modéstia tola aumentam a tribulação e o risco do paciente. Aqui eles têm muitas lutas internas, muitas tentativas de superar seus medos, mas tudo em vão; sentam-se sozinhos e guardam silêncio, fogem da companhia e sociedade dos homens; buscam lugares solitários onde possam chorar com liberdade (se suas lágrimas ainda não secaram), ou ao menos onde possam derramar suas queixas contra si mesmos. Não meditam nada senão sua miséria; não conseguem fixar seus pensamentos em nada mais; *gorjeiam como o grou ou a andorinha e gemem como a pomba*; são como o *pelicano no deserto, como a coruja nas ruínas*, mas ainda sem alívio. São apenas como aqueles que estão enlaçados em covas e casas de prisão; os quais, quanto mais tempo ali jazem, menos paciência têm para suportar a infelicidade presente e menos esperança de serem dela libertos.

2. Quando estão exaustos de conflitos privados e não têm descanso ou intermissão de tribulação, então, finalmente, são forçados a falar; e tendo uma vez começado a abrir suas tribulações, não se importam com quem saiba. Se há algum pecado hediondo na base,

suas consciências são forçadas a confessá-lo: a maldade (que uma vez foi doce em sua boca) tornou-se fel de áspides dentro dele. Assim faz Deus com que os homens vomitem o que haviam engolido. Os terrores afugentam toda a vergonha; eles podem agora falar livremente contra seu pecado, com os maiores agravantes. E se suas consciências não têm um crime hediondo do qual acusá-los em particular, ainda assim, no geral, julgarão e condenarão a si mesmos como os miseráveis mais obstinados, pecaminosos ou endurecidos, justamente marcados com caracteres indeléveis da ira de Deus. Contudo, a angústia torna-se maior se eles verdadeiramente se acusam de qualquer pecado particular; esse vômito não ocorre sem uma violência oferecida à natureza, que de outro modo cobriria sua vergonha. Não pode ser feito sem náusea, esforço e tortura; e quando é feito, eles dão como certo que todos passam o mesmo julgamento sobre eles que eles mesmos passam. E o falar frequente confirma suas mentes em suas expectativas temíveis. Pois aquilo que os homens se acostumam a afirmar, nisso creem com mais confiança. Se apenas se queixam de si mesmos no geral, com intenções de obter piedade (como é usual para os angustiados fazer), ainda assim, enquanto clamam a outros: "Não vos importa isto, a todos vós que passais pelo caminho? Há dor como a minha dor?", etc., ainda pensam que seu golpe é mais pesado que seu gemido, e seu clamor a outros fixa fortemente esta apreensão em si mesmos de que ninguém pode ser mais miserável do que eles. Assim são trazidos à condição de

Jó (*Jó 16:6*): *Se eu falar, a minha dor não se cessa; e, se me calar, qual é o meu alívio?*

3. Durante todo este tempo, eles estão sob um senso inexprimível da ira divina. Hemã fala de suas apreensões sobre ela sob a similitude do mais hediondo, sombrio e desolado aprisionamento (*Sl 88:6*): *Puseste-me no abismo mais profundo, em trevas e nas profundezas*. Davi, no *Sl 116:3*, compara-a às dores da morte e (o ponto mais alto que os pensamentos humanos podem alcançar) às dores do inferno: *Os cordéis da morte me cercaram, e angústias do inferno se apoderaram de mim; encontrei aperto e tristeza*. Bem poderiam eles assim julgar, consideradas todas as coisas, pois o pecado (que então pesa sobre eles) é um grande peso, um fardo (diz Davi) maior do que posso suportar; especialmente quando é pressionado por uma mão pesada: *a tua mão sobre mim pesou*. O pecado faz a maior ferida, considerando que a consciência, que é por ele ferida, é a parte mais tenra e de senso requintado. (Daí a dor disso ser comparada à dor de uma úlcera corrosiva que enferma todo o corpo: *As minhas chagas cheiram mal e estão corruptas; de noite a minha mão se estendeu e não cessava*) Ou à dor de ossos quebrados e estilhaçados (*Sl 38:3*): *Não há coisa sã na minha carne, por causa da tua indignação; nem há paz em meus ossos, por causa do meu pecado*). O instrumento também que faz a ferida é afiado e corta fundo (é *mais afiado que uma espada de dois gumes*); mas quando a arma está envenenada (e Satanás tem um modo de fazer isso), então ela queima, causando inflamações malignas e dolorosas. A ira de Deus

expressa à consciência traz o maior terror; *Quem conhece o poder da tua ira?* (*Sl 90:11*). É impossível para a consciência mais trêmula, ou para os medos mais zelosos, chegar aos limites extremos dela, nem podemos apreender qualquer tortura maior; o potro, torturas, fogo, forcas, etc., nada são comparados a ela. Daí resulta que aqueles que tinham medo de sofrer pela verdade, quando por este meio foram trazidos sob estas angústias, podiam então estar dispostos a sofrer qualquer tormento no corpo; sim, e desejar cordialmente sofrer muito mais, contanto que estas torturas pudessem terminar. Assim foi com o mártir Bainham, que na congregação pública lamentou sua abjuração da verdade e rogou a todos os seus ouvintes que antes morressem de imediato do que fizessem o que ele fizera. Mas o caso de Spira parece quase além da crença; assim fala ele a Vergerius: "Se eu pudesse conceber apenas a menor centelha de esperança de um estado melhor no porvir, não recusaria suportar o peso mais pesado da ira daquele Grande Deus, sim, por vinte mil anos, para que pudesse finalmente atingir o fim dessa miséria". Que agonias pavorosas eram estas, que o levavam a tais desejos? Mas é menos de espantar se observarmos que apreensões ele tinha de sua tribulação presente: ele a julgava pior que o próprio inferno. (E se desejardes uma exposição vívida da expressão de Davi, *as dores do inferno*, etc., podeis buscá-la nesta instância). "Meu estado atual", diz ele, "eu agora considero pior do que se minha alma (separada do meu corpo) estivesse com Judas e o resto dos condenados; e, portanto, desejo antes estar lá do que assim viver no

corpo". De modo que, se imaginardes um homem esmagado sob o maior peso, ferido nas partes mais tenras, e essas feridas provocadas pelos corrosivos mais agudos, seus ossos todos desconjuntados e quebrados, definhado também pela fome e sede, e nesse caso posto sob as maiores torturas; ainda assim tereis apenas uma sombra da ira divina. Adicionai a tudo isso (conforme o desejo de Spira) vinte mil anos do próprio inferno, e ainda tudo é nada para o que uma mente angustiada supõe; enquanto a palavra *Eternidade* apresenta à alma a soma total da miséria máxima, tudo de uma vez. Oh, fardo inexprimível de uma mente angustiada! Quem pode entendê-lo verdadeiramente, senão aquele que o sente? Quão terrivelmente é a mente do homem abalada por terrores, como o deserto por um vento impetuoso! O qual não apenas produz movimentos violentos, mas também ruído hediondo, murmúrio e uivo.

4. Este fardo sobre a mente força a língua a desabafar sua dor no acento mais triste de clamores lamentosos; toda a sua linguagem é lamentação; mas quando os espasmos de suas agonias vêm sobre eles (pois suas angústias têm suas crises), então falam na amargura de suas almas. "Oh!", disse Bainham, "eu não desejaria, por todo o bem do mundo, sentir tal inferno em minha consciência novamente". Uma pessoa (mencionada anteriormente) nestas angústias clama: "Ai, ai, ai! uma mulher lamentável, miserável, abandonada!". Certamente faria os cabelos de um homem se arrepiarem de pavor ouvir Spira rugindo aquela sentença terrível: *Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo*. Ou ouvir sua resposta àquele que falava de

sua estada em Veneza: "Ó dia maldito!", diz ele, "Ó dia maldito! Oxalá eu nunca tivesse ido para lá, prouvera a Deus que eu tivesse então morrido!", etc. Clamores semelhantes teve Davi frequentemente (*Sl 22:1*): *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te afastas do meu auxílio e das palavras do meu bramido?* E Hemã (*Sl 88:14*): *Senhor, por que rejeitas a minha alma? Por que escondes de mim a tua face?* É verdade que as palavras de Davi e Hemã possuem uma complexão melhor que aquelas outras mencionadas por último, mas sua inquietude de *coração* parece (às vezes) ter impelido suas expressões com violência impetuosa; como aquelas passagens parecem dizer (*Sl 38:8*): *Tenho bramado por causa do desassossego do meu coração*. (*Sl 32:3*): *Envelheceram os meus ossos pelo meu bramido todo o dia*. (*Jó 3:24*): *Os meus gemidos se derramam como água*. Se suas lamentações se transformaram em bramidos, e esses bramidos foram como o romper de uma inundação, e essa inundação de tão longa continuidade que secou o tutano dos ossos, podemos seguramente imaginar que eles não estavam tão à vontade para ordenar suas palavras, mas que suas línguas poderiam falar naquele dialeto que é próprio do assombro e da angústia.

5. Embora a mente seja a sede principal destas tribulações, o corpo não pode ser isento de uma coparticipação nestas dores. Não obstante, isto está longe de abrandar a tribulação; antes a aumenta por uma circulação. As dores do corpo, contraídas pela tribulação da mente, são comunicadas novamente à fonte de onde vieram e reciprocamente aumentam a inquietude da mente. O

corpo é enfraquecido, sua força derramada como água; murcham como a erva; definham como a pele, tornam-se como *odre na fumaça*. Assim Davi frequentemente se queixa (*Sl 22:14*), descrevendo-se como reduzido a um esqueleto: *Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; o meu coração é como cera, derreteu-se no meio das minhas entranhas. A minha força se secou como um caco, e a língua se me pega ao paladar; e me puseste no pó da morte*. Nem é este o seu caso peculiar, mas o efeito comum das angústias espirituais (*Sl 39:11*): *Quando castigas o homem, com repreensões por causa da iniquidade, fazes com que a sua beleza se consuma como a traça*.

6. Estando assim angustiados por suas almas, eles lançam fora todo o cuidado com seus corpos, propriedades, famílias e todas as suas preocupações externas quaisquer que sejam. E não é de admirar, pois estando persuadidos de que fizeram naufrágio de suas almas, julgam que o restante não vale a pena ser salvo.

7. Dando tudo por perdido, costumam buscar algum alívio para suas mentes procurando pelos graus mais baixos de miséria; ouvindo ou supondo que nem todos são atormentados da mesma forma, esforçam-se por persuadir-se de um inferno mais brando. Isto, se pudessem alcançá-lo, seria um pobre conforto e pouco para sua satisfação; mas, por mais pobre que seja, geralmente lhes é negado, pois enquanto se julgam os maiores pecadores, não podem senão adjudicar a si mesmos os maiores tormentos. E estes esforços sendo frustrados, retornam para si mesmos (agora sem

esperança do menor alívio) pior do que antes. Agora fixam-se nas profundas contemplações de sua miséria: "Oh", pensam eles, "quão grande teria sido nossa felicidade se tivéssemos sido feitos sapos, serpentes, vermes ou qualquer coisa exceto homens! Pois então nunca teríamos conhecido esta infelicidade". E isto gera mil desejos vãos. "Oxalá nunca tivéssemos nascido! Ou que a morte pudesse nos aniquilar! Ou que, assim que tivéssemos nascido, tivéssemos morrido!". (Como fala Jó, *Jó 3:11-12*): *Por que não morri eu desde a madre? E por que não expirei vindo do ventre?* "Pois então não teríamos contraído tanta culpa. Ou que as montanhas e colinas pudessem cair sobre nós e nos cobrir da face do nosso Juiz".

8. Quando todas as suas esperanças são assim despedaçadas e (como um náufrago em uma prancha) são continuamente derrubados por novas ondas, todos os seus esforços sendo ainda frustrados, parece-lhes que não podem mais resistir; então desistem de todas as investigações posteriores e do uso dos meios; recusam-se a orar, ler, ouvir. Percebem (como disse Spira) que oram para sua própria condenação e que tudo é inútil. Estão *cansados do seu gemido* (*Sl 6:6*). Seus olhos falham de tanto olhar para cima; seus joelhos estão débeis, suas mãos pendem. E como Hemã (*Sl 88:4-5*), contam-se com os que descem à cova, *livres entre os mortos, como os feridos que jazem na sepultura, dos quais Deus não se lembra mais*. Assim jazem sob o seu fardo e, enquanto o acham tão difícil de suportar, é comum chegarem ao ponto máximo do desespero (Satanás sugerindo e impulsionando-os). Às vezes

abrem suas bocas com queixas contra Deus e blasfemam. E (como a última parte da tragédia), estando cansados de si mesmos, buscam pôr um fim à sua miséria presente pondo um fim às suas vidas.

Apresentei-vos os estratagemas de Satanás contra a paz dos filhos de Deus. Os remédios contra estas e outras sutilezas de nosso grande inimigo não vos oferecerei, porque muitos outros já o fizeram, a cujos escritos devo remeter-vos. Apontei algumas direções principais pelo caminho e, no geral, fiz isto para ajuda dos tentados: esforcei-me por mostrar-lhes os métodos do tentador, o que não é pequena ajuda para preservar os homens de serem assim enganados e para recuperar do seu laço aqueles que já estão. É um grande preservativo contra a doença, e vantagem não pequena para a cura, ter uma descoberta da enfermidade e das causas dela. Concluirei estas descobertas com uma cautela ou duas.

1. Que ninguém pense pior da prática séria da estrita santidade na religião porque estas angústias espirituais às vezes ocorrem àqueles que são conscientemente cuidadosos nos caminhos de Deus, enquanto os professores profanos e negligentes são estranhos a tais provações. Estas tribulações são, de fato, muito tristes; mas um estado insensível e descuidado é muito pior. Estas tribulações frequentemente terminam de forma muito confortável, ao passo que o outro estado termina (exceto se Deus os tornar sensíveis, pela convicção de seu pecado e perigo) naquela miséria real, cujos medos ocasionam estas dores aos filhos de Deus. E o perigo das tribulações espirituais não é tão grande quanto o de um *coração* endurecido (antes, Deus frequentemente

faz uso delas para prevenir a ruína eterna); pois para cada um que vai rugindo para a cova, há milhares que vão rindo para o inferno.

2. Que ninguém despreze ou escarneça destes juízos tremendos. É muito comum entre os homens, ou atribuir as tribulações espirituais à melancolia — como se ninguém jamais estivesse assim preocupado, exceto aqueles que, por excessiva seriedade na religião, tornaram-se loucos (um belo pretexto para o descuido) — ou a uma dissimulação lamuriosa. Sobre o primeiro ponto, já disse algo antes; e quanto ao último, responderei apenas com as palavras de Spira a um que lhe objetou hipocrisia: "Eu sou um náufrago, um vaso de ira, e ainda ousais chamá-lo de fingimento e frenesi, e podeis zombar do exemplo formidável da pesada ira de Deus, que deveria ensinar-vos temor e terror?". Mas é natural à carne falar (seja por malícia ou ignorância) perversamente da obra de Deus.

3. Que ninguém tenha medo deste Golias, que o *coração* de ninguém desmaie por causa dele. Um medo de cautela e diligência para evitar seus laços é um dever necessário (*Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, etc.*), mas um medo desanimador e desconfiado é um reflexo desonroso sobre o poder e as promessas de Deus para nos ajudar, e sobre o Capitão de nossa salvação, que vai adiante de nós. Mantenhamos a prática da santidade e não tenhamos medo. *O Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés*. Amém.

A TERCEIRA PARTE
Contendo um relato do combate entre Cristo e Satanás, em Mt 4.

Onde a profunda astúcia de Satanás, ao gerir essas tentações, é exposta como o grande exemplo da soma de sua política em todos os seus ataques aos homens; levando a uma consideração de muitas tentações em particular e de direções especiais para a resistência.

CAPÍTULO I.
A primeira circunstância do Combate. O tempo em que ocorreu. As duas Estações Solenes de Tentação. As Razões para isso.

Considerarei aqui a grande tentação à qual aprouve ao nosso Senhor Cristo submeter-se, como um exemplo famosíssimo para confirmação e ilustração da Doutrina das Tentações já tratada.

O primeiro versículo estabelece várias circunstâncias notáveis deste combate, todas elas matéria de peso e valor. A saber:

Primeiro, o *Tempo* em que isso ocorreu; não como uma emergência solta e acidental, mas como algo particularmente escolhido tanto por Deus quanto por Satanás, sendo o mais apto e próprio para o desígnio que cada um deles estava realizando. Isso é expressamente notado em *Mt 4:1*: *Então foi Jesus levado*; mas mais plenamente em *Mc 1:12*: *E logo o*

Espírito o impeliu para o deserto. Isso nos direciona manifestamente a esperar algo digno de nossa observação nessa circunstância. Nem podemos ignorá-lo, quando as coisas para as quais isso nos aponta são relatadas tão plenamente logo antes. Pois encontramos em ambos os evangelistas (que falam tão exatamente do tempo dessas *tentações*) que Cristo foi batizado por João; isso foi para o cumprimento da justiça de seu ofício. Assim como os sacerdotes sob a Lei, ao completarem trinta anos, entravam em sua função por meio de lavagens (ou batismos) e unções; assim Cristo (para que pudesse corresponder ao seu tipo), começando a ter cerca de trinta anos de idade, foi solenemente inaugurado no grande ofício da mediação pelo batismo e pela extraordinária descida do Espírito Santo, pelo qual ele foi ungido com o óleo de alegria acima de seus companheiros. A essa instalação solene, o Pai acrescenta um testemunho honroso a seu respeito: *Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo*. Imediatamente após isso, ele foi levado ao lugar do combate. Daqui podemos inferir:

Que nossa entrada em um serviço especial para Deus, ou o recebimento de um favor especial de Deus, são duas *estações solenes* das quais Satanás se utiliza para a *tentação*. Frequentemente, essas duas estações se encontram na mesma pessoa, ao mesmo tempo. Paulo, após seu arrebatamento ao terceiro céu, o qual (como alguns concebem) ocorreu também ao iniciar seu ministério, foi esbofeteado pelo mensageiro de Satanás.

Às vezes, essas duas estações estão separadas; contudo, ainda se pode observar que o Diabo as vigia. Quando qualquer servo de Deus está para se engajar em qualquer emprego particular,

ele estará sobre ele. Ele atacou Moisés por meio de perseguição, quando este foi chamado pela primeira vez para libertar Israel. Assim que Davi foi ungido, imediatamente Satanás enfureceu as mentes de Saul e de seus cortesãos contra ele. Isso era tão comum com Lutero que ele, por fim, chegou a isto: antes de qualquer serviço eminente, ele constantemente esperava ou uma crise de enfermidade, ou os bofetões de Satanás. Ele não é menos zeloso em seus ataques quando qualquer filho de Deus esteve sob favores ou desfrutes peculiares: a Igreja, após um alto entretenimento com Cristo, é prontamente vencida por uma indisposição descuidada e sonolenta.

Embora isso possa parecer estranho, a dureza de tal providência por parte de Deus, e a ousadia da tentativa por parte de Satanás, podem ser muito atenuadas pela consideração das razões para isso.

Primeiro, da parte de Satanás: não é grande maravilha ver tal empreendimento quando consideramos sua fúria e *malícia*. Quanto mais recebemos de Deus, e quanto mais temos a fazer por Ele, mais ele nos maligna. Tanto quanto Deus é bom, tanto mais o olho dele é mau.

Segundo, há (em casos como estes) várias vantagens que (por nossa fraqueza e imperfeição) somos propensos demais a lhe dar; e por estas ele fica à espreita.

Como, primeiro, a *segurança*. Somos propensos a nos tornar orgulhosos, descuidados e confiantes após ou durante tais serviços e favores; assim como os homens tendem a dormir ou a se fartar após uma refeição completa, ou a se esquecerem de si mesmos quando são elevados à honra. A grande paz e

abundância de Jó o tornaram (como ele confessa) tão confiante que concluiu que morreria em seu ninho. Davi, desfrutando do favor de Deus em medida mais que ordinária (embora estivesse mais familiarizado com vicissitudes e mudanças do que a maioria dos homens), torna-se seguro nesta apreensão de que nunca seria abalado. Mas ele reconhece seu erro e deixa registrado como uma experiência necessária para que outros tomem aviso, que quando ele se aquecia sob os raios da face de Deus, então ele era propenso a cair na *segurança*. E (parece que isso era usual com ele em todos os casos assim) quando ele estava mais seguro, estava mais próximo de algum problema ou inquietação: *Escondeste o teu rosto* (e então, certamente, o Diabo mostrará o dele) *e fiquei perturbado*. Os desfrutes geram confiança; a confiança produz descuido; o descuido faz Deus se retirar e dá oportunidade a Satanás para agir sem ser visto. E assim, como exércitos que, após a vitória, tornam-se seguros e são frequentemente surpreendidos, assim somos nós frequentemente derrubados após nossos avanços espirituais.

Segundo, o *desencorajamento* e a tergiversação são outras coisas pelas quais o Diabo vigia. Por seus ataques, ele representa o dever como difícil, tedioso, perigoso ou impossível, de propósito para nos desencorajar e nos fazer recuar. Assim que Paulo se engaja no Evangelho, o Diabo cai sobre ele, sugerindo perigos que sabia serem mais prevalentes em nossas naturezas frágeis; se ele não estivesse atento a ele e se recusasse a dar ouvidos ao que a carne e o sangue diriam no caso. Quando Deus honrou Moisés com o elevado serviço de libertar Israel, o risco e o perigo da obra fixaram-se tão fortemente em seus pensamentos que ele apresenta muitas desculpas; ora alegando sua incapacidade e insuficiência: *Quem sou eu, para que vá a Faraó?*; ora mencionando a

incredulidade de Israel e uma aparente impossibilidade de satisfazê-los quanto à sua comissão. Depois disso, ele inventa outro estratagema: *Eu não sou eloquente*, no *v. 10*. E quando todos esses subterfúgios foram removidos (Satanás o havia aterrorizado tanto com a dificuldade deste empreendimento), ele tenta fugir de seu dever: *v. 13*. *Envia pela mão daquele a quem hás de enviar*; isto é, poupa-me e envia outro. E até que a ira e o desagrado de Deus se manifestassem contra ele, ele não se submeteu. Em Jonas, a *tentação* foi mais longe. Ele (pelas apreensões mencionadas) fugiu de seu serviço e forçou Deus a convencê-lo por um castigo extraordinário. E quando Satanás não prevalece a ponto de deter totalmente os homens por tais ataques, ao menos ele os desanima e desencoraja, de modo que a obra perde muito daquela glória, excelência e exatidão que um empreendimento pronto e alegre lhe conferiria.

Terceiro: a queda ou o erro dos santos em tais momentos é uma desvantagem mais que ordinária; não apenas para os outros (pois, se puderem ser persuadidos a abandonar sua obra ou a negligenciar o aperfeiçoamento de seus favores, outros serão privados do benefício e ajuda que deles se poderia esperar), mas também para si mesmos. Uma *tentação* prevalecente prejudica-os mais que o comum em tais momentos. A grandeza do desapontamento sob um serviço especial, a negligência indigna e a falta de correspondência a favores especiais são provocações extraordinárias e produzem castigos mais que ordinários, como vemos na aflição de Jonas e no desamparo da Esposa.

Segundo: assim como vimos a razão da agudeza de Satanás em aproveitar essas oportunidades, podemos considerar as razões da permissão de Deus, que são estas:

1. Tentações em tais estações são permitidas para uma prova mais eminente dos íntegros. Por este motivo Jó foi tentado.

2. Para um aumento de diligência, humildade e vigilância. Se esses privilégios e misericórdias não desencorajam Satanás, o que o fará? E se Satanás maligna tão abertamente tais desfrutes, podemos ser despertados para segurá-los com mais força e colocar uma guarda dupla sobre eles.

3. Para um farto suprimento de experiência. A *tentação* é a oficina da experiência. Lutero foi um ganhador tão grande por isso que se tornou capaz de falar às consciências e condições de seus ouvintes de tal modo que os pensamentos de seus corações eram manifestados por sua fala, como se ele tivesse um informante em seus próprios peitos. Daí ele recomendava a oração, a meditação e a *tentação* como requisitos necessários para a formação de um ministro.

Isto pode nos administrar matéria de conselho em ambos os casos mencionados. Se formos colocados em serviços eminentes ou recebermos favores eminentes:

1. Não devemos ser tão seguros a ponto de pensar que Satanás estará dormindo nesse ínterim, ou que estamos além do perigo. Enquanto recebemos bondades, ele está tramando planos e armando *laços*. Com privilégios e misericórdias, esperem exercícios e riscos.

2. Em particular, podemos receber algo de conselho desta consideração em referência a ambos os casos. 1. Se Deus está prestes a nos empregar em qualquer serviço:

(1) Temos pouca necessidade de estar confiantes em nossas habilidades ou desempenho, quando sabemos que as *tentações* nos aguardam. (2) Devemos não apenas ser sensíveis à nossa fraqueza, para que não sejamos confiantes, mas devemos estar apreensivos da força e do poder de Deus para nos conduzir, para que não sejamos desencorajados. (3) Devemos ver nossa oposição, para que possamos ser vigilantes; e, no entanto, devemos recusar dar-lhe o menor lugar de consideração em nossos debates sobre o dever, para que ela não nos desvie do dever ou nos desanime nele. 2. Se aprouver a Deus honrar-nos com favores peculiares: (1) Embora devamos aproveitá-los plenamente, não devemos nos alimentar deles sem temor. (2) Não devemos permanecer no desfrute, nem brincar com o sinal, mas olhar para a tendência de tais favores e aproveitá-los para o dever, como seu fim próprio.

CAPÍTULO II.
A segunda Circunstância: Cristo sendo levado pelo Espírito.

Que parte o Espírito de Deus tem nas Tentações. E sobre correr para a Tentação quando não se é levado a ela.

A segunda circunstância informa como Cristo foi levado ao combate. Em combates solenes e duelos, as pessoas que assumiam a luta eram geralmente levadas ao lugar com grande

solenidade e cerimônia. Cristo, nesta batalha espiritual, é descrito como tendo a condução do Espírito: *Ele foi levado pelo Espírito*, etc. Que Espírito era este é questionado por alguns (embora por uma diligência desnecessária e oficiosa demais), mas não precisamos nos deter muito nisso se considerarmos a frase dos evangelistas, que mencionam o Espírito sem qualquer nota de distinção (a qual, por necessidade, teria sido adicionada se pretendesse o seu próprio espírito como homem, ou o espírito maligno, Satanás), direcionando, assim, a entendê-lo como Aquele a quem a palavra Espírito é mais peculiarmente atribuída, a saber, o Espírito Santo. Ou, se observarmos a conexão estreita em Lucas entre aquela expressão de Cristo estar *cheio do Espírito Santo* e o seu ser *levado pelo Espírito*, estará fora de controvérsia que o Espírito Santo é aqui pretendido. Daí Beza traduziu mais plenamente: *Jesus, estando cheio do Espírito Santo, foi levado*, *eodem Spiritu*, pelo mesmo Espírito; e o siriaco em Mateus não duvida em expressá-lo pelo Espírito Santo. E o que mais se poderia imaginar? Quando neste texto o Espírito que o levou e o Diabo que o tentou são mencionados em oposição tão direta. *Ele foi levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo Diabo*. A maneira de ele ser levado para lá é expressa por palavras que significam (embora não um arrebatamento externo como o de Filipe) uma forte moção interna e impulso sobre ele. *O Espírito o impeliu*, diz Marcos. *O Espírito o guiava*, diz Lucas, usando a mesma palavra pela qual a Escritura em outros lugares expressa o poder do Espírito sobre os filhos de Deus, de quem se diz serem guiados por Ele.

Daqui note-se: que o Espírito de Deus tem uma mão nas *tentações*. Cristo foi levado pelo Espírito para ser tentado. Isto não deve ser entendido como se Deus propriamente tentasse

alguém ao pecado, seja atraindo seus corações ao mal, ou movendo e sugerindo coisas ímpias às suas mentes, ou infundindo inclinações malignas, ou por qualquer conformidade própria com Satanás para nos minar e iludir por qualquer traição ou engano; nada disso pode ser imaginado sem aparente derrogação à santidade de Deus, que a ninguém tenta, nem pode Ele ser tentado pelo mal. Mas o que devemos entender pelo Espírito Santo envolver-se em *tentações* está incluído nestes pontos:

1. Deus dá comissão a Satanás, sem a qual sua mão estaria selada sob uma impossibilidade de estendê-la contra qualquer pessoa.

2. Oportunidades e ocasiões dependem de Sua providência, sem a qual nada acontece. Nem nós, nem qualquer outra coisa, fazemos ou podemos nos mover sem Ele.

3. O Espírito supervisiona a *tentação* quanto à medida e continuidade; a extensão e a largura dela são ordenadas por Ele.

4. O desfecho e as consequências de cada *tentação* estão sob Sua designação; as formas de sua atuação para nosso exercício, humilhação ou convicção, ou para qualquer outro bem e vantagem, pertencem todas à Sua determinação.

De modo que não é impróprio afirmar que Deus e Satanás concorrem na mesma *tentação*, embora os modos de proceder, com os alvos e intenções de ambos, sejam diretamente diferentes e contrários. Daí a *tentação* de Davi, em *2Sm 24:1* e

1Cr 21:1, ser atribuída, sob diferentes aspectos, tanto a Deus quanto a Satanás.

Esta nota é útil para remover aquelas interpretações duras que pobres cristãos tentados encontram, comumente, daqueles que não tocaram seus fardos com o menor de seus dedos. Os homens são propensos, nestes casos, a julgar:

1. Os caminhos da religião como sendo caminhos (ao menos na prática mais séria e rígida deles) de risco e perplexidade intoleráveis; e apenas por uma observação de que aqueles que mais se dedicam a uma observância verdadeira e estrita do dever e do mandamento costumam queixar-se de *tentações* e expressar, às vezes, seus medos e angústia de coração sobre elas. "Isto é a vossa leitura, o vosso orar e o vosso ouvir. Tal pregação", dizem eles, "leva os homens ao desespero e à inquietação perpétua". E, no todo, concluem ser perigoso ser religioso acima da média comum daqueles que a prosseguem em uma indiferença lenta e descuidada.

2. Semelhante severidade de censura usam em referência ao estado espiritual do tentado, como se fossem vasos de Seu ódio e como se tivessem sido por Ele entregues ao poder deste *javali da floresta* para devorar e despedaçar. Todo tipo de angústia é suscetível ao pior dos julgamentos errôneos de mentes malévolas. Os sofrimentos de Cristo produziram este escárnio censurador: *Livre-o Deus, se o quer*. As tribulações de Davi facilmente induziram seus adversários a concluir que Deus o havia abandonado e que não havia ninguém para livrá-lo. Mas em tribulações desta natureza (onde

especialmente há queixas assustadoras contra si mesmos), os homens são mais facilmente levados a ser peremptórios em suas determinações pouco caridosas a respeito deles. Porque a tribulação em si é algo raro e apto a gerar impressões hediondas; e, além disso, o desabafo que as partes aflitas dão ao lamentarem seu estado, na esperança de se aliviarem, é tomado apenas como um testemunho contra si mesmos e os ecos indubitáveis de seus sentimentos reais.

3. Seus pecados são, por este motivo, mal julgados e aumentados. Tribulações incomuns, com a apreensão comum, argumentam pecados incomuns. A víbora na mão de Paulo tornou os bárbaros confiantes de que ele era um homem de culpa e maldade mais que ordinárias. A doença de Davi foi suficiente para dar aos seus inimigos ocasião de suspeitar que era a punição de alguma grande transgressão. *Uma doença má*, dizem eles, *se lhe pegou*. Aqueles que foram esmagados pela queda da torre de Siloé, e aqueles cujo sangue Pilatos misturou com seus sacrifícios, foram julgados os maiores pecadores. Mas em *tentações* internas, esta confiança no julgamento errado é em todos os sentidos aumentada; e supõe-se que aqueles que são mais molestados deram mais lugar a Satanás.

4. As *tentações* são também mal julgadas como sendo piores do que são. Elas são, de fato, coisas a serem temidas, mas não são propriamente de uma consideração assombrosa, espantosa ou desesperadora, como os homens costumam pensar ao verem a atuação delas à distância.

Contra todas essas suposições injustas, os pobres servos aflitos de Cristo podem ter alívio desta verdade em mãos: que o Espírito Santo de Deus tem uma mão nas *tentações*; e, portanto, é impossível que em todos os lugares elas tenham tal significado. Se elas não fossem de modo algum úteis para a glória de Deus no exercício gracioso de Seus filhos, o Espírito de sabedoria e santidade não teria de modo algum uma mão nelas. Se, sob os ataques de Satanás, encontrardes aqueles que, por tal dureza de censura, agravariam vossas tribulações e assim entristeceriam aqueles a quem Deus entristeceu, podeis ousadamente apelar deles para Aquele que julga retamente. E, de fato, se os homens apenas considerassem, no caso mais triste desta natureza, ou: 1. O fim do Senhor ao permitir *tentações*, o qual (se visto) daria uma alta justificação de Seu trato e forçaria os homens a aplaudir e magnificar Sua sabedoria, em vez de censurá-la. Ou: 2. Se pudessem apenas ver os caminhos secretos do suporte de Deus. Como Ele atua Sua parte, segurando-os pela mão, agindo contra Satanás e confundindo-o sob o exercício de sua mais alta malícia; e também nos caminhos de Sua preservação e livramento. Ou: 3. Se a inocuidade das *tentações*, quando seu aguilhão é retirado, fosse pesada, os homens mudariam de ideia tão prontamente quanto os bárbaros mudaram quando viram a víbora não causar o dano que supunham em Paulo; e veriam causa para ficarem maravilhados com os artifícios de tanto poder e sabedoria, que podem transformar estas coisas em fins e usos totalmente diferentes daqueles que elas, por si mesmas, parecem ameaçar.

Esta consideração expressará ainda mais sua utilidade em nos confortar sob as *tentações*. Poderia ter sido o grande desencorajamento de Paulo que, em sua defesa perante Nero, ninguém estivesse com ele; mas este foi o seu suporte: que

Deus estava com ele. Semelhante encorajamento temos sob todos os ataques de Satanás: que não somos deixados a nós mesmos, mas o Espírito de Deus está conosco; e que Ele se envolve com o desígnio de supervisionar e governar Sua obra, e de colocar um freio nele quando houver necessidade. De modo que ele não pode tentar como quer, nem quando quer, nem no que gostaria, nem pelo tempo que desejaria; mas que, em todos os casos, podemos confiar no grande Mestre-Arquiteto para alívio, ajuda, mitigação ou livramento, conforme a necessidade.

No fato de os evangelistas não dizerem que Cristo se lançou em uma *tentação*, nem que foi empreendê-la até que fosse levado a ela, notamos: que, qualquer que seja a vantagem de uma *tentação* pela ordenação do Espírito, ou que segurança contra o perigo possamos prometer a nós mesmos por esse motivo, ainda assim não devemos correr para as *tentações*, embora devamos nos submeter quando somos devidamente levados a elas. As razões desta verdade são estas:

1. Há tanto da natureza do mal nas *tentações* que elas devem ser evitadas, se possível. Elas podem ser boas acidentalmente (isto é, além de sua natureza e tendência própria) pela mão governante de Deus; mas sendo em sua própria constituição natural más, é inconsistente com a natureza humana desejá-las como tais.

2. Correr para elas seria uma perigosa *tentação* de Deus (isto é), fazer uma prova ousada e presunçosa (sem chamado) para ver se Ele estenderá Seu poder para nos resgatar ou não. Ora, aquele que corre para uma *tentação* não tem promessa de ser dela liberto. E, além disso, corre para uma provocação tão desesperada que,

com toda a probabilidade, fracassará nela, como uma justa punição de sua temeridade.

Mas pode-se indagar: quando os homens correm (sem serem chamados e) injustificadamente para a *tentação*? Respondo: de muitas maneiras. Como:

1. Quando os homens se envolvem no pecado e na maldade aparente nas obras da carne. Pois nunca se pode imaginar que o Deus Santo, por Seu Espírito, chamaria alguém para tais coisas que Sua alma abomina.

2. Quando os homens correm para as ocasiões e causas visíveis e aparentes do pecado. Isto é como um homem ir a uma casa de pestilência; assim fazem aqueles que, embora não planejem ser atores no mal, dão sua companhia e apoio a pessoas realmente engajadas no mal.

3. Quando os homens, desnecessariamente (sem a condução de um mandamento ou a pressão de uma providência inevitável), colocam-se (embora não em oportunidades visíveis e certas, contudo) em ocasiões e *laços* perigosos e arriscados. Pedro não tinha missão no pátio do Sumo Sacerdote; sua curiosidade o levou para lá; ele poderia facilmente ter previsto um *laço* provável; mas, colocando-se confiantemente à frente, onde seu perigo era maior que seu negócio, ele correu para a *tentação* e, consequentemente, caiu. O mesmo fez Diná, quando fez um passeio desnecessário para ver as filhas da terra, onde encontrou seu pecado e vergonha. Nem agem de outro modo aqueles que ousam aventurar-se

em famílias (enquanto ainda estão livres e podem dispor de si mesmos de outra forma) onde veem que *laços* e *tentações* serão colocados diante deles. O caso, de fato, é diferente para aqueles que estão sob o compromisso necessário de uma relação, natural ou voluntária (se for antecedente ao risco), de viver em tais lugares ou vocações; eles têm uma promessa maior de preservação do que outros podem reivicar.

4. Correm para a *tentação* aqueles que se aventuram aparentemente além de suas forças e se colocam em ações boas ou inofensivas, desproporcionalmente às suas habilidades. O apóstolo dá o exemplo na abstinência matrimonial, *1Co 7:5*, a qual ele adverte que não seja assumida em uma aventura descuidada, por medo de uma *tentação*; e por isto podemos julgar outras coisas de natureza semelhante.

5. São também culpados aqueles que planejam uma aventura até os limites máximos da liberdade lícita. Aqueles que têm mente para testar conclusões, quão perto podem fazer suas aproximações ao pecado e ainda manter-se longe da contaminação; tais que dividiriam um fio de cabelo entre o bem e o mal, têm, no máximo, a largura de um fio de cabelo entre eles e o pecado; mas quão facilmente são levados para o outro lado. Como um homem que caminha na borda extrema da margem de um rio, muitas vezes encontra solo oco e um escorregão perigoso antes que perceba.

6. Aqueles também podem ser contados no número dos que correm para o seu perigo, que saem sem suas armas e esquecem, em meio aos perigos diários, os meios de

> preservação. Tomé, por sua negligência, deslizou para uma incredulidade maior que a do restante dos apóstolos. O coração desatento de Davi foi facilmente ferido pela informação que seus olhos lhe trouxeram. Aqueles que desejam pleitear sua inocência contra a *tentação* precisam carregar suas armas e preservativos sempre consigo.

Esta verdade é uma cautela suficiente contra a temeridade precipitada daqueles que se engajam apressadamente em questões de *tentação*. Assim como a observação anterior nos disse que as *tentações* não devem ser temidas, esta também diz que não devem ser desprezadas. O comportamento dos filisteus quando a Arca veio entre eles é matéria de imitação para nós. Podemos tremer justamente quando ouvimos de sua aproximação; mas nosso risco deve ser a pedra de amolar de nossa coragem; e nosso perigo deve nos levar a resoluções de uma resistência mais robusta, para que possamos nos portar como homens.

O apóstolo, em *Gl 6:1*, parece sugerir (quando diz àqueles que eram mais severos e descuidados com os outros que eles também podem ser tentados) que o melhor dos homens pouco sabe que mudança uma *tentação* pode operar neles; uma pequena *tentação* pode ser forte demais para eles e pode levá-los ao que nunca pensaram; ora, pode derrubar a mais forte de suas resoluções e quebrar seus propósitos como um fio na chama. Assim aconteceu com Pedro, que foi rapidamente vencido por aquilo que, com tanta confiança, havia subestimado.

CAPÍTULO III.
A Terceira Circunstância: o lugar do Combate. A vantagem dada às Tentações pela Solidão.

> *A terceira circunstância (a ser considerada a seguir) é o lugar deste combate, o deserto. Indagar o que ou onde era este deserto é não apenas impertinente e inútil (quanto a qualquer coisa que possamos observar dele em referência à tentação), mas também uma questão de mera conjectura incerta. Apenas aqueles que desejam entendê-lo como um lugar mais escassamente povoado são expressamente contraditos por Mc 1:13, onde se diz que ele estava com as feras, notando, assim, uma solidão desolada e perigosa, muito remota da sociedade e do conforto humano.*

É muito mais de nosso interesse buscar as razões de sua escolha daquele lugar, ou antes, entre as muitas que são dadas, satisfazer-nos com o que pode ter a maior aparência de verdade. Aqueles que pensam que Cristo, por este meio, planejou mostrar as mudanças e vicissitudes incertas das coisas externas nesta vida; ou apontar para o futuro estado humilde de Sua Igreja no mundo, que ela peregrinaria em um deserto; ou direcionar aqueles que se dedicaram a Deus a se retirarem dos afagos e aliciamentos da terra; com muitos outros toques de instrução e ensinamento desse tipo: eles, digo, que não oferecem outra razão, parecem não atentar para o verdadeiro desígnio da escolha deste lugar, o qual, não obstante, descobre-se evidentemente ter sido feito em vista da *tentação*. *Ele foi*

levado ao deserto para ser tentado. O lugar, então, foi subserviente ao conflito, como o teatro próprio no qual tão grande contenda deveria ser encenada. E se apenas atentarmos para que consideração especial se deveria ter de tal lugar (um deserto uivante e desolado), poderemos facilmente fixar estas razões seguintes:

1. Aprouve a Deus ter um olho na glória da conquista de Cristo, quando em um combate singular ele deveria derrotar o Diabo de modo tão marcante, sem qualquer vantagem mínima de sua parte; não havendo ninguém que pudesse ser o menor suporte ou encorajamento para ele.

2. A condição do lugar deu origem à primeira *tentação*. Pois, no fato de ele ter tido fome em um deserto estéril, deu ocasião a Satanás para tentá-lo mais fortemente a transformar pedras em pão.

3. Na escolha de tal lugar, Deus parece oferecer a Satanás uma vantagem especial na tentação, que era a solidão e o perigo de sua condição presente.

Omitindo as duas primeiras considerações (como não sendo de todo tão úteis, além do que serei levado a falar posteriormente), esta última oferece esta observação:

Que a solidão oferece uma grande vantagem a Satanás na questão da *tentação*. Esta vantagem surge da solidão de duas maneiras:

Primeiro, por nos privar de ajuda. Tão grandes e muitas são as ajudas abençoadas que surgem da sociedade e comunhão daqueles que temem ao Senhor (como conselho, conforto,

encorajamento de suas graças, experiências e orações, etc.), que o *ai* pronunciado àquele que está só não é sem fundamento. Cristãos em uma combinação santa podem realizar mais trabalho e, assim, têm uma boa recompensa pelo seu trabalho. Podem ajudar-se mutuamente quando caem; podem aquecer-se e confortar-se mutuamente; podem também fortalecer as mãos uns dos outros para prevalecer contra um adversário. Aquele, então, que está só, sendo privado destas vantagens, jaz mais exposto ao golpe da *tentação*.

Segundo, a solidão aumenta a melancolia, enche a alma de apreensões sombrias; e, além disso, estraga e altera o temperamento dela de tal modo que ela não apenas está pronta para receber qualquer impressão desvantajosa, mas também se dispõe a levedar e azedar aquelas mesmas considerações que deveriam dar suporte, e a dar uma interpretação ruim a coisas que nunca foram pretendidas para o seu dano.

Isto pode nos alertar a ter cuidado de não dar a Satanás uma vantagem tão grande contra nós como uma solidão desnecessária pode dar. Sei que há tempos e ocasiões que justamente a exigem, para buscar um lugar solitário para a privacidade do dever, ou para lamentações secretas, como Jeremias desejou; ou para evitar o problema e o *laço* que surgem de nossa mistura com uma assembleia de homens traiçoeiros e ímpios. Isto não é mais do que cuidado e vigilância. Mas quando estas razões não urgem, ou algumas de natureza semelhante, mas seja por descontentamento irritadiço ou por um isolamento sombrio, nos retiramos daquelas ajudas e confortos que são necessários para o nosso suporte, fortalecemos as mãos de Satanás contra nós e enfraquecemos as nossas próprias.

CAPÍTULO IV.
A Quarta Circunstância: O fim pelo qual Cristo foi levado ao Deserto.

Santidade, Cargo e Privilégios não isentam da Tentação. Sobre Tentações que não deixam Impressões de Pecado. Como as Tentações de Satanás se distinguem das Concupiscências do nosso próprio Coração.

A Quarta Circunstância foi o *Fim*. Não houve outro desígnio principal no fato de Cristo ter sido levado ao deserto senão para que fosse tentado. Nisto, duas coisas parecem ser motivo de igual espanto.

Primeiro: Por que Cristo se submeteria a ser tentado? Para isto, muitas razões grandes e pesadas podem ser dadas:

1. Assim Cristo foi evidenciado como o segundo Adão e a Semente da Mulher. O fato de ser tentado, e de tal maneira, satisfaz-nos claramente de que ele era homem verdadeiro; e que, nessa natureza, ele era aquele que fora prometido para esmagar a cabeça da serpente.

2. Isto foi um belo prelúdio e penhor daquela conquista final sobre Satanás e da quebra de seu poder.

3. Houve um alvo mais peculiar de Deus, por esses meios de tentação, para qualificá-lo com piedade e poder para ajudar; *porque, naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados* (*Hb 2:18*).

Tendo experiência da tentação em si mesmo, ele se tornou um Sumo Sacerdote misericordioso, apto a compadecer-se de nossas enfermidades.

4. A consequência desta compaixão experimental em Cristo foi uma razão adicional para ele se submeter à tentação: a saber, para que tivéssemos maior consolo e encorajamento na expectativa de um trato terno da parte dele. Daí o apóstolo, em *Hb 4:16*, convida-nos a chegar *confiadamente ao trono da graça* em qualquer tempo de necessidade.

5. Deus parecia ter um fim adicional nisto: dar-nos um exemplo sinalizado e marcante da natureza das tentações, da astúcia de Satanás, de sua impudência e das tentações usuais que podemos esperar; bem como para nos ensinar quais armas são necessárias para a resistência e de que maneira devemos manejá-las.

Segundo: Parece igualmente estranho que Satanás empreendesse algo tão inviável e sem esperança quanto a tentação de Cristo. Que expectativa poderia ele ter de prevalecer contra aquele que foi ungido com o óleo de alegria acima de seus companheiros? Alguns respondem:

1. Que Satanás possivelmente duvidasse se Cristo era o Filho de Deus ou não. Mas falarei da improbabilidade disto mais adiante.

2. Outros atribuem isto à sua malícia, que de fato é grande, e que possivelmente o cegou para um empreendimento desesperado. Mas,

3. Podemos justamente apreender que o poder do pecado sobre Satanás seja tão grande que o force à tentativa ousada de tal maldade. Vemos diariamente que homens ímpios, pela força de seus próprios princípios malignos, são levados inquietamente a atos de pecado, embora conheçam a proibição e não ignorem o perigo ameaçado. Satanás é tão escravo de seus próprios princípios corruptos internos quanto qualquer outro. E qualquer que seja a fúria cega despertada no homem pelo poder de sua concupiscência, podemos muito bem supor o mesmo em Satanás.

4. Há uma mão superior sobre o Diabo, que o inclina, limita e ordena em suas tentações. Ele não pode tentar quando quer, nem sempre o que quer; mas, em suas próprias inclinações malditas e na atuação delas, ele é forçado a ser subserviente aos desígnios de Deus. E, neste particular (qualquer que fosse o fim ou princípio próprio de Satanás), é evidente que Deus realizou um desígnio gracioso para a instrução e consolo de Seus filhos.

Sendo o fim da ida de Cristo ao deserto para que fosse tentado, se considerarmos isto juntamente com a santidade e dignidade de Cristo em relação à Sua pessoa e ofício, podemos notar:

Que nem a altura do privilégio, nem a eminência do cargo, nem a santidade da pessoa desestimularão Satanás de tentar, ou protegerão alguém de seus ataques. O melhor dos homens, nos mais altos alcances, pode esperar tentações. A própria graça não os isenta.

Pois, primeiro: nenhum desses privilégios em nós, nem eminências de graça, carecem de matéria para fixar uma tentação. As fraquezas do melhor dos homens são tais que uma tentação não se torna improvável quanto ao sucesso por causa de suas graças. Pelo contrário, há ocasiões e inclinações especiais neles para encorajar tentações de orgulho e negligência. Ele não encontrou nada em Cristo que oferecesse a mínima probabilidade de prevalência; mas no melhor dos homens, em seu melhor estado, ele pode encontrar algum encorajamento para suas tentativas.

Segundo: nenhum de nós está além da necessidade de tais exercícios. Não se pode dizer que não precisamos deles, ou que não possa haver fins santos pelos quais Deus os permita e ordene para o nosso bem. As tentações (conforme estão na disposição de Deus) são um *remédio* espiritual necessário; o desígnio delas é humilhar-nos, provar-nos e fazer-nos bem no fim. Nada produzirá mais cuidado, vigilância, diligência e temor em um *coração* gracioso do que o senso do desígnio de Satanás contra ele. Nada impele mais o homem à oração, ao suspiro por Deus, ao desejo de ser dissolvido e à corrida para Cristo do que as perseguições problemáticas e aflitivas de Satanás. Nada afasta mais os homens do amor ao mundo e os leva ao deleite nas ordenanças de Deus do que a tribulação que aqui lhes sobrevém inevitavelmente por causa de Satanás. Desta disciplina os melhores necessitam. Há tais remanescentes de orgulho e outros males neles que, se Deus não permitisse esses espinhos e aguilhões para humilhá-los — e assim despertá-los para uma vigilância laboriosa —, eles seriam descuidados, seguros e tristemente declinantes. Isto fez Agostinho concluir que não era de modo algum conveniente que carecêssemos de tentações; e que Cristo nos ensinou o

mesmo quando nos orientou a não orar para que não fôssemos tentados, mas para que não fôssemos levados ao poder e à prevalência da tentação.

Terceiro: os privilégios e graças dos filhos de Deus despertam o orgulho, a vingança e a fúria de Satanás contra eles. E embora ele não tenha encorajamento para esperar uma conquista tão fácil sobre estes como tem sobre outros, que são cativados por ele à vontade, ele tem encorajamentos para atacá-los pelo uso e vantagem singular que tira de qualquer sucesso contra eles; a dificuldade da obra sendo recompensada pela grandeza do despojo. Pois a queda de um filho de Deus (especialmente daqueles que são notados acima dos outros) é como quando um porta-estandarte desmaia, ou como a queda de um carvalho que derruba consigo os arbustos menores que estão perto dele. Como os corações de outros falham de medo, para que não sejam também vencidos! Como os corações de alguns se tornam, com isso, ousados e arriscados! Como uma desonra e descrédito geral recai sobre a religião e sua profissão sincera! Estas são coisas de observação comum. Se tais homens não tivessem neles algo de presa especial em caso de conquista, o orgulho de Satanás não o levaria tão prontamente contra as cabeças e chefes do povo, enquanto parece ignorar os mais humildes e fracos. Construções externas, embora mais acessíveis, não são os alvos do desígnio do ladrão; mas a casa de morada, embora mais fortemente construída e melhor guardada (porque oferece esperanças de despojo mais rico), é usualmente assaltada. Nem os piratas se esforçam tanto para tomar vasos vazios, embora mal guarnecidos; mas navios ricamente carregados (embora mais capazes de oferecer resistência) são os navios de seu desejo.

Primeiro: isto pode ser aplicado para o encorajamento daqueles que acham estranho que as tentações os persigam tanto; especialmente que sejam (em sua apreensão) mais perturbados por ele quando fogem para mais longe dele. A consideração disto aliviará muito esses pensamentos, pelas inferências que oferece:

1. Nada de incomum acontece a esses que se queixam. Satanás frequentemente faz o mesmo com outros; eles não podem dizer justamente que seu caso é singular, ou que estão sozinhos em tais perturbações; é apenas o que é comum ao homem. Se instam sobre a natureza incessante das tentativas do Diabo: Cristo e outros sentiram o mesmo. Se objetam a estranheza e o horror peculiar da tentação (como sendo totalmente inadequada ao estado de uma alma íntegra): Cristo encontrou o mesmo. Ele foi tentado à autodestruição, à desconfiança e à própria blasfêmia no mais alto grau.

2. Há uma boa vantagem a ser tirada delas: são preservações contra outros pecados que, de outro modo, cresceriam sobre nós.

3. Estas tentações para os íntegros apenas argumentam a perda de interesse de Satanás neles e sua maior sensibilidade ao perigo. Os pecadores cativos não se queixam tanto, porque estão tão habituados à tentação que não notam os acessos frequentes de Satanás. Aquele que estuda a humildade é mais sensível a uma tentação de orgulho do que aquele que é orgulhoso.

Segundo: isto também é útil para aqueles que tendem a ser confiantes após seus sucessos contra o pecado por meio da

graça. Satanás (podem ver) estará sobre eles novamente. De modo que devem comportar-se como marinheiros que, ao chegarem ao porto e estarem fora da tempestade, consertam seu navio e cordoalha, e preparam-se novamente para o mar.

Por fim, se considerarmos a santidade imaculada de Cristo e sua integridade constante sob estas tentações — que não deixaram nele a menor mancha ou impressão pecaminosa —, podemos observar:

Que pode haver tentações sem deixar um toque de culpa ou impureza para trás na pessoa tentada.

É verdade que isto é raro entre os homens; os melhores raramente descem à batalha sem que, em suas próprias conquistas, recebam alguma ferida. E naquelas tentações que surgem de nossos próprios corações, nunca estamos sem falta. Mas em tais que surgem unicamente de Satanás, há uma possibilidade de que o íntegro se guarde de tal modo que o maligno não o toque a ponto de deixar a marca de seus dedos para trás. Mas a grande dificuldade é: como saber quando as tentações são de Satanás e quando são de nós mesmos?

Para responder a isto, estabelecerei estas conclusões:

Primeiro: os mesmos pecados que nossas próprias naturezas nos sugeririam podem também ser injetados por Satanás. Às vezes começamos pelo trabalho impetuoso de nossos próprios pensamentos sobre ocasiões e objetos apresentados a nós de fora, ou pelo poder de nossa própria inclinação, sem a oferta de objetos externos, e então Satanás intervém. Às vezes Satanás começa conosco e, por suas moções injetadas, esforça-se para excitar nossas inclinações. De modo que a mesma coisa pode ser, às vezes, de nós mesmos e, às vezes, de Satanás.

Segundo: não há pecado tão vil que nosso próprio *coração* não pudesse possivelmente produzi-lo sem Satanás. Pensamentos maus do pior tipo — como homicídios, adultérios, furtos, falso testemunho e blasfêmias — podem (como diz Cristo) ser produzidos naturalmente de nossos próprios corações; pois seminalmente todos os pecados, as maiores de todas as impiedades, estão lá. De modo que, pela grandeza e vileza da tentação, não podemos concluir absolutamente que ela é de Satanás, assim como pela natureza comum da tentação, ou sua adequação à nossa inclinação, não podemos concluir infalivelmente que sua primeira origem é de nós mesmos.

Terceiro: há muitos casos em que é muito difícil, se não totalmente impossível, determinar se o nosso próprio *coração* ou Satanás dá a primeira vida ou fôlego a uma tentação. Quem pode determinar, nos casos mais comuns, quando nossos pensamentos estão trabalhando sobre objetos apresentados aos nossos sentidos, se Satanás ou nossos próprios pensamentos correm mais rápido? Sim, quando tais pensamentos não são consequência de qualquer ocasião anterior, é uma tarefa difícil demais para a maioria dos homens determinar qual dos pais — pai ou mãe, nosso próprio *coração* ou Satanás — é o primeiro na culpa. Ambos são suficientemente apressados e geralmente dão as mãos com tal prontidão que é preciso ter um olho aguçado para descobrir com certeza a quem o primeiro início deve ser atribuído.

A dificuldade é tão grande que alguns julgaram ser totalmente impossível fornecer marcas certas para determinar quando as tentações são nossas e quando são de Satanás. E, de fato, as descobertas estabelecidas por alguns não são suficientes para uma determinação certa. Até esse ponto, concordo que nem a

rapidez de tais pensamentos (pois os movimentos de nossas próprias concupiscências podem ser rápidos), nem o horror da matéria deles, são notas de distinção suficientes. Não se pode negar que nossos próprios corações corruptos podem produzir o que é antinatural e terrível. Muitos dos pecados dos pagãos mencionados em *Rm 1* foram as produções violentas da concupiscência contra princípios naturais; e atribuir estes ao Diabo como ao primeiro instigador é algo que nenhum homem tem autorização para fazer. Contudo, embora se confesse que em alguns casos é impossível distinguir, e que onde uma distinção pode ser feita, estas notas mencionadas não são totalmente satisfatórias, creio que pode haver alguns casos em que há possibilidade de descobrir quando as moções são de Satanás, e isso pela adição de algumas circunstâncias marcantes às marcas de diferença já nomeadas.

Quarto: embora seja verdade (como dizem alguns) que, na maioria dos casos, é totalmente desnecessário gastar nosso tempo discutindo se os movimentos do pecado em nossas mentes são primeiramente de nós mesmos ou de Satanás — sendo nossa maior tarefa resistir a eles, em vez de diferenciá-los —, há casos especiais em que é muito necessário encontrar o verdadeiro pai de uma moção pecaminosa. Estes casos ocorrem quando consciências ternas são feridas e oprimidas por tentações violentas e grandes, como pensamentos blasfemos, objeções ateístas, etc. Pois aqui Satanás, em suas molestações furiosas, visa principalmente isto: que tais almas aflitas e agitadas tomem todos esses pensamentos que são obstruídos em suas imaginações como fruto de seu próprio *coração*. Como o mordomo de José escondeu a taça no saco de Benjamim para que fosse motivo de acusação contra ele, assim o Diabo primeiro os oprime com tais pensamentos e depois os

acusa de toda aquela vilania e maldade, cujas moções ele forçara sobre eles com tanta importunidade. E tão propensos estão os aflitos a concordar com acusações contra si mesmos que acreditam ser assim, e daí concluem que foram abandonados por Deus, endurecidos como Faraó, que pecaram contra o Espírito Santo e, finalmente, que não há esperança de misericórdia para eles. Tudo isto lhes acontece por sua ignorância dos tratos de Satanás; e aqui reside sua grande necessidade de distinguir a malícia de Satanás de sua própria culpa.

Quinto: deixando de lado as tentações comuns — nas quais não é tão possível, nem tão material, ocuparmo-nos em descobrir se são de Satanás ou nossas —, nas tentações extraordinárias (como as que foram exemplificadas), podemos descobrir se procedem de Satanás (embora não simplesmente pela matéria delas, nem pela rapidez e independência delas, mas) por uma devida consideração de sua natureza e maneira de proceder, comparada com o temperamento e disposição atual de nosso *coração*. A saber:

1. Quando tentações incomuns se intrometem sobre nós com uma alta impetuosidade e violência, enquanto nossos pensamentos estão ocupados com outras coisas. Tentações mais agradáveis à nossa inclinação — embora surjam subitamente de objetos e ocasiões apresentados, e procedam gradualmente, à maneira do funcionamento das paixões naturais — podem amontoar-se em meio a outros pensamentos ou ações que não têm tendência para aquele lado, e ainda assim não podemos acusar Satanás tão claramente por elas. Mas quando coisas que não têm o encorajamento de

nossos afetos são impostas sobre nós por uma violência súbita, enquanto estamos ocupados de outra forma, podemos justamente suspeitar que a mão de Satanás está nelas.

2. Enquanto tais coisas são forçadas sobre nós, contra o asco real, a relutância extenuante e as altas queixas da alma; quando a mente se enche de horror e o corpo de tremor diante da presença de tais pensamentos. Pecados que devem sua origem primeira a nós mesmos podem, de fato, ser resistidos em seu primeiro surgimento em nossa mente; e embora um *coração* santificado verdadeiramente os odeie, eles não estão sem algum grau inferior de deleite titilante sobre os afetos, pois a carne (nesses casos) prontamente se levanta com suas concupiscências pela moção pecaminosa. Mas quando tais tentações antinaturais são de Satanás, sua primeira aparição à mente é um horror sem qualquer trabalho sensível de inclinação para elas; e a grandeza da inquietude da alma mostra que ela encontrou aquilo que os afetos não olham com qualquer conformidade amigável.

3. Nossos corações podem produzir o que é antinatural em si mesmo e podem dar origem a uma tentação que seria horrível aos pensamentos de outros homens; mas que ele, por seu próprio acordo (sem um tentador), de repente produza o que é diretamente contrário à sua luz, razão ou inclinação presente, é tão inimaginável quanto que nossos pensamentos por si mesmos tramassem nossa morte enquanto estamos mais solícitos por nossa vida; ou que nossos pensamentos nos dissessem

sobriamente que é noite quando vemos o sol brilhar. Tentações que são contrárias ao estado, postura, luz e disposição atual da alma são de Satanás. São tão antinaturais para sua estrutura presente que a produção delas deve ser de algum outro agente.

4. Muito mais evidente é que tais procedem de Satanás quando são de longa duração e constante tribulação; quando batem tão incessantemente sobre a mente que ela não tem descanso delas, e ainda assim está sob graves perplexidades e ansiedades de mente por causa delas.

A consideração disto é de grande utilidade para aqueles que sofrem sob os impulsos violentos de tentações estranhas.

Primeiro: em que, às vezes, podem justamente queixar-se da aflição de tal tentação, quando não têm razão para imputá-la a si mesmos como seu pecado. Uma coisa é ser tentado, e outra é consentir ou ceder; ser tentado, e não ser levado à tentação, não é mal. Satanás apenas ladra quando sugere, mas morde e fere quando nos leva a consentir.

Segundo: que não apenas o pecado, mas também o grau (por justa consequência) deve ser medido pelo consentimento do *coração*. Se não consentimos, o pecado não é nosso, e quanto menor o grau de consentimento que damos, menos pecado há.

CAPÍTULO V.
Do Jejum de Cristo, com o seu Propósito.

Sobre a tentação de Satanás de forma Invisível. Sobre suas Importunidades incessantes e como ele foge quando resistido. Sobre tentações internas com aflições externas. Várias vantagens que Satanás possui ao tentar na Aflição.

E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome. — Mt 4:2.

Devo em seguida explicar o jejum de Cristo, cujo fim e propósito (por não ser expressamente mencionado) é objeto de várias conjecturas. Para não insistir neste discurso, que é voltado para a prática, na controvérsia sobre o jejum quadragesimal, o que considerarei primeiro é a opinião de Musculus. Ele (baseado no fato de que o jejum não foi a coisa principal pela qual o Espírito o levou ao deserto — pois ele foi levado não para jejuar, mas para ser tentado) conclui que este foi apenas uma consequência de sua condição solitária no deserto. Não teria sido outra coisa senão o que aconteceu a Moisés e Elias, os quais, sendo incumbidos por Deus de atendê-Lo em tal serviço onde faltavam os meios ordinários de sustento da vida, foram por Ele mantidos vivos de forma extraordinária sem eles. Assim, ele pensa que o jejum não foi (ao menos principalmente) planejado, mas que, tendo Ele de passar por uma tentação em um deserto desolado onde não tinha comida para comer, Deus conteve Sua fome, de modo que Ele nem desejou nem precisou de nada. Se aquiescermos nisto, teremos esta doutrina:

Que quando Deus conduz Seus filhos a serviços que inevitavelmente os privarão dos meios ordinários de ajuda ou suprimento, Deus Se compromete a dar suporte extraordinário, e Seu povo pode esperá-lo consequentemente.

Esta é uma grande verdade em si mesma, e um grande e necessário encorajamento para todos os filhos de Deus que são chamados a apertos; mas não insistirei nisto como o produto genuíno deste jejum.

Se olharmos mais adiante entre os teólogos protestantes, observaremos que se dá como certo que Cristo jejuou por desígnio, e isto é geralmente reduzido a estas duas cabeças:

Primeiro: seja para instrução; como para mostrar que ele era Deus, ao jejuar por tanto tempo, e isso sob a tribulação de tentações molestadoras e inquietantes — enquanto os jejuns de igual duração em Moisés ou Elias foram acompanhados pelo repouso tranquilo de seus pensamentos. Ou para mostrar que ele era homem, no fato de que realmente sentiu as enfermidades naturais da natureza humana ao ter fome. Ou para nos ensinar a utilidade do jejum em geral, quando ocasiões adequadas nos convidam a isso. Ou,

Segundo: para confirmação de sua doutrina, para conferir honra e dignidade ao seu cargo; como Elias jejuou na restauração da profecia e na reforma; como Moisés jejuou na escrita da Lei; assim Cristo começou o Evangelho do Reino com o jejum.

Contudo, embora estas coisas não possam ser contestadas, sendo conclusões legitimamente dedutíveis deste ato de Cristo, elas não parecem (em minha apreensão) atingir plenamente o fim próprio deste seu empreendimento. Este parece ser-nos apresentado de forma clara na passagem de *Lc 4:2*: *por quarenta dias sendo tentado pelo diabo, e naqueles dias não comeu coisa alguma*. Vemos aqui que o ser tentado por quarenta dias foi a coisa principal, e que seu jejum teve uma

clara referência e respeito à sua tentação. Até aqui (suponho) podemos estar seguros de que temos o desígnio em geral: que seu jejum foi em vista de sua tentação. Mas, se isto foi planejado como uma ocasião para as tentações ou como um remédio contra elas, não é tão fácil determinar. Que um desses (pelo menos) foi pretendido não pode ser negado por aqueles que concedem que seu jejum se relacionava ao combate; e não parece sofrer de qualquer repugnância ou absurdo se dissermos que é possível que ambos os fins tenham sido visados e, consequentemente, prosseguirei observando sobre eles. Há apenas algumas outras coisas a serem despachadas primeiro:

A duração do jejum: por que foi de quarenta dias, nem mais nem menos. Embora alguns se aventurem a dar razões para isso — não apenas os papistas (que, conforme seu costume, são ridículos e fúteis nesta matéria), mas também protestantes, supondo que algum respeito (foi ou deveria ser) tido ao seu cumprimento dos tempos dos jejuns de Moisés e Elias —, creio que não é pertinente nem seguro determinar nada sobre isso. Apenas nos faz observar que a duração disto foi um tempo considerável.

Estamos mais interessados em indagar se Cristo esteve sob qualquer conflito de tentação durante todo esse tempo. Embora alguns neguem isto, para não favorecerem uma aparente contradição entre os evangelistas, as palavras de Lucas são tão expressas — *por quarenta dias sendo tentado pelo diabo* — que nenhuma evasiva tolerável pode ser encontrada para lançar estas tentações apenas para o fim dos quarenta dias. Pois ele nos diz que ele não foi apenas tentado após a expiração dos quarenta dias, mas que foi tentado durante a continuidade dos quarenta dias também; apenas houve uma diferença nos tipos

destas tentações quanto à maneira como Satanás as geriu, e isto também é plenamente exposto por Mateus: *E, chegando-se a ele o tentador*. Comparando isto com a outra expressão de Lucas, mostra-nos que, durante o espaço dos quarenta dias, Satanás tentou Cristo e, no entanto, não se aproximou dele até depois; isto é, ele geriu aquelas tentações de uma maneira invisível. Daqui podemos notar:

Que Satanás costuma tentar de uma maneira e modo invisível. Para explicar isto um pouco, evidenciá-lo-ei por algumas considerações:

Primeiro: que ele tem uma mão em todos os pecados, cedo ou tarde, e então deve ser necessariamente de uma maneira invisível. Sua obra é tentar, andar ao redor, armando *laços* para atrair os homens ao pecado. Homens ímpios são de seu pai, o Diabo, e fazem as suas obras. Desejos carnais são as suas concupiscências; dar lugar à ira é dar lugar ao Diabo, e resistir ao pecado é chamado, no geral, de resistir ao Diabo, etc. Em toda esta obra de Satanás, os homens não o veem; quando ele coloca moções malignas em seus corações, eles não o percebem, e portanto ele faz sua obra de uma maneira invisível.

Segundo: temos descobertas suficientes destes seus caminhos privados: pois (1) às vezes ele tenta por meio de amigos: tentou Jó por sua esposa, Cristo por Pedro. (2) Às vezes por objetos externos: como despertou a cobiça de Acã e a impureza de Davi pelo olho. (3) Às vezes injetando pensamentos e moções em nossa mente. (4) Às vezes exercendo um poder invisível sobre nossos corpos, agitando os humores destes para provocar a paixão ou a alegria excessiva. Todos estes caminhos (dos quais já discorri antes mais amplamente) são secretos e

invisíveis, e é por meios como estes que ele mais usualmente tenta.

Terceiro: as *ciladas*, profundezas, segredos e *artimanhas* de Satanás, que a Escritura nos diz serem seus caminhos e cursos mais familiares, implicam em sua própria natureza um segredo e imperceptibilidade estudados ou planejados.

Quarto: ele possui razões peculiares de política para sua maneira invisível de lidar; pois quanto menos visível ele for, menos suspeitos serão seus desígnios e, consequentemente, menos assustadores e mais atraentes. Por este caminho, ele se insinua de tal modo em nossos peitos que consegue um partido em nós contra nós mesmos, antes que percebamos; enquanto ele sabe que em vão estenderia sua rede se seus desígnios e inimizade nos fossem descobertos.

Isto deve nos ensinar a suspeitar de Satanás onde não o vemos, e assim conversar com objetos e ocasiões sempre temendo que possa haver *anguis in herba*, um *laço* secreto armado para nos enredar desprevenidos.

Se voltarmos nossos olhos para o que foi dito — que Cristo foi tentado durante todos os quarenta dias —, isso nos dará esta observação:

Que Satanás é, às vezes, incessante nas tentações e ataca-nos com importunidades contínuas.

Aqui podemos notar uma distinção de tentações (além daquela de invisíveis e visíveis, de que falei): que algumas são crises curtas e móveis, como se fossem escaramuças nas quais ele não permanece muito tempo; e outras são mais fixas e duráveis — podemos chamá-las de *tentações solenes* —, nas quais Satanás,

por assim dizer, arma suas tendas e gerencia um longo cerco contra nós. Sobre este último tipo é esta observação.

Assim ele tentou Paulo, continuando seu ataque por algum tempo antes de partir. Assim também lidou com José, que foi solicitado dia após dia por um longo tempo. Sobre isto, notarei algumas coisas:

Primeiro: tais tentações não ocorrem sem uma comissão especial. Ele não pode, de fato, tentar de modo algum sem permissão, mas no curso ordinário de suas tentações ele possui uma comissão geral sob tais restrições e limitações que apraz ao Altíssimo lhe impor. Contudo, nestas, ele deve ter uma ordem especial, como vemos no caso de Jó.

Segundo: tais tentações possuem também um fundamento especial. Ou o estado e postura atual de nossa condição é tal que Satanás apreende como altamente vantajoso para seu desígnio, e portanto deseja peneirar-nos em tal estação; ou há disposições e inclinações mais que ordinárias em nosso *coração* para aquilo a que somos diretamente tentados, ou para algum outro desígnio consequente. Estas coisas o animam e encorajam a altas resoluções de nos perseguir mais de perto, na expectativa de que uma solicitação contínua tenha mais probabilidade de prevalecer a longo prazo.

Terceiro: é possível que tais tentações resistam aos esforços de muitas orações, e que descubramos que não são tão facilmente sacudidas como a víbora que estava na mão de Paulo. Paulo (*2Co 12:8*) orou três vezes contra o mensageiro de Satanás; isto é (como Estius e outros interpretam), ele orou frequentemente e fervorosamente, e no entanto ele não partiu.

Quarto: tais tentações não dão descanso nem intermissão; os homens são caçados e perseguidos por elas. Seja qual for o caminho que tomem, ainda ouvem as mesmas coisas, e não conseguem comandar seus pensamentos para excluir suas moções; mas ainda, por renovadas disputas e argumentações, ou por importunidades clamorosas, são vexados e atormentados. O que certamente mostra um alto grau de seriedade e impudência em Satanás.

Quinto: estas são, consequentemente, muito pesadas, excedendo em enfado e cansaço para nós. Paulo chama-as de bofetões, por seu incômodo e moléstia. Satanás molestou tanto Jó em sua aflição por acusações internas e tribulações de terror que, como um homem exausto, ele clama que não tinha sossego e que estava desapontado em sua esperança de alívio no sono, porque era então assustado com sonhos e aterrorizado com visões.

Sexto: estas também visam um desígnio especial da parte de Deus: seja para nos dar trabalho e nos manter ativos; ou para prevenir o pecado e o erro; para abater nosso orgulho, para que não nos exaltemos acima da medida; para nos despertar da preguiça e da segurança, para que não nos assentemos sobre nossas borras; ou para ser uma ocasião de Sua graça e uma evidência de Seu poder em nossa preservação, satisfazendo a nós e a outros de que, nos maiores choques de nossa batalha espiritual, Sua graça nos basta. Por estes e outros desígnios semelhantes, o Deus sapientíssimo o permite.

Sétimo: Satanás não tenta tentações deste tipo senão por um desígnio especial, e isso ou porque espera, por uma impetuosidade violenta e pertinaz, finalmente prevalecer; ou porque deseja deleitar-se em nos molestar — pois certamente

os clamores e queixas dos filhos de Deus são música para os seus ouvidos —; ou, ao menos, com o desígnio de nos desencorajar em nossos serviços e abrir caminho para outras tentações de murmuração, blasfêmia, desespero, etc., que são como uma reserva ou emboscada à nossa espera. As inferências daqui são estas duas:

Que os filhos de Deus, sob tais tentações, podem ser encorajados sob uma expectativa paciente, considerando que Cristo passou por ataques semelhantes de Satanás. É, em si mesmo, tedioso e desanimador, mas eles podem ver:

1. Que este caminho de tribulação é usual, e isso para os melhores, e portanto não devem desfalecer sob ele.

2. Que a graça é suficiente para preservar da prevalência das tentações mais fervorosas, mesmo ali onde nosso Pai Celestial não julga adequado preservar-nos da tribulação que elas causam. Quando Paulo dá a maior segurança que a fidelidade de Deus pode oferecer — que as tentações não serão acima da força ou da habilidade que lhes será dada —, ele lhes diz que não devem esperar sempre auxílios que afastem imediatamente a tentação para que ela desapareça no instante; ou que suas tentações se tornem leves e desprezíveis; mas que a fidelidade de Deus não estará mais comprometida, no geral, do que para: (1) tornar suas tentações toleráveis, para que possam ser capazes de suportá-las, embora não sem muito esforço; (2) que o caminho de escape seja concorrente com a continuidade da tentação — que embora a tentação permaneça, sejamos auxiliados sob ela; (3) que, no entanto, Ele é tão cuidadoso com o nosso auxílio nas

tentações quanto está pronto para comissioná-las quando a necessidade exige. Suas resoluções de que sejamos tentados e Suas resoluções de que sejamos socorridos trazem a mesma data: *com a tentação dará também o escape*.

3. Que tais tentações não argumentam: (1) nem uma probabilidade, muito menos uma necessidade de que prevaleçam; (2) nem qualquer falta de cuidado e amor em Deus; (3) nem sempre evidenciam uma propensão e inclinação mais que ordinária em nós; pois Cristo (que era o mais avesso ao menor pecado, que estava no mais alto amor de Deus, contra quem não havia possibilidade de Satanás prevalecer) foi assim tentado.

Segundo: em tais violências continuadas, caber-nos-á fazer resistências robustas, de acordo com o conselho de *Tg 4:7*: *Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós*.

Objeção: Mas eu o fiz, e no entanto a tentação é a mesma e ainda continua?

Resposta: Primeiro: não basta resistir, mas devemos continuar a fazê-lo. Alguns fazem resistências limitadas, como pessoas sitiadas que estabelecem um tempo para sua resistência e, se não forem socorridas nesse tempo, rendem-se. Mas devemos resolver uma resistência perpétua enquanto durar a tentação. Quando uma mão é derrubada, devemos segurar com a outra; quando ambas são derrubadas, devemos (por assim dizer) segurar com os dentes.

Segundo: em uma resistência fiel, podemos lançar toda a questão sobre Deus e envolvê-Lo na querela, como Davi: *Direi a Deus... por que me esqueceste?*, etc.

Objeção: Mas como é consistente com a verdade que a tentação continue, quando Tiago nos diz que Satanás fugirá diante da resistência?

Resposta: 1. Pode ser que a resistência não seja como deveria ser, e assim a culpa é nossa. Se não formos sérios (como alguns que desafiam o Diabo em palavras e o resistem fazendo o sinal da cruz, coisas de que sem dúvida o Diabo se ri), ou se na confiança de uma bravata presunçosa, ou se não com aquela humildade e cuidado que são requisitos, não será maravilha se ele não partir.

1. Ele foge a cada resistência, mais ou menos; ele recua, desanima-se e é perdedor a cada oposição.

2. Embora a Escritura diga que ele fugirá (isto é, mais cedo ou mais tarde), ela não diz que o fará imediatamente (embora mais usualmente o faça onde é peremptoriamente rejeitado). Em alguns casos, deve-se conceder tempo, pois o Diabo (como está na comparação de Crisóstomo) porta-se como um cão bajulador que arranha e abana a cauda, e se algo lhe é dado, isso o torna importuno por mais. No entanto, embora nada lhe demos, não podemos esperar que a primeira ou segunda negação o faça cessar seu incômodo; como ele foi encorajado por complacências anteriores, assim não será desencorajado senão com muitas e contínuas negações.

Se considerarmos o jejum de Cristo como uma ocasião planejada por Deus para uma vantagem à tentação, e então olharmos para sua condição no deserto, estando sob riscos de feras, em falta de necessidades e sem possibilidade de

suprimentos de forma usual, e também sob os desconfortos do frio e das longas noites (pois, conforme as conjecturas de alguns, isto foi por volta de nossos outubro e novembro), então podemos observar:

Que é o caminho de Satanás secundar as angústias e aflições externas com tentações internas. Vemos o mesmo comportamento de Satanás para com Jó. Sua aflição foi seguida por muitas tentações. Todos os seus amigos, ao instarem com ele sobre a hipocrisia, não foram senão partes do desígnio de Satanás, embora não o soubessem claramente. Sua esposa é instigada pelo tentador (como a serpente contra Eva) para provocá-lo a amaldiçoar a Deus e morrer. Além de tudo isso, quem quer que considere quais trabalhos internos de *coração*, tribulação espiritual e conflito suas palavras frequentemente expressam, descobrirá rapidamente que, quando Deus colocou Jó na mão de Satanás, sob aquela única limitação de não tocar em sua vida, Ele deu a Satanás liberdade para persegui-lo com tentações internas, bem como com vexações externas. Quando Israel foi apertado pelas angústias do deserto, Satanás esteve mais ocupado com eles para levá-los à desconfiança, murmuração, revolta, oposições desobedientes, idolatria e tudo o mais. Davi apresenta sua experiência para confirmar esta verdade: ele nunca encontrou tribulações externas sem que também tivesse tentações internas com elas, como irritação, inquietude, tristes apreensões da ira de Deus, pressa, desconfiança, medo, etc., conforme o relato de suas várias angústias testifica. E, além destes, a generalidade dos filhos de Deus descobre que é assim: as aflições externas raramente passam sozinhas. Quando têm espantos por fora, têm medos por dentro usualmente. Raramente têm uma enfermidade ou encontram uma providência triste sem que tenham Satanás

ocupado com suas almas, molestando sua paz ou esforçando-se por enredá-los. Assim, seus pés nunca estão no tronco sem que o ferro entre em sua alma. E por esta razão é que as aflições e tribulações externas são chamadas de *tentações* na Escritura, porque as tentações usualmente as acompanham, e elas são de fato as estações solenes que Satanás deseja aproveitar para esse fim. E por isso Lucas expressa o que traduzimos como um tempo de tentação por *kairos*, que significa uma ocasião ou oportunidade de tentação.

As tentações que Satanás impulsiona, sob a vantagem de um estado aflito, são estas:

Primeiro: levar os homens a explosões impacientes contra Deus, como os israelitas no deserto voltaram-se contra Moisés com isto: *Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares no deserto?*. Para isto tendia a tentação de Jó por sua esposa: *Amaldiçoa a Deus, e morre*, conforme nossa tradução, o que não pode de modo algum admitir a desculpa que Beza faz por ela, como se ela desse um conselho saudável de morrer bendizendo a Deus; porque ele a repreende asperamente, como tendo falado tola e impiamente. No máximo, é um escárnio irônico à integridade de Jó: "Bendizes a Deus enquanto és morto pelo Seu desagrado?". Se não for uma sugestão direta de despeito vingativo. Em tais momentos, os homens são propensos demais a nutrir pensamentos cruéis sobre Deus e tristemente reflexivos sobre Sua misericórdia ou justiça.

Segundo: nesta postura de aflição, ele se esforça por levá-los a conclusões terríveis contra si mesmos, como se Deus chamasse solenemente o pecado deles à memória, e como se estivessem abandonados por Deus e marcados para a destruição — cujo penhor e garantia eles tomam como sendo estas tribulações.

Podemos observar que as aflições de Davi despertaram sua consciência para objetar culpa e erro, de modo que ele é tão fervoroso em suplicar contra a marcação e lembrança de seu pecado quanto é para orar contra suas tribulações. Para isto, veja *Sl 25:6, 7*.

Terceiro: ele os empurra usualmente para o desprezo da religião e o abandono dos caminhos de Deus. Somos propensos demais a culpar a religião por todas as nossas tribulações; e, como esperamos que o nosso reconhecimento dos caminhos de Deus deva nos proteger da aflição externa, quando descobrimos o contrário, somos apressados demais em dizer: *Na verdade que em vão purifiquei o meu coração*, etc.

Quarto: o pecado da desconfiança é outro mal que ele visa. Ele gostaria que os homens concluíssem que Deus não pode ou não quer livrar. *Poderá Deus porventura preparar uma mesa no deserto?*, disseram os israelitas, pelo poder da tentação, quando estavam angustiados.

Quinto: outro mal visado em tal caso é colocar-nos em cursos e caminhos indiretos para escapar de nossas tribulações. Saul foi à feiticeira de Endor quando Deus não lhe respondeu. As angústias naturalmente sugerem tais coisas, e uma pequena tentação nos faz ceder, como é notado pelo desejo do sábio: *não me dês a pobreza... para que não... lance mão do nome de meu Deus em vão* (*Pv 30:8, 9*). As angústias da pobreza levam os homens ao furto e a caminhos ilícitos.

As razões para Satanás tentar o aflito são estas:

1. Que as aflições externas são uma carga e um fardo; isto dá uma probabilidade de que seus desígnios possam melhor ter lugar. É fácil derrubar aqueles que estão

curvados, quebrar aqueles que estão feridos, dominar aqueles que estão cansados e de mãos fracas.

2. Um estado aflito é uma tentação por si só e naturalmente dita coisas más. É metade do desígnio dele já entregue em sua mão; oferece variedade de matéria para uma tentação trabalhar.

3. Tal condição apoia fortemente uma tentação e fornece muitos argumentos para uma prevalência. Pois as tribulações são coisas sérias; elas falam ao *coração*, e o que falam, falam ferozmente. Elas representam as coisas de modo diferente do que a descoberta comum pode fazer e, na maioria das vezes, mostram uma engenhosidade em multiplicar medos, agravar o risco e assegurar eventos suspeitos, de modo que Satanás mal pode desejar uma oportunidade melhor do que a que estas lhe oferecem.

4. Elas também lhe dão a vantagem das trevas; pois, para tais pessoas, o seu caminho está oculto, e Deus os cercou. Eles não sabem onde estão; se sua tribulação é um castigo pelo pecado, ou para prova, ou para prevenção de erro, ou para abrir caminho para manifestações mais confortáveis. E tão pouco sabem como comportar-se em sua tribulação, ou como e quando sair dela. Em tais incertezas tateantes, é quase impossível que não sejam desviados.

5. Uma condição aflita traz fraqueza e indisposição para o dever; torna as mãos fracas e os joelhos débeis. Isto fez Jó desfalecer, isto secou a força de Davi. O primeiro ataque de uma aflição atordoa a alma e coloca-a em tal

confusão que a esperança recua, a fé fica perdida e cada graça fica tão fora de ordem que o homem será incapaz de fazer qualquer coisa do dever de maneira confortável.

6. Neste caso, os homens tendem a concluir que suas orações não são ouvidas: *Deus meu, eu clamo de dia, e tu não me ouves*, diz Davi. *Esqueceu-se Deus de ter misericórdia?*. E com tal aparência de probabilidade isto é instigado sobre nós pela aflição que Jó professa não poder crer em seu próprio senso e conhecimento em tal caso: *Ainda que chamasse, e ele me respondesse, não creria eu que tivesse ouvido a minha voz*.

7. As aflições fixam fortemente a culpa sobre nós e representam Deus esquadrinhando nossas iniquidades e inquirindo sobre nosso pecado.

8. Elas amarguram o espírito e geram impressões na mente de pensamentos muito duros sobre Deus.

9. Elas empurram violentamente os homens a falar precipitadamente. Há um fermento tão inchado da velha levedura de impaciência e desconfiança na mente que é matéria de dor e dificuldade calar-se; o seu ventre é como vinho que não tem respiradouro, está pronto a romper-se como odres novos; e estão cansados de sofrer e não podem conter-se, e devem falar, venha sobre eles o que vier.

Todas estas vantagens uma condição aflita traz para Satanás; e quem pode pensar que ele, que é tão estudioso de nossa ruína, estará disposto a perder oportunidade tão favorável?

Primeiro: isto deve nos ensinar a ter um olho vigilante sobre a aflição. Embora em todos os momentos devamos esperar os estratagemas de Satanás, nas tribulações especialmente prepare-se para eles, de acordo com o conselho do sábio: *no dia da adversidade considera*.

Segundo: visto que Satanás tira vantagem dos humores agudos de impaciência e desconfiança, devemos ser particularmente cuidadosos para não tocar demais na dureza de nossas tribulações, porque é isso que põe pensamentos irritantes e perturbadores em ação. As aflições (como a coluna de nuvem e fogo no deserto) possuem uma luz e uma treva e, consequentemente, aqueles que conversam com o lado sombrio das tribulações envenenam suas imaginações e seus pensamentos com conclusões escuras e hediondas e, em uma palavra, extraem nada mais que o absinto e o fel. Ao passo que aqueles que estudam e veem o lado luminoso delas estão cheios de louvor e admiração pelas misturas graciosas, mitigações confortáveis, suportes encorajadores, etc., que observam. É sabedoria, então, manter-se no lado direito delas.

Embora seja o desígnio de Deus virar o lado escuro da nuvem para nós, ainda assim podemos ter uma luz competente para nos guiar, se a aproveitarmos. Quando o sol se põe, a lua pode estar alta. Ora, é nosso dever esforçar-nos por recuperar o lado direito da nuvem: Ele Se esconde para que busquemos.

Se este jejum de Cristo for considerado como um remédio contra as tentações, então podemos observar: que as *tentações solenes* devem ser resistidas com jejuns e oração. Sobre isto, abster-me-ei de falar até que chegue à resposta de Cristo e à repulsa de Satanás.

CAPÍTULO VI.
Que as Tentações de Cristo foram reais e não em Visão.

Que as Tentações de Cristo foram reais e não em Visão; que a Tentação é o emprego de Satanás, com as Evidências e Instâncias disso. Sobre a tentação de Satanás Visivelmente, com as Razões para isso.

E, chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães. — Mt 4:3.

Segue-se agora um relato particular daquelas tentações mais eminentes com as quais Cristo foi assaltado por Satanás. Antes de falar delas, devo necessariamente remover este tropeço do caminho: a saber, se Cristo foi realmente tentado ou apenas em uma visão. Que isto foi apenas visionário tem sido suposto não apenas por alguns cujos conceitos em outras coisas poderiam justamente tornar suas suposições nesta matéria menos dignas de uma consideração séria, mas também por homens muito graves e sérios, cujas razões, não obstante, não são de tal peso que nos desviem da letra e da história destas tentações, as quais nos dão um relato completo destas coisas como realmente transacionadas, sem o menor indício de entendê-las como feitas apenas em uma visão. Pois:

Primeiro, é uma coisa perigosa afastar-se do sentido literal do que é relatado historicamente. Se tomarmos tal liberdade, poderemos muito bem entender outras passagens históricas da

mesma forma, e assim reduzir a história não apenas do sofrimento de Cristo a uma cruz visionária e fantástica, mas também todo o Novo Testamento a um nada absoluto.

Segundo, as circunstâncias da tentação são estabelecidas de forma tão particular — como o Diabo vindo a ele, deixando-o, levando-o ao templo, etc. — que, se podemos esperar em algo nos proteger de uma suposição visionária, podemos fazê-lo nesta história.

Terceiro, esta imaginação anula e torna totalmente vão o próprio fim e desígnio de Cristo ser tentado. Pois onde estaria a glória desta vitória sobre Satanás, se fosse apenas uma tentação visionária e uma conquista visionária? Ou onde estariam o conforto e o encorajamento que os crentes (pela autoridade do apóstolo, *Hb 2:18* e *4:16*) poderiam colher disto, se Cristo apenas imaginasse estar sendo tentado, quando na realidade não o estava? Além disso, quão impossível é fazer com que aquela expressão do apóstolo — *em tudo foi tentado, à nossa semelhança* — concorde com uma tentação imaginária? A menos que também digamos que somos tentados apenas visionariamente e não realmente?

Quarto, nem é um argumento de qualquer valor contra esta verdade o fato de parecer derrogar demais a honra e a autoridade de nosso Salvador que Satanás O assaltasse tão impudentemente com tentações para adorá-lo, e que O levasse à vontade de um lugar para outro; quando descobrimos que Ele voluntariamente se submeteu a indignidades maiores vindas dos instrumentos de Satanás, e não desviou Sua face daqueles que O feriram, cuspiram nEle e O zombaram profundamente, e por fim submeteu-se à morte, e morte de cruz.

Quanto àquelas objeções sobre o pináculo do templo, sobre o qual Scultetus pensa ser impossível para Cristo estar de pé; bem como a objeção da impossibilidade de mostrar os reinos do mundo de qualquer montanha, responderei a elas em seu lugar apropriado. Enquanto isso, retornarei ao versículo em questão, no qual primeiro me deterei no *proaemium* geral, ou introdução a estas tentações especiais, que é esta: *O Tentador chegou-se a ele*.

Nisto devemos notar o nome dado a Satanás e também o modo e a maneira do ataque, naquela expressão: *chegou-se a ele*. Há três nomes distintos dados a ele nestas tentações. (1) Seu nome *Satanás* mostra sua malícia e fúria, que é o fundamento e a fonte de onde procede toda a tribulação que encontramos vinda dele. (2) Ele é chamado de *o Tentador*, e isso nos sinaliza como ele manifesta essa malícia, seu modo e exercício ao exercê-la. (3) Ele é chamado de *o Diabo* ou *Acusador*, expressando assim o fim e o desfecho de tudo. A partir deste nome aqui dado, podemos observar:

Primeiro, que é o trabalho e o emprego de Satanás tentar os homens. Não precisamos aqui discutir se é próprio de Satanás tentar, isto é, *an soli, & semper competat*, se isso convém apenas e sempre a ele, o que alguns de fato afirmam em um sentido como este: que os homens tentam os homens como instrumentos de Satanás, o mundo tenta como objeto e matéria das tentações, mas Satanás tenta como o autor e engenheiro próprio das tentações. Há outros que pensam que os homens podem e de fato tentam a si mesmos propriamente, de acordo com *Tg 1:14*: *Cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência*. Mas a questão é totalmente desnecessária para nós; embora nós e outros possamos ser

tentadores verdadeiros e próprios, isso não impede que seja verdade que Satanás faz da tentação seu próprio trabalho e negócio. E, portanto, não apenas aqui, mas em *1Ts 3:5*, o Diabo é descrito pelo seu emprego: *para que o tentador vos não tivesse tentado*. O que a glosa ordinária explica assim: *Diabolus, cuius est Officium tentare*. Este nome, então, é posto sobre Satanás por via de eminência, implicando: (1) Que, embora existam inúmeros tentadores, Satanás é o chefe. (2) Que ele faz da tentação seu emprego próprio.

Que Satanás assim o faz, evidenciarei por estas poucas notas:

Primeiro, a tentação é, em si mesma, um negócio e um trabalho. Pois, se considerarmos o trabalho de qualquer tentação (onde Satanás é frequentemente exigido, após a sugestão, a persuadir, e após a persuasão, a instigar e provocar); ou se considerarmos que ferramentas, meios e instrumentos são requisitos, e o que pode custar para organizar todas as coisas em ordem e método adequados; ou se pensarmos nos vários modos e maneiras de tentação — que algumas são mediadas, outras imediatas; algumas internas, outras externas; algumas móveis, outras fixas e solenes; algumas seduções ao mal, outras espantos para afastar do dever, outras invasões de nossa paz e alegria —; ou, por fim, se lembrarmos em que estudo, que arte, que estratagemas e artimanhas o Diabo às vezes se empenha, veremos facilmente que isso o mantém ocupado, e que ele não come o pão da ociosidade quem tem esse emprego a seguir.

Segundo, Satanás entrega-se a isso, está totalmente nisso; ele caminha de um lado para outro, anda ao redor buscando vantagens desta natureza, rodeia o mar e a terra para fazer prosélitos para sua escravidão, usa todos os meios, sobre todos

os homens, em todos os tempos, com toda a diligência. Daí resultou que Latimer (em sua maneira simples de falar) chamou-o de "um bispo ocupado em sua diocese" e incitou os preguiçosos a aprenderem a laboriosidade com o Diabo.

Terceiro, ele sente deleite nisso, não apenas por uma propensão natural que sua queda lhe impôs — pela qual ele não pode senão tentar, como uma árvore má não pode senão produzir frutos maus —, mas também pelo poder de um hábito adquirido por longo exercício, o qual é acompanhado por algum tipo de prazer; e, além disso, qualquer prazer que se possa supor surgir do orgulho vingativo ou da companhia no mal, ele o possui em medida cheia, recalcada e transbordante.

Quarto, todas as outras coisas em Satanás, ou em seus esforços, possuem ou uma subserviência ou, de uma forma ou de outra, uma referência e respeito à tentação. Seu poder, sabedoria, malícia e outras qualificações infernais tornam-no capaz de tentar; seu labor e diligência em outras coisas não passam do trabalho de quem prepara materiais e ocasiões; seus outros negócios de acusar, aterrorizar, destruir e atormentar não passam de fins e aperfeiçoamentos do ato de tentar.

Quinto, ele não se importa com o modo como isso ocorre, desde que ocorra; como um homem que planeja ser rico não se importa como obtém a riqueza, o que mostra que tentar, em geral, é o seu desígnio. Disto temos muitos exemplos, como: (1) ele não hesita em mentir e dissimular; falará dos reinos do mundo e da glória deles, e de mil belas promessas que nunca pretende cumprir. (2) Ele tentará por uma questão pequena; se puder ganhar apenas um pouco, ou apenas nos molestar, ainda assim estará agindo. (3) Ele não desistirá diante de uma derrota ou desapontamento. (4) Ele não se envergonha de tentar coisas

contraditórias: tentou Cristo contra a obra da Redenção — *Senhor, tem compaixão de ti* —; e tentou Judas a promovê-la, traindo-O. (5) Qualquer tentação que ele veja que funcionará, ele a adota; daí resulta que ele não tenta os judeus agora com a idolatria, porque os tem presos em outro *laço*, sendo fortemente levados a uma oposição e desprezo a Cristo. (6) Ele às vezes tentará onde não tem probabilidade de prevalecer, mesmo contra a esperança. Assim tentou Cristo e Paulo.

O uso desta observação é este: se é o negócio dele tentar, deve ser o nosso trabalho resistir.

Primeiro, resistir é um labor; não é uma formalidade ociosa, consistindo em palavras de desafio, ou em alguns sinais da cruz ridículos, ou aspersões de água benta, ou cuspir ao seu nome, como as pessoas ignorantes costumam fazer.

Segundo, devemos nos entregar a este trabalho, sempre lutando e opondo-nos.

Terceiro, será necessário fazer uso de todas as ajudas, como a oração, o jejum, o conselho e o suporte de homens santos e experientes.

Quarto, devemos também lançar fora todos os impedimentos; tudo o que em nós for propenso a pegar fogo ou dar vantagem deve ser removido, como o orgulho (que prognostica uma queda) e a segurança, que trai os melhores; ou a presunção, que provoca Deus a abandonar aqueles de mais altos alcances.

Segundo, nesta introdução geral, podemos lançar o olhar sobre o modo e a maneira do ataque. Quando se diz que *o tentador chegou-se a ele*, somos inevitavelmente forçados a supor outra maneira de aproximação do que aquela pela qual ele o tentou

durante quarenta dias seguidos. E quando lembramos que, em sua vinda aqui mencionada, ele levou Cristo ao templo, e dali a uma alta montanha, e ali propôs a si mesmo como objeto de adoração, podemos imaginar nada menos do que Satanás aqui veio visivelmente a Ele. Mas em que forma ou maneira de aparência, é totalmente incerto, embora seja mais provável que não tenha sido na forma de um bruto, mas em algum brilho de majestade ou glória, como um anjo; porque uma aparência deformada ou vil teria sido inadequada à jactância de dar os reinos do mundo, ou ao seu desejo de que Cristo caísse e o adorasse. Daqui podemos observar:

Que Satanás às vezes tenta em uma aparência visível e por voz.

Primeiro, a possibilidade disto é evidente pelas aparições de anjos. Satanás ainda é um anjo, e não há nele uma incapacidade natural quanto a uma aparência externa aos nossos olhos e sentidos, mais do que em espíritos glorificados.

Segundo, na primeira tentação ele fez nada menos, quando usou a serpente como um canal para falar e um instrumento para agir. Em possessões ele fala audivelmente e evidencia uma presença real.

Terceiro, instâncias indubitáveis podem ser dadas de Satanás tentando e molestando visivelmente. Não nego que existam muitas histórias ociosas deste tipo e uma série de ficções ridículas, mas seria irracional e altamente prejudicial à verdade da história e à fé comum da humanidade recusar crédito aos relatos sérios de homens sóbrios por causa de algumas fábulas tolas e injustificáveis.

O que se relata de Lutero e de suas várias tribulações vindas de Satanás por este caminho é evidente na história de sua vida.

Cirilo nos fala de um certo Eusébio, discípulo de Jerônimo, que, ao morrer, clamou que demônios lhe apareciam. O mesmo se conta de São Martinho e outros; e sobre estes, pode-se ler mais coleções feitas pelo Sr. Clark.

Se quisermos indagar as razões de Satanás aparecer assim, não podemos fixar mais adequadamente em outras senão estas:

Primeiro, ou ele julga um grande espanto necessário em alguns casos e, para esse fim, aparece; ou,

Segundo, ele vê sua aparição como necessária para dar uma evidência e certeza maior à realidade dos prazeres do pecado que ele promete; esse é o fundamento comum de sua aparição nos caminhos e desígnios da feitiçaria.

Terceiro, ou no auge da fúria, quando percebe que outros caminhos não estão disponíveis, e quando lida com pessoas que não ignoram suas artimanhas, onde vê que não precisa de uma máscara ou caminhos encobertos de lidar, então ele não hesita (se permitido) em tentar ou molestar abertamente.

Isto deve nos ensinar a não nos maravilharmos com tais tentações, muito menos a julgar aqueles que podem ser assim molestados, como se Satanás tivesse uma parte maior neles, visto que Cristo foi assim tentado.

CAPÍTULO VII.
A visão geral destas Tentações.

Sobre o procedimento Gradual de Satanás nas Tentações. Sobre reservar uma grande Tentação para o final. O que é uma grande Tentação e em que casos deve ser esperada. Sobre Satanás usar uma Estrada comum, comparando estas Tentações com as tentações ordinárias dos Homens. Sobre a vantagem que Satanás tira do Apetite natural, do Sentido e dos Afetos.

Concluí o *proaemium* das tentações. Contudo, antes de expô-las particularmente, farei uma visão geral delas. Primeiro, comparando estas com as outras tentações de Cristo durante os quarenta dias. Segundo, comparando estas com as tentações dos homens.

1. Primeiro, então, se compararmos estas com as tentações anteriores e observarmos que não nos é dado nenhum relato daquelas tentações, exceto no geral, que Ele foi tentado, ao passo que estas são particularmente estabelecidas e registradas, não podemos apreender menos do que isto: que estas últimas tentações foram certamente maiores e mais notáveis. Daqui note-se:

Que é o método de Satanás ser gradual em suas tentações, e que ele guarda suas maiores tentações para o final.

Que Satanás é gradual em suas tentações é verdade a seu respeito, se considerarmos:

Primeiro, a maneira de seu proceder: ele conduz lentamente, persuade gentilmente e é muito cuidadoso para não sobrecarregar os homens; mas, depois que eles se acostumam ao seu caminho, ele assume a imperiosidade e os comanda.

Segundo, se a matéria da tentação for considerada, ele é gradual ali também. Ele tenta primeiro pecados pequenos, depois maiores.

Ilustrarei ambos os pontos pelo exemplo de Thomas Savage, aprendiz do Sr. Collins, vinicultor na Taverna Ship em Ratcliff, que sofreu no ano de 1668 por assassinar seu colega de serviço. Ele confessa que o Diabo tomou este curso com ele: primeiro tentou-o à negligência do dever, depois ao desprezo das ordenanças e profanação do sábado, depois à embriaguez, depois à fornicação, depois a roubar e furtar de seu mestre e, por último, ao assassinato; e nota particularmente que nesta última tentação, de matar seu colega, houve um poder violento e mais que ordinário de Satanás sobre ele para instigá-lo àquela maldade. Tudo isto pode ser lido extensamente na narração impressa de sua vida.

As razões de seus procedimentos graduais são:

Primeiro, ele não descobriria mais de si mesmo em qualquer tentação do que o necessário para ganhar seu fim, para não cruzar seu próprio desígnio e, em vez de atrair os homens à maldade, assustá-los ou afastá-los dela.

Segundo, os pecados são mutuamente preparatórios entre si; ofertas e tentações menores preparam e inclinam o *coração* insensivelmente para as maiores.

Segundo, que ele guarda suas maiores tentações para o final é uma consequência do anterior; para o que (além do que já foi dito) estas razões podem ser dadas:

Primeiro, há uma provocação dada a ele ao recusarmos seus ataques menores. Sua cabeça é esmagada a cada recusa, ele é

desafiado, o que o convoca a uma oposição mais forte. Ele percebe, por repulsas frequentes, que aqueles com quem lida não são súditos de seu reino e que seu tempo é curto; portanto, não é de admirar se ele ataca mais furiosamente e com toda a sua força.

Segundo, há também política nisso: quando ele abateu nossa força e enfraqueceu nossa coragem, então um ataque violento é o caminho certo para lhe assegurar uma vitória.

Mas, como mencionei uma *grande tentação*, não será inoportuno, tanto para explicar melhor o texto quanto para ilustração da matéria, mostrar o que é uma grande tentação. Estas foram grandes tentações para Cristo, e há várias coisas notáveis nelas que, onde quer que apareçam, denominarão a tentação como grande; e quanto mais delas estiverem conjuntas e em grau mais elevado, mais justamente poderá ser chamada de ainda maior. A saber:

Primeiro, nestas tentações, podemos notar que houve objetos externos, bem como sugestões insinuadas. Moções internas são tentações reais, mas quando têm os objetos e coisas apresentados ao olho ou aos sentidos, então elas instigam fortemente. Com esta vantagem o Diabo tentou Eva: ele a instigou quando o fruto estava à vista. Assim tentou Acã, quando o ouro e a capa estavam diante de seus olhos.

Segundo, estas tentações foram complexas, consistindo em muitos desígnios variados, como um laço de muitas cordas ou nós. Quando ele tentou transformar pedras em pão, não foi um único desígnio, mas muitos que Satanás tinha em execução. Como a desconfiança de um lado, o orgulho de outro, e assim

no restante. Quanto mais complicada é uma tentação, maior ela é.

Terceiro, estas foram também tentações perplexas e enredantes. Eram dilemáticas, tais que poderiam enredar tanto no fazer quanto na recusa. Se Ele tivesse transformado pedras em pão, teria honrado demais a Satanás fazendo-o ao seu comando. Se não o fizesse, pareceria negligenciar Seu próprio corpo, não fazendo as provisões necessárias para Si mesmo, estando agora com fome.

Quarto, estas tentações procederam sobre vantagens consideráveis: Sua fome instava a necessidade de transformar pedras em pão. Seus apertos presentes e a baixeza de Sua condição pareciam falar muito pela razoabilidade de dar prova de Sua natureza divina, lançando-se do templo, e de fazer qualquer coisa que pudesse tender a um sustento e apoio mais farto no mundo. As vantagens fortalecem as tentações.

Quinto, estas tentações foram acompanhadas de uma presença e poder maior de Satanás: ele apareceu visivelmente nelas e foi permitido tocar e apressar o corpo de Cristo, e pintar e expor a glória do mundo (sem dúvida da maneira mais atraente) ao olho de Cristo.

Sexto, a matéria destas tentações, ou as coisas a que ele tentou Cristo, eram abominações grandes e hediondas (uma desconfiança da Providência, uma presunção de proteção e uma renúncia final da adoração devida a Ele, transferindo-a para o objeto mais indigno, o inimigo declarado de Deus); e, no entanto, foram secundadas pelos meios mais fortes, poderosos e prevalentes, como Seus apertos presentes, Sua garantia

infalível de filiação, prazer e glória. Onde a matéria é pesada e o meio é forte e premente, ali a tentação é grande.

Sétimo, todas estas tentações pretendiam fortemente a vantagem e o benefício de Cristo, e algumas delas poderiam parecer ser feitas sem qualquer culpa, como transformar pedras em pão ou voar no ar. Quanto mais bondade a tentação finge para conosco, mais forte ela é.

Oitavo, Satanás instigou algumas delas de uma maneira provocadora e desafiadora: *Se tu és o Filho de Deus?*, como se dissesse: "Eu te desafio a mostrares quem pretendes ser". Este tipo de provocações são muito perturbadoras para os mais modestos e abnegados, que mal conseguem conter-se de fazer o que lhes é instigado em tais momentos.

Nono, estas tentações parecem ter sido projetadas para o engajamento de todos os poderes naturais de Cristo: Seu apetite natural no desígnio da comida; Seus sentidos, no objeto mais belo, o mundo em sua glória; os afetos, naquilo que é mais influente — o orgulho e o deleite em testemunhos extraordinários de poder e amor divinos, ao sustentá-Lo no ar, etc.

Décimo, algumas foram apresentadas como dever, para suprir a fome necessária; outras dependendo da segurança de uma promessa: *Aos seus anjos dará ordens a teu respeito*, etc. Quanto maior a aparência de dever ou legitimidade é posta sobre o pecado, maior é a tentação.

Por estes dez pontos podemos (como por um critério) julgar quando qualquer tentação é grande ou menor.

Tenhamos, pois, cuidado com as pequenas tentações, ou com os procedimentos mais suaves de Satanás, se quisermos evitar as tentativas maiores que virão a seguir. Onde ele é admitido a açoitar nossas concupiscências com uma vara ou um cajado, pode-se suspeitar que trará a roda sobre elas por fim. Tenhamos também, após nossos ataques, a expectativa de outros maiores, porque os maiores devem ser esperados por último. Isto é verdade em três casos: (1) Em tentações solenes onde Satanás fixa seus ataques, ali o auge da fúria é extraído por último. (2) Na continuidade e progresso da profissão de fé, quanto mais longe vamos dele e mais perto de Deus, estejamos certos da maior medida de seu despeito. (3) No fim de nossa carreira: pois, se ele perder sua presa então, ela escapou para sempre, como um pássaro para o seu monte.

Mas alguns podem dizer: sou apenas um mensageiro de notícias tristes; e que, ao trazer tal relato de gigantes e cidades muradas, posso fazer os corações do povo desfalecerem.

Respondo: estas são más notícias apenas para os preguiçosos, tais que gostariam de ir para o céu com facilidade e em um caminho belo e suave; mas para os soldados de Cristo, laboriosos e resolutos, isto não é grande desencorajamento: pois (1) apenas lhes fala de seu trabalho, do qual, como estão convencidos, assim é em certa medida o seu deleite, bem como sua expectativa. (2) Apenas lhes fala da malícia e fúria de Satanás, das quais estão assegurados, e das quais têm mais medo às vezes quando parecem estar ociosas e como que dormindo. (3) Fala-lhes que os pensamentos de Satanás a respeito deles são desesperadores: ele teme que estejam partindo ou que já tenham saído dele. Se fossem seus servos voluntários, não haveria hostilidade desta natureza contra eles.

Comparei assim estas tentações especiais com aquelas com que nosso Senhor Cristo foi exercitado durante os quarenta dias. Farei, em segundo lugar, a comparação destas tentações de Cristo com aquelas que usualmente sobrevêm aos Seus membros, nas quais há tanta adequação e concordância, tanto na matéria quanto na maneira, que não pode ser inútil notar isso, o que aparecerá melhor em instâncias.

Primeiro, então, consideremos a primeira tentação de Eva (*Gn 3:6*): *E, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento*, etc. Aqui estão todos os argumentos e caminhos resumidos pelos quais Satanás prevaleceu sobre ela: era *boa para se comer*, aqui ele trabalhou sobre o desejo do apetite natural; era *agradável aos olhos*, aqui ele tirou vantagem dos sentidos externos; era *desejável para dar entendimento*, aqui ele inflamou os afetos. Lembremos novamente o relato geral das tentações em *1Jo 2:16*: *Tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida*. Onde o apóstolo deliberadamente chama todos a se afastarem do amor ao mundo, por causa do risco e perigo a que estamos expostos pelas coisas do mundo, que atingem e despertam nossas concupiscências; as quais ele classifica em três cabeças gerais, de acordo com as várias maneiras pelas quais estas coisas externas operam sobre nós, excitando nossos poderes e apreensões naturais a desejos pecaminosos. E estas concordam tão plenamente com aquelas três na tentação de Eva que não preciso notar o paralelo. Lancemos agora nossos olhos sobre estas tentações, e a adequação dos caminhos e tratos de Satanás aparecerá imediatamente. Quando ele tentou Cristo a transformar pedras em pão, ali ele se esforçou para tirar vantagem da

concupiscência da carne (a qual em *1Jo 2* entendo em um sentido mais restrito, não pelas inclinações da natureza corrupta, mas pelos desejos do corpo em seu apetite natural, de acordo com aquela expressão de Cristo: *o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne* — ou corpo — *é fraca*. E se não a restringíssemos assim neste lugar, a concupiscência da carne incluiria a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, contrariamente ao claro escopo do texto, pois estas também são desejos da natureza corrupta). Quando ele O tentou a lançar-se para baixo, empurrou-O para a soberba da vida; quando Lhe mostrou os reinos do mundo e a glória deles, tentou ganhar vantagem sobre Ele pela concupiscência dos olhos. A partir desta proporção e adequação da tentação a Cristo e Seus membros, observe:

Que Satanás costuma trilhar uma estrada comum, usando métodos de tentação conhecidos e experimentados. É verdade que, em relação às circunstâncias, ele usa variedades indescritíveis ao tentar, e possui muito mais artimanhas e malabarismos do que se pode contar; contudo, no geral, ele as digeriu em método e ordem, e as coisas sobre as quais ele trabalha em nós são as mesmas. Assim ele faz sua ronda e mantém quase a mesma trilha, não apenas em pessoas diferentes, mas também nos mesmos homens, usando as mesmas tentações repetidamente; e isso não argumenta esterilidade de invenção ou preguiça em Satanás, mas ele tem estas razões para isso:

Primeiro, porque os mesmos métodos, sendo adequados à natureza humana em geral, servirão a todos os homens com uma pequena variação de circunstância; suas inclinações

geralmente respondendo umas às outras, como o rosto responde ao rosto na água.

Segundo, estes métodos estabelecidos são famosos para ele, como geralmente poderosos e eficazes, e não pode ser maravilha se Satanás pratica mais com estas coisas que possuem o largo *probatum est* da experiência a segui-las.

Terceiro, quanto mais experiente ele é em qualquer tentação, mais destreza e sucesso ele terá ao geri-la; de modo que podemos esperá-lo mais astuto e capaz naquilo que ele mais pratica.

Isto pode ser alguma satisfação para aqueles que tendem a pensar de si mesmos e de suas tentações como Elias em sua persuasão: "Só eu fiquei". Onde Satanás usa algo de vigor e ferocidade, tendemos a dizer: "Ninguém é tentado como nós, ninguém em caso semelhante, somos singulares, estas são tentações peculiares e extraordinárias", etc. Mas é um erro; até mesmo aquilo de Salomão pode ser aplicado a estas: não há nada novo, nem nada que nos tenha sucedido que outros não tenham sofrido antes de nós. Se os cristãos fossem cuidadosos em observar o caminho da serpente sobre seus corações, e fossem tão comunicativos de suas experiências como deveriam, os fracos e sobrecarregados não andariam tão lamentosos sob tais apreensões que comumente os assustam — de que ninguém jamais foi tentado como eles. Seria algum suporte, no pior dos casos, quando as fúrias mais infernais os oprimem, saber que outros antes deles estiveram nestas profundezas, e tão temerosos de serem submersos quanto eles mesmos, e no entanto foram libertos. Os livramentos daqueles que escaparam do perigo são motivo de esperança para aqueles que estão atualmente sob ele.

As vantagens usuais que Satanás toma contra nós provêm de nosso apetite natural, de nossos sentidos externos ou de nossas paixões e afetos. Todos estes são caminhos usuais pelos quais Satanás trabalha contra nós, como aparece pelo que foi dito, e nenhum deles é tão vil e desprezível que não tenhamos causa para temer o seu poder e influência. Daí as cautelas da Escritura descem aos olhos: *Não olhes para o vinho quando se mostra vermelho no copo*. *Sede sóbrios; vigiai*, etc. O apetite não é tão facilmente contido que não possa prevalecer para a glutonaria e a embriaguez, e alguns são tão poderosamente levados por isto que se diz fazerem de seus ventres o seu deus. Sobre o poder do sentido e do afeto, já se falou em outro lugar.

CAPÍTULO VIII
A origem da primeira Tentação de Cristo.

Sobre como Satanás adapta suas Tentações às condições dos Homens. Sobre tentar os Homens sob o pretexto da Necessidade. As razões e os enganos desse pretexto. Suas pretensões de amizade ao tentar, com o perigo que isso acarreta.

Tendo assim considerado estas Tentações em sua perspectiva geral, falarei agora desta primeira tentação especial em particular. Nela, devemos observar distintamente: (1) a Origem, ou Ocasião; (2) a tentação em si; (3) o Argumento pelo qual Satanás tentou impô-la.

Primeiro, quanto à sua Origem. Alguns questionam por que Satanás começa com esta primeira tentação. A causa que

atribuem (ao menos em parte) é o seu primeiro sucesso contra Eva, em uma tentação sobre o comer, como se esta fosse a flecha principal e mais promissora em sua aljava. Mas não precisamos ir tão longe, pois o Evangelista é pontual ao registrá-la no final do versículo anterior: *teve fome*. Satanás notou isso e, a partir daí, deu origem à sua tentação. Ele esperava que, ao transformar pedras em pão para satisfazer sua fome atual, Cristo pudesse ser induzido a abrir caminho para os *estratagemas* secretos que ele havia preparado para essa ocasião. Aqui, observo:

Que onde Satanás tem um desígnio contra alguém, ele tira vantagem de sua condição e adapta sua *tentação* de acordo. Assim, se os homens estão em pobreza ou na desfrute da abundância; em doença ou saúde; se em aflições, sob injustiças, em descontentamentos, ou elevados a promoções e honras, ou qualquer outra coisa considerável relacionada a eles, ele observa e ordena seus desígnios de modo a aproveitar todas as vantagens que tais estados oferecem. Que é de seu interesse agir assim, podemos imaginar com base nestes fundamentos:

Primeiro, nosso consentimento deve ser obtido. Ele não pode, propriamente e de fato, forçá-lo, mas deve nos seduzir e enganar para que concordemos com ele.

Segundo, se nossa condição fala por ele e favorece o avanço de qualquer *artimanha* sua, nosso consentimento está, na prática, quase ganho. É difícil que um advogado tão poderoso quanto o nosso estado atual não nos influencie a uma inclinação.

Terceiro, isso realiza seu trabalho de forma fácil e eficaz; ele geralmente prevalece por este curso e com menos esforço.

Esta política de Satanás deve nos beneficiar, sugerindo-nos lembretes adequados em nossas expectativas de *tentação*. Embora não conheçamos todos os pensamentos de Satanás, podemos saber onde e como ele costuma atacar; nossa condição nos dirá o que esperar. Os angustiados e aflitos podem esperar uma *tentação* adequada à sua condição, como murmuração, queixa, vingança, desconfiança, uso de meios indiretos, desespero, etc. Aqueles que têm paz e fartura podem ter certeza de que serão tentados adequadamente ao orgulho, vanglória, cobiça, opressão, desprezo pelos outros, segurança carnal ou o que quer que seja próprio para ser enxertado nesse tronco. O mesmo pode ser dito de qualquer outra condição diferente. Quão claramente somos advertidos (pela observação do proceder de Satanás sobre essas vantagens) sobre onde esperá-lo e como nos prevenir contra ele.

Prossigamos para uma investigação mais profunda: como o Diabo gerenciou esta vantagem da fome de Cristo? Ele claramente o instiga com a necessidade de prover suprimentos para si mesmo, expondo diante dele seu desejo de comer e a impossibilidade de ajuda em um deserto estéril e desolado. É como se dissesse: "A carência do corpo deve ser suprida; a natureza e a religião concordam com isso. O deserto não oferece ajuda e os meios comuns falham; há, portanto, uma necessidade de que algum curso extraordinário seja tomado. Portanto, transforma pedras em pão; isto não é inadequado à condição e ao poder daquele que é o Filho de Deus". É neste tom que ele argumenta.

Observe, então, que Satanás geralmente se esforça para conduzir suas *tentações* sob o pretexto da necessidade e, a partir daí, inferir um dever. Quando ele não pode fingir um

caminho justo e direto para práticas irregulares, ele tenta arrombar uma porta e forçar caminho pela necessidade.

Sob esta noção de necessidade, o Diabo organiza todos aqueles pretextos que parecem ter uma força extraordinária em suas prevalências usuais. Assim, ele ensina os homens a pensarem que estão necessitados se forem levados por uma forte inclinação própria, ou se houver uma urgência e provocação de outros, ou se estiverem em apertos e perigos. Às vezes, ele vai tão longe a ponto de ensinar aos homens que uma necessidade está incluída na própria estrutura de seus princípios naturais, pelos quais eles presumidamente se desculpam de serem pecaminosos, porque por natureza o são e não podem ser mudados sem a graça especial. Raramente encontraremos alguém com uma repreensão oportuna por sua iniquidade que não alegue tais tipos de necessidades: "Eu não pude evitar", "Fui fortemente levado", ou "Fui compelido", "Eu tive que fazer isso, senão não escaparia de tal perigo", etc.

As razões desta política são estas:

Primeiro, ele sabe que a necessidade tem uma força compulsiva, mesmo para coisas que, de outro modo, seriam de maior abominação. Um tesouro de exemplos pode ser encontrado em fomes e lugares sitiados, onde é comum comer coisas imundas, não apenas criaturas vis, mas até esterco e entranhas. Sim, tão tirânica é a necessidade que ela faz incursões e conquistas sobre a própria natureza, fazendo com que a mulher terna e delicada, que não ousaria tocar a planta do pé no chão de tanta delicadeza, olhe com maldade para o marido de seu seio, para seu filho e para sua filha. Força semelhante ela exerce sobre as mentes e consciências dos homens; faz com que se levantem contra a sua luz e engaja os

homens a lançarem mãos violentas sobre suas próprias convicções, para sufocá-las e extingui-las. Quantos exemplos lúgubres temos desse tipo? Quantos apostataram da verdade (aterrorizados pelas necessidades urgentes do perigo) contrariando as mais altas convicções da consciência?

Segundo, a necessidade pode fazer muito para obscurecer o entendimento e mudar o julgamento, pela forte influência que exerce sobre os afetos. Os homens tendem a formar suas apreensões de acordo com os ditames da necessidade. O que veem como arriscado, inclinam-se a julgar como mau. Homens em apertos não apenas violam sua razão, mas às vezes, por passos insensíveis (desconhecidos para si mesmos), deslizam para um julgamento contrário das coisas, diretamente oposto ao que acreditavam e professavam. Eles não devem essa persuasão a qualquer novo acesso de luz ou nova descoberta de argumento (pois, muitas vezes, os mesmos argumentos que na ausência de problemas desprezaram como fracos, pela aparência do perigo, assumem outra face e parecem fortes), mas à prevalência de seus medos. E assim, muitos em todas as eras alteraram seus julgamentos e pensamentos, não porque soubessem mais, mas porque temiam mais.

Necessidades semelhantes os homens formam para si mesmos a partir de esperanças e expectativas exorbitantes e gananciosas de uma condição melhor, comparada àquela em que se encontram atualmente, e influência semelhante isso exerce na alteração de seus julgamentos. Que o Bispo de Split seja um exemplo disso, que primeiro detestou a religião romana e, na Inglaterra (para onde veio em busca de refúgio), escreveu contra ela; mas viu uma necessidade (pela decepção de sua expectativa) de mudar de ideia, retornou a Roma e persuadiu-se

de que era verdade o que antes pronunciara falso; e assim escreveu contra a Igreja da Inglaterra, como antes fizera contra a Igreja de Roma. A ele podemos acrescentar Ecebólo, de quem Sócrates relata que (de acordo com as várias aparições de perigos) mudou de religião várias vezes: sob Constantino, era cristão; sob Juliano, pagão; e sob Joviniano, cristão novamente.

Terceiro, a necessidade oferece uma desculpa, se não uma justificativa, para os maiores erros. Ló ofereceu expor suas filhas à luxúria furiosa dos sodomitas para a preservação de seus anjos estrangeiros, o que certamente não teria feito de modo algum, se não pensasse que a necessidade presente poderia tê-lo desculpado. Esaú profanamente vende seu direito de primogenitura, mas justifica o assunto assim: *Eis que estou a ponto de morrer, e para que me servirá o direito de primogenitura?* (*Gn 25:32*). Arão apresenta uma necessidade, vinda das resoluções violentas do povo, em sua própria justificativa no caso do bezerro de ouro: *Tu sabes que este povo é inclinado ao mal* (*Ex 32:22*).

Quarto, a necessidade é um pretexto universal e adaptado às condições de todos os homens, em todas as vocações e sob todas as extravagâncias. O comerciante, em seus ganhos ilícitos ou trapaças, alega necessidade devido à dureza do comprador em outras coisas; o pobre alega necessidade para roubar, e o rico alega a mesma necessidade para a vingança; e assim ela serve a todos com um pretexto.

Estas considerações, descobrindo este curso tão promissor para o desígnio do Diabo, garantem que ele nos colocará nesse aperto sempre que puder. Mas, além disso, podemos observar três *enganos* neste pretexto da necessidade:

Primeiro, às vezes ele leva os homens a fingirem uma necessidade onde não existe nenhuma. Saul sacrificou sob a suposição desnecessária de que, não vindo Samuel no tempo marcado, havia necessidade de que ele o fizesse. Ele também poupou o gado sob o mesmo pretexto de que era uma provisão necessária para o sacrifício. E assim o Diabo quis persuadir Cristo de que havia uma necessidade absoluta de transformar pedras em pão, quando, na verdade, não havia tal necessidade.

Segundo, às vezes ele coloca os homens em uma necessidade decorrente de sua própria conduta pecaminosa. Herodes jurou gratificar a filha de Herodias, e isso é imediatamente alegado como uma necessidade para cortar a cabeça de João Batista. Saul proibiu o consumo de comida e selou a penalidade com um juramento e maldição, e isso logo se torna uma necessidade para tirar a vida de Jônatas (que havia provado mel sem saber da maldição de seu pai), não tivesse o povo o resgatado.

Terceiro, às vezes ele estende uma necessidade além do que deveria. Ele sabe que Deus tem tal consideração pelas necessidades reais que, por esse motivo, Ele dispensa o sábado e a execução imediata do dever. Ele apresenta esses exemplos aos homens e se esforça para persuadi-los de que, da mesma forma, Deus (diante de uma necessidade) dispensará os pecados, bem como a oportunidade presente de serviço. Que cobertura (em todas as eras) os homens fizeram da necessidade para seus maiores ultrajes e extravagâncias, e com que confiança geriram tais pretextos, seria interminável relatar.

Isso deve nos alertar a não permitirmos que sejamos enganados pelas mais altas pretensões de necessidade. Seja o que for que ela possa dispensar (como em alguns casos suspenderá um serviço presente e garantirá a execução de um dever fora da

regra comum), ela nunca deve ser alegada para dar garantia a qualquer coisa que seja, em sua própria natureza, pecaminosa. A necessidade não justificará a mentira, o roubo, a cobiça, os adultérios, etc.

Além disso, devemos ser cautelosos ao julgar o que é uma necessidade. Os homens tendem a alegar necessidade onde não há nenhuma e, se cedermos a uma aceitação fácil de desculpas desse tipo, logo multiplicaremos as necessidades e as teremos para nos servir a cada momento. Alguns justificariam o pecado pela necessidade; outros descartariam o dever e a regra fingindo uma necessidade onde não há nenhuma: ambos devem ser evitados como *laços* de Satanás.

Mais uma vez (antes de encerrarmos esta origem da tentação de Cristo), observemos que, ao persuadi-lo a transformar pedras em pão, ele parece expressar muito cuidado e ternura para com Cristo, com um reflexo invejoso sobre o amor e a providência de Deus; como se dissesse: "Vejo que tens fome, e este deserto não oferece nada para comer, e Deus não cuidou de preparar uma mesa para Ti; eu, portanto, apiedando-me de Tua condição, como amigo, aconselho-te a transformar pedras em pão".

Note que Satanás gerencia seus desígnios mais cruéis sob as mais altas pretensões de amizade. Ele fez o mesmo com Eva: "Deus sabe que sereis como deuses"; como se ele tivesse mais consideração por eles do que o próprio Deus. Ele tentou Cristo pela boca de Pedro para que tivesse compaixão de Si mesmo, sob a aparência de grande bondade; e não menores são suas pretensões comuns a todos os homens. Esta é uma política profunda, pois por este meio o mal pretendido é melhor ocultado, e menos cuidado e provisão são feitos contra ele;

além disso, os afetos e desejos são despertados para um abraço apressado da proposta e um engolir ávido da isca.

Tanta sutileza há nesta maneira de lidar que aqueles que ostentam o nome de grandes políticos no mundo aprenderam com Satanás a mostrar os maiores respeitos e o semblante mais amigável àqueles a quem mais odeiam e pretendem arruinar. Assim, nosso Ricardo III da Inglaterra lidava constantemente com aqueles por cujo sangue ele esperava. E os preceitos de Maquiavel ajustam-se a isto: que é sabedoria abraçar aqueles que desejamos destruir. O presente de Eúde abriu caminho para sua adaga. A espada de Joabe não poderia ter cumprido tão bem sua missão sobre Abner se ele não a tivesse introduzido com um beijo.

Isso deve nos fazer suspeitar mais daquelas *tentações* que nos oferecem mais bondade e vantagem, e daquelas que são mais gratificantes aos nossos humores e desejos. Pois pode-se imaginar seriamente que Satanás pretende um bem real para nós? Podem os presentes de inimigos passar por cortesias e favores para qualquer um, exceto para aqueles que estão enfeitiçados em uma loucura estúpida? Satanás deve ser mais temido quando lisonjeia do que quando ruge; e embora tais ofertas possam ser vistas por alguns como *tentações* mais benignas e menos odiosas (como alguns tipos de espíritos familiares são tratados mais gentilmente por alguns, sob a noção de "demônios brancos"), podemos dizer delas o que Cornélio Agripa diz de algumas artes e caminhos ilícitos da teurgia: *eo sunt pernitiosiora, quò imperitis diviniora* (são tanto mais perniciosos quanto mais divinos parecem aos ignorantes). Eles carregam o maior perigo os que fingem a mais alta amizade. Assim encerramos a origem da tentação.

CAPÍTULO IX
Uma consideração particular sobre a matéria da primeira Tentação.

O que Satanás visava ao ordenar que Ele transformasse Pedras em Pão. Sobre Satanás nos mover para coisas boas ou lícitas. O fim de tal Movimento. Como saber se tais Movimentos são de Satanás ou do Espírito. O que fazer caso sejam de Satanás. Sobre seus vários objetivos em uma única Tentação. Quais são eles e sobre sua Estratégia nisso. Sobre seu arranjo Artificial de Movimentos para fazer uma coisa inferir outra.

Segue-se agora a *tentação* em si. *Manda que estas pedras se tornem em pães*. Não há grande dificuldade nas palavras. O grego, de fato, possui uma adequação notável à suposição na qual Satanás insiste; tomando Cristo como o Filho de Deus, é dito de forma muito pertinente: "Dize ou Fala que estas pedras se tornem em pão"; pois, se Deus fala, deve ser feito.

Não vale a pena insistir em uma variedade tão pequena de expressão como a que existe entre este Evangelista, que diz "estas pedras", e Lucas, que fala no singular, "esta pedra". Pois, além de que (como alguns supõem) esta expressão de Lucas pudesse ser Satanás baixando seu pedido para uma única pedra, após Cristo ter recusado transformar muitas, esta "uma pedra" em Lucas, tomada coletivamente por todo o monte, significará tanto quanto "estas pedras" em Mateus. Ou a frase "estas pedras" em Mateus (por imitação de um hebraísmo comum)

pode não ser mais do que "uma destas pedras", como se diz que Jefté foi sepultado nas cidades de Gileade, isto é, em uma das cidades.

A coisa instigada era a mudança da forma de uma criatura, que é uma obra verdadeiramente milagrosa e maravilhosa, e que não seria inadequada ao poder de Cristo, nem ilícita em si mesma. Questiona-se justamente, a partir daqui, onde estava o ferrão desta sugestão, ou em que ponto a *tentação* estava oculta. Primeiro, não estava na ilicitude ou pecaminosidade da coisa mencionada. Pois Cristo fez tanto quanto equivaleria a tudo isso quando transformou água em vinho, e quando alimentou multidões pela multiplicação milagrosa de alguns pães e peixes.

Segundo, não era inadequado à sua condição de faminto; pois parecia um dever prover para si mesmo, o que Satanás deu como certo.

Terceiro, nem parecia qualquer derrogação à sua natureza divina, mas sim uma vantagem e oportunidade adequada para dar uma prova completa dela, para fechar a boca de Satanás para sempre.

Apesar disso, havia veneno e malignidade suficientes na sugestão e, sob estas folhas verdes de pretextos plausíveis, escondiam-se muitas serpentes. Pois: (1) Por meio disso, Ele foi secretamente tentado a admitir uma dúvida sobre a verdade do testemunho divino, que recentemente o declarara Filho de Deus. (2) E também a questionar a providência e o amor de seu Pai. (3) E a sair desnecessariamente do caminho comum de suprimento, recorrendo a meios indiretos ou cursos extraordinários. (4) E tudo isso para o abuso e desvalorização

de seu poder, prostituindo-o à direção ou persuasão de Satanás; e o Diabo teria ganho uma vantagem considerável se pudesse tê-lo convencido a fazer tal coisa por sua instigação. (5) Talvez ele tenha pensado ainda que isso pudesse induzir a uma alta estima de Si mesmo, abrindo caminho para uma vã ostentação de seu poder e interesse em Deus. Todos ou a maioria destes parecem ser os desígnios que o Diabo estava impulsionando. Várias coisas são, portanto, observáveis:

Que onde Satanás não julga ser de seu interesse presente sugerir-nos coisas em sua própria natureza pecaminosas, ele nos moverá a coisas boas em si mesmas, na esperança de, por meio delas, nos levar ao mal. Este caminho de tentar provém de uma política mais refinada do que as moções diretas ao pecado; e, sem dúvida, é menos suspeito e, consequentemente, mais atraente. Os males que Satanás introduziria por este método são tais como estes:

Primeiro, às vezes, quando ele nos tenta ao que é bom, é para que possa nos amedrontar e afastar disso; sua aprovação é suficiente para colocar um descrédito e uma suspeita vergonhosa sobre qualquer coisa. Tal desígnio ele teve quando deu testemunho de Cristo, que Ele era o Filho de Deus; ou dos apóstolos, que eram servos do Deus Altíssimo. Não era sua intenção honrá-lo ou a eles, mas trazê-los sob suspeita e problemas.

Segundo, há muitas maneiras de falhar em uma ação lícita, seja por propor fins ruins, por falhas na maneira de execução ou por um mau uso do todo. Estas falhas (e a possibilidade e probabilidade delas) Satanás traz em sua mente; contudo, ele não as propõe de início, mas, movendo-nos à coisa, tem a expectativa de que deslizaremos para elas por conta própria, ou

seremos inclinados por alguns toques adequados de sugestão em nossas mentes, juntamente com a tendência da ação para tais males que lhe são propriamente consequentes. Satanás não tentou Cristo aqui diretamente a esses fins pecaminosos, mas a uma ação que ele esperava que pudesse produzi-los insensivelmente.

Terceiro, outro mal visado por este meio é o impedimento de um bem maior, não apenas como uma diversão para nos desviar de uma ocasião melhor ou mais proveitosa, mas também como uma interrupção inoportuna de algo que no momento nos concerne mais. Assim, ele faz da sugestão de coisas boas o impedimento da oração ou da audição da Palavra.

Alguns dirão: "Este é um caso perturbador; que em coisas boas ou lícitas os homens estejam em tais perigos". E desejarão saber como podem distinguir os *estratagemas* e movimentos de Satanás daqueles que não dependem dele ou que são do Espírito de Deus.

Em resposta a isso: (1) Olhemos bem (quando tememos ser assim cercados) para quais impressões estão em nosso espírito quando somos movidos ao que pode ser lícito. Pois, junto com o movimento (se for de Satanás), encontraremos ou uma razão e um fim corruptos surgindo privadamente em nossa mente, ou poderemos observar que nossos *corações* estão fora de ordem e perversamente inclinados; isso muitas vezes não é visto por nós mesmos. Quando os discípulos propuseram a Cristo fazer descer fogo do céu, se tivessem considerado o estado vingativo e egoísta de seus espíritos (do qual nosso Senhor lhes diz que eram ignorantes), poderiam facilmente ter sabido que o movimento procedera de Satanás.

Segundo, as circunstâncias concorrentes da coisa ou ação devem ser seriamente pesadas; pois, a partir daí, podemos tirar uma medida correta da conveniência ou inconveniência de prosseguir nela. O que é de Satanás será ou inoportuno quanto ao tempo, lugar e pessoa, ou alguma outra coisa aparecerá que permita uma descoberta. Como aqui, Cristo recusa transformar pedras em pão porque não apenas o modo e a maneira da proposta já expõem suficientemente o desígnio, mas também as circunstâncias da condição de Cristo naquele momento mostravam que o movimento era inoportuno e inconveniente. Pois, se Satanás tivesse instado a necessidade disso para a satisfação de sua fome, Cristo poderia ter respondido que a experiência que tivera do sustento de Deus por quarenta dias seguidos era suficiente para engajá-lo a confiar ainda mais nEle. Se ele tivesse instado, além disso, que por este meio Ele poderia ter tido uma prova completa do amor e cuidado de Deus, ou de sua filiação, estava à mão dizer-lhe que era desnecessário buscar uma evidência adicional quando Deus dera uma tão completa pouco antes. Se, novamente, ele tivesse alegado que seria uma ocasião útil para dar um testemunho de seu poder para a satisfação de outros, Ele poderia ter dito que teria sido impertinente fazê-lo então, quando estava no deserto, onde ninguém poderia se beneficiar disso. De modo que nada que Satanás pudesse ter proposto como razão para aquele milagre deixaria de ser repelido por uma consideração de sua condição presente.

A instrução que se pode colher disto é que não devemos nutrir pensamentos de fazer coisas lícitas sem uma devida investigação sobre o estado de nossos próprios *corações* e uma consideração completa de todas as circunstâncias ao redor, com as tendências e consequências prováveis.

Mas (alguém dirá): "Se eu julgar tal movimento como algo lícito, mas que procede de Satanás, o que devo fazer?".

Respondo: (1) Considere se o bem é necessário ou não. Se for necessário, é um dever e não deve ser abandonado; apenas os abusos devem ser vigiados e evitados.

Segundo, se for um dever, considere se é oportuno ou inoportuno, necessário ou não quanto ao tempo presente. Se não for, pode ser suspenso e uma oportunidade mais adequada aguardada.

Terceiro, se for apenas lícito e não necessário, devemos nos abster totalmente, seguindo o exemplo de Davi no *Sl 39:2*, que se absteve até do bem (isto é, de lamentações lícitas de si mesmo ou queixas contra Absalão, que se rebelara contra ele), porque não era necessário e (consideradas as circunstâncias de sua condição) muito perigoso; temendo que, dando vazão, pudesse ser facilmente levado a falar apaixonadamente ou com desconfiança contra Deus, e tolamente contra as providências.

Que a coisa para a qual Satanás moveu Cristo era lícita, já foi notado. A seguir, consideremos quais fins Satanás poderia propor a si mesmo neste movimento, e veremos que ele não estreitou seu desígnio a apenas uma coisa, mas a várias. Daí temos esta observação:

Que em uma única *tentação*, Satanás pode ter vários alvos e desígnios.

A *tentação* é uma coisa complicada, um monstro de muitas cabeças. Satanás tem sempre muitas coisas em vista. Primeiro, em cada *tentação*, há um desígnio direto e principal, a coisa principal que o Diabo deseja.

Segundo, há várias coisas subsidiárias ao desígnio principal, como passos, graus ou meios que levam a ele; o menor sempre abrindo caminho para o maior. Se Satanás projeta o assassinato, ele lança as bases de seu trabalho em ressentimentos internos e ódios; depois, dá provocações por palavras de reprovação ou comportamentos desdenhosos (como nosso Salvador nota nas expressões *Raca* e *Louco*) e assim, por graus, seduz ao assassinato. O mesmo podemos observar nos desejos de impureza e outras coisas.

Terceiro, além disso, geralmente há reservas, algo em emboscada para vigiar nossas retiradas; pois Satanás considera o que fazer caso repelamos e recusemos seu movimento, para que não trabalhe totalmente em vão. Um extremo contrário vigia aqueles que fogem de uma *tentação*: orgulho, segurança, autoconfiança e vanglória estão prontos para pegá-los pelo calcanhar. Tão verdadeiramente se pode dizer de Satanás que ele conhece o caminho que tomamos; se vamos para frente, ele está lá; se para trás, também o percebemos; à mão esquerda, ele está trabalhando; e à mão direita, não está ocioso. Tudo isso podemos ver particularmente nesta *tentação*: ele tinha um desígnio principal; ele prepara meios e apoios para ajudá-lo; tais eram aqueles pretextos de necessidade e conveniência que a fome e a carência de Cristo lhe forneceram; e não faltaram as reservas de presunção e negligência própria caso Ele resistisse ao movimento.

As razões desta política são estas:

Primeiro, quando Satanás tenta, ele não tem certeza de sua prevalência, mesmo quando as probabilidades são maiores; e, portanto, ele se provê de várias coisas ao mesmo tempo; para que, se a parte tentada sentir náuseas de uma coisa, possa haver

outra pronta que agrade ao seu paladar. Deus dá este conselho aos semeadores espirituais: *Pela manhã semeia a tua semente, e à tarde não retires a tua mão, porque tu não sabes qual prosperará, se esta, se aquela* (*Ec 11:6*). Satanás, esse semeador de joio, imita isso; e porque não sabe o que prosperará, usa a variedade.

Segundo, onde muitas coisas são projetadas ao mesmo tempo, é cem por cento de chance que nem todas voltem vazias. É muito se muitos *laços* falharem; aquele que rompeu um ou dois pode não apenas ser seduzido por uma terceira *tentação* (estando exausto pelos ataques ou tornado maleável pelas seduções anteriores), mas também pode sentar-se seguro, supondo ter passado todo o perigo, e assim cair inadvertidamente em uma armadilha invisível ou insuspeita.

Isto pode (1) por via de cautela, nos assegurar de que não temos causa para pensar que todo o medo acabou quando evitamos os desígnios mais óbvios e conspícuos de uma *tentação*, mas antes suspeitar de algum estratagema posterior que ainda não descobrimos. (2) Que há uma necessidade de sermos circunspectos em todos os sentidos e, como Jano, termos olhos à frente e atrás, para que possamos fazer descobertas oportunas do que Satanás pretende contra nós.

Assim como observamos os vários desígnios de Satanás em uma *tentação*, também é notável que esses vários caminhos dele nesta *tentação* dão força uns aos outros e têm uma conexão tão estreita quanto as pedras em um arco. Cristo dignou-se elogiar a sabedoria do mordomo injusto, embora não pretendesse a menor aprovação de sua desonestidade. Assim, podemos nos desviar e observar o *estratagema* astuto do Diabo na gestão deste argumento contra Cristo, que é para este

propósito, como se ele tivesse procedido assim: "Se tu és o Filho de Deus (como o testemunho do céu recentemente declarou), não pode haver inconveniência, mas sim vantagem em dar uma prova adicional disso. Tua condição atual de carência e fome parece contradizê-lo; pois quão estranho e inadequado é que o Filho de Deus esteja em tais apertos? Contudo, se és o que dizes ser, é fácil para Ti ajudar-Te a Ti mesmo; Deus, que fez o mundo do nada pelo poder de seu comando, pode muito mais mudar as formas das coisas que já foram feitas; basta falar, e estas pedras que estão diante de Ti se transformarão em pão. Além disso, ao fazê-lo, poderás oportunamente vindicar-Te do eclipse de Tua condição atual. A necessidade e o dever (pois é dever suprir a carência do corpo, que não pode ser sustentado sem seu alimento próprio) compelem-Te inevitavelmente a isso, a menos que não temas contrair a culpa da autodestruição; especialmente vendo que não Te instigo a prover iguarias, mas apenas pão, e tal como é necessário para manter a vida dos homens mais pobres, da maneira mais simples".

Note, portanto: Satanás, ao conduzir uma *tentação*, usa um arranjo tão artificial de motivos e coisas que um sempre infere o outro, um fortalece o outro. As *tentações* são como um parafuso que, uma vez admitido, aproveitará sua primeira fixação para arrastar todo o resto. Por meio dessas artes, Satanás, como uma serpente astuta, se insinua nos afetos dos homens.

CAPÍTULO X
Sobre o objetivo principal de Satanás nesta Tentação.

Sua habilidade em tornar plausíveis os meios para o pecado. As razões dessa política, com sua astúcia nela empregada. A ignorância dos homens como sua vantagem. Sobre as diferenças das coisas propostas para nosso uso.

Os vários objetivos de Satanás e sua estreita dependência mútua, tendo nos fornecido diversas observações, resta agora perguntarmos sobre a coisa principal e central que Satanás pretendia primordialmente. Para abrir caminho a isso, deve-se notar que, especialmente em grandes *tentações*, o desígnio principal de Satanás compreende estes dois elementos: o Fim principal e os Meios principais que conduzem a esse fim. Sobre estes, alguns autores conjecturam de forma variada, cujas divergências não temos grande ocasião de mencionar, visto que o Texto nos dá grande satisfação neste assunto.

Pois, primeiro, o Fim principal de Satanás nos é expresso (de forma não obscura) nestas palavras: *Se tu és o Filho de Deus*. Se compararmos isto com *Mt 3:17 — Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo* — perceberemos facilmente que aqui Satanás apenas faz eco àquela Voz que desceu do Céu. Ele agiu da mesma forma com Eva. Deus dissera: "da árvore que está no meio do jardim não comereis"; Satanás (tendo, por assim dizer, o som disso ainda em seus ouvidos), em clara referência a isso, diz: *É assim que Deus disse: Não comereis?* Assim, há aqui também um evidente respeito ao testemunho de Deus concernente a Cristo, como se ele dissesse: "Deus disse

que tu és o seu Filho? Se tu és de fato tal como Ele testificou, dá alguma prova disso", etc. Por meio disso, transparece que seu desígnio era minar este testemunho ou, de uma forma ou de outra, derrotá-lo. Não deve servir de objeção o fato de Satanás não mencionar diretamente sua dúvida ou desconfiança, nem sugerir positivamente a Cristo um questionamento ou descrença de sua filiação; pois não seria adequado à sua política expor assim seu Fim principal. Este deveria ser esperado depois, como o último na execução (caso tivesse tido efeito), embora fosse o primeiro na intenção.

Segundo, os Meios principais pelos quais ele pretendia alcançar este fim podem ser compreendidos a partir da resposta de Cristo à *tentação*. Pois não se pode senão imaginar que Cristo conhecia o fundo da política de Satanás, e que sua resposta deveria confrontar plenamente os Meios pelos quais Satanás se esforçava para enredá-lo. Sua resposta foi: *Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus*. Se pudermos, então, chegar a uma compreensão certa desta Escritura (o que não é difícil), saberemos evidentemente a intenção da *tentação*, para a qual esta é uma resposta direta.

Estas palavras são citadas de *Dt 8:3*, que alguns interpretam neste sentido: como se Cristo tivesse dito que o homem não tem apenas uma vida do corpo (mencionada pelo pão) para cuidar, mas outra vida da alma, que é de tão grande importância que a vida corporal deve ser negligenciada antes que a da alma seja posta em perigo. Isto é uma verdade em si mesma, mas está aparentemente fora do significado de *Dt 8*. Nem oferece uma resposta tão completa e particular como (sem dúvida) Cristo pretendeu. Mas consideremos o texto e encontraremos mais nele; pois Moisés primeiro relata o trato de

Deus com Israel no deserto, permitindo que tivessem fome e tirando deles os meios comuns de vida — o que (como mostra a última parte do versículo) deve ser entendido como o pão comum — e então, para suprir essa falta, alimentou-os por um meio extraordinário (do qual nunca tinham ouvido falar antes): o maná. Em seguida, ele faz uma inferência deste modo de proceder de Deus, elevando este caso particular a uma regra geral: *Para te dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem*. Isto é claramente deste teor: que o homem não vive apenas por meios comuns, mas que Deus pode prover para sua vida de uma maneira extraordinária, designando qualquer coisa para esse fim, por meio de sua poderosa e forte Palavra e bom prazer. Assim, coisas por mais incomuns ou inadequadas que sejam em si mesmas para o sustento, tornar-se-ão fortalecedoras para nós, se Ele der a sua ordem. Cristo, então, aplicando isto neste sentido, disse (por assim dizer) a Satanás: "Embora eu careça dos meios comuns de vida, que é o pão, contudo sei que Deus pode fazer qualquer coisa que lhe agrade para me nutrir em vez disso. Portanto, não abandonarei a dependência da providência de Deus neste aperto, nem correrei sem garantia para um curso extraordinário de suprimento". Daí é evidente que, para alcançar seu Fim principal (que era a desconfiança de sua relação com Deus), ele usou este meio: que, em razão de seu aperto na falha do suprimento comum, Ele deveria desconfiar da Providência e, sem autorização, prover para si mesmo. Observe:

Que onde Satanás executa um Desígnio e Fim principal, ele dedica a maior parte de seus esforços e habilidade em tornar os Meios para esse fim plausíveis e atraentes. O Fim é o que menos se menciona, e os Meios, em seu arranjo adequado,

ocupam a maior parte de sua arte e cuidado. As razões para isso são estas:

Primeiro, o Fim é aparentemente mau, de modo que seria uma contradição ao seu desígnio mencioná-lo; é o próprio *laço* e armadilha que sua sabedoria e política o orientam a cobrir. Seu fim último é a destruição da alma; isso ele não ousa declarar abertamente nem ao mais vil dos homens. Ele não diz a eles: "destruam suas almas, tragam misérias eternas sobre vocês mesmos", mas apenas os tenta àquilo que trará essa miséria sobre eles. E quanto àqueles fins intermediários, que são os atos formais do pecado, ele usa também uma espécie de modéstia em ocultá-los; ele não costuma dizer: "vá e mate", ou "cometa adultério". Em vez disso, coloca-os em caminhos ou meios que os levarão a essas iniquidades, exceto quando tem de lidar com aqueles que estão tão endurecidos no pecado que sentem prazer em agir perversamente; e então ele pode descobrir seus fins mais livremente a tais pessoas na *tentação*.

Segundo, os Meios para tais fins perversos não têm apenas uma tendência inata e natural em si mesmos, que são aptas a inclinar e desviar os homens para esse caminho, mas são também capazes de um aprimoramento artificial para uma sedução adicional aos males secretamente pretendidos; e estes requerem arte e perícia para sua exata adequação e ajuste. O Fim não pode ser alcançado sem os Meios, e os Meios assim ordenados (sem o auxílio da Graça) raramente falharão em atingir o Fim.

Terceiro, os Meios são capazes de verniz e pintura; ele consegue dar-lhes um acabamento e colori-los de modo que o seu verdadeiro intuito não possa ser facilmente descoberto, ao passo que os Fins aos quais estes conduzem não podem receber (pelo menos não tão facilmente para alguns) aparências tão

belas. É muito mais fácil maquiar a má companhia com os pretextos prazerosos de necessidade ou divertimento revigorante, do que propor a embriaguez direta (coisa à qual a má companhia tende) sob tal vestimenta.

Se for perguntado: "Como e por quais artes ele torna os Meios tão plausíveis?", tentarei satisfazer essa dúvida mostrando o caminho que Satanás tomou para tornar os Meios que utilizou nesta *tentação* plausíveis para Cristo, os quais foram estes:

Primeiro, ele o representa como uma coisa inofensiva ou lícita em si mesma. Quem poderia dizer que teria sido pecaminoso para o Filho de Deus transformar pedras em pão, mais do que transformar água em vinho?

Segundo, ele dá à proposta um pretexto adicional de vantagem ou bondade; ele insinuou que poderia ser uma descoberta útil de sua filiação e um suprimento proveitoso contra a fome.

Terceiro, ele parece também impor uma Necessidade sobre isso; que, falhando outros meios de ajuda, Ele deve ser constrangido a agir assim, ou sofrer mais privação.

Quarto, ele não se esquece de lhe dizer que fazer isso era apenas adequado à sua Condição, e que era algo muito condizente ao Filho de Deus realizar um milagre.

Quinto, ele o instiga como se fosse um Dever; e que, estando em fome e necessidade, seria uma negligência pecaminosa não fazer o que pudesse e devesse para sua preservação.

O mesmo caminho ele toma em outras *tentações*, em alguns casos alegando todas, em outros a maioria destas coisas, pelas quais os meios que a elas conduzem podem parecer plausíveis. Se ele apresenta aos homens ocasiões de pecar, dirá

ordinariamente que podem licitamente aventurar-se nelas, que são inofensivas, e até vantajosas, como tendentes ao recreio do espírito e saúde do corpo; sim, que é necessário que tomem tal liberdade, e que, ao fazê-lo, apenas fazem o que outros que professam a religião também fazem. E muitas vezes ele tem tal vantagem das circunstâncias da coisa e da inclinação do nosso *coração*, que se atreve a nos dizer: "Isto não é nada menos que um Dever". Assim pareceu o ultraje de Demétrio para ele, quando considerou o quanto seu sustento dependia da Diana dos efésios; o zelo de Paulo o tornava confiante de que a perseguição aos cristãos era seu dever. Não há nada que possa pretender qualquer zelo, vantagem ou fundamento plausível que não receba imediatamente a denominação de dever.

Se alguém se admira que pretextos tão pobres e superficiais não sejam percebidos por todos os homens, saiba que isso acontece por uma quádrupla Ignorância:

Primeiro, por uma Ignorância da coisa em si. Quão facilmente podem ser enganados aqueles que não conhecem a natureza ou os resultados usuais das coisas? Como as crianças são iludidas a valorizar uma ninharia inútil ou prejudicial, assim os homens são enganados e facilmente manipulados naquilo que não compreendem. Por esta causa, os pecadores são comparados a pássaros, que são facilmente atraídos pela isca proposta à sua vista como proveitosa e boa para eles, porque não conhecem o *laço* que jaz escondido sob ela. Esta ignorância que causa o erro mencionado não é apenas uma ignorância simples, mas também aquela ignorância que deve sua origem a uma disposição voluntária e perversa (pois há alguns que são voluntariamente ignorantes), que muitas vezes expõe à ilusão

aqueles que, por preconceito ou ociosidade, não se dão ao trabalho de fazer investigações completas.

Segundo, isto também acontece por uma Ignorância de nossos espíritos. Pois, enquanto nos envolvemos nas coisas propostas por Satanás sob a garantia geral de uma boa intenção, ou de que não temos má intenção nisso, somos impedidos de descobrir o desígnio pretendido. Assim, Paulo nada viu, em sua perseguição à Igreja de Deus, do que Satanás visava; ou enquanto, sob o pretexto de uma boa intenção, nossos princípios corruptos secretos de fato nos movem por baixo dos panos a qualquer empreendimento, somos igualmente pouco aptos a ver os fins de Satanás no que ele nos propõe. Jeú e os discípulos, fingindo um zelo por Deus, mas sendo realmente levados por seus próprios temperamentos furiosos, viram tão pouco quanto os outros o que o Diabo estava fazendo com eles.

Terceiro, os meios de uma *tentação* tornam-se menos suspeitos por uma Ignorância das Circunstâncias e Concomitantes que os acompanham.

Quarto, bem como por uma Ignorância de nossa própria fraqueza e inclinação. Enquanto estamos confiantes de possuir maior força para resistir do que de fato temos, ou de uma aversão maior ao mal suspeito do que realmente existe em nós, desprezamos o perigo dos meios como algo abaixo de nós, e assim nos tornamos ousados com as ocasiões de iniquidade, fingindo que não há risco ou perigo para nós.

Isto pode nos ensinar uma lição de sabedoria, na imitação do Diabo; vemos que sua malícia aparece nos objetivos ou intenções sangrentas e destrutivas que ele revela contra nós, mas sua perícia e astúcia aparecem na disposição e ordenação

adequada dos Meios. Assim, deveríamos aprender a empregar todo o nosso cuidado e vigilância sobre esses caminhos plausíveis ou introduções ao pecado que Satanás coloca em nossa mão. E como seu desejo ardente de ganhar seu fim o torna industrioso na oferta de meios adequados para alcançá-lo, assim nosso medo de seu desígnio e fim deve nos tornar zelosos de cada proposta que nos é apresentada. Aqueles que, por obstinação ou negligência, admitem os meios do mal, não podem esperar evitar o mal ao qual eles conduzem; ou, se puderem ser (inesperadamente) resgatados do fim enquanto usam os meios (pela interposição da Graça, como entre a taça e o lábio), não é por mérito deles, e muitas vezes não escapam tão limpos que alguma sequela ou outra não permaneça neles.

Suspeito que isto será retorquido como um conselho dificilmente praticável; pois, se todos os meios que levam ao pecado devem ser evitados, então nada poderemos usar, mas antes (como diz o Apóstolo em outro caso) teríamos de sair do mundo, visto que tudo pode levar ao mal.

Respondo: não somos colocados por qualquer comando de Deus em tal aperto. Coisas que são ou podem ser usadas contra nós podem ser utilizadas com o devido cuidado e vigilância; contudo, nem todas as coisas são iguais, pois devemos olhar para as coisas sob uma tríplice consideração:

Primeiro, se aquilo que nos é proposto ou posto diante de nós como um meio para o pecado for em si mesmo pecaminoso, a recusa de ambos é um dever indubitável.

Segundo, devemos olhar para as coisas sob a consideração da suspeita que carregam consigo de um mal posterior. Algumas circunstâncias ou posturas de uma oportunidade e ocasião

oferecida são de um aspecto tão ameaçador que nos advertem claramente a manter distância. Manter companhia com um amigo pode ser admitido, quando, no entanto, essa sociedade em um lugar suspeito, como uma taberna ou bordel, deve ser evitada.

Terceiro, devemos considerar ainda as coisas conforme estamos livres ou vinculados a elas; e, consequentemente, onde houver aparência de perigo, ou o medo dele, devemos manter distância se estivermos livres. Mas se estivermos vinculados a tais coisas, seja pela obrigação da Lei da Natureza, ou vocação lícita, ou comando de Deus, ou Providência inevitável, ou relação, onde estes laços estão sobre nós, não podemos evitar a coisa ou ação, mas estamos tanto mais preocupados em cuidar para não sermos enganados ou surpreendidos por elas.

CAPÍTULO XI
Sobre a Tentação à desconfiança diante da falha dos Meios Comuns.

Sobre o poder dessa Tentação e as razões de sua prevalência. Sobre tentativas ilícitas de alívio, com suas causas. Sobre esperar em Deus e guardar o seu caminho. Em quais casos uma Misericórdia particular deve ser esperada.

Insisti particularmente nos objetivos de Satanás nesta *tentação*, em sua variedade, e também na astuta conexão e coerência entre eles; também selecionei seu desígnio principal. Resta-me agora, por último, apresentar-vos a adequação e as relações que

os meios subordinados mantêm com o Principal, e a proporção que se pode encontrar em tudo isso para o fim a que se destinam.

O meio principal (em referência ao fim projetado) era a desconfiança da Providência; e o meio subordinado para provocar essa desconfiança era a falha dos meios comuns de suprimento; pois assim ele se esforçou para aproveitar a fome e a necessidade de Cristo no deserto como uma negligência manifesta da Providência para com Ele, pela qual (como ele sugere tacitamente) não havia fundamento para esperar ou confiar nela por mais tempo, mas sim para recorrer a outro curso. Daí, note:

Que a falha dos meios comuns de ajuda é aproveitada por Satanás como seu engenho especial para levar os homens à desconfiança da Providência e, a partir daí, a uma tentativa ilícita de alívio por uma via extraordinária.

Que a falha de suprimentos comuns e usuais tem, pela sutileza do Diabo, provocado a desconfiança da Providência e levado os homens para além de todas as esperanças de ajuda, é algo comum e notoriamente conhecido. Quando os homens estão aflitos e levados a apertos incomuns, e os caminhos comuns de alívio estão fora de vista, são logo tentados a desconfiar de Deus e do homem, e a concluir que estão desamparados, que sua esperança pereceu e que seus olhos não verão mais o bem. Davi, angustiado, proclama que todos os homens são mentirosos; conclui que seria finalmente destruído. Jonas, no ventre da baleia, pensou que toda esperança se fora e que fora expulso da presença de Deus. A Igreja de Israel no cativeiro esqueceu a prosperidade (apesar da promessa de libertação após setenta anos) e pensou nada menos que sua esperança e

força haviam perecido (*Lm 3:18*). E, pelas Escrituras mencionadas, podemos também ver a força e a prevalência da *tentação*, especialmente quando reduzida a casos particulares. Como, por exemplo:

Primeiro, não é algo sem peso que tal *tentação* prevaleça contra pessoas como Davi, Jonas e toda a Igreja de Israel. Que as múltiplas experiências que alguns deles tiveram da fidelidade de Deus em livrar, e a oportunidade da ajuda em tempos de maior risco; que as promessas particulares que todos tiveram (por mais lúgubres e negras que as coisas parecessem) tenham dado as maiores garantias imagináveis de que o que Ele falara certamente se cumpriria; que as qualificações graciosas de tais pessoas como eminentemente santas e peritas nos deveres de confiança e nos caminhos da Providência; e que a vantagem especial que alguns deles (como profetas) tiveram sobre outros para capacitá-los a aprimorar essa perícia, experiência, conhecimento e graça para uma adesão firme a tais promessas especiais — que todas essas coisas não fossem suficientes para mantê-los longe da desconfiança (embora no momento os caminhos de livramento estivessem ocultos para eles), parece estranho.

Segundo, é também maravilhoso a que altura tal *tentação* prevalecente levou alguns deles. Davi parece estar um pouco exaltado e, na prática, chamou Deus de mentiroso quando disse: *Todos os homens são mentirosos* (*Sl 116:11*). Embora alguns interpretem como se isso fosse a confiança de Davi em Deus e sua afirmação segura de que os prognósticos de seus inimigos sobre sua ruína não passavam de mentiras, e que ele falou isso por sua firme crença na promessa (*Cri, por isso falei*), contudo, o reconhecimento de sua pressa (que,

comparado com *Sl 31:22*, é declarado como sua fraqueza) nos forçará a concluir que foi uma confissão ingênua de sua desconfiança inicial. Quando ele estava grandemente aflito (embora tenha se recuperado depois para crer na promessa), naquele estado perturbado ele claramente refletiu sobre Samuel e chamou as promessas de Deus dadas por ele de uma mentira.

Terceiro, é estranho também que exemplos presentes das providências de Deus realizando livramentos inesperados não aliviem os corações de seus santos do poder de tal desconfiança. Que, ao verem que Deus não se esqueceu deles, mas os ouve naquilo que temiam, ainda retenham em suas mentes a impressão de uma apreensão incrédula; e não se libertem antes de suas expectativas de ruína futura, concluindo que Aquele que livrou e livra, ainda livrará. Davi tinha este pensamento em seu coração: que um dia pereceria pela mão de Saul, mesmo quando Deus o resgatara tão notavelmente de Saul e forçara Saul não apenas a reconhecer seu pecado em persegui-lo, mas também a declarar sua crença na promessa concernente a Davi. Esperar-se-ia que isso tivesse sido uma demonstração tal da verdade do que fora prometido, que ele devesse lançar fora todo medo; e, no entanto, ao contrário, este penhor do propósito de Deus para com ele é recebido por um coração fortemente possuído por pensamentos de dúvida, e ele continua a pensar que, apesar de tudo, Saul um dia o destruiria.

Quarto, as dores desta desconfiança são também tão notáveis que, após terem sido livrados e descoberto que o evento não correspondeu aos seus temores, eles, ao revisarem sua conduta sob tais medos, recontaram esta sua fraqueza entre outras coisas notáveis, mostrando assim a irracionalidade de sua incredulidade e seu espanto de que Deus passasse por cima de

tão grande provocação e, não obstante, os livrasse tão inesperadamente. Davi, nos lugares antes citados, estava em um reconhecimento agradecido do amor de Deus e de sua maravilhosa bondade, que ele pensou não poder realizar sem deixar um registro de sua estranha e indigna desconfiança; como se dissesse: "Tão grandemente pequei, e tão inadequadamente me comportei, que então desisti e concluí que tudo estava perdido".

Para abrir isto um pouco mais, acrescentarei as razões pelas quais Satanás se aproveita de uma ocasião como a falta de meios para tentar à desconfiança, as quais são estas:

Primeiro, tal condição costuma transportar os homens para fora de si mesmos, coloca-os, por assim dizer, em um êxtase e, por um súbito arrebatamento de assombro e medo, força-os para além de seus pensamentos e propósitos estabelecidos. Davi nota isto como o fundamento de sua fala precipitada e inconsiderada: "Foi na minha pressa, fui transportado", etc. Ora, assim como a paixão não apenas faz os homens dizerem o que de outra forma não diriam, mas também darem más interpretações a ações e coisas além do que elas suportam, e apressar os homens a resoluções excessivamente irracionais; assim este estado do coração (sob um espanto e surpresa de medo) dá oportunidade a Satanás para incutir nos homens pensamentos injuriosos e injustos sobre a providência de Deus e, por tais caminhos, alienar suas mentes da confiança que lhe devem.

Segundo, o sentido é uma grande ajuda para a fé. A fé, então, deve necessariamente ser muito arriscada quando o sentido está perdido ou é contradito, como costuma acontecer nos apertos. Que a fé recebe uma vantagem pelo sentido, não se pode negar.

Crer no que vemos é mais fácil do que crer no que não vemos; e que, em nosso estado de fraqueza e enfermidade, Deus nos tolera tanto que, por sua permissão, podemos tomar a ajuda de nossos sentidos, é evidente por sua instituição dos dois sacramentos, onde, por sinais externos visíveis, nossa fé pode ser estimulada a apreender os benefícios espirituais oferecidos. Tomé, resolvendo suspender sua crença até estar satisfeito de que Cristo ressuscitara pela prova máxima que o sentido pudesse dar (determinando não dar crédito ao testemunho do restante dos discípulos até que, pondo o dedo no seu lado, se tornasse mais certo), Cristo não apenas condescendeu com ele, mas também pronunciou sua aprovação de sua crença, aceitando-a porque ele crera por ter visto. Mas quando os auxílios externos usuais nos faltam, nosso sentido (não sendo capaz de ver ao longe) fica totalmente perplexo e derrubado; o próprio desaparecimento das probabilidades dá um abalo tão grande à nossa fé que ela comumente cambaleia; e, portanto, foi dado como o grande elogio da fé de Abraão que ele (não obstante a improbabilidade da coisa) não duvidou da promessa; notando assim quão extraordinário foi nele, naquele tempo, manter-se contra a contradição do sentido, e quão usual é para outros serem afastados de toda confiança por ela. Não é de admirar ver aquela fé (que costumava chamar o sentido como apoio) falhar quando é privada de sua muleta. E aquele que desejasse entender um pouco que desvantagem isso poderia provar para um homem bom, quando o sentido falha totalmente em sua expectativa, pode considerar consigo mesmo em que caso Tomé poderia ter estado se Cristo se recusasse a deixá-lo ver seu lado e meter o dedo na marca dos cravos; ao que tudo indica, se tivesse sido assim, ele teria ido embora confirmado em sua incredulidade.

Terceiro, embora a fé possa agir acima do sentido e seja empregada sobre coisas que não se veem, nem todo santo em todos os momentos age sua fé tão alto. Cristo nos diz que crer onde um homem não teve a ajuda da visão e do sentido é nobre e bem-aventurado (*Jo 20:29*); contudo, ao mesmo tempo, ele insinua ser raro e difícil. "Aquele que não viu e, no entanto, creu" implica que é apenas um entre muitos que o faz, e que é a conquista de uma dificuldade mais do que comum. Daí é que amar a Deus quando Ele mata, e crer quando os meios falham, são contados entre os altos atos do cristianismo.

Quarto, quando o sentido está sem saída e a fé falha, a alma do homem fica em grande perda. Não tendo nada que a sustente, ela deve necessariamente afundar; mas tendo algo que a derrube, além de sua própria propensão para baixo em direção à desconfiança, ela tem a força de uma decepção tão grande para empurrá-la para frente; e tal amargura de espírito, aumentada pela influência maligna de Satanás, que com uma violência (como o anjo lançando uma pedra de moinho no mar) ela é lançada ao fundo de tais profundezas de incredulidade, que o conhecimento do poder anterior e das providências extraordinárias não pode impedi-la de uma negação absoluta do mesmo para o futuro. Israel no deserto, quando chegou à falta de pão, embora reconhecessem que Ele fendera a rocha e lhes dera água em aperto semelhante, contudo, tanto falharam seus corações daquela devida confiança no poder e misericórdia de Deus que se poderia esperar, que, embora confessassem um, questionam e negam o outro desconfiadamente. "Ele fendeu a rocha, mas pode prover carne? Pode dar pão?". Estranha incredulidade! Que vê e reconhece a Onipotência em uma coisa, e ainda a nega em outra.

Quinto, a Providência tem sido uma questão antiga. É um ateísmo de que alguns foram culpados negar que Deus ordena todos os assuntos relativos aos seus filhos aqui embaixo, os quais, no entanto, não extinguiram tão plenamente suas impressões naturais a ponto de ousarem negar a existência de Deus. Que Deus existe, eles confessam; mas, ao mesmo tempo, pensam que Ele anda no circuito do céu e, quanto às preocupações menores dos homens, não faz nem o bem nem o mal. Sendo este um erro antigo, ao qual a maioria é inclinada demais (e tanto mais porque tais coisas são permitidas, como o castigo de seus filhos e suas provações, enquanto outros têm tudo o que o coração pode desejar, o que parece pouco consistente com aquele amor e cuidado que os homens esperam dEle para com seus servos), eles são propensos o suficiente a renovar os pensamentos dessa persuasão em suas mentes (para a qual a falha dos caminhos comuns de ajuda parece ser uma alta probabilidade) de que Ele se mantém indiferente e, portanto, parece não haver tal causa de confiança nEle. O Salmista expressa essa verdade — *Certamente há um Deus que julga na terra* — de modo que se descobre ser uma recuperação especial dela (por muitas e notáveis evidências convincentes) daquela desconfiança de Deus e de suas providências em que os homens costumam deslizar ao observarem as muitas falhas aparentes dos meios externos de ajuda.

Segundo, o outro ramo da observação — que a partir de uma desconfiança da Providência, ele se esforça para atraí-los a uma tentativa ilícita para seu alívio — é tão claro quanto o anterior. Sarai, estando sob uma desconfiança da promessa de um filho por causa de sua idade, deu sua serva a Abraão para que, por esse caminho (parecendo a promessa falhar), ela pudesse obter

filhos por meio dela. Davi, por causa das muitas e violentas perseguições de Saul, não apenas desconfiou da promessa, pensando que um dia poderia perecer por ele, mas resolveu prover sua própria segurança por uma fuga rápida para a terra dos filisteus; um curso que (como aparece pelas *tentações* e males que encontrou ali) era totalmente ilícito. Que, a partir de uma desconfiança, os homens são em seguida levados a tentativas ilícitas, é claro pelas seguintes razões:

Primeiro, o pavor que é gerado por tais desconfianças das Providências não permitirá que os homens fiquem ociosos. O medo é ativo e sugere fortemente que algo deve ser feito.

Segundo, contudo, tal é a confusão das mentes dos homens em tal caso que, embora muitas coisas sejam propostas, naquela pressa de pensamentos eles são privados geralmente de um verdadeiro julgamento e deliberação; de modo que são oprimidos por uma multidão de pensamentos (como Davi nota em ocasião semelhante: *Na multidão dos meus pensamentos dentro de mim*, etc.) e (como ele expressa o caso dos marinheiros em uma tempestade) eles perdem o juízo.

Terceiro, a aflição desesperada do espírito faz com que tomem o que vier primeiro à mão; como um homem que se afoga, que agarra um graveto ou palha, embora sem propósito.

Quarto, uma vez afastados de sua Rocha e do verdadeiro esteio da promessa de Deus para ajuda, qualquer outro curso que tomem deve necessariamente ser ilícito. Se uma vez estiverem fora do caminho certo, devem necessariamente errar, e cada passo que derem será, por necessidade, errado.

Quinto, Satanás é tão solícito em uma coisa má que, vendo alguém nesta condição, não deixará de oferecer sua ajuda e, em

lugar da providência de Deus, colocar algum recurso ilegal diante deles.

Sexto, e tanto mais os homens aceitam tais propostas porque um súbito acesso de fúria apaixonada os impulsiona e, por uma espécie de despeito amargo e obstinação (como se meditassem uma vingança contra Deus por sua decepção), tomam uma resolução precipitada e voluntária de seguir aquele caminho que parece mais agradável à sua paixão, dizendo com o rei Jorão: *Que mais esperaria eu do Senhor?* Tomaremos tal curso, venha sobre nós o que vier.

O serviço que esta observação (bem digerida) pode realizar por nós está plenamente contido em um conselho que Davi dá em ocasião semelhante em *Sl 37:34*, que é este: *Espera no Senhor e guarda o seu caminho*. Falhas de meios comuns não devem nos encher de desconfiança, nem devemos então correr para fora do caminho de Deus em busca de ajuda. Aquele que praticaria isto deve possuir estas três coisas que estão nele compreendidas:

Primeiro, deve ter plena persuasão do Poder e da Promessa de Deus. Não me refiro ao simples "ouvir dizer" que Deus prometeu ajudar e que Ele é capaz de livrar, mas estas verdades devem ser trabalhadas no *coração* até uma plena certeza delas, e então devemos manter nossos olhos fixos nelas. Pois, se alguma vez perdermos a visão disto quando os problemas nos cercam, nosso *coração* nos faltará, e faremos nada diferente de Agar, que, quando sua botelha de água se esgotou e ela não viu caminho de suprimento, sentou-se, deu seu filho e a si mesma por perdidos, e pôs-se a chorar sobre sua condição desamparada. Foi aquela visão de Deus (no que diz respeito ao seu Poder, Bondade, Fidelidade e Verdade, que são coisas

invisíveis) que manteve o *coração* de Moisés, para que não afundasse sob a pressão de seus medos quando todas as coisas ameaçavam sua ruína.

Segundo, aquele que desejasse assim esperar em Deus precisaria ter um equilíbrio de espírito em referência às causas segundas. Desprezá-las ou negligenciá-las ele não pode, quando as pode ter, pois isso seria uma presunção intolerável; e centralizar nossas esperanças e expectativas nelas, como se nosso bem-estar dependesse certamente delas, é uma afronta à Onipotência de Deus e nada menos que uma idolatração pecaminosa da criatura. Mas os compromissos de nosso dever devem manter-se cuidadosamente no primeiro, e a consideração de uma independência de um Poder Onipotente, quanto a quaisquer meios ou causas subordinadas, deve nos ajudar contra o outro erro. Quando todos os meios visíveis nos falham, devemos buscar viver da Fidelidade e Bondade Onipotente, que não está atada a nada, mas que, sem quaisquer meios e contrariamente aos poderes das causas segundas, pode fazer o que prometeu ou o que vê ser adequado.

Terceiro, não há como esperar no Senhor e guardar o seu caminho sem uma confiança particular em Deus. Para isto não somos apenas autorizados por comandos frequentes — *Espera no Senhor, digo, espera no Senhor* — mas altamente encorajados sob as maiores garantias de ajuda: *Sl 37:5*, *Confia nele, e ele tudo fará*; *Confia no Senhor e faz o bem;... e verdadeiramente serás alimentado* (v. 3). *O Senhor os ajudará e os livrará... porquanto confiam nele*. E isto devemos fazer em todos os momentos, nos maiores riscos e com a mais alta segurança: *Deitei-me e dormi;... não terei medo de dez milhares de pessoas que se puseram contra mim ao redor*.

Mas alguns (possivelmente) dirão: "É nosso dever ficar parados em tal caso? Quando todos os caminhos usuais de suprimento nos falham, nada deve ser tentado?".

Respondo: Primeiro, em tais momentos, maior cuidado e diligência são necessários nas coisas externas; para que o que um curso lícito não pode ajudar, outro curso lícito possa. E quanto à diligência espiritual, ela deve ser extraordinária; devemos ser mais fervorosos e frequentes na oração, jejuns, meditações e no exercício das graças.

Segundo, enquanto estamos na busca do dever, e onde a substância dele possa ser preservada íntegra, se nossos apertos e necessidades inevitavelmente nos colocarem fora do caminho, podemos estar satisfeitos em prosseguir, embora algumas circunstâncias sejam necessariamente deixadas de lado ou impedidas. Fineias pôde matar Zinri e Cosbi sob o comando de Moisés (*Nm 25:5*) e, consequentemente, em prossecução do dever, embora (consideradas outras circunstâncias) tenha sido, em alguns aspectos, extraordinário.

Terceiro, mas seja qual for o aperto, não devemos abandonar o dever; pois assim saímos do caminho de Deus e contradizemos aquela confiança e esperança que devemos manter para com Deus.

Mas (pode-se ainda instar): "Devemos, quando todos os meios falham, confiar positivamente em Deus por aquelas mesmas coisas que poderíamos esperar de uma maneira comum?".

Em alguns casos, nosso dever é a submissão à sua vontade, e a misericórdia particular não deve ser positivamente esperada, nem desconfiada. Assim se comportou Davi quando fugiu de

Jerusalém na rebelião de Absalão: *Faça ele de mim o que bem lhe parecer*.

Mas há outros casos em que é nosso dever fixar nossa confiança na misericórdia ou ajuda particular. Nomearei quatro, e possivelmente muitos outros podem ser acrescentados:

Primeiro, quando as misericórdias são expressa e particularmente prometidas; como quando o reino foi prometido a Davi, ou quando um filho foi prometido a Abraão. Quaisquer que tivessem sido as improbabilidades de obterem a coisa prometida, era dever deles crer positivamente. Este não é, de fato, um caso geral.

Segundo, quando Deus nos leva a apertos ao nos engajar em seu serviço; como quando Israel seguiu o Senhor no deserto em ordem ao desfrute de uma misericórdia posterior, que era a posse da terra de Canaã. Quando não tinham água para beber, nem comida para comer, e não viam possibilidade natural de suprimento naquele deserto, deveriam ter esperado positivamente suprimentos de Deus de uma maneira extraordinária, e é contado contra eles como pecado o fato de não terem crido. Este foi o caso exato de Cristo sob esta *tentação*: o Espírito o levou ao deserto na prossecução de um desígnio posterior; quando não havia pão ali para satisfazer sua fome, Ele se recusa a realizar um milagre para seu suprimento, mas apoia-se em uma Providência extraordinária.

Terceiro, quando as coisas de que carecemos são bênçãos comuns e universais, e tais que sem elas não podemos subsistir. Se não temos nada para comer e nada para vestir, contudo, vendo que o corpo não pode viver sem ambos, devemos esperar positivamente tais suprimentos da Providência, embora

não vejamos o caminho de onde nos virão. Este tipo de desconfiança (que reflete sobre a providência geral necessária de Deus, pela qual Ele está comprometido em preservar suas criaturas em suas estações, a vestir a erva do campo, a alimentar as aves do céu, etc.), Cristo a desafia severamente: *Não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?*. Tem pouca ou nenhuma fé (e, nesse aspecto, é um prodígio de desconfiança) aquele que não crê pelo necessário. Daí, em *Hc 3:17*, o profeta resolve-se por uma confiança jubilosa em Deus, quando nem árvore, nem campo, nem rebanho dariam qualquer esperança de uma maneira comum.

Quarto, quando Deus está eminentemente engajado para nossa ajuda e sua honra está em jogo naquela mesma questão; de modo que se Deus ajudará ou não, ou se Ele é capaz, tornou-se a controvérsia sobre a qual a religião em sua verdade, ou a honra de Deus, deve ser provada; então estamos comprometidos com uma crença certa de ajuda. Os três jovens, sobre este fundamento, não apenas afirmaram que Deus era capaz de livrá-los, ou que poderiam suportar a morte e o martírio (que é tudo o que a maioria dos mártires consegue alcançar), mas afirmaram positivamente que Deus os livraria e que o fogo não os queimaria. Eles viram evidentemente que a disputa sobre se o Senhor era Deus estava sendo conduzida em um nível tão alto que Deus estava mais interessado em vindicar sua honra pela preservação deles do que em vindicar sua graça e paciência pela constância deles no sofrimento. Outro exemplo temos em *Mt 8:26*, onde Cristo repreende seus discípulos pela incredulidade em seus temores de naufrágio em uma grande tempestade (não que todo marinheiro ordinariamente esteja sob essa acusação ao entregar-se às apreensões de perigo). O fundamento dessa acusação era este:

que Cristo estava com eles e, consequentemente, teria inevitavelmente contradito seu desígnio e refletido sobre sua honra se Ele tivesse permitido que seus discípulos, naquele momento, se afogassem. O fato de não considerarem o quanto Cristo estava comprometido com eles, e de não se sustentarem contra seus medos por essa consideração, fez com que Cristo os taxasse por sua pequena fé.

CAPÍTULO XII
Sobre o procedimento de Satanás em inferir a Desconfiança da Filiação a partir da Desconfiança das Providências.

Exemplos da probabilidade de tal desígnio. As razões deste empreendimento. Sobre o esforço de Satanás para enfraquecer a Certeza e as Esperanças dos filhos de Deus. Seu método geral para esse propósito.

Por fim, devemos considerar a adequação dos Meios ao Fim; ele havia (como vimos) proporcionado adequadamente os Meios subordinados ao objetivo principal. A falha dos Meios comuns de ajuda foi astutamente apropriada para inferir uma Desconfiança da Providência. Agora, observe-se quão habilmente ele utiliza essa Desconfiança da Providência para alcançar o Fim que visava, que era a Desconfiança de seu interesse filial em Deus, como se estivesse raciocinando assim: "Aquele que, em apertos, é desamparado quanto a todos os suprimentos usuais que se podem esperar de uma maneira comum, não tem razão para confiar na Providência; e aquele

que não tem razão para confiar na Providência para o corpo, tem menos causa ainda para esperar bênçãos espirituais e favores para a alma". Daí, note:

Que o esforço de Satanás é fazer com que os homens passem da Desconfiança da Providência para a Desconfiança de sua Filiação Espiritual, ou interesse filial em Deus. Primeiro, provarei que este é o desígnio de Satanás e, em seguida, darei as razões para isso. Confirmarei o primeiro ponto por meio destas diversas considerações:

Primeiro, vemos que é uma inferência comum que outros fazem daqueles cujo *coração* desfalece sob a ausência ou desaparecimento de todos os meios de ajuda em suas angústias. Se a Providência não aparece em favor deles, concluem que Deus os abandonou. Bildade assim conclui contra Jó: *Acaso não é o teu temor de Deus a tua confiança, e a tua esperança a integridade dos teus caminhos?* (*Jó 4:6*). O que deve ser entendido não apenas como um escárnio irônico à fraqueza de sua confiança e esperança, por não serem capazes de sustentá-lo contra o desfalecimento em seu problema, mas como uma acusação direta da falsidade e hipocrisia de sua suposta integridade, e de todas as esperanças e confiança que nela se baseavam; o versículo 7 evidencia isso, onde ele declara claramente sua intenção de dizer que Jó não poderia ser inocente ou justo, sendo (em sua percepção) algo nunca ouvido que tão grandes calamidades sobreviessem a um homem íntegro: *Quem jamais pereceu sendo inocente?* O fundamento desta afirmação estava no versículo 5: *Mas agora vem sobre ti, e te perturbas*. Isto é: "As angústias estão sobre ti, e não tens meios visíveis de ajuda, mas desesperas de ver uma Providência que te livre; portanto, certamente não tens tido real

interesse em Deus como seu filho". Elifaz também apoia seu amigo nesta censura sem caridade: *Se fores puro e reto, ele despertará por ti* (*Jó 8:6*); isto é, porque Ele assim te negligencia, logo não és puro nem reto.

Se os homens assim atacam o conforto dos filhos de Deus, temos razões suficientes para pensar que Satanás também o fará; pois, além de podermos concluir que eles são postos a trabalhar pelo Diabo (e o que ele fala por meio deles, também promoverá por outros caminhos, sendo um desígnio que está em seu *coração*), podemos estar confiantes de que, sendo esta uma suspeita tão natural ao *coração* do homem, ele não deixará escapar uma vantagem tão boa para formá-la em nossos próprios *corações* contra nós mesmos.

Segundo, os melhores dos filhos de Deus, em tais casos, escapam disso com muita dificuldade (se é que escapam); o que declara não apenas a profundidade e o poder dessa política, mas também quão comum é Satanás incitar os servos de Deus com ela. Jó recuperou-se para uma firme persuasão de filiação: *Eu sei que o meu Redentor vive* (*Jó 19:25*), etc.; mas, no caminho, seu pé quase escorregou, quando nos versículos 10 e 11 ele clama: *Ele me destruiu de todos os lados, e eu me vou; e arrancou a minha esperança, como a uma árvore. E acendeu contra mim a sua ira, e me contou para consigo como a um de seus inimigos*. Sua resolução fervorosa de não desistir de sua confiança em Deus e da convicção de sua integridade é suficiente para descobrir os esforços ávidos de Satanás para que ele fosse privado disso.

Terceiro, o sucesso de Satanás nesta *tentação* sobre os santos de Deus (que às vezes realmente falharam) mostra o quanto é seu trabalho abater suas esperanças de interesse em Deus,

derrubando sua confiança em suas providências. Se ele tenta isso (e com sucesso) naqueles cujas experiências frequentes poderiam desencorajar o tentador e, em probabilidade, frustrar seu empreendimento, temos pouca causa para pensar que ele será mais poupador e gentil neste assalto sobre aqueles que são mais fracos e menos familiarizados com essas nuvens e trevas que sombreiam os caminhos da Providência. Davi, apesar de todas as promessas que recebera e não obstante as múltiplas provações que tivera de livramentos oportunos e inesperados, contudo, quando estava angustiado, cai repetidamente em um medo por sua alma e em um questionamento do favor de Deus. Ele se queixa como alguém totalmente abandonado: *Por que me desamparaste?*. No *Sl 69*, ele se expressa no versículo 1 como alguém que afunda em profundo lamaçal, como um homem que não tem solo firme para se apoiar, e que seus problemas o levaram a temer pelo estado de sua alma, não apenas como privado do favor de Deus (e, portanto, no v. 17 implora que sua face não mais se esconda), mas também suspeitando da perda dele: *Aproxima-te da minha alma, e reme-te-a* (v. 18). No *Sl 77*, por ocasião de problemas externos, Asafe cai em tal crise de medo sobre sua condição espiritual que nenhuma consideração de misericórdias anteriores pôde aliviá-lo: *Lembrava-me de Deus* (v. 3), *e me perturbava*; *Considerava os dias da antiguidade, chamava à lembrança as minhas canções de noite*. Mas nada disso foi eficaz para impedi-lo daquele triste clamor de desconfiança: *Rejeitará o Senhor para sempre?* (v. 7). *Desvaneceu-se para sempre a sua misericórdia? Esqueceu-se Deus de ter misericórdia?*, etc. O que, após a revisão na composição do Salmo, ele reconhece como um erro de incredulidade: *Isto é enfermidade minha* (v. 10).

Quarto, é também uma coisa comum e ordinária para a maioria nutrir interpretações errôneas de sua condição espiritual quando encontram decepções na Providência. Daí o Apóstolo, em *Hb 12:5-6*, quando deseja aquietar os *corações* dos homens sob a correção do Senhor, faz uso proposital deste encorajamento: que Deus fala com eles na vara como a filhos, e como aqueles que estão sob seu cuidado e amor: *Filho meu, não desprezes a correção do Senhor... porque o Senhor corrige o que ama*, etc. O que certamente nos diz isto: que é comum os homens duvidarem de sua filiação por causa de suas aflições. Podemos conjeturar qual é a enfermidade quando sabemos o que é preparado como remédio. Este não seria um remédio comum (que podemos ser filhos, embora sejamos açoitados) se a descrença disso não fosse a interpretação usual das aflições e um mal comum.

Quinto, podemos notar ainda que aquelas inquietações mentais que foram apenas ocasionadas por coisas externas, e parecem não ter afinidade (seja na natureza da ocasião ou na inclinação presente da pessoa) com um problema espiritual, contudo, se continuarem por muito tempo, mudam totalmente sua natureza. Aqueles que, a princípio, apenas se perturbavam por perdas ou contrariedades, esquecem esses problemas e assumem medos por suas almas.

Às vezes, isso surge de uma suavidade e timidez natural de espírito; tais pessoas são propensas a duvidar em qualquer ocasião e a dizer: "Certamente, se eu fosse seu filho, Ele não me abandonaria assim; suas compaixões paternais, de uma forma ou de outra, operariam em meu favor".

Às vezes, isso surge de uma melancolia contraída ou aumentada por problemas externos. Estes, quando continuam

por muito tempo e penetram profundamente, colocam os homens em um espírito de pesadume, que os faz recusar o consolo. Aqui o Diabo tira sua vantagem. Tristezas ilícitas são tão deleitosamente aproveitadas por ele quanto prazeres ilícitos; elas são o *Diaboli Balneum*, seu banho no qual ele se diverte, como o Leviatã nas águas. Quando, por perdas ou problemas temporais, os homens caem em melancolia, se não forem aliviados logo, então seu luto muda de objeto e logo se inquietam como estando fora do favor de Deus, como estando afastados de Deus, como sendo do número dos condenados; tais contra quem a porta da misericórdia está fechada, e assim clamam sobre si mesmos como desesperados e miseráveis. As observações dos médicos oferecem muitos exemplos desse tipo. Felix Platerus cita um, de uma mulher em Basileia, que primeiro se entristeceu pela morte de seu filho e, quando por este meio tornou-se melancólica, isso mudou para um problema maior; ela lamenta que seus pecados não seriam perdoados, que Deus não teria misericórdia de sua alma. Outro, por alguma perda de trigo, primeiro se aflige por isso e, finalmente, desespera da felicidade de sua alma; com muitos outros casos desse tipo.

Às vezes, um humor desesperado (pela mesma ocasião) distrai os homens até a fúria; do qual Mercennus dá um exemplo de seu próprio conhecimento, de uma pessoa que, diante das angústias que encontrou, caiu em raiva contra Deus, proferindo discursos cheios de horror e blasfêmia, não dignos de serem relatados.

Se existe tal afinidade entre a desconfiança da Providência e a desconfiança da filiação, que uma desliza naturalmente para a outra; se é comum a todos os homens sob problemas

suspeitarem de suas almas; se os melhores aqui realmente falham; se aqueles que não falham dificilmente escapam; e se os observadores comumente fazem este julgamento dos homens em apertos, que não há ajuda para eles em seu Deus; não podemos senão concluir de tudo isso que é uma vantagem que Satanás não negligenciará, e que ele se empenha muito para realizá-la. As razões para isso são estas:

Primeiro, a desconfiança da Providência possui em si a própria natureza formal da desconfiança da filiação. Se o objeto da desconfiança fosse apenas mudado, ela operaria naquele sentido sem qualquer adição adicional. Aquele que confia na Providência reconhece que Deus conhece suas necessidades; que Ele tem uma inclinação misericordiosa para dar o que vê que o homem precisa; que Ele manifestou isso por promessa; que Ele é tão fiel que esta promessa não pode ser negligenciada; e que Ele tem poder para fazer o que prometeu. Aquele que desconfia da Providência descrê de tudo isso, ao menos consequentemente. E aquele que não crê que Deus cuida do corpo, ou que Ele tem uma disposição misericordiosa para com ele, ou pensa que Ele não fez tal promessa, ou não a cumprirá se tiver sido feita, não pode crer (uma vez que essa dúvida seja iniciada) que Deus é seu Pai, ou que ele tem interesse no privilégio de um filho, visto que é impossível crer em uma filiação enquanto seu cuidado, misericórdia, promessas e poder são desconfiados. Nisto, então, o trabalho de Satanás é muito fácil: basta ele mover a questão sobre a misericórdia do Senhor para com a alma e, imediatamente (como quando nova matéria é fornecida a uma chama furiosa), ela se apodera disso e, com igual (até maior) força, leva a alma a desconfiar das misericórdias espirituais, como antes descrera das bondades temporais.

Segundo, as mesmas razões que qualquer homem colhe da aparente negligência ou oposição da Providência, sobre as quais fundamenta sua desconfiança da bondade do Senhor em referência às coisas externas, também servirão como argumentos para uma desconfiança dos favores espirituais. As angústias dos homens parecem argumentar: (1) que há pecado e provocação de sua parte; (2) e que há uma manifestação de ira da parte de Deus; (3) e dessas apreensões surgem amargura, ansiedade, medo e abatimento de espírito, que interceptam toda a ajuda e consolação que poderiam surgir de outras considerações da promessa ou misericórdia do Senhor para o aquietamento do *coração* e seu fortalecimento contra tais apreensões. Estes mesmos fundamentos, com os medos e perplexidades prevalecentes que deles surgem, são suficientes para nos fazer suspeitar que ainda não estamos sob tais favores peculiares que possam nos designar como seus filhos por adoção; de modo que, das mesmas premissas, Satanás concluirá que, assim como Ele não tem cuidado por nossos corpos, também não tem amor por nossas almas; que nem amamos a Deus nem somos amados por Ele. Entre uma conclusão e outra há apenas um passo, e com pouco esforço ele pode abrir o canal e deixar entrar essa mesma desconfiança, para correr com toda a sua força contra o nosso interesse espiritual em Deus.

Terceiro, confiar em Deus para a alma é um ato mais elevado do que confiar nEle para o corpo. Sendo a alma de maior excelência que o corpo, e sendo a misericórdia necessária para a felicidade dela mais preciosa e menos visível, isso exige uma confiança mais alta em Deus para assegurar isto do que para nos satisfazer no outro. É mais fácil crer em uma bondade menor de um amigo do que em um favor singular ou

extraordinário. Aquele, então, que não pode confiar em Deus para as misericórdias temporais, será mais incapaz de crer nas bênçãos eternas. *Se corres com os homens que vão a pé, e eles te cansam, como poderás competir com os cavalos?* Se os riachos rasos são fortes demais para nós, o que faremos no transbordar do Jordão?

Quarto, quando a fé é enfraquecida quanto a um objeto, ela fica tão maculada e desencorajada que é geralmente enfraquecida quanto a todos os outros. Se a mão está tão enfraquecida que não pode segurar um anel, será menos capaz de agarrar uma coroa. Quando somos derrotados em nossa confiança pelas misericórdias temporais, se Satanás então nos instigar a não crer pelas bênçãos espirituais, como podemos esperar senão estar muito mais perdidos nelas? De modo que ele tem certeza da vitória antes de lutar, e ele, que é tão zeloso em tirar vantagem contra nós, não perderá uma conquista tão considerável por falta de perseguição. Há, de fato, uma coisa que pode parecer oportuno objetar contra isto, que é: os homens podem reter sua fé em uma coisa, enquanto desconfiam em outra, como os israelitas desconfiaram do poder e da bondade de Deus pelo pão e pela carne no deserto, quando, no entanto, creram que, como Ele dera água da rocha, poderia fazê-lo novamente se houvesse necessidade (*Sl 78:20*): *Eis que feriu a penha, e águas correram dela... poderá também dar pão?*. Como se dissessem: "Cremos que Ele pode dar água, mas é impossível que proveja pão". Mas aqueles que assim objetariam podem considerar que a razão da confiança dos homens em uma coisa (enquanto a desconfiança prevalece em outras) não provém de qualquer força real de sua fé, mas de uma falta momentânea de uma *tentação*; se tal confiança fosse testada, ver-se-ia rapidamente que não era verdadeiramente

nada. Por mais confiantes que os israelitas estivessem de que poderiam crer por um suprimento de água, descobrimos que nem aquela experiência, nem a outra de suprir-lhes com maná e codornizes, foram suficientes para manter sua confiança em Deus, mas que, no aperto seguinte, tudo estava por se buscar (v. 32): *Depois de tudo isto ainda pecaram, e não creram nas suas maravilhas*.

Quinto, além de todas as vantagens mencionadas que Satanás possui ao suscitar esta *tentação* de desconfiar da filiação a partir de uma desconfiança da Providência, podemos supô-lo ainda mais fervoroso nesta questão porque é tão provocador a Deus desconfiar de sua Providência que Ele frequentemente (como um justo castigo desse mal) o pune entregando-os à desconfiança dEle para suas almas. A altura da provocação pode ser medida por isto: que não é apenas uma negação do Deus que está no alto, mas geralmente um revestir de alguma coisa vil e desprezível com aqueles atributos que só convêm a um Deus Infinito e Eterno. Como Israel não apenas abandonou o Todo-Poderoso por sua desconfiança, mas colocou suas esperanças na Assíria, em seus próprios cavalos e preparativos de guerra e, finalmente, nas obras de suas mãos, as quais chamavam de seus deuses. Quão ofensivo isto é ao Senhor, podemos observar por aquela notável repreensão que o profeta deu a Acaz (*Is 7:8, 13*), não obstante seu cumprimento de recusar um sinal (que Deus lhe ofereceu para o fortalecimento de sua esperança) sob o pretexto de que confiaria sem ele (embora, de fato, ele desconfiasse absolutamente dEle, como aparece em *2Cr 28:20*), que foi um "enfado" e um cansar da paciência de um Deus longânimo: *Acaso é pouco para vós afadigardes os homens, senão que afadigareis também ao meu Deus?*. Deus é tão ativo e zeloso de todas as usurpações deste

tipo que eles podem esperar que Ele entregue tais ofensores para serem punidos pelos terrores de uma desconfiança mais alta. Aquele que não é reconhecido como Deus em suas providências não será reconhecido como Pai para as misericórdias espirituais; aqueles que não o reconhecerem pelo corpo não serão capazes de lançar mão dEle ou de sua força para estarem em paz com Ele por suas almas. E por esta peça de justa disciplina, Ele frequentemente cura a desconfiança da Providência em seus filhos, que, quando se veem mergulhados em terrores e medos sobre seu bem-estar eterno, não apenas chamam Deus de Justo e aceitam o castigo de sua iniquidade por desconfiarem dEle em assuntos menores, mas agora desejam de todo o *coração* que não tivessem nada maior para perturbá-los do que o que se refere ao corpo ou a esta vida.

Para resumir todas estas razões em uma palavra: Satanás possui, pelas considerações mencionadas, uma expectativa certa de prevalência. Pois não apenas neste caso Deus (por assim dizer) luta por ele, entregando-os à desconfiança de seu interesse filial, aqueles que o provocaram por uma desconfiança da Providência; e nossa fé também fica tão enfraquecida pela derrota anterior que não é capaz de manter seu terreno em um assunto mais elevado; mas também esta desconfiança carrega isso na natureza e nos fundamentos dela, que por si mesma operará até uma descrença das misericórdias espirituais. Ele sabe, então, que esta parte da vitória é uma consequência fácil da anterior, e podemos dizer dela o que o profeta Naum (*Na 3:12*) diz das fortalezas de Nínive: são como figueiras com figos temporãos; se as sacudirem, cairão na boca do que os há de comer. Esta *tentação* de desconfiar de nossa filiação cai na boca de Satanás com pouco esforço, uma vez

que ele já prevaleceu a ponto de nos fazer desconfiar da providência de Deus em assuntos externos.

Isto deve nos alertar e prevenir contra qualquer acolhimento indecoroso e incrédulo de ciúme contra a providência do Senhor. Somos propensos demais em nossos apertos a tomar uma liberdade maior para questionar sua misericórdia e poder, não prevendo quão perto isto faz fronteira com um mal maior. Podemos dizer disso o que o Apóstolo fala dos falatórios vãos em controvérsias: que levam a mais impiedade, e que tais palavras corroem como gangrena; assim esta desconfiança geralmente nos leva mais longe e, quando rompemos com Deus por assuntos pequenos, Ele se irará seriamente e retirará de nós nossas consolações nos maiores. Na profundidade de vossas angústias, quando vossos medos estão ao vosso redor e Deus parece cercar-vos com sua rede; quando amante e amigo vos abandonam e quando não há aparência de ajuda, esforçai-vos (para manter a posse de vosso interesse em Deus) por comportar-vos de acordo com as seguintes direções:

Primeiro, olhai para as providências de Deus como um grande abismo, cujo fundo de caminhos e desígnios não podeis alcançar; pensai nelas como um mistério, que de fato deveis estudar, mas não descartar porque não o compreendeis de início. As providências não devem ser tratadas como Alexandre tratou o nó górdio, que, ao não conseguir desatá-lo, cortou-o. Se não vedes o fim do Senhor, ou não conseguis encontrar uma porta de esperança nele, contudo ponde a mão sobre a boca, não faleis, não penseis mal das coisas que não conheceis, mas esperai até o tempo de seu nascimento.

Segundo, deveis manter em vossos *corações* pensamentos altos e honrosos de Deus, sim, de sua misericórdia e bondade; e

onde não puderdes ver o vosso caminho, ou o caminho de Deus diante de vós, contudo (por uma espécie de fé implícita) deveis crer que Ele é Santo e Bom em todos os seus caminhos.

Terceiro, embora possais ler vossos pecados ou o desagrado de Deus neles e, consequentemente, esforçar-vos por humilhar-vos e chamar-vos de vis, contudo deve-se sempre lembrar que o amor ou ódio eterno não deve ser medido por eles.

Quarto, refreai as queixas. É de fato um alívio queixar-se; *falarei* (diz Jó) *para que respire*, não obstante, uma vez dada a vazão, é difícil manter-se dentro dos limites. Nossas queixas nos incitam à desconfiança, como pode aparecer em Jó, que tomou uma ousadia neste caminho mais do que era adequado, como no capítulo 10, versículo 3: *Parece-te bem que me oprimas, que rejeites o trabalho das tuas mãos?*.

Tudo isto foi dito na abertura da *tentação* em si; agora devo considerar o motivo que Satanás usou para introduzir a *tentação*: *Se tu és o Filho de Deus*, etc.

A questão que aqui é movida por alguns é se Satanás realmente sabia ou verdadeiramente duvidava que Cristo fosse o Filho de Deus. Vários homens doutos pensam que ele estava em dúvida, e as razões são variadamente conjeturadas. Cipriano concebe que a unidade das duas naturezas em uma pessoa o cegou; ele sabia ser impossível que a natureza divina tivesse fome, e poderia achar estranho que a natureza humana jejuasse por tanto tempo. Cornélio a Lapide pensa que Satanás sabia que haveria duas naturezas unidas em uma pessoa, e que isto ocasionou a queda de Satanás, enquanto ele orgulhosamente se ressentia da exaltação da natureza humana, mas imagina que a dúvida de Satanás surgiu de um sentido duvidoso daquela

frase: *Este é o meu Filho amado*, por não saber se Cristo era o Filho natural ou um filho adotivo de Deus. Mas, não obstante estas apreensões, outros concebem que Satanás sabia muito bem quem Cristo era e que, estando ciente de tantas coisas relativas a Ele — como as promessas que o precederam e apontavam diretamente para o tempo, a saudação do anjo a Maria em sua concepção, a estrela que conduziu os magos a Ele, o testemunho do céu concernente a Ele, com muitas outras coisas — ele não poderia possivelmente ignorar que Ele era o Messias e o Filho de Deus por natureza. Nem aquela expressão, *Se tu és o Filho de Deus*, implica qualquer dúvida, visto que isso é geralmente expressivo da maior certeza e garantia, como no discurso de Lameque: *Se Caim há de ser vingado sete vezes*, isto é, "tão certamente ele será vingado"; assim Satanás poderia usá-lo neste sentido: "Se, ou visto que tu és o Filho de Deus". Agora, embora possa parecer estranho que ele devesse atacar Cristo se sabia quem Ele era, já respondi a isso antes, e aqui apenas acrescentarei que, embora Satanás acreditasse que Cristo era o Filho de Deus, contudo tão fortemente operava nele o poder da malícia que ele desejava que Ele tivesse duvidado de que não o era. De tudo isto, temos esta observação:

Que o grande desígnio de Satanás é enfraquecer a Certeza e as Esperanças dos filhos de Deus em sua Adoção.

Esta é a obra-prima de seu desígnio, o próprio centro no qual a maioria de suas *artimanhas* se encontra; podemos dizer dele o que Esaú disse de Jacó: "Não é ele justamente chamado Jacó, um suplantador?". Ele primeiro roubou nosso direito de primogenitura na Criação, e agora busca tirar nossa bênção em Cristo, o Redentor.

As razões deste empreendimento não insistirei aqui; é suficientemente óbvio que a maior perplexidade e tristeza surgem para os filhos de Deus a partir disso, e que uma tropa de outros males espirituais (como impaciência, fúria, blasfêmia e muitos outros) segue-o de perto, além de toda aquela incapacidade para o serviço e, finalmente, a negligência total de todo dever. Tudo o que farei agora será mostrar em alguns detalhes (a partir da conduta de Satanás para com Cristo nesta *tentação*) como e de que maneira ele gerencia esse desígnio, no qual note:

Primeiro, que é seu desígnio separar-nos da Promessa e enfraquecer nossa fé nela. Quando Eva foi tentada, era isto que ele visava: que ela questionasse a seriedade da proibição: *É assim que Deus disse?* Estava Ele falando sério naquele comando de que não deveríeis comer de modo algum, etc.? O mesmo ele faz com Cristo: "É verdade? Ou pode ser assim como aquela voz declarou, que tu és o Filho de Deus?".

Segundo, embora este seja seu desígnio, contudo seu caminho para chegar a ele não é, de início, negá-lo, mas questionar e inquirir; contudo, de tal maneira que possa implicar e, ao mesmo tempo, sugerir uma dúvida ou suspeita de que não é assim. Ele não se aproxima de Cristo assim: "Tu não és o Filho de Deus", ou "aquela voz que te deu aquele testemunho não passou de uma mentira ou ilusão"; mas ele procede antes por questionamento, o que poderia parecer conceder que Ele o era, contudo, ao mesmo tempo, poderia possivelmente gerar uma dúvida em sua mente.

Terceiro, em seguida, ele sugere mais claramente algo que possa parecer argumentar o contrário; pois assim ele agrava a condição atual de necessidade de Cristo: "Pode ser que Deus te

deixaria nestes apertos opressores se tu fosses seu Filho?". Desta maneira ele lida conosco, aproveitando a falha dos meios externos de ajuda, a permissão da *tentação*, a falta de conforto, a continuação da aflição apesar das orações, etc., como probabilidades de que não pertencemos a Deus.

Quarto, depois disso, ele instiga Cristo a um erro pecaminoso, a desconfiar da Providência e a não mais confiar no cuidado de seu Pai. Se Cristo tivesse sido convencido disso, ele teria usado isso como um argumento para provar que Ele não era de fato o Filho de Deus. É comum em suas disputas conosco sobre a adoção colocar-nos em algo que possa ser como um argumento de nossa própria boca contra nós. Cristo poderia ter-lhe respondido nisto como o homem respondeu a Joabe: "Se eu fizesse tal coisa, então tu mesmo te porias contra mim".

Quinto, quando, finalmente, ele ascendeu gradualmente àquela confiança de negar nossa adoção, então (com uma vantagem muito grande) ele nos coloca à prova, na qual descarta as evidências comuns e insiste em provas extraordinárias como necessárias. Os servos do Senhor que estão sob este exercício descobrem que, neste caso, as evidências comuns de arrependimento, mortificação, amor aos irmãos, etc., nada fazem por eles. Satanás incita seu espírito a clamar por evidências mais altas; nada servirá a menos que possam visualizar os registros da Eternidade e ler seus nomes inscritos nos decretos eternos, ou a menos que Deus fale do céu de uma maneira extraordinária para testificar deles, como Tomé resolveu que nada menos satisfaria sua dúvida do que sentir e ver a marca dos cravos. Para este propósito, alguns insistem em nada menos que um milagre para prova da filiação. Do que temos dois exemplos de anos mais recentes: um da Sra.

Honywood, o outro da Sra. Sarah Wight, que em suas angústias por suas almas foram tentadas por Satanás a fazer um experimento precipitado, uma atirando um copo de Veneza, a outra atirando uma taça contra a parede com esta ou expressão semelhante: "Se eu devo ser salva, então que este vidro não se quebre". Uma *tentação* desesperada! Sua maneira de desejar satisfação é tão provocadora que não se pode esperar que Deus dê uma resposta por meio dela, mas sim o contrário; e se Ele não condescendesse, como não está obrigado (embora tenha preservado estranhamente a taça e o copo mencionados de se quebrarem), que conclusão perigosa Satanás tiraria disso? Desta natureza e desígnio foi aquela proposta de Satanás a Cristo: *Manda que estas pedras se tornem em pães*, isto é, "faze-o como prova de tua filiação".

Por isto devemos aprender esta habilidade: não desistir tão facilmente de nossas esperanças, nem ser pródigos de nosso interesse em Cristo, a ponto de nos separarmos dele levianamente. Se Satanás deseja principalmente roubar-nos disso, podemos aprender daí a dar valor a estas joias e a considerar como precioso e de importância singular aquilo que ele usa de tanta astúcia para nos privar. Muitos dos servos do Senhor podem justamente culpar-se por sua prodigalidade descuidada nesta questão, os quais (como se fosse uma peça necessária de humildade ou modéstia) concluirão prontamente contra si mesmos que não são filhos de Deus, que ainda não são convertidos, etc. Assim, inadvertidamente, entregam a Satanás, sem um golpe, tudo o que ele busca.

Mas direis: "Devem todos os homens estar confiantes de sua adoção?".

Não, não quero dizer isso; contudo, todos os homens devem ser cautelosos em como descartam suas esperanças. Particularmente:

Primeiro, embora seja uma arrogância perigosa para uma criatura pecaminosa e perversa sustentar-se na crença de que é convertida e realmente instalada na adoção de filhos; contudo, é igualmente perigoso, por outro lado, para esse homem descartar toda esperança e dizer que é reprovado e alguém que não pode esperar perdão e graça.

Segundo, aqueles que são convertidos, embora possam e devam humilhar-se profundamente por sua conduta pecaminosa e reconhecer sinceramente que não merecem ser chamados seus filhos, contudo devem ser cuidadosos para não renunciar ao seu interesse filial. Podem dizer que são pródigos, contudo manter isto: que são filhos. Embora sejam ovelhas errantes, contudo devem apegar-se aqui: que ainda são ovelhas, e que Deus ainda é um Pai, embora um Pai provocado; caso contrário, sua loucura dará mais do que toda a fúria dele poderia conseguir, pelo menos de forma tão rápida e fácil.

CAPÍTULO XIII
A preparação para a segunda Tentação.

Sobre sua agilidade em capturar vantagens a partir de nossas respostas à Tentação. Que Satanás carregou Cristo pelo ar. Sobre seu poder de molestar os corpos dos filhos de Deus. Quão pouco a suposta santidade dos lugares nos privilegia contra Satanás. Sobre a

política de Satanás em parecer apoiar defesas imaginárias. Sobre sua pretensa fuga em tais casos, com as razões dessa política. Sobre seu aproveitamento de uma Tentação para servir a vários fins.

Então o Diabo o levou à Cidade Santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo. — Mt 4:5.

Omito a resposta de Cristo à primeira *tentação* por ora (pretendendo tratar de suas respostas a todas as *tentações* em conjunto). E agora a segunda *tentação* está diante de nós, na qual, primeiro, observarei algumas coisas na preparação de Satanás para a *tentação*, o que inclui: (1) o tempo; (2) a maneira como o carregou; (3) o lugar onde a executou.

Primeiro, quanto ao Tempo. Este é notado na palavra *então*, que: (1) aponta para a sucessão imediata desta ao ataque anterior. O Evangelista Lucas coloca esta *tentação* por último, mas ele apenas respeitou a substância da *tentação* em sua narrativa, não considerando a ordem delas, a qual Mateus observou pontualmente, como aparece em sua conexão estreita com as partículas *então* e *novamente* (*Mt 4:5, 8*). Além disso, quem quer que considere que, na primeira, Satanás tentou Cristo à desconfiança (a qual Ele repeliu, dizendo-lhe que era seu dever, na falha de meios externos, confiar na Providência Divina, visto que *nem só de pão viverá o homem*, etc.), verá tanta conexão na matéria das *tentações* que facilmente se convencerá de que o segundo lugar pertence a esta. Pois esta não é senão (por assim dizer) uma resposta adequada e pertinente à recusa de Cristo; como se Satanás dissesse: "Já que queres confiar na ajuda e providência de Deus, em um modo extraordinário de operação, dá uma prova disso, lançando-te daqui abaixo, o que podes fazer com maior confiança, porque

Ele prometeu uma ajuda extraordinária e deu ordens aos seus anjos a teu respeito", etc. Daqui, observe:

Que Satanás não se desencoraja facilmente, nem sempre desiste ao primeiro repúdio, mas frequentemente renova o assalto quando é forte e resolutamente resistido.

Esta palavra *então* também nos fala (2) da prontidão de Satanás em capturar uma vantagem presente para uma nova *tentação* a partir da resposta de Cristo. Ele declarou sua confiança na Providência; Satanás imediatamente se apodera disso como uma oportunidade adequada para tentá-lo à presunção. Aqui, note:

Que quando Satanás está empenhado em algum desígnio, se ocorrer uma vantagem ocasional a partir de nossa forma de recusa, ele não a deixará escapar, mas a aproveitará para aquilo que ela possa conduzir, embora seja o oposto daquilo que ele buscava inicialmente.

Esta foi a política que os servos de Ben-Hadade usaram em sua abordagem a Acabe (*1Re 20:33*): os homens observaram diligentemente se algo sairia dele e apressadamente o capturaram. Se algo sai de nós, estamos sob sua *tentação*; ele é diligente em observar e prossegue de acordo. Isso pode servir para satisfazer o espanto que alguns têm sobre a contrariedade nas *tentações* às quais são instigados. Eles admiram como acontece de suas *tentações* se alterarem tão subitamente; que, quando Satanás parece tão focado em um desígnio, mude tão rapidamente e os instigue imediatamente a uma coisa diferente ou contrária. Mas saibam que o Diabo observa o vento e abre sua vela de acordo com a vantagem que surge de nossa resposta ou repulsa. Assim, se apenas *arássemos com nossa própria*

novilha e observássemos nossa estrutura de espírito, facilmente descobriríamos este enigma. Pois, como ocorre nas disputas e discussões dos homens, as réplicas geram nova matéria para resposta, e assim se multiplicam umas às outras; assim as *tentações* são alteradas e multiplicadas e, das cinzas de um assalto repelido, outro brota rapidamente.

A segunda circunstância da preparação é Satanás levando-o e colocando-o sobre o Templo. Que isso não foi algo visionário ou imaginário já foi provado antes. Contudo, concedendo que tenha sido real (como de fato parece ter sido), discute-se qual foi o *Modus*, a via e a maneira disso. Alguns pensam que isso não foi mais do que o seguimento voluntário de Cristo a Satanás, que o guiava e conduzia; em parte porque as palavras gregas são acomodadas na Escritura ao ato de alguém tomar outro como companheiro sob seu guia e condução, e à disposição deles em qualquer tipo de posto. Assim, onde se diz que José *tomou* Maria e o menino para ir ao Egito, a mesma palavra é usada; e quando Cristo diz aos discípulos que trariam o jumento e o jumentinho, a mesma palavra que expressa o ato de Cristo ser *posto* sobre o Templo é ali utilizada. Em parte, também, pensam ser indigno da dignidade de Cristo ser assim levado violentamente.

Outros pensam que Satanás recebeu permissão para tomar o corpo de Cristo e, por seu poder, tê-lo transportado pelo ar. E, de fato, toda a série da narrativa, com todas as suas circunstâncias, é evidente nesse sentido. As distâncias dos lugares, a rapidez dos deslocamentos, as aplicações mais adequadas das palavras *tomar* e *colocar* a Satanás como o ator, e a declaração de seu poder nisso, como capaz de fazer grandes coisas; tudo isso torna o assunto tão claro que parece ser um

forçamento não natural do texto dar-lhe qualquer outra interpretação. Além disso, a opinião anterior de Satanás tomando Cristo como um guia parece de todo irracional: pois, se Cristo apenas seguiu Satanás, então deve ter sido por uma jornada terrestre a pé ou pelo ar. Esta última não poderia ser; pois, se Cristo tivesse se sustentado no ar por seu próprio poder, teria antecipado a *tentação*, e teria sido loucura e demência de Satanás instá-lo a voar no ar após tal evidência de seu poder. E quem pode imaginar que Cristo seguiu Satanás a pé do deserto ao Templo, ou que seu acesso ao telhado do Templo fosse tão fácil dessa forma, quando o Templo era sempre tão estritamente guardado? Note aqui:

Que Satanás às vezes recebe permissão para exercer seu poder sobre os corpos daqueles que são caros a Deus. Que ele tem poder para carregar os corpos dos homens pelo ar é suficientemente confirmado pelo que faz frequentemente com bruxas, que são usualmente carregadas (se pudermos dar algum crédito às histórias escritas sobre elas) pelo ar, a lugares remotos de suas habitações. E que esse poder lhe é permitido sobre outros, além daqueles em pacto com ele, é evidente pelo que se testifica daqueles cuja curiosidade os levou a imitar bruxas em seus unguentos, e que foram transportados após elas para suas assembleias; e quando a companhia foi subitamente dispersa, foram encontrados a muitas milhas de distância de suas casas. Tais instâncias temos em Bodin e, entre outras coisas, o caso de Domina Rossa, mencionada por ele, a quem Satanás às vezes amarrava a uma árvore, ora a uma mesa, ou ao pé de uma cama, ou a uma manjedoura; às vezes uma mão amarrada à outra. O Diabo a molestou assim desde os oito anos de idade, por muito tempo. Este poder de transportar pessoas pelo ar não é usual, mas há alguns neste lugar que conheceram

alguém frequentemente molestado por Satanás desta maneira. Contudo, se notarmos seu poder para abusar dos corpos de pessoas santas de modo mais geral, descobriremos que é frequente. Maria Madalena estava possessa; Cristo menciona uma filha de Abraão curvada por ele há muitos anos; Jó foi coberto de chagas e feridas; e há muitas doenças nas quais Satanás tem uma mão maior do que comumente se imagina. Os médicos frequentemente concluem isso ao observarem certos distúrbios que iludem os remédios que costumam ter sucesso em outras pessoas sob as mesmas doenças.

Disto podemos inferir: (1) o grande poder de Satanás; quem pode dizer a extensão dele? Sem dúvida (se lhe fosse permitido), veríamos exemplos tristes disso diariamente. (2) Isto descobre o maravilhoso cuidado e providência de Deus sobre nós em nossa preservação de sua fúria. (3) Podemos notar ainda que o abuso dos corpos dos homens por Satanás não será evidência de que Deus os desconsidera, ou de que não são preciosos para Ele. Cristo submeteu-se a este abuso para dar àqueles que forem assim molestados algum conforto em seu exemplo.

A terceira circunstância, que é a do lugar, é estabelecida primeiro em geral: a *Cidade Santa*, isto é, Jerusalém, pois assim Lucas fala expressamente. Jerusalém era assim chamada por causa do culto de Deus ali estabelecido e de sua presença peculiar; mas que fosse chamada assim neste momento pode parecer estranho, visto que agora poderia ser lamentada como outrora: *Como se fez prostituta a cidade fiel! Ela que estava cheia de justiça... mas agora assassinos* (*Is 1:21*). Em resposta a isso, devemos saber que, não tendo Deus ainda lhe dado uma carta de divórcio, Ele se agrada em continuar seu título e

privilégio. Isso poderia ser aproveitado proveitosamente, mas não me permitirei ser desviado da matéria da *tentação*, que é a única coisa que pretendo prosseguir daqui. Observarei aqui apenas:

Que a santidade de um lugar não será privilégio contra as *tentações*. Ele não é tão temeroso (como muitos imaginam) a ponto de não ousar aproximar-se de um cemitério ou de uma igreja; nem o lugar, nem o dever podem mantê-lo afastado. Não creio na ficção papista da visão de São Bento, na qual dizem que ele viu apenas um demônio em um mercado e dez em um mosteiro; contudo, não questiono a verdade disto: que o Diabo é tão ocupado em um sermão ou oração quanto em qualquer outra ocupação.

Mas para pesquisar um pouco mais este assunto: parece inegável que Satanás tinha um desígnio em referência ao lugar (do qual falaremos depois); e não vejo razão para excluir nossa suspeita de um desígnio a partir do nome e título que o Evangelista aqui dá a Jerusalém. É uma expressão que (até onde me lembro) não encontramos frequentemente no Novo Testamento. No sofrimento de Cristo, quando os corpos dos santos ressurgiram de seus túmulos, diz-se que foram para a *Cidade Santa*; mas é evidente que ali é assim denominada por um desígnio especial, como se o Evangelista quisesse com isso apontar para a mancha de sua glória, e que em pouco tempo seu orgulho pelo Templo e pela Cidade Santa cessaria, e que tudo seria poluído com os cadáveres dos mortos. Pela mesma razão, podemos supor que Satanás (pretendendo para Cristo uma *tentação* de presunção e apoiando-a com a promessa de uma guarda de anjos) tinha em vista a confiança usual que os judeus tinham naquela cidade, como um lugar onde a presença

de anjos poderia ser mais esperada do que em outro lugar. Assim, parece que Satanás pretendia impor a Cristo uma confiança, a fim de levá-lo à presunção. A partir do privilégio do lugar, observe aqui:

Que Satanás está disposto a nos gratificar com privilégios nominais e imaginários e defesas contra si mesmo; ele nos permitirá de bom grado tais defesas, que são totalmente insignificantes e ilusórias, e sua política aqui centra-se nestas duas coisas:

Primeiro, ele nos instiga industrialmente a invenções de autoria própria, tais como nunca foram designadas ou abençoadas por Deus para tal uso, mas apenas encontradas pelas superstições audaciosas dos homens. Disso temos um exemplo em Balaque, que levou Balaão de lugar em lugar em sua perseguição ao desígnio de amaldiçoar Israel; nem podemos imaginar que uma perspectiva cômoda de Israel fosse tudo o que ele visava, visto que ele descobre sua mente nesta variação de lugares: *Porventura parecerá bem aos olhos de Deus que dali os amaldiçoes* (*Nm 23:27*); claramente implicando que ele tinha confiança de que o lugar poderia contribuir em algo para seu desígnio, e que havia alguma virtude inerente naqueles lugares consagrados, e por isso começou com os altos de Baal, depois para o campo de Zofim, e então para o topo de Peor. Entre os papistas encontramos muito disso; que poder atribuem à água benta, sal abençoado, sinal da cruz, terra consagrada, lugares consagrados, relíquias, sinos batizados, exorcismos e abundância de tais coisas, pode ser visto em muitos de seus escritos, tediosos demais para serem relatados.

Segundo, ele também está disposto a que os homens usem aquelas defesas e ajudas reais que Deus ordenou, desde que as

usem de maneira formal, o que de fato as priva de toda a vida e eficácia que se poderia esperar de um meio instituído. Assim, ele prontamente permite que pessoas ignorantes, sem qualquer perturbação ou moléstia, usem a repetição do Pai Nosso, dos Dez Mandamentos e do Credo, ou qualquer outra oração, enquanto se convencem de que o simples dizer das palavras é uma defesa suficiente contra o Diabo por todo aquele dia.

As razões da política de Satanás em tais gratificações são estas:

Primeiro, enquanto somos mantidos ocupados com estas coisas, somos desviados daquilo que poderia ser realmente útil; ele coloca uma cana quebrada em nossa mão para que sejamos privados de um cajado. A experiência confirma isto: aqueles que com maior devoção usam essas invenções vazias são geralmente descuidados no uso das próprias ordenanças de Deus.

Segundo, além de traí-los por meio dessas ajudas mentirosas, ele por este meio os lança em uma iniquidade adicional: a de idolatrar esses bezerros tolos de sua própria invenção. Neste caso, os homens têm uma expectativa presunçosa de tais usos, daquilo que Deus nunca prometeu fazer por meio deles, nem jamais entrou em seu *coração* fazê-lo; visto que Ele responde a todos com isto: *Quem requereu isto de vossas mãos?*. E, consequentemente, suas consciências estão mais preocupadas com a omissão de uma dessas tolices do que com a negligência das coisas maiores da Lei; tais pessoas ficam mais perturbadas pela negligência do sinal da cruz ou da água benta do que por seu descuido constante e falta de fé, pelos quais seus *corações* deveriam ser guardados contra o inimigo.

Terceiro, enquanto isso, ele prepara o terreno para seu próprio triunfo sobre aqueles que se encantam com essas invenções estúpidas. Se pudermos supor que Satanás tenha prazer ou alegria em algo, podemos estar certos de que ele rirá de tais preparativos para uma guerra espiritual; sendo tão verdadeiramente ridículo para qualquer homem sair com essas armas contra Satanás quanto para um combatente assaltar um gigante com um capacete de papel, um escudo de vime e uma adaga de madeira. E, de fato, quando Satanás finge uma fuga ou medo de tais assuntos (como às vezes faz para sua vantagem), é apenas com o desígnio de gerar ou confirmar nos homens uma confiança de virtude ou força nesses usos contra seu poder; para que assim eles se fixem neles em negligência às próprias instituições de Deus, as quais ele mais teme. Assim lemos que ele astutamente cessou seu oráculo em Dafne, sob o pretexto do poder silenciador dos ossos do mártir Babilas, que foram enterrados perto do lugar; com o propósito de levar cristãos incautos à adoração de santos e suas relíquias. Muitos exemplos desse tipo temos em Sprenger sobre a fuga fingida do Diabo ao sinal da cruz, ao aspergimento de água benta, à saudação angélica, ao cajado de São Bernardo, ou certas palavras e versos pendurados no pescoço; e muita coisa desse tipo podemos encontrar na maioria de seus escritores; tudo o que não passa de artimanhas astutas de Satanás para promover a crença na virtude dessas coisas e, assim, deter os homens ali, em negligência àquelas armas espirituais que a Escritura recomenda.

Estas coisas observamos do lugar em geral, a Cidade Santa. Prossigamos para o lugar em particular, onde Satanás executou tudo isso: o *pináculo do Templo*. Várias são as conjeturas dos homens sobre isso: se era algum ornamento, ou o topo de

algum pináculo, ou o lugar de onde o apóstolo Tiago foi lançado, ou o topo do pórtico real, que foi erguido a uma grande altura sobre um vale profundo, ou alguma ameia, etc. Mas não nos ocupamos com tais investigações; apenas aqui notarei Scultetus, que supondo ser o lugar o topo de uma agulha ou espigão, e lendo em Josefo que as pontas de tais estruturas eram tão afiadas que um pássaro não poderia pousar nelas sem perfurar o pé, dispôs-se a concluir que estas *tentações* não foram executadas real e historicamente, mas apenas em visão. Tudo isso provém de uma interpretação errada de *pterugion*, que nossa tradução verte como pináculo, enquanto propriamente significa qualquer ameia ou proeminência angular, projetando-se sobre o resto como uma asa, o que ofereceria apoio e sustentação suficientes.

É mais proveitoso inquirir a razão de Satanás para a escolha de tal lugar; sem dúvida foi por desígnio; pois, do contrário, ele poderia com igual conveniência ter tentado Cristo a lançar-se de alguma árvore ou precipício no deserto. Mas qual era esse desígnio não é tão fácil de determinar. Parece claro que ele supunha que Cristo poderia ser mais animado ao empreendimento de voar pelo ar pelas esperanças de glória que poderiam ser esperadas de tal desempenho diante de tantos espectadores. Mas alguns pensam que ele tinha um desígnio também sobre os homens de Jerusalém e pretendia alguma ilusão aos judeus, o que não estou disposto a descartar, em parte porque as experiências que temos de suas *artimanhas* nos asseguram que, em uma *tentação*, seus fins são frequentemente múltiplos, e não posso deixar de pensar que Satanás asseguraria todas as coisas e se precaveria (em sua mente projetista) contra todos os eventos. Pois, se Cristo tivesse cedido e evidenciado tão grande poder à vista de todo o povo, isso poderia ter sido

uma convicção geral de que Ele era o Messias, universalmente esperado naquela época. E, em parte, estou pronto a pensar assim porque (caso Cristo o tivesse feito) isso serviria perfeitamente para confirmar os judeus em uma interpretação errônea da vinda pessoal de Elias, de quem entendiam a profecia de *Ml 3:1*: *Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o mensageiro da aliança*. Se os judeus esperavam que Elias viesse do céu para o Templo, quão fortemente seriam confirmados nesta opinião se vissem um homem voar do Templo pelo ar; e por este meio João Batista (que era o Elias que havia de vir) seria negligenciado, e o próprio Cristo (embora honrado como Elias) não seria reconhecido como o Messias.

Observe, então: que os desígnios de Satanás são amplos, e que ele projeta o enredamento ou ilusão de outros por meio de tais *tentações* que parecem concernir apenas àqueles que estão sob o problema imediato delas. Ele tenta Cristo a lançar-se abaixo e também com isso (ao menos) pretende uma ilusão aos judeus; ele tenta um homem sobre as costas de outro; um é tentado ao erro, outro, pela *tentação* daquele homem, é tentado ao ateísmo e à rejeição de toda religião. Um homem é tentado à profanação, outro é tentado por isso a um desrespeito sem caridade por ele; é fácil multiplicar exemplos disso.

CAPÍTULO XIV
Que a presunção foi o desígnio principal desta Tentação.

Sobre tentar aos extremos. O que é presunção. As várias formas de presumir. A frequência desta Tentação na generalidade dos cristãos professos, em hipócritas, pessoas desesperadas e nos filhos de Deus. As razões da diligência de Satanás neste desígnio. Sua artimanha enganosa em realizar este pecado. Preservativos contra ele.

Após a preparação que Satanás fez para o segundo conflito (já explicada), a *tentação* pretendida oferece-se à nossa vista, que é esta: *Lança-te daqui abaixo*. O que Satanás visava principalmente com isso, podemos colher da resposta de Cristo, bem como da coisa em si, pois Ele assim replica: *Está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus*. Cristo não usa esta Escritura no sentido de proibir Satanás de tentá-lo por ser Ele o Senhor e Deus de Satanás, mas menciona esta Escritura como uma regra de obediência, como se dissesse: "Não posso lançar-me abaixo e assim confiar em ajuda extraordinária, visto que posso descer por outro caminho; pois a negligência dos meios comuns, quando os temos, é um tentar a Deus, o que não deve ser feito". Assim, transparece por isto que Satanás aqui tentou Cristo à presunção. Há apenas esta objeção em nosso caminho: que *Dt 6:16* (o lugar citado por Cristo) refere-se à *tentação* dos israelitas em Massá, mencionada em *Ex 17:2*, onde eles contenderam com Moisés por água; e ali pareceria que o tentar ao Senhor foi antes por desesperar de seu poder e ajuda do que por presumir na negligência dos meios comuns. Respondo: embora a ocasião e a matéria daquela *tentação* sejam diferentes desta de Cristo, contudo o experimento presunçoso que ali fizeram da presença e poder de Deus foi o mesmo que Satanás projetou. Pois no v. 7 (onde se dá o relato daquele tentar), diz-se: *porque tentaram ao Senhor, dizendo: Está o Senhor no meio*

de nós, ou não?. Eles colocaram a questão neste ponto: que o Ser e o Poder de Deus deveriam ser provados pelo dar ou não dar de água. A maneira daquela *tentação*, sendo tão condizente com esta, faz com que Cristo aplique muito pertinentemente aquele comando a ela, sendo a presunção a coisa à qual Cristo foi tentado. Poderia nos causar algum espanto ver Satanás dar passos tão estranhos: ele estava antes tentando-o ao desespero, agora à presunção; mas isso não é argumento de sua leviandade ou incerteza em seu modo de tentar, mas sim de sua profundidade e sutileza. Note, então:

Que é política de Satanás, ao tentar, correr de um extremo ao outro. Os coríntios foram primeiro tentados a uma complacência pecaminosa com a pessoa adúltera e eram avessos à sua excomunhão; depois, foram tentados à severidade contrária e estavam igualmente reticentes em recebê-lo de volta. Os mesmos homens que foram vencidos pela prodigalidade e excesso, quando começam a ver o mal disso, são frequentemente tentados ao mundanismo ou à cobiça, a disposição contrária. As razões desta política são:

Primeiro, o evitar de um extremo dá à alma tal impulso (se não houver cuidado para evitá-lo) que ela é lançada a mais de meio caminho no outro. Pedro, em um extremo de modéstia, recusou o lavar de seus pés por Cristo, mas quando entendeu o perigo, correu tão errado para o outro lado: *Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça* (*Jo 13:9*). Assim, alguns são tão favoráveis à pureza das igrejas que excluem os fracos; outros tão favoráveis à unidade que admitem os abertamente escandalosos e profanos.

Segundo, enquanto os homens evitam um extremo correndo para outro, carregam consigo impressões tão fortes do mal que

desejam evitar, e preconceitos tão ferozes, que não será uma convicção comum que os trará ao caminho certo; mas tendem a estar confiantes da bondade do caminho que tomam, e assim são mais ousados e fixos em seu erro.

Sendo a presunção o grande desígnio de Satanás nesta *tentação*, podemos observar ainda:

Que, assim como a Desconfiança de um lado, também a Presunção do outro é um de seus grandes desígnios. Destes dois, podemos dizer o que foi dito da espada de Hazael e de Jeú: que de todos os que são mortos pelo Diabo, quem quer que tenha escapado da espada da Desconfiança e do desespero, a espada da Presunção o matou. Para explicar isto, eu irei:

Primeiro, mostrar o que é a Presunção. Ela é, em geral, uma confiança sem fundamento. Primeiro, é composta de audácia (que é um empreendimento ousado e atrevido de uma coisa) e segurança.

Segundo, o fundamento dela é um erro de julgamento (um julgamento cego ou mal orientado sempre a nutre); e isso é ou um erro sobre a natureza de tais meios nos quais confiamos para assistência (como quando um homem deposita tanta força em um fio quanto em um cabo, ou espera tanto sustento de uma pedra quanto do pão); ou um erro sobre a vontade de outros, de quem esperamos auxílio e ajuda, sem uma garantia para tal confiança.

Terceiro, em seu modo de operar, é diretamente oposta à Desconfiança, e é um tipo de esperança excessiva (embora irregular); não que neste caso um homem creia ou espere demais (pois não pode haver excesso propriamente no exercício das graças divinas), mas que ele espera de forma

muito temerária ou leviana, sem um fundamento sólido ou razão. A esperança tem por objeto aquilo que é bom, sob as considerações de futuridade, possibilidade e dificuldade; por um lado, o desespero olha para esse bem como futuro, mas sob uma dificuldade tão grande que esquece a possibilidade dele e, por isso, cessa todos os esforços. A Presunção, por outro lado, é tão agudamente apreensiva da possibilidade que nunca considera a dificuldade, e assim se lança em esforços ou expectativas irregulares. A natureza disto será melhor compreendida quando os casos particulares de Presunção estiverem diante de nós.

Primeiro, então, é Presunção quando, a partir de meios externos ou subordinados, os homens esperam aquilo para o qual nunca foram designados nem ordenados por Deus. Esperar uvas de espinheiros, ou figos de abrolhos, seria uma Presunção, porque Deus nunca os designou para tais frutos; e não menos o é quando, em qualquer outro caso, os homens buscam coisas altas e extraordinárias de qualquer bem criado, acima do que Deus nele colocou pela lei da criação.

Segundo, quando os homens esperam aqueles frutos e efeitos de qualquer coisa para a qual ela é designada, em negligência ou oposição à Causa Suprema, sem cuja influência concorrente eles não podem atingir seus fins adequados. Isto é, nossas esperanças estão totalmente centradas nos meios, enquanto, nesse ínterim, nossos olhos não estão em Deus. Assim, fazer do ouro nossa esperança (*Jó 31:24*), fazer da carne nosso braço (*Jr 17:5*), fazer da Assíria um salvador (*Os 14:3*), ou confiar em quaisquer criaturas que sejam, é condenado na Escritura como uma confiança presunçosa e (em vista da decepção necessária) um confiar em uma mentira; sentido no qual se diz que todo

homem é mentira (*Sl 62:9*). Presunção semelhante ocorre quando nos gloriamos de grandes coisas sobre nós mesmos e (como Pedro) fazemos compromissos confiantes (em nossa própria força) de que evitaremos tal pecado ou realizaremos tal dever; pois somos apenas frágeis, e toda a nossa suficiência vem do Senhor, de modo que não pode ser menos que arrogância intolerável prometer algo de nós mesmos sem Ele. Nem podem os homens prometer a si mesmos a continuação daquele bem ou vantagem que já receberam de causas segundas (se sua confiança se constrói sobre essa única consideração) sem uma justa culpa. Jó dissera que morreria em seu ninho, e Davi que nunca seria abalado, mas ambos notaram depois que essas confianças não passaram de Presunções enganosas.

Terceiro, é uma Presunção esperar coisas acima do alcance de nosso estado e condição atual; como um homem humilde pedir a Deus autoridade e governo, ou esperar sentar-se com príncipes; ou cristãos comuns buscarem milagres, sinais do céu, visões, revelações, respostas extraordinárias a orações e coisas semelhantes, todas as quais expectativas são sem fundamento e fruto de um orgulho presunçoso.

Quarto, quando os homens esperam coisas contrárias às regras que Deus estabeleceu para suas dispensações de misericórdia, eles presumem ousadamente sobre a Sua vontade. Deus prometeu preservação aos seus filhos enquanto estão no caminho de Deus, mas se alguém sair desse caminho e pecaminosamente se colocar em perigos e riscos, seria Presunção dele esperar uma preservação. É o mesmo nas coisas espirituais. Deus promete a vida eterna e as bênçãos de seu pacto àqueles que se entregam a Ele e às suas leis; não será uma Presunção intolerável os homens bendizerem a si mesmos

em seu *coração* com expectativas de reinar com Ele na glória, enquanto, nesse ínterim, contradizem a Sua própria regra e negligenciam a Sua ordem, caminhando na profanação e vivendo para si mesmos? Esta é uma alta Presunção de misericórdia contra a Sua vontade expressa. Daí tais cursos serem chamados pecados presunçosos (*Sl 19*) e tais pecadores transgredirem com mão elevada.

Quinto, é também uma Presunção esperar qualquer misericórdia, embora comum e usual, sem os meios ordinários pelos quais Deus, na Providência, estabeleceu as dispensações usuais de tais favores; como quando os homens buscam Seu auxílio e ajuda para suprimento de necessidades corporais enquanto descartam todo cuidado e recusam seus próprios esforços, que são os caminhos da designação de Deus, no uso consciencioso dos quais tais misericórdias devem ser esperadas. Os pagãos (pela consideração da conexão necessária entre os meios e o fim) costumavam julgar tais expectativas preguiçosas como nada melhor do que solenes zombarias de uma divindade. Nas coisas espirituais, não é menos presunçoso esperar a conversão e um interesse em Cristo e no céu enquanto se recusa o uso cuidadoso de Suas ordenanças; e, portanto, somos ordenados a orar por tais bênçãos, a clamar por conhecimento e a levantar a voz pelo entendimento, e a apoiar essas orações com nossos próprios esforços máximos; a buscá-lo como à prata e a procurá-lo como a tesouros escondidos, e assim esperar o achado do conhecimento de Deus.

Sexto, quando misericórdias comuns ou extraordinárias são esperadas para um fim ilícito; como quando os israelitas em Massá pediram água (que deveriam crer que Deus lhes supriria, considerada sua condição), mas como um teste e prova do Ser

de Deus, pois disseram: *Está o Senhor no meio de nós, ou não?* (*Ex 17:7*). É por Tiago considerado uma peça de infidelidade espiritual e adultério pedir algo a Deus com o desígnio de gastá-lo em um deleite. A recusa de Acaz de um sinal quando Deus o ofereceu (por mais que fizesse um show de modéstia e crença) não provou outra coisa senão que ele estava consciente de que (caso o tivesse aceitado) teria abusado daquele favor para um fim ilícito e teria tentado a Deus por ele, colocando-o neste experimento de se havia um Deus ou não. Este é também outro ato de Presunção; quando um homem se torna culpado de qualquer um destes erros, ele é presunçoso.

Segundo, acrescento ainda a esta descoberta da natureza e tipos de Presunção que este é um dos grandes engenhos de Satanás, o que provo por duas demonstrações.

Primeira, pela prática comum de Satanás deste tipo sobre todos os tipos de homens, na maioria das ocasiões. Aquilo que é sua prática frequente sobre a maioria dos homens e na maioria das ocasiões deve, por necessidade, ser entendido como sendo principalmente visado. Alguns homens podem possivelmente estar livres do problema de algumas *tentações* particulares (como Hieronimus Wallerus diz de Lutero, seu mestre, que o ouviu relatar muitas vezes de si mesmo que fora assaltado e vexado por todo tipo de *tentações*, exceto apenas a da cobiça), mas ninguém pode dizer que não foi assaltado com esta. Eu o demonstrarei por uma indução de casos particulares.

Primeiro, a generalidade dos homens que vivem na profissão da religião são presunçosos; sim, a maior parte do mundo cego o é; eles presumem misericórdia e salvação; o Diabo prega nada mais que toda esperança, nenhum medo, e nestes sonhos dourados eles deslizam para o inferno. Se olharmos para o seu

modo de pecar e depois para as suas esperanças, não podemos julgar nada menos deles; eles não hesitam diante das mais graves abominações, as obras da carne, e nelas continuam; é o seu ofício, sua vida, fazem provisões para elas, não conseguem dormir a menos que ajam perversamente, aquele que repreende é ridicularizado por eles; eles fazem apenas zombaria e esporte daquelas coisas que, como vergonha e opróbrio da humanidade, deveriam antes fugir da luz e esconder-se como coisas das trevas; estas coisas praticam sem pesar ou dor de *coração*, sem bater na coxa, e em tudo isso têm a confiança de dizer: *Não está o Senhor no meio de nós?*. Podem chamar-se cristãos e ter expectativas tão ousadas de felicidade eterna como se o cometer desses males fosse feito por Deus a qualificação necessária para a felicidade eterna. O que é mais comum? E, no entanto, o que é mais presunçoso? Pois: (1) Estes homens esperam e aguardam audaciosamente a misericórdia, expressamente contrária às ameaças peremptórias de Deus. Deus diz que não há paz para os ímpios; eles dizem: "teremos paz". (2) Estes correm os maiores riscos de ruína e aflição com o mínimo medo, no desprezo de todo perigo, como o cavalo se lança na batalha, que zomba do medo e não se espanta, nem volta as costas à espada. (3) Eles desafiam Deus a fazer o Seu pior, provocam Deus ao ciúme, e isso na Sua face; daí foi dito que Ninrode era um caçador poderoso *diante do Senhor* (*Gn 10:9*). E Er, filho de Judá, que era perverso *diante do Senhor* (*Gn 38:7*). Porque tais pecadores audaciosos não irão (como diríamos) para trás das Suas costas para pecar.

Segundo, os hipócritas, cuja conduta é mais polida, também são presunçosos; pois enquanto escondem seu pecado, presumem, contra os ditames da consciência, que Aquele que fez o olho não vê; e que há uma possibilidade de enganar a

Deus tanto quanto aos homens. Além disso, suas vanglórias e esperanças têm uma marca especial colocada sobre elas na Escritura como audaciosamente falsas: a esperança do hipócrita perecerá; sua confiança no Templo do Senhor não passa de uma mentira, e assim denominada expressamente pelo profeta.

Terceiro, mesmo as pessoas desesperadas nem sempre estão livres de Presunção. O ato do suicídio é uma terrível presunção sobre a justiça infinita. O desejo de Spira de saber o pior foi do mesmo tipo. Estes são de fato extraordinários, mas há outros tipos de desespero que se aproximam da Presunção, como aquele desespero sensual que surge de um amor excessivo aos deleites carnais e um desprezo seguro das coisas espirituais; pois quando a sensualidade os incita a comer e beber enquanto podem, desesperançados de uma felicidade futura, pois amanhã morrerão e seu prazer cessará, eles presumem altamente contra a paciência e bondade de Deus.

Quarto, os melhores dos homens são frequentemente vencidos por ela. (1) Não apenas quando são surpreendidos por pecados mais graves e acima da taxa de pecados de enfermidade — aos quais o santo mais piedoso pode estar sujeito (sob *tentação*), como se colhe da oração de Davi: *Guarda também o teu servo dos pecados de presunção, para que não se assenhoreiem de mim* (*Sl 19:13*); (2) mas por suas buscas fervorosas de suas próprias vontades, quando contraditas pela Providência. É pelo profeta Isaías (*Is 9:9-10*) chamado de orgulho e arrogância de *coração* contender com a Providência, tentar edificar com pedras lavradas quando os tijolos caíram, ou lutar por cedros quando a ira divina cortou os sicômoros. (3) Quão frequentemente são culpados de presumir sobre seus privilégios, sua força, suas graças, e sob esse pretexto

aventuram-se em ocasiões de pecado, ou se elevam acima dos outros por um conceito de suas realizações mais altas; ou quando ousadamente se colocam ao sofrimento ou à ação enquanto lhes falta aquela devida humildade e cuidado que os deveria equilibrar. (4) Há também uma precipitação presunçosa, na qual o zelo e as boas intenções de homens santos podem às vezes precipitá-los. Tal foi o estender de mão de Uzá para segurar a Arca, pelo que o Senhor o feriu. Todos estes exemplos reunidos demonstrarão suficientemente que a Presunção é um dos desígnios mestres de Satanás.

A segunda demonstração desta verdade é a subserviência geral de outras coisas a isto. A maioria dos esforços e *tentações* de Satanás visa este ponto, e este é o resultado e consequência da maioria dos pecados; deve ser necessariamente o principal aquilo a que tantas coisas servem e ministram. Neste centro a maioria das linhas de sua política se encontra: orgulho, vanglória, privilégios imaginários, supostas vantagens e muitas coisas mais não foram senão agentes subordinados para esta *tentação*, que o Diabo tentou sobre Cristo, como em parte foi, e agora será mais evidenciado.

Terceiro, tendo assim provado que a Presunção é uma das grandes coisas que ele visa, descobrirei a seguir as razões de sua seriedade e diligência em seu desígnio, as quais são estas:

Primeiro, é um pecado muito natural, no qual ele tem a vantagem de nossa própria prontidão e inclinação. Embora alguns, por um temperamento melancólico, sejam inclináveis a medos e desconfiança em certas ocasiões, quando essas apreensões negras são exaltadas, contudo (exceto estes) as esperanças são mais predominantes que os medos; e o amor-próprio, que fornece combustível a essas esperanças, é um

princípio natural em todos. Quando tantas coisas lhe dão tais vantagens e lhe prometem sucesso, podemos bem supor que ele não perderá tal oportunidade.

Segundo, assim como é fácil para o ataque de Satanás, também é remoto da convicção e não é erradicado sem grande dificuldade. É um pecado que se cobre com o pretexto de um grau mais alto de esperança. Os homens, em muitos caminhos desta iniquidade, estão sob persuasões de dever e, por razão dessa confiança, o medo (que é a sentinela da alma) está adormecido; por isso não se abrem tão facilmente ao conselho ou à repreensão. Os israelitas (*Dt 1:27-28*), estando sob desânimo, recusam subir a Canaã quando estavam na fronteira da terra; mas sendo convencidos de seu pecado em desconfiar do braço do Senhor, pela ira declarada de Deus e ameaça contra eles, caem no extremo contrário da presunção e então (v. 41) queriam subir e lutar; e a convicção de seu pecado anterior os tornou tão confiantes de que este era seu dever presente (pois assim argumentam: "pecamos contra o Senhor, subiremos e pelejaremos, conforme a tudo o que o Senhor nosso Deus nos ordenou"), que, embora fossem expressamente proibidos por Deus (v. 42: "Não subais nem pelejeis, pois não estou no meio de vós"), contudo foram tão estranhamente levados por sua persuasão anterior que recusaram ser convencidos e subiram presunçosamente ao monte. Por este exemplo vemos que grandes pretextos conduzem à Presunção e quão difíceis são de remover; duas coisas que nada menos fazem que tentar Satanás a empenhar-se ao máximo nesse desígnio.

Terceiro, a grandeza do pecado quando cometido é outra razão de sua diligência na busca dele. Não provém apenas de um simples erro ou engano, mas esse erro nasce de um orgulho

intolerável; eles dizem e fazem tais coisas pelo orgulho e arrogância de seu *coração*. Aquele que é presunçoso é obstinado (*2Pe 2:10*). Daí estes pecados, que traduzimos como presunçosos, serem no original chamados "orgulhos" ou "arrogâncias". Além disso, são contradições à ordem de Deus, separando aquelas coisas que Deus uniu, como os meios do fim, ou o fim dos meios, como se a terra devesse ser removida de seu lugar por nossa causa. E, em alguns casos, é nada menos que afrontar abertamente a Deus, abusando de Seus próprios favores contra Ele mesmo; pois assim lidam com Ele os que se obstinam no pecado por causa de Sua misericórdia, concluindo, por uma consequência irracional, que devem ser perversos porque Deus é bom, ou que podem ofender livremente porque Ele não pune.

Quarto, os resultados e consequências perigosas deste modo de pecar animam não pouco Satanás a tentar a isso. Em alguns casos, devia ser punido com a morte (*Dt 17:12*): *O homem, pois, que se houver soberbamente [presunçosamente]... o tal homem morrerá*. E mais usualmente é castigado com tristes decepções, por um severo engajamento do desagrado de Deus contra ele. A esperança do hipócrita perecerá, será como o dar do último suspiro. E geralmente aquele que assim se bendiz em seu *coração* quando ouve as palavras da maldição (*Dt 29:19-20*), o Senhor não o poupará, mas então fumegará a ira do Senhor e o seu ciúme contra esse homem, e toda a maldição escrita neste livro jazerá sobre ele, e o Senhor apagará o seu nome de debaixo do céu.

Quarto e último: apresentarei a vocês a artimanha enganosa de Satanás em realizar este pecado, mostrando os detalhes de sua astúcia contra Cristo nisto. A saber:

Primeiro, ele tira vantagem de Sua resolução de confiar na Providência, contrária à *tentação* anterior de transformar pedras em pão. Cristo recusara aquilo, dizendo-lhe que era dever confiar nEle, que não apenas pelos meios comuns do pão poderia alimentá-lo, mas também por qualquer outra designação. A isto Satanás replica, oferecendo uma oportunidade irregular de tal confiança, ao lançar-se do pináculo do Templo; como se dissesse: "Se queres assim confiar na Providência, faze-o nisto". Onde podemos notar que, de uma dependência obediente, ele queria atrair Cristo a uma Presunção irregular. Ele retorce o argumento de Cristo de volta contra Ele assim: "Se Deus deve ser confiado por uma fé certa para o alimento, pela mesma fé deve ser confiado para a preservação; se a crença no suprimento de pão pode consistir com a negligência ou recusa dos meios comuns para sua obtenção, então pode a crença na preservação ao lançar-te do pináculo do Templo consistir também com a negligência dos meios comuns". Assim, como um sofista astuto, ele se esforça para concluir o pecado a partir do dever, a partir de uma aparente paridade entre eles, embora de fato os casos fossem vastamente diferentes. Pois, embora seja dever depender da Providência quando Deus (na busca do serviço e dever) nos retira da vista e das esperanças de meios externos, contudo não pode ser menos que Presunção pecaminosa fazermos tais experimentos das providências quando não precisamos e quando os meios comuns estão à mão. Da mesma maneira ele se esforça para nos impor falácias e nos enganar em empreendimentos presunçosos, argumentando de uma confiança necessária em alguns casos a necessidade de presumir em outros, sob uma semelhança e proporção aparente.

Segundo, não foi pequena peça da astúcia de Satanás tomar esta vantagem enquanto a impressão de confiança na falta de meios externos estava quente no *coração* de Cristo; ele esperava por meio disso atraí-lo mais facilmente a um excesso. Pois ele sabe que um zelo fervoroso para evitar um pecado e manter-se em um dever muitas vezes nos inclina demais a um extremo, e ele bem esperava que, quando Cristo se declarara tão positivamente dependente de Deus, ele pudesse ter prevalecido para esticar essa dependência além de seus devidos limites, aproveitando a oportunidade de Sua inclinação naquele sentido, a qual (como um navio diante do vento e da maré) poderia logo ser levada além do ponto. E este foi o desígnio de sua pressa nesta segunda *tentação*, porque ele queria bater enquanto o ferro estava quente e perseguir de perto sua vantagem enquanto a força e o ímpeto dessas resoluções estavam sobre Ele.

Terceiro, ele se esforça para animá-lo a esta Presunção pelo aplauso popular, e para lisonjeá-lo em um humor de buscar a glória e admiração que, por tal empreendimento estranho, poderia ser suscitada nas mentes dos espectadores; e por isso o trouxe ao lugar mais conspícuo de uma grande e populosa cidade, não achando o assunto tão viável se o tivesse tentado a isso em um deserto solitário.

Quarto, ele lhe propõe um fim plausível e uma vantagem aparente, a saber: a descoberta clara e indubitável de Sua natureza divina e próximo interesse em Deus; instando isto como um dever necessário para Sua própria satisfação e a manifestação de Sua filiação aos outros.

Quinto, para afastar de Sua mente aqueles medos de falhar em Seu intento, que de outra forma poderiam ter sido um obstáculo

em Seu caminho, ele é solícito em fortalecer Sua confiança, propondo ajudas e preservativos traiçoeiros, sugerindo-lhe segurança pelo privilégio do lugar onde isso seria executado: uma Cidade Santa e um Templo, produzindo mais de uma presença divina para Sua segurança do que outros lugares.

Sexto, para assegurar tudo, ele apoia tudo isso com uma promessa de preservação, para que nada faltasse à Sua segurança.

Por este método aplicado a outras coisas e casos, ele se esforça para nos levar à Presunção.

A consideração disto deve nos colocar em um cuidado e vigilância especial contra a Presunção. Ela é mais projetada e tem uma prevalência maior do que os homens percebem. Duas coisas apenas proporei no momento para nossa preservação, a partir do *Sl 19:12-13*:

Primeiro, aquele que deseja ser guardado dos pecados presunçosos deve fazer consciência dos pecados ocultos, buscá-los, mortificá-los, pedir perdão por eles. Com que face ou esperança podemos esperar de Deus ajuda contra aqueles, quando o provocamos a nos deixar entregues a nós mesmos, mimando-nos nos outros?

Segundo, aquele que deseja evitá-los deve estar sob o temor e medo de ser vencido por eles: aquele que despreza e desdenha tais riscos visíveis não permanecerá inocente por muito tempo. Davi aqui, primeiro mostra sua consciência preocupada com os pecados ocultos, e então implora para ser guardado dos pecados presunçosos, e por tal súplica fervorosa, ele em seguida mostra o quanto temia tais erros.

CAPÍTULO XV
O Suicídio como outro de seus Desígnios nesta Tentação.

Como ele tenta ao suicídio diretamente, e sobre quais vantagens ele o instiga. Como ele tenta a isso indiretamente, e os meios para tal. Sobre os Preservativos necessários contra esta Tentação.

Vimos e consideramos o Fim principal de Satanás nesta *tentação*. Consideremos agora se este foi o único objetivo que ele propôs a si mesmo. Temos pouca razão para pensar que ele se limitaria a apenas um, quando a própria coisa sugere tão claramente outro que possivelmente poderia ter se seguido. Na maioria dos casos, os fins do Diabo são múltiplos. Podemos, portanto, facilmente supor (e vários autores notaram) que o Diabo (aquele grande homicida) tinha nisto um desígnio secreto contra a vida de Cristo, e que o tentou aqui (indiretamente) ao suicídio. E de fato (supondo que Cristo tivesse tentado voar pelo ar e falhado no empreendimento), o que mais poderia ter se seguido senão a morte e a ruína? Daqui, notemos:

Que Satanás busca a ruína de nossos corpos, bem como de nossas almas, e tenta os homens frequentemente ao suicídio. Que o Diabo anda ao redor buscando como pode destruir os homens, colocando-os em tentativas contra suas próprias vidas, é evidente. Isso se vê não apenas pela experiência e confissões daqueles que sofreram sob as sugestões de Satanás para esse

fim (e é uma *tentação* mais comum do que pensamos, pois a maioria dos homens não quer se expor aos outros nesta questão), mas também por aqueles muitos casos tristes de homens sobre os quais Satanás tanto prevalece que eles executam sobre si mesmos este desígnio, destruindo-se. Contudo, notemos de passagem que tais pensamentos estão frequentemente nas mentes dos homens sem que Satanás esteja deliberadamente projetando a destruição deles; pois ele muitas vezes lança tais pensamentos não apenas para testar como os homens reagem a eles, mas para assustá-los e inquietá-los. E é comum que homens de temperamento triste e melancólico confundam seus próprios medos de tal *tentação* com os esforços de Satanás contra eles, quando, na verdade, o medo e a perturbação de serem assim tentados os fazem pensar que estão sendo tentados de fato.

Satanás conduz o desígnio do suicídio de duas maneiras:

Primeiro, diretamente, quando em termos claros ele instiga os homens a se destruírem. Isto (por ser diretamente repugnante à lei da natureza, que os impele veementemente à autopreservação) ele não pode efetuar sem a ajuda de algumas vantagens; contudo, por experiência, ele descobriu que alguns métodos são tão eficazes para tal resolução antinatural que frequentemente os coloca em prática. A saber:

1. Ele trabalha sobre os descontentamentos dos homens e aumenta a inquietação de suas mentes (por ocasião de qualquer perda, vexação, decepção ou desonra) até onde pode. Quando suas vidas se tornam amargas e eles estão suficientemente preparados pelo desconforto de sua condição, então ele propõe a morte como o único remédio para lhes dar sossego. Nisto, além de sua

solicitude em prover instrumentos de crueldade e oportunidade para seu uso, ele os persegue com argumentos extraídos do senso de sua condição atual. O grande intuito disso é agravar sua dor e fazer seu fardo parecer intolerável, e então a autorruína não passa de uma consequência natural. Vemos o suficiente disso nos descontentamentos de homens bons, e que eles naturalmente operam desta forma. Jó expressa as apreensões gerais de homens em angústia: *Os amargurados de espírito não valorizam a vida; suspiram pela morte, e ela não vem; e cavam em busca dela mais do que de tesouros escondidos; que se alegram sobremaneira e exultam quando acham a sepultura* (*Jó 3:20-22*). Jonas, em seu descontentamento, prefere a morte à vida: *Melhor me é morrer do que viver* (*Jn 4:3*). Elias faz o mesmo, e Jó parece impaciente por isso. Tudo isso provém do poder e da operação desta *tentação*, embora Deus tenha segurado a mão deles para que não prevalecesse totalmente. Em Aitofel, o motivo do descontentamento foi mais uma desonra imaginária que real; seu conselho foi rejeitado (o que em si não era grande desonra) e isso gera um ressentimento tão perturbador em sua mente que Satanás prevalece com ele para se enforcar de forma muito deliberada.

2. Ele frequentemente leva os homens a se destruírem por meio de terrores e angústias desesperadoras da consciência. Como estas proporcionam maior inquietação e aflição mental do que outros tipos de descontentamento, ele prevalece mais por meio delas; pois um espírito ferido está acima da força comum e é

difícil de suportar. Pode parecer estranho que aqueles que sentem experimentalmente quão terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo nutram tal *tentação* que (em suas apreensões e conhecimento) certamente os mergulhará no próprio oceano da vingança eterna. Sem dúvida, Satanás descobre que isso é um grande obstáculo ao seu desígnio, mas aqui ele usa sua habilidade para abrir um caminho para aqueles que ultrapassariam suas vidas por um lado, enquanto se esforça para persegui-los com o senso de ira e indignação pelo outro. Para este propósito, ele lhes diz: (1) que todo o inferno que encontrarão está em suas consciências, e que a morte os libertará de tudo, ou ao menos que a morte lhes dará um alívio imediato e que até a ressurreição estarão em sossego. Aqueles que estão dispostos a aceitar essas apreensões podem ser facilmente convencidos a apressar sua própria morte, visto que já fixaram esta conclusão consigo mesmos: que não há esperança nem perdão para eles; que são reprovados e excluídos, pois seus pensamentos só podem meditar os terrores de tais conclusões. (2) Ele às vezes se esforça para persuadi-los de que, executando esta vingança sobre si mesmos, podem fazer algum tipo de satisfação e reparação pelos pecados que cometeram; o que, embora falsíssimo, é de admirar quão longe tais suposições sem fundamento podem possuir as mentes dos desesperados. Alguns conjeturam que Judas possa ter tido tal pensamento quando se destruiu; mas isso não passa de conjetura, visto que ninguém pode pretender conhecer seus pensamentos. Mas podemos falar com maior liberdade daqueles que declararam a

operação de tais apreensões em suas mentes. (3) Um pretexto mais plausível ele usa quando tenta persuadi-los de que podem se matar e, ainda assim, ir para o céu apesar de tudo. Para este fim, o sutil adversário não hesita em lhes dizer quais foram as expressões caridosas de alguns homens que supuseram uma possibilidade de arrependimento *inter pontem & fontem*, como dizemos, entre o golpe ou a corda e a morte. Capel é tão apreensivo quanto ao uso malicioso desta caridade como encorajamento ao suicídio que, com grande seriedade, adverte todos os ministros contra tais expressões liberais. Conheci alguns, e ouvi falar de outros, que ficaram tão possuídos por esta imaginação de serem salvos que, tendo decidido destruir-se (embora Deus os tenha impedido), primeiro se recomendaram a Deus em oração e assim se prepararam para morrer. (4) Às vezes, embora tais aflitos não tenham tal persuasão, mas creiam que da morte vão imediatamente para o inferno, são empurrados por uma certa curiosidade terrível de conhecer o pior. Nesse tom Spira se expressou quando desejou ser libertado de sua vida para que pudesse conhecer o máximo daqueles tormentos que temia; como se o pavor de suas expectativas terríveis fosse pior do que o sentimento real delas. (5) Mas ele prevalece, acima de tudo, contra aquela objeção de maior miséria após a morte, levando os homens a uma distração desesperada em seus terrores; sua angústia presente é tornada insuportável, de modo que se apressam para fora da vida sem cuidado ou consideração do que se seguirá.

3. Ele tenta os homens diretamente a se destruírem a partir de um princípio de ousadia heroica e aparente fortaleza mental; algo muito comum entre os romanos, que, impacientes com as ofensas e por orgulho de *coração*, não querendo sujeitar-se a afrontas, escolhiam antes rasgar as próprias entranhas do que viver para se verem humilhados. Lucrécia, sendo forçada por Tarquínio e não querendo sobreviver à sua desonra, esfaqueou-se. Catão, não sendo capaz de suportar a vitória de César, pôs fim aos seus dias. Exemplos inumeráveis deste tipo as histórias oferecem em toda parte. Embora estes consultassem suas próprias paixões e nada soubessem que os impulsionasse além de sua própria generosidade ou magnanimidade, contudo não estavam sem um tentador para tais ações cruéis. Satanás (sem dúvida) agradava-se ao exercer sua crueldade sobre eles tão facilmente, com a ajuda de tal humor, que passava (entre esses pagãos cegos) pela prova mais alta de virtude e fortaleza. A tal ponto chegou isto que encontramos Sêneca aplaudindo altamente Catão por procurar sua liberdade por meio de sua própria morte, e apresentando esse fato como o espetáculo mais deleitoso para os deuses. Embora, de fato (como nota Agostinho), não seja fortaleza, mas fraqueza, e uma evidência clara de impaciência, que não pode suportar as insolências alheias ou as próprias dificuldades. E se examinarmos a questão a fundo, embora haja audácia em empreender a própria morte, isso é conduzido por princípios nada melhores que o orgulho, a impaciência e o desespero; o que pode ser melhor descoberto se considerarmos tais tipos de tentativas quando surgem de

ocasiões mais ignóbeis e baixas. Patérculo nos fala de um adivinho toscano que, sendo levado à prisão com seu amigo Fúlvio Flaco e desesperando do perdão, corre desesperadamente com a cabeça contra a porta da prisão e esmaga seus miolos; e, no entanto, este homem foi movido a tentar sua destruição pelos mesmos princípios gerais pelos quais Catão se destruiu.

4. É também suficientemente conhecido que Satanás, pela força do costume em vários países, como que necessita os homens a cortarem suas próprias vidas. Em alguns lugares bárbaros, na morte do marido, a esposa, em uma afeição brutal pelo louvor do amor e da lealdade, lança-se para ser devorada pela mesma chama em que o corpo morto de seu marido é consumido. E encontram-se em outros lugares costumes de autodestruição para evitar os tediantes inconvenientes da velhice, onde é comum que pessoas idosas preparem com alegria sua própria pira funerária e façam um rápido despacho de suas vidas, preferindo morrer de uma vez a morrer aos poucos, como expressa Sêneca. Calano, um filósofo indiano, estando com disenteria, obteve permissão de Alexandre para queimar-se para um fim mais rápido.

5. Há ainda outro caminho pelo qual os homens são tentados às vezes (embora raramente) a se apressarem para fora do mundo, e este é por um pretexto de um desejo ardente e impaciente da felicidade por vir. Que anseios por tais desfrutes sejam próprios dos melhores santos, e sejam de fato sua excelência, não se pode negar; mas fazer tal pressa preposterada deve ser um *engano* de Satanás. Que há uma possibilidade disso

> transparece na história de Cleômbroto (mencionada também por Agostinho), que, lendo o *Fédon* de Platão sobre a imortalidade da alma, para que pudesse apressar-se para lá, lançou-se de um muro e morreu. Ora, embora seja difícil encontrar tal exemplo entre cristãos, temos razão para acreditar que, onde Satanás percebe que tal *tentação* pode ter lugar, ele não faltará na execução. E se pudermos conjeturar os pensamentos de Agostinho pela questão que ele propõe — a saber, se é lícito para um homem matar-se para evitar o pecado (o que ele solidamente refuta) —, podemos concluir que tais pensamentos eram as *tentações* usuais de homens bons em seu tempo, e tanto mais porque, no encerramento daquele capítulo, ele aplica esse discurso particularmente aos servos de Cristo, para que não considerem suas vidas um fardo.

Segundo, Satanás promove o desígnio do suicídio não apenas diretamente, como ouvimos, mas também por alguns caminhos indiretos ele mina a vida do homem. Isto é, quando ele não diz formalmente "destruam-se", mas os tenta a tais coisas que ele sabe que deixarão a morte entrar sobre eles. Explicarei este caminho de malícia sutil sob estes tópicos:

1. Sob os mais altos pretextos de zelo pela glória de Deus, ele às vezes arma um *laço* para nossas vidas. Não posso crer senão que Satanás teve mão naquela prontidão dos cristãos antigos que, por uma profissão aberta de sua fé diante de tribunais perseguidores, como que cortejavam o martírio. E tenho a mesma persuasão sobre a seriedade penosa de muitos pregadores santos, que esbanjam suas forças em uma prodigalidade de dores

pelo bem das almas, o que (como um pavio na vela) os consome imediatamente; enquanto uma força melhor administrada poderia ser verdadeiramente mais vantajosa, mantendo a luz por mais tempo. E, contudo, tão sinceros são seus fins, tão prazeroso é seu trabalho, que raramente observam, como deveriam, que Satanás (quando não pode fazer melhor) alegra-se com a oportunidade de destruí-los com sua própria arma; e, portanto, neste caso, podem esperar que ele faça tudo o que puder para aumentar e promover seu zelo, não apenas adicionando todo o combustível que puder à sua propensão interna de laboriosidade, mas também por encorajamento externo, das aceitações e expectativas declaradas de seus ouvintes.

2. Sob pretextos mais baixos de pleno desfrute de prazeres sensuais e deleites carnais, ele empurra os homens inadvertidamente para a morte e perigos. Assim, o voluptuoso, o glutão, o bêbado, cavam suas próprias sepulturas e convidam a morte a cortá-los antes que tenham vivido metade de seu tempo. Enquanto Satanás tenta os homens a tais excessos de devassidão, ele trabalha não apenas pela destruição da alma, mas também do corpo; não apenas para que sejam miseráveis, mas para que o sejam com toda a expedição.

3. Além de tudo isso, ele possui outros caminhos sutis de arquitetar a morte dos homens, colocando-os em caminhos e ações que são acompanhados de risco. Assim ele buscou a morte de Cristo, não diretamente, mas indiretamente, instigando-o a uma ação que ele

> pensava que inevitavelmente o levaria à morte; pois uma queda de tão grande precipício facilmente privaria qualquer homem da vida. E às vezes, quando os homens estão embrutecidos por delírios entusiastas, ele pode mais facilmente enganá-los com tais *estratagemas*. Aquele exemplo de Stuker é famoso: ele cortou a cabeça de seu irmão sob a tola persuasão de que Deus magnificaria seu grande poder dando-lhe vida novamente. Se Satanás pode fazer de escravos enfeitiçados tais tolos em apreensões tão absurdas e irracionais em relação aos outros, o que impede que ele se imponha tanto sobre eles que estejam dispostos a praticar o mesmo sobre si mesmos? Lembro-me de algo nesse sentido sobre alguém que o Diabo quase convencera a fazer um buraco em seu peito (o que necessariamente teria deixado sair sua vida), sob uma pretensa promessa de dar-lhe a vida eterna, e foi consequentemente forçado a pegar uma faca e levá-la à garganta. No ano de 1647, em Yorkshire, um grupo de pessoas foi seduzido a sacrificar certas criaturas a Deus; entre o resto, sacrificaram sua mãe idosa, persuadindo-a de que ela ressuscitaria ao terceiro dia, e por isso foram executados em York.

Isto deve despertar a todos para estarem cientes desta *tentação*. Alguns estão tristemente envolvidos nela; muitas são as queixas que alguns de nós encontramos sobre isso em particular, e as apreensões de tais riscos são tristemente inquietantes. Por tais medos milhares de queridos filhos de Deus passaram, e muitos, demasiados, foram vencidos por esta arma. Aqueles de nós que ainda não conheceram *tentações* desta natureza não sabem quão cedo poderemos ser assaltados

neste tipo. É necessário que todos fiquem de guarda e, para esse fim, convém termos à mão estas defesas contra ela:

Primeiro, é útil considerar que este é um dos grandes complôs de Satanás; e quando o encontrarmos revestido de tantos pretextos, reforçado por tantas aparentes necessidades, ainda assim devemos olhá-lo como o conselho de um inimigo, que certamente não nos pretende bondade alguma, finja ele o que quiser; e, portanto, podemos estar certos de que será nossa triste inconveniência e desvantagem.

Segundo, deve estar fixo em nossas mentes que a coisa em si é uma alta iniquidade, uma provocação gravíssima. Nenhum exemplo de suicídio (propriamente tal) pode ser encontrado na Escritura como praticado por qualquer pessoa santa. O mandamento é diretamente contra isso: *Não matarás*. Se não podemos matar outro (como argumenta Agostinho), não podemos matar a nós mesmos; pois aquele que se mata não mata senão um homem; sim, muito menos podemos lançar mão sobre nossa própria vida. É uma violação maior da lei da natureza e do amor. Cada homem é o mais próximo de si mesmo; e seu amor por si mesmo é o padrão de seu amor pelo outro. O suicídio deve, então, ser um pecado de agravantes muito maiores do que o assassinato de outra pessoa. E os pagãos mais sábios estavam longe de apoiar tal crueldade. Se Platão tivesse pensado que era melhor para um desfrute imediato da imortalidade (que é o pretexto mais alto de suicídio imaginável) pôr fim à vida violentamente, ele certamente o teria praticado ou recomendado aos outros, mas ele está tão longe disso que fala contra isso como uma grande maldade.

Terceiro, é necessário que os homens mantenham em mente o perigo que segue tal ato. A morte traz o *mittimus* inalterável de

Deus e sela a condição de cada homem, de modo que na mesma postura ele chega ao julgamento; ela põe fim a todas as esperanças e esforços. Suponha, então, que tais criaturas tentadas tenham medos e terrores tão grandes quanto possais imaginá-los; contudo, há uma possibilidade de que estejam enganadas neles, que seu caso não seja tão ruim quanto temem, ou (se for ruim o suficiente agora) que possa ser melhor depois (pois muitos que em sua angústia resolveram contra si mesmos foram impedidos da execução de seus propósitos e viveram para ver o Senhor e Sua salvação). E quem é capaz de determinar aquele segredo, que seu nome não está no Livro da Vida? Quem pode dizer que está certamente excluído do decreto de Deus? Que loucura é, então, correr para a ruína certa, quando nossos medos que nos angustiam podem não passar de enganos. Não é tão certo que os homens serão condenados por causa do que sentem ou temem agora, como pode ser se eles se destruírem.

Quarto, para prevenir ocasiões para esta *tentação*, deve ser nosso cuidado não dar lugar aos descontentamentos por coisas externas, nem aos medos angustiantes (tais como os desesperançados e sem esperança) por nosso estado espiritual. Ou, se tivermos um fardo de qualquer lado sobre nossa mente, devemos evitar tanto quanto possível a irritabilidade impaciente, para que Satanás não obtenha vantagem sobre nós. Estados de descontentamento e o lançar fora da esperança são ocasiões tristes para esta *tentação*. Se nos encontramos assim sobrecarregados, devemos cuidar disso a tempo e não permitir que vá longe demais. E se esta *tentação* vier, devemos cuidar para não guardar o conselho do Diabo, mas descobrir o assunto a alguns que sejam sábios e fiéis, capazes de nos aconselhar e orar por nós; lembrando sempre que, se apenas coisas externas

nos perturbam, temos um caminho melhor de alívio e remédio, submetendo-nos a uma Providência castigadora; se problemas espirituais se movem neste sentido, não deveríamos fugir dEle, mas antes resolver perecer aos Seus pés, como humildes suplicantes por misericórdia e perdão.

Quinto, a *tentação* também deve ser oposta com jejum e oração; se isso for praticado sinceramente, ela acabará por ir embora.

Sexto, algo também pode ser dito para cautela contra o lançar-se desnecessário (enquanto sob tais *tentações*) em lugares de perigo, ou em um convívio com instrumentos de morte; isso pode ser um desafio excessivo à *tentação* e, na consequência, um dano. Contudo, por outro lado, não devemos ser tão covardes a ponto de ter medo de tais lugares e coisas aos quais nossas vocações e empregos lícitos nos engajam; não ousar atravessar uma ponte, ou caminhar perto de um rio ou poço, se for nosso caminho necessário, não passa de dar uma vantagem a Satanás para nos manter sob contínuos pavores e, portanto, subscrevo ao conselho de Capel: "Devemos permanecer e lutar pela fé; não devemos fugir do caminho, do lugar, do emprego, mas prosseguir e olhar para Deus, e por fim faremos Satanás fugir".

Mas se alguns objetarem a isto que sua fraqueza é grande, e seus medos são fortes, e Satanás nunca está ocioso, e que, portanto, têm pouco fundamento para esperar um escape; desejarei que considerem seriamente o exemplo de Cristo neste particular: quando Ele estava no pináculo do Templo, um pequeno empurrão poderia tê-lo derrubado, e contudo não estava no poder de Satanás fazê-lo Ele mesmo, embora tenha tentado Cristo a lançar-se abaixo. O que pode satisfazer-nos

suficientemente de que há uma cerca segura de Providência ao nosso redor, e que Satanás não pode nos fazer o menor mal empurrando-nos em um poço ou rio, ou qualquer perigo semelhante.

CAPÍTULO XVI
Sobre o Orgulho, o principal Engenho de Satanás para provocar a Presunção.

O que é o Orgulho, e como ele prepara os homens para pecarem presunçosamente. Considerações contra o Orgulho. Os Remédios para sua cura. O Orgulho acendido por uma confiança em Privilégios e pelo Aplauso Popular.

Explicados assim os objetivos de Satanás nesta *tentação*, devo agora oferecer à vossa consideração os Meios pelos quais ele buscou alcançar seu Fim, que já notamos ser o Orgulho. Ele se esforçou para suscitar isso nEle de duas maneiras:

Primeiro, instigando-o com os privilégios de sua condição, como considerando-se o Filho de Deus.

Segundo, oferecendo-lhe a ocasião de aplauso popular, propósito pelo qual o trouxe à Cidade Santa, onde poderia estar certo de muitos espectadores. Daqui notarei:

Que o Orgulho é o engenho próprio de Satanás para levar os homens à Presunção.

Se rastrearmos a história dos pecados presunçosos, sempre descobriremos que foi assim. O primeiro pecado de Adão foi uma alta Presunção contra o mandamento expresso de Deus, mas o Orgulho foi a escada pela qual ele sabia que eles deveriam subir até ele; e, portanto, usou este argumento para corromper os *corações* de nossos primeiros pais: *Sereis como deuses*. A Presunção de Uzias ao queimar incenso sobre o altar proveio de seu Orgulho (*2Cr 26:16*): *o seu coração se exaltou... porque ele se tornara forte*. A Presunção de Davi ao numerar o povo proveio daqui; assim poderíamos percorrer muitos exemplos. Mas o próprio caso de Satanás pode substituir todos: seu primeiro pecado (embora tenhamos apenas conjeturas sobre o que foi particularmente) é concluído por todos como tendo sido altamente presunçoso, e a Escritura afirma expressamente que foi seu Orgulho que o levou a isso (*1Tm 3:6*): *para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo*. E, em geral, o profeta nos diz em *Hc 2:4*: *Eis que a sua alma se incha, não é reta nele*, não podendo esperar pacientemente pelo Senhor em um caminho de crença, mas presumindo evadir um problema por *artimanhas* indiretas.

Para explicar a observação, nada farei além de mostrar o que é o Orgulho e quão apto ele é para gerar a Presunção.

O Orgulho é uma autoidolatria, uma supervalorização ou admiração de nós mesmos, baseada em uma excelência real ou suposta, interna ou externa, que nos pertence. É na Escritura frequentemente expresso pelo levantamento ou exaltação da alma. E isso é feito pela consideração de qualquer tipo de coisa que apreendemos que nos faz sobressair aos outros; de modo que dons internos da mente, como conhecimento, humildade, coragem, etc., ou dons externos do corpo, como beleza, força,

agilidade, etc., ou vantagens adicionais de riquezas, honra, autoridade, etc., ou qualquer coisa bem feita por nós, etc., tudo pode ser abusado para gerar e nutrir o Orgulho, e para nos encher de pensamentos altos e elevados sobre nós mesmos. E, estando assim inflados, estamos aptos para qualquer empreendimento presunçoso. Pois:

Primeiro, a mente assim corrompida gera para si mesma apreensões de uma autossuficiência; e, portanto, como não é apta a lembrar de que fonte vêm todas aquelas excelências e a que fins devem servir, ela as leva ao desprezo dos outros e a uma confiança em si mesma. Assim são os homens, gradualmente, tão intoxicados pelo seu próprio humor que montam até conceitos irracionais e absurdos, imaginando que são mais do que são, e que podem fazer muito mais do que lhes é possível realizar, até que por fim se tornam aparentemente tolos na busca de suas imaginações. Não preciso citar as loucuras de Alexandre, que, estando elado em sua mente, queria ser filho de Júpiter e andar como Hércules com uma pele de leão; ou nos frenesis loucos de Gaio, que, como precisava imaginar-se um deus, mudava sua divindade quando queria: hoje usaria uma pele de leão e clava, e então devia ser Hércules; amanhã, em outro traje, imaginava-se Apolo; um caduceu fazia dele Mercúrio, uma espada e capacete faziam dele Marte, etc. Ou em Xerxes, que queria chicotear os mares e acorrentar Netuno. A Escritura oferece o suficiente desta natureza, como a vanglória de Nabucodonosor: *Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei?*. Na insolência de Nínive (*Sf 2:15*): *Eu sou, e não há outra além de mim*. A blasfêmia de Tiro (*Ez 28:2*), que pôs seu *coração* como o *coração* de Deus, dizendo: *Eu sou um deus, sobre a cadeira de Deus me assento*. A arrogância de Senaqueribe (*Is 36:19-20*): *Onde estão os*

deuses de Hamate... para que o Senhor livre a Jerusalém da minha mão?. Embora nem todo Orgulho em todos os homens suba a tão grande altura de loucura, contudo é a natureza dele, e ninguém possui nada dele sem este humor de imaginar-se acima de si mesmo, o que estranhamente os prepara para qualquer Presunção.

Segundo, aquele que é Orgulhoso, como olha para si mesmo em um espelho lisonjeiro e se mede pelo comprimento de sua sombra, assim despreza e subvaloriza as coisas que jazem diante de suas tentativas como fáceis e pequenas; daí ele se coloca em coisas que estão muito além dele. Davi nota o funcionamento de um *coração* orgulhoso em *Sl 131:1* neste particular: *não me exercito em grandes matérias, nem em coisas muito elevadas para mim*; mostrando que é o feitio do Orgulho superar a si mesmo em suas tentativas.

Terceiro, ele não é apenas ávido para tentar, mas também desesperado para executar, sem consideração do risco. Dificuldade e perigo, quando estão no caminho, deveriam usualmente deter os homens de seu empreendimento; mas o Orgulho endurece o *coração* e, em uma raiva cega, engaja-o a desprezar todos os inconvenientes. Se o pecado e a quebra da lei de Deus forem postos diante de uma pessoa cujo Orgulho a engaja em um empreendimento ilícito, ela os ignora como coisa de nada: *Pela soberba do seu rosto, o ímpio não busca a Deus; todas as suas cogitações são que não há Deus* (*Sl 10:4*).

Quarto, o Orgulho ergue-se em uma competição desdenhosa com qualquer coisa que se lhe oponha; e quanto mais é oposto, mais ele enfurece, pois a disputa é para ter a sua vontade. Esta foi a voz do Orgulho em Faraó: *Quem é o Senhor, para que eu ouça a sua voz?*. Daí se diz que os homens desprezam os

mandamentos de Deus quando, na força de seu Orgulho, são levados a uma disputa aberta por seus próprios caminhos e desejos, contra comandos e ameaças peremptórios.

Quinto, tudo isso é feito por um aliciamento prazeroso; é uma feitiçaria que segura fortemente os homens, e eles pensam que são suficientemente recompensados se forem apenas gratificados. Embora outras coisas vão à ruína, contudo apreendem que, se o crédito e a honra forem mantidos, é o suficiente. Saul (quando Samuel declarara que Deus o abandonaria, contudo) buscou agradar-se mantendo sua estima e autoridade: *Honra-me agora*, diz ele, *diante do povo*.

Se todos estes detalhes forem pesados, que ato presunçoso pode ser proposto por Satanás ao qual o Orgulho não possa levar? Aquele que se infla até um conceito de absolutismo, que insiste em tentar coisas elevadas demais, que despreza todos os riscos e é tornado mais ávido pela oposição, e contudo agrada-se em tudo, como em um sonho dourado, está tão preparado para qualquer figura ou forma que Satanás esteja pronto a imprimir nele quanto metais derretidos para seu molde ou estampa.

Daqui devemos ser alertados contra o Orgulho, se quisermos evitar a Presunção; se admitirmos este, não poderemos escapar da outra. E estamos tanto mais preocupados em resistir ao Orgulho:

Primeiro, porque é um pecado natural. Foi o primeiro pecado, e nossas naturezas estão tão profundamente maculadas por ele que é um pecado que primeiro se mostra em nossa infância; pois as crianças expressarão um Orgulho em suas roupas muito cedo. E é uma infecção geral, da qual ninguém está isento em

algum grau ou outro. A frase do Apóstolo em *1Jo 2:16* mostra que toda a nossa vida, e todas as preocupações dela, não passam da esfera em que o Orgulho age; e, portanto, enquanto ele restringe outras concupiscências a alguns fins particulares ou instrumentos peculiares, ele chama esta iniquidade de *soberba da vida*, implicando quão impossível é confinar o Orgulho em um compasso estreito.

Segundo, é um pecado sutil, e muitas vezes jaz onde é menos suspeito. Todo homem o vê quando se expressa em olhares altivos, em discursos vangloriosos, em roupas vistosas, em comportamento insolente; mas muitas vezes os homens são insensivelmente possuídos por este pecado e não o sabem. Sob um desprezo afetado de honras e roupas finas, eles secretamente se abraçam em seus conceitos privados e erguem em seus próprios pensamentos troféus imaginários de honra e vitória por desprezarem o que outros tanto amam. Observou-se de Diógenes que ele costumava *intus gloriari*, vangloriar-se internamente, e com maior Orgulho desprezava honra, riquezas, fartura, etc., do que aqueles que as desfrutavam eram perturbados por elas. Alguns condenam o Orgulho nos outros, declaram veementemente contra ele como pecado, recomendam a humildade como um ornamento de grande preço à vista de Deus, e contudo são orgulhosos por estarem acima dos outros em uma humildade imaginária; e na gestão de si mesmos em suas repreensões e exortações, expressam sintomas tão tristes de um humor insultante que o Orgulho latente de seu *coração* aparece por meio disso. É possível para os homens darem graças ao Todo-Poderoso por tudo o que têm, e contudo serem orgulhosos do que está neles: o fariseu era orgulhoso (pois assim Cristo o chama) por não ser como os outros homens, e contudo podia dar graças a Deus, atribuindo tudo a

Ele. Sim, aquele que é verdadeiramente sensível ao funcionamento deste Orgulho em si mesmo, e não o ousa aprovar, contudo encontrará em seu *coração* tal deleite quando é afagado ou elogiado; e quando algumas ações (louváveis) não são notadas, os melhores descobrirão que (sem grande vigilância) não serão capazes de conter-se de dar algumas dicas aos outros como um memorial para eles, de observarem sua excelência, ou de algumas insinuações de seu próprio louvor.

Terceiro, o Orgulho é um pecado não menos perigoso que sutil; não há tentativas tão estranhas, irracionais, monstruosas ou absurdas que ele não possa instigar. Foi uma estranha arrogância em Herodes deificar-se em seus próprios pensamentos e, contudo, as aclamações do povo o inflaram até tal imaginação blasfema que Deus achou por bem castigá-lo e instruir os outros por um julgamento tão terrível, que claramente abateu sua insolência e fez com que ele e seus lisonjeadores confessassem que ele não passava de um pobre homem frágil. Ordinariamente o Orgulho é acompanhado por um julgamento; é o próprio prognóstico da ruína: *A soberba precede a destruição, e a altiveza do espírito precede a queda* (*Pv 16:18*). Mas estes julgamentos possuem algo de peculiar (que outros julgamentos por outros pecados nem sempre expressam) para uma manifestação de uma abominação especial em Deus contra o Orgulho; como: (1) Ele comumente fere a coisa pela qual eles são orgulhosos. Staupitius vangloriou-se de sua memória, e Deus a feriu. Ezequias vangloriou-se de seu tesouro, e por isso Deus os destinou ao cativeiro. Davi gloriou-se na multidão de seu povo, mas Deus os diminuiu pela peste. Nabucodonosor é orgulhoso de sua Babilônia, e Deus o afastou do desfrute dela. Os homens são orgulhosos de filhos ou parentes, e Deus frequentemente os

remove, ou os torna uma vergonha e tristeza. (2) Ele não apenas faz isso, mas também ordena o julgamento de modo que traga vergonha e desprezo sobre os homens naquela coisa em que se orgulhavam; Ele não apenas punirá, mas também manchará o seu Orgulho: as filhas altivas de Sião não foram apenas castigadas pela remoção de seus ornamentos, braceletes e o resto de sua pompa, mas, além disso, Ele fere com uma sarna o alto de suas cabeças, e descobre as suas partes vergonhosas, e traz fedor e calvície sobre elas em vez de cheiro suave e cabelos bem postos, e queimadura em vez de beleza.

Tão triste enfermidade necessita de um cuidado especial; e para esse fim deveríamos:

Primeiro, em todas as coisas que temos ou fazemos, não considerar tanto o que é excelente, ou em que nos destacamos, mas o que não temos e em que ficamos aquém. Deveríamos ser estranhos a nós mesmos e projetar que a mão direita não saiba o que faz a esquerda; o que deve ser feito tendo nossos olhos sobre as imperfeições que nos acompanham no melhor estado.

Segundo, deve ser nosso cuidado suspeitar do funcionamento do Orgulho em nós e também, por uma vigilância industriosa, dar uma parada ou freio aos pensamentos desta natureza quando surgirem.

Terceiro, a conquista disto não pode ser esperada sem um labor sério e constante. Uma alma humilde é comparada por Davi a uma criança desmamada (*Sl 131:2*). Mas uma criança não é desmamada facilmente; o absinto deve ser posto no seio, e tempo permitido, antes que a criança o esqueça. Apenas aquele que está contente em exercer uma disciplina sobre si mesmo e,

por práticas frequentes, habituar-se a pensamentos baixos e cuidadosos, é provável que o vença.

O Orgulho (vimos) foi o grande engenho de Satanás para provocar a Presunção; os meios pelos quais ele se esforça para gerar o Orgulho (como notado antes) foram:

Primeiro, a consideração de Privilégios, como sendo o Filho de Deus. Pois esta expressão, *Se tu és o Filho de Deus*, é agora instigada em um sentido diferente daquele que teve na primeira *tentação*; lá ele a propôs como improvável que Ele fosse o Filho de Deus e, contudo, estivesse sob tal descaso da Providência. Naquele sentido, ela notavelmente serviu ao seu desígnio de atraí-lo a uma desconfiança do cuidado de Deus e, consequentemente, de sua filiação. Aqui ele está em uma *tentação* contrária e, portanto, propõe isto como uma coisa da qual Cristo estava assegurado, e a partir dessa certeza ele assim disputa: "Tu crês que és o Filho de Deus, e bem dependes de Seu cuidado; portanto não precisas desconfiar de Tua preservação se Te lançares abaixo".

Segundo, para ajudar sua confiança rumo ao empreendimento, ele sugere que crédito e honra seriam para Ele, à vista de todo o povo, ser tão milagrosamente guardado de dano. Daqui note:

Que Satanás costuma acender e nutrir o Orgulho por uma confiança perversa em nossos privilégios.

É muito difícil para os cristãos manterem seu equilíbrio na certeza. Não que a graça em sua operação própria não gere humildade e um cuidado vigilante contra o pecado e a loucura, mas tal é a nossa enfermidade que somos facilmente levados a nos orgulharmos de nossas misericórdias e a nos persuadirmos de que podemos ser ousados com Deus porque somos Seus

filhos. Daí aquele paradoxo de Fox: "Que seus pecados lhe faziam mais bem, e suas graças mais mal"; ele quer dizer que os pecados ocasionavam sua humildade, enquanto suas graças tendiam (por sua fraqueza) a torná-lo orgulhoso. E para esconder este Orgulho do homem, Deus é forçado a mantê-los às vezes longe da visão de sua certeza, ou discipliná-los por outras *tentações* (como fez com Paulo), para que não se exaltem acima da medida.

Note ainda: que o aplauso popular Satanás descobre (e usa adequadamente) ser um grande instigador ao Orgulho.

A grande coisa que movia os fariseus em seus frequentes jejuns e caridade generosa era que pudessem ter o louvor dos homens e, portanto, cuidavam de ser vistos pelos homens. Os pagãos notaram ser este o grande alimentador daquele humor que os animava, como um tambor ou trombeta anima os soldados para atos audaciosos. E alguns homens bons encontraram não pequena dificuldade em portar-se firmemente quando foram içados pelo sopro do louvor dos homens; o que também ocasionou aquelas sérias cautelas contra o perigo da lisonja e altas recomendações: *A boca lisonjeira trabalha para a ruína* (*Pv 26:28*).

CAPÍTULO XVII
Sobre a sutileza de Satanás ao instigar Cristo com o Salmo 91:11, 12.

Sobre sua imitação do Espírito de Deus em várias formas de Ensino. Sobre sua pretensão de usar as

Escrituras para promover a Tentação. As razões de tais pretensões e os fins para os quais ele as abusa. Sobre a infidelidade de Satanás ao manejar as Escrituras. Cautelas contra esse Engano. Os meios pelos quais ele pode ser descoberto.

Os caminhos de Satanás (até agora analisados) para envolver Cristo neste ato de Presunção foram insinuações secretas e *artimanhas* dissimuladas. Mas aquilo que ele abertamente e expressamente instigou para esse propósito foi um argumento extraído da promessa de Deus (embora tristemente abusada e mal representada): *Aos seus anjos dará ordem a teu respeito*, etc. Isto é o que consideraremos a seguir, e na forma como ele cita o texto, podemos facilmente ver:

(1) Que Satanás afetou uma imitação de Cristo na forma de sua resistência. Cristo havia usado a Escritura anteriormente, e agora Satanás se esforça para manejar a mesma arma contra Ele.

(2) É observável que a Escritura é a arma que Satanás deseja empunhar contra Ele. Em suas outras formas de lidar, ele foi esquivo, apenas colocando as oportunidades no caminho de Cristo e deixando que Ele as notasse; mas nisto ele é mais confiante, e industrialmente a pleiteia como algo que ele poderia sustentar melhor e declarar com mais segurança.

(3) O cerne de sua sutileza aqui residiu na má representação e no abuso do texto, como pode ser visto nestes detalhes:

Primeiro, ele instigou esta promessa para promover algo pecaminoso, contrariando o fim geral de toda a Escritura, que foi escrita *para que não pequeis*. Segundo, e mais especialmente, em seu ato de cortar e mutilar o texto. Ele deixa

de fora industrialmente aquela parte que limita e confina a promessa de proteção a empreendimentos lícitos (o que não era o caso aqui), e a apresenta como uma promessa geral de segurança absoluta, seja qual for a ação. É uma citação do *Sl 91:11, 12*, que diz: *Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos*. Estas últimas palavras — *em todos os teus caminhos* — que direcionam para uma verdadeira compreensão da intenção de Deus naquela promessa, ele omite enganosamente. Ele as trata como se fossem partes desnecessárias da promessa, quando, na verdade, foram colocadas ali propositalmente pelo Espírito de Deus para descrever as pessoas e ações sobre as quais se pode esperar o cumprimento da promessa. Pois, embora a palavra no original traduzida como "caminhos" signifique qualquer tipo de caminho ou ação em geral, neste lugar ela não o faz. Do contrário, Deus estaria comprometido com a proteção absoluta dos homens não apenas quando se lançam desnecessariamente em perigos, mas nas ações mais abominavelmente pecaminosas, o que seria uma contradição direta às muitas Escrituras onde Deus ameaça retirar Sua mão e deixar os pecadores ao perigo de suas iniquidades. É evidente que o sentido é apenas este: Deus está convosco enquanto vós estais com Ele. Temos uma paráfrase deste texto para este propósito em *Pv 3:23*: *Então andarás confiante pelo teu caminho, e não tropeçará o teu pé*. Onde a condição desta segurança (apontada na palavra "então", que lidera a promessa) é expressamente mencionada nos versículos anteriores: *Filho meu, não se apartem estas coisas dos teus olhos* (isto é, os preceitos da Sabedoria)... *Então* (e não em outros termos) *andarás confiante pelo teu caminho*. Os caminhos nesta promessa (citada por Satanás) são os caminhos do dever, ou os caminhos de nossas

vocações lícitas. O *engano* de Satanás ao lidar com a Escritura é óbvio, e Cristo poderia ter dado esta resposta (como diz Bernardo): que Deus promete guardá-lo em seus caminhos, mas não em perigos criados por si mesmo, pois isso não era o Seu caminho, mas a Sua ruína; ou, se era um caminho, era o caminho de Satanás, não o d'Ele. Terceiro, a estes dois abusos alguns acrescentam outro: a ocultação sutil do versículo seguinte do *Sl 91*: *Pisarás o leão e a áspide*. Isso dizia respeito a Satanás, cuja crueldade e *enganos* venenosos eram representados pelo leão e pela áspide, e ali a promessa também é explicada como tendo respeito às *tentações* de Satanás; isto é, Deus gerenciaria Sua proteção de modo que Seus filhos não fossem levados a um *laço*.

Observe, então: Que Satanás às vezes imita o Espírito de Deus por meio de uma pretensão oficiosa de ensinar a mente de Deus aos homens.

Este nosso adversário nem sempre aparece na mesma forma: às vezes age como um leão ou dragão em caminhos de crueldade e ferocidade; às vezes como um porco imundo, em *tentações* à impureza bestial e luxúrias sensuais; às vezes ele veste o traje da santidade e faz parecer que não é um adversário espiritual, mas um amigo e conselheiro espiritual. Que isso é frequente com ele, o Apóstolo nos diz em *2Co 11:14*: *O próprio Satanás se transfigura em anjo de luz*. Anjos de luz são aqueles espíritos benditos enviados para ministrar pelo bem dos eleitos, cujo ministério Deus usa não apenas para nossa preservação de danos corporais, mas também para prevenção do pecado e promoção do dever. Satanás (por mais perverso que seja) falsifica esse emprego e assume a tarefa de dar conselhos para

o nosso bem, fingindo ensinar-nos a Verdade ou direcionar-nos e ajudar-nos em nossos esforços.

Que ele projeta uma imitação de Deus e de Seu Espírito pode ser descoberto ao expressar muitos detalhes dos caminhos e ordenanças de Deus, nos quais Satanás (como o macaco de Deus), em parte por zombaria e escárnio, em parte por outras razões de vantagem para seus intentos, falsifica a moeda corrente dos estabelecimentos do Senhor por meio de uma imitação muito próxima. Mas aqui me limitarei ao ponto do Ensino e Instrução. Como ele procede, entenderemos melhor ao considerar quantas formas Deus usou antigamente, e ainda usa, para declarar Sua mente ao Seu povo; a suma de tudo temos em *Hb 1:1, 2*: Antigamente Ele significou Sua mente de diversas maneiras pelos profetas, e nestes últimos dias pelo Seu Filho. Em tudo isso, rastrearemos os passos de Satanás.

Primeiro, Deus revelou-se às vezes por Voz, como a Abraão, Moisés e outros. O Diabo ousou imitar isto. Não faltam exemplos na *tentação* que está sob explicação; ele o fez, e seu confessar a Cristo — *Bem sei quem és*, etc. — mostra que ele está pronto o suficiente para fazê-lo a qualquer momento por vantagem. Sprengar conta uma história do Diabo pregando a uma congregação no hábito e semelhança de um sacerdote, na qual ele reprovava o pecado e instava a verdade, e não parecia culpável por falsa doutrina; mas suspeito que isso seja um conto fabuloso. Contudo, é inegável que ele às vezes apareceu aos homens com exortações piedosas em sua boca, de viver justamente e não fazer mal a ninguém, etc. A menos que resolvamos desacreditar toda a História e as narrações de pessoas que solenemente afirmam ter encontrado tal tratamento por parte dele.

Segundo, Deus às vezes revelou-se aos homens em Êxtases e Trances: como o de Paulo em *At 22:17*: *Achei-me em êxtase*. Isto também Satanás imitou. Maomé tirou vantagem de sua doença (a epilepsia) fingindo que, em tais momentos, estava em êxtase e conversava com o anjo Gabriel. Mas o que ele apenas fingiu por vigarice, outros realmente sentiram: as histórias de entusiastas e de *iludidos* estão cheias de tais coisas; frequentemente caíram e ficaram como em um desmaio e, quando acordaram, contaram histórias maravilhosas do que ouviram e viram.

Terceiro, Visões e Sonhos eram coisas usuais no Antigo Testamento e formas famosas de revelação divina. Mas Satanás não ficou atrás nesta matéria; seus instrumentos também tiveram suas visões. Em *Ez 13:7*, temos menção de *visão de vaidade* e *divinação mentirosa*; e tais sonhos satânicos também são notados em *Dt 13:1*: *Se levantar no meio de ti profeta ou sonhador de sonhos*. Aqueles dias de confusão, que ainda não saíram da memória, ofereceram fartura disso: enquanto pessoas instáveis e de cabeça fútil começaram a se encantar com novidades e questões na religião, deram oportunidade a Satanás para enganá-las. Pois ele, aproveitando-se do fato de estarem enojadas das velhas verdades e de sua expectativa de descobertas sublimes (o que as preparara suficientemente para qualquer impressão), trabalhou tanto em suas fantasias que elas facilmente imaginaram ter tido revelações divinas; e nada era mais comum do que ouvir histórias de visões e sonhos. E isso se espalhou por uma espécie de infecção, pois cresceu até se tornar uma moda religiosa; e não era estimado aquele que não tivesse algo dessa natureza para experimentar. E embora a loucura e as impertinências de tais coisas geralmente (e às vezes a aparente maldade delas, por contradizerem a Verdade e

as regras divinas de santidade) fossem descobertas suficientes de que a mão de Satanás estava nelas, contudo, até que o tempo, a experiência e o poder de Deus tivessem resfriado o calor intemperante desse humor delirante, isso continuou no gosto e admiração dos mais imponderados. E às vezes aqueles de quem se esperava mais seriedade e consideração caíram em uma reverência por essas pretensões nos outros, ajudando a promover esta feitiçaria espiritual por seu apoio e argumentos, muitas vezes abusando daquele texto em *At 2:17*: *Os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos*, aplicando-o para justificar essas caduquices aparentemente tolas. E, de fato, o efeito descobriu que não eram nada melhor: pois muitas daquelas coisas que com grande confiança eram declaradas como certas foram provadas falsas pelo tempo; muitas eram inúteis, vãs, ridículas, e alguns foram levados a lamentar e confessar sua loucura após terem avançado muito nesses caminhos. E, por fim (quando as oportunidades anteriores se esgotaram), Satanás cansou-se desse desígnio; há agora uma grande calmaria, de modo que raramente ouvimos falar de tais coisas.

Quarto, uma das formas mais notadas pelas quais Deus descobriu Sua mente foi a da Inspiração, pela qual algumas pessoas eminentes (chamadas por isso de profetas) falavam a vontade de Deus, conforme eram movidas ou agidas pelo Espírito de Deus. O Diabo também teve seus falsos profetas, frequentemente censurados no Antigo Testamento e preditos no Novo. *Surgirão falsos cristos e falsos profetas* (*Mt 24:24*). *Houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores* (*2Pe 2:1*). *Muitos falsos profetas se têm levantado no mundo*. Tal foi Montano no tempo de Tertuliano; David George, João de Leyden e Hacket foram

outros, e houve muitos desses em todas as eras. É notoriamente conhecido que Satanás assim inspirou pobres almas possessas que proferiram ameaças contra o pecado e ais aos pecadores. Os ditos de tais criaturas possessas foram, não faz muito tempo, reunidos em um volume e publicados como contendo argumentos muito persuasivos ao arrependimento e emenda de vida. Além destes, nossos próprios tempos oferecem muitos exemplos deste tipo; muitos vestiram a aparência dos antigos profetas em uma imitação tola (embora audaciosa) de suas ações e profecias. Alguns em nossas ruas assemelharam-se a Jonas em Nínive: *Ainda quarenta dias*, etc. Alguns imaginaram andar nus como Isaías; outros vieram com seus cântaros de barro e os quebraram, imitando estes e outros tipos pelos quais Deus, em Seus verdadeiros profetas, anunciar antecipadamente Seus julgamentos vindouros. Em todas essas ações e trajes, com muita seriedade e em um tom afetado, clamaram por arrependimento, em uma denúncia confiante de ais e misérias, com uma limitação ousada do tempo de quarenta dias (para que o mesmo carregasse um paralelo com a profecia de Jonas) e às vezes dando (que é o caminho mais seguro) um tempo ilimitado e incerto. Como o Diabo age nestas matérias, e por quais caminhos ele os seduz a acreditar que são inspirados por Deus, ou que têm visões e revelações reais, não é meu negócio agora inquirir; apenas deixo que aqueles que acham tais coisas estranhas considerem que o Diabo tem a vantagem de apreensões fantasiosas profundas e uma melancolia operante em tais pessoas, pelas quais ele pode facilmente levá-las a imaginar qualquer coisa e a acreditar confiantemente no que imaginaram.

Quinto, às vezes Deus notificou Sua mente por Sinais e Milagres. Satanás também tem seus sinais e prodígios de

mentira. Um poder Deus lhe permitiu neste caminho, o qual é muito grande, e as ilusões operadas por ele são fortes, arriscando o engano dos próprios eleitos. Este poder de fazer maravilhas o Diabo costuma aplicar a falsas doutrinas, para fortalecer e apoiar erros. O Apóstolo testifica em *2Ts 2:9* que Satanás empregará este poder para o avanço do homem do pecado, cuja vinda será *com sinais e prodígios de mentira*. A besta que surge da terra (*Ap 13:14*) enganará pelos sinais que lhe foi permitido fazer. E, consequentemente, as lendas papistas estão cheias de histórias de milagres, das quais (embora a maioria seja mentira, forja e *artimanhas* falsas daqueles que buscavam levar o povo a receber suas doutrinas) algumas, não obstante (embora não milagres verdadeiros), foram realmente executadas para apoiar aqueles erros que se pretendia estabelecer por meio delas.

Sexto, Deus ensina e guia Seu povo por Impulsos. Cristo foi assim levado pelo Espírito ao deserto; e Paulo foi constrangido no espírito a ir a Jerusalém. É comum Satanás imitar tais impulsos. Temos instâncias claras de impulsos diabólicos ao pecado na Escritura: um forte impulso estava sobre Ananias — *Satanás encheu o teu coração*; um forte impulso sobre Judas — *Satanás entrou no seu coração*. O que, então, seria mais fácil de apreender do que Satanás poder falsificar impulsos melhores e agitar violentamente os *corações* dos homens para ações aparentemente boas ou indiferentes? Alguns hipócritas são movidos fortemente a orar ou pregar (Satanás visando nisso um aumento de Orgulho ou Presunção neles), e eles não sabem senão que é o Espírito de Deus. Os filhos de Deus podem ter impulsos de Satanás sob pretextos de zelo, como os discípulos tiveram quando pediram fogo do céu. Nestes impulsos, Satanás não age no *coração* do homem como o

Espírito de Deus faz, cujos comandos neste caso são irresistíveis, mas ele apenas trabalha alterando a disposição de nossos corpos de uma forma natural; e então, tendo-nos preparado o máximo que pode para uma impressão, ele se esforça para fixá-la por fortes persuasões. Algumas instâncias memoráveis desses impulsos poderiam ilustrar isto proveitosamente. Matthew Paris nota um menino, no ano de 1213, que (após alguma perda que os cristãos receberam na guerra contra os turcos) andava de um lado para outro cantando rimas sobre a restauração da Santa Cruz. E por este meio ele reuniu uma multidão de meninos que não puderam, pelas mais severas ameaças de seus pais, ser impedidos de segui-lo, para sua própria ruína. Outra instância de um impulso estranho temos em Josefo: um tal Jesus, filho de Anano, cerca de quatro anos antes da destruição de Jerusalém, na Festa dos Tabernáculos, começa a clamar: "Ai, ai do Oriente e do Ocidente, do homem e da mulher", etc. E por nenhum meio pôde ser contido, noite ou dia; e quando sua carne foi açoitada até os ossos, ele não pediu piedade nem alívio, mas continuou seu clamor habitual.

Sétimo, Deus também, pelo Seu Espírito, ensina Seu povo trazendo coisas à sua lembrança. Satanás também, em imitação disto, pode colocar nas mentes dos homens (com grande prontidão e destreza) promessas ou sentenças da Escritura, de tal modo que eles concluem que todos esses atos são do Espírito de Deus, o qual (conforme concluem) fixou tal Escritura em seu *coração*. Assim lidou Satanás com Cristo: ele instiga a promessa sobre Ele, no que, na prática, faz tanto quanto quando sugere secretamente tais coisas ao *coração* sem uma voz audível. Nesta forma de astúcia, Satanás assemelha-se muito ao verdadeiro trabalho do Espírito: (1) na prontidão e

rapidez da sugestão; (2) na aparente adequação exata da Escritura sugerida com a ocasião presente; e (3) na seriedade de sua insistência sobre as fantasias dos homens. Contudo, quando tudo isso é feito, aqueles que considerarem seriamente todos os fins, matéria e circunstâncias, observarão facilmente que não passa do trabalho astuto de um tentador, e não do Espírito Santo.

Observe também: Que, qualquer que seja a forma da imitação de Satanás, a matéria sobre a qual ele trabalha e pratica é sempre a Escritura. A isto ele se confina:

Primeiro, porque as Escrituras são geralmente (entre os cristãos) recebidas como os oráculos indubitáveis de Deus, a regra de nossas vidas e deveres, e os fundamentos de nossa esperança. Seria um trabalho vão e inútil impor àqueles que retêm esta crença os ditos do Alcorão turco, os preceitos de filósofos pagãos ou qualquer outra coisa que carregue um estranhamento visível ou contradição com a Escritura. Ele não poderia, então, possivelmente fingir uma instrução divina, nem poderia transformar-se em anjo de luz; mas, usando este disfarce de comando, promessa ou descoberta divina, ele pode mais facilmente gerar a crença de que Deus o disse, e que não há pecado nem perigo na coisa proposta, mas dever e vantagem a serem esperados. E esta é a própria coisa que abre caminho para uma aceitação fácil de tais ilusões. Pobres criaturas acreditam que tudo vem de Deus, e que são agidas pelo Seu Espírito, e isso com tal confiança que desprezam e condenam aqueles (como ignorantes dos mistérios divinos e do poder de Deus) que não são tão tolos quanto elas mesmas.

Segundo, as Escrituras possuem uma majestade gloriosa e irresistível peculiar a si mesmas, que não pode ser encontrada

em tudo o que a arte ou a eloquência podem contribuir a outros autores. Não é com linguagem de teatro, nem com retalhos de romances que Satanás pode realizar esses *enganos*; e, portanto, podemos observar que, nas mais altas ilusões, os homens tiveram pretensões de Escritura, e suas fortes persuasões de descobertas extraordinárias levaram os homens a uma reverência por sua profissão, por causa das palavras e frases bíblicas com as quais suas loucuras mais ousadas são tecidas. Pois basta que os homens inquiram a razão da prevalência do entusiasmo de outrora sobre um número tão vasto de pessoas, e descobrirão que o grande artifício residia nas palavras que usavam, uma linguagem extraída da Escritura para significar conceitos que a Escritura nunca pretendeu. Daí suas expressões serem sempre altas, elevadas e relacionadas a uma interpretação mais excelente e mística daqueles escritos divinos. Isto pode ser observado em David George, Henry Nicholas e outros, que costumam falar de ser "consubstanciado com Deus", "elevado em Seu amor", da "vida angelical" e muito mais do mesmo tipo. Os adeptos de seitas radicais tiveram a mesma linguagem depois deles, afetando tal expressão peculiar. E podemos estar tanto mais certos da verdade desta observação — de que tal tipo de fala (que toma emprestada sua majestade do estilo da Escritura) é de importância para o desígnio de Satanás — porque descobrimos que a própria Escritura dá aviso particular disso. Os falsos doutores em *2Pe 2:18* são descritos (entre outras coisas) por suas *palavras arrogantes de vaidade*, que a versão siríaca traduz como um modo orgulhoso e altivo de falar; o original significa nada menos: eram palavras inchadas como bexigas, embora, sendo furadas, descubram-se ser sons vazios e sem substância. Há, de fato, palavras inchadas de desprezo ateísta

daqueles que, como diz o Salmista, põem sua boca contra os céus; mas esta passagem de Pedro, bem como a semelhante em *Jd v. 16*, significa palavras grandes e inchadas de altas pretensões e fantasias de conhecer a mente de Deus mais perfeitamente, pois os que as usam pretendem-se profetas de Deus (*v. 1*) e, quanto à sua altura na profissão, são comparados a nuvens elevadas; e em *2Co 11:14* diz-se que se transformam em apóstolos de Cristo e no traje de ministros da justiça. E o que é mais, este desígnio particular de Satanás é notado como a origem de tudo: *Não é de maravilhar, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz*.

Tendo visto as razões pelas quais Satanás escolhe a Escritura como sua ferramenta de trabalho, mostrarei a seguir a que desígnios vis ele a faz servir.

Primeiro, ele usa este artifício para gerar e propagar doutrinas errôneas. Daí nenhuma opinião ser tão vil que não pretenda ter a Escritura como sua patrona. Os arianos pretendem a Escritura contra a divindade de Cristo. Os socinianos, pelagianos, papistas, sim, e aqueles que pretendem inspirações como sua regra, e rejeitam a força vinculante daquelas "declarações antiquadas das condições dos santos" (como as chamam), contudo conformam todos os seus ditos à expressão bíblica e esforçam-se por provar seus erros pela sua autoridade.

Segundo, ele faz da Escritura abusada um encorajamento para ações pecaminosas. Ele pode citar passagens da paciência e longanimidade de Deus, de Sua graça perdoadora e prontidão em perdoar, e mil outras, com nenhum outro desígnio senão o de converter a graça de Deus em libertinagem. Quando os cristãos professos tornam-se relaxados e negligentes, quando se aventuram demais em prazeres pecaminosos, eles se justificam

agarrando-se apressadamente a tais passagens da Escritura, as quais Satanás, com grande prontidão, fixará em seus *corações*; e então pretendem para si mesmos que sua paz está feita com Deus, e que possuem nada menos que um perdão selado em seus peitos; o qual, não obstante, pode ser conhecido como tendo apenas a mão e o selo de Satanás pela sua tristeza superficial e formal por tais erros, e sua prontidão em retornar às mesmas loucuras.

Terceiro, por esta imitação dos comandos e promessas de Deus, ele engaja estranhamente aqueles que pode assim iludir em empreendimentos desesperados. Entusiastas da Alemanha foram persuadidos por esta ilusão a exporem-se desarmados aos maiores perigos, sob vãs pretensões de promessas fixadas neles, como a de que Deus lutaria por eles, que deveriam ficar parados e ver a salvação de Deus. Alguns de tempos mais recentes pagaram com suas vidas por sua ousada má aplicação daquela promessa: *Um só perseguirá mil*. Judas da Galileia e Teudas foram instigados por Satanás a reunir multidões (embora para sua própria ruína) sob a vã persuasão de que foram levantados por Deus e que Deus estaria com eles.

Quarto, ele às vezes produz paz e segurança sem fundamento nos *corações* dos descuidados por meio da Escritura mal aplicada. Muitos podereis encontrar que vos contarão prontamente uma longa história de como foram abatidos e confortados por tal Escritura trazida às suas mentes, quando (pode-se muito temer) não passam de enganados, e que até agora Deus não lhes falou paz.

Por fim, esta forma de Satanás fixar as Escrituras prova-se tristemente eficaz para gerar ou aumentar as angústias e medos internos dos filhos de Deus. É um prodígio ouvir alguns

disputarem contra si mesmos, tão ágeis são em objetar uma Escritura contra sua paz (acima de sua leitura ou habilidade) que facilmente concluiríeis haver alguém à mão que os instiga e sugere estas coisas para seu próprio prejuízo. E às vezes uma Escritura será colocada de tal modo transversal ou cortante ao seu bem e conforto que muitos argumentos, muito tempo, orações e discursos não podem removê-la. Conheci alguns que seriamente professaram que as Escrituras foram lançadas em seus *corações* como flechas, e com tal violência fixaram uma falsa apreensão em suas mentes (como a de que Deus os cortara, que eram reprovados, condenados, etc.), que suportaram os pavores tediantes e incessantes disso por muitos dias; e contudo a coisa em si, bem como o resultado dela, declara que este não foi o fruto do Espírito de Deus (que é um Espírito de Verdade e não pode sugerir uma falsidade), mas de Satanás, que tem sido mentiroso desde o princípio.

Observe, por fim: Embora Satanás use a Escritura nestas operações enganosas, contudo ele nunca o faz fielmente.

Primeiro, porque é contra a sua natureza, como está agora corrompida pela sua queda; não há verdade nele. *Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso*; não que ele não possa falar uma verdade, mas que ele usualmente é um mentiroso, e que nunca fala a verdade senão com o propósito de enganar.

Segundo, lidar fielmente ao instigar as Escrituras sobre as consciências dos homens é também contrário ao seu interesse; ele possui um reino que se esforça por sustentar. Este reino, sendo diretamente contrário ao de Cristo (que é um reino de Luz), é por isso chamado de reino das Trevas, sendo mantido e propagado apenas por mentiras e *enganos*. Ele não pode, então,

ser suposto a usar a Escritura fielmente, porque ela é o verdadeiro cetro do reino de Cristo; pois então Satanás (como Cristo argumenta em *Mt 12:26*) expulsaria a Satanás e estaria dividido contra si mesmo.

Este trato infiel com a Escritura é tríplice:

Primeiro, a infidelidade de seu Desígnio. Embora ele fale o que é verdade, contudo o faz com uma mente perversa, visando uma destas três coisas:

1. Enganar e iludir. Se ele aplica promessas, ou insiste nos privilégios dos filhos de Deus, é para torná-los orgulhosos ou presunçosos; se instiga ameaças, ou agita a consciência para acusar pelo pecado, é para trazê-los ao desespero; se objeta a Lei, é para enfurecer a concupiscência, e para que o pecado, pelo mandamento, se torne sobremaneira pecaminoso.

2. Seu desígnio é, às vezes, trazer a Escritura sob suspeita ou desprezo. Ele coloca alguns cristãos fracos em uso inoportuno ou imprudente da Escritura, e então tenta outros a rirem deles e a desprezarem em seus *corações* aqueles caminhos da religião que alguns entusiastas manejam com muita fraqueza. Os homens são propensos o suficiente a escarnecer dos deveres mais sérios e pesados da santidade, mesmo quando realizados de maneira mais séria. Se Davi veste pano de saco e se aflige com jejum, isso é imediatamente convertido em seu opróbrio, e os bêbados fazem canções sobre isso; mas muito mais vantagem tem o Diabo para suscitar escárnio e aversão nas mentes de pessoas devassas pelo uso afetado e inábil da Escritura.

Alguns, por um confinamento estreito das palavras "irmão" e "irmã" àqueles de sua própria comunhão (como se ninguém mais devesse ser reconhecido por eles), ocasionaram o escárnio da expressão "irmãos santos" (frase, não obstante, usada com grave seriedade pelo Apóstolo) nos discursos usuais daqueles que esperam todas as ocasiões para se endurecerem contra o poder da religião. Observações semelhantes fazem de outras formas e modos de falar que alguns acostumaram-se a usar em uma conformidade conscienciosa à fraseologia bíblica; em tudo o que o Diabo, observando a fraqueza e falta de juízo de alguns de um lado, e o orgulho escarnecedor de outros do outro lado, dispõe-se a prover matéria para suas piadas ateístas, colocando todas as obrigações que pode sobre as consciências dos fracos para continuarem no uso destas expressões. Para prova disto, podemos notar o *engano* secreto de Satanás naquela profissão liberal de Cristo como o Filho de Deus (*Mc 1:24*; *Lc 4:34*): *Bem sei quem és: o Santo de Deus*. Aqui a verdade foi dita por ele, e (alguém pensaria) com grande ingenuidade; mas, contudo, ele astutamente insinuou nas mentes dos ouvintes um fundamento de suspeita de que Ele não era o Filho de Deus; e para esse fim chama-o de Jesus de Nazaré, como se Cristo tivesse nascido ali. Ele sabia bem que os judeus não esperavam o Messias de Nazaré e, portanto, de propósito usou aquela expressão, para que pudesse atraí-lo ao desprezo. E, consequentemente, descobrimos que este mesmo erro (que Cristo nascera em Nazaré) tornou-se um argumento contra Ele (*Jo 7:41*): enquanto alguns estavam convencidos e diziam:

"Este é o Cristo", outros diziam: "Virá, pois, o Cristo da Galileia?".

3. Outra parte de seu desígnio no uso das Escrituras é colocar um verniz sobre a hipocrisia. Ele está pronto a servir aos homens colocando expressões bíblicas em suas bocas e habituando-os a um uso constante das frases daqueles escritos divinos, para que menos suspeitem de si mesmos quanto ao orgulho, formalidade e maldade secreta de seus *corações*. E para ajudar seus erros concernentes à sua condição espiritual, ele pode instigar sobre suas consciências aquelas Escrituras que servem para engajá-los em observâncias externas da religião. Pode aparecer pela vanglória do fariseu de jejuar duas vezes por semana, de pagar dízimos, de dar esmolas, que suas consciências estavam de algum modo preocupadas nestas coisas; de modo que, embora fossem deixados sem repressão da consciência para devorar as casas das viúvas, contudo eram instigados a fazer longas orações. Adequado a isto é o que Salomão fala da mulher adúltera, que para colorir sua maldade tinha suas ofertas e votos e, quando sua consciência é apaziguada com estas performances, ela pode desculpar-se em seu caminho de pecado: *come, e limpa a sua boca, e diz: Não fiz maldade* (*Pv 30:20*). Satanás apenas ajuda, por este meio, a pintar um sepulcro ou dourar um caco de telha, e a prover os homens de desculpas e pretextos em seu caminho de pecado. Não diferente disto foi aquele serviço que o Diabo com grande prontidão realizou (conforme fui informado por fontes de bom crédito) a um jovem estudante que encontrara alguns livros de magia em uma biblioteca de

> colégio; tendo entrado ali privadamente uma noite em busca daquele estudo, foi quase surpreendido pelo reitor, que, vendo uma vela ali em hora inoportuna, abre subitamente a porta para saber quem estava acordado tão tarde; em cujo aperto o Diabo (para gratificar seu pupilo com uma desculpa pronta) arrebata o seu livro e, em um momento, coloca a Bíblia de Montano diante dele, para que pudesse fingir ser esse o seu emprego.

Segundo, outro ponto do trato infiel de Satanás com a Escritura é sua citação falsa. Não é nada para ele alterar, mudar ou omitir tal parte que possa ser contra ele. Se instiga promessas sobre os homens, a fim de sua segurança e negligência, ele oculta a condição delas e bane a ameaça para longe de suas mentes, representando a misericórdia de Deus em um espelho falso, como se Ele tivesse prometido salvar e trazer ao céu todo homem sob os termos comuns e fáceis de ser chamado cristão. Se é seu propósito inquietar os *corações* dos filhos de Deus, promover seus medos ou levá-los ao desespero, então ele fixa os comandos e ameaças, mas esconde as promessas que poderiam aliviá-los; e (o que é notável) ele tem confundido tanto a alguns, fixando em seus *corações* um pedaço de Escritura, que quando as palavras seguintes, ou o versículo seguinte, poderiam tê-los livrado de seus medos e respondido às tristes objeções que levantavam contra si mesmos dali, (como se seus olhos estivessem retidos, ou como se uma névoa lhes tivesse sido lançada) eles não foram capazes, por muito tempo, de considerar o alívio que poderiam ter tido. Este esconder da Escritura de seus olhos (deixando de lado o que Deus pode fazer pelo justo castigo da loucura de Seus filhos) é efetuado pela forte impressão que Satanás fixa em seus *corações* e por manter suas mentes presas a uma meditação

fixa das inferências terríveis que ele lhes apresenta dali, não permitindo que desviem seus pensamentos por causa de seus clamores incessantes contra eles.

Terceiro, ele maneja as Escrituras infielmente ao torcer o verdadeiro sentido e importância delas. Lemos de alguns em *2Pe 3:16* que *torcem as Escrituras*; a palavra no original significa um torturar ou supliciar, como homens em um cavalete de tortura são esticados além de seu comprimento devido, até o deslocamento de suas juntas, e às vezes forçados a falar o que nunca fizeram nem pretenderam; assim são usadas as Escrituras. Aqueles que o fazem são discípulos de Satanás e por ele ensinados (embora, em relação ao verdadeiro ensino do Espírito, sejam chamados indoutos), o que é suficiente para mostrar o trato enganoso de Satanás: ele frequentemente coloca o seu sentido morto e corrupto (como a prostituta fez com seu filho morto no lugar do infante vivo) no lugar do significado vivo da Escritura. Isto pode ser visto evidentemente:

1. Em Heresias ou Erros. Estes são a ninhada de Satanás, e não há nenhum tão vil (que pretenda a religião cristã) que não reivindique um parentesco com a Escritura e não confie em sua autoridade para si. Ora, visto que a Verdade é apenas uma, e estes erros não apenas contraditórios à Verdade, mas entre si, Satanás nunca poderia extrair tais conclusões dos oráculos divinos senão torcendo-os de suas verdadeiras intenções; e aquele que contemplasse a grande sutileza de Satanás nesta sua arte, bastaria considerar que formas diferentes, estranhas e monstruosas são colocadas sobre a Escritura pelas diversas heresias que marcham sob suas cores. Certos grupos representam-na como um

velho almanaque fora de data e, no uso que dela fazem, tornam-na uma peça de delírio furioso e sem sentido. Outros rebaixam os sublimes mistérios da satisfação de Cristo e da justificação pela fé, com recompensas e punições externas, a um nível tão baixo quanto o Alcorão turco. Alguns fazem dela como algumas folhas de um livro imperfeito, faltando o começo e o fim, e assim não apta para ser estabelecida como uma regra suficiente. Outros fazem-na parecer antes uma linguagem do inferno do que os comandos do Deus Puro e Santo. Alguns querem que ela apoie as mais ridículas invenções no culto; outros querem que ela descarte todas as observações e ordenanças externas, como rudimentos infantis. Alguns elevam tudo ao tom de mistérios enigmáticos ininteligíveis; outros não conseguem encontrar mais nos preceitos dela do que na *Ética* de Aristóteles. Assim, distorcendo e torcendo, Satanás ensinou estes "indoutos" a fazê-la servir às suas mais vis concupiscências e humores.

2. A mesma arte de torcer a Escritura é observável em suas Sugestões secretas. Se ele deseja encorajar alguém no pecado, pode torcer a Escritura para isso e dizer-lhe que Deus é misericordioso, que Cristo morreu pelos pecadores, que há esperança de perdão, que os santos fizeram o mesmo; coisas muito verdadeiras em si mesmas, mas pervertidas por ele para outro sentido do que jamais foram pretendidas por Deus, que falou estas coisas *para que não pequeis*. Se ele deseja desencorajar um santo, pode dizer-lhe, quando o encontra duvidando de seu estado, que *os tímidos e os incrédulos têm a sua parte no lago que arde com fogo e enxofre*; quando o

encontra sob um pecado conhecido, diz-lhe aquilo do Apóstolo: *Se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados*. Quando os observa descompostos e errantes no dever, então objeta: *Este povo aproxima-se de mim com a sua boca... mas o seu coração está longe de mim*. Se os vê enfadados e sem consolação na Ceia do Senhor, então certamente ouvirão dele: *Aquele que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação*. Se o encontra lamentando que não é tão apreensivo das misericórdias ou julgamentos como gostaria de ser, então fixa alguma Escritura como esta: *O coração deste povo está endurecido, e ouviram pesadamente com seus ouvidos*, etc. Estas Escrituras são frequentemente pervertidas por Satanás de seu sentido verdadeiro e próprio. Tive queixas de vários cristãos abatidos sobre estas mesmas Escrituras instigadas sobre eles para seu grande problema, quando contudo era evidente que nenhuma delas era verdadeiramente aplicada pela *tentação* de Satanás contra eles.

Estas coisas dão-nos aviso para não tomarmos nada desta natureza por garantido. Se Satanás pode imitar tão bem o Espírito de Deus em aplicações da Escritura e trazendo-a à nossa lembrança, temos grande razão para acautelar-nos para não sermos enganados pelo desígnio de Satanás revestido em fraseologia bíblica; não que eu queira que os homens estimem a fixação secreta da Escritura em suas mentes como sendo em todos os casos uma ilusão e para ser desconsiderada como tal. Alguns há, de fato, que tão severamente observam as fraquezas dos cristãos professos que chegam a escarnecer daquilo que é

de uso mais necessário e sério: porque o Diabo prevalece com alguns hipócritas para dourarem-se com frases bíblicas, e outros, por inadvertência imprudente, são (sem o saberem) enganados por Satanás em más aplicações da Escritura ao seu próprio estado ou a outras coisas; eles, portanto, condenam todos os trabalhos internos do *coração* como fantasia ou singularidade afetada; estes apenas fazem o trabalho do Diabo. Mas que o Espírito de Deus (a quem Satanás traiçoeiramente se esforça por imitar) fixa os comandos, ameaças e promessas da Escritura sobre os *corações* de Seu povo, não é apenas atestado pela experiência de todos os que estão intimamente familiarizados com os caminhos de Deus, mas é uma das grandes promessas que Cristo deu para o conforto de Seu povo em Sua ausência (*Jo 14:26*): *Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito*. Sendo isto, então, concedido como uma verdade firme e inabalável, nosso cuidado deve estar em descobrir e evitar o uso falsificado da Escritura por Satanás, e nisto deveríamos ser mais cautelosos:

Primeiro, porque não somos tão propensos a suspeitar do que encontramos em tal caminho, quando nos é trazido na linguagem da Escritura.

Segundo, e aqueles que não são exercitados na Escritura estarão em uma perda triste, por não saberem como se livrar de tais dificuldades que possam surgir para eles a partir da sofística de Satanás.

Terceiro, a cautela é também mais necessária porque somos inclináveis a acreditar no que convém aos nossos desejos, e a

consciência despertada é avessa a rejeitar aquilo que responde aos seus medos.

Direis: "O que há de direção para nós neste caso?".

A resposta está pronta; duas coisas nos são ordenadas: (1) Que sejamos sabiamente suspeitos. Uma credulidade fácil e apressada é traiçoeira. Cristo proíbe (quando prediz o surgimento de falsos cristos em *Mt 24:26*) a prontidão de uma crença súbita, censurando assim aqueles que são imediatamente levados por cada nova aparência. É infantil ser levado por todo vento; somos avisados também disto em *1Jo 4:1*: *Não creiais a todo o espírito*. (2) Somos ordenados a trazer todas as pretensões, sejam quais forem, à prova; embora se pretenda revelação imediata ou visão, ou comissão extraordinária, contudo tudo deve ser trazido à pedra de toque: *Provai todas as coisas* (*1Ts 5:21*) e *provastes os que dizem ser apóstolos* (*Ap 2:2*). Sim, os espíritos devem ser provados se são de Deus (*1Jo 4:1*).

Direis: "Como devemos provar?".

Respondo: Deus deu uma regra pública, suficiente e certa, que é a Escritura, e tudo deve ser provado por ela. De modo que, se houver impulsos, ou descobertas, ou lembranças de Escritura sobre qualquer um, não deve ser tomado por certo que são de Deus porque pretendem algo tão alto (pois assim faríamos de Satanás juiz em sua própria causa), mas lançai tudo à linha e ao prumo da Palavra escrita; e se não responder a isso, chamai-o confiantemente de ilusão e rejeitai-o como maldito, ainda que parecesse (em outros aspectos) ter sido sugerido por um anjo do céu.

Mas dir-se-á: "Satanás pretende seguir esta regra, e é a Escritura que é instigada por ele?".

Respondo: embora assim seja, contudo ele não usa a Escritura em sua própria intenção e sentido. Para a descoberta de seu trato infiel:

Primeiro, comparai a inferência da sugestão com outras Escrituras. Se for de uma Escritura obscura, comparai-a com aquelas que são mais claras e, em cada caso, vede se a corrente geral das Escrituras diz a mesma coisa. Pois, se for de Satanás, ele ou brinca com as palavras e frases, fazendo sua conclusão a partir de termos duvidosos e equivalentes; ou sua citação será considerada impertinente, ou (o que é mais usual) contrária à Verdade ou à Santidade. Se qualquer uma destas coisas aparecer, por um exame verdadeiro da importância da Escritura que ele busca abusar, ou comparando-a com o escopo e gênio de outras Escrituras, podereis certamente pronunciar que não é de Deus, mas *engano* de Satanás.

Segundo, considerai a tendência de tais sugestões. Que ninguém diga que isto virá tarde demais, ou que é um jogo de pós-fato. Não quero dizer que deveríamos esperar tanto tempo até vermos os efeitos (embora este seja também um descobrimento certo da patifaria de Satanás em suas mais altas pretensões; as fúrias fanáticas dos entusiastas alemães agora aparecem claras a todo o mundo como tendo sido ilusões pelo seu fim, frutos e resultado). Mas que, enquanto estas conclusões nos são impostas, deveríamos observar a que elas tendem; o que saberemos melhor se todas as circunstâncias ao redor forem consideradas. Às vezes Satanás sugere encobertamente sua mente e envia-a junto com a sugestão; às vezes nossa condição a declarará suficientemente, e não há

caso que não ofereça algo de descoberta se seriamente ponderado. Se ele nos incita ao Orgulho, Vanglória ou Presunção, ou se nossa condição nos inclina para esse lado, será fundamento suficiente de suspeita que é Satanás quem então instiga promessas ou privilégios sobre nós. Se somos de um espírito ferido inclinado à Desconfiança, ou se somos levados ao desespero, é inegável que é Satanás quem instiga as ameaças e pressiona as acusações da Lei contra nós. Aquele que reúne pedras, madeira, cal e tais materiais que são usualmente empregados em construção descobre sua intenção antes de realmente construir sua casa; e assim pode o fim de Satanás ser conhecido pelas suas preparações comparadas com a inclinação de nosso temperamento atual.

Terceiro, deve-se lembrar que, com estes esforços, frequentemente busquemos a face do Senhor por ajuda e conselho; e que nos apliquemos a tais servos de Deus que, sendo mais instruídos que nós mesmos e menos preconceituosos em seus julgamentos (porque não envolvidos), sejam mais capazes de ver a natureza de nossos apertos e de nos ajudar pelos seus conselhos.

CAPÍTULO XVIII
A maneira de Satanás mostrar os Reinos do Mundo. Das Preparações de Satanás antes do Movimento do Pecado.

De seu confronto com o Todo-Poderoso por meio de imitação presunçosa; e em quais casos ele o faz. De

> *como ele embeleza o Objeto de uma Tentação, e como o faz. Sua maneira de engajar os Afetos pelos Sentidos. De sua aparente esquiveza.*
>
> *Novamente o diabo o levou a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles. — Mt 4:8.*

Esta é a Preparação para a terceira *tentação*; na qual temos: (1) o Lugar onde foi executada; (2) o Objeto colocado diante d'Ele ali.

Primeiro, o Lugar era um monte muito alto. Qual monte seria — Nebo, Pisga ou qualquer outro —, é desnecessário indagar. É de maior utilidade perguntar as razões da escolha de Satanás por tal lugar. O texto implica claramente uma: a comodidade do prospecto. Satanás, pretendendo dar-Lhe uma visão dos reinos do mundo, escolhe um monte como o local mais adequado para esse fim. Mas que esta não foi toda a razão, não é apenas sugerido por alguns, mas afirmado positivamente por outros, que pensam que Satanás nisso imitou o que Deus fizera com Moisés, que foi chamado ao monte Nebo para ver a terra que Deus prometera a Israel. Se estas circunstâncias do monte e da visão dos reinos do mundo foram arquitetadas propositalmente para afrontar a Deus por tal imitação, não serei categórico; mas podemos afirmar com maior evidência que, ao oferecer os reinos do mundo como coisas inteiramente sob seu dispor, ele desafia diretamente a Deus por uma comparação insolente de seu poder com o do Todo-Poderoso, de quem é a terra e a sua plenitude, e a quem pertence a soberania de dispô-la.

Segundo, aquilo que Satanás mostra a Cristo do monte diz-se ser os reinos do mundo e a glória deles. Aqui alguns se ocupam em conjeturar quais reinos foram assim apontados; alguns se apegam tão estritamente à palavra "todos" que são forçados a aceitar a opinião de que todas estas *tentações* foram apenas em visão; pois consideram que nenhum monte no mundo pode dar um prospecto sobre todo um hemisfério ou, se pudesse, nenhum olho seria capaz de discernir a tão grande distância. Mas as inconveniências desta suposição foram apontadas antes, e basta mostrar que o texto pode admitir uma interpretação que não seja embaraçada por esta suposta impossibilidade.

Outros restringem isto à terra de Canaã, como se Satanás apenas mostrasse isto como um exemplo famoso da glória de todos os reinos. Alguns pensam que o Império Romano (que então era o mais florescente e erguia sua cabeça acima de outros reinos) foi a grande isca colocada diante de Cristo, como se ele tivesse o desígnio de desviar Cristo dos negócios de Seu Ofício, oferecendo-Lhe a sede e o poder do Anticristo. Mas o texto não favorece nenhuma destas opiniões a ponto de nos constranger a permanecer nelas. "Reinos do mundo" parecem pretender mais do que Canaã ou o Império Romano; a palavra *kosmos*, usada aqui, e *oikoumene* em Lucas, que traduzimos como mundo, aplicam-se uma à outra em uma acomodação mútua, de modo que não podemos esticar o mundo ao sentido mais amplo de todo o globo terrestre, porque em Lucas é expresso por *oikoumene*, que significa aquela parte do mundo que é mais cultivada e honrada por habitantes; nem podemos restringi-lo ao Império Romano (embora, quando expressavam suas apreensões sobre seu próprio império, parecessem englobar tudo, *Lc 2:1*), porque Mateus usa a palavra *kosmos*, uma palavra de maior liberdade. Parece, então, que muitos

reinos, ou os reinos mais consideráveis do mundo então conhecido, foram aqui expostos à Sua vista. Mas resta a dificuldade de como o Diabo poderia mostrá-los ao Seu olho. Que não foi uma descoberta visionária à Sua mente, já foi dito. Alguns pensam que ele mostrou estes em parte por prospecto ocular daquelas cidades, castelos, vilas, vinhedos e campos que estavam próximos, como um compêndio do todo; e em parte por um discurso da glória, poder e extensão de outros reinos que estavam fora do alcance do olho. Mas porque a expressão que Lucas adiciona — *num momento de tempo* — insinua que o caminho que Satanás tomou foi diferente do prospecto ou observação comum, outros não se satisfazem com essa solução da dificuldade, mas recorrem a esta suposição: que Satanás usou apenas trapaça e ilusão, moldando um horizonte aéreo diante dos olhos de Cristo, mostrando não os reinos em si, mas um fantasma de sua própria criação. Contudo, visto que isto poderia ter sido feito em qualquer lugar, e que um monte alto foi escolhido para favorecer o prospecto, penso ser mais seguro concluir que o prospecto foi ocular, e não fantástico, mas real, apenas auxiliado e assistido pela perícia e arte de Satanás, como um grande naturalista e como príncipe das potestades do ar; por meio do qual, em reflexos ou prospectos extraordinários, ele poderia descobrir coisas a vastas distâncias. Podemos fixar-nos nisto, pois sabemos quais auxílios para o prospecto a arte descobriu por meio de lentes e telescópios, pelos quais os corpos do sol, da lua e dos planetas (a distâncias indizíveis de nós) foram, nesta última era, descobertos a nós, além da crença comum. E temos razão para pensar que a habilidade de Satanás neste caminho excede em muito qualquer coisa que tenhamos chegado a conhecer, e assim ele poderia

fazer descobertas reais de países remotos, mais do que podemos bem imaginar.

Estas coisas assim explicadas, anotarei várias observações.

Primeiro, se considerarmos esta grande preparação que Satanás faz, como introdutória à *tentação* a seguir, podemos observar: Que onde Satanás tem um desígnio especial, ele projeta e prepara todas as coisas relativas à *tentação* antes de declarar claramente sua mente. Ele providencia seus materiais antes de construir, e prepara o rastro de pólvora antes de dar fogo. Qual é o seu método, podemos aprender da prática daqueles que são treinados em seu serviço. Em *Rm 13:14*, diz-se que estes *fazem provisão para a carne*, para pré-arquitetar seus pecados e projetar todas as circunstâncias de tempo, lugar, ocasião e vantagem para sua realização. Isto não deve ser entendido de todos os pecados, pois em alguns que são internos na mente (como pensamentos vãos, orgulho de *coração*, etc.) não há necessidade de tais provisões; podemos dizer deles que seus tempos são sempre, e em muitos casos a casa está varrida e adornada para sua mão; ele encontra tudo pronto, pela prontidão daqueles que são livres em seu serviço e pela súbita concorrência acidental das coisas. Mas onde a *tentação* é solene, e onde a coisa projetada (em seu aperfeiçoamento) refere-se a atos exteriores, ali ele usa esta política: ter tudo em prontidão (embora lhe custe o trabalho de rodar o mar e a terra para isso) antes de expressar seus propósitos. Suas razões são estas:

Primeiro, se as coisas necessárias para o encorajamento e realização de uma *tentação* estivessem fora do caminho e não estivessem à mão, suas sugestões pereceriam assim que nascessem, e seriam rejeitadas como impossíveis ou

inconvenientes. Tentar um homem a roubar, quando ele não sabe onde nem como, ou a vingar-se quando não tem inimigo nem provocação, parece o mesmo que se lhe ordenassem remover um monte ou voar no ar; o que seria rapidamente recusado, como movimentos que não oferecem base para aceitação. E, portanto, para que suas *tentações* não tragam consigo uma razão de recusa por serem inoportunas, ele cuida de equipar seus servos com todas as coisas requisitos para o trabalho que lhes impõe.

Segundo, assim como as *tentações* (deste tipo) não seriam *tentações* (por não serem viáveis) sem suas preparações, não devemos pensar que é a mera sugestão de Satanás que faz uma *tentação* perfurar. A razão de sua prevalência não é apenas porque Satanás nos propõe tal movimento, mas porque tal movimento vem acompanhado de todas as preparações adequadas. Quando prevalece, é o movimento pecaminoso que fere, mas as preparações são como as penas que dão asas às suas flechas, sem as quais elas nem voariam nem perfurariam.

Que isto, primeiro, renove nossa cautela e suspeita em cada coisa e em cada lugar, de que Satanás está trabalhando contra nós, embora não vejamos nenhum *laço* visível.

Que isto nos coloque em tal cuidado vigilante em cada um de nossos caminhos, que resolvamos nada empreender para o qual não tenhamos uma razão boa e garantida à mão; para que, se nossa consciência nos disser: "O que fazes aqui?", possamos dar uma boa conta.

Segundo, se notarmos o comportamento de Satanás nestas preparações e ofertas, vemo-lo agir segundo o padrão da mais alta soberania, dispondo dos reinos terrestres de tal modo como

se todo o poder estivesse em sua mão. Daqui podemos observar: Que quando Satanás tenta ao pecado de mais alto desprezo e insolência contra Deus, ele então julga que lhe compete sustentar-se confrontando o Todo-Poderoso, imitando Sua autoridade e poder.

Este porte de Satanás não se encontra em todas as suas *tentações*: pois, na maioria dos casos, ele age com o maior segredo; e como um ladrão que teme ser descoberto, usa todos os caminhos possíveis para ocultação; mas quando se coloca como o deus deste mundo e entra em competição com o Senhor, reivindicando um interesse no temor e na devoção dos homens, então ele se declara ousadamente e trabalha para superar a Deus em ponto de grandeza, para que possa possuí-los com a crença de que somente ele deve ser temido. Esta arrogância de Satanás contra Deus pode ser vista em três coisas:

Primeiro, em imitar as Ordenanças e Instituições Divinas. Não há qualquer parte do culto divino cuja observação Deus tenha ordenado aos homens que Satanás não tenha estabelecido algo semelhante para si mesmo. Assim como Deus designou Seu Templo, sacerdotes, altares, sacrifícios, ofertas, dízimos, santuários, sacramentos, etc., assim Satanás teve seus templos, sacerdotes, altares, sacrifícios, ofertas, santuários, sacramentos, etc. Isto é suficientemente conhecido por qualquer que leia suas histórias; e eu poderia dar um relato completo disso a partir de autores pagãos, mas já o fiz quando falei da sutileza de Satanás em promover a idolatria no mundo. Apenas acrescentarei aqui o que Varro relata sobre os livros de Numa Pompílio, que foram casualmente desenterrados pelo arado de um tal Terêncio, que chegou perto demais do sepulcro de Numa, onde

estes livros haviam sido enterrados. Este Numa foi o segundo rei dos romanos, que instituiu os ritos e cerimônias do culto pagão para seus súditos e, nestes livros (que ele achou por bem ocultar, enterrando-os consigo), ele expusera o fundo destes mistérios diabólicos; de modo que, quando foram levados ao Senado, estes (julgando-os impróprios para serem conhecidos) condenaram-nos ao fogo. O que é uma base clara de suspeita de que ele ali descobrira tanto das causas destes ritos, ou do caminho pelo qual fora instruído neles, que o conhecimento público disso não condizia com o interesse de sua religião pagã. Esta conjetura Agostinho tem sobre o assunto, notando também que Numa fingia conversa familiar com a ninfa Egéria, como uma cobertura plausível para aquela arte diabólica da *hidromancia*, pela qual foi instruído na ordenação das cerimônias de idolatria que estabeleceu.

Segundo, Satanás, com não menos arrogância, assume imitar a Deus em Seus atos de poder para o apoio de seu culto no mundo. Ele teve seus milagres frequentemente, dos quais falei em outro lugar; assim teve seus oráculos, como em Delfos e outros lugares. Aqui bastará notar que, assim como o envio do Senhor Jesus ao mundo, munido de tal poder de realizar milagres para a confirmação daquele Ofício e Autoridade que recebera de Deus para a redenção do homem, foi a instância mais alta que se pode dar do Poder, Sabedoria e Bondade de Deus; assim Satanás se pôs com a maior diligência a imitar isso. Cristo mal subira ao Pai e já ouvimos de Simão Mago (*At 8:9*), que era aclamado como uma instância do grande poder de Deus; e depois disso, em Roma, ele declarou que era Deus, confirmando o povo em tal crença pelas coisas estranhas que ali fazia entre eles, a ponto de uma estátua ser erguida em sua honra com esta inscrição: *A Simão, um Grande Deus*. Muito

depois disso, o Diabo levantou Apolônio de Tiana, um homem de vida abstêmia e recomendável; a este o Diabo designou para igualar Cristo em seus milagres, que foram tantos e tão estranhos que Filóstrato não apenas o compara a Cristo, mas o prefere como a pessoa mais honrosa. O próprio Cristo predisse este *estratagema* de Satanás: que ele levantaria falsos cristos com sinais e prodígios de mentira. E, omitindo instâncias de dias passados, não está além da memória da maioria de vós que o Diabo renovou esta política em James Nayler, que, em uma imitação blasfema da entrada de Cristo em Jerusalém, cavalgou até Bristol com uma grande companhia diante dele, gritando: "Santo, Santo" e "Hosana ao Filho de Davi", e forrando o caminho com ramos de árvores. A autoridade da época, notando este e outros ultrajes blasfemos, sentenciou-o a punição exemplar; mas aqui também o Diabo renovou sua zombaria, pois um certo cidadão de Londres de boa nota, sendo vencido pela ilusão, imprimiu um livro sobre os sofrimentos de Nayler, no qual o Diabo teve oportunidade de ventilar sua malícia mais plenamente; pois comparou todas as partes de sua punição aos sofrimentos de Cristo: seu açoitamento, disse ele, era para que se cumprisse o que foi dito por Mateus: *E Pilatos o entregou para ser açoitado*; sua marcação a ferro quente, disse ele, era para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: *o seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer*; a perfuração de sua língua com um ferro quente, disse ele, era o cumprimento de: *e o crucificaram*; e após outros detalhes de comparação (em todos os quais ele o igualou a Cristo), ele por fim notou que a multidão de espectadores tirou seus chapéus enquanto sua língua era perfurada (coisa comum em uma multidão para dar oportunidade de visão aos

que estão atrás), e a este ato ele aplica aquilo dos evangelistas: *O véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo*.

Terceiro, em atos de império e soberania, ele imita a Deus: isto é, assim como Deus se propõe como o único Senhor Deus e ordena que seja adorado como tal, por meio de promessas de vantagem em caso de obediência e ameaças de misérias e pragas em caso de desobediência; assim Satanás se coloca no mundo como deus para ser adorado e reverenciado, e a ele todos os idólatras adoram, como Deus testifica em *Dt 32:17*: *Sacrifícios ofereceram aos demônios, não a Deus*. *Sl 106:37*: *Sacrificaram seus filhos e suas filhas aos demônios*. *1Co 10:20*: *As coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios, e não a Deus*. E embora seja verdade que muitos destes adoradores cegos não adoravam formalmente o Diabo, mas pensavam que adoravam a Deus, contudo, por tal astúcia ele os engajou a adotar formas de culto por ele prescritas, que eram, na realidade, um serviço prestado a ele. Mas, além disso, naqueles lugares do mundo onde ele tem maior poder, ele formalmente se propõe a ser adorado e, consequentemente, aparece frequentemente a eles em uma forma visível; de modo que muitos destes pagãos cegos reconhecem dois deuses, um bom e outro cruel e prejudicial, o qual dizem que devem adorar para que não os destrua ou lhes faça mal. Por meio disto, Satanás contesta com Deus por um império no mundo e, para promovê-lo ainda mais, às vezes lida com belas promessas de riquezas, promoção, prazer e outras iscas, para atrair os homens ao seu serviço professo; assim as bruxas são levadas a um pacto com ele. Assim Silvestre II entregou-se ao Diabo pelo papado, e assim fizeram vários outros. Quando isto não basta para prevalecer, ele adiciona ameaças e sopra cruéis intimidações, por meio das quais muitos pagãos são mantidos

em temor por ele e o adoram, *ne noceat* (para que não prejudique), por nenhuma outra razão senão para se preservarem de danos causados por ele. Nesta *tentação*, ele se propõe a Cristo como o Objeto de adoração divina e vangloria-se dos reinos do mundo como coisas de seu dispor; por meio do que busca levar Cristo a prostrar-se diante dele.

Este curso Satanás toma por estas razões:

Primeiro, como esta ostentação orgulhosa e maliciosa de seu poder é algum tipo de satisfação ao seu humor vingativo contra Deus. Segundo, ele assim eleva a si mesmo e às suas instituições perversas de idolatria ao crédito e estima entre os homens. Terceiro, como isto é uma zombaria à religião verdadeira e um escárnio lançado sobre os caminhos do serviço de Deus, para trazê-lo ao descrédito. Quarto, por este meio ele endurece os *corações* dos homens contra Deus. Esta foi a consideração pela qual Faraó endureceu seu *coração* quando Moisés transformou sua vara em serpente, mudou águas em sangue e fez tantos sinais diante dele; seus magos fizeram o mesmo, sobre o que o rei poderia raciocinar consigo mesmo que Moisés não tinha outro poder senão o que seus magos tinham, embora pudesse considerá-lo um mago mais habilidoso, e portanto não havia razão para acreditar em sua mensagem como sendo de Deus, visto que seus milagres poderiam não ser outra coisa senão o efeito de sua arte, para apoiar um pretenso comando do céu.

Esta insolência de Satanás pode nos informar: Primeiro, da grande paciência de Deus, que vê estas zombarias ultrajantes e, contudo, não põe fim a elas com mão forte. Segundo, do grande poder e orgulho de Satanás, que ele tanto pode (embora não sem permissão de Deus) quanto ousa tentar coisas desta

natureza. Terceiro, do grande poder da ilusão, que pode cegar tanto os homens que eles não apenas são levados a atuar em tais desígnios, mas acreditam confiantemente em um impulso divino e garantia celestial para assim o fazer. Quarto, da miserável escravidão de tais vassalos de Satanás, que são assim levados por ele, os quais devem ser, portanto, tristemente apiedados e lamentados, como estando sob tais fortes cadeias de cativeiro.

Terceiro, não podemos ignorar a arte que o Diabo aqui usa para realçar a *tentação* e torná-la plausível; ele coloca diante d'Ele o mundo em toda a sua glória. Aqui observe: Que Satanás, em suas *tentações* aos prazeres mundanos, costuma pintar o objeto com toda a sua beleza máxima.

Quando às vezes observo um charlatão sobre um palco, dando elogios excessivos a um remédio trivial, afirmando ser bom para quase toda doença e, com uma grande quantidade de mentiras e vanglórias, impondo-o à multidão crédula; isso me traz à mente este charlatanismo espiritual do Diabo. Como ele engana e ilude os tolos, expondo os prazeros do pecado? E de nenhum outro modo ele os mantém em uma admiração boquiaberta da pompa mundana, deleites e satisfação que lhes promete da iniquidade, do que a serpente *Scytale* faz com os viajantes, aos quais detém, maravilhando-os com suas belas cores, até que os tenha picado. A arte de Satanás nesta matéria reside em quatro coisas:

Primeiro, se houver algo que possa ser chamado de deleite, ou que possa de qualquer forma conduzir a uma satisfação em qualquer pecado, ele certamente falará disso em seus mais altos louvores; ele não apenas estica sua retórica ao máximo ao elogiar os prazeros mais notórios que os homens propõem a si

mesmos, mas busca as coisas ocultas do deleite e desperta nos homens uma coceira de desejo pelo aprimoramento do deleite pelas *artimanhas* da inteligência ou da arte. Assim ele lhes fala de alegria, prazer arrebatador, alta satisfação e (se acreditarem nele) de deleite indizível a ser obtido entregando-se ao mundo e ao curso dele. Sim, ele não esconde nada que possa carregar qualquer louvor, a mínima vantagem, a menor gratificação que qualquer pecado possa oferecer ao desejo humano; ele certamente falará disso.

Segundo, ele conduz este desígnio por meio da mentira; promete mais do que o pecado jamais pode dar, e envia seus prosélitos atrás do pecado sob as mais altas expectativas e, quando chegam a desfrutá-lo, frequentemente descobrem que o prazer fica aquém de sua vanglória. Ele sussurra honras, promoções e riquezas no ouvido de seus *corações*, e muitas vezes lhes paga com pobreza e desonras, e dá-lhes *pro thesauro carbones* (carvão em vez de tesouro), pedras por pão, uma serpente por um peixe. As bruxas dão relatos frequentes das promessas mentirosas de Satanás; ele lhes fala de banquetes, de ouro, de riquezas, mas elas se veem iludidas; ele as envia frequentemente famintas para longe daqueles banquetes, de modo que não têm mais do que quando um homem sonha que come. Ele dá o que parece ouro na aparência, mas por fim descobrem ser ardósia ou conchas. Descobrimos nesta *tentação* que ele é liberal e generoso em suas ofertas a Cristo, e o que ele exige quer em pagamento imediato, mas a recompensa pelo serviço é futura. É seu negócio engajar os homens no pecado por sua promessa de vantagem, mas, uma vez engajados, ele não se considera obrigado pela honra ou ingenuidade ao cumprimento. Daí a Escritura apropriadamente chamar os prazeres do pecado de vaidades mentirosas, um espetáculo vão,

um sonho, alertando assim os homens contra uma crença apressada nas promessas de Satanás, visto que descobrirão por experiência que não passarão, ao final, de mentiras e decepções.

Terceiro, para tornar sua isca mais atraente, ele oculta todos os inconvenientes que podem acompanhar estes deleites mundanos. Ele oferece aqui os reinos do mundo a Cristo como se tudo fosse composto de prazer; as preocupações, problemas e vexações que acompanham a grandeza e o governo ele não menciona; seu fardo, risco e inquietação ele ignora. Assim, em *tentações* comuns, ele é cuidadoso em esconder dos homens as misérias que seguem estes prazeres vazios; de modo que muitas vezes os homens não consideram o mal até que uma flecha lhes atravesse o fígado (*Pv 7:23*) e até que uma experiência comprada a caro preço os informe de seus erros.

Quarto, seu poder e trabalho sobre as fantasias dos homens não é a menor de suas formas de promover os prazeres do pecado. Que ele possui tal poder já foi discutido antes, e que uma fantasia elevada a uma grande expectativa faz as coisas parecerem diferentes do que são, é evidente pela experiência comum; o valor da maioria das coisas depende mais da fantasia do que do valor interno delas, e os homens são mais engajados na busca das coisas pela estima que a fantasia gerou em suas mentes do que por princípios certos de conhecimento. As crianças, pela fantasia, dão valor aos seus brinquedos e são tão poderosamente movidas por ela que coisas de preço muito maior não podem deter seus desígnios nem desviar seu curso. Satanás sabe que os melhores homens são às vezes infantis, aptos a serem levados por seus conceitos e aptos em seus conceitos a apreender as coisas de forma muito diferente do

que são na verdade. Daí é (como observa um autor) que, de milhares de homens que retornam de Jerusalém, ou do monte Sião, ou do rio Jordão, raramente podemos encontrar um que traga de volta a admiração que concebera antes de tê-los visto. A fantasia preocupa a mente com uma alta opinião das coisas, e estas imaginações exorbitantes passam a tal excesso que os homens pensam encontrar uma satisfação além da natureza destes prazeres que visam, o que traz estes dois inconvenientes: um, que isto atrai tão poderosamente como se fossem todos tão reais e elevados quanto são imaginados; o outro, que a visão e a fruição retiram a estima e, por uma decepção, amortecem e entorpecem os afetos para o que se pode realmente encontrar ali. Assim, Satanás, por um *engano*, faz os homens acreditarem que o pecado tem prazer, o que de fato não tem, e por essa crença os leva poderosamente a tentar um abraço deles e, por fim, os confronta com uma ilusão.

Em oposição a este *engano* do Diabo, devemos aprender a estimar os deleites mundanos tão baixo quanto ele os valorizaria alto. E para este propósito a Escritura fala deles em linguagem depreciativa, chamando a pompa mundana de opinião, fantasia, moda ou figura, uma imaginação em vez de uma realidade; e ordena-nos ainda a não admirar estas coisas nos outros, a não invejar o desfrute delas, nem a nos inquietarmos por nossa falta delas, muito menos a sermos transportados por qualquer paixão irada sobre elas, nem a nos envolvermos em qualquer busca fervorosa delas.

Quarto, Satanás nesta *tentação* não falou apenas bravamente destas coisas, nem apenas fez uma oferta em discurso, mas julgou ser mais conducente ao seu desígnio apresentá-las à Sua

vista; ele sabia muito bem que o *coração* é mais afetado por descobertas sensíveis do que por discursos racionais.

Note aqui: Que Satanás, em *tentações* de prazer mundano, esforça-se por engajar os afetos por meio dos sentidos.

Que o grande negócio de Satanás é trabalhar sobre os afetos, eu mostrei extensamente. Aqui ele se esforçou por preparar os afetos de Cristo, para que o movimento (quando viesse) não morresse como uma faísca caindo sobre isca molhada, mas para que os afetos, sendo despertados, pudessem acalentar a oferta, e para que a oferta, por um calor mútuo, pudesse inflamar ainda mais os afetos que foram aquecidos antes.

Para este fim, ele trabalha pelos sentidos e queria que os olhos de Cristo fossem traidores de Seus afetos, para despertar Seus afetos de amor, desejo, esperança e tudo o mais que pudesse dar asas à Sua alma para a atividade. Há uma grande conexão entre os sentidos e o afeto; os sentidos trazem inteligência inevitavelmente e são aptos a despertar nossos poderes para a ação: como se diz que o chacal caça a presa para o leão, assim fazem os sentidos para os afetos, e ambos para Satanás.

É também notável que Satanás, esforçando-se por fazer dos olhos de Cristo traidores de Seus afetos, e julgando necessário dar-Lhe uma visão do que Lhe oferecia, não Lhe desse tempo para fazer um levantamento completo destes reinos, mas apressasse tudo de tal modo que tudo (como nos diz Lucas) fosse feito num momento de tempo. Estava Satanás com pressa? Ou estava indisposto a separar-se do que tão liberalmente oferecia? Certamente não, mas esta visão transitória era sua sutileza, para atraí-Lo mais e inflamar Seu *coração* com maiores desejos. Observe, então: Que onde

Satanás é mais liberal em suas ofertas, ele ali conduz suas propostas de vantagem com uma aparente esquiveza. E isto ele faz: Primeiro, para elevar o valor delas em nossa estima, como se fossem joias que não devem ser contempladas por muito tempo, ou peças curiosas, não aptas para serem expostas à vista comum. Segundo, por esta arte ele torna os homens mais ávidos na busca. Nossa curiosidade natural pressiona-nos com grande seriedade atrás de coisas de difícil acesso, e temos também desejos estranhos acesos em nós a partir de uma proibição, de modo que aquilo que não escolheríamos se tivéssemos liberdade de desfrute, quando nos é proibido, somos perturbados por anseios impacientes por isso e não conseguimos ficar quietos até que o desfrutemos.

Quando Satanás faz-se de difícil com os homens, oferecendo os prazeres do mundo e, contudo, cercando o caminho com dificuldades, eles não deveriam fazer outra construção disso senão que Satanás está (no que lhe concerne) atraindo-os mais fortemente. Ele brinca de esconde-esconde com eles, para torná-los mais fervorosos em segui-lo e em oferecer alto pela posse destes deleites.

CAPÍTULO XIX
Os fins de Satanás ao tentar Cristo a prostrar-se e adorá-lo.

Sobre as Injeções Blasfemas. O que é a Blasfêmia. Os Caminhos de Satanás nessa Tentação, com as Vantagens que ele nela obtém e a Razão de instigar

Blasfêmias sobre os Homens. Consolações para aqueles que são atingidos por tais Tentações. Conselhos para os assim afligidos.

Despachadas estas observações que a preparação para a *tentação* nos proporcionou, segue-se a *tentação* em si, que é esta: *prostra-te e adora-me*.

Esta proposta, vinda de alguém como Satanás para alguém como Cristo — que era Santo e Imaculado, Deus e Homem —, parece ser uma peça incrível de arrogância, orgulho e malícia. Pois propor-se como o objeto de adoração divina foi, certamente, um assalto desesperado. Isso inclui: (1) a mais alta blasfêmia; (2) a idolatria mais grosseira imaginável (ambas frequentemente notadas como o desígnio desta *tentação*). Mas (3) a compreensão desta moção abrange todo o afastamento da mente de Deus e da religião, ou do cuidado com a alma e a vida eterna; sentido no qual Satanás frequentemente pratica esta *tentação* sobre os homens por meio do motivo dos prazeres mundanos. Considerarei a *tentação*, primeiramente, como blasfema, o que nos dá a seguinte observação:

Que os melhores dos filhos de Deus podem ser perturbados pelas mais vis e horríveis injeções blasfemas.

A blasfêmia, no sentido mais amplo, é qualquer coisa dita ou feita pela qual a honra e a fama de Deus possam ser feridas ou prejudicadas; mas a formalidade da blasfêmia reside no propósito ou intenção de afrontar a Deus. Tal foi a blasfêmia do filho da mulher israelita registrada em *Lv 24:11*, onde o blasfemar é explicado pela adição da palavra "amaldiçoar", que no original provém de um termo que significa "fazer pouco caso de alguém". Daí, e pelas circunstâncias da história,

podemos conjeturar com segurança que esse homem, tendo um egípcio como pai (o que provavelmente lhe fora objetado com escárnio por seu adversário na contenda), foi mais prontamente levado a vilipendiar o Deus verdadeiro. Seja como for, foi certamente mais do que aquela blasfêmia que os rabinos imaginam consistir na repetição do nome *Jeová* (o qual, por reverência, eles omitem ou trocam por outro, como *Adonai*). Assim, podemos observar que "afrontar a Deus" e "blasfemar contra Deus" aparecem juntos, como em *Sl 44:16* e *Is 37:23*.

Na blasfêmia (quanto à matéria), deve haver pensamentos, palavras ou ações que expressem aptamente um desprezo ou afronta a Deus; também (quanto à forma), deve haver uma intenção de afrontar. Ora, embora este seja um pecado que o *coração* de um servo de Deus mais abominaria, Satanás às vezes perturba os melhores com ele. Temos um exemplo em Jó. O desígnio de Satanás era levá-lo a amaldiçoar a Deus, pois assim ele professa em termos expressos (*Jó 1:11* e *2:5*): *Estende a tua mão... e verás se não blasfema [amaldiçoa] contra ti na tua face*. E, na execução desta sua vanglória, ele propõe o assunto claramente a Jó por meio de sua esposa (*Jó 2:9*): *Amaldiçoa a Deus, e morre*. O que quer que se diga da palavra original significar "bendizer" (embora alguns afirmem que o termo no idioma próprio significa tanto amaldiçoar quanto bendizer, dependendo das circunstâncias), e por mais que alguns tentem desculpar a esposa de Jó, é claro, não apenas pela resposta de Jó de que foi um mau conselho, mas também pelo desígnio declarado de Satanás, que a intenção era diretamente amaldiçoar a Deus. Além deste exemplo, se considerarmos a expressão *dardos inflamados* em *Ef 6:16*, descobriremos que esta *tentação* é mais comum a todos os tipos de cristãos do que imaginaríamos. É evidente que essas

palavras aludem às flechas envenenadas que os citas e outros usavam; estas não apenas feriam, mas envenenavam, e o veneno inflamava com um calor ardente a parte atingida. Por esta similitude, deve-se admitir que não se trata de *tentações* comuns, mas de algo extraordinariamente prejudicial, vexatório e perigoso. Pode ser que as perseguições sejam um desses dardos, mas todos concordam que as *tentações* de terrores espirituais e blasfêmia são indubitavelmente visadas.

Os caminhos de Satanás nesta *tentação* são três:

Primeiro, ele se esforça para levar os homens a blasfemar por caminhos secretos e sutis de enredamento, e isso é praticado principalmente em blasfêmias consequenciais e encobertas. Quando, embora os homens não pretendam diretamente um ultraje aberto contra Deus, Satanás os leva àquilo que poderia ser assim interpretado. Este parece ter sido o caso dos filhos de Jó, conforme a suspeita de seu pai: *Talvez pecaram meus filhos, e amaldiçoaram a Deus no seu coração*. Não que fossem blasfemadores abertos, pois certamente foram bem educados, nem Jó expressa tal medo; mas que, em sua alegria, seus *corações* pudessem ter se afrouxado do temor de Deus, a ponto de serem tentados a pensamentos indevidos sobre Ele, desprezando Suas ameaças ou Sua bondade. O mesmo observamos no próprio Jó: quando o Diabo não conseguiu convencê-lo a atribuir a Deus falta alguma, pressionou-o tão duramente por suas misérias que esperava, por fim, levá-lo a proferir a angústia de sua mente em expressões impacientes e reflexivas. Prevaleceu até o ponto em que Jó amargamente amaldiçoa o dia em que nasceu, o que, embora estivesse longe do que Satanás vangloriara, tinha uma tendência injustificável naquele sentido. Tanto que, quando seu amigo Elifaz notou

suas expressões como cheirando a desconfiança excessiva, Jó é forçado a desculpar-se pelo desespero de sua condição (*Jó 6:26*): *Pretendeis vós repreender as minhas palavras, as quais são como o vento, as palavras de um desesperado?* Em tais casos, o Diabo provoca os homens além de suas intenções a falarem com tanta precipitação que não percebem a justa consequência de suas falas. Foi um grau de blasfêmia em Davi dizer (embora em sua pressa) que todos os homens eram mentirosos; foi um reflexo incrédulo sobre a promessa que lhe fora dada por Samuel. Em *Ml 3:13*, o povo não acreditava ter falado tanto contra Deus, quando, no entanto, suas palavras tinham sido duras contra Ele.

Segundo, Satanás tenta isso por meio de injeções violentas de pensamentos blasfemos que são diretamente tais. Nisto, notarei:

1. Que os pensamentos mais vis sobre Deus, Seus caminhos e providências, sobre a Escritura e sobre Cristo, são frequentemente sugeridos; coisas de maior ultraje contra o Céu e desprezo ao Todo-Poderoso, como expressa Bernardo: *terribilia de Fide, horribilia de Divinitate* (coisas terríveis sobre a Fé, horríveis sobre a Divindade). Ele não hesita em nada deste tipo, por mais contrário que seja à esperança e convicção daqueles a quem molesta.

2. Estes pensamentos são frequentemente reiterados, e as mentes das pessoas ficam tão perturbadas que elas não conseguem se libertar deles; ele as persegue e clama em seus ouvidos (como observa Gerson): *Nega Deum, Maledic Deo* (Nega a Deus, Amaldiçoa a Deus).

3. E isto com tamanha força e impetuosidade que elas são compelidas a formar esses pensamentos em suas mentes e a falar o contrário do que gostariam; como se seus pensamentos e línguas não estivessem sob seu próprio governo. O Diabo não se satisfaz em incutir esses pensamentos, mas tenta, por assim dizer, fazê-los repetir depois dele e lançar suas sugestões no molde deles, para que pareçam ser propriamente deles. E eles são forçados a isso, queiram ou não, mesmo quando suas mentes estão cheias de horror, seu *coração* de dor e seu corpo de tremor. Conversei com alguns que se queixavam amargamente de que suas línguas e pensamentos pareciam não ser seus, mas que Satanás os governava a seu prazer; e que, quando em oposição à *tentação* tentavam formar a língua para bendizer a Deus, falavam maldição em vez de bênção.

4. Estas *tentações* perturbadoras são frequentemente de longa duração. Joanes Climacus fala de um monge que foi perturbado por pensamentos blasfemos por vinte anos seguidos, e não conseguia se livrar deles, embora tivesse macerado seu corpo com vigílias e jejuns. Alguns os veem partir e retornar em crises, conforme a prevalência e o fermento de sua melancolia dá a Satanás a vantagem de lidar assim com eles. Se inquirirmos por que é assim, especialmente com os filhos de Deus, devemos atribuir isso, em parte, à inescrutável sabedoria de Deus, que, para fins santos de ensino e disciplina, permite que Satanás os moleste; e, em parte, àquelas vantagens particulares que Satanás possui contra eles, que geralmente são estas:

Primeiro, ele tira vantagem de distúrbios corporais que privam os homens do uso da razão, como febres, frenesis e loucura; nestes, ele frequentemente molda as línguas dos homens para discursos blasfemos horrendos.

Segundo, a pressão de aflições externas dá-lhe a oportunidade desejada, e ele sabe que isso é geralmente tão bem-sucedido que prometeu a si mesmo uma vitória sobre Jó por este meio. Ordinariamente, apertos e misérias produzem blasfêmia. Em *Is 8:21*, o profeta nota que, quando o povo estivesse faminto e em dificuldades, se enfureceria e amaldiçoaria o seu rei e o seu Deus, olhando para cima.

Terceiro, a fartura mundana e o prazer frequentemente lançam os fundamentos desta *tentação*: quando suas taças estão cheias e seus *corações* elevados, Satanás pode facilmente fazê-los pôr a boca contra o Céu. Um *coração* orgulhoso dirá prontamente: "nossa língua é nossa" ou "quem é o Senhor?". Este foi o engenho que o Diabo manejou contra os filhos e filhas de Jó e pelo qual buscou prevalecer sobre Cristo.

Quarto, um temperamento melancólico costuma convidar Satanás a dar sugestões blasfemas; as fantasias perturbadas e maleáveis de tais pessoas são as vantagens que ele aproveita.

Quinto, terrores internos e angústia de consciência também são uma ocasião para Satanás movê-los a proferir coisas duras contra Deus e contra si mesmos.

Mas há ainda uma terceira via pela qual Satanás tenta os homens à blasfêmia: por lampejos súbitos de imaginações blasfemas que, como relâmpagos, assombram o *coração* e então desaparecem subitamente. Estas são muito comuns, e os melhores homens as observam frequentemente. Satanás parece,

por assim dizer, mais divertir-se e brincar com essas sugestões do que pretender uma *tentação* séria; o perigo delas não é tão grande, mas não devem ser desprezadas, para que essas visitas frequentes (entretidas descuidadamente e não repelidas com justo horror) não envenenem secretamente a alma e a preparem para assaltos mais fortes.

Inquirirei agora as razões deste problema que Satanás causa aos filhos de Deus.

Primeiro, estas *tentações* são muito apavorantes; embora não prevaleçam, são cheias de incômodo perturbador. A natureza corrompida sobressalta-se diante delas e não as recebe sem pavor e horror. É tristemente perturbador ouvir outros blasfemarem contra Deus. *As afrontas dos que te afrontam*, diz Davi, *caíram sobre mim*. Era como uma espada em seus ossos ouvir os escárnios blasfemos dos ímpios. E se era confusão e vergonha para ele ouvir o inimigo blasfemar (*Sl 44:15-16*), quão tristemente aflitivo seria para qualquer filho de Deus observar tais coisas em suas próprias imaginações? Basta isso para que Satanás se empenhe nesse desígnio, pois é um tipo de martírio penoso.

Segundo, esta é também uma vingança rancorosa contra Deus. Tudo o que ele pode fazer é blasfemar e enfurecer-se; e é um tipo de deleite impor essa força sobre aqueles que carregam a imagem divina. Ele faria tudo o que pudesse para que os próprios filhos de Deus vilipendiassem seu Pai Celestial.

Terceiro, esta *tentação*, embora não tenha o consentimento dos filhos de Deus, abre caminho para muitos outros pecados, como murmuração, desconfiança, desespero e cansaço dos caminhos de Deus. Quando vemos Satanás assim investir

contra nós, tendemos a criar pensamentos estranhos sobre Deus, que permite que Satanás nos pegue pela garganta, ou nos faz julgar a nós mesmos como rejeitados por Deus. Devemos temer mais a sua sutileza em nos trazer por meio disto a outros *laços* do que a violência do adversário nesta sugestão.

Quarto, este é um estratagema para lançar o fundamento de acusações terríveis. O Diabo nisto age como se diz que os russos fazem: quando têm rancor contra um vizinho, escondem secretamente bens na casa dele e depois o acusam de furto. Quando pensamentos blasfemos são injetados e os homens recusam o consentimento, Satanás levanta uma acusação contra eles (como fez a senhora de José), como se fossem culpados de toda aquela blasfêmia que ele lhes propôs; e é uma tarefa difícil convencê-los de que essas coisas não são frutos de seu próprio *coração*. Frequentemente ele os acusa, a partir daí, de pecarem contra o Espírito Santo.

Disto extrairemos considerações de consolação: (1) Quanto aos outros: observamos frequentemente nossos amigos doentes dizerem o que não gostaríamos de ouvir, e é aflitivo ouvir suas maldições; mas quando consideramos a vantagem que Satanás tira de seu distúrbio (se suas vidas foram piedosas), consolamo-nos em saber que é mais a malícia dele do que a inclinação deles. (2) É o mesmo fundamento de consolação para nós mesmos:

Primeiro, se lembrarmos que nosso Senhor e Mestre sofreu tais coisas, nós, que somos de Sua casa, não precisamos pensar que recebemos uma medida estranha por sermos molestados como Ele foi.

Segundo, se considerarmos que Cristo foi tentado sem pecado de Sua parte, podemos concluir que é possível que tais pensamentos nos sejam lançados e, contudo, não sejamos culpados deles como iniquidades nossas.

Terceiro, vemos que tais *tentações* são mais assustadoras do que prejudiciais; elas raramente "pegam", pois carregam tanto horror que impedem a participação no pecado em si; antes, enchem a alma de medo e luta contra ele. Elas funcionam como espantalhos que assustam, mas não produzem o efeito real de conformidade.

A consideração deste tipo de *tentação* deve encher os *corações* daqueles que não foram perturbados por ela com louvor por tão misericordiosa preservação. Se não passamos por este exercício, não é por boa vontade de Satanás, mas porque nosso Deus lhe retém a permissão. A mesma ternura de um Pai compassivo afasta tais provações, porque Ele não permitirá que sejamos tentados além do que podemos suportar.

Esta *tentação* exige conselhos para os que estão sob ela:

Primeiro, quando alguém for perturbado por pensamentos blasfemos, considere-se o estado do seu corpo: se estiver perturbado por melancolia (como é usual), a prescrição de um médico habilidoso é necessária em primeiro lugar. Sem isso, quem aconselha espiritualmente apenas "açoita o ar". Conheci muitos que foram curados apenas pela *medicina*; pois, neste caso, retirado o combustível, o fogo se apaga.

Segundo, é de grande importância entender a natureza destas *tentações*: se o tentado pudesse vê-las como seus sofrimentos, em vez de seus pecados, suportaria com mais facilidade como uma aflição. Para aqueles que se queixam, abominam, resistem

e oram contra elas, não são pecados, não mais do que quando uma prostituta deixa seu filho à porta de uma mulher honesta; esse filho não deve ser contado como fruto da maldade da mulher honesta. Deus terá muito mais piedade de Seus filhos sob estes sofrimentos.

Terceiro, não devemos permitir que tais pensamentos se alojem em nós, mas, antes que se fixem, devemos repeli-los, como Abraão espantou as aves que desciam sobre seu sacrifício. Sei que o tentado dirá que este conselho não é praticável, pois os pensamentos fervilham como abelhas; mas respondo que são repelidos de duas formas: (1) Por resistência firme e resoluta. Isso, embora não os extinga, impede que se fixem em nós e nos livra da culpa. (2) Por diversão, por meio de um emprego lícito, boa companhia ou outros discursos.

Quarto, em *tentações* de blasfêmia, recusas confiantes funcionam melhor do que discussões. Aqui devemos resistir com coragem e um santo desprezo por Satanás. Se formos temerosos, ele nos insultará mais, como cães que perseguem com mais barulho quem os nota. Abominações e ordens positivas (como a de Cristo: *Vai-te, Satanás*) fazem mais por nós do que debater o assunto com ele.

CAPÍTULO XX
A Natureza da Idolatria. O Desígnio de Satanás de corromper o Culto a Deus.

As Evidências disso, com as Razões de tais esforços. Seu Desígnio geral de afastar os Corações dos Homens

de Deus para o seu Serviço. A Prova de que este é o seu Desígnio e sobre quem ele prevalece. Que Profissões e Confianças não são Evidências do contrário. Seu engano de propor o Pecado como uma Pequena Coisa. As Evidências desse Método e a Razão para ele.

Assim considerei a *tentação* como blasfema. Prossigo agora para considerá-la como idólatra. As palavras *ean peson proskuneses me*, "se, prostrado, me adorares", dão-nos a verdadeira noção de idolatria. A palavra que chamamos "adorar" provém de *kunein*, que significa beijar, ou de *kuon*, que significa cão; ambos para o mesmo propósito, significando qualquer ação de reverência pela qual demonstramos o respeito de nossas mentes. Beijar a mão ou bajular como um cão são gestos que expressam a honra que queremos dar, e, sendo aplicados ao culto divino diante de um objeto indevido, é idolatria; e como tal Cristo a rejeita em sua resposta: *Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás*. Adoramos a Deus quando, em caminhos e ações ordenados ou prescritos, testificamos nossa crença em Seus atributos incomunicáveis. É idolatria quando usamos as mesmas ações de culto prescrito para o que não é Deus, ou quando testificamos nosso respeito ao Deus verdadeiro de uma forma indevida, de nossa própria invenção.

Aqui eu poderia mostrar a vaidade dos subterfúgios papistas; sua distinção de *Latria* e *Dulia* é por meio disto derrubada. Satanás não se coloca aqui como o Deus Onipotente, pois ele reconhece um Superior a si mesmo ao confessar que o poder que tinha sobre os reinos lhe fora dado (*Lc 4:6*); portanto, não a *Latria*, mas a *Dulia* é o que ele requer; e, no entanto, Cristo lha nega como sendo idolatria, visto que nenhum culto religioso é

devido a qualquer outro senão a Deus. A outra distinção deles, de adorar um ídolo (santo, anjo, cruz, etc.) e "diante" de tal criatura, também é esmagada; pois o que Mateus expressa por *proskuneses me* (me adorares), Lucas chama de *enopion emou* (diante de mim). A Escritura não faz diferença entre as duas coisas, mostrando ser idolatria usar culto religioso para o que não é Deus, ou diante dele. Observarei:

Que é um dos grandes desígnios de Satanás corromper o culto a Deus.

Isso aparecerá:

Primeiro, se considerarmos que variedades de culto tem havido no mundo. Deus deu uma lei fixa e estável, e contudo esta tão pouco prevaleceu que os homens logo buscaram novas invenções. Não preciso enumerar as variedades inumeráveis entre os pagãos. O exemplo é claro naqueles que professavam o nome do Deus verdadeiro: estavam sempre mudando para novas modas na religião, tomando padrões de seus vizinhos, de modo que, se houvesse um novo altar em Damasco ou um novo ídolo em qualquer cidade estranha, logo queriam o mesmo, até que (como diz o profeta) conforme o número de suas cidades eram os seus deuses. Aquele que lembrar que o Lavrador semeou primeiro a boa semente e que há tal variedade de joio e falso culto, deve concluir que um inimigo, Satanás, o fez.

Segundo, se lembrarmos como em todas as eras houve uma constância nesta variedade inconstante. Lemos o suficiente sobre isso entre os judeus; e quando saíram do humor de idolatrias mais vergonhosas, corromperam o culto de Deus por suas tradições, às quais eram tão apegados que fizeram a própria Lei de Deus ceder a elas. Os tempos do Evangelho não

foram livres; embora Cristo tenha vindo buscar adoradores que o adorassem em espírito e em verdade, antes mesmo da morte dos apóstolos surgiram alguns que corromperam o culto, levando o povo de volta às cerimônias judaicas, e outros trabalharam para introduzir a adoração de anjos. Desde os dias dos apóstolos, o mesmo desígnio continuou. Roma remendou uma grande quantidade de cerimônias judaicas e pagãs; e quando o homem do pecado for revelado, espera-se uma inundação ainda maior de tais abominações. Quem operou tudo isso senão Satanás?

Terceiro, observemos quão cedo isso começou. No nascimento de Enos (conforme alguns conjeturam), tais contaminações foram trazidas ao culto que Sete chamou seu filho de Enos ("Miserável"), lamentando a profanação que então começara ao invocar o nome do Senhor. Muitos interpretam a passagem de *Gn 4:26* assim: "então se profanou ao invocar o nome do Senhor". A palavra original *Huchal* significa tanto "profanar" quanto "começar". Vários motivos levam homens doutos a essa tradução: (1) Não é provável que os homens tenham começado a invocar a Deus apenas então, e não antes. (2) Aquela era foi notada como corrupta, por isso se nota como raridade que Enoque andou com Deus. (3) Os rabinos geralmente traduzem como "profanar". Isso mostra que a corrupção do culto foi muito precoce, fomentada pelo espírito maligno de Satanás.

Quarto, a Escritura atribui todos esses tipos de corrupção de culto a Satanás. As contaminações em Tiatira são chamadas *profundezas de Satanás*; as corrupções do Anticristo provêm das *operações de Satanás*. Nada pode ser mais claro do que ser este um desígnio antigo e constante de Satanás.

As razões de seus esforços são estas:

Primeiro, ele sabe que este é um pecado de alta provocação. O culto é o tributo devido a Deus, e é Sua prerrogativa prescrever a forma dele. Sua honra é tocada quando o culto é corrompido. Se estabelecemos outro objeto de culto, negamos que Ele seja Deus; se o adoramos de uma forma inventada por nós, negamos Sua sabedoria e nos colocamos acima dEle.

Segundo, se o culto é corrompido, todo o exercício dos afetos do *coração* e o próprio serviço são perdidos e tornam-se inaceitáveis.

Terceiro, Satanás sabe que a corrupção no culto tem sido a base de ódios, querelas, perseguições e problemas sob os quais a Igreja gemeu em todas as eras, destruindo a paz e o amor.

Quarto, Deus é provocado por isso a deixar Seu santuário, remover Sua glória e Seu castiçal.

Quinto, Satanás é industrioso nisso porque seus caminhos possuem muitas vantagens e pretextos especiosos, como "decência", "ordem", "humildade" e "sabedoria", que são muito atraentes para encobrir inovações ousadas.

Disto deixo alguns lembretes: (1) Isto deve nos tornar zelosos contra qualquer alteração no culto de Deus. (2) Isto justifica aqueles que, por medo de cumprir o desígnio de Satanás, não admitem nem um "alfinete" no Tabernáculo além do que Deus prescreveu. (3) O culto mais seguro é o que tem menos mistura de invenção humana.

Esta proposta de Satanás, *prostra-te e adora-me*, deve ser considerada como uma instância do desígnio geral de Satanás de afastar os *corações* dos homens de Deus para os prazeres do pecado. É como se dissesse: "segue meu conselho, entrega-te

ao meu serviço, e serás gratificado com todos os deleites do mundo". Daí, observe:

Que é o desígnio geral de Satanás afastar os *corações* dos homens de Deus, para que sejam escravizados a ele no serviço do pecado.

O Diabo nivela todos os seus esforços para isso: (1) Ele possui um reino neste mundo, sendo chamado o *príncipe deste mundo*. E este não é apenas um governo de força exterior, mas um governo sobre os *corações* e afetos, operando nos filhos da desobediência um amor por esses caminhos. (2) Este reino é contrário ao reino espiritual de Deus. Satanás compete com Deus; assim como Deus convida os homens para a felicidade de Seu reino, Satanás faz o mesmo, prometendo prazer, honra e riquezas se eles se prostrarem e o adorarem.

Aqueles sobre quem ele prevalece são de dois tipos:

Primeiro, alguns estão visivelmente em seu serviço: estes respondem ao caráter de Acabe (*1Re 21:20*), que *se vendera para fazer o que era mau aos olhos do Senhor*. Estão totalmente sob o poder e dispor de Satanás. Fazem-no "aos olhos do Senhor", manifestando impudência desavergonhada no pecado, vestindo abertamente a libré do Diabo. São chamados de "filhos de Belial".

Segundo, alguns são secretamente seus servos; vêm ao Diabo (como Nicodemos a Cristo) de noite. Seus *corações* são inteiramente dele, embora sejam chamados de hipócritas. Os fariseus declaravam-se por Deus, mas eram da semente do Diabo. Muitos que estão em liga com o inferno não o sabem sobre si mesmos. Pois: (1) Este pacto privado pode existir onde há grandes profissões de serviço a Deus. (2) Pode consistir com

alguma intenção de dar glória a Deus, como os judeus que tinham zelo por Deus, mas não segundo o conhecimento. (3) Homens podem ser servos de Satanás sob grandes confianças de seu interesse em Deus, vivendo com "Senhor, Senhor" em suas bocas.

Se parece estranho que tais profissões não bastem para livrar os homens desta carga, respondo: (1) Que estas não concluem necessariamente que o *coração* está reto com Deus. A formalidade e o poder da educação podem fazer muito. (2) A obra que fazem e os fins que servem serão evidências contra as profissões. É uma regra certa que o trabalho mostra a quem os homens pertencem como servos (*Rm 6:16*): *sois servos daquele a quem obedeceis*. Aquele que comete pecado é do Diabo (*1Jo 3:8*). Se alguém se entrega ao prazer da carne, ao mundanismo, ao orgulho, à inveja e malícia, é servo do Diabo, pois faz as obras dele.

Isto deve levar os homens a inquirirem: por quem sois? De quem sois servos? Só há dois que podem reivindicar vocês, e estes dois dividem o mundo inteiro. Não há neutralidade. O serviço de Satanás é vil e escravizante; o serviço de Deus é liberdade, honra, vida e paz.

Esta *tentação*, embora horrível em si mesma, na forma de ser proposta Satanás insinua a largueza de sua oferta e a pequenez do serviço exigido: como se dissesse: "Vê como sou generoso, te darei os reinos do mundo por uma coisa tão pequena como inclinar-te diante de mim". Daqui, observe:

Que quando Satanás projeta nada menos que escravizar os homens ao seu serviço, ele proporá o pecado como uma coisa

pequena, ou apenas um ato de pecado, como algo sem valor, para engajá-los a ele.

Não que ele não deseje levar os homens ao excesso na maldade, mas onde vê consciências escrupulosas, ele parece modesto e exige apenas algo pequeno no início, até que os caminhos do pecado se tornem familiares; então, ele dobra a carga de tijolos. Isso aparece: (1) Pelo argumento comum: "faze isso, é só uma vez, é só um pouco, outros fazem o mesmo". (2) Pela consideração dos caminhos dos pecadores. Alguns vão para o inferno pela cobiça, outros pelo orgulho, outros pela bebida, embora não roubem. Satanás lida assim pelas seguintes razões:

Primeiro, ele vê que um pecado praticado de *coração* é suficiente para significar homenagem a ele e lhe dar posse. Assim como tomamos posse de uma terra por um torrão ou um graveto, por um pecado admitido com pleno propósito, Satanás entra no *coração*.

Segundo, ele sabe que um pecado persistente é suficiente para destruir a alma; como uma ferida pode matar, ou um vazamento afundar um navio.

Terceiro, ele sabe que um pecado quebra o pacto de Deus e afasta o *coração* dEle.

Quarto, um pecado perseguido deliberadamente torna o homem culpado da quebra de toda a Lei.

Quinto, um pecado é suficiente para abrir caminho para mais; ele se contenta com o início esperançoso. É espaço suficiente para a cabeça da serpente, e depois ele facilmente enfiará o corpo inteiro.

Isto deve nos alertar a não sermos encorajados a nenhum pecado pelo pretexto de que é pequeno. Um verdadeiro cristão deve ser um perfeito universalista: deve ser universalmente contra todo pecado e universalmente por todo dever.

CAPÍTULO XXI
Sobre o Prazer Mundano.

Provas de que este é o grande engenho de Satanás. O que há nos deleites mundanos que os torna assim. Conselhos e cautelas contra esse laço.

Chego agora ao argumento que Satanás usou para tudo isso: *Tudo isto te darei*. Ele lança uma maçã de ouro diante de Cristo e busca enredá-lo pela grandeza e pelo deleite mundano. Não examinarei quão verdadeiro ou falso Satanás falou ao chamar todas essas coisas de suas, e que poderia dá-las a quem quisesse; basta para o nosso propósito notar sua pretensão, na medida em que pudesse tornar sua oferta provável, e então observar:

Que o grande engenho que Satanás usa para desviar o *coração* de Deus para o seu serviço são os prazeres e deleites mundanos.

Primeiro, mostrarei que este é o grande engenho de Satanás e, depois, explicarei o que há nele que o torna tão adequado ao seu propósito. O primeiro ponto é evidenciado por estes detalhes:

Primeiro, a Escritura nota particularmente que há um engano ou astúcia nos prazeres mundanos. Cristo, em *Mt 13:22*, fala do *engano das riquezas*; e esse engano é expresso por uma palavra que significa "desviar do caminho", um "extravio". Assim, Ele não se refere apenas à incerteza desses deleites (sentido no qual se diz que as riquezas *criam asas e voam*), que frequentemente decepcionam as expectativas daqueles que mais as abraçam. Nem pode isso ser entendido como riquezas em um sentido ativo, como atribuímos engano aos homens, que, como agentes racionais, podem arquitetar *laços*; mas significa apenas que estas são tão objetivas, como coisas abusadas por Satanás, para iludir e trair os filhos dos homens. E estas são tão frequentemente usadas por ele para tais propósitos, e com tais vantagens de poder e provocação, que Cristo, em outro lugar (*Mt 19:23*), fala disso como algo quase impossível: ter riquezas e não ser enredado por elas: *Quão dificilmente entrará um rico no reino dos céus!*, o que Marcos e Lucas expressam com um espanto afetuoso: *Quão dificilmente se salvarão os que têm riquezas!*.

Segundo, estes são a grande rede de Satanás, que encerra multidões; uma isca geral, pela qual a maioria é fisgada para o serviço do pecado. A maioria das *tentações* provém deste oceano, como fontes que nascem do mar; a *concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida* têm sua origem no mundo (*1Jo 2:16*). Cristo fala deste "Mamom da injustiça" como a única coisa que se levanta em competição pelos *corações* dos homens contra Deus (*Mt 6:24*). E o Apóstolo, em *2Tm 3:4*, enumerando as várias formas de concupiscências particulares, como cobiça, vanglória, orgulho, blasfêmia, etc., conclui todas elas sob isto: que são *mais amigos dos deleites do que amigos de Deus*; mostrando-nos,

assim, que embora as concupiscências dos homens possam correr por diversos caminhos e ser exercidas sobre diversos objetos particulares, todas tomam sua origem dos prazeres mundanos, e seu desígnio não é nada além disso, em geral. Daí é que alguns fazem do mundo o grande traidor de Deus; pois embora enumerem três grandes inimigos de Deus e do homem — o mundo, a carne e o Diabo —, estes três concordam em um só: o prazer da carne é o grande fim e desejo dos homens naturais; o mundo é o armazém do qual os homens extraem diversos prazeres conforme os caminhos que tomam para satisfazer suas concupiscências e humores; e o Diabo é apenas solícito em ajudar tudo isso, seduzindo e persuadindo-os a fazer essas provisões para a carne. E quem pode pensar de outra forma senão que este deve ser o grande engenho de Satanás, quando (como foi dito): (1) o mundo e seus prazeres são a soma de toda a iniquidade, contendo em si, virtual ou realmente, a transgressão de toda a Lei; é a raiz de todos os males (*1Tm 6:10*). Toda profanação contra Deus, toda negligência do dever, todo ultraje, dano ou injustiça ao homem podem (e geralmente costumam) brotar daqui, a ponto de alguns terem rastreado isso particularmente através de cada mandamento do Decálogo, encontrando-o culpado (seja como principal ou acessório) de cada iniquidade. (2) Nossos pensamentos podem ser mais confirmados nisto quando vemos todos os homens enredados por ele. Pois, embora algumas *tentações* pareçam levar os homens diretamente para longe do amor ou cuidado pelo mundo — como o desespero, terrores mentais, humildade voluntária, negligência do corpo e outras do mesmo tipo —, se o assunto for considerado, a verdade em questão não pode ser prejudicada por tal objeção. Pois: (1) aqueles que, em angústia de consciência, parecem mais detestar

o mundo, foram primeiro enredados por ele, e a consideração dessa culpa é a ocasião usual desses problemas. E (2) aqueles que parecem subvalorizar o dinheiro, as riquezas, a fartura, etc., são (talvez) não menos escravos de outras concupiscências mundanas; pois os prazeres do mundo compreendem tudo o que pode surgir de qualquer coisa que esteja no mundo para o deleite da vida. Honra, orgulho, ambição, prodigalidade são concupiscências mundanas, tanto quanto a cobiça e o desejo de poder ou governo. E aqueles que parecem negar-se a comer deliciosamente ou a vestir roupas macias podem estar tão angustiados por um desejo interior de aplauso e honra quanto aqueles que gratificam seus sentidos pelas concupiscências sensuais.

Terceiro, o quanto o mundo serve a Satanás pode ser observado pela força dessa *tentação* sobre aqueles que se engajaram profundamente em sua profissão dos caminhos de Deus; ela frequentemente desviou aqueles que pareciam ter se entregado a Deus. Demas foi outrora elogiado por Paulo como seu cooperador (*Fm v. 24*), contudo, por fim, o mundo tanto prevaleceu sobre ele que Paulo queixou-se (*2Tm 4:10*) de que Demas o abandonara, voltando as costas à sua profissão, e chegando ao ponto (se Doroteu estiver correto) de tornar-se um sacerdote de ídolos em Tessalônica; a causa dessa horrível apostasia foi seu amor ao mundo presente. Balaão parecia resoluto em não agir contra Israel, contudo os caminhos da injustiça tanto o cegaram que ele ensinou Balaque a lançar um tropeço diante dos filhos de Israel. O nível mais alto de cristãos nominais, notados pelo "solo espinhoso" em *Mt 13:22*, parecia diferir do bom solo apenas nisto: que seu fruto estava verde e não maduro (como Lucas expressa), *não produziram fruto com perfeição*. Foram sufocados nesses belos começos e ofertas de

santidade pelos cuidados e prazeres do mundo. Todas as eras abundam em exemplos deste tipo. Eneias Sylvius pregou contra o Papa, colocou o Concílio acima dele, elogiou os alemães por se oporem a ele; mas a promoção o fez alterar sua nota e, por fim, ele próprio tornou-se Papa. Bonner, o perseguidor, parecia a princípio um homem bom, um favorecedor da doutrina de Lutero, mas o avanço o transformou em um lobo sanguinário, um tigre cruel. O Bispo de Split abandonou o papado, mas (perdendo as dignidades que visava na Inglaterra) foi, pela esperança de maior promoção, induzido a lamber seu próprio vômito e a reconhecer o papado novamente. Quantos exemplos temos daqueles que, quanto mais cresceram no mundo, tornaram-se mais descuidados com a religião; como Sisto Quinto, que retrocedeu na religião tão rápido quanto avançou na promoção; de modo que ele, que ao entrar nas ordens tinha boa esperança de sua salvação, ao chegar a ser Papa tornou-se tão perverso que desesperou da felicidade.

Quarto, esta *tentação* é um dos últimos refúgios de Satanás e frequentemente prevalece onde a perseguição não consegue. Os ouvintes do solo espinhoso foram superiores aos do solo pedregoso nisto: resistiram à tempestade e suportaram o calor escaldante da perseguição, mas então o mundo os sufocou. A triste experiência nos diz que igrejas que prosperavam e cresciam como a palmeira sob pressões foram arruinadas pela facilidade e fartura, que tanto nutriram as sementes do orgulho, da vaidade e da contenda que estas cresceram rapidamente e fizeram mais pela desolação delas do que a crueldade de todos os seus inimigos mais ferozes. Juliano, que com a maior arte e política estudou a derrubada do nome cristão, observou isso e estabeleceu como regra corromper os homens por honras, em

vez de forçá-los por tormentos. Também descobrimos que, embora a sinagoga romana junte força à sutileza no avanço de seu Dagon, eles ainda olham para esta *tentação* do mundo como a mais provável para ganhar os *corações* de seus opositores racionais. A crueldade podia atemorizar a multidão insensata e tirar do caminho aqueles de cuja oposição tinham medo, mas raramente operou com sucesso sobre pessoas (guiadas pela luz e consciência) para uma conformidade duradoura. Pois, embora a princípio alguns homens bons fossem intimidados a assinar retratações, como ocorreu com Bilney, Bainham, Cranmer e vários outros, contudo, pelo trabalho da consciência (após passar o atordoamento da *tentação*), eles reagiram tão resolutamente que os perseguidores perderam mais do que ganharam por esse caminho. Mas aqueles que estavam dispostos a "morder a isca" das promoções tornaram-se inteiramente deles. Assim atacaram Lutero, Galeazzo Caracciolo, o Dr. Taylor e muitos outros, embora sem sucesso, pois eles estavam prontos a dizer que seu dinheiro perecesse com eles, e a desafiar tanto o favor quanto o desfavor dos homens. Não obstante, Satanás fez muitas conquistas reais com esta arma e, consequentemente, esta é contada entre as *tentações* de maior força em *Hb 11:37*: *Foram apedrejados, serrados, tentados* — isto é, pelos prazeres e promoções do mundo. Parece que o Espírito Santo quis apontar para isto (por mais belo e plausível que pareça) como um dos engenhos mais poderosos do Diabo.

A seguir, prometi descobrir o que há no mundo que o torna tão adequado aos desígnios de Satanás.

Primeiro, o mundo traz ou oferece matéria adequada para ser o combustível da concupiscência. Por esta razão, o Apóstolo, no

lugar citado, proíbe-nos tão seriamente de amar o mundo ou as coisas do mundo, porque não há nada nele que não possa ser usado como ocasião ou provocação à concupiscência. *Tudo o que há no mundo* é concupiscência da carne, dos olhos ou do *coração*; e não há desejo que não possa ser suprido com um objeto próprio vindo daqui; o apetite, os sentidos ou os afetos buscam todos os seus deleites aqui.

Segundo, além dos materiais comuns do pecado que são cavados desta mina, o mundo possui uma aptidão intrínseca para tentar. Não que ele tenha, propriamente e formalmente, *insidiationis animum* (uma mente insidiosa), uma sutileza ativa para armar *laços* para os homens, mas não é tão puramente passivo a ponto de ser totalmente inocente. Há algo de maldição sobre ele desde que, pela queda do homem, foi desligado de seus fins primitivos adequados. E assim como o Diabo falou pela serpente, assim ele instiga, fala, tenta e insinua pelo mundo; de modo que este é sempre uma ocasião de perigo para nós e possui uma vantagem especial sobre nossos afetos por vários motivos: (1) por ser em si mesmo lícito de ser usado; (2) por ser adequado aos nossos desejos e temperamentos; (3) por ser, em alguns aspectos, necessário e vantajoso para o conforto da vida, para o sustento das famílias e para nos capacitar a ajudar os outros; (4) por estar perto de nós, sob nossos olhos, termos convívio familiar com ele e estar sempre conosco; (5) por termos uma propensão natural a amá-lo; a carne deseja ser agradada, e nada responde melhor a isso do que os prazeres do mundo. Não precisamos nos admirar, então, ao vê-lo cativando tão altamente os afetos dos homens e levando-os presos em correntes e grilhões. Alguns fazem dele seu deus; o ganho é toda a sua piedade e religião; buscam sua porção nesta vida; este é o seu tesouro, e aqui está o seu

coração. E não seria menor maravilha se Satanás fosse culpado de tamanha negligência a ponto de ignorar o uso de um instrumento que é, em todos os sentidos, tão ajustado ao seu propósito.

Terceiro, além deste panorama favorável que oferece ao pecado, o mundo possui uma inimizade contra Deus e Seus caminhos, o que não é menos vantajoso para o Diabo. Isto é afirmado positivamente em *Tg 4:4*: *a amizade do mundo é inimizade contra Deus*. Não apenas isto é verdade em um sentido inferior, como um impedimento ou aversão, mas é uma oposição direta e contrariedade a Deus e ao Seu serviço. O seu retroceder e impedir já é acusação suficiente contra ele: pois (1) retira aqueles pensamentos, afetos, tempo, cuidado e esforços que deveriam ser dedicados a coisas melhores, de modo que a santidade deve necessariamente ser obstruída e definhar por causa dele; (2) impede a influência do Céu, fecha a luz causalmente, apaga e resiste ao Espírito e, meritoriamente, também provoca Deus a retirar-se, a remover Sua glória e a cessar Sua luta com os homens. Mas a contrariedade que ele tem para com todas as partes da santidade é ainda maior; Cristo nota isso em *Mt 6:24*: Estes dois senhores, Deus e o Mundo, são contrários em seus desígnios, em seus comandos, em suas naturezas, de modo que é impossível para qualquer homem servir a ambos. Ambos exigem o *coração*, e ambos o exigem para serviços e fins contrários e incompatíveis. Estes, então, são senhores que desejam ser *Domini in Solidum*, senhores do todo. Ora, não pode haver dois senhores de uma mesma coisa nesse sentido, nem (se houvesse) poderiam os *corações* dos homens servir a esses comandos diferentes, mas seu trabalho necessariamente engajaria seus afetos a apenas um; eles ou amariam um e

odiariam o outro, ou se apegariam a um e desprezariam o outro. Esta simples consideração (se não houvesse outra) torna o mundo um instrumento desejável para Satanás.

Quarto, em tudo isso, o mundo possui tantos disfarces astutos e subterfúgios plausíveis que se torna maravilhosamente útil a Satanás. É a perfeição da política perversa gerenciar desígnios malignos sob pretextos plausíveis; estes o mundo tem prontos quando é acusado de rebelião e traição contra Deus. As alegações de necessidade, de prossecução de uma vocação lícita, de prover para a família, de não negligenciar os benefícios de Deus, de alegrar o *coração* e desfrutar o conforto do trabalho das mãos, e muitas outras, são desculpas prontas para repelir a força da Palavra convincente. O Diabo as impulsiona e as fixa em persuasões tão fortes que o pecador iludido não consegue ver o perigo que está diante dele, nem o adultério espiritual ou a idolatria de sua alma em seu amor excessivo aos prazeres mundanos.

Quinto, o mundo possui também uma fascinação espiritual e feitiçaria pela qual (onde uma vez prevaleceu) os homens são encantados até o total esquecimento de si mesmos e de Deus; e, estando bêbados de prazeres, são facilmente levados a uma loucura e altura de insensatez. Alguns, como crianças tolas, são levados a fazer um grande alvoroço no mundo por meras ninharias, por um espetáculo vão; pensam-se grandes, honrados, excelentes, e por isso fazem grande agitação, quando o mundo não acrescentou um côvado sequer à sua estatura de valor real. Outros são por esta Circe transformados em criaturas selvagens, agindo como leões e tigres. Outros, como porcos, revolvem-se nas concupiscências da impureza. Outros são desumanizados, despindo-se de todos os afetos naturais,

não se importando sobre quem passam, contanto que possam governar ou tornar-se grandes. Outros são tomados por frenesis ridículos, de modo que um homem que estivesse na sombra fresca de uma compostura serena os julgaria fora de si. Alguém se admiraria ao ler sobre os saltos de Gaio Calígula, Xerxes, Alexandre e muitos outros que, por estarem acima de muitos homens, pensaram estar acima da natureza humana; esqueceram que nasceram e que deviam morrer, e fizeram coisas que os teriam tornado (não fosse sua grandeza intimidar) objeto de riso e escárnio comum até para crianças. Nem devemos pensar que estes foram apenas alguns casos raros de intoxicação mundana, quando a Escritura a nota como um mal geral de todos os que se curvam para adorar este ídolo. *Vivem sem Deus no mundo*, diz o Apóstolo; isto é, portam-se como se não houvesse Deus para notá-los ou repreendê-los por sua loucura. *Deus não está em todos os seus pensamentos*, diz Davi (*Sl 10:4-5*). *Os teus juízos estão longe, em lugar muito alto, fora da sua vista; quanto a todos os seus inimigos, ele sopra contra eles... diz no seu coração: Não serei movido*, etc. Todo o Salmo descreve o mundano como um homem que perdeu todo o entendimento e estivesse agindo como um louco furioso. O que, então, pode ser um engenho mais adequado para o Diabo trabalhar do que os prazeres do mundo?

Aplicarei isto brevemente a dois tipos de homens: os que estão apertados pela carência e necessidades, e aqueles cujas taças transbordam, tendo tudo o que o *coração* pode desejar.

Primeiro, aos que pensam que sua medida de confortos externos é pequena, diria, a partir da doutrina agora explicada, que não têm tanto motivo para se afligirem e inquietarem por sua pobreza ou problemas como imaginam. O mundo não é

algo tão desejável como muitos sonham; se os homens considerassem quão grande *laço* ele é e quais perigos acompanham a sua plenitude, não o cobiçariam tão ansiosamente, nem lamentariam tão apaixonadamente quando ele foge deles. Se tens piedade suficiente para aquietar teu *coração* em um desfrute contente do teu pouco, esse pouco que tens é melhor do que as grandes riquezas dos ímpios. Tu pouco sabes de qual orgulho, insolência, desprezo a Deus e aos homens, e de quantas outras *tentações* e concupiscências Deus te preserva ao negar-te coisas terrenas. Estás agora (talvez) olhando frequentemente para Deus, esforçando-te para crer em Sua Palavra, examinando teu *coração*, trabalhando para viver de Deus e de Sua autossuficiência, buscando o pão que dura para a vida eterna; quando, se tivesses as *tentações* da fartura (é de se temer), serias outro homem, e serias levado a esquecer Deus, a ser descuidado no andar santo e, assim, abrir caminho para a amargura e a dor no final.

Segundo, eu também alertaria os homens pobres a não ampliarem demais seus desejos pelo mundo, mas a temerem as *tentações* do mundo. Ele não é um *laço* apenas para os que o desfrutam, mas para os que carecem dele; pois enquanto o admiram e engajam seus afetos por ele, ele os enreda em empreendimentos pecaminosos. São tentados a mentir, enganar, dissimular, usar recursos ilícitos, roubar, furtar, trapacear em negociações e negligenciar o cuidado da alma em tudo. Que tais pessoas lembrem-se: (1) que frequentemente a Providência de Deus frustra e cruza propositalmente os desígnios de tais pessoas, de modo que, embora trabalhem e suem, correndo de mercado em mercado, levantando cedo e deitando tarde, Ele sopra sobre seus ganhos e eles murcham até o nada enquanto ainda estão em suas mãos; ou, se parecem retê-los por mais

tempo, o fim que fazem com eles não é senão colocá-los em um saco furado, *perecem por algum mau negócio* (*Ec 5:14*). (2) Frequentemente têm um enorme trabalho na busca e, quando o objeto desejado está ao alcance, são esmagados pela decepção, como se a Providência quisesse zombar de sua loucura. Isto é excelentemente ilustrado no emblema de um homem escalando uma rocha com grande esforço para alcançar uma coroa que pendia sobre o precipício, e que, ao esticar-se para agarrá-la, cai e quebra o pescoço. (3) E quando, por grande labuta, juntam um monte de riquezas, são frequentemente "famintos" em sua fartura, e tão amaldiçoados que não têm nada mais do que o ver os bens com seus olhos, pois Deus lhes nega um *coração* para usá-los. (4) Seus ganhos não saciam a sede por mais: *Quem amar o dinheiro jamais se fartará de dinheiro* (*Ec 5:10*). (5) Frequentemente as riquezas são dadas como um açoite e praga; como as codornizes dadas aos israelitas, que saíram por suas narinas. O sábio nota isso em *Ec 5:13*: *as riquezas que seus donos guardam para seu próprio dano*.

Terceiro, aos que possuem os deleites do mundo, propriedades abundantes, mesas fartas, casas belas, comércios ricos, honras e dignidades: desejo dar a maior cautela para que tomem cuidado consigo mesmos, porque caminham no meio de *laços*. Estes deveriam considerar: (1) que o grande Deus lhes impôs ordens seríssimas para não amarem o mundo, mas retirarem seus afetos dele, sim, para serem crucificados para ele, quanto a qualquer deleite cativante, e para usá-lo com tal indiferença de mente que, em seu comportamento para com ele, sejam como se não o usassem. (2) Deveriam ter o perigo diante dos olhos. Quão cuidadoso é em seus passos aquele que sabe que caminha no meio de serpentes prontas para picá-lo? O pensamento disso deveria embotar o fio de nossos deleites. Se estivésseis em um

banquete onde soubésseis haver pratos envenenados, teríeis medo de comer qualquer coisa. Pensais que o Capitão Smith, quando foi capturado pelos selvagens da América e teve fartura de carne posta diante dele (que ele sabia ser dada para engordá-lo, para que fosse melhor carne quando fosse morto), teve qualquer apetite para comer ou beber? Foi aquele banquete agradável para quem se sentou sob uma espada afiada pendurada sobre sua cabeça por um fio de crina de cavalo, quando esperava a cada momento que ela caísse sobre ele e o matasse? Tais são os grandes homens, os homens ricos; com que temor e cuidado deveriam usar estas coisas, quando sabem que há risco de dano vindo delas em cada ocasião? Quanto fala Cristo naquela única sentença: *é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus*? Ele não quer dizer que seja absolutamente impossível, mas extremamente difícil, e a dificuldade reside nos obstáculos que suas riquezas lançam diante deles. (3) Deveriam considerar cuidadosamente para que fins Deus dá estas coisas e para que uso devem ser postas. Homens ricos não passam de tesoureiros de Deus; eles apenas carregam a bolsa e o que nela é posto para usos públicos. Se, consequentemente, como mordomos fiéis, eles as distribuem aos que têm necessidade, farão amigos com o Mamom da injustiça e isso se converterá em uma conta espiritual; mas se pensam que tudo é para si mesmos, e assim fecham suas entranhas e bolsas para os outros, então carregam a bolsa da mesma forma que Judas, e serão facilmente persuadidos a vender Cristo e o Céu por um pouco mais de terra.

CAPÍTULO XXII
Sobre a Resposta de Cristo em geral. Que estas Tentações foram por desígnio para nossa Instrução.

Sobre a Concordância entre Efésios 6 e Mateus 4. A primeira Direção. Sobre Resoluções corajosas ao resistir às Tentações. Sua consistência com certo tipo de medo. A necessidade desta Coragem. Em que ela consiste; e que há uma coragem nos Espíritos que pranteiam.

Estas respostas de Cristo às diversas *tentações* (que agora serão explicadas) são diferentes quanto à sua matéria, contudo, sendo o propósito geral delas o mesmo, eu as tratarei em conjunto. Elas podem ser consideradas de duas maneiras:

Primeiro, como respostas adequadas e pertinentes a *tentações* particulares de Desconfiança, de Presunção, de Corrupção do *coração* pelos deleites mundanos para o serviço de Satanás; e assim podem ser úteis em sua consideração para aqueles que são diretamente movidos por Satanás a tais pecados. E quando, em qualquer momento, formos tentados em apertos a abandonar nossa confiança na providência cuidadosa de Deus, podemos olhar para a resposta de Cristo: que a vida do homem não depende tanto dos meios usuais, mas que qualquer outra coisa abençoada por designação divina pode ser útil para esse fim. Quando somos seduzidos a presumir suportes extraordinários, então, pelo exemplo de Cristo, a *tentação* pode ser resistida considerando que, embora Deus deva ser confiado, contudo Ele não deve ser tentado em momento algum por expectativas desnecessárias na negligência dos meios comuns.

Se nossos *corações* forem cortejados pelos deleites mundanos para abandonarmos nosso cuidado com Deus e a religião, podemos então lembrar que isso é uma idolatria abominável, e assim podemos desviar nossos *corações* da conformidade pecaminosa, encarregando nossas almas com os deveres opostos, a partir de uma verdadeira descoberta da vileza e inconveniência das transgressões instigadas sobre nós.

Mas, em segundo lugar, elas podem ser consideradas como dão instrução para o manejo de nossa Armadura Espiritual contra todas as *artimanhas* de Satanás em geral, e neste sentido tentarei abri-las, estabelecendo primeiro estas duas conclusões:

Primeiro, que todo o negócio dessas *tentações*, conforme permitidas a Satanás e submetidas por Cristo, foi certamente por desígnio. A mesma Sabedoria que arquitetou o maravilhoso método da salvação dos homens por um Redentor também ordenou estas *tentações*; pois, do contrário, Cristo poderia tê-las evitado, ou por uma autoridade divina ordenado silêncio ao tentador, e por Seu poder poderia tê-lo expulsado. Como Cristo disse a Pilatos: *Nenhum poder terias contra mim, se de cima te não fosse dado*; manifestando assim que Seu sofrimento provinha de um desígnio mais elevado do que ele percebia. Assim poderia Ele ter dito ao Diabo: "A menos que isto tivesse sido projetado por um Conselho Eterno, não poderias ter feito esta tentativa". Portanto, devemos olhar mais longe para a fonte e origem disto do que para qualquer suposto surto ocasional de malícia satânica sobre Ele.

Segundo, que este desígnio, embora tocasse na Pessoa e Ofícios de Cristo como Mediador e segundo Adão (pois assim Lhe convinha vencer o inimigo com a mesma arma pela qual ele venceu nossos primeiros pais, e por esta experiência pessoal

ser dotado de compaixões profundas para com os tentados), contudo foi inteiramente por nossa causa, como pode aparecer por duas coisas:

1. No fato de que Cristo (se Suas respostas concernissem apenas a Si mesmo) poderia ter dado outras réplicas adequadas. À primeira *tentação*, de transformar pedras em pão, Ele poderia ter retorquido o argumento contra Satanás (como Jerônimo e outros observam): "Se não sou o Filho de Deus, é em vão exigir um milagre de mim; se sou, é em vão tentar-me". Ou poderia ter respondido que, assim como o Pai tem a vida em Si mesmo, assim deu ao Filho ter a vida em Si mesmo, e que por este poder divino Ele poderia sustentar-se sem pão. À segunda, poderia ter sido resposta suficiente ter objetado contra a infidelidade dele ao citar aquele testemunho do *Sl 91*, onde, ao descobrir sua omissão voluntária da cláusula *em todos os teus caminhos*, Sua *tentação* teria caído por terra, por não ter apoio algum daquela promessa. À terceira, poderiam ter sido devolvidas respostas como estas: que a oferta de Satanás era uma mentira; que não estava em seu poder dispor dos reinos do mundo; que estes já eram de Cristo; que estes eram argumentos vãos para desviá-lo da glória de um Reino Celestial; e, finalmente, que de todas as criaturas, Satanás (sendo inimigo jurado de Deus) tinha menos razão para esperar honra divina.

2. No fato de que todas as respostas de Cristo foram extraídas da Escritura (que é, propriamente, uma luz para os passos dos homens) e todas essas Escrituras citadas mostram o dever do homem. Ele não diz: "o

> Filho de Deus não viverá só de pão", mas *o homem não viverá só de pão*; Ele não diz: "Cristo não deve tentar", mas *não tentarás [tu, homem] o Senhor teu Deus*, etc. Por tudo isso podemos discernir que Cristo respondeu não por argumentos peculiarmente aplicáveis à Sua Pessoa e Natureza, mas por tais que se adequam ao estado geral dos filhos de Deus. E isto certamente foi para nossa vantagem; Ele conquistou com tais armas, não por qualquer necessidade que tivesse de seguir esse curso, mas pela necessidade que nós tínhamos de tal instrução; pois por meio disto vemos que Satanás é vencível, e também como devemos usar nossas armas. Nisto Ele também nos deixou um exemplo para que sigamos Seus passos. Como Gideão disse aos seus soldados: *olhai para mim, e fazei como eu fizer*; assim, por assim dizer, nosso Senhor nos fala: "por vossa causa sofri estas *tentações*, para que pudesse ensinar vossas mãos para a guerra e vossos dedos para a batalha; por vossa causa usei estas vossas armas, em vez das minhas, para que eu pudesse mostrar-vos o uso de vossa espada e escudo, e como vosso adversário pode ser vencido por eles". Lidando nisto conosco como um mestre de armas (é a comparação de Musculus) que, para melhor instruir e animar seu aprendiz, toma a espada do discípulo em vez da sua própria para bater no adversário; visando não apenas a conquista de um inimigo, mas também o encorajamento de um jovem soldado.

Se alguém nutre a suspeita de que Cristo não tinha nossa instrução tanto em vista como foi dito, porque Ele não dá instruções tão detalhadas para o nosso bem-estar espiritual

como o Apóstolo em Efésios 6 — esperando que nosso Salvador devesse ter sido mais pontual em fazer aplicações particulares de cada parte de Seu comportamento para nosso uso, e extraindo dali algumas conclusões positivas ou esboços da forma e maneira de resistência —, saiba que não há outra diferença entre Efésios 6 e Mateus 4 senão a que existe entre Preceito e Exemplo. O que o Apóstolo ali prescreveu na teoria, aqui Cristo ensina na prática. Aqui temos em uso o cinto da verdade, o escudo da fé, a espada do Espírito, o capacete da salvação e todas as outras partes daquela armadura. E, além disso, podemos saber que esta é uma forma muito mais vantajosa de ensinar iniciantes: deixá-los ver as coisas em um exemplo claro, em vez de apenas dar preceitos gerais. Além disso, devemos considerar que Cristo fez muitas coisas cujo significado os discípulos então presentes com Ele ainda não conheciam, nem se esperava que conhecessem (semelhante ao que Ele disse a Pedro em *Jo 13:7*: *O que eu faço não o sabes tu agora, mas sabê-lo-ás depois*), mas que pretendiam ser guardadas em reserva para serem mais plenamente utilizadas conforme as direções posteriores viessem a dar-lhes informação. Aquele, portanto, que propusera dar mais luz nesta matéria por meio de Seu apóstolo e servo, estava agora fazendo o que Seu desígnio O levava em Seus atos pessoais, com um respeito secreto também àquelas instruções que pretendia comunicar depois. Não temos, então, razão para duvidar que estas *tentações* foram pretendidas para o nosso uso; antes, devemos assegurar-nos de que foi exatamente assim, porque descobrimos que aquelas mesmas armas que aqui Cristo, em Sua própria Pessoa, empunhou contra Satanás, são depois recomendadas a nós.

Tendo assim lançado o fundamento, devemos então (se quisermos imitar o nosso Capitão) observar cuidadosamente o Seu comportamento ponto por ponto, para que possamos extrair aquelas instruções que Ele pretendeu para nós. E a primeira coisa que notarei será a coragem e a magnanimidade de nosso Líder; Ele suportara *tentações* quarenta dias e noites antes, e contudo mantém o campo sem qualquer aparência de recuar ou fugir. Satanás mal termina de tentar e já é repelido. Desta consideração temos esta instrução:

Que aquele que deseja resistir com sucesso às *tentações* não deve fugir, mas, com uma resolução corajosa, dispor-se a opor-se.

Os cristãos tendem a temer quando Satanás se levanta contra eles, e estão prontos a voltar as costas, como os israelitas ficaram consternados com a aparência de Golias e fugiram diante dele. Mas se queremos conquistar, devemos (como Davi) sair contra ele em nome do Senhor. Para isto somos chamados em *1Co 16:13*: *Vigiai, estai firmes na fé; portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos*; e *Ef 6:14*: *Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade*, etc. Esta coragem recomendada não é um desprezo e um descaso negligente do perigo, nem é uma audácia aventureira em ocasiões de pecado; é uma coragem santa e humilde, e admite um tríplice medo:

Primeiro, um medo do pecado, isto é, um ódio a ele. Devemos temer o pecado como o maior mal; isto não é covardia, mas tende à resolução mais forte e aos maiores esforços contra ele. É a partir deste princípio que os homens se opõem ao pecado como seu inimigo mortal e excitam sua máxima coragem para lutar contra ele. Como os filisteus, tendo medo de Israel e

contudo odiando servir aos hebreus, encorajaram-se mutuamente: *Esforçai-vos, e sede homens, ó filisteus*. O medo do ódio gera audácia.

Segundo, a coragem admite um medo preventivo e uma fuga providente. As ocasiões de pecado devem ser evitadas; não somos chamados com maior seriedade a resistir do que somos avisados, neste caso, a fugir. Assim diz o Apóstolo frequentemente: *fugi da fornicação*, *fugi da idolatria*, *foge das concupiscências da mocidade*. As ocasiões são melhor combatidas fugindo, onde a vocação e o dever não nos obrigam a ficar. *Pv 4:14*: *Não entres na vereda dos ímpios, nem caminhes pelo caminho dos maus*. Luta melhor quem mais foge, onde a necessidade não lhe ordena ficar.

Terceiro, admite também o medo de um ciúme santo; tal desconfiança de nós mesmos que nos leva a buscar abrigo na Rocha que é mais alta do que nós. Deus nos chama a nos voltarmos para a nossa fortaleza e a lançarmos mão de Sua força. É temeridade ou desespero, e não verdadeira coragem, aventurar-nos sem nossa guarda ou escudo. Mas, por mais que devamos temer o pecado, suspeitar de nossa força e fugir das ocasiões, de Satanás não devemos fugir. Aqui somos ordenados a resistir, por estas razões:

Primeiro, é impossível fugir dele. Ele pode nos seguir para onde quer que vamos: se vamos a assembleias santas, ele pode vir ali; se nos fechamos em nossos quartos, ele pode nos encontrar ali; se nos retiramos para um deserto ou para uma multidão, com certeza ele nos achará.

Segundo, somos expressamente encarregados de oferecer resistência. *Tg 4:7*: *Resisti ao diabo*. *1Pe 5:9*: *ao qual resisti*.

Isto fala claramente de esforços positivos e oposição de nossa parte.

Terceiro, um medo que desfalecer é uma desconfiança incrédula do poder de Deus, como se Ele não fosse capaz de salvar perfeitamente, e da ternura compassiva de Cristo, como se Ele não quisesse socorrer os que são tentados.

Quarto, o nosso desfalecimento faz Satanás insultar. Ele triunfa quando voltamos as costas e, além disso, tem maior vantagem para nos ferir ou nos pisotear à vontade. Observa-se que Deus provê armadura para a cabeça e o peito, e todas as partes frontais, por meio de um escudo em caso de resistência; mas se fugimos (tão pouco encorajamento há para a covardia), não há armadura para as costas.

Quinto, é mais adequado à coragem cristã morrer no posto e colocar tudo ao risco máximo do que ceder. Segundo o lema de Vespasiano: *Oportet Imperatorem stantem mori* (Convém que o imperador morra de pé). Todo cristão deveria dizer: "alguém como eu fugirá?". Alguém que entregou seu nome a Deus; alguém que professou santidade diante dos homens; alguém que tem tantas vantagens para a resistência e encorajamentos tão doces de um General Vitorioso.

Mas a grande questão é: o que é este medo que é proibido e a coragem que é ordenada?

Resposta: O medo proibido é uma fraqueza e pusilanimidade incrédula, pela qual, como quem não tem esperança de sucesso, os homens lançam fora suas armas e entregam-se a Satanás, quando os *corações* dos homens falham a ponto de cederem a vitória.

A coragem espiritual (pelo contrário) é uma resolução séria de lutar até o fim na força do Senhor, e consiste nestas duas partes:

Primeiro, uma Resolução Sincera de estar do lado de Cristo contra toda a iniquidade, uma determinação deliberada e não fingida de lutar por Deus e Seus caminhos santos contra Satanás e o pecado. (1) O fundamento desta determinação é uma convicção do mal do pecado, chegando ao ódio por ele. Aquele que não pesou profundamente a miséria de viver no pecado, e não propôs plenamente dentro de si abandoná-lo, não pode ter verdadeira coragem cristã quando chega o momento crítico. (2) A partir deste fundamento, ele se coloca sob compromissos solenes com Cristo, seu General (como soldados se alistam sob seus capitães), de que o seguirá e observará seus comandos; ele se entrega a Deus por pacto. De modo que agora não é mais seu, mas servo de Cristo, vinculado ao Seu trabalho. (3) E isto com tal ou tanta crença em Suas promessas de auxílio e vitória, que ele tem ao menos algumas esperanças ou expectativas de que Deus possa, por fim, assisti-lo de tal modo que ele alcance algum grau real de mortificação da carne com seus afetos e concupiscências.

Segundo, a segunda parte desta coragem consiste em um manejo adequado deste empreendimento. A coragem não é vista apenas no primeiro ataque, mas na prossecução da guerra; e isto reside em duas coisas: (1) Quando há esforços reais contra o pecado (correspondentes a este empreendimento) em todas as formas de lutar para opor-se a ele: quando os homens não se engajam contra o pecado apenas com palavras grandes; ou como os filhos de Efraim (que, armando-se e carregando arcos, pareciam ter resoluções fortes, mas voltaram atrás no dia

da batalha), mas com lutas reais e conscienciosas, colocando-se com todo o seu poder e cuidado contra cada *tentação*, e estudando perseguir a vitória (onde em qualquer grau ela é obtida) até uma altura maior. (2) Quando estes esforços são sinceramente persistidos, sem serem totalmente exauridos ou desfalecerem por completo, de modo que nunca cheguem ao ponto (embora possam estar às vezes sob os pés de Satanás) de abandonarem seu primeiro compromisso solene, ou se arrependerem de seu empreendimento, e então voltarem as costas para Deus, alistando-se sob as cores de Satanás. Tal desfalecimento privaria os homens de sua coroa: *colheremos a seu tempo, se não houvermos desfalecido* (*Gl 6:9*). Sobre este risco os filhos de Deus são advertidos em *Hb 12:3*: *para que não enfraqueçais, desfalecendo em vossos ânimos*. (3) Há também um tipo particular de coragem expressa em um desprezo santo e humilde das sugestões de Satanás, quando, após todos os meios usados, elas não cessam de ser perturbadoras: isto não é desprezar o pecado, mas desprezar Satanás, que, embora resistido, não cessa de molestar.

Aplicarei particularmente esta primeira direção: (1) àqueles que propõem facilidade para si mesmos em sua carreira ou guerra (o que é impossível para quem faz o trabalho de um soldado), não considerando que o trabalho e os esforços corajosos os aguardam; (2) àqueles que se pretendem soldados de Cristo: a coragem e a magnanimidade cristã são o vosso distintivo; por isso deveis ser conhecidos. Como estais? Quais são as vossas resoluções e empreendimentos? Aqueles cristãos que têm gozo e paz no crer podem mais facilmente satisfazer-se nisto, mas aqueles que lutam em lágrimas e dor, em inquietações e pensamentos perturbados, tendem a concluir-se incrédulos porque são temerosos; ou a pensar que não olham para Jesus, o

autor e consumador de sua fé, porque se percebem cansados e desfalecidos em suas mentes. Para o alívio e ajuda de tais pessoas, mostrarei em alguns pontos que há uma coragem cristã tão real em tais pranteadores quanto em alguns que cantam hinos de triunfo.

Primeiro, é uma coragem e um empreendimento real contra o pecado que alguém resolva dar o seu máximo, por detestação a ele, antes mesmo de poder convencer-se de que Deus o aceitará. Opor-se ao pecado sob tal desânimo, ou sob tal risco, é um ódio corajoso; e contudo assim fazem estes pranteadores.

Segundo, estar sob contínuas tristezas por causa de erros, de modo que outras coisas de desfrute externo deixem de ser agradáveis, é um ódio corajoso; e este é o caso deles.

Terceiro, lutar contra o pecado sob grandes desânimos, quando aflitos e agitados, quando Satanás investe contra eles e os sacode pelo pescoço, e contudo continuam sua luta e resistência conforme são capazes. Isto é resistência fiel, uma *resistência até o sangue, combatendo contra o pecado* (*Hb 12:4*). Isto é (se essa expressão for proverbial, como *ad sanguinem usque*), eles resistem ao pecado fielmente, sob grandes riscos e inconveniências, até feridas e sangue, até terem cabeças e rostos quebrados; e podem dizer a Deus: "embora tenhamos sido quebrantados no lugar dos dragões, e tenhamos estas feridas para mostrar, contudo não nos apartamos de Ti, nem abandonamos nossos desejos por Ti e pela santidade, apesar de todos estes bofetões de Satanás". Este é o caráter destes abatidos.

Quarto, é um ódio corajoso que não pode permitir que uma moção pecaminosa caia sobre a alma sem que tudo entre em

combustão interior e surja a inquietação, pois é um argumento de que há uma contrariedade entre o *coração* e o pecado; e este é também o caso deles.

Quinto, é Coragem e Constância manter-se em esforços e lutas graciosas; de modo que, quando caem, assim que podem recobrar suas forças, recomeçam onde pararam e renovam a batalha, nunca mudando sua primeira resolução pela santidade contra o pecado. Isto está implícito na frase do Apóstolo sobre "estar firme" em *Ef 6*: *para que possais resistir... e, havendo feito tudo, ficar firmes*. Considera-se que está firme aquele que não foge do campo, mas mantém sua santa resolução até o fim, embora a batalha vá duramente contra ele em certos momentos. Tais são estes pranteadores.

Há verdadeira coragem sob o pranto e a inquietação do *coração*, de modo que podemos dizer a tais pessoas: "Ó tu, aflito e agitado, não temas; a glória do Senhor brilhará sobre ti". Aqueles que são fracos neste sentido serão fortes como Davi.

CAPÍTULO XXIII
A segunda Direção: que as Tentações não devem ser discutidas.

As diversas formas de discutir uma tentação. Em quais casos é conveniente e necessário discutir com Satanás. Em quais casos é inconveniente, e as razões para isso.

O próximo ponto observável na conduta de Cristo para com Satanás é este: Cristo (embora tenha rejeitado cada *tentação* dando uma razão para sua recusa baseada no mandamento de Deus) não permitiu que Satanás discutisse suas *tentações* além da proposta inicial. Em Suas respostas, Ele não toma conhecimento das razões ou motivos pelos quais o inimigo trabalhava para tornar suas *tentações* prevalecentes. Nas duas primeiras *tentações*, Ele não dá resposta ao que Satanás insinuou por sua suposição: *Se tu és o Filho de Deus*. Ele não afirma que o era, nem revela ao inimigo Seu conhecimento da sutil *artimanha* que ele envolvera sob aqueles pretextos plausíveis. Na terceira, Ele não responde uma palavra sequer à vaidade e falsidade da oferta enganosa dos reinos do mundo, embora (como foi observado) pudesse ter oposto fortes razões contra todas elas. Além disso, quando Satanás tornou-se insolente e impudente ao tentar Cristo a prostrar-se e adorá-lo, Ele o expulsa com uma severa abominação: *Vai-te, Satanás*. Disto temos uma segunda direção:

Que as *tentações* ao pecado devem ser opostas por negações peremptórias, e não por discussões.

Esta é uma nota que a maioria dos comentaristas faz sobre este texto; contudo, ela necessita de uma aplicação distinta, pois não é uma regra tão geral que a prática dos filhos de Deus não tenha aberto exceções contra ela. Para uma explicação mais clara, eu irei:

Primeiro, apresentar os diversos tipos de discussões, para que vejamos que nem todas são iguais. Pois:

Primeiro, o trabalho sério dos pensamentos em uma negação rápida de uma *tentação*, com uma razão implícita ou expressa

(embora não admita Satanás a qualquer disputa ou argumento posterior), pode, em certo sentido, ser chamado de uma discussão; pois a Escritura usa o termo *logismos* para qualquer pensamento sério interno. Esse tipo de discussão é necessário. Ele não pode faltar a ninguém que recuse um movimento pecaminoso, sendo esta (como veremos depois) uma das direções que Cristo nos pretendeu dar por Seu exemplo, e a própria coisa que Cristo praticou em cada *tentação*: pois Ele não se contentou em dar uma negação nua, mas sempre acrescentou uma razão para tal recusa. Aqueles que, em termos gerais, instam que as *tentações* não devem ser discutidas, não consideram isso como uma discussão. E outros que o fazem (tomando a discussão como a recusa de algo com uma razão atribuída) pensam que o procedimento d'Ele nas duas primeiras *tentações* não nos é imitável, mas apenas o da terceira, na qual Ele expulsou o Diabo com uma negação irada; mas o erro é óbvio.

Segundo, há uma discussão de curiosidade e conferência desnecessária. Isso ocorre quando um movimento pecaminoso injetado em nossos *corações* não recebe consentimento direto, mas, em vez de uma negação plena, o homem começa a levantar questões e a fazer objeções de menor importância, ou perguntas impertinentes que não atingem a raiz. Como alguém observou sobre si mesmo: em vez de negar um movimento pecaminoso, começou a discutir se ele vinha de Satanás ou de sua própria inclinação e, assim, em vez de apagar o fogo, ocupou-se em inquirir de onde ele vinha. Os homens lidam com as *tentações*, neste caso, como aqueles que, ao serem questionados se comprarão tal mercadoria, respondem apressadamente que não, mas logo chamam o vendedor de volta e perguntam: "de onde veio?" ou "quanto custa?". Por tais

enredamentos de curiosidade, acabam por comprá-la. Eva falhou por tal conferência imponderada com Satanás; pois o início abrupto da fala da serpente (*É assim que Deus disse: Não comereis*, etc.) e o resumo dos argumentos que a convenceram a comer (*vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos*, etc.) evidenciam claramente que houve mais conversa do que a ali expressa, tendente a assegurar a bondade, o prazer e o proveito do fruto. Esse tipo de discussão é sempre ilícito e perigoso, pois não passa de um folguedo lascivo com uma *tentação*, um brincar no buraco da áspide, e comumente termina em uma conformidade pecaminosa.

Terceiro, há uma discussão de indiferença deliberada e negociação. Isso ocorre quando o Diabo coloca um pensamento de pecado na mente e (enquanto o homem parece não estar ansioso para abraçá-lo) o deixa para consideração posterior. Então ele flutua entre o resolvido e o não resolvido, entre prós e contras, estando em grande disputa consigo mesmo sobre o que é melhor fazer, se as conveniências de um lado compensarão as inconveniências do outro. Isso, em casos de pecado aparente, é um ímpio coxear entre dois pensamentos, sempre ilícito.

Quarto, há também discussões traiçoeiras e parciais, nas quais o *coração* toma o partido de Satanás. Estes são os debates encontrados no homem natural sobre o fazer ou não fazer coisas pecaminosas. Isso se parece tanto com o combate entre a carne e o espírito que ocasionou uma investigação sobre como podem ser distinguidos. Conclui-se geralmente que, na luta do homem natural, a luz do entendimento e da consciência opõe-se à inclinação dos afetos; e as mesmas faculdades (embora

santificadas em parte) no regenerado são as partes que se opõem mutuamente. Mas com esta diferença principal: que na luta da carne e do espírito, o homem toma o partido de Deus; ao passo que na outra, os afetos tomam o partido do Diabo e, em uma aversão maligna à luz, esforçam-se por apagá-la e superar a convicção da consciência, de modo que o homem se esforça para pecar e para calar a boca de tais objeções que surgem contra ele. Esse tipo de discussão é sempre pecaminoso.

Quinto, há ainda a discussão em sentido estrito, que é um debate pleno e solene de uma injeção satânica, dando-lhe audiência completa e admitindo Satanás como respondente às nossas objeções. Sobre isso, questiona-se até onde pode ser conveniente ou inconveniente, visto que vemos que Cristo, neste lugar, não discutiu assim com Satanás; e contudo encontramos instâncias na Escritura de alguns homens santos que foram inevitavelmente engajados a discutir uma *tentação* até o fim.

Para responder a essa dúvida, mostrarei, em segundo lugar, em quais casos pode ser necessário ou conveniente entrar na arena com Satanás em uma discussão santa, e em quais casos é inconveniente e perigoso. Há quatro casos em que podemos discutir uma *tentação*:

Primeiro, quando o movimento é sobre coisas duvidosas e discutíveis, se são lícitas ou não. Aqui, a discussão não pode ser evitada; pois, embora (como aconselha o Apóstolo em *Rm 14:1*) as discussões duvidosas não devam ser impostas aos outros para prendê-los às nossas convicções, contudo, nestas coisas, cada homem (antes de poder agir com clareza) deve buscar sua própria satisfação sobre a licitude ou ilicitude da

coisa, para que esteja inteiramente seguro em sua própria mente (v. 5). Ele dá duas razões fortes para isso (v. 22, 23): (1) Pela tortura e problema que, de outro modo, o homem pode sofrer enquanto sua consciência insatisfeita o condena naquilo que, por uma prática contrária, ele permite. (2) Porque essa condenação da consciência (enquanto ele faz o que não crê ser lícito) é uma evidência de seu pecado, bem como uma ocasião de seu problema.

Segundo, as discussões têm lugar quando uma *tentação* se apoderou dos pensamentos e se possuiu de tal modo que nossa corrupção se levanta em defesa da sugestão. Satanás não abandonará esse posto (embora seja um intruso sem nossa permissão) até que seja expulso de seus quartéis. O Apóstolo, em *Ef 6*, implica isso pela expressão de *apagar os dardos inflamados do Maligno*. Não é adequado entendê-lo apenas como uma recusa do primeiro movimento do pecado (embora os intérpretes geralmente o tornem abrangente tanto para manter o dardo fora quanto para arrancá-lo), porque isso evidentemente supõe que o dardo perfurou a alma e agora começa a queimar e inflamar, o que exigirá mais trabalho para apagá-lo do que uma recusa do primeiro movimento nos exigiria. Como quando o fogo se apodera de nossas casas: seremos forçados a trazer água para extinguir a chama, o que (antes de ter irrompido sobre o edifício) um cuidado comum poderia ter evitado. E isso nos é ensinado ainda por uma distinção que o mesmo Apóstolo usa no mesmo lugar entre "estar firme" e "resistir". Devemos manter a *tentação* afastada para que não entre, estando firmes contra o assalto em uma negação peremptória; mas, se ela entrar, seremos obrigados, por uma força de discussão santa, a arrancar a flecha e resistir a ela.

Terceiro, muito mais necessidade temos de discutir quando a *tentação* presente é um movimento de um pecado ao qual estamos habituados e que praticamos há muito tempo; pois esses tipos de movimentos pecaminosos não são expulsos facilmente. Neste caso, Davi aconselha seus inimigos (*Sl 4:4*) — que por muito tempo amaram a vaidade e buscaram a mentira — que, consultando o próprio *coração* e discutindo contra suas práticas pecaminosas, se colocassem sob um temor santo e, por esse meio, parassem o curso de seu pecado. Esta, de fato, é a grande coisa para a qual os pecadores são chamados por Deus: ponderar seu estado, considerar seus caminhos, estudar o mal e o perigo do pecado, examinar-se e arrazoar juntamente com Deus sobre a maldade e ingratidão de suas ações, e sobre a beleza, bem-aventurança e felicidade contrárias dos caminhos de Deus, para que assim possam ser levados ao arrependimento; tudo o que é feito apenas por uma discussão séria de seu caso e risco.

Quarto, é conveniente, e em alguns casos necessário, discutir uma *tentação* que Satanás nos oferece pela boca dos homens que nos seduzem a partilhar com eles em sua maldade. Pois aqui, ao discutir, podemos não apenas desencorajar sua solicitação posterior e assim nos livrar de *tentação* semelhante no futuro, mas também, pelo exercício de uma santa caridade, esforçar-nos por arrancá-los do fogo. Quando a senhora de José o tentou, ele considerou que tinha de lidar tanto com o Diabo quanto com sua senhora (*Gn 39:7, 8*); e, portanto, para resistir ao Diabo, recusou peremptoriamente a *tentação*, mas para afastar sua senhora de sua perseguição ilícita, ele discute com ela sobre a ingratidão, o perigo e a ilicitude de tal ato: *o meu senhor não sabe do que há em casa comigo, e entregou em minha mão tudo o que tem... como pois faria eu este tamanho*

mal, e pecaria contra Deus?. Quando os pecadores nos seduzem a lançar nossa sorte entre eles, a piedade para com eles e o cuidado conosco nos engajarão a discutir a loucura e o perigo de seus caminhos, a menos que se comportem como cães e porcos; sua conduta nos dando justo fundamento para concluir que estão tão obstinados na maldade que nos colocaria em perigo, em vez de lucrar a eles, debater o assunto. E assim foi provável (e o texto parece sugerir isso) que, quando José percebeu que sua senhora estava resolvida na perseguição e que seus raciocínios não eram ouvidos, ele persistiu em sua negação, mas cessou suas discussões.

Contudo, embora possa ser conveniente discutir (no último sentido mencionado) nestes quatro casos, há outros em que será inconveniente e arriscado discutir ou argumentar, e desta ordem enumerarei quatro:

Primeiro, não é seguro discutir o assunto em *tentações* vis e infecciosas, tais como as que são adequadas às nossas inclinações ou que podem receber um aspecto favorável da postura de nossos negócios e condição. Estas *tentações* (mesmo em nosso debate contra elas) são como a abertura de um sepulcro, que exala uma corrente venenosa capaz de infectar aqueles que a detestam e resistem. É perigoso admitir fogo na mesma sala onde há pólvora, embora não haja intenção de acendê-lo. É uma observação antiga que a própria confissão de pecados infecciosos (embora projetada para gerar vergonha e resolução contra eles para o futuro) acendeu uma nova chama pela declaração desnecessária do modo e das circunstâncias, de modo que os penitentes retornaram do confessor mais infectados do que quando foram; e aquelas mesmas pessoas cujo cuidado deveria ter sido colocar a maior desonra sobre os

pecados confessados receberam tal veneno pelo ouvido que o *coração* foi imediatamente infectado. O mesmo risco permanece para aqueles que estão dispostos a debater tais pecados com Satanás; pois, embora comecem sob o pretexto da resistência, o próprio deter-se em tal assunto transmite olhares tão amorosos aos afetos traiçoeiros que o *coração* corre o perigo de um veneno secreto. Não há melhor caminho em tais casos do que ordenar que todos esses pensamentos e considerações saiam de nossas costas e (como fazemos quando a cidade em que vivemos está infectada) retirar-nos do ar de tal *tentação*. Podemos observar o mesmo cuidado em José: embora se sentisse compelido a princípio a opor-se ao pedido ilícito de sua senhora, vendo-a desesperadamente obstinada em sua loucura, ele declinou toda comunicação com ela e *não queria estar com ela* (*Gn 39:10*); e por fim, quando ela o pegou pela roupa, ele a deixou na mão dela e fugiu (v. 12). Ele poderia facilmente ter resgatado sua roupa, não estivesse ciente de que contestar contra ela poderia ser uma ocasião de enredamento para si mesmo. O próprio Cristo, quando foi tentado por Pedro a poupar-se (que era uma *tentação* muito atraente à natureza humana, especialmente quando o sofrimento e a morte estão à vista), é mais curto e poupador em seu raciocínio contra ela do que foi quando o Diabo o tentou. Ele não dá razões positivas contra ela, como fez quando foi tentado a prostrar-se e adorar o Diabo, mas livra-se de qualquer consideração posterior do assunto por um horror declarado: *Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens*. O que é como se tivesse dito claramente: "isto é tão aparentemente do Diabo, e tão abominado por mim

(por ser tão adequado à minha condição), que nem sequer falarei sobre isso, nem o considerarei".

Segundo, geralmente em todas as *tentações* (embora não tenham a vantagem de nosso estado especial ou inclinação atual) de um afastamento aparente da obediência, ou de coisas inquestionavelmente pecaminosas, não é conveniente discuti-las, mas dispensá-las com uma negação. Em casos conhecidos, não precisamos parlamentar, mas negar com firmeza. Nossas resoluções pelo dever e contra o pecado não deveriam estar por se buscar: temos certeza de que o pecado deve ser evitado e o dever praticado; aqui deveríamos ser peremptórios. Abraão, estando certo do dever quando Deus o chamou, não discutiu a incerteza, o perigo ou inconveniência que possivelmente acompanhariam sua mudança, mas *saiu, sem saber para onde ia* (*Hb 11:8*). Paulo, sendo chamado por Deus para pregar entre os gentios, embora a carne e o sangue estivessem prontos com argumentos contra isso, não consultou com eles, mas obedeceu imediatamente (*Gl 1:16*). Instâncias semelhantes eu poderia buscar em outros homens santos. Cipriano, quando o proconsul lhe deu a escolha entre obedecer ou ser morto, ordenando-lhe que tomasse tempo para considerar, prontamente respondeu: *In re tam sancta non est deliberandum* (Em assunto tão santo não se deve deliberar). A Sra. Ann Askew, quando na estaca pronta para ser queimada, recebeu a oferta de perdão pelo Lorde Chanceler; ela nem sequer olhou para o documento, mas devolveu esta resposta: que não viera ali para negar o seu Senhor e Mestre. O Bispo Hooper, na mesma condição, teve uma caixa colocada diante dele com um perdão dentro, e ao entender o que era (tendo tanto medo de mexer com uma *tentação*), clamou: "Se amais a minha alma, fora com isso! Se amais a minha alma, fora com isso!". E muitos outros houve

em todas as eras que, longe de aceitarem tais livramentos ilícitos, nem sequer tomavam em consideração os termos injustos pelos quais poderiam ter escapado.

Terceiro, quando uma *tentação*, após todos os meios usados, continua a ser perturbadora, e é antes um incômodo do que uma infecção, então não devemos discuti-la, mas desprezá-la com um santo desprezo. As *tentações* à blasfêmia são frequentemente desta natureza (como notado em seu lugar) e há outras coisas pelas quais Satanás cria grande inquietação aos filhos de Deus, enquanto estes, nesse ínterim, abominam o pecado e clamam contra a provação. Aqui, quando o mensageiro de Satanás não quer partir, é um conselho que tem a aprovação geral de homens santos e experientes que devemos desprezar a *tentação* como um caminho aprovado para nosso sossego e paz; pois, enquanto pensamos em repelir tais assaltos lutando com argumentos, apenas aumentamos a força deles: como aquele que pensa em abrigar-se contra o vento segurando sua capa diante de si, apenas atrai sobre si uma rajada mais forte.

Quarto, em *tentações* de perturbação e terror internos, não é conveniente discutir o assunto com Satanás. Davi, no *Sl 42:11*, parece corrigir-se por seu erro; sua alma estava abatida dentro dele e, para a cura daquela *tentação*, ele se preparara com argumentos para uma disputa; mas percebendo-se em um curso errado, chama sua alma para fora da inquietação, para uma aplicação imediata a Deus e às promessas: *Espera em Deus, pois ainda o louvarei*. Mas no *Sl 11:1*, ele está mais adiantado em seu trabalho; pois enquanto seus inimigos eram agidos por Satanás para desencorajá-lo, ele rejeita as *tentações* de início, antes que se fixassem em seus pensamentos, e as afasta como

algo a que não daria ouvidos: *No Senhor confio; como dizeis, pois, à minha alma: Fugi para o vosso monte, como um pássaro?*. E há razões de peso que deveriam nos dissuadir de entrar na arena com Satanás em *tentações* de perturbação interna: (1) A determinação da sinceridade da alma e de seu estado convertido é uma questão de não pequena dificuldade, uma controvérsia nodosa, mais intrincada e abstrusa do que aquelas controvérsias que nas Escolas têm maior fama de dificuldade; pois esta é sujeita a objeções mais pesadas e necessita de distinções mais sutis. Como observa o Dr. Goodwin: aqueles que conversam com espíritos abatidos encontram tanta rapidez e agilidade de raciocínio, voltando-se para todos os lados para evitar a força de um argumento trazido para sua consolação, que até mentes sábias e capazes são frequentemente postas em xeque e não sabem o que responder. Seria então adequado dar a Satanás esta vantagem? Ou admiti-lo tão longe em nosso raciocínio? Aquele que convidar Satanás para tal contenda certamente terá as mãos cheias.

Segundo, este tipo de *tentação* costuma desabilitar os homens para o argumento; muitas vezes confunde o cérebro, entorpece o entendimento e enfraquece a memória. Hemã queixa-se de si mesmo como distraído por terrores. Jó chama a si mesmo de desesperado. Tais pessoas não estão, certamente, em condições de gerenciar uma *tentação* com um sofista tão astuto quanto Satanás.

Terceiro, se eles descem para a batalha, ele não é apenas forte demais para eles, mas comumente, depois de um tempo, eles tomam o partido de Satanás contra si mesmos e concordam com ele, concluindo contra a sua própria paz.

Quarto, há também um caminho melhor à mão do que entrar em uma disputa: ir a Deus por um ato presente de fé, amor ou arrependimento, quando a verdade de qualquer um destes é questionada. É uma tarefa difícil provar, às vezes, que atos anteriores de fé, amor ou outras graças foram sinceros; isso pode admitir tais objeções de um espírito ferido que será difícil respondê-las. Mas, neste caso, é um caminho mais curto ver se não há, em todas essas queixas, alguns atos presentes dessas graças: se tais queixosos não estão dispostos a abraçar a Cristo sob quaisquer termos, se não odeiam o pecado, se não desejam sinceramente reconciliar-se com Deus, etc. Frequentemente acontece que isto detém o problema, quando exames de atos passados nada fazem por eles. Alguns homens têm mais trabalho (como diz um autor) para reparar e ajustar um edifício velho do que serviria para erguer um novo. Contudo, deve-se lembrar que, embora o melhor curso seja resistir a *tentações* desta natureza de início, evitando discussões desnecessárias, não obstante, quando esta (como notei antes de outras *tentações*) se apoderou do *coração* e tomou posse, então seremos forçados a encher nossa boca de argumentos e, queiramos ou não, devemos passar por uma contenda: como vemos em Davi, que quando seus problemas prevaleceram sobre ele, foi forçado a pleitear com Deus, consigo mesmo, com a *tentação*, e a recorrer à experiência anterior — os dias da antiguidade e os anos da destra do Altíssimo — e tudo parecia pouco.

Terceiro, tudo o que direi ainda sobre as inconveniências de discutir com Satanás será dar-vos as razões que manifestam que essas comunicações desnecessárias com ele são em todos os sentidos arriscadas e inadequadas. A saber:

Primeiro, é uma honra para Satanás e uma desonra para nós mesmos. Os homens relutam em ser vistos contestando com pessoas de um nível muito inferior, especialmente em coisas que trouxeram a estas uma infâmia notória. É uma peça usual de generosidade em homens de espírito que eles desprezam lutar com um desordeiro, ou contender com um mendigo, ou ser encontrados na companhia daqueles que estão sob um mau nome merecidamente; e em assuntos que são vis e baixos, é altamente desonroso admiti-los a um debate. Tais coisas ou obterão mais crédito do que merecem, enquanto parecem ser apoiadas por uma disputa, ou então comunicarão seu descrédito àqueles que mostrarem tal familiaridade com elas.

Segundo, ao recusarmos discutir as *tentações*, despertamos em nossos *corações* uma abominação ativa delas e, por essa abominação, somos alertados e fortalecidos contra elas. Isso deve necessariamente despertar nosso ódio para uma atividade presente contra aquele pecado que nossa consideração, à primeira vista, apresenta-nos como tão abominável que não merece outra resposta senão ser chicoteado para fora de nossa vista. E quando nosso *coração* está assim alarmado, não pode senão manter-se em guarda. É um curso que homens santos tomaram para manter os homens a uma distância maior do pecado: apresentá-lo como algo de maior abominação; e esse é o intuito daquela expressão em *Rm 6:1*: *Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum*. A vileza daquele abuso da graça do Evangelho ele mostra colocando-o abaixo do mérito de qualquer pensamento sério; ele aguça as apreensões contra isso por um clamor de detestação. O mesmo faz em *Ef 5:3*, onde se esforça por colocar os *corações* contra a impureza e a cobiça, dizendo que era impróprio aos santos que tais coisas fossem sequer nomeadas por eles.

Terceiro, a discussão é um convite secreto ao Diabo para instigar a *tentação* ainda mais: apenas brincamos com ele e lhe damos ocasião para nos seguir. Eva descobriu a verdade disso por triste experiência; ela se portou de tal modo que insinuou claramente ter vontade de ouvir o que o Diabo podia dizer sobre o comer do fruto proibido; e tanto instou a proibição de Deus e a ameaça que buscou de Satanás uma confirmação de sua descrença secreta, em vez de esforçar-se fielmente por uma repulsa da *tentação*; e mencionou a ameaça sob termos de incerteza e "porventura", como uma objeção que desejava ver removida, em vez de, a partir de uma crença firme naquela morte falada, fortificar-se em seu dever. Por tudo isso Satanás foi tão encorajado a prosseguir que imediatamente a confirmou em sua desconfiança.

Quarto, estas discussões geralmente não retornam nada de vantagem para nossa conta, mas sim para a de Satanás. Entramos desnecessariamente na arena com ele, e isso em termos muito desiguais, sendo ele (como Saul disse de Golias e Davi) um homem de guerra desde a sua juventude, e nós apenas jovens fracos e inexperientes. Saímos de nossas trincheiras e deixamos nossas armas para trás; expomos nossos peitos nus a todos os seus dardos e, ao conversarmos com ele, ele ganha tempo para que o veneno trabalhe mais poderosamente sobre nossos afetos. Se ele foi forte demais para nossos primeiros pais nesta arma, nós, cujos *corações* não são tão fiéis a Deus como os deles na inocência, mas corrompidos por Satanás (que também tem um partido em nós), não temos probabilidade de sair com triunfo.

Quinto, estas discussões pressagiam (consequentemente) uma derrota. Uma cidade que parlamenta não resiste por muito

tempo; isso implica em si uma inclinação a ceder quando os exércitos estão dispostos a tratar. Exemplos diários e a experiência daqueles que se entregam ao pecado após comunicação com Satanás testemunham tristemente esta verdade.

A suma desta direção é esta: que quando um movimento de pecado é colocado em nosso *coração*, em vez de discutir (onde isso pode ser evitado), deveríamos negá-lo peremptoriamente e enviá-lo embora com uma repreensão irada ou severa abominação: "Não posso fazê-lo"; "Como faria eu esta maldade?"; "Vai-te daqui"; ou "O Senhor te repreenda, Satanás".

CAPÍTULO XXIV
A terceira Direção: repelir uma Tentação sem demora.

A necessidade de agir assim. O que uma negação imediata contém.

A magnanimidade de Cristo e o caráter peremptório de Sua negação já foram notados. Devemos observar ainda o caráter imediato de Sua resposta. Ele não permitiu que nenhum desses movimentos permanecesse muito tempo com Ele; não houve aqui um *Cras tibi respondebo* (Amanhã te responderei); Ele não quis tomar tempo com o Diabo, mas teve Sua resposta pronta. Mal foi tentado e a *tentação* foi repelida; pois estas expressões — *Ele, porém, respondendo, disse*; *Disse-lhe Jesus*; *Então disse-lhe Jesus* — mostram a rapidez e a presteza dessas

respostas, que Ele respondeu presentemente, de imediato. Daí temos uma terceira direção em nossa resistência a Satanás:

As *tentações* são melhor respondidas quando são negadas presentemente e repelidas de imediato. A direção é de grande importância; não nos cabe ignorar uma *tentação* com silêncio, nem adiar uma resposta, por estas razões:

Primeiro, a natureza das *tentações*, como perigosas ou infecciosas, impõe suficientemente a necessidade de sua remoção rápida. Coisas de perigo exigem uma parada súbita. Se o veneno entra no corpo, trabalhamos rapidamente para vomitá-lo ou para superá-lo por antídotos. Esforçamo-nos para deter o avanço de uma gangrena presentemente. Quem acha adequado demorar quando o fogo se apoderou de uma casa? A própria oportunidade de ajuda está na rapidez do esforço. É tarde demais trazer água quando a casa está consumida, tarde demais aplicar um remédio quando a doença já venceu. Aqueles que consideram o que é uma *tentação* não verão razão para mover-se lentamente ao opor-se.

Segundo, o silêncio encoraja Satanás. Não é com ele como é com os homens: é política de alguns ignorar seus peticionários e, pelo silêncio, assustá-los de qualquer pedido posterior; mas Satanás tem mais impudência do que para ser intimidado pelo atraso, e mais malícia ativa do que para ser desencorajado pelo silêncio; pelo contrário, isso o encoraja. Pedidos modestos desanimam-se com o silêncio, mas tais movimentos que, por sua natureza, implicam uma desonra e não carregam razão para sua aceitação exceto o que esperam encontrar no consentimento daqueles a quem são feitos, se não forem presentemente recusados, dão encorajamento para esperar acolhimento. Um pedido imodesto a uma matrona casta, se não

for imediatamente abominado de forma expressa, encoraja a novas tentativas. Sendo o pecado uma afronta tão grande a um *coração* santo, o movimento dele não pode ser recebido com silêncio; Satanás é encorajado a esperar consentimento com o tempo e persegue sua vantagem de acordo. Ele costuma fugir diante de uma resistência valente e peremptória; mas se o pulso da alma bate lentamente diante do movimento, ele fundamenta sua esperança nisso e anima-se a um procedimento posterior.

Terceiro, nossas vontades tendem a ser inclinadas pelo atraso. Embora a graça tenha endireitado nossas naturezas tortas, ainda carregamos tal inclinação para nossas antigas disposições que uma pequena coisa (tendo a vantagem de nosso viés e inclinação natural) faz-nos (como um arco enganoso) voltar ao nosso antigo estado. Pois o entendimento e a vontade do regenerado são apenas imperfeitamente bons; as faculdades que deveriam obedecer são rebeldes; em tal caso, quão perigosos podem provar os atrasos? Quem sofrerá um incendiário sedicioso em um exército anteriormente inclinado ao motim? Quem permitirá que o fermento permaneça naquela massa que deseja que não seja levedada, e não o removerá rapidamente? Quem negligenciará uma faísca sobre isca seca (não querendo que ela seja consumida) e não a apagará instantaneamente? Se foi um mal tão grande para Eva na inocência (como foi dito) atrasar sua negação peremptória, de quão maior risco é para nós? Os atrasos são perigosos, diz o provérbio, e o silêncio pode terminar em consentimento.

Quarto, o silêncio é também algum grau de consentimento. É estranho encontrar um homem atrasando uma resposta à *tentação* e contudo não sendo de algum modo culpado de consentir. Em coisas que devem ser opostas com cuidado e

ódio, nenhum homem pode reter sua mão sem culpa: aquele que não é contra Satanás (que deve ser perpetuamente resistido) é, até certo ponto, por ele, na medida em que não é contra ele. Aquele que atrasa a justiça que é devida, nega-a. O juiz na parábola foi chamado injusto não porque tivesse devorado a casa da viúva, mas porque adiou fazer-lhe justiça. Aquele que não impede o mal quando e assim que pode, ordena-o e aprova-o. Estes são axiomas aceitos entre os homens e possuem a mesma verdade se aplicados à resistência das *tentações*. E isso pode aparecer ainda mais considerando: (1) A fraqueza da vontade no regenerado. Quando nossas vontades estão realmente voltadas para o bem e contra o mal, contudo não podemos dizer que são perfeitamente para um e contra o outro, mas que ainda há algum grau de aversão ao bem e de inclinação ao mal em nossas vontades, ou não encontraríamos queixas de imperfeições sob resistências sinceras, como no Apóstolo: *o mal que não quero, esse faço*. (2) Os atos da vontade ao consentir podem ser tão súbitos, curtos e rápidos que podem ser quase insensíveis, e tão prontos quanto o movimento. (3) A vontade pode ser interpretativamente voluntária e consentida quando contudo não forma em si qualquer aprovação positiva; ela pode ser culpada por não dissentir de forma mais forte e rápida: pois a suspensão ou negação do ato da vontade (onde ela deveria agir) não pode evitar a acusação de falhar no dever.

Quinto, não responder presentemente é perder a melhor oportunidade de responder. É menos perigoso, mais fácil e mais confortável ser rápido na negação. Quanto mais cedo o fogo é apagado ou a doença é detida, menos dano é feito; e é muito menos trabalho apagar uma faísca do que uma chama; arrancar uma planta jovem do que um tronco velho; matar o

basilisco no ovo. Uma *tentação* oposta rapidamente é vencida com maior facilidade do que depois de ter se fixado, ainda que pouco; pois ela imediatamente forma um partido dentro de nós, nossos afetos logo se engajam, nosso entendimento logo é subornado; e então temos não apenas Satanás, mas a nós mesmos para opor; e este "eu" tão dividido que, quando chegamos a lutar, nossas vontades estão contra nossas vontades, nossos afetos contra nossos afetos, nossos desejos e orações chocam-se e contradizem-se mutuamente. Como Agostinho confessa de si mesmo: "Orava", disse ele, "e então temia que me ouvisses cedo demais; desejava satisfazer, em vez de extinguir a concupiscência". Ao primeiro assalto, a alma está frequentemente em uma postura melhor, mais unânime e consistente consigo mesma; essa é a oportunidade de ouro da resistência. Pois (como diz um autor) é melhor fazê-lo enquanto a razão está do nosso lado do que quando tanto a razão quanto o afeto conspiram contra nós. E, por fim, seria mais honra e satisfação para nós não termos admitido tal hóspede do que, após tal admissão em nossos pensamentos, sermos forçados a expulsá-lo. Na revisão de nossas ações, teremos mais conforto em ter sido resolutos contra qualquer pecado do que em ter guardado silêncio.

A necessidade de uma rejeição rápida e imediata de um movimento pecaminoso está, então, além de disputa, e não há mais nada a ser dito para a explicação desta direção, senão um relato do que está implícito em uma negação rápida; ela contém estas quatro coisas:

Primeiro, que ela deve brotar de uma determinação fixa contra o pecado. Alguns recusam uma *tentação* com a mesma mente que levou a mulher de Ló para fora de Sodoma, e são forçados

contra sua própria inclinação; mas estes não vão longe até olharem para trás. E não é de admirar: pois se aquele que é sinceramente peremptório contra o pecado ao primeiro movimento pode, pela solicitação da carne, ser inclinado depois, há pouca expectativa de que aquele que o primeiro movimento encontra indiferente e apenas friamente negando resista por muito tempo. Mas aquela recusa que deve dar qualquer encorajamento às esperanças de sucesso deve ser uma resposta de santa indignação contra a oferta da *tentação*, e isso confirmado em um sério propósito de *coração* de não ceder.

Segundo, esta negação positiva deve ser também sabiamente zelosa contra Satanás em movimentos que são improváveis, ou que podem parecer leves, pequenos e não pretendidos diretamente. Embora possa ser apenas um relance passageiro, ou algo fora de nossa rota, nada deve ser desprezado ou subvalorizado. O ciúme notará pequenas ações ou circunstâncias, e não menos suspeitos devemos ser de cada proposta que nos é feita, para que Satanás por qualquer meio não obtenha vantagem contra nós.

Terceiro, a recusa deve ser tão rápida que esteja pronta para pegar a *tentação* pela garganta. Ao primeiro movimento ou surgimento dela em nossa mente, devemos esforçar-nos por sufocá-la no nascimento, para que seja como o fruto prematuro de uma mulher que nunca vê o sol; não devemos dar-lhe tempo para crescer até tornar-se uma vara de maldade, mas devemos cortá-la nos primeiros brotos. É a natureza da graça (se apenas perseguirmos fielmente as inclinações dela) ser rápida em sua oposição; assim nos ensina a frase do Apóstolo em *Gl 5:17*: *a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne*. O Espírito está tão pronto a repelir quanto a carne a sugerir; mal

um se move e o outro já está pronto com uma oposição, e a razão disso é a contrariedade ativa que há entre eles; são inimigos jurados, animados por princípios de oposição constante, como a água e o fogo, que não podem encontrar-se em paz, mas um ruído e combate imediatos surgem dessa conjunção.

Quarto, quando isso é feito, devemos esforçar-nos por manter e aderir à nossa primeira desaprovação. Um filho de Deus (eu sei) em cedências pecaminosas de enfermidade, pode dizer como o Apóstolo: *o que faço não o aprovo*; isto é: (1) o que ele então consente, ele não aprovou de início, até que a importunidade prevaleceu; (2) embora seus afetos se inclinem ao pecado, seu julgamento constante e estabelecido é contra ele; e embora o faça, não pode dizer que o aprova. Nenhum destes é o ponto que viso; mas este: que, assim como os primeiros movimentos dos pecados são desaprovados, deveríamos esforçar-nos por manter-nos nisso, manter nosso terreno, reter o mínimo deleite ou aprovação posterior. Não que não sejamos forçados a reconhecer tristemente a verdade real do que o Apóstolo fala no lugar citado, que estes princípios diferentes (qualquer deles que leve a vitória) impedem tanto um ao outro que, quando a graça vence, contudo não consegue fazer o máximo que gostaria ou visaria; de modo que, nas oposições mais fortes, pode haver alguns graus secretos de aprovação inevitavelmente; não obstante, devemos gerenciar nossa negação de modo que, se fosse possível, não oferecêssemos a menor inclinação em direção ao pecado; quanto menos, melhor e mais nobre será a conquista.

CAPÍTULO XXV
A Quarta Diretriz: Sobre repelir uma Tentação por meio de Argumentos das Escrituras

Sobre diversas coisas implícitas nesta diretriz. A necessidade de responder com argumentos das Escrituras. A excelência deste remédio. Como os argumentos das Escrituras devem ser manejados.

O próximo detalhe nas respostas de Cristo, que deve ser observado por nós, são suas citações das Escrituras como uma razão invencível contra todas as tentações do Diabo. Ele repele a todas com esta arma: *Está escrito*. Que isso foi escrito para o nosso ensino e que, não fosse para nossa instrução, ele não teria necessidade de usar esse método, já foi evidenciado anteriormente; é algo que todos os comentaristas observam. A partir disso, temos outra diretriz para a maneira correta e a ordem de resistir às tentações, a saber:

As tentações são melhor repelidas por argumentos extraídos da Palavra de Deus.

Para a explicação disso, pode-se considerar o que está (1) pressuposto nesta diretriz. Pois, quando se afirma que devemos responder com razões das Escrituras, isso implica:

Primeiro, que as tentações não devem ser combatidas com recusas sem fundamento. De modo algum é seguro dizer que não o faremos apenas porque não queremos, nem insistir em nossa própria e nua resolução. Pois isso seria teimosia, em vez de uma recusa obediente; e uma autoconfiança injustificável, em vez de uma luta humilde. Há alguns de quem se pode dizer

o que o profeta uma vez acusou os judeus em *Is 22:11*: que, quando Satanás avança contra eles, eles olham naquele dia para as *armas da casa do bosque*; eles reparam o muro e constroem valas para fortificação. Eles se preparam para a batalha em sua própria força, mas não olham para o Criador dela, para aquele que, por seu poder magnífico, deve moldar nossos *corações* para a resistência. A vaidade de tais empreendimentos manifesta-se suficientemente no resultado, pois comumente tais homens prosseguem em uma bravata de resolução, mas ficam tão alterados à primeira aparição do inimigo que se rendem sem desferir um golpe. Quem poderia estar mais confiante do que Pedro, de que não negaria seu Mestre, independentemente do que os outros fizessem? E, no entanto, quão cedo seu *coração* falhou? Podemos justificadamente negar um movimento pecaminoso sem sermos explícitos em nossa razão contra ele, especialmente em tentações usuais e quando elas se lançam em nossas mentes em momentos em que nossos pensamentos estão ocupados com outros deveres; nesses casos, o *coração* mantém um respeito secreto e implícito ao comando de Deus. Mas, em hipótese alguma, devemos descer à batalha na força de uma obstinação, para que ela não se volte contra nós. Assim fazem aqueles que, ao serem repreendidos por algum erro, como o de beber, prontamente assumem compromissos com grande confiança de não beber vinho ou bebida forte, ou de não entrar em uma taverna, sem qualquer respeito humilde ao dever ou ao poder de Deus para a conquista do pecado. Consequentemente, vemos que tais promessas e obrigações geralmente não se sustentam; ou eles as quebram deliberadamente, ou tornam-se pecaminosamente astutos para criar evasivas para a prática do pecado sem violar o juramento ou a promessa.

Segundo, a diretriz pressupõe que devemos negar o pecado com os argumentos de maior força e autoridade. Havia ocasiões e sugestões de outras respostas a essas tentações que se apresentaram no caminho de Cristo e, no entanto, ele ignora todas elas, fixando-se apenas nas razões das Escrituras como as melhores e mais fortes. Não é sabedoria cristã insistir naquelas considerações inferiores de vergonha, perda, inconveniência, etc. Alguns não têm outra razão entre eles e o pecado senão: "O que os homens dirão?" ou "O que será de mim?". Mas, além do fato de que isso seria apenas um pretexto para iniciar disputas e que não é seguro arriscar nossas almas em tais defesas quando melhores podem ser obtidas (pois quem arriscaria sua vida com um cajado quando pode ter uma espada?), é fácil para Satanás quebrar esses arcos e despedaçar essas lanças. Ele pode equilibrar tais razões com razões equivalentes e prontamente nos fazer acreditar que temos motivos tão bons para cometer o pecado quanto aqueles que apresentamos para não cometê-lo.

Terceiro, esta diretriz de usar a razão das Escrituras implica claramente que a força e o poder da Escritura não estão nas palavras ou caracteres, mas em sua mente e razão. Não é a Escritura usada como um amuleto ou feitiço (como se o Diabo tivesse medo do som e das palavras dela) que pode repelir o Diabo; é a autoridade de seu comando que produz na mente as mais altas impressões de temor e cuidado e, como um argumento forte, prevalece para que nos abstenhamos. Apesar da clareza e inegabilidade desta inferência, não apenas homens ignorantes se protegem contra o Diabo repetindo algumas frases ou sentenças das Escrituras de forma impertinente e que não têm significação direta com o assunto em questão entre Satanás e eles (como se o Diabo não pudesse suportar ouvir o *Pai Nosso* ou não ousasse aproximar-se do som do nome

Jeová), mas também os papistas têm depositado virtude nas palavras e sons das Escrituras. Por isso, eles ordenam (embora sob algumas limitações) o uso de sentenças da Escritura penduradas no pescoço em pergaminhos para afugentar espíritos malignos. Isso ocorre em clara contradição com a razão que eles mesmos dão em geral contra tal prática: que o poder da Escritura não está nas figuras e caracteres, mas na mente e no entendimento dela; portanto, ela aproveita quando ponderada no *coração*, não quando pendurada no pescoço. Sob fundamentos igualmente frágeis, eles atribuem uma virtude extraordinária à saudação angelical, às sete palavras na cruz e ao título triunfal: *Jesus Nazareno, Rei dos Judeus*, etc. Tais tipos de oposição são apenas um deboche para Satanás. Não podemos pensar em furar a mandíbula deste Leviatã com um espinho, ou vir a ele com este freio, ou brincar com ele como se fosse um pássaro. Ele mesmo ousou alegar as Escrituras para Cristo; portanto, não é a frase ou o som que o assusta.

Quarto, a diretriz implica um uso argumentativo, próprio e adequado dos comandos ou promessas das Escrituras. Vemos que Cristo não instou qualquer Escritura indiferentemente, mas usou palavras adequadas e escolheu para si *pedras lisas* deste ribeiro para lançar contra este Golias espiritual. Cada *tentação* teve uma resposta que a confronta de forma mais plena e adequada. Ele atentou para o ponto principal da *tentação* e não se permitiu ser desviado daquela perseguição ao envolver-se naquilo que poderia ser complexo e controverso. Embora tivesse uma oportunidade adequada para repreender Satanás por sua astúcia desonesta ao representar a Escritura em um sentido de sua própria invenção, ele poderia ter rejeitado a tentação de lançar-se abaixo por estar apoiada em um fundamento falso — visto que Deus não prometeu no *Sl 91*

preservar qualquer pessoa que presunçosamente esperasse proteção enquanto corresse fora dos caminhos de Deus. No entanto, ele ignorou essa resposta e opôs o ataque com uma Escritura clara que ordena o dever contrário.

Em segundo lugar, tendo visto o que esta diretriz implica naquelas coisas que devem ser removidas de seu sentido e intenção, demonstrarei a seguir, para assegurar sua realidade e importância, que as tentações devem ser resistidas por argumentos das Escrituras, por meio destas duas evidências:

Primeiro, a recomendação de Deus dos mandamentos das Escrituras para tal propósito; *Dt 6:6*: *Estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração... e as atarás por sinal na tua mão, e te serão por frontais entre os teus olhos*, etc. Se a última parte do comando deve ser entendida literalmente, como os judeus apreenderam e praticaram, não é necessário afirmar aqui, visto que é concedido por todos que eles deveriam ter os comandos da Lei tão prontos em suas mentes e memórias como se estivessem escritos em suas mãos e testas. Não se pode duvidar que Deus planejou este preceito para a resistência ao pecado e à tentação. É inevitável que a vantagem que daí adviria não fosse apenas a informação de suas mentes quanto ao pecado e ao dever; pois isso, e mais, é pretendido por aquela parte da injunção: *Estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração*. Mas quando? Além desta informação (que o conhecimento da Lei lhes proporcionaria) e de sua humilde conformidade com ela como justa e boa (o que lhes permitiria dizer: *A tua lei, ó Senhor, está dentro do meu coração*), ele lhes ordena ainda a lembrança rápida e pronta dessas leis. Isso não pode significar menos do que isto: que, ao fazê-lo, seriam capazes de resistir àqueles movimentos pelos quais Satanás

buscaria envolvê-los na violação desses comandos. Nem precisamos duvidar disso quando o próprio Cristo nos ensinou tão plenamente, por seu próprio exemplo ao resistir às tentações, o uso particular da lembrança da Lei. No Novo Testamento, o apóstolo é mais explícito nesta matéria em *Ef 6:17*: *Tomai a espada do Espírito, que é a palavra de Deus*. Aqui, não apenas o uso dos comandos e promessas das Escrituras contra as sugestões de Satanás é ensinado, mas também a alta eficácia e potência desta arma em relação ao seu fim. Ela é chamada de *espada* e, nessa comparação, mostra a resistência ativa que pode ser feita por ela; e é chamada não de espada de carne, mas do Espírito, para mostrar quão poderosa ela é em repelir Satanás.

Segundo, outra evidência de sua utilidade provém do sucesso que os filhos de Deus tiveram no manejo correto desta arma. É observável que, enquanto Cristo respondia pelas Escrituras, Satanás era silenciado e não tinha o que replicar, sendo forçado a recorrer a uma nova *tentação*. Davi, em muitos lugares, engrandece o poder do comando pelo sucesso que obteve por meio dele. No *Sl 17:4*, ele mostra quão útil foi para preservá-lo em seu convívio comum das *ciladas* pecaminosas colocadas diante dele: *Quanto ao trato dos homens, pela palavra dos teus lábios me guardei das veredas do destruidor*. No *Sl 18:22-23*, ele nos diz que foi protegido dos pecados de sua inclinação e afeição (que são os mais difíceis de prevenir) pela oposição que deu aos movimentos deles, estabelecendo os estatutos de Deus contra eles: *Porque todos os seus juízos estavam diante de mim, e não rejeitei os seus estatutos. Também fui sincero perante ele, e me guardei da minha iniquidade*. No *Sl 119:11*, ele coloca seu *probatum est* sobre esta receita e fala dela como seu refúgio constante: *Escondi a tua palavra no meu coração,*

para não pecar contra ti. No *Sl 37:31*, ele fala disso como um caso provado de experiência comum a todos os filhos de Deus: *A lei do seu Deus está em seu coração; os seus passos não deslizarão*. Acrescentarei a isto a experiência de Lutero: "Quando", diz ele, "os movimentos da carne enfurecem-se, o único remédio é tomar a espada do Espírito, isto é, a palavra da salvação, e lutar contra eles. Disso eu mesmo tenho boa experiência; sofri muitas paixões grandes e veementes, mas assim que me agarrei a qualquer lugar da Escritura e me sustentei nele, como em uma âncora, imediatamente minhas tentações desapareceram, o que, sem a Palavra, teria sido impossível para mim suportar, mesmo por um curto espaço, quanto mais vencer".

Em terceiro lugar, a excelência deste remédio aparecerá ainda mais pelas seguintes razões:

Primeiro, por ser um remédio universal. Não pode haver *tentação*, seja de sedução ou de pavor, para a qual a Escritura não ofereça uma promessa ou comando adequado para repeli-la. De modo que ela (como a espada flamejante na mão do querubim no Paraíso) volta-se para todos os lados para guardar a alma. Não preciso dar instâncias de seu poder contra movimentos pecaminosos, já tendo feito isso; e quanto a tais tentações que guerreiam contra a paz da alma, preciso apenas dizer isto em geral: que, assim como a natureza de tais tentações é disfarçar Deus e torná-lo terrível para nós sob aparências de ira e implacabilidade sem compaixão (e Lutero estabelece isso como uma regra certa), assim temos na Escritura tais declarações da mente e das ternas inclinações de Deus, e promessas tão plenas e claras para nos assegurar disso, que podemos encontrar nelas o suficiente para quebrar todas as

representações maliciosas de Satanás. Se aderirmos a elas, poderemos manter em nossa mente pensamentos corretos de Deus. Se não permitirmos que tais promessas sejam arrancadas de nossas mãos, nem que nossos *corações* cedam a impressões malignas de crueldade ou vingança em Deus, ainda que sejamos lançados nas trevas e nos abismos, poderemos encontrar algum fundamento sobre o qual fixar os começos da esperança.

Segundo, este remédio abrange a maioria dos outros remédios contra as tentações de Satanás. Em *Ef 6*, várias outras peças da armadura espiritual são recomendadas e, no entanto, há um respeito mútuo tão manifesto entre esta e aquelas que qualquer um pode concluir que, embora sejam distinguidas em seus nomes, estão conjuntas em sua operação. O cinto (no que se refere à verdade de julgamento e opinião) depende da palavra da Escritura para informação; os calçados (que são resoluções defensivas para caminhar com pé firme nos caminhos da religião) são preparados para nós pelas promessas confortáveis e portadoras de paz do Evangelho; a justiça, que é nossa couraça, é apenas apresentada e forjada em nós pela Escritura; a fé, que é nosso escudo, e a esperança, que é nosso capacete, nenhuma delas age sem a garantia e o encorajamento dela. E enquanto outras partes da armadura são defensivas, esta da Escritura é comparada à espada, que não apenas defende, mas também ataca e repele o inimigo.

Terceiro, a Escritura (como a Palavra e o Comando do grande Rei do Céu) possui uma autoridade intimidante e imperiosa sobre as consciências dos homens. *Onde está a palavra do rei, ali há poder* (*Ec 8:4*); e tal é a majestade de uma lei divina que ela tem poder sobre as consciências daqueles que ainda estão

em seus pecados, podendo ferir, assustar, constranger e prender até mesmo os rebeldes. Assim, enquanto retêm qualquer uma de suas impressões naturais de um poder divino, eles têm algum temor por seus comandos. Isso pode ser visto até mesmo no enfurecimento dos *corações* dos pecadores quando o pecado, pelo mandamento, torna-se excessivamente pecaminoso. Pois, assim como essa ferocidade ultrajante surge da contrariedade entre um *coração* carnal e uma lei espiritual, essa contrariedade nunca operaria se a autoridade daquela lei não fosse de alguma forma reconhecida pela consciência. Se isso a Escritura pode fazer aos homens mais vis, quanto mais poder podemos imaginar que a Palavra tenha com homens bons, cujos *corações* tremem diante da Palavra? Ela é, certamente, *viva e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes*.

Quarto, não há argumento que possa ser usado contra as tentações que seja mais aflitivamente desencorajador para Satanás. Satanás, por pior que seja, não pode deixar de crer naquelas verdades que conhece; e ele sabe que há muitas verdades na Escritura que lhe dizem respeito, como ameaças de punição e vingança divina. Ele *crê nessas coisas e estremece* (*Tg 2:19*). Seu conhecimento inevitável ou a lembrança dessas coisas gera horror nele. O que se pode supor que o fira tanto quanto trazer essas coisas à memória, instando o comando de Deus contra ele?

Quinto, esta arma não pode ser facilmente arrancada de nossas mãos. Quando instamos uma proibição divina contra uma *tentação*, o que ele pode dizer em resposta? Ele não pode negar que seja a Palavra de Deus, ou que seja verdadeira, ou que não estejamos obrigados a ela. Ele não deu nenhuma dessas

respostas a Cristo, mas, por seu silêncio, reconheceu que era o santo comando de Deus. Nem ousa ele apresentar essas exceções a nós, a menos que encontre nossa fé inclinada a vacilar ou nossas mentes fracas e feridas por problemas internos do espírito.

Sexto, nada mina mais as tentações, tornando as razões e motivos delas vãos e vazios, do que os comandos contrários da Escritura. A *tentação* sempre tem algum atrativo de prazer ou lucro; e estes só parecem atraentes ou razoáveis enquanto não consideramos a Palavra de Deus. Como madeira podre ou peixe, brilham apenas no escuro; mas quando somos instados com prazeres pecaminosos, quão mesquinhos, básicos, perigosos e feios eles se tornam quando o comando contrário informa que são *laços* que levam à morte ou à provocação do Todo-Poderoso.

Sétimo, enquanto resistimos com argumentos das Escrituras, engajamos Deus (por cujo comando queremos permanecer) a descer à batalha conosco; lançamos mão de sua força e colocamos obrigações sobre ele para nos tirar do *laço* e nos livrar daquele que é mais forte do que nós.

Em quarto lugar, resta mostrar, em uma palavra, como os comandos ou argumentos da Escritura devem ser usados na resistência a Satanás: quando você tiver qualquer pensamento pecaminoso lançado em sua mente, rejeite prontamente a oferta, encarregando seu *coração* com o dever a partir de algum comando oposto. Se você for instado a atos de impureza, recuse imediatamente, assim: "Não, não devo; Deus ordenou o contrário, ele disse: *Não adulterarás*". Se surgir um pensamento cobiçoso, rejeite-o com isto: "Deus disse: *Não cobiçarás*". Se for tentado a agradar a carne e seguir prazeres

vãos, responda com isto: *Se viverdes segundo a carne, morrereis*; e o mesmo deve ser feito em outras tentações.

Alguns podem talvez pensar que este é um trabalho fácil e rapidamente feito, e que parece atribuir uma virtude e poder às palavras da Escritura, como se Satanás fosse encantado pela linguagem ou frase. No entanto, embora à primeira vista isso possa parecer fácil, aquele que considerar quanto exercício da graça é necessário para o uso correto da oposição pelas Escrituras não verá motivo para menosprezá-lo como algo comum. Pois:

Primeiro, a Escritura aqui é recomendada apenas como um instrumento adequado. Embora não possamos atribuir a totalidade da conquista apenas ao instrumento, isso não impede que o recomendemos acima de todos os outros instrumentos. Como podemos justamente recomendar o pão para nutrir acima de uma pedra, temos razão para esperar mais pelo uso da Escritura contra Satanás do que por outros meios de defesa que Deus não estabeleceu para esse serviço.

Segundo, é uma concomitância de poder e auxílio divinos que vence por nós; o instrumento é a Escritura, mas o poder pelo qual ela opera vem de Deus.

Terceiro, nem é qualquer uso descuidado ou formal de expressões bíblicas que dará encorajamento para a expectativa de uma concorrência divina. O uso da Escritura neste negócio implica um exercício de todas as graças, pois é uma insistência na Escritura sob uma consideração quádrupla:

1. Como estando certamente persuadido de sua verdade.

2. Como estando agradecidamente apreensivo da santidade, bondade e utilidade dos comandos.
3. Como estando alta e indispensavelmente obrigado por eles a realizar o dever ali ordenado.
4. Tudo isso em uma expectativa humilde de uma ajuda divina segundo a promessa de Deus.

Alguns podem, porventura, perguntar por que Cristo, por seu exemplo, não recomendou a oração, visto que ela é de uso inquestionável em nossos empreendimentos contra Satanás. Mas essa indagação pode ser plenamente satisfeita se for considerado que Cristo preparou-se peculiarmente para este encontro por meio de um jejum solene, o qual inclui a oração. Resta apenas que, a partir disso, eu acrescente uma quinta diretriz.

CAPÍTULO XXVI
A Quinta Diretriz: A Oração

> *A quinta diretriz da oração e da seriedade exigida daqueles que esperam a vantagem da oração. Sobre Deus ouvir a oração enquanto a tentação continua. Sobre alguns que são mais perturbados enquanto oram mais.*

Em todos os nossos esforços de resistência, orações frequentes e fervorosas não devem ser negligenciadas.

Isso é tão frequentemente recomendado e tão plenamente tratado pela maioria dos autores que os remeterei a eles, observando apenas que o apóstolo, em *Ef 6:18*, ao recomendá-la com as palavras: *orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos*, nos lembra que aquele que espera a vantagem desse dever deve estar peculiarmente apto e seriamente diligente nesse trabalho. Pois:

Primeiro, ele deve ter uma disposição de *coração* voltada à oração; deve *orar sem cessar*. Não como se este dever devesse engolir todos os outros, mas que ele deve estar em um desígnio de lutar com Deus pela oração; e isso deve ser constantemente mantido, embora os atos de oração sejam intermitentes. Além disso, ele deve ter seu *coração* tão focado em seu desígnio que cada ocasião ou oferta de *tentação* o levará prontamente ao dever.

Segundo, ele deve orar no Espírito; sua alma deve estar verdadeiramente no dever. Uma seriedade mais do que comum é necessária em tempos solenes; ele deve empregar toda a sua força, deve clamar poderosamente e com todo o seu *coração*.

Terceiro, quando seu espírito tornar-se embotado, ele deve reforçá-lo; deve vigiar seu *coração* e, se for necessário para despertá-lo, deve adicionar jejum ou meditação.

Quarto, neste curso, ele deve continuar sem desistir do dever, embora Deus se comporte como se não desse atenção ao seu clamor. Deve ser continuado com toda a perseverança.

Quinto, o *coração* que assume isso não deve ser tão estreito a ponto de centrar-se apenas em sua própria preocupação. Quando ele é derretido em um espírito de mansidão e

compaixão pelos outros, e suas súplicas são por todos os santos bem como por si mesmo, então pode esperar receber um ramo de oliveira de paz do Céu em resposta à sua oração.

Frequentemente objetam que oram, mas não são ouvidos; e que as tentações continuam, apesar de muitos clamores e lutas.

Primeiro, é um grande erro pensar que as orações não são ouvidas ou não prevalecem porque a *tentação* não é totalmente removida. As orações podem ser aceitáveis a Deus e registradas em suas memórias, enquanto a *tentação*, para exercício e outros fins santos, pode ser mantida.

Segundo, o que Deus prometeu a tal oração ele não deixa de cumprir. Ele não prometeu nos isentar da *tentação*, mas do poder e prevalência dela. Se sua graça nos for suficiente nesse ínterim, é uma resposta tão boa quanto a que Paulo recebeu. Ele em lugar algum prometeu que Satanás não tentaria, mas que não prevaleceria. Enquanto pudermos levantar nossas mãos a Deus no monte, a *tentação* não poderá prevalecer.

Alguns objetam ainda que, quanto mais oram, piores ficam e mais infestados por Satanás do que estavam antes.

Pode ser que tenham mais problemas da parte de Satanás. Davi pensou em Deus e seu problema aumentou, e não é de admirar; o rancor e a fúria de Satanás o levam a causar as maiores moléstias àqueles que ele desespera subjugar.

Segundo, mas embora possam estar mais perturbados, podem estar mais longe da derrota. Essas inquietações são como o incômodo da ação de um *remédio*, que ao ser tomado pela primeira vez pode deixar o homem mais doente e, no entanto, aproximá-lo de um estado de saúde e força. Não tema,

portanto; não desfaleça; resista fielmente e ao máximo, e Deus esmagará Satanás sob os seus pés em breve.

FIM.

APÊNDICE

Auxílios Contra as Tentações de Satanás

por William Gurnall

Excerto da obra "A Christian in Complete Armour".

Pergunta: Mas que auxílio temos contra... as tentações de Satanás?

Resposta: Suponho que sejas um cristão, tu que fazes esta pergunta; e se a fazes na sinceridade do teu coração, isso prova que o és. Quem mais, além de um cristão, desejaria ou poderia desejar seriamente ser aliviado desses hóspedes? Mesmo quando um coração carnal ora por libertação deles, ele lamentaria se sua oração fosse ouvida. "Ainda não, Senhor", clama o coração de tal pessoa, como Agostinho confessou sobre si mesmo. O pecado é tão verdadeiramente a progênie da alma quanto os filhos o são de nossos corpos, e ele encontra tanto favor aos nossos olhos; sim, até mais, pois o pecador é capaz de matar um filho para manter vivo um pecado (Miquéias 6:7), e de todos os pecados, nenhum é mais estimado do que estes pecados do coração.

1. Porque eles são os primogênitos do coração pecaminoso, e a força principal da alma é gasta neles.
2. Porque o coração tem mais amplitude neles do que em atos externos. O homem orgulhoso muitas vezes está limitado a uma condição humilde e não pode ostentar

no mundo, nem aparecer aos outros com a pompa que desejaria; mas, dentro de seu próprio peito, ele pode erguer um palco, e seu próprio coração tolo o apresenta como um príncipe tão grande quanto ele queira. O malicioso pode matar, em seus desejos, tantos em poucos minutos quanto o anjo feriu em uma noite no exército de Senaqueribe. Nero, dessa forma, podia decapitar toda a Roma de uma vez no bloco de execução.

3. Esses pecados permanecem com a alma quando os outros a deixam. Quando o pecador aleijou seu corpo com a embriaguez e a imundícia, e torna-se um *miles emeritus* — não podendo mais seguir o acampamento do diabo naqueles caminhos — então essas concupiscências malditas o entreterão com histórias de suas velhas travessuras e prazeres. Em uma palavra, essas concupiscências internas do coração não têm nada além da consciência de uma Divindade para contê-las. Outros pecados expõem o pecador à vergonha diante dos homens; e, assim como alguns que creram em Cristo não ousaram confessá-lo abertamente porque amavam o louvor dos homens, assim também há pecadores que são impedidos de assumir suas concupiscências abertamente pela mesma preocupação com sua reputação. Mas aqui não há medo disso; se eles puderem apenas esquecer que o céu os vê, ou persuadir-se de que não há perigo vindo de lá, o caminho então está livre; eles podem ser tão perversos quanto desejarem. É isso que faz com que os pecados internos sejam tão abraçados e acalentados. Se tu, portanto, podes encontrar teu coração posicionado contra estes,

posso arriscar-me a chamar-te de cristão. E para o teu auxílio contra eles, aproveita o que se segue.

Primeiro Auxílio. Sê fervoroso com Deus em oração para que Ele mova e ordene o teu coração em seus pensamentos e desejos. Se a língua é uma coisa tão indisciplinada que poucos podem domar, oh, o que é o coração, de onde uma multidão de pensamentos voa tão densa quanto abelhas de uma colmeia e faíscas de uma fornalha! Não está no homem, nem no mais santo da terra, fazer isso sem a assistência divina. Portanto, encontramos Davi clamando tantas vezes a este respeito, para que Deus ordenasse seus passos em Sua palavra, unisse seu coração ao Seu temor e inclinasse seu coração aos Seus testemunhos. Como um servo, quando a criança de quem cuida é rebelde e não quer ser governada por ele, apela ao pai, que, assim que fala, faz com que tudo se acalme. Sem dúvida, o santo Davi achava seu coração além de sua habilidade ou poder, o que o faz levar tão frequentemente sua petição a Deus. De fato, Deus prometeu tanto a Seus filhos: ordenar os passos deles (Sl 37:23); Ele apenas espera que eles tragam seus corações a Ele para esse fim. "Confia ao Senhor as tuas obras, e os teus pensamentos serão estabelecidos" (Pv 16:3), ou ordenados. Estás te preparando para uma ordenança [meio de graça], onde certamente encontrarás Satanás, que estará te perturbando com pensamentos mundanos e talvez piores? Deixa Deus saber, por tua própria boca, para onde vais e quais são os teus temores. Nunca a alma marcha em tão boa ordem como quando se coloca sob a conduta de Deus.

Segundo Auxílio. Estabelece uma guarda forte sobre os teus sentidos externos. Estes são os locais de desembarque de Satanás, especialmente o olho e o ouvido. Toma cuidado com o

que importas por meio deles. O discurso vão raramente passa sem deixar algum vestígio sobre o coração; assim como o ar insalubre inclina à putrefação as coisas que são doces em si mesmas, assim o discurso doentio corrompe a mente que é pura. Cuida para que respires, portanto, em um ar limpo. E quanto ao teu olho, não o deixes vagar. Objetos lascivos causam pensamentos lascivos. Jó sabia que seu olho e seus pensamentos tendiam a andar juntos e, portanto, para segurar um, ele fez um pacto com o outro (Jó 31:1).

Terceiro Auxílio. Reflete frequentemente sobre ti mesmo durante o dia e observa que companhia está com o teu coração. Um mestre cuidadoso, de vez em quando, olhará para sua oficina e verá o que seus servos estão fazendo; e um cristão sábio deve fazer o mesmo. Podemos saber pelo barulho na escola que o mestre não está lá. Muito da desordem em nossos peitos surge da negligência em visitar nossos corações. Agora, quando estiveres parlamentando com tua alma, faze esta tríplice investigação:

1. **Investiga se aquilo em que teu coração está pensando é bom ou mau.** Se for mau e perverso, como pensamentos orgulhosos, impuros ou desconfiados, demonstra tua abominação a eles e repreende severamente tua alma por sequer manter uma conferência com eles, da qual nada pode vir senão desonra a Deus e dano à tua própria alma; e desperta teu coração para lamentar pela vizinhança maligna deles. Por meio disso, darás um testemunho de fidelidade a Deus. Quando Davi lamentou por Abner, diz-se que "todo o Israel entendeu naquele dia que não procedera do rei o matar a Abner". Teu lamento por eles

mostrará que esses pensamentos não são tanto teus, mas de Satanás.

2. **Investiga, se teus pensamentos não forem abertamente perversos, se não são imaginações vazias, fúteis e vãs**, que não têm serventia para a glória de Deus, para o teu próprio bem ou de outrem; e, se for o caso, não descanses até que tenhas compreendido o desígnio de Satanás contra ti por meio deles. Embora tais pensamentos não sirvam ao teu propósito, eles servem ao dele; eles servem ao objetivo dele de te afastar de coisas melhores. Toda a água que corre fora do moinho é perdida, e todos os teus pensamentos são desperdiçados se não te ajudam a fazer a obra de Deus em tua vocação geral ou particular. A abelha não pousará em uma flor onde não se possa sugar mel; nem deveria o cristão. "Por que estás aqui ociosa?", deverias dizer à tua alma, quando tens tanto a fazer para Deus e para tua alma, e tão pouco tempo para despachá-lo.

3. **Investiga, se descobrires que os pensamentos são bons quanto à matéria em que teu coração está ocupado, se eles são bons quanto ao tempo e ao modo**, pois, na falta destes, eles degeneram.

   (1) São eles bons para o tempo ou para a ocasião? Bom fruto é aquele que é produzido em sua estação. Cristo aprovava a obra que Sua mãe queria que Ele fizesse tanto quanto ela (João 2:4), mas a Sua hora ainda não era chegada. Bons pensamentos e meditações fora de lugar são como algumas interpretações das Escrituras: boas verdades, mas más exposições; elas não se ajustam ao lugar de onde são extraídas, nem estes

pensamentos ao tempo. Orar quando deveríamos ouvir, ou estar meditando no sermão quando deveríamos orar, é roubar a Deus de um modo para pagá-lo de outro.

(2) São eles bons quanto ao modo? Teu coração pode meditar um bom assunto e estragá-lo no processo. Estás, talvez, meditando em teus pecados e movendo teu coração a um senso deles, mas de tal forma que, enquanto despertas tua tristeza, enfraqueces tua fé na promessa. Isso é pecado. É um mau cirurgião aquele que, ao abrir uma veia, vai tão fundo que corta uma artéria e aleija o braço, se não mata o homem. Ou estás pensando em tua família e em prover para ela; isso deves fazer, e serias pior que um infiel se o negligenciasses; mas, talvez, esses pensamentos sejam tão perturbadores e desconfiados como se não houvesse promessa, nem providência para te socorrer. Deus recebe isso mal, porque reflete sobre o cuidado dEle por ti. Oh, quão perto o nosso dever aqui está do nosso pecado! Um certo cuidado é o lastro necessário para a alma; um pouco mais a afunda sob as ondas da incredulidade. É como certas coisas que são muito saudáveis, mas um grau a mais de calor ou frio as tornaria veneno.